

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

MICHELE BOFF DA SILVA LIMEIRA

**COMUNICAÇÃO E DIÁLOGO NA REDE VIDA:
UM OLHAR INTERACIONISTA SOBRE O JORNALISMO**

Porto Alegre

2006

MICHELE BOFF DA SILVA LIMEIRA

**COMUNICAÇÃO E DIÁLOGO NA REDE VIDA:
UM OLHAR INTERACIONISTA SOBRE O JORNALISMO**

**Tese de Doutorado em Comunicação Social
para a obtenção do título de Doutor em Comunicação Social
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Faculdade de Comunicação Social**

Orientador: Prof. Dr. Antonio Hohlfeldt

Porto Alegre

2006

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L733c Limeira, Michele Boff da Silva
Comunicação e diálogo na Rede Vida: Um olhar interacionista sobre o jornalismo / Michele Boff da Silva Limeira. — Porto Alegre, 2006.
506 f.

Tese (Doutorado) – Faculdade de Comunicação Social. Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social. PUCRS, 2005.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Hohlfeldt

1. Rede Vida – Crítica e Interpretação. 2. Jornalismo.
3. Comunicação de Massa - Análise do Discurso. 4. Programas de Televisão – Crítica e Interpretação. 5. Jornalismo Católico.
I. Título.

CDD : 070.19

Bibliotecário Responsável

Ginamara Lima Jacques Pinto
CRB 10/1204

MICHELE BOFF DA SILVA LIMEIRA

**COMUNICAÇÃO E DIÁLOGO NA REDE VIDA:
UM OLHAR INTERACIONISTA SOBRE O JORNALISMO**

Tese de Doutorado em Comunicação Social

Data da aprovação: 07/03/2006.

Banca Examinadora

Prof. Dr. Antonio Hohlfeldt – Orientador – PUCRS

Prof. Dr. Urbano Zilles – PUCRS

Prof. Dr. Pedro Gilberto Gomes – UNISINOS

Prof. Dr. Roberto Ramos – PUCRS

Porto Alegre

2006

Dedico este trabalho àqueles que amo:

ao meu marido, José Luiz;

à minha mãe, Izaltina;

aos meus irmãos, Ana Paula, Gustavo e Vinícios;

a Deus, meu guia e protetor.

Se eu tenho o dom da profecia e conheço todos os mistérios e toda a ciência, se eu tenho toda a fé, a ponto de transpor montanhas, mas não tenho amor, nada sou (CORÍNTIOS, 13, 2).

AGRADECIMENTOS

Ao Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUCRS, Prof. Dr. Juremir Machado da Silva, pelo apoio;

Ao meu orientador, Prof. Dr. Antonio Hohlfeldt, que muito me ensinou na produção deste trabalho;

Aos meus professores do curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da PUCRS;

Aos dirigentes e funcionários da Rede Vida e a todos que colaboraram com a construção desta tese;

À minha família e aos meus amigos, pelo apoio e carinho;

Ao CNPq.

Sempre coloquei nos meus escritos toda a minha vida e toda a minha pessoa
(NIETZSCHE).

RESUMO

A Rede Vida de Televisão estrutura-se, enquanto emissora de abrangência nacional, a partir da criação do Instituto Brasileiro de Comunicação Cristã (INBRAC), seu órgão mantenedor. A relação que mantém com o INBRAC garante à Igreja Católica brasileira espaço na programação da emissora, bem como a catolicidade do veículo, a princípio sem qualquer ligação com a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) ou outro órgão oficial da Igreja. Esse contexto interfere no jornalismo da emissora e orienta para uma determinada perspectiva de comunicação, a partir da qual os programas são produzidos. Considerando-o e partindo da idéia de que a produção e o conteúdo das mensagens jornalísticas estão imbricados, propomos, nesta tese, a análise do processo produtivo e do conteúdo de três programas jornalísticos da Rede Vida: o telejornal “JCTV”, o programa de entrevistas “Tribuna Independente” e o programa de reportagens “Este é o meu Brasil”. Nossa intenção é compreender como a emissora faz jornalismo e com base em qual concepção de comunicação. Analisamos os critérios de *noticiabilidade* e as *interações sociais* que atuam no processo produtivo e no conteúdo jornalístico. Para tanto, tivemos como orientação teórica-metodológica o *newsmaking* e o *paradigma construcionista (teoria interacionista)* de notícia. Com um olhar quantitativo/qualitativo, realizamos a observação participante da produção e a análise de conteúdo dos três programas abordados. A compreensão das interações sociais entre jornalistas, fontes, empresa e sociedade foi fundamental para evidenciarmos que, no processo de produção, no qual conteúdo e enfoques são definidos, os critérios de *noticiabilidade* sofrem uma adequação aos interesses da emissora, os quais delinham o perfil editorial dos programas. Além disso, é visível que a Rede Vida está comprometida com a Igreja Católica, assumindo, ao fazer jornalismo, na maior parte do tempo, uma perspectiva instrumental de comunicação, distante da comunicação dialógica. O jornalismo move-se na pluralidade de fatos e temas sociais. Por isso, guarda, em si, o potencial para fomentar o diálogo na sociedade, a partir das mensagens transmitidas. Na Rede Vida, prevalece, ainda que ajam sinais de abertura, a voz oficial da Igreja Católica, reproduzindo a doutrina cristã/católica, num sentido vertical. A emissora apresenta-se como porta-voz da Igreja, instituição que se mostra detentora das informações e do conteúdo a partir do qual os fatos sociais devem ser entendidos.

Palavras-chave:

Rede vida – jornalismo – comunicação – critérios de *noticiabilidade* – interações sociais – análise de conteúdo – Igreja Católica – diálogo

ABSTRACT

“Rede Vida de Televisão” structures itself, as being a national range broadcasting station, based on the foundation of the “Instituto Brasileiro de Comunicação Cristã” (INBRAC), its maintaining organization. The relationship that it has with the INBRAC warrants space in the broadcasting station programming to the Brazilian Catholic Church, as well as the Catholicism of the vehicle, in principle without any relation with the “Conferência Nacional dos Bispos do Brasil” (CNBB) or any other official church organization. This context interferes in the broadcasting station journalism and takes it to a specific perspective of communication where the programs are produced. Considering this fact and having the idea that the production and content of the journalistic message are overlapping, we propose, in this thesis, the analysis of the productive process and the content of three journalistic programs of “Rede Vida”: the news program “JCTV”, the interview program “Tribuna Independente” and the report program “Este é o meu Brasil”. Our intention is to understand how the broadcasting station makes journalism, and on what type of communication conception it is based. We analyzed the criterions of *noticiability* and *social interactions* that act in the productive process and in the journalistic content. For this, we had as a methodological-theoretical orientation the *newsmaking* and the *constructionist paradigm* (interactionist theory) of the news. With a quantitative/qualitative look we made a participative observation of the production and the analysis of the content of the three programs. The comprehension of the social interactions between journalists, sources, enterprise and society was fundamental to evidence that, in the production process, in which the content and the focalization are defined, the *noticiability* criterions present an adaptation to the broadcast station interests, that outline the editorial line of the programs. In addition, it is visible that “Rede Vida” is compromised with the Catholic Church, assuming, by practicing journalism during most part of the time, an instrumental perspective of communication distant from dialogic communication. Journalism moves itself in the plurality of the facts and social themes. For this reason, it keeps in itself, the potential of promoting the dialogue in society, based on the messages it transmits. In “Rede Vida”, prevails, although there are opening signals, the official voice of the Catholic Church, reproducing the Catholic/Christian doctrine in a vertical sense. The broadcasting station presents itself as the church spokesman, an institution that shows itself as the withholder of information and the content from which the social facts have to be understood.

Key-words:

“Rede Vida de Televisão” – journalism – communication – criterions of *noticiability* – *social interactions* – production and analysis – Catholic Church – dialogue

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	14
1 REDE VIDA: CARACTERÍSTICAS E PROBLEMÁTICAS	22
1.1 A REDE VIDA NASCEU E CRESCE ECLESIAL	23
1.2 O CANAL DA FAMÍLIA	40
1.3 A FALTA DE CONSENSO	44
2 O CONFLITO CONSTANTE ENTRE IGREJA CATÓLICA E COMUNICAÇÃO	57
2.1 A IGREJA SENTE MEDO – A IMPRENSA É O INIMIGO	58
2.2 O PRINCÍPIO DAS MUDANÇAS: O INIMIGO NÃO É TÃO MAU... ..	63
2.3 O CONCÍLIO VATICANO II – A IGREJA APROXIMA-SE DO INIMIGO	65
2.4 PÓS-CONCÍLIO – A IGREJA QUER CONVERTER O INIMIGO	68
2.5 CONFERÊNCIAS LATINO-AMERICANAS E COMUNICAÇÃO	77
2.6 DOCUMENTOS BRASILEIROS – CNBB E COMUNICAÇÃO	86
2.7 UM OLHAR SOBRE AS DIFERENTES PERSPECTIVAS	97
3 NA COMUNICAÇÃO, HÁ DIÁLOGO?	106
3.1 O DIÁLOGO NOS DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II	109
3.2 PLURALISMO: ESSÊNCIA DO DIÁLOGO	114
3.2.1 Sociedade global e plural	115
3.2.2 O pluralismo na Igreja Católica brasileira	122
4 A PRODUÇÃO JORNALÍSTICA COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL	127
4.1 <i>NEWSMAKING</i> E NOTICIABILIDADE	128
4.2 A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA NOTÍCIA	135
4.3 OS GÊNEROS INFORMATIVOS	147
4.3.1 A linguagem televisiva	148
4.3.2 A edição – diferentes formatos no telejornal	154
4.3.3 A entrevista – gênero informativo	158
4.4 PAUTA E FONTES	164

5	A CONSTRUÇÃO JORNALÍSTICA NA REDE VIDA	170
5.1	PROPOSTA METODOLÓGICA PARA ANÁLISE DA PRODUÇÃO E DO CONTEÚDO JORNALÍSTICO	171
5.1.1	Análise de conteúdo	177
5.1.2	Abordagem qualitativa e quantitativa	183
5.2	A PRODUÇÃO E O CONTEÚDO JORNALÍSTICO NA REDE VIDA	185
5.2.1	“JCTV” – traços gerais	192
5.2.1.1	A edição jornalística	194
5.2.1.2	As pautas – temas das notícias	212
5.2.1.3	Fontes – os personagens principais do “JCTV”	234
5.2.1.4	Observações finais	250
5.2.2	“Tribuna Independente” – traços gerais	254
5.2.2.1	A edição jornalística	257
5.2.2.2	As pautas – temas das entrevistas	281
5.2.2.3	As fontes das entrevistas	310
5.2.2.4	Observações finais	319
5.2.3	“Este é o meu Brasil” – traços gerais	323
5.2.3.1	A edição jornalística	325
5.2.3.2	Pauta	336
5.2.3.3	Fontes	350
5.2.3.4	Observações finais	357
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	362
	REFERÊNCIAS	372
	APÊNDICES	382
APÊNDICE A	Entrevista com Ismar de Oliveira Soares	383
APÊNDICE B	Entrevista com João Monteiro de Barros Filho	403
APÊNDICE C	Entrevista com Luiz Antonio Monteiro de Barros	422
APÊNDICE D	Diários de Campo – Observação participante na Rede Vida de Televisão, em São José do Rio Preto/SP	428
APÊNDICE E	Matérias do telejornal “JCTV” – de 12 a 16 de julho de 2004	457
APÊNDICE F	Entrevista com Andréa Bonatelli	474
APÊNDICE G	Matérias do programa “Este é o Meu Brasil” – 17/07/2004	479
APÊNDICE H	Entrevista com Luiz Carlos Fabrini	487
	ANEXOS	490
ANEXO A	Modelo da grade de programação da Rede Vida, em julho de 2004	491
ANEXO B	Grade de programação da Rede Vida, de 10 a 17 de julho de 2004 ..	493
ANEXO C	<i>Script</i> do programa “Este é o meu Brasil”, de 17 de julho de 2004 ..	502

LISTA DE QUADROS

Quadro 1:	Classificação dos programas da Rede Vida (exceto programas jornalísticos) ...	38
Quadro 2:	Síntese dos critérios de noticiabilidade	172
Quadro 3:	Crítérios de noticiabilidade e interações sociais	177
Quadro 4:	Análise por categorias	183
Quadro 5:	Programas jornalísticos da Rede Vida	189
Quadro 6:	Manchetes do telejornal “JCTV”	195
Quadro 7:	Reportagens sobre temas católicos/religiosos	213
Quadro 8:	Notas gravadas por telefone	219
Quadro 9:	Reportagens sobre religião e outras editorias	224
Quadro 10:	Reportagens sem vínculo religioso	234
Quadro 11:	Fontes – Matérias de estúdios	247
Quadro 12:	Fontes – Matérias de colaboradores	249
Quadro 13:	Frases geradas em caracteres	264
Quadro 14:	Transcrição das frases dos encerramentos de blocos	267
Quadro 15:	Temas das edições de terça e quinta-feira	283
Quadro 16:	Temas e subtemas – “Tribuna Independente”	294
Quadro 17:	Fontes “Tribuna Independente”	311

Quadro 18: Temas e enfoques das reportagens	327
Quadro 19: Fontes nas reportagens do “Este é o Meu Brasil”	356

INTRODUÇÃO

Se a história da televisão no Brasil é recente, a inserção da Igreja Católica no uso deste meio de comunicação é ainda mais atual. A Igreja demorou a dar os primeiros passos, mas, pelo pouco tempo que caminha, até podemos dizer que tem andado significativamente rápido. Não deixa de ser um mercado da comunicação, que desponta com vigor e pede para ser explorado. Acontece que aqueles que se arriscam têm dificuldades visíveis para colocar em prática uma programação que conquiste a audiência e os anunciantes e, ao mesmo tempo, satisfaça à pluralidade de interesses da própria Igreja. Transitam entre fazer uma televisão fiel à doutrina católica, preocupada com o conteúdo da programação, a serviço da Igreja; construir uma programação que atenda às necessidades do meio televisivo, tendo em vista a *forma*, e não o *conteúdo*; ou ainda, uma televisão cultural/educativa.

Numa história curta, mas complexa, porque remete não apenas à televisão, mas a toda a relação da Igreja Católica com a comunicação, encontramos a Rede Vida, uma emissora há 10 anos no ar, com peculiaridades que nos despertaram a curiosidade e o desejo de conhecê-la melhor. Olhares empíricos, de pessoas de nossa convivência, e nossos, logicamente, percebiam a Rede Vida de dois modos: uma televisão da Igreja

Católica, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB); uma televisão com programas pouco atrativos, com conteúdos doutrinários, canal pelo qual se passa *zapeando*, já que dificilmente se permanece nele por mais de cinco minutos, assistindo. Entre um e outro comentário, surgiam elogios a *algumas entrevistas* ou a *algumas reportagens interessantes*.

Entrevistas e reportagens, de imediato, remetem à nossa formação – o Jornalismo. Ou seja, a Rede Vida, um canal, a princípio, da Igreja, estaria fazendo jornalismo. Tínhamos nela um espaço de produção jornalística, com uma peculiaridade: tratava-se de um veículo cristão/católico, tema que nos desperta interesse e sobre o qual já havíamos desenvolvido dissertação de mestrado¹. Sabemos que o jornalismo, hoje, é significativo nas grades de programação das emissoras de televisão e que, através dele, elas intentam cumprir sua função social. Os formatos jornalísticos para televisão não variam em quase nada de uma emissora para outra, mas há diferenças marcantes em termos de linha editorial. Diante disso, propomo-nos a pensar qual é o espaço que o jornalismo tem na Rede Vida e a partir de qual perspectiva de comunicação ele tem sido produzido. Devemos frisar, portanto, de início, que a tese aqui apresentada é um *estudo de jornalismo*.

Analisamos, nas rotinas de produção de três programas jornalísticos – “JCTV”, “Tribuna Independente”; e “Este é o meu Brasil”, a atuação dos *critérios de noticiabilidade* e as *interações sociais* por eles propostos e alcançados ou não, a fim de conhecer como a emissora faz jornalismo. Através da observação participante e da análise de conteúdo, respondemos às principais questões de pesquisa: qual a perspectiva de comunicação

¹ SILVA, Michele Boff. **Comunicação – Versão Semanal e revista Família Cristã**: uma abordagem hermenêutica. Porto Alegre: PUCRS, 2002. Dissertação [Mestrado], Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2002.

assumida pela Rede Vida, ao fazer jornalismo? Quais são as características da produção desses programas, que indicam tal comportamento?

Temos como orientação teórico-metodológica, o *newsmaking* e o paradigma construcionista de notícia. Assumimos um olhar científico quantitativo/qualitativo, bem como aberto e flexível às necessidades do objeto – o jornalismo na Rede Vida.

Pensar a produção jornalística da Rede Vida impõe pensar a emissora, suas características, suas relações com a Igreja e, num horizonte ainda maior, as relações da Igreja com a comunicação. Aquele primeiro olhar empírico, de que a Rede Vida pertence à Igreja, cai por terra de imediato, conforme mostramos no primeiro capítulo. A emissora pertence ao Grupo Independente, presidido por João Monteiro de Barros Filho, de Barretos, interior de São Paulo. É um canal aberto e comercial, a princípio, sem nenhum vínculo oficial com a Igreja, não fosse o compromisso assumido pela emissora junto aos católicos, através da criação do Instituto Brasileiro de Comunicação Cristã (INBRAC), seu órgão mantenedor. Cobrindo perto de cem por cento do território nacional, as 325 retransmissoras da Rede Vida colocam os receptores, diária e constantemente, em contato com a simbologia e a doutrina católica. Nas imagens, vemos templos, altares, santos, Jesus Cristo, a Virgem Maria, a cruz, a Eucaristia, os padres, as religiosas, as rezas, as orações, o terço, as procissões, os encontros de jovens, de casais, as missas. Na palavra, o conteúdo doutrinário católico, raras vezes dissolvido nos programas, quase imperceptível; na maioria, escancarado.

A preocupação com o conteúdo católico chega ao ponto de colocar em segundo plano as necessidades técnicas do meio televisivo, transformando a Rede Vida num altar

abstrato, no qual deseja-se *evangelizar*, acima de tudo. Tal é a tendência católica da Rede Vida, que a mesma veicula missas diárias, rezadas no Santuário da Vida, construído especialmente para receber fiéis, que participam de gravações, ao vivo, de suas missas. Em meio a tudo isso, o presidente da emissora, João Monteiro de Barros Filho, é contundente: a Rede Vida não é católica, mas cristã, ética, moral e cívica. Não é o canal da Igreja, mas o *Canal da Família*, *slogan* adotado, mas difícil de ser percebido, na prática televisiva da emissora, considerada a complexidade da *família* nos dias atuais.

Indiretamente, a Rede Vida tem *obrigações* para com a Igreja Católica. E o jornalismo, como fica? Fazer jornalismo na Rede Vida é fazer jornalismo para a Igreja? Para os católicos? Ou para a sociedade, considerando que a mesma é um canal aberto, de propriedade privada? O ponto de partida para entender o jornalismo produzido pela Rede Vida é a compreensão do *lugar* de onde se fala – uma emissora com relações diretas com a Igreja, que não pertence a tal instituição, mas se comprometeu com ela devido à criação do INBRAC.

Nossa pesquisa, absorve, por isso, concepções sobre o fazer televisivo inerentes à relação da Igreja Católica com a comunicação, como discutimos no segundo capítulo. Momentos de aproximações e distanciamentos permeiam uma história marcada por conflitos entre a Igreja e a comunicação. Alguns saudáveis, outros, porém, mal resolvidos, tanto que até hoje a Igreja é uma das principais críticas dos meios de comunicação, em particular, da televisão, bem como não tem uma diretriz unívoca quanto ao uso dos demais meios. A Igreja tem incontáveis documentos oficiais que tratam sobre a comunicação. Neles, diferentes e, até mesmo, contraditórias, concepções sobre as práticas comunicativas se fazem presentes: *saber*, *fazer* e *pensar*. A própria CNBB, além de pesquisadores da

comunicação católica, admitem que estas três compreensões coexistem, até hoje. Entretanto, na atualidade, a ênfase está no *fazer*, voltado para a *comunicação institucional*.

As práticas jornalísticas sustentadas na concepção do *fazer* direcionam o olhar para as necessidades e para os interesses da Igreja Católica. Fazer jornalismo, contudo, é servir ao interesse público e informar a verdade, com ética e responsabilidade profissional. Entendemos que o jornalismo, por ter como matéria-prima a informação, está em constante contato com a sociedade, colocando, quem o produz e quem o recebe, em diálogo com um mundo plural.

O pluralismo de nossa sociedade exige a perspectiva do *pensar*, como prática dialógica, necessária ao jornalismo, porque neste campo circula a pluralidade. Partimos, portanto, do princípio de que o diálogo é fundamental para a efetivação das práticas comunicativas da Igreja no contexto atual. Tal perspectiva está entre as bases teóricas que conflitam na construção das políticas de comunicação da Igreja Católica. Ao longo do segundo capítulo, encontram-se considerações sobre a posição dialógica expressa em momentos distintos da história e em significativos documentos da Igreja.

Retomamos a discussão no terceiro capítulo, no qual pensamos as relações entre a comunicação e o diálogo, a partir do *agir-comunicativo*, de Habermas. O verdadeiro diálogo exclui, de imediato, uma concepção exclusivista do *fazer*, ou seja, aquela em que a Igreja usa os meios de comunicação para difundir seu conteúdo doutrinal, num sentido unidirecional. O objetivo prático, contudo, tanto no *fazer* quanto no *saber*, da Rede Vida, é apresentar-se como dona e guardiã da doutrina, conteúdo das mensagens difundidas. Não comporta o processo dialógico que se estabelece no agir-comunicativo. Como diálogo, a

comunicação é processo multidirecional, aberto ao plural, à troca e à interação. Dialógica, a Igreja e, por conseqüência, a Rede Vida, pretendem se abrir ao outro, o que não significa, porém, que tenham que alterar seus princípios morais e sua identidade, porque, do contrário, a doutrina se esvai. A comunicação deve ser encontro com o outro, e não apenas o uso de instrumentos técnicos com vistas à conversão/evangelização.

O jornalismo é um instrumento ideal para a efetivação da comunicação dialógica. Propomo-nos a pensar, nesta tese, o jornalismo como um dos caminhos a seguir para concretizar uma televisão católica que faça comunicação para a sociedade plural, e não apenas para o interior da Igreja, com ênfase no aspecto eclesial. Portanto, reafirmamos: analisaremos qual a perspectiva de comunicação que a Rede Vida assume ao fazer jornalismo. Buscaremos entender *se e como* o jornalismo dá indicativos de uma possível prática dialógica de comunicação, até porque ela lhe é necessária, já que o jornalismo está em constante relação com a sociedade plural.

Para tanto, analisaremos o processo de produção dos programas, bem como o conteúdo difundido pelos mesmos. A produção jornalística é pensada como prática que se constrói a partir de escolhas baseadas na cultura profissional, na organização de trabalho e, também, nas interações sociais entre jornalistas, fontes e sociedade. Apropriamo-nos do *newsmaking*, ainda que reconhecendo as suas limitações. Por esse motivo, conforme desenvolvemos no quarto capítulo, trabalhamos a partir do paradigma construcionista de notícia, com ênfase na teoria interacionista, em sintonia com o *newsmaking*. Salientamos, de antemão, que o fazer jornalístico televisivo exige a compreensão de características próprias do meio, como a linguagem, a edição e os formatos.

Em sintonia com as concepções teóricas, construímos uma perspectiva metodológica que, do nosso ponto de vista, dá conta da complexidade do objeto e encaminha para as respostas às questões que nos fazemos. Apresentamos, no capítulo cinco, os encaminhamentos metodológicos desta pesquisa e, em seguida, a análise. Qualquer produto jornalístico resulta de um processo de produção, cujas etapas e implicações contidas em cada uma devem ser consideradas na análise dos mesmos. É por isso que coletamos as informações e os dados fundamentais sobre as rotinas produtivas da Rede Vida, através da observação do ambiente de produção, no período de uma semana, de 10 a 17 de julho de 2004, escolhido aleatoriamente. Acompanhamos as rotinas produtivas em todas as etapas do processo, dos programas “JCTV”, “Tribuna Independente” e “Este é o meu Brasil”. Aproveitamos para realizar entrevistas com editores e apresentadores, com o diretor de programação e com o presidente da emissora, assim como para nos interarmos da rotina produtiva, no local em que ela ocorre.

Acreditamos que os *valores/notícia* ou *critérios de noticiabilidade* usados na construção do “JCTV”, do “Tribuna Independente” e do “Este é o meu Brasil”, mais especificamente, no processo de definição das pautas, das fontes e da edição, apontam claramente para a perspectiva assumida pela Rede Vida, ao fazer jornalismo. É no processo de produção que se situam os indicativos necessários para identificarmos e entendermos tal perspectiva. Mas, além disso, não podíamos desconsiderar o conteúdo das mensagens. Então, complementamos o processo analítico com o método da análise de conteúdo.

Transitamos, nesta tese, em dois campos complexos – o jornalismo e a religião. Situamo-nos na intersecção entre os dois, assumindo uma visão interdisciplinar, a qual, acreditamos, é fundamental à compreensão da discussão que apresentamos nas páginas

seguintes. Conforme até então expomos, desejamos aqui dar continuidade aos estudos já realizados sobre o tema, complementando-os, com uma reflexão sobre o fazer jornalístico televisivo, no contexto da comunicação católica. Por fim, é preciso lembrar que as idéias desenvolvidas nos desafiam a continuar pensando e exigem uma posição relativizadora.

1 REDE VIDA: CARACTERÍSTICAS E PROBLEMÁTICAS

A Igreja não parece entusiasmada com as televisões que tem. [...] Existe uma convivência que tem sido pacífica. As críticas são fortes, porém não atingem as televisões. Elas também não dão muita importância às críticas. E todos seguem seu caminho (SOARES, 2005).

A Rede Vida é o principal canal de televisão católica do Brasil. Hoje, sua abrangência é nacional, mas o gosto pela televisão católica ainda não é. Por quê? Possíveis respostas podem ser encontradas, de imediato, por quem assiste à Rede Vida. Os nossos primeiros contatos como telespectador do canal nos levaram a esse questionamento. Nesta tese, objetivamos aprofundar a reflexão em torno das práticas de comunicação católicas, com ênfase na produção telejornalística da Rede Vida. Analisaremos três programas: o telejornal “JCTV”, o programa de entrevista “Tribuna Independente” e o programa de reportagens “Este é o meu Brasil”. No primeiro capítulo, buscaremos traçar o perfil dessa emissora, bem como problematizá-lo, a fim de caracterizar o objeto de tese e, ao mesmo tempo, apontar aspectos que tornam relevante estudá-lo.

1.1 A REDE VIDA NASCEU E CRESCE ECLESIAL

A "pupila eletrônica" da Igreja Católica, como denomina Dias (2001, p.43), é a Rede Vida de Televisão. O seu nascimento é um marco na história dos católicos brasileiros na mídia televisiva. Contudo, a presença da Igreja Católica na TV remonta a outras iniciativas. Dentre elas, destaca-se a TV Difusora Canal 10, de Porto Alegre. Conforme Kilpp (2000, 34 e 49), a TV Difusora é fruto de uma associação entre profissionais de televisão e os Freis Capuchinhos de Santo Antônio que, em 1961, haviam adquirido o Canal 10 do Grupo Continental.

A TV Difusora inicia com ótimas condições técnicas, constituindo-se na primeira emissora brasileira a implantar o sistema de TV em cores (1972). Além disso, caracterizou-se pela programação com predominância local. Kilpp (2000, p.35) constata que, inicialmente, 70% dos programas da Difusora eram locais. Entretanto, depois de expandir-se, começam as crises que levam, a partir de 1972, a emissora a aderir à estratégia da reprodução. Em 1975, sob a administração dos freis, a Difusora estava em situação crítica. Já em 1979 veiculava cerca de 30% de programação da Bandeirantes, que foi aumentando sua participação até a Difusora tornar-se, em 1983, uma emissora da rede. A venda aconteceu em 1987, porém, até 1994, os capuchinhos mantinham programas de seu interesse. Deste ano em diante, a grade foi reformulada, cortando todos os espaços locais (KILPP, 2000, p.36-37).

A compra da TV Difusora pela Bandeirantes deve ser entendida, também, no âmbito da consolidação das redes de televisão no Brasil. A partir de 1967, no Brasil, estações repetidoras, canais de microondas e outras iniciativas governamentais permitiram

que se formassem redes, integrando a maior parte do país (CAPARELLI, 1982, p.33). O grupo Bandeirantes, inserido nesse contexto, compra a Difusora a fim de consolidar-se como rede representada no Rio Grande do Sul.

Outra iniciativa empreendida pelos católicos ocorre em 1986, quando entra em funcionamento a TV Sudoeste do Paraná, em Pato Branco, de propriedade dos franciscanos. A programação está ligada à TV Manchete, mas tem liberdade para programas locais, religiosos e educacionais.

A TV Canção Nova, da Fundação João Paulo II, é outra iniciativa que mostra a presença dos católicos neste meio. A Canção Nova é dirigida por um grupo da Renovação Carismática de Cachoeira Paulista, São Paulo, e retransmite a programação da FUNTEVÊ, do Rio de Janeiro (NEOTTI, 1994).

Além de canais próprios, a Igreja Católica marca sua presença na televisão através da exibição de missas. Por outro lado, o Centro de Produções Século XXI (década de 80), construído em Campinas, pelo padre Eduardo Dougherty, produz o programa “Anunciamos Jesus”, veiculado em alguns canais televisivos. Também a Associação Palavra Viva empenha-se em produzir programas católicos para a televisão. Hoje, as produtoras católicas são inúmeras. Destacam-se, por exemplo, programas produzidos pela Loyola e pela Paulinas, veiculados na Rede Vida.

Ter um canal de televisão envolve e envolveu, até os dias de hoje, uma série de discussões em torno de seu uso. Entre os católicos, a televisão é vista por muitos como um formidável meio de evangelização. Entretanto, não faltam críticas às práticas que vêm se

efetivando nos dias de hoje. O editorial da revista Perspectiva Teológica (set.-dez. 2002), por exemplo, afirma que a Igreja não tem sabido manejar a TV de modo eficiente: a linguagem está carregada de pieguice; a programação limita-se a um público católico, quando não a idosos e doentes; há carência de profissionais com bom nível técnico. “As TVs já estão repletas de gente falando sandices. Um programa que seja deveras evangelizador distingue-se tanto pela forma quanto pelo conteúdo” (EDITORIAL, 2002, p.295).

Os problemas estendem-se, inclusive, à Rede Vida, objeto deste estudo. E como tal, manifestam-se na sua história. A Rede Vida, dirigida pelo Instituto Brasileiro de Comunicação Cristã (INBRAC), com auxílio de conselheiros da CNBB, iniciou suas transmissões em 1º de maio de 1995, cobrindo, na época, cerca de 800 cidades, em todos os estados do Brasil (DIAS, 2001, p.45). O início das transmissões vem antecedido por uma história de negociações.

O canal da Rede Vida é uma concessão feita pelo governo José Sarney, em 1991, ao empresário João Monteiro de Barros Filho, que comanda o Grupo Independente, no interior de São Paulo (Barretos), formado por cinco emissoras de rádio e um jornal. Rede Vida é o nome fantasia da emissora, formalmente denominada “TV Independente”. Barros, amigo do bispo de Barretos, Dom Antonio Maria Mucciolo, procurou-o para oferecer a outorga do canal à Igreja Católica. Após negociações com a CNBB, que não aceitou assumir o canal, o projeto da Rede Vida começa a ser colocado em prática com a fundação do INBRAC, em 17 de dezembro de 1992.

O INBRAC é o órgão mantenedor da TV católica, que passou a ser denominada Rede Vida de Televisão. Segundo Barros Filho (2003), juridicamente, há duas instituições comprometidas: a TV Independente, emissora geradora da Rede Vida, e o INBRAC, constituído para ser a entidade representativa da Igreja Católica como mantenedora da grade de programação. A família Monteiro fez a doação do terreno, onde foram construídas as instalações da nova emissora, em São José do Rio Preto, São Paulo. Assim, a Rede Vida pertence ao INBRAC, e a TV Independente é, ao mesmo tempo, geradora da Rede Vida e sua afiliada regional.

Sem fins lucrativos e sem vinculação com a CNBB, o INBRAC é uma associação civil que pode “realizar, patrocinar e promover, direta e indiretamente, iniciativas de atuação sobre os veículos de comunicação social, de forma a propagar e difundir a mensagem cristã, buscando, principalmente, o respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família” (BARROS FILHO, 2003, p.37). Ismar de Oliveira Soares² acredita que o INBRAC “tem como grande função representar a catolicidade do veículo perante a própria Igreja e fornecer um amparo administrativo para Monteiro”.

Como membro do INBRAC, na época de sua fundação, João Monteiro de Barros Filho apresenta dez itens que seriam a base das grandes políticas e estratégias da Rede Vida. Os itens remetem aos dez mandamentos da Igreja Católica: amar a família acima do rádio e da televisão; não usar em vão o rádio, a televisão e a família; guardar a família do rádio e da televisão; honrar a família com o rádio e a televisão; não matar a família pelo rádio e pela televisão; não pecar contra a família, com o rádio e a televisão; não roubar a capacidade de pensar pelo rádio, TV e família; não levantar falso testemunho contra o

² Ismar de Oliveira Soares expôs, em entrevista concedida à autora, dia 27 de janeiro de 2005, em Porto Alegre, aspectos históricos sobre sua participação no processo de instalação da Rede Vida (ver Apêndice A).

rádio, TV e família; não desejar o autoritarismo do rádio, TV e família; não cobiçar o consumismo do rádio, TV e família (BARROS FILHO, 2003, p.97-103).

O primeiro estatuto do INBRAC listava as duas emissoras comprometidas: a Televisão Independente, de São José do Rio Preto, estação geradora e cabeça da rede, e a Televisão Morada do Sol, de Araraquara, como estação geradora. Apesar de mencionar que essas duas unidades teriam condições técnicas de cobrir todos os municípios de São Paulo e algumas capitais brasileiras, o estatuto previa reais possibilidades de expansão, contando com centenas de estações geradoras e retransmissoras de TV em todo o território nacional (PESSINATTI, 1998, p.140).

A partir de 1994, o conselho superior do INBRAC intensificou seu trabalho para que a emissora iniciasse suas transmissões em 1995. Dom Mucciolo, na época arcebispo de Botucatu, no dia 7 de setembro, abençoou a sede e a antena da TV Independente, que transmitiria a programação da Rede Vida. Em meio aos fatos, a questão financeira se fez presente. Dom Mucciolo orçou as obras em 15 mil dólares. Na época, foi lançado o plano de patrocinadores, contando com a adesão do Banco Bamerindus e da agência publicitária norte-americana *Interdate Systems and Technology* (PESSINATTI, 1998, p.144).

Conforme o *site*³ da Rede Vida, os recursos financeiros para comprar os equipamentos, de última geração, para a instalação da TV, vieram de um “brasileiro temente a Deus”, Eduardo De Gennare, e de um americano metodista, Robert Swan. O *site* da emissora relata que ambos “se apaixonaram pelo Projeto da Rede Vida de Televisão, acreditaram nos homens que integram o Conselho Superior do INBRAC e assumiram todas

³ Consulta à <http://www.redevida.com.br>. Acesso em: 13 maio 2004.

as despesas indispensáveis para a montagem de uma televisão de última geração”. Os investimentos garantiram por 10 anos todas as despesas mensais com o canal TV-SAT da EMBRATEL, somando cerca de 9 milhões de dólares.

Mas os problemas financeiros perseguem a emissora ao longo dos anos. Inicialmente, a manutenção se dava pela venda de anúncios. Entretanto, a venda deixava a desejar, porque não havia interesse dos grandes anunciantes, já que inexistiam retransmissoras nas principais capitais. Hoje, a presença de anunciantes, como o Bradesco, o Banco do Brasil, a Sadia, a Vasp, a Caixa Econômica Federal, a Randon, a Mitsubishi, além das empresas religiosas, algumas universidades, editoras e produtoras multimídia católicas e agências de viagem, indica que a emissora está despertando o interesse de empresas que se identificam com o perfil de programação e de público da Rede Vida. Além disso, a meta da emissora, conforme Barros Filho⁴, é atingir possíveis anunciantes com interesse em divulgar seus produtos nacionalmente. Monteiro pensa que isso é viável porque a Rede Vida tem alcance nacional, “sem cortes”⁵.

A nossa meta é trabalhar em todos os estados brasileiros com empresas que tenham produtos nacionais e não podem fazer porque o preço é muito elevado. E na Rede Vida eles vão pagar o preço que é possível, que está dentro da realidade comercial de cada empresa, e vão poder começar fazer a propagação de seus produtos nacionais⁶.

Entretanto, o futuro comercial da Rede Vida, pelo menos enquanto estiver no comando de Monteiro, ficará atrelado a algumas restrições:

⁴ BARROS FILHO, João Monteiro de. Entrevista concedida à autora em 16 de julho de 2004, Barretos (ver Apêndice B).

⁵ A expressão “sem cortes” foi utilizada por João Monteiro de Barros Filho, em entrevista, dia 16 de julho de 2004, Barretos – São Paulo, para explicar que a transmissão da programação da Rede Vida é padrão em todo Brasil, independente de regiões, diferenciando-se do acontece com a Globo e suas afiliadas.

⁶ Ibid.

Se você fala que é uma emissora da família, o canal da família e respeita a família, eu não posso chegar na sua casa e dizer: “Beba, fuma, vamos fumar”, porque isso é um bom mercado publicitário. Então, não por questão religiosa, mas por questão ética, a Rede Vida não aceita propaganda de cigarro, de bebida alcoólica e de coisas indevidas. Coisas indevidas são até aqueles comerciais meio marotos que têm aquela molecada dando uma esfregada, aquela coisa que se percebe que tem um pouquinho de sacanagem. A Rede Vida não aceita esse tipo de comercial. Ela respeita profundamente, ela faz uma autocrítica, uma autocensura de como ele pode chegar na casa de cada brasileiro⁷.

Tais restrições são extensivas à programação. Conforme o diretor de programação da Rede Vida, Ivan Cunha⁸, as decisões sobre o rumo da emissora estão centralizadas na figura de João Monteiro de Barros Filho, o que, para Cunha, dificulta a “diversificação” dos programas. Cunha afirma que o “Seu João” faz TV para ele, seguindo alguns princípios básicos: orientação católica; nada contra a Igreja; nada de nudismo; nada de álcool; nada de cigarro; nem *rock*. “Tudo muito sério”, diz ele.

A Rede Vida sobrevive com a venda de espaços na programação. Segundo Ivan Cunha, “Encontro com Cristo”, “Rodobens”, “Tribuna Judiciária”, “Pé na Estrada”, “OAB”, “Universo Unimed”, “Motivação e Sucesso”, “CIEE”, “TV Shopping Brasil”, “Combate” (produção independente, jornalismo de serviço) são exemplos de programas pagos que “ajudam muito financeiramente”.

Algumas parcerias também garantem o trabalho da Rede Vida. Destas, destaca-se a parceria com a Congregação Paulinas. A Rede Vida veicula programas produzidos pelas Paulinas, que, em troca, ganham espaço publicitário. O mesmo ocorre com a PUC de Curitiba (produtora de “Ponto de Encontro Cultural”, “Família no Divã”) e com a Univap (produtora de “Vida e Cidadania” e “Educação – um tesouro a descobrir”).

⁷ Ibid.

⁸ As informações foram fornecidas durante a realização da observação participante, na sede da Rede Vida, em São José do Rio Preto, dia 9 de julho de 2004.

A questão financeira, sem dúvida, explica aspectos da trajetória da Rede Vida e justifica, em parte, o predomínio de programas de caráter religioso na grade da emissora, da sua fundação aos dias atuais. A Rede Vida inicia suas transmissões com missas e terço e incorpora essa tendência, questionada desde o princípio e alvo de críticas ainda hoje.

– De 1995 a 2005: dez anos de muita oração

Em 10 de março de 1995, entra em vigência o contrato feito entre a TV Independente e a EMBRATEL. A Rede Vida começa a usar o espaço do satélite alugado. Desta data, até 1º de maio de 1995, o espaço transmitiu o logotipo da emissora (uma estrela com fundo azul, com a inscrição “Rede Vida”, abaixo). Primeiro de maio é a data em que a Rede Vida entra no ar em caráter experimental. Na época, a emissora transmitia diariamente a missa, o terço e o programa “Vida na Paróquia”. Aos sábados e domingos, tinha uma programação especial (PESSINATTI, 1998, p.144).

Seu alcance ainda era limitado. Hoje, a Rede Vida é constituída por uma emissora e 325 retransmissoras, cobrindo praticamente 100% do território nacional, porém com uma audiência insignificante (MARTHE; VALLADARES, 2003, p.101-102). Em entrevista⁹, Barros Filho afirma que a Rede Vida não tem contratos com empresas medidoras de audiência. Segundo ele, os índices de audiência, na época em que eram medidos em São Paulo, prejudicavam as negociações comerciais.

⁹ Entrevista concedida por João Monteiro de Barros Filhos à autora, dia 16 de julho de 2004, em Barretos, São Paulo.

Segundo matéria da revista Painel (MARTINS; VALADARES, 2003, p.15), a audiência da emissora é de 3% e atinge as classes A e B, com a faixa etária adulta/idososa. Uma pesquisa do IBOPE¹⁰, sobre o perfil dos telespectadores da Rede Vida, na grande São Paulo, em 2003, indica que 32% pertencem às classes A e B; 44% à C e 24% às D e E. Dos telespectadores, 48% são homens e 52% mulheres. A faixa etária dos receptores da emissora é variada: 50 anos ou mais, 22%; 35/49 anos, 24%; 25/34 anos, 16%; 18/24 anos, 14%; 12/17 anos, 12% e entre 4 e 11 anos, 12%. Os dados, como qualquer pesquisa quantitativa, não podem ser tomados como definidores do público que assiste à Rede Vida. Apontam algumas características, mas não são conclusivos. É por isso, e por todo o contexto da emissora, que temos, na audiência, uma questão aberta.

Atualmente, o contrato da EMBRATEL garante cobertura da Rede Vida em todo o território nacional, com mais de dois milhões de antenas parabólicas. A cobertura atinge 502 cidades brasileiras, que somam cerca de 94 milhões de pessoas (Censo Demográfico, IBGE). A emissora também oferece a possibilidade de 7,5 mil paróquias participarem de uma rede de formação, informação e transformação evangélica à distância. As paróquias têm espaço na programação da Rede Vida, mas são as responsáveis pela aquisição e manutenção dos equipamentos. A Rede Vida opera como TV aberta comercial, com sinal nacional pela NET, antenas parabólicas, TVs a Cabo NET, TVA, canais por assinatura como DirecTV e Tecsate e Sistemas Independentes, VHF e UHF (MEIO E MENSAGEM, maio 2000).

Em São José do Rio Preto localiza-se a sede da emissora. Lá, trabalham 63 pessoas, todas contratadas, dentre elas, três jornalistas, seis técnicos de edição, quatro

¹⁰ Dados publicados em **Dados de Mídia**, 2004.

câmeras, dois assistentes, um locutor, cinco técnicos, dois supervisores, e operadores em geral. A expansão da Rede Vida levou-a a instalar estúdios auxiliares nos grandes centros do país. A primeira base foi montada em São Paulo, em parceria com o Sindicato da Pequena e Microempresa do Estado de São Paulo. O estúdio de São Paulo é, segundo Cunha, o que mais produz programas: a série “Caminhos”, o “Tribuna Independente”, “A Palavra do Pastor”, “Com muito amor”, “Prazer em Conhecê-lo”, “Momento Político”, entre outros, além das transmissões de futebol.

Em Porto Alegre, com auxílio do arcebispo emérito Dom Altamiro Rossato, foi instalado um estúdio auxiliar, no qual são produzidos e editados alguns programas e matérias jornalísticas. Por ocasião da abertura dos trabalhos de gravação do estúdio de Porto Alegre, o presidente da Rede Vida, João Monteiro de Barros Filho, afirmou que a capital gaúcha seria uma das bases da emissora para a produção de jornalismo. A cobertura integral do Fórum Social Mundial, com bloco diário de informações, foi o primeiro trabalho desta unidade.

Em 13 de maio de 2004, a Rede Vida de Televisão inaugurou os estúdios de Brasília. O prédio, construído para abrigar o canal da família, foi denominado Cardeal Dom José Freire Falcão. Em Brasília, trabalham cinco funcionários, sendo dois jornalistas. A Rede Vida também possui estúdio auxiliar no Rio de Janeiro, que conta também com o trabalho de dois jornalistas.

Paralelo ao crescimento do alcance nacional do sinal da Rede Vida, mantém-se o debate em torno da programação. A programação inicial foi elaborada com base no primeiro estatuto do INBRAC, que manifesta a intenção de prestar serviços à Igreja

Católica no Brasil, buscando difundir o respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família. O grupo que coordenava o INBRAC julgava que a população brasileira queria ver uma televisão mais religiosa do que social e, portanto, deveria ser enfatizada a oração. Contudo, entre os bispos, surgem questionamentos a respeito. Discutia-se como garantir uma programação menos eclesial, como compor uma equipe de edição para programar com maior criatividade e houve, até mesmo, quem considerasse grave o fato da programação estar sob a responsabilidade de João Monteiro, ao invés de ser assumida por uma comissão. Colocações deste tipo surgiam durante as reuniões do conselho permanente e as assembléias gerais da CNBB.

Conforme Soares¹¹, o grande responsável pelo perfil de programação adotado pela Rede Vida foi o produtor de programas televisivos, Ricardo Carvalho. Entretanto, a sua presença na Rede Vida vem antecedida por um trabalho do Setor de Comunicação da CNBB, cuja proposta de grade de programação foi espelhada na TV Cultura de São Paulo. Ismar de Oliveira Soares participava dos trabalhos realizados a partir de um “acordo de “cavalheiros” feito com Monteiro. Mas a proposta não vingou:

Quando eu conversava com setores da Igreja ou da sociedade a respeito dos programas, o exemplo que eu dava era da TV Cultura, uma televisão eticamente aceitável, criativa e com forte gancho cultural. E o Monteiro chegou a ir a Brasília, várias vezes, levando a programação na mão. Então, várias vezes, o Monteiro chegou a ter em mãos essa programação. Quando se aproxima a data de inauguração, o Monteiro rompeu conosco esse acordo de cavalheiros e entregou o comando para o Ricardo Carvalho. O Ricardo Carvalho entrou com o argumento de que televisão é lugar de assembléia, televisão é lugar de um comandante, televisão precisa de um capitão. E “eu” sou esse capitão porque “eu” tenho experiência de conduzir uma produtora¹².

¹¹ SOARES, Ismar de Oliveira. Entrevista concedida à autora em 27 de janeiro de 2005, Porto Alegre.

¹² Ibid.

Ricardo Carvalho, conforme conta Soares, permaneceu no comando até que um possível acordo entre a Rede Vida e o Sebrae, para quem ele trabalhava na época, não é firmado. Apesar disso, na percepção de Soares, Carvalho deixou marcas na programação que prevalecem ainda hoje:

Ricardo Carvalho tinha uma teoria. Ele dizia que o Brasil católico era um *target* de 80 milhões de consumidores, de fiéis. E que esses 80 milhões precisavam ver na televisão os símbolos católicos. Então os padres tinham que fazer aquilo que eles faziam na igreja, porque aí o povo os reconheceria. Ele foi o grande incentivador de trazer o signo católico para dentro da tela da televisão. Portanto, ele acabou dando as normas...¹³.

A grade proposta inicialmente pelo Setor da CNBB, no qual atuava Ismar de Oliveira Soares, é deixada de lado. Em depoimento, Soares acredita que as opções pelo comando de Ricardo Carvalho e pela incorporação de suas idéias ocorreram por diferentes motivos:

O primeiro motivo é que a Rede Vida, a CNBB, os bispos ficaram temerosos em contar com a presença de um número muito grande de produtoras sobre as quais eles não teriam controle. Isso ficou evidente. Eles preferiam um comandante único na parte lógica, que era o Monteiro, e um comandante único na parte operacional, que era o Ricardo Carvalho. Então eles estão trocando a idéia do pluralismo pela ortodoxia...¹⁴.

A Rede Vida incorpora o perfil eclesial. Grande parte de seus programas é religiosa (ver Quadro 1 e Anexos A e B). A grade de programação, conforme Ivan Cunha¹⁵, foi montada tendo como critério inicial a rotina do telespectador religioso. O esqueleto base consistiu em colocar a transmissão do terço em quatro horários: meia noite, 6 horas, 12 horas e 18 horas. Após o terço, a missa. Seguindo esse esqueleto, os demais

¹³ Ibid.

¹⁴ Ibid.

¹⁵ Diretor de programação da Rede Vida. Informação coletada no período de observação participante, dia 14 de julho de 2004, na sede da emissora, em São José do Rio Preto.

horários foram preenchidos. As modificações são feitas em função de problemas operacionais. Quanto aos programas pagos, a Rede Vida apresenta aos clientes os espaços ociosos e o cliente escolhe dentro dessas possibilidades. No contrato há uma cláusula estabelecendo que o horário pode sofrer alterações em função de alguma programação especial. A Rede Vida trabalha com uma grade fixa, e uma grade diária¹⁶, elaborada semanalmente.

O canal, desde o princípio de seu funcionamento, conviveu com conflitos internos a respeito do assunto. Dias analisa a situação:

O que está por trás da Rede Vida é um confronto de visão de mundo, de natureza do processo comunicativo e de Pastoral de Comunicação. O projeto que a Rede Vida desenvolve não conta com o apoio definitivo e unânime da Igreja Católica. Apesar de os bispos colocarem torres e antenas em suas dioceses, eles não declaram adesão absoluta aos principais aliados da Rede Vida, que são os grupos carismáticos (2001, p.49).

As críticas, tecidas por católicos ou não, à programação da Rede Vida enfocam a ênfase à doutrina católica e seus pressupostos morais, em detrimento de uma comunicação de natureza cultural e administrativa. Em entrevista a Dias, Ismar de Oliveira Soares afirma que a saída para manter o canal em funcionamento é buscar um diálogo entre as pastorais e a sociedade, elaborando uma programação mais eticamente aceitável pela televisão brasileira (2001, p.49).

Tal afirmação nos leva a pensar o que significa uma "programação aceitável pela TV brasileira", tendo em vista que o sistema consolidado no Brasil é fundamentalmente capitalista. As grades de programação das grandes emissoras são elaboradas a fim de

¹⁶ Em anexo, estão as grades diárias de programação da Rede Vida, de 12 a 17 de julho de 2004, período de realização da observação participante, bem como a grade completa de programação semanal.

atender aos interesses dos anunciantes. A audiência regula os programas e o lucro é o fim primeiro. Essas características predominantes raramente condizem com a doutrina católica. É neste aspecto que está um dos principais entraves que os católicos, de modo geral, encontram, ao pensar e fazer a comunicação televisiva.

Já em 1995, em reunião, os arcebispos sugeriam que a Rede Vida apresentasse a doutrina social da Igreja em uma linguagem televisiva, com uma programação mais viva, orientada pelas necessidades do povo e por profissionais da área, além de observarem o perigo da predominância de alguma linha, como, por exemplo, os carismáticos (PESSINATTI, 1998, p.150).

A tendência da Rede Vida em ser um canal voltado para a transmissão de programas essencialmente eclesiais, de pregação, está na origem da emissora, como relata Ismar de Oliveira Soares, ao lembrar a trajetória que definiu a primeira grade de programação. Na época em que entra no ar, a Rede Vida transmitia uma missa diária, atendendo ao desejo de seu idealizador, João Monteiro de Barros Filho. Nos primeiros dias, a programação constava apenas da missa (ao vivo) e do terço. Conforme consta no *site* Rede Vida:

A celebração da missa diária acontecia num estúdio, na sede, em São José do Rio Preto. Era uma missa para a televisão e pensada dentro das possibilidades que o espaço do estúdio permitia. Um cenário em forma de capela foi montado e os espaços foram delimitados de tal modo que o estúdio-capela nunca ficasse superlotado e, nem mesmo, ficasse semivazio, dando a impressão que o padre estivesse celebrando sozinho. Os padres precisaram aprender a celebrar com as câmeras, com o *tele prompter*, com o jogo de luzes, com um tempo delimitado nos minutos e, o mais difícil, com um reduzido número de pessoas que formavam a assembléia. Cada um dos primeiros padres que celebrava na Rede Vida passou por treinamentos *para aprender* a celebrar a missa nesta nova proposta celebrativa pela televisão. Para as missas dominicais, a celebração privilegiava os telespectadores como sendo parte da grande assembléia que a televisão formava. Não se pretendia fazer uma missa para ser

assistida, mas para fazer com que os telespectadores pudessem participar, na medida que a televisão permite, da missa¹⁷.

As missas da Rede Vida despertam interesse de padres e de fiéis. O espaço se tornou pequeno, levando à construção do Santuário da Rede Vida, inaugurado no dia 30 de novembro de 1999, na cidade de São José do Rio Preto. O Santuário é utilizado pela Rede Vida de Televisão para as transmissões diárias e, de modo particular, para as transmissões das missas dominicais. A obra, que contou com o empenho do fundador, João Monteiro de Barros Filho, demonstra a permanência dos interesses por uma programação eclesial.

O Santuário da Vida fortaleceu a importância das missas na programação. Numa observação inicial da grade de programação, constatamos que a maioria dos programas é de gênero religioso, dentre os quais o terço, as missas e as pregações. Em seguida, está o jornalismo, com programas em diversos formatos, mas muitos de entrevista. Além dessas categorias, a Rede Vida tem programas de entretenimento, de negócios, esportivos e educativos (Quadro 1). O predomínio de programas religiosos marca os dez anos da Rede Vida e alimenta o debate em torno da produção televisiva católica.

¹⁷ Disponível em www.redevida.com.br/historia editorial. Acessado em: 13 maio 2004.

Quadro 1: Classificação dos programas da Rede Vida (exceto programas jornalísticos)¹⁸

CATEGORIA	GÊNERO	PROGRAMA
1. Entretenimento	Esportivo	<ul style="list-style-type: none"> – Jogos de futebol – Caminhos do Esporte – Estação Futebol (pago, Soares Comunicação)
	Infantil	<ul style="list-style-type: none"> – Coisas de Criança (Paulinas)
	Musical	<ul style="list-style-type: none"> – Pianíssimo
	Variedades	<ul style="list-style-type: none"> – Ponto de Encontro Cultural (PUCPR) – Viver e Conviver (Paulinas) – Dedo de Prosa (TV Horizonte)
2. Educativos	Instrutivo	<ul style="list-style-type: none"> – Fazendo Esperança (Luz Produções) – Amor Exigente (Paulinas) – Educação – um tesouro a descobrir (UNIVAP) – Telecurso 2000 – Associação Cultural – Conheça a Constituição – Motivação e Sucesso (pago) – Família no Divã (PUCPR) – Portal da Saúde Alternativa (pago, Recado Produções) – Cotidiano e Você (Deputado Federal Ricardo Izar – trata de temas variados) – Combate (pago, produção independente)
3. Publicidade	Telecompra	<ul style="list-style-type: none"> – TV Shopping Brasil (pago)
	Outros	<ul style="list-style-type: none"> – A Hora e a Vez da Pequena Empresa (pago) – Carros e Cia. (pago) – Consórcio Rodobens (pago) – CIEE Educação e Trabalho (pago) – Universo UNIMED (pago) – Pé na Estrada (pago)

¹⁸ Os programas foram classificados a partir do conteúdo e/ou dos formatos televisivos. A classificação proposta se baseia em Souza (2004), porém, como o próprio autor admite, comporta flexibilidade, pois um gênero pode estar em diferentes categorias, como pode ser formado por diferentes formatos.

Quadro 1: Continuação

CATEGORIA	GÊNERO	PROGRAMA
4. Outros	Religiosos	<ul style="list-style-type: none"> - Bom dia Romério (gravado em Aparecida) - O Pão Nosso (diário) - Oração da Manhã (diário) - Oração do Santuário - Terços Gozosos – Dolosos – Gloriosos (diários) - Caminhos do Messias - Mensagem do Cardeal - A Voz do Pastor - A Palavra de Deus - Diálogo de Fé (Videologia) - Missas (diversas) (diárias) - Encontro com Cristo (diário – pago) - Maria de todos os povos (segunda a sexta) - Ângelus – Direto do Vaticano - Momentos de Fé (segunda a sexta, Videologia) - Palavra do Pastor - A Igreja pelo mundo (produtora independente) - O Santo do Dia (diário) - A Palavra do Bispo - Terço Bizantino (diário, Videologia) - Kerigma Anunciado a Boa Nova - Palavras difíceis da Bíblia (Paulinas) - Frei Jorge da Paz com a Palavra do Senhor (pago) - Relaxe e Viva Feliz (Paulinas) - Bate Papo - Momentos de Reflexão (segunda a sexta, Loyola) - Alegria e Esperança (escolas Maristas) - Com muito amor - Palavra de vida

1.2 O CANAL DA FAMÍLIA

"Rede Vida – o canal da família brasileira". Esse é o *slogan* utilizado pela Rede Vida. Luiz Antonio Monteiro Neto (2004)¹⁹ afirma: “Nunca falamos no ar que a Rede Vida é católica. Sempre falamos que é a TV da família brasileira”. A proposta da emissora tem como sustentação a concepção de família, núcleo da sociedade, formada pelo casal (homem e mulher) e os filhos, de orientação católica:

Nosso público-alvo é a família. A Rede Vida nasce para informar e proporcionar lazer às famílias brasileiras. Os filmes, os programas de entretenimento, os noticiários, enfim, toda programação será inteiramente voltada às famílias. Todo programa que não contribuir efetivamente para a formação das famílias não servirá para a Rede Vida de Televisão²⁰.

Os idealizadores da emissora, conforme expressam em um editorial disponibilizado pelo *site* da Rede Vida, consideram-se capazes de "contribuir para a formação de uma sociedade justa e fraterna, cujo alicerce são as famílias", porque suas famílias estão "inteiras e intactas" e,

felizmente, ainda não foram destruídas pela cultura da morte. Cientes do valor e da importância de famílias como as nossas, queremos preservá-las todas do mal, protegendo-as da decadência, da falência e da morte. Para isso, foi construída a Rede Vida de Televisão sobre alicerces morais, éticos, cívicos e cristãos, valores fortes e eternos, pois só assim conseguiremos atingir nosso objetivo²¹.

¹⁹ Integrante do INBRAC, filho do presidente da Rede Vida e apresentador do programa “Tribuna Independente”. Informações concedidas à autora em entrevista, dia 13 de julho de 2004, durante a observação participante (Ver apêndice C).

²⁰ Disponível em www.redevida.com.br/historia_editorial. Acessado em: 13 maio 2004.

²¹ Ibid.

A concepção de família, expressa pela Rede Vida, vai de encontro às diversas situações que emergem em nossa sociedade. A pluralidade, com a qual a Igreja quer dialogar, manifesta-se, também, na regulamentação da união de homossexuais; no divórcio; no aborto, em casos específicos; no uso de anticoncepcionais; na opção de mulheres terem filhos, permanecendo solteiras; na adoção de crianças por casais homossexuais, entre outras situações. Casos como esses exemplificam as mudanças pelas quais passa a estrutura familiar. Mostram que fazer televisão para a família brasileira requer considerar divergências em vários aspectos da sociedade, o que não acontece na Rede Vida.

Soares afirma que a Rede Vida, ao dizer que é da família brasileira, entra numa questão antropológica:

O que é a família brasileira? Se você for analisar do ponto de vista sociológico ou antropológico, é uma família que tem vários perfis, não é uma família só, são muitas famílias. Hoje em dia é uma família cada vez menor. Observa-se que a família está em crise; que ela é valorizada em muitos aspectos, mas também criticada em outros. Então, dizer que a Rede Vida é TV da família brasileira, leva à questão: de qual família brasileira? Ela é muito mais da Igreja do que da família, porque se fosse falar em família, ela teria que admitir as contradições da família e trabalhar com essas contradições²².

Na avaliação de Ismar de Oliveira Soares, a Rede Vida não representa o “cotidiano de uma família, nem mesmo católica, porque o catolicismo brasileiro é um catolicismo contraditório; é um catolicismo muito particularizado pelas pessoas”. Para ele, o uso do *slogan* “Rede Vida – o canal da família brasileira” é uma estratégia de *marketing* que ainda não deu certo:

²² SOARES, Ismar de Oliveira. Entrevista concedida à autora em 27 de janeiro de 2005, Porto Alegre.

Naturalmente qualquer veículo tem o seu marketing. A Rede Vida tem o seu *marketing*. *Marketing* é a forma de se apresentar diante da população, seja essa forma coerente ou não com a realidade. O *marketing* não é construído a partir de uma verdade, mas a partir de uma intencionalidade – se quer que as pessoas pensem que. Então a Rede Vida quer que as pessoas pensem que ela é o canal da família. Porém, o que as pessoas pensam é que é o canal da Igreja, porque é muito explícita a presença dos sinais católicos. O *marketing* ainda não conseguiu êxito²³.

Caracterizada por ser um canal aberto de televisão, a Rede Vida não pertence à Igreja Católica, mas orienta-se pelos seus princípios. "Levar Jesus até os lares brasileiros é tarefa e missão da *Rede Vida*, pois Ele é a Vida". O compromisso assumido justifica uma programação (Quadro 1) diferenciada dos demais canais de TV aberta do Brasil. As intenções da Rede Vida, expostas no seu *site*, são claras:

Nossa proposta, portanto, está em perfeita sintonia com a missão de Jesus, pois ao semearmos na sociedade a cultura da Vida através da Televisão, certamente estaremos neutralizando a perniciosa cultura da morte, como tão bem a classifica o nosso Papa João Paulo II, hoje tão disseminada no meio da humanidade através destes modernos e potentes meios de comunicação. Queremos mostrar a vida confrontado-a com a morte que é apresentada diariamente ao vivo e a cores pelas redes de televisão.

Nossa **REDEVIDA** não é simplesmente mais um canal de TV a disputar a preferência do telespectador brasileiro, nem tampouco mais uma alternativa de programação. Nossos propósitos vão muito além disso. Nosso objetivo é ser um agente transformador da sociedade brasileira como um canal que promove a vida e combate a morte.

Queremos seguir rigorosamente a ordem de Jesus a nós cristãos: ser fermento na massa. Nós queremos levedar as massas brasileiras, impregnado-as com o fermento do amor verdadeiro que Ele nos ensinou. Só assim, então, conseguiremos erradicar o ódio, a violência, a corrupção, a pornografia, e tantos outros males capitais tão perniciosos que a cultura da morte fez vicejar em nossa sociedade. Só assim promoveremos a justiça tão almejada por todos²⁴.

A Rede Vida, segundo Barros Filho (2003), ao buscar essa programação diferenciada das demais emissoras comerciais brasileiras, sustenta-se no respeito à

²³ Ibid.

²⁴ Disponível em www.redevida.com.br/historia_editorial. Acessado em: 13 maio 2004.

Constituição Brasileira, nos artigos referentes à Comunicação Social (221 e 222). Portanto, norteiam sua programação, os princípios éticos, morais, sociais e cristãos. Monteiro entende que a Rede Vida “não faz nenhum ufanismo religioso” e, como emissora cristã, não católica, prima por tais princípios.

Quanto à ética, o presidente da Rede Vida estende-a a dois aspectos: administrativos e comerciais. A Rede Vida, segundo ele, por ser ética, não tem dívidas. “Ela não faz dívida. Ela não deve nada para ninguém. Ela não tem papagaio no banco. É uma emissora responsável. Só compra aquilo que pode pagar”. Além disso, a ética, para Monteiro, filtra a exibição de comerciais de bebida, cigarro ou que explicitem cenas de sexo.

A emissora, para Monteiro, preserva os princípios morais e cívicos. “Ela não é moralista, ela não é a dona da verdade, a salvadora da pátria, mas ela respeita os valores morais também”. Para o presidente da Rede Vida, a emissora contribui para a construção de uma pátria de paz, prosperidade e justiça social. “Todos nós precisamos cuidar da cidadania, faz parte até do civismo, faz parte daquilo que cada brasileiro deve fazer”. O projeto do Padre Anchieta²⁵ é o exemplo citado por Monteiro como atitude cívica.

²⁵ Projeto da Rede Vida, com o objetivo de auxiliar na canonização do Padre Anchieta, Apóstolo do Brasil. O projeto fomenta a formação de "mutirão de solidariedade" em todas as dioceses brasileiras e foi lançado em 13 de maio de 2003, pelo presidente da emissora, João Monteiro Filho. A meta é a construção de uma casa para uma família carente em cada município do país. A primeira casa foi inaugurada em Barretos, São Paulo, em 20 de junho de 2003. Outras 12 casas já foram construídas e outras seis estão em obras. Consulta ao site <http://www.odiariodebarretos.com.br/www1/anchieta/>. Acessado em: 17 maio 2005.

A Rede Vida é da família cristã, ética, moral e cívica. Aos olhos da Rede Vida, da “Sagrada Família”²⁶. A Rede Vida faz televisão para essa família. Entretanto, a família idealizada está longe de existir. Então, para quem a Rede Vida faz televisão?

1.3 A FALTA DE CONSENSO

A temática família, abordada anteriormente, é apenas um dos pontos que geram divergências. A programação da Rede Vida está longe de ser consenso entre os católicos. Há os que defendem a programação eclesial, voltada para o conteúdo doutrinal; entre estes, os que preferem o modelo carismático de fazer televisão e os que o criticam; e os que preferem uma emissora católica de cunho social, cultural e educativo, mais voltada aos princípios da Teologia da Libertação. A falta de consenso integra a história da Rede Vida, desde seu nascimento até os dias atuais. No fundo, as dúvidas sobre o perfil ideal de

²⁶ Estabelecemos uma relação com a expressão “Sagrada Família”, usada pela Igreja Católica para referir a família formada por José, Maria e Jesus, bem como para compreender os princípios da família cristã. Na Exortação Apostólica *Redemptoris Custos* (1989), João Paulo II diz: “Nesta grandiosa empresa da renovação de todas as coisas em Cristo, o matrimônio, também ele renovado e purificado, torna-se uma realidade nova, um sacramento da Nova Aliança. E eis que no limiar do Novo Testamento, como já sucedera no princípio do Antigo, há um casal. Mas, enquanto o casal formado por Adão e Eva tinha sido a fonte do mal que inundou o mundo, o casal formado por José e Maria constitui o vértice, do qual se expande por toda a terra a santidade. O Salvador deu início à obra da salvação com esta união virginal e santa, na qual se manifesta a sua vontade onipotente de purificar e santificar a família, que é santuário do amor humano e berço da vida». Quantos ensinamentos promanam disto, ainda hoje, para a família! Uma vez que ‘a essência e as funções da família se definem, em última análise, pelo amor’ e que à família «é confiada a missão de guardar, revelar e comunicar o amor, qual reflexo vivo e participação do amor de Deus pela humanidade e do amor de Cristo pela Igreja sua Esposa», é na Sagrada Família, nesta originária ‘Igreja doméstica’, que todas as famílias devem espelhar-se. Nela, efetivamente, ‘por um misterioso desígnio divino’, viveu escondido durante longos anos o Filho de Deus: ela constitui, portanto, o protótipo e o exemplo de todas as famílias cristãs”. Outros documentos católicos evidenciam a concepção de família: *Divino afflante Spiritu*. Carta encíclica sobre o modo mais oportuno de promover o estudo da Sagrada Escritura, 30 de setembro 1943, Pio VII; *Familiaris consortio*. Exortação apostólica da família crista no mundo de hoje, 22 nov. 1981, João Paulo II. *Carta às Famílias do Papa João Paulo II*, 2 fev. 1994. Carta Encíclica *Ecclesiam Suam*. Paulo VI. Roma, ago. 1964.

programação para a Rede Vida refletem a pluralidade de tendências existentes no interior da própria Igreja Católica.

Muitos tópicos são temas para discussão. Um deles é o Movimento Carismático. O estilo “Marcelo Rossi” de atuar na mídia tem se revelado eficiente. Mas, apesar de presente em alguns programas da Rede Vida, não agrada a todos. Por isso, as discussões sobre a Rede Vida perpassam o debate que há em torno das realizações da Renovação Carismática Católica (RCC).

O movimento nasce nos Estados Unidos, na década de 1960, e vem conquistando espaço, principalmente no campo das comunicações, através do uso que faz dos meios eletrônicos:

Este é o movimento católico que vai entrar com mais vigor na utilização do rádio e da televisão como forma de evangelizar. Ele é o responsável pela criação de associações diretamente voltadas aos meios de comunicação, tais como a TV Canção e a Associação do Senhor Jesus (ASJ) nos seus vários programas exibidos na Rede Vida e em outros canais abertos. Por insistir na arrecadação de fundos para esse fim, este tem sido o segmento com maior facilidade em produzir e ocupar os espaços na Rede Vida (DIAS, 2001, p.70).

O modelo carismático católico é muito próximo ao pentecostalismo evangélico. Elementos evangélicos pentecostais são apropriados pelos católicos, na tentativa de atrair os fiéis à Igreja. Guerra (2003) descreve algumas características que aproximam os carismáticos dos pentecostais: grupos de oração e louvor, a base da prática proposta na Renovação Carismática; atividades tais como retiros espirituais para a juventude, em períodos de carnaval, com o objetivo de evitar as impurezas da "festa da carne", vigílias de oração e louvor e reuniões de cura; músicas utilizadas nos "momentos de Louvor"; centralidade da "pregação"; ênfase na doutrina dos carismas ou "dons do Espírito Santo";

valorização da Bíblia – entre os carismáticos a leitura da Bíblia é especialmente valorizada; padrão comportamental conservador; atitude exclusivista em relação à afiliação e pertencimento; experiência subjetiva de conversão; o papel do leigo – a organização do movimento carismático é, essencialmente, laica; ênfase nos mecanismos de integração – o Movimento Carismático tem, como um dos principais atrativos, o espaço de encontro e convívio entre os fiéis.

Exemplo significativo do sucesso da RCC, que em 2000 somava oito milhões de simpatizantes²⁷, é o padre Marcelo Rossi. Descoberto em 1998, por uma produtora de discos, ele se tornou um fenômeno nacional, incorporado pela indústria da cultura, marcando fortemente a presença da Igreja Católica na mídia. A Rede Vida abriu espaço ao estilo de celebrações de Marcelo Rossi, que participa da programação da emissora, principalmente com o programa “Terço Bizantino”²⁸ e missas semanais. Segundo o *site*²⁹, a Rede Vida apostou no modelo alegre de celebrações, fazendo programas especiais com o sacerdote da diocese de Santo Amaro. Dom Fernando Figueiredo passou a integrar o conselho superior da emissora, acompanhando o trabalho do padre Marcelo Rossi no canal.

No entanto, para os críticos, Rossi transformou a fé em mercadoria, esquecendo a essência de uma religião que se preocupa com questões sociais e humanas. É neste aspecto, do *marketing* religioso, que se centra uma das principais características dos programas televisivos católicos, em sua maioria, ligada à RCC, e, também, um dos principais impasses da Igreja Católica, ao pensar as estratégias de exploração da TV. Programas

²⁷ ALMANAQUE ABRIL, 2002. Número de simpatizantes representado em 95% das dioceses, na forma de grupos de oração. Do total, 2 milhões são jovens entre 15 e 29 anos.

²⁸ Marcelo Rossi é divulgador do terço bizantino, uma espécie de rosário oriental utilizado pelos cristãos ortodoxos russos, mais rápido do que o tradicional.

²⁹ Consulta a www.redevida.com.br. Acessado em: 13 maio 2004.

feitos pela RCC, transmitidos pela Rede Vida, como o “Louvemos o Senhor”³⁰, analisado por Dias, não escapam às normas traçadas pelo mercado e precisam, além de construir discursos morais, adotar estratégias de *marketing* e propaganda (2001, p.128).

Os carismáticos apostam na religião como produto. Vendem artigos religiosos para arrecadar fundos, superando uma das principais dificuldades encontradas pela Igreja Católica na implementação de projetos televisivos. Desta maneira, aderem às leis do mercado (mesmo sem fins lucrativos ou que os lucros sejam revertidos para obras da Igreja), que regem a mídia, o que é criticado por outros grupos católicos.

Uma das estratégias mercadológicas de Marcelo Rossi foi o lançamento dos filmes **Maria, Mãe do filho de Deus** e **Irmãos de fé**. O primeiro, produção cinematográfica lançada em outubro de 2003 em todo o Brasil, resultou da adesão de Rossi à gravadora Sony que, além de atuar no mercado fonográfico, também trabalha com produções cinematográficas, pela Columbia. A empresa investiu R\$ 1,9 milhões para distribuir o filme em 250 salas do país. Marcelo Rossi atua, mas abriu mão do cachê, fechando um contrato com a Columbia, pelo qual 50% da arrecadação será aplicado em obras sociais de sua igreja, o Terço Bizantino. Os lucros estão estimados em R\$ 500 mil. O filme é uma das produções mais caras feitas no Brasil, com um orçamento de R\$ 6,8 milhões (MARTHE; VALLADARES, 2003, p.98).

Além de Marcelo Rossi, atuam no filme Giovanna Antonelli e Luigi Baricelli, atores da Rede Globo. A temática abordada na produção tem significativos interesses. Ao falar da vida de Maria, o filme entra no mercado da indústria cultural, colocando em

³⁰ O programa "Louvemos ao Senhor" não consta, atualmente, da grade de programação da Rede Vida. Na época em que foi analisado por Arlindo Pereira Dias (2000-2001), era veiculado nos domingos à tarde.

destaque a devoção da Igreja Católica a Maria, própria dos católicos. Esta estratégia é uma ofensiva contra os evangélicos (não-devotos de Maria), que crescem a cada dia, principalmente com a ajuda dos meios de comunicação.

Irmãos de fé foi lançado em 2004, também pela Columbia e, assim como o primeiro, foi dirigido por Moacyr Góes. O drama passa-se em São Paulo e conta a história da vida do apóstolo Paulo, a partir do Ato dos Apóstolos. Mais uma vez, atuam atores renomados como Thiago Lacerda, no papel principal, Othon Bastos e José Dumont, além, é claro, de Marcelo Rossi. O longa-metragem teve um orçamento de quase R\$ 5 milhões³¹.

Os dois filmes são exemplos do *jeito* carismático de ser católico. Compõem a face de um novo catolicismo, caracterizado, conforme Guerra (2003), pela pequena duração do sermão (segundo Rossi, porque o sermão extenso é enfadonho e afasta o fiel da igreja. PADRE MARCELO, 1998); pela despolitização dos temas abordados; e pela significativa preocupação com a linguagem empregada, a exemplo do que faz o padre Zeca (José Luiz Jansen de Mello Neto).

O padre Zeca tem atraído multidões de jovens tanto pelo seu comportamento informal quanto pela fala pontuada por gírias. Realiza grandes encontros de jovens, intitulados *Deus é Dez*. Costuma refletir o *design* jovem do produto também nas roupas que veste. O padre combina o colarinho de religioso com uma calça jeans e um par de tênis pretos. Os ajudantes nos eventos, os gêmeos Márcio e Marcelo, vestem bermuda, tênis e camisa sem manga, deixando as tatuagens à mostra (PADRE MARCELO, 1998).

³¹ Disponível em: http://columbianovo.virtual-net.com.br/hotsites/irmaosdefe_new//. Acessado em: 25 fev. 2004.

Tanto nos encontros do padre Zeca, quanto nas missas do padre Marcelo Rossi há valorização do gestual corporal. Rossi, por exemplo, inventou a *Aeróbica do Senhor*, uma série de movimentos feitos ao som de músicas religiosas cantadas nas missas celebradas por ele.

Guerra (2003) entende que essas características têm em comum o fato de atenderem a uma lógica segundo a qual tudo passa a ser decidido em referência aos desejos dos prováveis consumidores de religião, num exercício claro da lógica da propaganda e do *marketing*. Mas alerta que a sua interpretação não reduz as intenções e os resultados do exercício da fé.

Não há dúvida de que a soma mídia e religião, proposta pelos carismáticos, obteve bons resultados. Porém, a Rede Vida, como televisão nacional e para os “cristãos”, não pode incorporar, apenas, esta fórmula, porque estaria contrariando o princípio da diferença. A Rede Vida necessita uma programação que contemple a diversidade existente dentro da própria Igreja (diálogo intra-eclesial), considerando que nem todos os fiéis são adeptos do movimento carismático.

Sem a intenção de opor tendências, ao lado do Movimento Carismático, aqui referido porque tem se destacado nas atividades de comunicação, estão a chamada *Igreja dos Pobres* e, ainda, os católicos conservadores. Esses e outros modos de ser católico perpassam a Rede Vida e interferem na elaboração da grade de programação, bem como na produção dos programas.

A Igreja dos Pobres engloba um amplo movimento social/religioso, chamado de Teologia da Libertação³². A idéia central da Teologia da Libertação sintetiza-se na expressão consagrada pela Conferência dos Bispos Latino-Americanos de Puebla (1979): “a opção preferencial pelos pobres”. Colocar-se do lado dos pobres e ajudá-los é a proposta daqueles que desenvolvem o movimento. Entretanto, como bem salienta Löwy (2000), a teologia da libertação é, antes de tudo, uma reflexão religiosa e espiritual.

O autor (2000) aponta alguns princípios básicos que caracterizam a teologia da libertação: a luta contra a idolatria como inimigo da religião; a libertação humana histórica como a antecipação da salvação final em Cristo; a crítica à teologia dualista, que opõe e separa a história humana e a história divina; uma nova leitura da Bíblia, com atenção especial ao livro de Êxodo; a forte crítica moral e social ao capitalismo injusto; o uso do marxismo como instrumento analítico a fim de entender as causas da pobreza; a opção preferencial pelos pobres e a solidariedade como sua luta pela autolibertação; o desenvolvimento de comunidades de bases cristãs, as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs).

As CEBs são pequenos grupos de vizinhos “que pertencem à mesma comunidade, favela, aldeia ou zona rural populares e que se reúnem regularmente para rezar, cantar, comemorar, ler a Bíblia e discuti-la à luz de sua experiência de vida” (LÖWY, 2000, p.83). Fazem parte de uma diocese e têm relações com agentes pastorais. Em particular, na Igreja latino-americana, as CEBs contribuíram para a criação e o desenvolvimento de

³² A Teologia da Libertação é a reflexão de uma práxis expressa em corpo de textos, produzidos por latino-americanos, entre eles, os brasileiros Rubem Alves, Hugo Assmann, Carlos Mesters, Leonardo Boff, Frei Betto. O seu nascimento ocorre com a publicação de Teologia da Libertação – perspectivas, de Gustavo Gutiérrez, em 1974. Este trabalho resulta de 10 anos de prática de cristãos com um compromisso social, bem como de vários anos de discussão entre teólogos progressistas latino-americanos (LÖWY, Michael. **A guerra dos deuses**: Religião e política na América Latina. Trad. de Vera Lúcia Mello Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 2000).

movimentos sociais. No Brasil, um dos exemplos é o Movimento dos Trabalhadores Sem Terra.

Assim como o Movimento Carismático, as CEBs, inseridas à Teologia da Libertação, têm papel importante nas práticas de comunicação popular. As CEBs produziram uma interação entre a educação, a cultura e a comunicação popular. É nas CEBs que encontramos o princípio da comunicação popular na Igreja. A comunicação nas CEBs acontece através do contato direto entre as pessoas, em reuniões e encontros, e mais tarde começa-se a tecer uma extensa rede de comunicação popular, composta por uma multiplicidade de boletins diocesanos, folhetins litúrgicos, literatura de cordel, cadernos de formação, elaborados pela própria comunidade (FESTA, 1986, p.19).

Na avaliação da autora (1986, p.21), o período de 1970 a 1978 foi marcado pelos processos de comunicação popular, atrelados à educação e à cultura popular, através de manifestações políticas que instrumentalizaram adequadamente à comunicação. Na perspectiva de outro autor, Motta (1987, p.50), a importância desse movimento está no papel que cumpre ao satisfazer as necessidades de comunicação da população, que está insatisfeita com a oferta de informação dos sistemas massivos.

Löwy (2000) avalia que as CEBs e a Teologia da Libertação foram fundamentais para várias lutas importantes pela democracia e pela emancipação social na América Latina nos últimos 25 anos. Influenciaram, inclusive, em algumas mudanças históricas, como na formação do Partido dos Trabalhadores, no Brasil, na Revolução Sandinista, na Nicarágua e na insurgência popular, em El Salvador.

Entretanto, a política de normalização, aplicada pela Igreja Romana à Igreja latino-americana, enfraqueceu a Teologia da Libertação. Löwy acredita que a ofensiva neoconservadora de Roma, na América Latina, é parte de “um processo universal de ‘restauração’ na Igreja Católica, que conduz a uma centralização cada vez mais autoritária do poder, à marginalização de dissidentes e a uma ênfase doutrinal na tradição”³³ (2000, p.216). Dentre as estratégias da Cúpula Romana, está a nomeação de bispos conservadores para substituir aqueles que se afastavam ou morriam, e que antes apoiavam as atividades pastorais comprometidas com as mudanças sociais. A Igreja Romana, por sua vez, apóia as correntes conservadoras, como o Opus Dei, fundado em 1928, pelo padre espanhol Escriba de Balaguer, e, inclusive, movimentos como a Renovação Carismática.

A ênfase na doutrina católica tem sido uma constante na programação das televisões católicas. Para Gomes (2002), os canais católicos existentes hoje, como a Rede Vida, a TV Novo Milênio e a Canção Nova, estão voltados somente para os convertidos, deixando de ser o anúncio de uma proposta para uma pessoa leiga e não-engajada. Para um melhor aproveitamento deste meio, Gomes critica a produção televisiva católica que dá ênfase ao conteúdo:

Se fizer uma excelente televisão com conteúdo cristão, vou ter muito mais força do que fazer uma péssima televisão e dar religião o dia todo. E esse é o problema que a Igreja não conseguiu resolver ainda. A Igreja tem muita dificuldade em se adequar aos meios, porque parte do pressuposto de *eu tenho o conteúdo e esse conteúdo é verdadeiro e verdadeiro é tudo que estiver a serviço para transmitir esse conteúdo*. Ela não sabe usar, ou comete equívocos, perdendo espaço no imaginário do povo para outras correntes e outros valores (2002, p.13).

³³ A estratégia de normalização da Igreja latino-americana tem, na Conferência de Santo Domingo (1992), um momento importante. O Vaticano deseja fazer da Conferência um marco no realinhamento da Igreja latino-americana com Roma. O período de preparativos e a própria Conferência foram marcados pelas tensões e divergências entre conservadores e progressistas, principalmente, em torno das discussões sobre o quinto centenário da descoberta das Américas e sobre o pedido de perdão aos povos latino-americanos.

Soares afirma que a Rede Vida é “exatamente o espelho da doutrina assumida pela instituição (Igreja Católica)”³⁴. Os bispos católicos (refere-se aqui à CNBB), segundo Soares, têm o cristianismo como uma doutrina que gera uma forma de vida e de comunicação. O mais importante, para os bispos, é a doutrina, é o conteúdo difundido por Jesus Cristo. “Para a Igreja hierárquica é essencial que se garanta que eles detenham a informação sobre o conteúdo. Isso faz parte da antropologia da Igreja Católica”³⁵.

Já um outro olhar, defendido por Soares, vê como a grande novidade do cristianismo a “forma” como Jesus comunicava. “Sendo Jesus Cristo a encarnação de Deus, ele dialogava, ele contava histórias, ele pedia que as pessoas interpretassem as histórias, e quando elas não conseguiam, ele dava dicas, fazia perguntas”³⁶. A lógica se inverte: a forma de vida de Jesus gera uma doutrina. Do ponto de vista de Soares, a Rede Vida assume a primeira versão interpretativa, valorizando em demasia o conteúdo das informações transmitidas, colocando em segundo plano a “forma”.

Conforme a CNBB, a Rede Vida precisa desenvolver uma política específica para a grade de programação, "que espelhe, de modo pluralista, as várias tendências legítimas presentes na comunidade eclesial e na sociedade" (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, n.59, 1997, item 101). A preocupação expressa no documento (1997) é com a ampliação do "leque da grade de programação da Rede Vida de Televisão e a dilatação de sua repercussão junto à grande audiência, procurando alcançar não somente os fiéis que já freqüentam os espaços eclesiais, mas também as populações afastadas da Igreja".

³⁴ SOARES, Ismar de Oliveira. Entrevista concedida à autora em 27 de janeiro de 2005, Porto Alegre.

³⁵ Ibid.

³⁶ Ibid.

A programação existente hoje não satisfaz a CNBB, mas, na verdade, esta se empenha pouco para gerar mudanças, porque, em consonância com a Igreja Romana, prioriza a doutrina. A comunicação na Igreja Católica fica, mais uma vez, dependendo da superação das dificuldades, enfrentadas, ao longo dos anos, nas suas relações internas de Igreja e desta com outras religiões e com a sociedade.

Além de se referir à Rede Vida, o documento da CNBB aponta a necessidade de se implementar uma política de aproximação ao mundo da televisão. Sugere a obtenção da concessão de canais em UHF – Educativas, por dioceses e instituições de ensino ligadas à Igreja, cabendo ao Setor de Comunicação da CNBB oferecer assessoria para a viabilidade dos canais. Segundo o documento, os trabalhos realizados deveriam acontecer cooperativamente, a fim de se obter o fortalecimento das experiências (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, n.59, 1997, itens 97 e 98).

Frente ao surgimento de emissoras de âmbito regional e ao desenvolvimento da Rede Vida, a CNBB afirma que tais projetos atendem às necessidades específicas, mas que podem ser complementares. Entretanto, confia que a Rede Vida "venha atender a uma necessidade da comunidade católica de ver a sua voz e seus valores serem promovidos em todo país" (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, n.75, 1999, itens 203 e 204).

Essa tendência à cooperação entre as iniciativas de comunicação dos católicos, defendida pela CNBB, se expressa, por exemplo, no acordo firmado, em 2000, entre a Rádio Aliança FM e a Rede Vida. Conforme Dalvit, o acordo permite à Rede Vida usar as instalações da Rádio Aliança, inauguradas naquele ano, no Morro EMBRATEL, de Porto

Alegre (2000, p.125). Viabiliza a instalação de equipamentos como transmissor, estabilizador e gerador. Dalvit avalia o gesto como "colaboração mútua em favor da missão da Igreja, que é a de evangelizar também de 'cima dos telhados'" (2000, p.125).

Na perspectiva do estudo da CNBB, os possíveis espaços de atuação para as televisões de orientação católica são os campos educacional e social. O primeiro se justifica pela função educadora, assumida pela Igreja, desde os tempos da colonização, e pela conjuntura socioeconômica, em que grandes empresários e o Estado estão investindo nessa área. Já o segundo é uma opção de atuação, porque contempla as diversas pastorais, dando legitimidade ao público, aos anunciantes e à presença da Igreja nesse meio (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, n.75, 1997, itens 201 e 202).

A importância da utilização da televisão foi reconhecida pela Igreja Católica e hoje está entre as suas preocupações, apesar de não haver um consenso em torno de qual tendência a comunicação televisiva deva seguir, o que reflete as tensões existentes no interior da própria Igreja. Os católicos têm consciência sobre a importância da comunicação e dos meios, como a televisão.

"A obtenção de um consenso mínimo, entre os diferentes segmentos que constituem a macrossociedade eclesial, a respeito das bases teóricas sobre as quais construir uma política de comunicação" é o desafio, apontado como primordial pela CNBB (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, n.75, 1997, item 67). Não queremos afirmar, com isto, que as diferenças devam ser anuladas, porque elas são necessárias ao diálogo. É preciso, neste contexto, considerar que, apesar das contradições

existentes no interior da Igreja Católica, esta preservou sua unidade enquanto instituição. Talvez este seja o princípio para que as ações da Igreja, no campo das comunicações, tomem rumos acertados.

2 O CONFLITO CONSTANTE ENTRE IGREJA CATÓLICA E COMUNICAÇÃO

Por vezes, as relações entre a Igreja e os meios de comunicação podem ser maculadas por mal-entendidos recíprocos, que suscitam receio e desconfiança. É verdade que a cultura da Igreja e a cultura midiática são diferentes [...]. Mas não há razão alguma para que as diferenças tornem impossível a amizade e o diálogo. Muitas das amizades mais profundas encontram precisamente nas suas diferenças o encorajamento de sua criatividade e os laços recíprocos (JOÃO PAULO II. Mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais, 1999).

Retomamos, aqui, aspectos relevantes sobre a história da Igreja Católica e sua relação com a comunicação. Para tanto, revisamos períodos históricos marcantes, destacando, a partir de documentos oficiais da Igreja³⁷, diferentes posicionamentos da instituição diante dos meios de comunicação. Partimos do pressuposto que o diálogo é fundamental para a efetivação das práticas comunicativas da Igreja no contexto atual. Tal perspectiva permeia a história da instituição e está entre as diversas bases teóricas que conflitam na construção das políticas de comunicação da Igreja Católica. Ao longo do capítulo, encontram-se considerações sobre a posição dialógica expressa em momentos distintos da história e em significativos documentos.

³⁷ Devido ao grande número de documentos, delimitar-nos-emos aqueles que avaliamos mais significativos em termos de conteúdo. Cientes da relevância dos demais, acreditamos que a revisão e a análise do conjunto total dos documentos exigiria outra pesquisa.

2.1 A IGREJA SENTE MEDO – A IMPRENSA É O INIMIGO

A relação da Igreja Católica com os meios de comunicação remete, num primeiro momento, à invenção da imprensa, no século XV. A imprensa abala as estruturas da Igreja Católica, instituição eclesiástica que concentrava poder.

A invenção da imprensa, com tipos móveis, por Gutenberg, em torno de 1450, em Mogúncia, “é o fenômeno que mais contribuiu, para determinar uma das maiores ‘mutações’ da história da civilização” (GIOVANNINI, 1987, p.88), afetando variadas esferas da sociedade. O potencial desta nova tecnologia foi, aos poucos, sendo reconhecido e disseminado por todo o continente europeu, provocando grandes rupturas. A imprensa não só contribuiu com as mudanças de caráter social, econômico e cultural que ocorreram a partir do século XV, marcando o nascimento do mundo moderno ocidental. Ela também provocou uma crise na instituição eclesiástica e na vivência da fé católica. As técnicas de impressão não eram vistas com bons olhos pela Igreja. Elas representavam ameaça ao poder³⁸ que os católicos detinham. A imprensa, para a Igreja, passa a ser um inimigo perigoso.

A Igreja Católica posicionou-se criticamente diante da nova tecnologia, e assumiu atitude de defesa face à descoberta. A história sobre reação da Igreja é extensa. Está registrada em documentos oficiais da instituição ao longo dos anos que sucedem a nova invenção. Segundo Puntel (1994, p.32), o pensamento da Igreja a esse respeito consta do **Inter Múltiplices**, publicado pelo papa Inocêncio VIII, em 1487. A preocupação

³⁸ Poder, relacionado aos meios de comunicação, implica a “capacidade de intervir no curso dos acontecimentos, de influenciar as ações e crenças de outros e, na verdade, de também criar acontecimentos” (THOMPSON, John. **O escândalo político**: Poder e visibilidade na era da mídia. Petrópolis: Vozes, 2002, p.131).

voltava-se para a vida espiritual dos católicos e para os problemas que o advento da imprensa poderia trazer ao controle eclesiástico da produção cultural da época.

Através da constituição **Inter Multiplices** (1487), primeiro documento da Igreja sobre a imprensa, o papa definiu a linha de pensamento da hierarquia: “No campo do Senhor deve-se semear apenas aquilo que possa alimentar espiritualmente as almas fiéis” (SOARES, 1988, p.36-37).

A trajetória da Igreja mostra que os papas não negaram o valor da imprensa, mas suas preocupações voltaram-se para os perigos de seu uso e abuso. A atitude se justifica porque, realmente, a tipografia contribuiu para o abalo das estruturas desta instituição, sobretudo com o uso que lhe foi dado pelos protestantes. A posição pode ser exemplificada pelas medidas de controle, tomadas pelas autoridades eclesiásticas, para eliminar erros e opiniões contrários à religião católica.

Na época, foi instituída a Inquisição – “nome dado ao tribunal eclesiástico, encarregado de punir todas as pessoas consideradas culpadas de ofensas contra a ortodoxia católica” (PUNTEL, 1994, p.32). A Inquisição era responsável pela proibição dos livros que julgasse perniciosos, pela queima daqueles de que suspeitava, e pela condenação à morte na fogueira das pessoas que se recusassem a mudar de crença. Outra atitude foi tomada pelo papa Paulo IV, no século XVI (1559), que publicou um *index* de autores e de livros que não podiam ser editados nem lidos. Segundo Puntel (1994, p.32), o “*index* foi aprovado por Pio IV, confirmado pelo Concílio de Trento e somente abandonado em 1966, durante o pontificado de Paulo VI”.

A crise foi agravada pelas iniciativas de diversos grupos que passaram a solicitar reformas urgentes no campo religioso e a protestar contra a lentidão e a dificuldade da

Igreja em se adaptar aos novos tempos. Dessas divergências, resultou a cisão no seio da instituição e o surgimento da Reforma Protestante. A figura do monge Martinho Lutero foi exemplar a esse respeito. Em 31 de outubro de 1517, Lutero afixou, à porta da igreja de Wittenberg, conforme o costume das disputas acadêmicas, uma lista de 95 teses, em latim, a respeito do primado do Papa e de temas conexos, lançando seu protesto contra a doutrina católica (BETTENCOURT, 1995, p.24).

Diante da emergência de idiomas modernos, Lutero defendia a necessidade de que o culto fosse celebrado em língua vernácula, para diminuir a distância que se interpunha entre o clero e o povo. Uma de suas principais atitudes foi a tradução da Bíblia para o alemão. Esse procedimento estava relacionado à doutrina, que tomava a Bíblia como fonte única de fé. Lutero defendeu o princípio de que cada fiel podia, devia ter e interpretar livremente a Bíblia (ZILLES, 1998, p.117).

O uso da imprensa pelos reformadores marcou a relação entre a Igreja Católica e as tecnologias da comunicação, mostrando, exemplarmente, as potencialidades do novo meio e as mudanças trazidas por ele. A iniciativa de Lutero não teria atingido tal resultado sem a ajuda da imprensa para a difusão de suas teses.

O Protestantismo é considerado o primeiro movimento a explorar a imprensa, como meio massivo, e a utilizar os novos prelos de propaganda contra a Igreja Católica. Eisenstein (1998, p.168), ao analisar a história da imprensa, destaca o uso da panfletagem e de cartazes, caricaturas e *cartuns*, que atacavam tanto os opositores de Lutero quanto o clero católico, com o intuito de conquistar o apoio popular. Soares (1988, p.40) identifica a Reforma Protestante como o primeiro exemplo de propaganda bem sucedida, através do

uso da imprensa. Lutero utilizou-se da impressão para ridicularizar os símbolos católicos e para identificar a figura do papa à do coletor de impostos. Os resultados foram imensos, como descreve Dickens, na passagem citada por Eisenstein:

Entre 1517 e 1520, as trinta publicações de Lutero venderam com toda a probabilidade mais de 300 mil exemplares [...] No total, com respeito à disseminação das idéias religiosas, parece difícil exagerar a importância da imprensa, sem a qual uma revolução daquela magnitude dificilmente poderia ter-se dado [...] Por meio deste veículo, Lutero teve condições de causar na mente européia impressões precisas, padronizadas e indeléveis. Pela primeira vez na história da humanidade, um grande público leitor julgava a validade de idéias revolucionárias por meio de um veículo de massa que usava tanto a língua vernácula como as artes do jornalista e do cartunista (1998, p.167).

A Igreja reagiu. Utilizou a imprensa como meio de difusão de livros e de materiais de estudo, como breviários, para sacerdotes em missão distante; livros escolares, para seminários; literatura religiosa, para leigos; e folhetos, usados pelo Ofício de Propaganda. Com suas estruturas abaladas, tomou iniciativas para a refrear o potencial da máquina impressora. A expressão mais forte foi o Concílio de Trento, realizado em meados do século XVI. As principais decisões ficaram em torno da manutenção do latim, contrariando os protestantes que defendiam a língua vernácula nos cultos. O poder clerical na estrutura da Igreja e o celibato sacerdotal foram acentuados e reafirmados. O Concílio, diante da popularização da leitura da Bíblia, promovida por Lutero, recomendou a divulgação de catecismos com os resumos das verdades da fé. A Igreja agiu de modo conservador, mentalidade reforçada pela assembléia conciliar. O Concílio Vaticano I (1869-1870) deu vigor às posições autoritárias da Igreja, ao proclamar a infalibilidade papal.

A respeito da imprensa, o Concílio de Trento negou a autorização de novas edições da Bíblia, alegando a necessidade da obediência leiga e a imposição de fortes

restrições às leituras dos leigos, e desenvolveu mecanismos para canalizar a produção literária dentro das linhas prescritas pela Igreja Católica. Essas, segundo Eisenstein (1998, p.179), foram algumas das decisões tomadas com o intuito de conter as novas forças desencadeadas pela invenção de Gutenberg e, poderíamos dizer, com o objetivo de conter o inimigo “imprensa”.

É importante ressaltarmos que não foi apenas o Protestantismo, como movimento, que levou a Igreja Católica a tomar tais decisões, mas também a imprensa e os novos impulsos por ela proporcionados. Acreditamos, entretanto, que a proposta do Protestantismo foi fundamental para que as técnicas de impressão fossem incorporadas às suas estratégias de divulgação. O uso da imprensa ocorreu porque as teses de Lutero estavam em sintonia com as mudanças viabilizadas pelas novas técnicas. A principal relação fica por conta da doutrina protestante, em que o texto escrito da Bíblia passa a ser a única fonte de ensinamentos e, com isso, qualquer pessoa pode assumir a função de pastor ou de autoridade religiosa (ZILLES, 1998, p.119).

Admitimos que a imprensa foi suporte importante para que o Protestantismo atingisse tais efeitos, modificando para sempre a Igreja Ocidental, e dividindo-a entre protestantes e católicos. Pela primeira vez na história da humanidade, uma religião esteve tão ligada a aspectos tecnológicos e deles dependeu, como ocorreu na Reforma. O *como* as mensagens eram transmitidas foi fator determinante para um sistema religioso que se deparou com a necessidade de mudanças.

Os séculos XVI e XVII mantêm-se marcados por uma postura papal, que Soares (1988) convencionou chamar de *contra-revolução*. Pio VI (1775-1779) propõe a contra-

revolução cristã, opondo-se à revolução burguesa; entre 1800 e 1823, Pio VII considera a imprensa o inimigo número um da humanidade; Gregório XVI (1831-1846) condena a liberdade de imprensa; por fim, Pio IX (1846-1878) é contra o racionalismo, considera a lutas liberais uma conspiração universal contra a Igreja e o poder civil, e se refere ao perigo do socialismo e do comunismo.

2.2 O PRINCÍPIO DAS MUDANÇAS – O INIMIGO NÃO É TÃO MAU...

No pontificado de Leão XIII (1878-1903), a vida eclesial tomava novos rumos, destacando-se uma maior flexibilidade em relação à imprensa e às novas tecnologias de comunicação, em particular ao rádio e ao cinema. Naquele período, a Igreja passou a pensar que poderia usar a mídia para difundir o bem, de modo a combater o mal que vinha sendo disseminado pela sociedade, através desses mesmos meios.

A tendência dos documentos mantém-se. Contudo, algumas atitudes dão sinal de abertura. Soares (1988) menciona, entre elas, a primeira audiência concedida por um papa a jornalistas profissionais, em 22 de fevereiro de 1879. A Igreja começou a aproximar-se do inimigo. Talvez porque percebeu o seu potencial. Ou ainda, porque unir suas forças a ele lhe fosse mais conveniente.

Daquela época, até 1939, a Igreja Católica passou por diferentes momentos, que demonstraram o quanto teve dificuldades em admitir as potencialidades e os aspectos positivos dos novos instrumentos midiáticos. Além das mudanças, trazidas pela imprensa,

o cinema foi outra tecnologia que despertou debate no interior da Igreja Católica. Foi nessa época que Pio XI cria, em 1928, a Organização Católica Internacional para o Cinema (OCIC). O mesmo papa menciona o poder e o potencial do cinema na encíclica **Vigilanti Cura**, de 1936, através da qual, pela primeira vez, na história da Igreja, é abordada uma única tecnologia e são apresentados critérios para a promoção de bons filmes (PUNTEL, 1994, p.35-38).

Sobre a televisão, o primeiro pronunciamento oficial ocorreu em abril de 1949, por ocasião de uma gravação de Pio XII para a **Radiodiffusion Française**. O interesse pelo cinema e pelas demais tecnologias de comunicação da época, o rádio e a televisão, foi retomado e enfatizado na encíclica **Miranda Prorsus**, de 8 de setembro de 1957, de Pio XII, e considerada a primeira grande síntese da doutrina da Igreja Católica sobre a comunicação. A encíclica é caracterizada como uma advertência pastoral, baseada em duas premissas: a primeira reconhece que as novas tecnologias são dons de Deus; a segunda diz que os seres humanos são responsáveis pelo uso que se faça delas. O documento condena o uso da comunicação para interesses econômicos e políticos e alerta para a formação crítica dos espectadores. Aponta para uma comunicação que favoreça e desenvolva a cultura humana e os valores espirituais da sociedade (PUNTEL, 1994, p.43-44).

Soares (1988, p.90-91) identifica como novidades na **Miranda Prorsus** a condenação do uso dos meios de comunicação para fins políticos ou econômicos; a aceitação positiva da uniformização da cultura, desde que se faça a partir dos valores autênticos; o projeto de formação de educadores, a fim de preparar os espectadores para as mensagens da mídia.

2.3 O CONCÍLIO VATICANO II – A IGREJA APROXIMA-SE DO INIMIGO

Um dos acontecimentos mais importantes na história da Igreja Católica, que fortalece as discussões sobre a comunicação e evidencia os sinais de abertura, bem como a importância do diálogo Igreja/mundo, foi o Concílio Vaticano II, realizado de 1962 a 1965. Deter-nos-emos no segundo dos 16 documentos publicados pelo Concílio II: o decreto **Inter Mirifica** (4 de dezembro de 1963), que trata sobre a comunicação. Retornaremos aos documentos conciliares no capítulo seguinte, quando discutiremos a questão do diálogo.

Pela primeira vez, um Concílio Ecumênico coloca em pauta a comunicação. Através do decreto **Inter Mirifica**, a Igreja aceitou, oficialmente, a comunicação, para desenvolver um trabalho pastoral. Puntel afirma que, "pela primeira vez, um documento universal da Igreja assegura a obrigação e o direito de ela utilizar os instrumentos de comunicação social, e apresenta a primeira orientação geral da Igreja para o clero e para os leigos sobre o emprego dos meios de comunicação social" (1994, p.53):

Dentre estas invenções, porém, destacam-se aqueles meios que não só por sua natureza são capazes de agir e movimentar os indivíduos, mas as próprias multidões e a sociedade humana inteira, como a imprensa, o cinema, o rádio, a televisão e outros deste gênero, que por isso mesmo podem ser chamados com razão de Instrumentos de Comunicação Social (DECRETO INTER MIRIFICA, 1972, item 1)

A expressão *instrumentos de comunicação social* foi criada por ocasião do Concílio, e responde à preocupação da Igreja em não reduzir a comunicação a simples instrumentos técnicos de transmissão, mas considerá-la como um processo entre os homens (DARIVA, 2003, p.68). Soares (1988) avalia que o uso deste termo é um dos avanços do **Inter Mirifica** com relação aos documentos antecessores.

Para Puntel, a maior contribuição do **Inter Mirifica** está na consideração do direito à informação, visto pela Igreja como um bem social, e não como um objeto de interesses comerciais (1994, p.61). Na avaliação da autora, o documento representa um divisor de águas quanto à posição da Igreja Católica em relação à mídia. Positivamente, o decreto reconhece que é dever de todos contribuir para a formação de opiniões públicas dignas; assume as tecnologias da comunicação como indispensáveis à ação pastoral; e oficializa o Dia Mundial da Comunicação, dedicado a ensinar aos fiéis seus deveres sobre os meios de comunicação (DARIVA, 2003, p.69).

Soares (1988, p.105) entende que o **Inter Mirifica** dá ao tema “cidadania e independência na Igreja”. Apesar de identificar avanços, Soares analisa as limitações dos mesmos. Ao mesmo tempo em que reconhece o direito à informação, limita-o ao uso dos instrumentos de comunicação, “não chegando a defini-lo como um direito natural e intrínseco ao homem”, tal como concebe o **Seminário sobre a Nova Ordem Mundial da Informação e Comunicação e os Direitos Humanos** (Equador, 1982). As críticas de Soares estendem-se à questão da opinião pública. O **Inter Mirifica** reconhece que é dever de todos contribuir para as retas opiniões públicas. Do ponto de vista do autor, a formação da reta opinião pública substitui a cega obediência exigida nos documentos do passado.

A Igreja reconhece a importância dos meios de comunicação para a evangelização e assume o dever de ensinar o “reto uso” dos mesmos. A preocupação com o “reto uso” perpassa todo o documento. O “reto uso” está condicionado às normas morais da Igreja. O próprio direito à informação, umas das mais significativas contribuições do **Inter Mirifica**, apresenta-se relacionado ao “uso correto” dos instrumentos de comunicação social.

O cumprimento das leis morais da Igreja é destacado como fundamental ao uso dos meios, tanto por parte dos pastores e dos fiéis, quanto por parte dos usuários. O tom do **Inter Mirifica** está mais para os cuidados que se deve ter, do que para avanços que aproximem a Igreja dos meios. A aproximação proposta está presa à condição do uso dos meios de comunicação a partir dos valores morais da Igreja, a qual se coloca à disposição para “ensinar aos homens o seu reto uso” (item 3).

Segundo Montero, o **Inter Mirifica**, que visava à preparação do cristão para se defender dos perigos dos meios de comunicação, avança muito pouco em relação aos documentos anteriores, mantendo a noção-chave de *vigilância* (1991, p.137), como mostra um levantamento de trechos do documento, feito pela autora. Parece-nos que, mesmo tentando aliar-se ao inimigo, a Igreja mantém-se alerta, porque longe de seus cuidados e de suas orientações, ele pode traí-la:

... é preciso que a Igreja cuide para que esses meios sejam retamente utilizados; é preciso que os cuidados vigilantes dos Sumos pontífices e dos Bispos corrijam seu mau uso: para o emprego correto desses instrumentos é absolutamente necessário que todos os que fazem uso dele conheçam as normas da ordem moral. É preciso fazer prevalecer a boa informação (verdadeira, íntegra, equilibrada), a reta opinião pública (justiça e caridade); é preciso vigilância especial para defender os jovens contra a imprensa e os espetáculos nocivos e para preservar os bons costumes e o progresso da sociedade (MONTERO, 1991, p.137).

O **Inter Mirifica** não apresenta uma perspectiva muito diferente das assumidas pela Igreja em documentos anteriores. O diálogo, um dos pontos-chave do Concílio Vaticano II, não se faz presente, com clareza, no documento referente à comunicação. Contudo, está explícito em outros documentos conciliares, indicando relevância entre os católicos.

No Decreto **Christus Dominus**, por exemplo, o Concílio afirma que a doutrina cristã deve ser proposta aos homens por um "método adaptado às necessidades dos tempos". Estabelece como dever da Igreja dialogar com a sociedade humana na qual vive e, como tarefa dos bispos, irem ao encontro dos homens, procurar e promover o diálogo com eles. Para tanto, recomenda que o anúncio da doutrina cristã requer o emprego de variados meios, inclusive os instrumentos de comunicação social (item 1041).

O diálogo é referido pela constituição **Gaudium et Spes**. A Igreja abre-se ao mundo de hoje, refletindo sobre as características da sociedade moderna, na tentativa de entendê-lo e de contribuir com ele. O documento servir-nos-á de referência para entendermos a perspectiva dialógica na Igreja. Abordaremos esse aspecto em capítulo posterior. Importante, aqui, é percebermos o **Inter Mirifica** como documento-referência para pensarmos a comunicação na Igreja Católica. Nele, a Igreja reconhece a importância dos meios técnicos de comunicação, deseja usá-los, orienta para o seu uso adequado aos valores morais. A Igreja aceita o inimigo. Ela quer usá-lo para seus interesses. Admite seu potencial, mas não cede e parece dizer: "ele é bom enquanto estiver do nosso lado".

2.4 PÓS-CONCÍLIO – IGREJA QUER CONVERTER O INIMIGO

Dois documentos servem-nos como marcos referenciais para pensar a comunicação na Igreja no período pós-conciliar. As instruções pastorais **Communio et Progressio** (1971) e **Aetatis Novae** (1992).

O mais avançado documento da Igreja, referente à comunicação, é a instrução pastoral **Communio et Progressio**, da Comissão Pontifícia para os Meios de Comunicação Social, de 23 de maio de 1971, uma resposta ao decreto **Inter Mirifica**. O texto não tem a importância de um documento conciliar, embora tenha sido solicitado pelo Concílio. De qualquer modo, é um documento da Igreja. "A **Communio et Progressio** é considerada como a Magna Carta da comunicação cristã, caracterizada por uma aproximação mais positiva entre a comunicação e a Igreja, aproximação profissional e concreta" (DARIVA, 2003, p.82).

Conforme Montero (1991), neste texto, pela primeira vez, a Igreja percebe e se rende à importância da mídia na organização da vida moderna. Deste momento em diante, as atitudes defensivas dão espaço à compreensão de um novo mundo que emerge à sombra dos sistemas de comunicação. Não é mais possível enfrentar o inimigo, agora fortalecido pelos desenvolvimentos tecnológicos e capitalistas. A Igreja alia-se a ele. Mas, o olhar crítico permanece.

A **Instrução Pastoral** (1971) entende que a mídia deve ser tomada como instrumento dos planos de Deus para promover as relações sociais durante a vida, na terra, e como recurso usado pelos homens para fomentar o amor. O uso da mídia, para a Igreja Católica, deveria ser pautado pela *liberdade humana* (MONTERO, 1991, p.137-138).

De modo geral, a instrução pastoral **Communio et Progressio** apresenta a doutrina de que os meios de comunicação devem contribuir para a comunhão entre os homens, tendo em vista o bem comum e o progresso humano. Soares (1988, p.109) percebe a permanência do caráter ideológico, ao identificar, na Instrução, um discurso

subjacente, de aproximação entre a missão da Igreja e a missão designada aos meios de comunicação – contribuir com a comunhão entre os homens está em harmonia com a missão da Igreja.

A **Communio et Progressio** apresenta as linhas gerais dos princípios de doutrina e das orientações pastorais. Sugere que estes sejam adaptados às circunstâncias particulares, de acordo com as necessidades. Por isso, os documentos da América Latina e do Brasil, da CNBB, estão sustentados também na Instrução. Com fundamentação teológica, o documento insiste, em vários momentos, na prática dialógica. O diálogo na Igreja e da Igreja com o mundo norteiam a doutrina. O fato se justifica porque a Instrução atende aos interesses conciliares.

O papel dos meios de comunicação é "dar a conhecer os problemas e aspirações da sociedade humana, para que sejam satisfeitas o mais rapidamente possível, contribuindo assim para estreitar os laços de união entre os homens" (1971, item 5). O documento observa que, se faltar ao homem, ao utilizar os meios de comunicação, consciência e boa vontade, os efeitos poderão ser contrários, chegando ao ponto de negar ou adulterar valores humanos. O ideal, para a Igreja, seria que o inimigo se convertesse à moral cristã.

A eficácia dos trabalhos realizados pelos meios de comunicação é avaliada como plena, quando estes informam com "sinceridade, honestidade e verdade" (item 17). Tal é o compromisso do jornalismo, ao produzir a notícia. "As notícias transmitidas, por exemplo, deverão constar [...] de acontecimentos de tal modo situados que os destinatários possam cair bem na conta dos problemas da sociedade, e assim trabalhar para a sua solução" (item 16). Quanto às notícias que a Igreja fornece sobre si, a Instrução orienta que se distingam

pela integridade, verdade e abertura. Em ambas as situações, o dever de responsabilidade com o receptor exige que o jornalista cuide da informação tão bem que permita ao receptor "interpretar corretamente o que recebe, e exercer em seguida a parte ativa que lhe compete" (item 15).

Os católicos, a partir do Concílio Vaticano II, defendem o direito à informação e o direito de informar, o que justifica as considerações feitas sobre o jornalismo. "O homem moderno precisa de informação completa, honesta e precisa" (item 33). A afirmação é válida tanto para os emissores (jornalistas) quanto para os receptores, considerando as responsabilidades de cada um. Garantidos esses direitos, o homem, de acordo com a Instrução, desempenhará papel ativo na sociedade.

Conforme a Instrução Pastoral, os fatos devem ser apresentados segundo a realidade e contextualizados nela. É relevante observar o tom, o estilo e a linguagem com que se comunica algo. O documento situa as dificuldades que os jornalistas enfrentam para captar a verdade e serem fiéis na sua exposição. Os fatores *instantaneidade*, *seleção* do que será noticiado diante de incontáveis fatos; a *pressa* e a tentação ao *sensacionalismo*, são aspectos comentados pela Instrução, ao se referir à prática jornalística.

O jornalismo, além de informar a verdade, tem de se comprometer com a formação da opinião pública, no sentido de que deve ser um espaço de "livre confronto de opiniões. Os meios de comunicação são uma espécie de praça pública onde se trocam impressões espontaneamente. A expressão das diferentes opiniões, assim confrontadas, contribui para o enriquecimento e o progresso da vida social" (item 24).

Para Soares (1988, p.110), faltou ao documento

explicar como conciliar o direito de todos os grupos de – coexistindo nas chamadas sociedades pluralistas com interesses antagônicos – se expressarem livremente, fazendo uso dos instrumentos, num sistema que se caracteriza por um tipo de propriedade dos meios que contradiz o espírito de “proximidade” e “comunhão”.

Os comunicadores têm a responsabilidade de recolher, elaborar e divulgar opiniões. Nesse sentido, é relevante o comentário da Instrução sobre a influência que exercem as opiniões transmitidas por pessoas com cargos ou representatividade na sociedade. A escolha das fontes, aquelas pessoas a quem os veículos de comunicação dão voz, está relacionada à formação da opinião pública e à responsabilidade do jornalismo.

A boa formação da opinião pública requer que os direitos à informação e de informar sejam assegurados. Ao jornalista deve ser garantido o acesso às fontes, às informações verdadeiras, além do direito de livre expressão, desde que corresponda ao bem comum. Aos receptores é necessário garantir o acesso aos canais de informação, para que possam escolher livremente os que mais satisfazem a suas exigências individuais e sociais, bem como à livre expressão. Daí a crítica da Igreja Católica à formação de monopólios no setor da comunicação. Nesse contexto,

os modernos meios de comunicação reúnem os homens de nosso tempo, como que em mesa-redonda, para o convívio fraterno e a ação comum. Na verdade, estes meios suscitam e difundem por toda a parte relações entre os homens e promovem diálogo público e universal. A torrente de informação e opinião, assim movimentada, faz de cada homem um participante no drama, nos problemas e dificuldades do gênero humano; participação que cria, por sua vez, as condições necessárias para a compreensão mútua, que conduz ao progresso de todos (item 19).

Em função disso, os comunicadores suscitam e estimulam o diálogo existente na sociedade. A escolha que fazem, na produção de programas de TV, por exemplo, das fontes e dos assuntos (no jornalismo, as pautas), a serem abordados pelos meios de comunicação, é relevante nesse processo. Para que se estabeleça o diálogo, a Instrução orienta que os assuntos selecionados levem em conta as exigências do público e as várias correntes de opinião. Além disso, designa, como papel dos jornalistas, "não só relatar a verdade dos fatos, mas também comentar os mais importantes de entre estes, medindo o seu alcance e esclarecendo a sua mútua relação" (item 75).

Tais perspectivas revelam a preocupação da Igreja em manter um diálogo com o mundo, em dois sentidos. Primeiro, a Igreja busca conhecer o mundo através daquilo que divulgam os meios de comunicação. Segundo, em seus próprios veículos de comunicação, procura respeitar a diversidade de opiniões, conforme orienta a Instrução, nos itens 124 e 127, tornando-os espaço de encontro e confronto de idéias. O documento valoriza os programas religiosos – noticiários, comentários, debates televisivos ou radiofônicos – como válidas contribuições à instrução e ao diálogo.

O público não é eximido de responsabilidades. A ele cabe assumir posição ativa: criticar, julgar e complementar as notícias. Esse papel é fundamental, segundo a **Communio et Progressio**, para que o diálogo se complete.

Cabe ressaltar a orientação da Instrução quanto à necessária competência profissional, que requer formação adequada e conhecimento teórico e técnico sobre os meios de comunicação, bem como das linguagens e características própria de cada veículo.

O reconhecimento das peculiaridades de cada veículo é um dos pontos relevantes da Instrução.

Considerando que a instrução pastoral **Communio et Progressio** é o principal documento da Igreja Católica sobre a comunicação, ela deixa a desejar em alguns aspectos. Puntel salienta que, na instrução, "a Igreja louva a idéia de progresso tecnológico" (1994, p.67-68), mas desconsidera a dimensão política e econômica desses meios, como também aponta Soares (1988). Desta forma, mantém-se no "idealismo", aplicando "regras" morais ao uso dos meios, éticas inviáveis à sociedade atual, o que, de certa forma, se reflete na programação da Rede Vida.

Por fim, é relevante mencionar que o novo Código Canônico, promulgado por João Paulo II, em 1983, não legitima os avanços da **Communio et Progressio**. Segundo Soares (1988), com relação à comunicação, o novo Código Canônico mantém uma visão instrumentalista e desconhece a necessidade e a legitimidade da opinião pública na Igreja.

O Pontifício Conselho para a Comunicação Social retoma os princípios dos documentos conciliares – **Inter Mirifica** e **Communio et Progressio** – ao publicar a instrução pastoral **Aetatis Novae**, em 22 de fevereiro de 1992. O Pontifício Conselho deseja refletir sobre as idéias dos documentos conciliares e pós-conciliares, aplicadas a um novo contexto: de uma sociedade que vê surgir "novas tecnologias de comunicação", cujos usos deram origem a "novas linguagens", as quais suscitam "ulteriores possibilidades para a missão da Igreja, assim como novos problemas pastorais" (item 2).

Aetatis Novae sublinha que os meios de comunicação transformam tudo o que é necessário para a humanidade compreender o mundo que a envolve e para verificar e expressar a percepção do mesmo, inclusive aquela que se possa ter da Igreja. A novidade no documento, conforme Gomes (2004, p. 243), está na reflexão que parte da realidade e, a seguir, é iluminada pela doutrina. O documento apresenta os contextos cultural, social, político e econômico para entender aspectos da comunicação social.

A crítica à prevalência dos interesses lucrativos (privatização e comercialização não regulamentada) sobre a responsabilidade pública dos meios é retomada. A dimensão política e econômica dos meios, apesar de mencionada, não é aprofundada. Um aspecto novo é o caráter cada vez mais “multinacional” dos meios. A solução para tais problemas, segundo o Pontifício Conselho, é a maior regulamentação, conforme as normas do serviço público, e a maior responsabilidade pública.

O documento conciliar reforça o papel da comunicação como “comunhão”. A serviço dos homens e das culturas, “é imperativo que os meios de comunicação respeitem e participem no desenvolvimento integral da pessoa”, promovendo, também, a comunicação interpessoal. Sua ausência, conforme o documento, é fonte de problemas individuais e sociais.

O “diálogo com o mundo”, como princípio conciliar, continua presente entre as preocupações do Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais, conforme o item 8. Do mesmo modo, reafirma-se o desejo de “estabelecer um diálogo honesto e respeitoso com os responsáveis pelos meios de comunicação”.

Aos meios de comunicação cabe estar a serviço da comunidade humana e do progresso social, comprometendo-se com o anúncio da “Boa Nova de Jesus Cristo”, bem como com a promoção do desenvolvimento das pessoas e da sociedade humana. Além disso, devem servir à comunhão eclesial e ao programa de “reevangelização e de nova evangelização da Igreja no mundo contemporâneo” (itens 10 e 11). Na tentativa, ao que nos parece, de ir além dessa visão “utilitarista dos meios de comunicação”, a **Aetatis Novae**, citando Paulo II, afirma que “não é suficiente usá-la para difundir a mensagem cristã e o Magistério da Igreja, mas é necessário integrar a mensagem nesta ‘nova cultura’, criada pela moderna comunicação... com novas linguagens, novas técnicas, novas atitudes psicológicas”.

Em **Aetatis Novae**, a Igreja reflete positiva e abertamente sobre os meios de comunicação, mas se propõe a avaliá-los criticamente. Do nosso ponto de vista, reforça uma visão dualista (bem e mal), já exposta em documentos anteriores, de que os meios de comunicação podem ser usados “para proclamar o Evangelho, como para o afastar do coração do homem” (item 4).

A Igreja, segundo o documento, pode fornecer uma “verdadeira ajuda”, ao indicar critérios éticos e morais para a utilização consciente dos meios de comunicação. O “bom uso”, referido nos documentos conciliares, é reforçado na **Aetatis Novae**. O entendimento, ao que nos parece, é que o “novo contexto” torna ainda mais urgente o “bom uso” dos meios de comunicação. Percebemos a tentativa de conversão do inimigo: o “bom uso” obedece à moral católica.

Optamos por nos deter nos documentos referidos até então. Tomamo-los como marcos referenciais para entender o pensamento da Igreja sobre a comunicação. Num primeiro momento, a imprensa fez-se inimigo a ser combatido. Desde já, os potenciais do inimigo começaram a ser percebidos. A aproximação era iminente e necessária. A Igreja alia-se a ele, já mais forte, devido aos avanços tecnológicos e ao contexto socioeconômico; tenta entendê-lo; quer dialogar com ele e através dele. Contudo, aquele perigo do princípio, mesmo amenizado, aos olhos dos católicos, sobrevive. E dá sinal de vida quando resiste à conversão. A comunicação hoje é fundamental para a Igreja, assim como o é aquilo que ela concebe como o “bom uso” dos meios.

Do mesmo modo que abordamos aspectos doutrinários relativos à Igreja mundial, buscaremos alguns marcos na história latino-americana e brasileira. Sentimos necessidade de abordá-los em função de nosso objeto de estudo, a Rede Vida, uma emissora brasileira.

2.5 CONFERÊNCIAS LATINO-AMERICANAS E COMUNICAÇÃO

Voltando a atenção aos documentos da Latino-América, percebemos o quanto as considerações sobre a comunicação estão permeadas por aspectos que constam nas conclusões do decreto **Inter Mirifica** e da Instrução Pastoral **Communio et Progressio**. Direcionamos nosso olhar às conclusões das quatro conferências episcopais realizadas entre os países da América Latina. As relações entre Igreja e comunicação estão em consonância com as apresentadas em documentos mundiais. Porém, o contexto continental evidencia-se como elemento particular.

Diferenciando-se das demais Conferências, o encontro realizado no Rio de Janeiro, em 1955, sobre os “Meios especiais de propaganda”, enfatiza a importância de que cada país tenha, ao menos, um diário católico nacional, e que as demais publicações sejam atrativas, com qualidade técnica e informacional, sem perder de vista o critério católico. Pontua a necessidade de estimular a instalação de emissoras de rádio dotadas de pessoal, cultural e tecnicamente bem preparado. Não faz considerações sobre a televisão, apenas recomenda o estudo e a observância dos ensinamentos pontifícios. As conclusões da I Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano destoam do conteúdo das conferências seguintes pelo fato desta primeira reunião ter ocorrido antes do Concílio Vaticano II, mas também pelo contexto social da época.

"A Igreja Universal acolhe e incentiva os maravilhosos inventos da técnica [...] e na América Latina a Igreja recebe com prazer a ajuda providencial destes meios" (1968, item 4). Desse modo, a II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, realizada em Medellín, Colômbia, e aprovada pelo papa Paulo VI, em 1968, explicita a postura dos católicos diante dos meios de comunicação. A abordagem apresentada pelo documento enfatiza a importância destes meios para "sensibilizar a opinião pública" no indispensável processo de transformação da América Latina, considerando-os "agentes ativos do processo de transformação quando se colocam ao serviço de uma autêntica educação integral" (1968, item 2.3).

O que viria a ser o centro das discussões em termos de comunicação, foi abordado entre setembro e outubro de 1966, em Santa Inês (Peru), no **I Seminário Latino-**

Americano dos responsáveis pelos Secretariados Nacionais de Opinião Pública³⁹ (I Seminário Continental das Comissões Episcopais), bem como em outros três seminários regionais⁴⁰.

Os seminários colocaram em evidência as condições socioeconômicas-políticas e culturais da América Latina, na época. Considerar aspectos contextuais indica um olhar preocupado da Igreja para o mundo, fato relevante para a consolidação de uma postura aberta, pertinente à época. A Igreja Latino-Americana vê o continente em situação de “subdesenvolvimento”. Do ponto de vista econômico, a dependência contribui para o desequilíbrio entre as necessidades da população e as possibilidades de satisfazê-las. No campo político, destacam-se: a instabilidade dos regimes; o analfabetismo; a crescente migração do campo para a cidade e a conseqüente urbanização acelerada; além da marginalização massiva. A explosão demográfica e a existência de uma população predominantemente jovem também caracterizam os países da América Latina, bem como problemas vinculados a aspectos ecológicos e culturais. A América Latina, conforme constata os seminários católicos, compreende uma “multiplicidade de subculturas”, caracterizando-se pela diversidade cultural.

Avaliada a realidade, a Igreja preocupa-se em promover a mudança social. Uma “ação intensiva de evangelização” faz-se necessária. Esta, por sua vez, requer o uso dos

³⁹ O evento foi realizado pelo Conselho de Coordenação (CODECO), integrante do Departamento de Opinião Pública, que agrupa organismos e/ou instituições que trabalham no mesmo campo apostólico – comunicação. Ver DALE, Romeu. **Igreja e comunicação social**. São Paulo: Paulinas, 1973. p.306.

⁴⁰ Os Seminários Regionais de Meios de Comunicação Social aconteceram em 1968, meses antes da II Conferência Episcopal Latino-Americana. O primeiro foi realizado em Montevideu, de 6 a 16 de maio; o segundo ocorreu em Santa Inês, de 24 de maio a 2 de junho; e o terceiro realizou-se em San José (Costa Rica), em julho.

“instrumentos de comunicação social”, sejam eles “massivos” ou “não-massivos”⁴¹. Os “massivos” podem ajudar na formação de uma opinião pública que favoreça a mudança social; já os “não-massivos” são mais adequados para explicar a doutrina cristã e possibilitar uma ação livre e consciente de adesão pessoal a Cristo. De modo geral, os meios de comunicação

devem sensibilizar a opinião pública para o processo de mudanças que vive a América Latina e ajudar a orientá-lo, pressionar os centros de poder que inspiram os planos de desenvolvimento para que os orientem segundo as conveniências do bem comum; divulgar esses planos e promover a participação de toda a sociedade em sua execução (II SEMINÁRIO REGIONAL DE MEIOS DE COMUNICAÇÃO, 1968, item II).

A Conferência de Medellín tem grande importância para a comunicação porque é a primeira a ser realizada após o Concílio Vaticano II. Devido à relevância que os documentos conciliares dão à comunicação, as conclusões das Conferências episcopais passam a dedicar maior atenção ao setor. Nas conclusões da Conferência de Medellín, um capítulo é dedicado aos meios de comunicação, valorizando-os como “instrumentos vitais” para o trabalho pastoral da Igreja na América Latina.

“Evangelização no presente e no futuro”. Este foi o tema da III Conferência Geral do Episcopado Latino Americano, ocorrida em 1979, em Puebla, no México. Os meios de comunicação são objeto da quinta seção do terceiro capítulo, que trata dos “meios para a comunicação e a participação”. O documento reconhece que os meios de comunicação são fatores de comunhão e que contribuem para a integração latino-americana, bem como para a expansão e a democratização da cultura.

⁴¹ Conforme o I Seminário Latino-Americano dos responsáveis pelos Secretariados Nacionais de Opinião Pública, os meios “massivos” são aqueles que se dirigem ao grande público (imprensa, rádio, televisão, cinema e teatro como diversão); e os “não-massivos” são o cinema e o teatro, como arte, revistas e semanários especializados; livros, fóruns e outras formas que favoreçam o diálogo pessoal e a participação ativa.

As conclusões da II e III Conferências Episcopais retomam os princípios doutrinários da instrução **Communio et Progressio**. Reforçam a orientação geral de que o fim principal de toda a comunicação é a união e a solidariedade.

Em Medellín, as referências aos possíveis aspectos negativos dos meios de comunicação foram poucas. Diferente de Puebla. Enquanto que em Medellín a preocupação estava em entender os meios de comunicação como agentes de transformação, em Puebla, o eixo das discussões parece deslocar-se para os efeitos negativos ao homem e para a necessidade da formação e da educação do receptor.

A Conferência de Puebla enfatizava a necessidade de

denunciar o controle desses meios de Comunicação Social e a manipulação ideológica que exercem os poderes políticos e econômicos, que se empenham em manter o *status quo* e até em criar uma nova ordem de dependência-dominação [...]. A exploração das paixões, dos sentimentos, da violência e do sexo, com objetivos consumistas, constituem uma flagrante violação aos direitos individuais (1979, item 1069).

Os jornalistas, segundo as conclusões da III Conferência, são capazes de manipular informações, desorientando a opinião pública. Tal preocupação vem seguida da afirmação de que o monopólio da informação permite o uso arbitrário dos meios e dá lugar à manipulação de mensagens, de acordo com interesses setoriais. Outro aspecto negativo estaria na presença de programas estrangeiros, capazes de produzir "transculturação não-participativa e mesmo destruidora de valores autóctones".

Por fim, a Conferência de Puebla condenava o sistema publicitário, tal como se apresentava, e o uso abusivo do esporte, enquanto elemento de evasão.

Os Meios de Comunicação Social têm-se convertido muitas vezes em veículo de propaganda do materialismo reinante, pragmático e consumista, e criam em nosso povo falsas expectativas, necessidades fictícias, graves frustrações e um doentio afã competitivo (PUEBLA, 1979, item 1073).

Essa percepção da Igreja repete-se nas conclusões episcopais da IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, realizada em Santo Domingo, República Dominicana, em 1992. As conclusões do encontro fazem alusão ao monopólio, pelo qual grupos econômicos e políticos manipulam a comunicação, "impondo uma cultura que estimula o hedonismo e o consumismo e atropela nossas culturas com os seus valores e identidades. [...] A publicidade freqüentemente introduz falsas expectativas e cria necessidades fictícias", e a programação televisiva incita "a violência e a pornografia que penetram agressivamente no seio das famílias" (1992, item 280).

Relacionadas a essas preocupações, as conclusões de Puebla apresentam, entre suas propostas pastorais, a necessidade de "educar o público receptor para que tenha uma atitude crítica perante o impacto das mensagens ideológicas, culturais e publicitárias que nos bombardeiam continuamente, com o fim de neutralizar os efeitos negativos da manipulação e massificação" (1979, item 1088).

A Conferência de Santo Domingo (item 284) reafirma essa ótica, indicando um "plano de educação" que oriente para a percepção crítica e para a capacidade de utilizar, ativa e criativamente, os meios e sua linguagem, empregando os símbolos culturais do nosso povo. As idéias de formação e de educação do receptor já se faziam presentes na conferência de Medellín, que vê, neste trabalho, a possibilidade de os indivíduos desenvolverem o senso crítico e tomarem decisões com responsabilidade.

As conclusões das conferências episcopais, além de apresentarem um posicionamento da Igreja Católica com relação aos meios de comunicação na sociedade, mostram uma breve avaliação das ações da Igreja neste setor. Em Medellín, os bispos reconheceram que a Igreja empreendeu uma série de iniciativas neste campo. Contudo, elas não foram suficientes ou não alcançaram resultados satisfatórios. A falta de uma visão clara do que representa a comunicação social e o desconhecimento das condições que seu uso impõe, são possíveis justificativas para os fracassos.

Na avaliação da Conferência de Puebla, a Igreja tem uma doutrina explícita sobre os meios de comunicação, mas não consegue colocá-la em prática, além de que as ações desenvolvidas não correspondem às exigências do momento. As mesmas preocupações aparecem nas conclusões de Santo Domingo, ao afirmar que a presença da Igreja no sistema de meios de comunicação é insuficiente.

As recomendações pastorais desses documentos dão indicativos da compreensão que a Igreja tem dos meios de comunicação, bem como do papel que confere a eles no interior da instituição. De modo geral, as conferências reconhecem o direito e a importância da Igreja ter meios próprios, adaptando sua mensagem à linguagem dos mesmos e utilizando-os para evangelizar e prestar serviços à comunidade. Destacam a necessidade de promover a formação de profissionais católicos capacitados para atuar na mídia. A criação de pastorais, assim como de órgãos voltados para o setor, e o apoio das organizações já existentes, são outras questões ressaltadas.

Em Medellín, os bispos levantam um tópico que, apesar de não aparecer de modo explícito nas demais conferências, está presente nas discussões que acontecem em torno da

programação da Rede Vida. Um dos impasses da emissora está na definição da linha de programação a ser seguida: o debate fica entre os que defendem programas mais eclesiais e aqueles que gostariam de ver a Rede Vida como um espaço para uma programação mais cultural e voltada para aspectos sociais. A Conferência de Medellín revela a mesma preocupação, quando diz que

a comunicação social é para a Igreja o meio de apresentar a este continente uma imagem mais exata e fiel de si mesma, transmitindo ao grande público não apenas notícias relativas aos acontecimentos da vida eclesial e suas atividades, mas, sobretudo, interpretando os fatos à luz do pensamento cristão (1968, item 2.5).

Esta preocupação faz-nos voltar o olhar para os seminários latino-americanos que antecederam a Conferência de Medellín, referidos no início deste subcapítulo. Quanto aos programas e ao material jornalístico, o **I Seminário Continental das Comissões Episcopais** orienta que os mesmos não devem limitar-se ao especificamente católico, mas, também, levar uma projeção mais geral, difundindo temas de interesse comum. Mas a quais meios o documento se refere?

Há duas situações: a primeira diz respeito aos meios de comunicação da própria Igreja; a segunda, à inserção da Igreja nos meios considerados “neutros”⁴². Segundo as conclusões do Seminário, a propriedade dos meios de comunicação pela Igreja permite que a instituição expresse seu pensamento, sem depender dos meios alheios. Contudo, e a ressalva repete-se nos outros seminários regionais que antecederam a Conferência de Medellín, os meios da Igreja, em muitos casos, não são aconselháveis. Primeiro, porque

⁴² O termo foi utilizado no documento do I Seminário Continental das Comissões Episcopais (Santa Inês, 1966). Designa os instrumentos de comunicação social não vinculados nem oficial nem oficiosamente à hierarquia ou a organismos eclesiásticos, bem como instrumentos confessionais não-católicos. O Seminário diferencia-os dos instrumentos de comunicação social ‘próprios’, de propriedade do clero ou de comunidades religiosas, ou, ainda, que tenham qualquer outro tipo de vinculação oficial ou oficiosa com a Igreja.

supõem esforços econômicos desproporcionais aos resultados; segundo, porque o caráter confessional afasta o grande público.

Os seminários latino-americanos insistem na aproximação da Igreja aos meios “neutros”. Desse modo, a Igreja poderia ampliar os contatos com o mundo e contribuir para transformá-lo. O uso dos meios “neutros” é recomendável por razões de maior difusão da mensagem e economia de recursos. Tanto nos meios “próprios” como nos “neutros”, a “mensagem cristã deve ser transmitida de tal forma que não se apresente como imposição e conquista, mas como oferecimento permanente de diálogo e cooperação” (**Seminário Continental das Comissões Episcopais**, 1966). Reforça-se a idéia de que os meios próprios devem ampliar o âmbito de seu conteúdo, abarcando todos os temas que possam ser de interesse geral.

Tanto a ampliação da atuação dos meios “próprios”, principalmente em termos de conteúdo, quanto à aproximação da Igreja aos meios “neutros”, têm implícito o princípio do diálogo, do qual nos apropriamos para pensar a prática da Rede Vida. Ao retomar o sentido da palavra “católico”⁴³, o **I Seminário Regional de Meios de Comunicação Social** enfatiza que o conteúdo da mensagem da Igreja deve abarcar a “abertura diante de todos e de tudo”. Portanto, a atitude da Igreja frente ao mundo deve ser de diálogo e de serviço.

O III Seminário afirma que a Igreja avançou nesse sentido, mas que precisa insistir nessa linha, segundo as orientações do Concílio Vaticano II. Vinculadas a essa perspectiva, estão as considerações presentes nos seminários latino-americanos de que é

⁴³ A etimologia da palavra conota “universalidade – direção e abertura de todos e de tudo”. Ver conclusões do I Seminário Regional de Meios de Comunicação Social, Montevideu, 1968.

preciso, através do uso dos “instrumentos de comunicação social”, respeitar as diferenças culturais, bem como as sociais, da América Latina. Após percorrermos os documentos das Conferências Episcopais da América Latina, voltamos, em seguida, nosso olhar a documentos da Igreja Católica no Brasil.

2.6 DOCUMENTOS BRASILEIROS – CNBB E COMUNICAÇÃO

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), por meio da coleção “Documentos da CNBB”, hoje composta por 71 livros, publicados pela editora Paulinas, transmite, ao longo dos anos, as diretrizes para a comunicação. Proporciona reflexões sobre os assuntos que envolvem este setor, através da coleção “Estudos da CNBB”. Os documentos que compõem a coletânea de livros resultaram das assembleias da CNBB e das preocupações pastorais dos bispos. Os livros mostram que a Igreja, no Brasil, aos poucos, descobre a importância da comunicação como espaço para a evangelização. Orientam para o uso que a Igreja deve fazer dos meios de comunicação; para a formação técnica e profissional; condenam o monopólio e o mau uso da mídia; sugerem que os receptores sejam educados para a criticidade e tenham uma postura ativa.

Segundo Dariva, os documentos da CNBB entendem

que os meios de comunicação exercem profunda influência na população católica e podem ser de grande utilidade na ação pastoral e catequética do povo cristão. Ao mesmo tempo, é explícita a preocupação dos bispos sobre os meios de comunicação que, manipulados e nas mãos de poucos, a serviço do poder político e econômico, podem causar danos à família, à juventude e a toda a sociedade (2003, p.515-516).

A Igreja se vê desafiada a enfrentar o mundo das comunicações. Nos seus sucessivos documentos, a CNBB convoca o povo católico a olhar para os desafios que a cultura moderna impõe à Igreja. Entretanto, é no projeto “Rumo ao Novo Milênio” que esta convocação se salienta.

Devido às exigências metodológicas e à relevância atual, faremos referência ao documento **Igreja e Comunicação Rumo ao Novo Milênio**, publicado a partir da 35ª Assembléia Geral da CNBB, realizada de 9 a 18 de abril de 1997, em Itaici, Indaiatuba, São Paulo. Também buscaremos fundamentação no texto publicado pela coleção “Estudos da CNBB”⁴⁴, elaborado pela Comissão Episcopal nomeada pela presidência da CNBB, para conduzir a reflexão sobre o tema, na referida assembléia. Além disso, fundamentar-nos-emos no Texto-Base da Campanha da Fraternidade de 1989.

O tema da 35ª Assembléia foi sugerido nas discussões propostas pela Campanha da Fraternidade, realizada em 1989, que teve por tema “Fraternidade e Comunicação”, e por lema “Comunicação para a Verdade e a Paz”. A Campanha Anual da Fraternidade (CF), projeto lançado, pela primeira vez, em âmbito nacional, em dezembro de 1963, é uma atividade ampla de evangelização, realizada durante a Quaresma. Neotti (1994) afirma que a CF, talvez, seja “o maior fenômeno de Comunicação e Evangelização da Igreja no Brasil nos últimos 30 anos”.

De acordo com a CNBB, é um momento de conversão, de gestos de fraternidade, de exercício pastoral de conjunto em prol da transformação de situações injustas e não cristãs. Aberta na Quarta-Feira de Cinzas, e realizada durante a Quaresma, a CF é nacional,

⁴⁴ O texto foi preparado pela comissão da Equipe de Reflexão da CNBB. Porém, a autoria referida na publicação é da Comissão Episcopal.

envolve todos os níveis da Igreja e serve como pano de fundo para outras campanhas anuais da Igreja (NEOTTI, 1994).

A cada ano, a Campanha é desenvolvida com base em um tema escolhido dentre os aspectos da vida da Igreja e da sociedade, os desafios sociais, econômicos, políticos, culturais e religiosos da realidade brasileira. Considera as Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil e os documentos do Magistério da Igreja Universal, bem como a Palavra de Deus e as exigências da Quaresma. Numa primeira fase, a CF contemplou temas da vida interna da Igreja. A partir de 1973, passou a se preocupar com a realidade social do povo, e, de 1985 em diante, os temas voltaram-se para situações existenciais dos brasileiros.

Com a realização do evento, em 1989, a Igreja destacou dois aspectos a serem discutidos: a comunicação interpessoal, enfatizando um apelo ao diálogo e à aproximação dos seres humanos; e os aspectos relativos ao universo da mídia massiva. A Igreja estava preocupada com a comunicação de massa, voltada para a fraternidade, e com o combate à imposição cultural da mídia (FAMÍLIA CRISTÃ, 1989, p.17-18).

A CF-1989, norteadada pelo texto-base, foi apresentada como desafio aos católicos, com os objetivos de “despertar a consciência crítica do receptor no uso dos media, como atitude interior necessária para a Comunicação da Verdade e da Paz. Quer também conscientizar os receptores sobre seu papel de agentes de influência na orientação de programas nos Meios de Comunicação” (Texto-Base, 1989, p.7). Verdade e paz, expressões do lema da CF, são os objetivos de todo processo de comunicação criadora de fraternidade. Segundo Gomes (2004), o texto-base da CF-1989 explicita a compreensão da

comunicação como processo. No Brasil, junto com a Carta aos Comunicadores (1984), o documento da CF marca esse posicionamento.

O texto-base da CF-1989 divide-se em três momentos sustentados na metodologia “Ver, Julgar e Agir”. Numa primeira parte, apresenta a comunicação como desafio para a sociedade e para a Igreja. O documento, apesar de diferenciar comunicação interpessoal e comunicação grupal de comunicação social, entende que, independente de sua abrangência, comunicação é um processo circular: “só há verdadeira comunicação quando o emissor comunica o que é, e se abre ao acolhimento do outro, a ponto de se identificar com ele, sem dominá-lo” (1989, p.11).

O “porém” manifestado na expressão “sem dominá-lo” parece-nos fundamental. Justifica as críticas apresentadas no texto-base da CF aos meios de comunicação social. O domínio dos mesmos, por grandes grupos, torna-os “um dos grandes sustentáculos do poder”. Além disso, a natureza técnica dos meios causa “ruptura total entre emissor e receptor” e “leva o público a aceitar, não poucas vezes, massiva e emotivamente, tudo o que se transmite”. Com relação à cultura, apesar dos meios de comunicação social contribuírem com sua difusão, acentuam o hedonismo e o consumismo. O texto-base da Campanha (1989, p.13-23) faz referência à Nova Ordem Mundial da Informação e da Comunicação (NOMIC) como “uma tentativa de romper o domínio do poder sobre a comunicação e de democratizar o sistema de informação”. A comunicação popular alternativa é comentada como uma possibilidade para a mudança.

O entendimento do que é comunicação vale também para a Igreja. Conforme o texto-base, “hoje requer-se uma relação dialogal, participativa e fraterna em seu interior.

[...] A verdadeira comunicação se faz através da escuta, do diálogo e da participação” (1989, p. 25-27).

A perspectiva mantém-se. A comunicação, de acordo com a CNBB, é um processo dialógico, ou seja, que acontece em duas vias, num ir e vir. Este é um dos núcleos básicos da teologia cristã da comunicação, segundo a qual todos, como evangelizadores, devem ser especialistas e se empenhar em "anunciar a todas as pessoas, pelo testemunho e, através das novas tecnologias da Comunicação, Jesus Cristo, Caminho, Verdade e Vida" (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 1997, n.56, p.6). As orientações indicam a essência dos documentos da CNBB sobre a comunicação, demonstrando que a fundamentação da Igreja no Brasil, para pensar o setor, são os documentos do Concílio Vaticano II, bem como os latino-americanos pós-concílio.

Na perspectiva da CNBB, a comunicação é fundamental para o anúncio do Reino, cabendo à Igreja assumir, com maior eficácia, este campo "como elemento constitutivo de sua missão evangelizadora". Com fundamentação teológica, a CNBB (1997) insiste no "processo dialógico de comunicação". Propõe aos comunicadores cristãos assumir essa perspectiva na relação que mantêm com os profissionais de comunicação que trabalham nos meios massivos, e também "diante do próprio fenômeno da comunicação, desenvolvendo projetos que permitam uma maior aproximação ao homem contemporâneo, à sociedade e à opinião pública" (1997, item 16).

Nessa perspectiva, está o compromisso da Igreja em

dar especial atenção à cultura brasileira e seus agentes de criação, veiculação e consumo de bens simbólicos, nas relações da Igreja com a sociedade, dialogando com: as culturas que nascem a partir da comunicação; os que produzem

comunicação; os veículos; para detectar a melhor maneira de promover a evangelização inculturada (1997, item 17).

O texto publicado pela coleção “Estudos da CNBB”, número 75, editado em 1997, converge em vários aspectos com os documentos conciliares e com as conclusões das Conferências Episcopais Latino-Americanas. Mantém-se a idéia de a Igreja assumir seus próprios meios de comunicação, como elemento de evangelização, bem como em aspectos como a preparação e a formação de comunicadores cristãos e a necessidade de se educar para a recepção crítica das mensagens da mídia.

A imprensa, segundo a CNBB, é o meio de comunicação social mais antigo, e um dos mais ricos em investimentos e produções, sob o suporte de livros, jornais, revistas e boletins. Na história da Igreja, este campo representou um efetivo exercício da Pastoral da Comunicação. Entretanto, a Igreja, em termos de jornalismo impresso, não acompanhou a evolução da modernidade (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, n.75, 1997, p.56).

Pouco conhecemos sobre a história da imprensa católica no Brasil, e poucas são as pesquisas que se dedicam a isso. Entre elas, está um artigo de Oscar Lustosa (1979), citado por Della Cava e Montero (1991). O autor divide o desenvolvimento da imprensa católica em quatro fases. A primeira, “fase de iniciação”, vai de 1830 a 1870⁴⁵, e se caracteriza pelo primarismo das técnicas de impressão; pelas iniciativas dispersas e voluntárias, e pela pouca duração das publicações. O impacto sobre os leitores era baixo. Montero avalia que essas características não eram privilégio da imprensa católica, mas se refletiam num tipo de

⁴⁵ Montero toma esta periodização como roteiro inicial (MONTERO, Paula. Os meios de comunicação a serviço da Igreja. In: DELLA CAVA, Ralph; MONTERO, Paula. **E o verbo se fez imagem** – Igreja Católica e os meios de comunicação no Brasil, 1962-1989. Petrópolis: Vozes, 1991). Portanto, as datas aqui referidas devem ser relativizadas, e não vistas como fixas e determinantes.

imprensa leiga do II Império, o pasquim. A diferença ficava por conta do posicionamento político, próprio do pasquim. A imprensa católica era, em geral, redigida por bispos e enfocava questões de culto e doutrina.

No entanto, nesse período, ocorreram significativas mudanças. Conforme Della Cava e Montero, nos últimos 30 anos do século XIX, houve uma grande proliferação de jornais católicos, que passaram a enfrentar uma imprensa leiga mais equipada tecnicamente. Uma das experiências significativas do período foi o jornal O Apóstolo (1866-1896). Nasce como jornal da corte, mas penetra o meio eclesiástico. Montero avalia que o engajamento na “questão religiosa” garantiu a consolidação do periódico. Além disso, a luta política, que chegou à abolição da escravatura e à implantação da República,

obrigava o jornalismo católico a deixar seu isolamento, levando-o a posicionar-se diante das correntes de opinião, comentar os acontecimentos e atualizar-se no plano informativo. O jornal passou a ser, nas mãos da Igreja, um instrumento de defesa de seus direitos e pretensões, ameaçados pela República (MONTERO, 1991, p.204).

Os jornais católicos começaram a defender a soberania da Igreja, tratando de temas políticos. Segundo Montero, “a proclamação da República passa a exigir novos posicionamentos e a defesa da Igreja diante de um Estado que parecia disposto a retirar-lhe todos os privilégios conquistados durante o Império. Os jornais católicos [...] tornam-se uma imprensa de opinião” (1991, p.205)

A Igreja decidiu investir no desenvolvimento de suas próprias estruturas. Nesse contexto, o jornal teve seu papel reconhecido como meio eficaz de comunicação e de evangelização. Tal reconhecimento consta das conclusões do 1º Congresso Católico Brasileiro, realizado em 1900. Segundo Montero (1991, p.206), à época, a Igreja havia

perdido o poder para a República e estava insatisfeita com o tratamento que o Estado republicano vinha lhe dando. Essa situação leva o Congresso a conceber a imprensa católica como “um meio efficacíssimo, para propagar e difundir a verdade e para combater o erro, em oposição a muitos jornais ímpios, que, sistematicamente, combatem à religião”. Em 1905, foi criado o primeiro jornal católico bem sucedido – o carioca A União, que sobrevive até a década de 30. Esta é considerada, por Lustosa, a “fase da consolidação”.

Entre 1900 e 1945, o jornalismo católico passou pela “fase da organização e articulação”, quando surgem grandes iniciativas, a fim de “pôr em ordem” este setor. Fato marcante foi a fundação do Centro da Boa Imprensa (CBI), por Pedro Sinzig, em 1910. Segundo Montero (1991, p.206), esta foi a “primeira tentativa de organizar a imprensa católica nos moldes mais empresariais dentro dos quais já trabalhava a imprensa leiga”.

Nas constatações da autora (1991, p.208), apesar dessas iniciativas e do reconhecimento do jornal como “um instrumento de opiniões e idéias e não um arremedo do missal diário”, a imprensa católica permaneceu na precariedade, dependendo da improvisação e da boa vontade.

Sobre o quarto período, de 1945 em diante, Lustosa não apresentou qualquer análise. Montero relaciona-o com o desenvolvimento tecnológico e com a complexidade, alcançada pelas empresas jornalísticas. Segundo Montero (1991, p.208), “essas novas condições de produção do jornal moderno vão tornando cada vez mais onerosa e difícil a

viabilidade, muitas vezes sonhada e, poucas vezes, alcançada, de um jornalismo católico influente⁴⁶.

A análise de Montero apresenta algumas características da imprensa católica no Brasil⁴⁷: está pulverizada em pequenos semanários ou mensários de baixa tiragem (2 a 5 mil exemplares); os periódicos são produzidos por uma equipe de em média cinco pessoas, pouco profissionalizada e desprovida de tecnologia mais avançada; há muitos jornais ligados a congregações e ordens religiosas; a imprensa católica leiga não vinculada a estruturas clericais é quase totalmente ausente. A autora conclui, após análise, que a imprensa católica não acompanhou a modernização do campo jornalístico atual, bem como tem pouca influência junto à opinião pública.

Com relação ao rádio, os “Estudos da CNBB” (n.75, p.63) constatam que a radiodifusão católica não soube posicionar-se adequadamente perante o público e o mercado publicitário, assim como a Igreja e as mantenedoras de emissoras não atuaram de forma planejada para tornar o rádio um instrumento sério de evangelização, capaz de significar prioridade na ação pastoral. O documento propõe a profissionalização dos agentes das emissoras católicas, o planejamento dos empreendimentos, a integração das emissoras à Rede Católica de Rádio (RCR), além de defender o funcionamento das rádios comunitárias.

⁴⁶ Vale referir o levantamento feito por Neotti (1994) sobre revistas e jornais católicos que se destacaram na história da imprensa católica. Ver: NEOTTI, Clarêncio. **Comunicação e Igreja no Brasil**. São Paulo: Paulus, 1994.

⁴⁷ A autora refere-se às características como atuais à imprensa católica. Contudo, precisamos ater-nos à data de publicação da obra – 1991 – e considerar que, hoje, 14 anos depois, a imprensa católica pode ter sofrido mudanças. Consideramos a caracterização de Montero relevante como dado histórico que, possivelmente, reflita-se atualmente.

A maioria das concessões de emissoras católicas tem origem na década de 50. Montero (1991) arrisca identificar alguns porquês dessa concentração. A autora atribui-na à expansão do campo radiofônico como um todo; à necessidade da Igreja fazer uso do rádio na sua campanha contra a proliferação de seitas, já empreendida em jornais e revistas, por isso não acessível aos analfabetos; e ao envolvimento da Igreja nos projetos de educação radiofônica, desenvolvidos na América Latina e, particularmente, no Brasil.

Na tentativa de organizar a radiodifusão católica no Brasil, em 1959, foi criada a Representação Nacional das Emissoras Católicas (RENEC). A RENEK foi decisiva para a criação do Movimento de Educação de Base (MEB)⁴⁸, que teve como seu principal veículo o rádio. Com o Regime Militar, posterior a 1964, o órgão foi substituído por organismos de coordenação regional. Diante das crises, em 1976, foi fundada a União de Radiodifusão Católica (UNDA-BR), com sede em São Paulo. E, por fim, em 1994, foi criada a Rede Católica de Rádio (RCR), que “veio concretizar o desejo e as várias tentativas de realizar transmissões simultâneas com qualidade, via satélite. [...] Até janeiro de 1997 já estavam interligadas por satélite 140 emissoras, entre as quais algumas leigas” (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 1997, n.75, p.65).

De acordo com a CNBB, as instituições católicas tinham, em 1997, 183 emissoras, perfazendo 6% das três mil emissoras de rádio em funcionamento no país. Na década de 80, este índice chegou a ser de 10% (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 1997, n.75, p.63). Moreira (1998, p.21) aponta como principais causas para a decadência das emissoras de rádio da Igreja o declínio do Movimento de

⁴⁸ O MEB, regulamentado por um decreto presidencial de 1961, torna evidente a participação da Igreja nas experiências com o rádio educativo no país. As ações foram empreendidas pelas escolas radiofônicas, sob a supervisão da CNBB. Inclusive, a experiência radiofônica do MEB contribuiu para o surgimento do setor específico de comunicações, na CNBB, em 1967. O movimento entra em crise no final dos anos 60, quando o Brasil vivia a fase mais dura do Regime Militar.

Educação de Base (MEB), a inoperância para atingir o mercado publicitário, a falta de investimentos em pessoal e equipamentos e as dificuldades diante da revolução de 1964 com a censura política. A própria CNBB afirma que a Igreja e as mantenedoras católicas não pensaram o rádio como um instrumento sério de evangelização (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 1997, n.75, p.63).

Segundo o documento (1997, p.66), a evangelização é o objetivo da ação pastoral da Igreja no rádio. Para tanto, devem ser assumidos os compromissos de agir com planejamento, com profissionalismo, e com uma estrutura de *marketing* e um departamento comercial, visando à auto-sustentação da emissora que, por sua vez, deve integrar a RCR. A Igreja defende as rádios comunitárias como forma de descentralização e de democratização da comunicação.

A televisão, no entendimento da CNBB (1997), é o principal veículo de comunicação de massa, capaz de pautar a vida em sociedade, inclusive impondo uma nova maneira de definir políticas e administrar recursos públicos, a chamada *democracia midiática*. Sua principal capacidade, na visão da CNBB, está em sua linguagem globalizante, que trabalha com um simulacro da realidade. A CNBB vai além, e afirma que, no Brasil, a televisão é "capaz de formar mentalidades, ditar padrões e condutas, especialmente através das telenovelas", bem como impor "um abarrotamento de informações que se tornam estruturalmente incapazes de ser compreendidas" (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 1997, n.75, p.68-69). O documento da CNBB expõe questões sobre a implementação de práticas televisivas católicas no Brasil, tocando em aspectos relativos à Rede Vida, como discutimos, em

capítulo anterior, na caracterização da emissora. Aspectos históricos referentes à TV católica também foram abordados na primeira parte do trabalho.

Os posicionamentos da Igreja Católica frente aos meios de comunicação, expressos nesses documentos e em outros tantos, seja em nível mundial, ou latino-americano e brasileiro, são analisados por diferentes autores. As considerações seguintes permitem-nos visualizarmos objetivamente como a Igreja percebe os meios de comunicação ao longo de sua trajetória histórica.

2.7 UM OLHAR SOBRE AS DIFERENTES PERSPECTIVAS

Della Cava e Montero (1991) abordam as diferentes posições da Igreja ao longo de três décadas: 1960, 1970 e 1980. De acordo com o estudo, os anos 60 foram a "era das descobertas" e se caracterizam como o período em que a Igreja Católica viu, na mídia, bons instrumentos para a pregação do evangelho. Diversas circunstâncias mostram que, se a Igreja Católica não entrasse nesta lógica, ela seria ultrapassada pelos novos tempos e pela tecnologia. O decreto **Inter Mirifica**, de 1963, traduz os pontos-chave da doutrina católica discutida na época.

Já os anos 70 são marcados por uma importante mudança estrutural: a consolidação de uma Igreja nacional. Isso ocorre numa sociedade onde o capitalismo afirma-se e na qual o Regime Militar é causa e, também, beneficiário, dessa transformação. Nessa nova ordem, está incluído o setor privado e empresarial da mídia. O catolicismo,

como Igreja nacional, passa a ter o papel de mandatário da sociedade civil e defensor do Estado de Direito. As diretrizes da Igreja Católica sobre a mídia constam, principalmente, da instrução pastoral **Communio et Progressio**.

Finalmente, a década de 80 se caracteriza como os *anos da autoconsciência*, quando a Igreja Católica passa a criticar a grande imprensa. Esta e a CNBB se tornam então "inimigas cordiais". Fato marcante, que ilustra esse período, é a **Carta aos Comunicadores**, documento elaborado, em 1984, pelo Setor de Comunicação da CNBB, como subsídio à ação das dioceses. A situação vivenciada leva a Igreja a focalizar empreendimentos na produção direta de bens culturais (DELLA CAVA; MONTERO, 1991, p.52-55).

Essas diferentes posições se encontram nos “Estudos da CNBB”, número 75, cujas reflexões recuperam a preocupação da Igreja Católica com relação à atuação da mídia nos últimos anos. O estudo vai além e contextualiza a trajetória histórica da Igreja, não se limitando às décadas de 60, 70 e 80. De acordo com a CNBB, desde os primórdios da imprensa, a Igreja Católica deu atenção a este assunto. Porém, o interesse aumenta com o advento dos meios modernos de comunicação e pode ser compreendido a partir de três perspectivas: *saber, fazer e pensar*. Em consonância com o documento da CNBB, Gomes (2002) afirma que a posição da Igreja sobre a comunicação sofre profundas modificações ao longo dos anos. Para o autor, as manifestações eclesiais sempre estiveram ligadas a uma preocupação pastoral, que se moveu dentro do marco da história da “educação”.

O estudo da CNBB aponta que, num primeiro momento, a Igreja se preocupou com a qualidade das mensagens que a mídia transmite, destacando a importância do *saber*:

Identificavam-se nessas mensagens as idéias que contrariavam a moral e os bons costumes, bem como o pensamento cristão sobre o mundo, as pessoas e as coisas. [...] O importante era ensinar, para que os usuários soubessem como agir diante das mensagens dos meios. Sabendo a verdadeira doutrina, as verdades morais e cristãs, os fiéis poderiam defender-se contra os perigos dos novos meios (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 1997, n.75, p.12-13).

Naquele momento, a educação enfatizava o conteúdo, a transmissão de conhecimentos e de valores. O que valia era o *saber*. Gomes (2002, p. 336) entende que, neste modelo, “a comunicação é compreendida como transmissão de informações”. Prevalece o monólogo: o emissor envia uma mensagem ao receptor. A Pastoral da Comunicação estava preocupada em “ensinar para que os usuários saibam como agir diante das mensagens dos meios [...]”, saibam “se defender contra os perigos dos novos meios” (GOMES, 2002, p.337). As encíclicas **Vigilanti cura** e **Miranda Prorsus** fundamentam tal perspectiva.

No momento subsequente, a atenção da Igreja voltou-se para o "uso dos meios", enfatizando a questão do *fazer*. Nesta ótica, os meios técnicos de comunicação são vistos como "maravilhas do mundo moderno". A eficácia da mídia é reconhecida para atingir a finalidade a que a Igreja se propõe:

Transmitir a mensagem evangélica para todos os cantos da terra. [...] Atingindo-se a pessoa e mudando-se o seu comportamento, far-se-á uma boa comunicação. Caso isso não aconteça, o erro reside na maneira de se utilizarem os meios, em si bons e instrumentos de comunhão e do progresso humano (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 1997, n.75, p.15).

A ênfase no *fazer* remete à “educação manipuladora”⁴⁹. A comunicação é entendida como persuasiva: o emissor envia uma mensagem ao receptor, com vistas a seus efeitos. A Igreja não mais condena os meios. Entende-os como “instrumentos adequados para atingir as pessoas, moldar-lhes a personalidade, modificar-lhes o comportamento” (GOMES, 2002, p.338). O autor observa que esse posicionamento é apresentado no Decreto **Inter Mirifica** e na Instrução **Communio et Progressio**. A preocupação passa a ser com o uso dos meios para transmitir a mensagem evangélica por todos os cantos da terra.

A percepção da Igreja sobre os meios de comunicação modifica-se com o tempo, e sua preocupação volta-se para o processo comunicacional, que se estabelece entre os indivíduos e a sociedade em geral. Busca-se valorizar o *pensar* e, dessa forma, objetiva-se que o ser humano seja um emissor/receptor, tendo garantido seu direito à comunicação. Propondo o *pensar*, a Igreja visa “compreender os mecanismos que impedem os indivíduos e as comunidades serem sujeitos ativos de sua comunicação” (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 1997, n.75, p.15). Com essa idéia, emergem as críticas ao monopólio, existente neste setor no Brasil, responsável pelo autoritarismo, pela verticalidade e pela unidirecionalidade da comunicação.

O *pensar* está vinculado ao modelo de “Educação Problematizadora”, baseada no método ação-reflexão-ação. A Pastoral da Comunicação valoriza o *pensar*, a fim de “compreender os mecanismos sociais que impedem que os indivíduos e as comunidades sejam sujeitos ativos de sua comunicação” (GOMES, 2002, p.339).

⁴⁹ Em Gomes (2002), a “educação manipuladora” é o modelo que enfatiza os efeitos. Corresponde à chamada Engenharia do Comportamento. Consiste em modelar a conduta das pessoas com objetivos previamente definidos.

A **Carta aos Comunicadores** e o texto-base da CF-1989 explicitam a compreensão da comunicação como *pensar*. Na avaliação de Gomes, a Pastoral da Comunicação deseja realizar uma educação para a comunicação; ou, ainda, quer que o homem seja um emissor-receptor, tendo em vista o estabelecimento de uma comunicação dialógica.

Uma outra leitura das possíveis avaliações da Igreja Católica também assinala a existência de divergências. Dias, ao analisar as estratégias de comunicação da Igreja Católica no Brasil, através de um estudo sobre o programa “Louvemos ao Senhor”, cita artigo do escritor francês Dominique Parisot (1989). Parisot refere-se a diferentes modelos eclesiais em disputa por espaço nos dias de hoje. Um deles é definido como "discurso tradicional". Nele, a doutrina não suporta nenhum desvio de interpretação e a autoridade moral da Igreja se impõe a todos. As palavras-chave são: "fé em Cristo, fidelidade, pecado, batismo, sagrado, magistério, condenação" (citado por DIAS, 2001, p.168). O tom é ofensivo, imperativo, abrupto, rígido, cerrado e vai ao encontro da postura que enfatiza o *Saber*.

Um segundo discurso assumido pela Igreja é definido por Parisot como um discurso mais fraternal, inspirado no Vaticano II e admite que a Igreja não é mais a única autoridade moral. Nesse discurso, as palavras-chave são, segundo Dias (2001), "Evangelho, Concílio, acolhida, excluídos, consciência, pluralismo, não-praticantes, modernidade, solidariedade, esperança". O tom é tolerante, aberto, humilde. Dias afirma que este discurso é o mais adequado para a presença da Igreja nos meios de comunicação. Enxergamos esse discurso em sintonia com a perspectiva do *pensar*.

Dias, citando Parisot, refere-se, ainda, a um último discurso existente hoje entre os católicos: o "discurso das forças emocionais". O mais novo discurso da Igreja caracteriza-se pelo tom afetivo, contagioso e entusiasta. As palavras-chave são: "Espírito, efusão, graça, dom de Deus, conversão, milagre, carisma, corpos, canto, dança, comunhão e salvação" (2001, p.174). Esse discurso pode ser identificado no movimento carismático, representado, no Brasil, especialmente, pela figura do padre Marcelo Rossi. Pode ser entendido na perspectiva do *fazer*, porém, reforçando aspectos do *saber*.

Segundo uma análise realizada por Dias, esse discurso não destoa muito do primeiro, o tradicional. Para ele, "a roupagem vai adquirindo novas feições a partir das construções do passado" (2001, p.174-176). O autor entende que esse modelo é profundamente conservador, porque reforça o rosto tradicional da Igreja, inclusive, retomando elementos que estavam em declínio, como a água benta, o incenso e a procissão do Santíssimo. Por fim, julga que o discurso afetivo, dos carismáticos, exclui a visão dialógica. Esta, por sua vez, é a que mais se aproxima dos princípios estabelecidos pelo Concílio Vaticano II.

Saber, fazer e pensar envolvem três posições diferentes, que têm em comum o fato de reconhecer a importância da comunicação. A CNBB afirma que essas compreensões coexistem, até hoje, convivendo dialeticamente, e que, portanto, "a Igreja não possui uma diretriz clara com respeito à Comunicação Social". A CNBB apresenta, como desafio, a "obtenção de um consenso mínimo entre os diferentes segmentos que constituem a macrossociedade eclesial, a respeito das bases teóricas sobre as quais deve construir uma política de comunicação" (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 1997, n.75, p.22 e 27).

Para Gomes (2002), a coexistência das diferentes fases da compreensão da comunicação caracteriza os anos 90. O autor também reconhece a falta de uma diretriz para a comunicação na Igreja, porém adverte sobre a ênfase no *fazer*. Ao analisar experiências institucionais práticas, Gomes (2004) observa a tendência, nos anos 90, da perspectiva do que denomina *comunicação institucional*⁵⁰. Nela, a preocupação volta-se para os conteúdos das mensagens, “para que sejam reproduções fiéis do ideário da instituição”. Identificamos essa perspectiva ao longo dos diferentes documentos, mas com ênfase nas fases conciliar e pós-conciliar, com o **Inter Mirifica**, o **Communio et Progressio** e o **Aetatis Novae**. Referimo-nos à questão quando percebemos, em ambos, o desejo de “conversão” dos meios. A Igreja, na relação estabelecida por nós até então, identifica um inimigo; tenta enfrentá-lo; é derrotada; alia-se a ele e incorpora suas estratégias, mas quer trazê-lo para seu lado. Idealiza a conversão da mídia ao catolicismo. E a disputa, nunca encerrada, recomeça.

“Compreende-se, assim, a facilidade com que os veículos católicos de comunicação se convertem em porta-vozes das autoridades eclesiásticas, funcionando como uma espécie de assessoria de imprensa em tempo permanente” (GOMES, 2004, p.251). Conseqüentemente, temos o que Gomes avalia como um dos mais graves problemas das políticas de comunicação da Igreja: o afastamento da audiência ou o desconhecimento da existência de tais meios.

Conforme Gomes, “o campo religioso utiliza os espaços midiáticos como instância de realização e atualização da questão da fé” (2002, p.343). As conseqüências são

⁵⁰ Gomes (2004) analisa e identifica nas experiências institucionais práticas, outra vertente para se contemplar os caminhos da comunicação da Igreja. Numerosos grupos vinculados à Igreja sustentam, entre os anos 60 e 80, a utopia da comunicação dialógica – concepção midiática e dialética dos processos comunicacionais. Tal perspectiva, segundo Gomes, nos anos 90, é substituída pela *comunicação institucional*.

diversas e desafiam a Igreja. Segundo o autor (2002), o espaço tradicional – o templo, desloca-se para um campo aberto e multidimensional. A lógica dialogal do templo é substituída pela lógica da mídia – o público é disperso, anônimo e heterogêneo. Os pregadores agem de acordo com as leis da comunicação de massa. Prioriza-se a postura corporal, os gestos, o canto, a dança. A razão cede lugar à emoção. Os fiéis passam a ser platéia. Da comunidade, passa-se ao indivíduo. Vive-se a fé individualmente. O compromisso é assumido através do consumo de bens religiosos. O espetáculo substitui o mistério do sagrado. A imagem é tudo. Gomes alerta, ainda, que “o uso indiscriminado da mídia, principalmente para a celebração, pode trazer, como consequência, uma superficialização do mistério e a banalização do que se celebra” (2002, p.345). Palácio (2001, p.311) compartilha o entendimento de Gomes: a “Eucaristia pressupõe uma comunidade real, não virtual; uma comunidade re-unida ao redor da mesa do Senhor e não de um aparelho de TV; uma comunidade que participa do mistério; que concelebra e não apenas um eventual público que ‘assiste’”.

Em outro texto, Gomes (2004) afirma que a Igreja no Brasil debate-se entre o *pensar* e o *fazer*. Diante disso, sugere a obtenção de um consenso mínimo sobre as bases teóricas sobre as quais construir uma política de comunicação. Para o autor, a Igreja precisa superar o conflito entre a concepção instrumentalista e a concepção culturalista e dialética dos processos comunicacionais⁵¹. Somente após, a Igreja poderá encarar os demais desafios, que compreendem: a formação de alianças e articulações de esforço, para ter clareza sobre o que quer e sobre com quem pretende trabalhar; a criação de equipes locais de comunicação; a capacitação de novos quadros; a educação para a comunicação, a

⁵¹ Conforme Gomes (2004, p.252), a concepção instrumentalista baseia-se no princípio de que a Igreja é um corpo uniforme que detém a verdade acabada, cabendo às autoridades da instituição transmitir a herança cultural. Já a visão culturalista e dialética entende que o diálogo com o homem moderno parte da sua aceitação como interlocutor.

fim de trabalhar para que as pessoas sejam educadas para e na comunicação e, assim, possam exercer sua cidadania; a avaliação permanente das práticas no setor; e, por fim, a valorização do papel da mulher na vida da Igreja.

O panorama histórico e a análise da situação atual levam-nos a crer que a Igreja precisa se encaminhar para um consenso que privilegie a abertura ao diálogo com os homens e a sociedade. Suas práticas, no campo da comunicação, acontecem num contexto sócio-histórico e econômico que deve ser reconsiderado. A Igreja está inserida nesse contexto. Abrir-se a ele é fundamental para compreendê-lo. Compreendê-lo é imprescindível à comunicação. O compromisso dos católicos, do nosso ponto de vista, é comunicar para o mundo, não apenas para o interior da Igreja. Queremos sugerir, com isso, que a Igreja deve estar aberta ao diálogo com a sociedade globalizada e plural. A comunicação, portanto, requer o diálogo, cuja prática não acontece sem a aceitação do pluralismo.

3 NA COMUNICAÇÃO, HÁ DIÁLOGO?

A comunicação tem a tarefa de unir as pessoas e de enriquecer a sua vida, e não de isolá-las e explorá-las (João Paulo II, mensagem para o Dia Mundial das Comunicações Sociais, 1998).

As práticas comunicativas em geral, e da Igreja Católica, em particular, requerem disponibilidade dialógica. Partimos desta afirmativa para pensar o problema da comunicação televisiva, particularmente, da Rede Vida. O conceito de ação-comunicativa, de Jürgen Habermas (1987), embasa nosso entendimento sobre a relação comunicação e diálogo. De modo geral, Habermas sintetiza a ação comunicativa como:

... la interacción de a lo menos dos sujetos capaces de language y de acción que (ya sea con medios verbales o con medios extra-verbales) entablan una relación interpersonal. Los actores buscan entenderse sobre una situación de acción para poder así coordinar de común acuerdo sus planes de acción y com ello sus acciones. El concepto aquí central, el de interpretación, se refiere primordialmente a la negociación de definiciones de la situación susceptibles de consenso (1987, p.124).

Conforme Habermas, a ação-comunicativa pressupõe a linguagem como meio de entendimento⁵². O entendimento lingüístico é o mecanismo de coordenação da ação, para que os participantes possam constituir uma interação:

El concepto de acción comunicativa presupone el lenguaje como un medio dentro del cual tiene lugar un tipo de proceso de entendimiento en cuyo transcurso los participantes, al relacionarse con un mundo, se presentan unos frente a otros con pretensiones de validez que pueden ser reconocidas o puestas en cuestión (HABERMAS, 1987, p.143).

Na interação, Habermas pressupõe que os participantes mobilizam o potencial da racionalidade, englobando as relações com os três mundos: o mundo objetivo; o mundo social; e o mundo subjetivo⁵³. Esse movimento permitiria aos participantes chegar ao entendimento. A manifestação dos atores deve, conforme Habermas, sustentar-se em três pretensões: a de que o enunciado expresso é verdadeiro (relação com o mundo objetivo); a de que o ato da fala seja adequado ao contexto normativo vigente (relação com o mundo social); e por fim, a de que a intenção expressa pelo falante coincida realmente com o que ele pensa (relação com o mundo subjetivo).

Podemos entender, portanto, que a comunicação desenvolve-se “no quadro dos processos de interação estruturados simbolicamente pela linguagem, baseia-se em regras sociais, que fixam determinadas expectativas mais ou menos recíprocas de comportamento e possibilitam o entendimento entre os homens” (RÜDIGER, 2003, p.92). Se pensarmos a comunicação desse ponto conceitual, o diálogo torna-se fundamental.

⁵² Entendimento, de acordo com o autor, remete a um acordo racionalmente motivado, alcançado entre os participantes, que se mede por pretensões de validez suscetíveis de crítica. Outro conceito-chave aqui é o de racionalidade comunicativa, relativo às diversas formas de desempenho discursivo de pretensões de validez e às relações que, em suas ações comunicativas, os participantes entabulam com o mundo para “reclamar” validez para suas manifestações ou emissões (1987, p.110-111).

⁵³ Habermas adota estes conceitos de mundos baseado em: JARVIE, I. C. **Concepts and society**. Londres: s.l., 1972.

O conceito de ação-comunicativa permite-nos pressupor que comunicação e diálogo estão interligados e dependem um do outro. Por isso, nossa pretensão aqui é entender o diálogo como primordial à comunicação na e da Igreja. A concepção de diálogo está relacionada à ação-comunicativa, bem como à compreensão dada pela Igreja Católica, em documentos oficiais.

Convém aqui pontuar que a comunicação e o diálogo estão relacionados à missão da Igreja. A Igreja tem como missão primeira anunciar o Evangelho:

Assim como o Filho foi enviado pelo Pai, assim também Ele enviou os Apóstolos (cfr. Jo. 20,21) dizendo: “ide, pois, ensinai todas as gentes, batizai-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinai-as a observar tudo aquilo que vos mandei. Eis que estou convosco todos os dias até à consumação dos séculos” (Mt. 28, 19-20). A Igreja recebeu dos Apóstolos este mandato solene de Cristo, de anunciar a verdade da salvação e de a levar até aos confins da terra (cfr. Act. 1,8). Faz, portanto, suas as palavras do Apóstolo: “ai de mim, se não prego o Evangelho” (1 Cor. 9,16), e por isso continua a mandar incessantemente os seus arautos, até que as novas igrejas se formem plenamente e prossigam, por sua vez, a obra da evangelização (CONSTITUIÇÃO LUMEN GENTIUM, 1964, item 17)

Evangelização é comunicação. A comunicação requer o encontro com o outro, a *interação* com o outro, prática que, por sua vez, sintetiza-se no diálogo. Ou seja, entendemos que a missão da Igreja é, também, a comunicação, cuja prática pressupõe o diálogo:

A comunicação é feita de emissão e recepção, mas o ciclo comunicativo somente se completa quando emissor e receptor trocam os papéis entre si. Para comunicar-se é preciso emitir uma mensagem e receber o eco que produz, falar e escutar. A Igreja anuncia o Evangelho e ao mesmo tempo escuta a mensagem que lhe chega desde a história humana. Por isso precisa conhecer as filosofias, as ideologias, as coordenadas culturais dos seus destinatários. Deve manter-se num diálogo permanente com os destinatários da missão. Somente este diálogo torna possível e efetiva a comunicação da mensagem cristã. O diálogo e a comunicação intra-ecclesial devem prolongar-se num diálogo e numa comunicação da Igreja com a humanidade (DÍEZ, 1997, p.319-320).

Comunicação e diálogo estão imbricados. A comunicação efetiva-se no diálogo. O diálogo, neste sentido, de acordo com Díez, “é uma condição de possibilidade para o exercício da missão eclesial, que consiste primordialmente na evangelização” (1997, p.449). Excluimos deste entendimento a visão instrumentalista de comunicação. A relação evangelização e comunicação não se estabelece a partir do pressuposto de que o uso dos meios de comunicação visa, somente, evangelizar. Por pensarmos o diálogo como inerente à comunicação, não podemos conceber um processo comunicativo unidirecional, no qual a Igreja, guardiã da verdade única, do conteúdo, envia mensagens através dos meios com o objetivo de evangelizar. Como diálogo/ação-comunicativa, a comunicação é um processo multidirecional, aberto ao plural, à troca e à interação. Dialógica, a Igreja se abre ao outro, o que não significa que tenha que alterar seus princípios morais e sua identidade. A comunicação torna-se encontro com o outro, e não apenas o uso de instrumentos técnicos com vista à pregação do evangelho.

É este o sentido dado ao diálogo, pela Igreja Católica, particularmente a partir do Concílio Vaticano II. O diálogo, conforme percebemos nos documentos conciliares, é necessário à comunicação, independente dos meios através dos quais ela se realiza.

3.1 O DIÁLOGO NOS DOCUMENTOS DO CONCÍLIO VATICANO II

A questão do diálogo, segundo Díez (1997), passou a integrar as preocupações da Igreja a partir do Concílio Vaticano II. “Do anátema ao diálogo”. É assim que o autor intitula a mudança enfrentada pela Igreja Católica no Concílio Vaticano II, que marcou o

início de um novo modelo de comunicação – a era do diálogo. No Concílio Vaticano II, conforme analisa Díez,

o diálogo foi apresentado como uma tarefa ampla. Os interlocutores eram muitos. Supunha-se longo o tempo para o acordo e o consenso ecumênico. A própria assembléia conciliar era um laboratório de diálogo intra-ecclesial, de comunicação dialogal entre as diversas correntes eclesiais que entraram em acordo no Concílio. Este assentou as bases para o diálogo com as Igrejas da ortodoxia católica no decreto **Orientalium Ecclesiarum**. Optou pelo diálogo ecumênico com as denominações cristãs não-católicas no decreto **Unitatis reintegratio**. Pediu um diálogo a fundo com as religiões não-cristãs na declaração **Nostra aetate**. E entabulou um diálogo aberto com toda a sociedade humana em torno dos problemas, angústias, esperanças, ideologias, projetos [...] do homem contemporâneo na constituição dogmática **Lumen gentium** e, sobretudo, na constituição pastoral **Gaudium et spes**, sobre a Igreja no mundo atual (1997, p.444).

Segundo este autor, "o diálogo é uma palavra que aponta para um ideal profundamente humano: o ideal da comunicação entre as pessoas, entre os grupos humanos; é uma palavra que aponta para uma condição essencial da convivência humana: a atitude para o diálogo, a tendência à autocomunicação, a escutar e a compreender o outro" (1997, p.447). O Concílio Vaticano II enfatiza a importância do diálogo no interior da Igreja. Além do diálogo intra-ecclesial, o Concílio II refere-se à necessidade do diálogo entre a Igreja e o mundo moderno. Tomamos como referência a constituição conciliar **Gaudium et Spes**.

Na constituição **Gaudium et Spes**, o Concílio aborda as reflexões da Igreja sobre o mundo moderno; sobre as condições e a vocação do homem; sobre as relações da Igreja com este mundo, sobre a cultura, a economia, a política; e sobre as relações internacionais. A doutrina explicita a postura de diálogo assumida pela Igreja Católica, que se oferece, ao mesmo tempo, para contribuir com o estabelecimento de uma fraternidade universal (item 204). Ao analisar o mundo de hoje, ela também se põe a serviço dele.

Neste mesmo sentido se coloca a encíclica **Ecclesiam suam**. Nela, Paulo VI se refere ao diálogo Igreja-mundo como uma *vocação* da Igreja. "A realidade, porém, e a urgência do problema, se por um lado nos afligem, são-nos, por outro, estímulo, quase, diríamos, vocação" (1964, item 5). As considerações de Paulo VI precedem os documentos do Concílio, mas orientam para o que viria a ser discutido nele. "Julgamos que a voz do Concílio, ao tratar das questões relativas à ação da Igreja no mundo moderno, indicará alguns critérios teóricos e práticos, que servirão de guia para bem orientarmos o diálogo com os homens do nosso tempo" (item 51).

Na **Gaudium et Spes**, a Igreja constata mudanças no mundo, nos âmbitos social, psicológico, moral e religioso. Nas mudanças sociais, inclui-se o desenvolvimento e o constante aperfeiçoamento dos meios de comunicação social. Como consequência, têm-se os desequilíbrios do mundo moderno e muitas interrogações humanas. Diante de tal realidade, o Concílio "pretende falar a todos, para esclarecer o mistério do homem e cooperar na descoberta da solução dos principais problemas do nosso tempo" (item 231), o que demonstra a predisposição ao diálogo.

A Igreja valoriza, especialmente, a vocação do homem, a comunidade e a atividade humana. O documento avalia que, no mundo de hoje, multiplicam-se as relações mútuas entre os homens. Para tanto, é preciso respeitar os *adversários*, entendidos como "aqueles que em assuntos sociais, políticos e mesmo religiosos pensam e agem de maneira diferente da nossa". A Constituição católica recomenda que, "quanto mais intimamente com humanidade e caridade compreendermos o seu modo de pensar, tanto maior será a facilidade para poder iniciar um diálogo com eles" (item 285).

A análise sobre a dignidade e a atividade do homem, e sobre a comunidade humana constituem, segundo a **Gaudium et Spes**, "o fundamento das relações entre a Igreja e o mundo e também a base de seu diálogo mútuo". O diálogo se reflete, desse modo, na função que a Igreja atribui a si própria no mundo moderno. Através de seus membros e de sua comunidade, a Igreja acredita que pode ajudar a tornar mais humana a família dos homens e sua história. Paulo VI, na encíclica **Ecclesiam suam**, diz estar convencido de que o diálogo é atividade apostólica, que deve ter por características,

1) Primeiro que tudo, a clareza. O diálogo supõe e exige compreensibilidade, é transfusão do pensamento, é estímulo do exercício das faculdades superiores do homem. [...] 2) Outro caráter é a mansidão, [...] O diálogo não é orgulhoso, não é pungente, não é ofensivo. A autoridade vem-lhe da verdade que expõe, da caridade que difunde, do exemplo que propõe; não é comando, não é imposição. O diálogo é pacífico, evita os modos violentos, é paciente e é generoso. 3) Outra característica é a confiança, tanto na eficácia da palavra-convite, como na receptividade do interlocutor. [...] 4) E o último caráter é a prudência pedagógica, que atende muito às condições psicológicas e morais de quem ouve [...] Essa prudência leva a tomarmos o pulso à sensibilidade alheia e a modificarmos as nossas pessoas e modos, para não sermos desagradáveis nem incompreensíveis. No diálogo, assim entabulado, realiza-se a união da verdade e da caridade, da inteligência e do amor (item 47).

A Constituição **Gaudium et Spes** ainda se refere ao intercâmbio vivo entre a Igreja e as culturas dos povos, que exprimem de modos diversos a mensagem de Cristo. Dessa maneira, afirma que a Igreja precisa do auxílio daqueles, crentes ou não crentes, que vivem no mundo de hoje e conhecem bem os vários sistemas e disciplinas. Cabe, portanto, aos "pastores e teólogos, auscultar, discernir e interpretar as várias linguagens do nosso tempo" (item 340). Segundo a **Gaudium et Spes**, o mundo de hoje auxilia a Igreja a se conhecer mais profundamente e a se adaptar aos tempos, o que se confirma, em termos de doutrina, também na encíclica **Ecclesiam suam**:

... falando em geral desta posição de diálogo, que a Igreja católica deve hoje assumir com renovado fervor, queremos simplesmente indicar de fugida que ela

deve estar pronta a manter contacto com todos os homens de boa vontade, dentro e fora do seu âmbito próprio (item 53).

A segunda parte da Constituição **Gaudium et Spes** engloba uma série de considerações sobre o que o Concílio avalia como os principais problemas do mundo de hoje, e que mais atingem o gênero humano. Constam orientações quanto ao matrimônio e à família, à cultura humana, à vida econômico-social e política, à união dos povos e à paz. Com relação a esses problemas, o Concílio Vaticano II é enfático:

Em virtude de sua missão que é de iluminar o mundo inteiro com a mensagem evangélica e reunir em um único Espírito todos os homens de todas as nações, raças e culturas, a Igreja torna-se o sinal daquela fraternidade que permite e consolida um diálogo sincero.

Isto, porém, requer, em primeiro lugar, que promovamos no seio da própria Igreja a mútua estima, respeito e concórdia, admitindo toda a diversidade legítima, para que se estabeleça um diálogo cada vez mais frutífero entre todos os que constituem o único Povo de Deus [...] (itens 515 e 516).

Segundo esses documentos, a Igreja dialoga com o mundo quando se oferece a ele para ajudar a entender os problemas da vida humana, bem como quando busca nele informações para se conhecer mais profundamente ou para se aperfeiçoar. As perspectivas de troca e de entendimento ficam evidentes, caracterizando a idéia de diálogo desenvolvida pela Igreja, bem como a relação teórica com o conceito de ação-comunicativa.

Contudo, a prática comunicativa sustentada no diálogo não se consolida facilmente. Dentre os desafios, está o pluralismo característico de nossas sociedades atuais. “O grande desafio do comunicador cristão, hoje, está na capacidade de conhecer, perceber e estabelecer relação com os valores e conflitos gerados pela cultura pós-moderna” (PESSINATTI, 1998, p.325). O autor acredita que a aceitação de uma sociedade pluralista

é condição fundamental para a comunicação. Acrescentaríamos que é, também, condição para o diálogo, cuja prática se sustenta na diferença e no respeito à alteridade.

O diálogo exclui, de pronto, a visão instrumentalista de comunicação, ou seja, aquela em que a Igreja faz uso dos meios de comunicação para difundir seu conteúdo doutrinal. A comunicação instrumentalista está preocupada com o conteúdo e com a aceitação do mesmo, e não com o processo dialógico que se estabelece no agir-comunicativo. Nela, não há a intenção de interagir com o outro, nem respeito à diferença. Pessinatti (1998, p.325) refere-se ao "diálogo com a cultura e a sociedade pluralista" como uma linha política indispensável para a realização da missão da Igreja Católica no campo da comunicação. Aceitar e respeitar a diferença é necessário para o diálogo e, portanto, à comunicação.

3.2 PLURALISMO: ESSÊNCIA DO DIÁLOGO

Compreendemos que a abertura da Igreja ao mundo atual é fundamental às práticas relativas à comunicação católica. Empreendemos, com isso, a defesa de que a comunicação deve ser pensada a partir de uma perspectiva dialógica, voltada ao *pensar*. Torna-se relevante, então, considerar o pluralismo como característica-chave para entendermos o desafio que se coloca.

O diálogo autêntico não pode se dar sem o pressuposto do pluralismo. De acordo com Díez, assim como o Concílio Vaticano II aceitou o diálogo, também assume o real e legítimo pluralismo dentro e fora da Igreja:

Neste contexto do pluralismo a Igreja exerce a sua missão através do diálogo, através da palavra evangelizadora que sai da comunidade cristã e chega até outras tradições cristãs, até outras confissões religiosas, até diferentes ideologias e culturas seculares. É a missão evangelizadora da Igreja. Mas esse diálogo inclui também escutar a palavra que chega à comunidade cristã a partir dessas tradições, dessas confissões, dessas culturas e ideologias plurais. O diálogo autêntico sempre tem uma dupla direção de ida e volta, de palavra e escuta (1997, p.457).

O tema é pertinente porque as características da sociedade atual intensificam a visibilidade das manifestações plurais. As diferenças se sobressaem. Portanto, assumir a disponibilidade para o diálogo torna-se ainda mais desafiador.

3.2.1 Sociedade global e plural

A globalização parece ser, nos últimos tempos, a principal característica da sociedade mundial. De modo geral, "expressa um novo ciclo de expansão do capitalismo, como modo de produção e processo civilizatório de alcance mundial" (IANNI, 1999, p.11). Os processos que envolvem tal fenômeno são complexos e abrangem os mais diversos setores da sociedade, provocando mudanças rápidas e contínuas, que dificultam, inclusive, a sua teorização. Os estudos sobre o assunto são incontáveis. Optamos por nos centrar na questão do pluralismo no contexto da globalização. O pluralismo, que se evidencia atualmente nas sociedades, coloca em relevância o diálogo na comunicação.

Partimos do pressuposto de que, numa sociedade globalizada, intensifica-se o acesso à diversidade das identidades, sejam elas religiosas, culturais, étnicas ou de qualquer outro caráter. Com a globalização, mais e mais a Igreja vai se defrontar com tais diferenças. Daí a necessidade, cada vez maior, da Igreja Católica levar à frente sua preocupação dialógica. Mike Featherstone é um dos autores que nos dá sustentação teórica. Na obra **O desmanche da cultura** (1997), defende que, com a globalização, damos-nos conta de que estamos num único mundo, onde se intensificam os fluxos culturais e, assim, tornamo-nos conscientes da diversidade e das muitas facetas da cultura.

A globalização, enquanto processo histórico, segundo Ianni, manifesta-se com o desaparecimento das fronteiras entre os três mundos, com a modificação do significado das nações de países centrais e periféricos, do norte e sul, industrializados e agrários, modernos e arcaicos, ocidentais e orientais. "Tudo se move. A história entra em movimento, em escala monumental, pondo em causa cartografias geopolíticas, blocos e alianças, polarizações ideológicas e interpretações científicas" (FEATHERSTONE, 1999, p.12).

As raízes históricas do processo de globalização são várias. No setor financeiro não é diferente. Mas, o final da década de 80, sinaliza o início de uma nova era. O marco é o *Big Bang*, em Londres, quando acontece a liberalização dos mercados de capitais e de valores. Desde então, um novo tipo de capitalismo, como denomina Castells (2001, p.83), se fortalece. A desregulamentação e a flexibilização do capital financeiro foram os fatores principais para o estímulo da globalização, porque permitiram a mobilidade de capitais entre distintos segmentos do setor financeiro e por todo o mundo.

Castells (2001) afirma que, pela primeira vez na história, todo o planeta é capitalista ou depende dos processos econômicos capitalistas. Esse novo tipo de capitalismo, como denomina Castells (2002a), é informacional, global e em rede. Para ele, é informacional, porque a produtividade e a competitividade da economia dependem de sua capacidade de gerar, processar e aplicar de forma eficiente a informação; é global, porque a produção, o consumo e a circulação estão organizados em escala global; e é em rede, porque a produtividade é gerada, e a concorrência é feita em uma rede global de interação entre redes empresariais (2002a, p.119).

Ou seja, as atividades e os fatores econômicos cruciais do ponto de vista estratégico estão interconectados em um sistema mundial de fornecimento e produção que condiciona o destino de todas as economias e a maioria dos trabalhos (CASTELLS, 2001, p.81). De acordo com o autor, as novas tecnologias da informação e da comunicação proporcionam a infra-estrutura dessa nova economia. A formação de redes permite velocidade e complexidade sem iguais na economia mundial.

A globalização da economia, impulsionada pela tecnologia, é base para a intensificação, também, dos fluxos culturais. As diferentes culturas estão mais próximas, num único mundo. Featherstone acredita que a sociedade global advém da economia e dos desenvolvimentos tecnológicos. Entretanto, argumenta que existe uma vigorosa tendência a que esse processo de globalização propicie um estágio para as diferenças globais:

O processo de globalização, portanto, não parece produzir a uniformidade cultural. Ele nos torna, sim, conscientes de novos níveis de diversidade. Se existir uma cultura global, seria melhor concebê-la não como uma cultura comum, mas como um campo no qual se exerçam as diferenças, as lutas de poder e as disputas em torno do prestígio cultural (1997, p.31).

Ianni é pontual: "globalização não tem nada a ver com homogeneização. Trata-se de uma realidade nova, que integra, subsume e recria singularidades, particularidades, idiossincrasias, nacionalismos, provincianismos, etnicismos, identidades e fundamentalismos" (1999, p.27). Entendemos, desse modo, que a perspectiva dialógica da comunicação torna-se mais complexa e difícil nas circunstâncias atuais.

A sociedade global convive com a diversidade, a desigualdade, as tensões e os antagonismos. Featherstone afirma que o processo histórico que agrupa nações através de laços financeiros e comerciais, e por meio de um desenvolvimento cada vez maior da tecnologia, a fim de produzir meios de comunicação, gerou maior intensidade de intercâmbios (1997, p.128-129).

Para o autor, o aumento dos fluxos culturais não significa, necessariamente, maior tolerância e cosmopolitismo, mas poderá resultar na busca pelo abrigo "na segurança da etnicidade, do tradicionalismo e do fundamentalismo ou na afirmação ativa da integridade nacional". Diferentes estudos mostram como a diversidade se manifesta no contexto da globalização, seja na construção da identidade, da nacionalidade, do regionalismo, seja através da reafirmação das tradições culturais, étnicas e religiosas.

É o que mostra, por exemplo, Ruben Oliven. Através de um estudo sobre a identidade gaúcha, Oliven (1992) intenta demonstrar como se reafirma a diversidade cultural no Brasil-Nação. Na obra **A parte e o todo**, toma o Rio Grande do Sul como estudo de caso e argumenta que o estado pode ser visto como um caso onde "o regionalismo é constantemente repostado em situações históricas, econômicas e políticas

novas" (1992, p.65). Segundo ele, para os gaúchos, só se chega ao nacional através do regional, o que exemplifica a atualidade da diversidade no contexto da globalização.

Para Oliven, o que se verifica hoje é o cruzamento das fronteiras culturais e simbólicas, o que faz com que haja uma desterritorialização dos fenômenos culturais (1992, p.135). Contudo, há um processo de reelaboração das manifestações simbólicas que recoloca a questão das diferenças e leva a um intenso processo de construção de identidades. No que se refere ao Brasil, Oliven acredita que estamos assistindo, ao lado da crescente integração, à manifestação de diferentes tipos de identidade. "Entre elas, encontram-se as identidades regionais que salientam suas diferenças em relação ao resto do Brasil, como forma de distinção cultural em um país em que os meios de comunicação de massa tendem a homogeneizar a sociedade culturalmente" (1992, p.136).

Outros exemplos parecem vir à tona. A revista Veja, de 14 de janeiro de 2004, publicou a reportagem "O grito do Islã na Europa". A matéria retrata o "renovado apego às tradições", centrando-se na questão das mulheres muçulmanas que, diante da tentativa do governo francês de proibir o uso do *hijab* (véu que, para muitos seguidores de Alá, é obrigação religiosa), manifestaram-se contra a medida e insistem em seguir a tradição. A professora de antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Denise Jardim, entrevistada pela Veja, explica que "no exterior aumenta a necessidade das comunidades muçulmanas de reafirmar para si próprias suas tradições".

Castells (2002b) contribui para o entendimento de questões como esta, ao identificar três formas e origens de construção de identidades: identidade legitimadora; identidade de resistência; identidade de projeto. Segundo ele, a identidade destinada à

resistência leva à formação de comunidades e é, provavelmente, o tipo mais importante de construção de identidade em nossa sociedade. O fundamentalismo religioso, as comunidades territoriais, a auto-afirmação nacionalista, são exemplos do que Castells denomina "exclusão dos que excluem pelos excluídos, ou seja, a construção de uma identidade defensiva em termos das instituições/ideologias dominantes, revertendo o julgamento de valores e, ao mesmo tempo, reforçando os limites da resistência" (2002b, p.25).

Para Castells, o prolongamento da resistência comunal é o caminho para a constituição de sujeitos, antes formados na sociedade civil (2002b, p.28). As afirmações de Castells estão fundamentadas nas análises empreendidas, por ele, sobre o fundamentalismo religioso islâmico e cristão, sobre casos de nacionalismo, de identidade étnica e de identidade territorial.

Seguindo o raciocínio de Featherstone, as manifestações de resistência, e de reafirmação da identidade podem ser entendidas como características da atual fase da globalização. Nela,

os Estados-Nação do Ocidente tiveram de aprender a tolerar maior diversidade no interior de suas fronteiras que se manifestam através de maior multiculturalismo e polietnicidade. Isso também, em parte, deve-se à incapacidade de esses Estados-Nação canalizarem e manipularem com sucesso os fluxos culturais globais, sobretudo os que se referem às pessoas, informações e imagens, o que aumenta a demanda por uma participação igual, direitos de cidadania e maior autonomia por parte das minorias regionais, étnicas e outras (1997, p.129-130).

O fortalecimento de identidades de resistência comunal, do multiculturalismo e da polietnicidade, também está relacionado ao que Featherstone chama de "oscilação no equilíbrio do poder global", explicada pelo fato de o "Ocidente ter de ouvir o resto", e

desse resto, além de querer ser ouvido, também deter recursos econômicos e tecnológicos que lhes garantem que serão ouvidos. "Nas humanidades e nas ciências sociais, as teorias e modelos baseados nessas experiências históricas estão sendo mais e mais levadas à cena global, como contra-histórias que contestam as histórias do Ocidente" (1997, p.119).

O fato de existirem histórias plurais no mundo e culturas com particularidades diversas, excluídas do projeto universalista da modernidade ocidental, mas que agora afloram e lançam dúvidas sobre a viabilidade do projeto, para o autor, pode representar o fim da modernidade ocidental. A modernidade concebida pelo Ocidente, que "consistia num monólogo, baseado na autoridade de um modo de instrução, com uma desigualdade hierárquica entre os participantes, transforma-se agora em um diálogo" (1997, p.119).

A partir dessas considerações, parece-nos que o argumento central, defendido pelo autor, é o do fim da modernidade ocidental e a existência de modernidades (grifo do autor), ou seja, de outras partes do mundo empenhadas em construir suas próprias modernidades. Isso é possível, segundo Featherstone, porque vivemos uma nova época, marcada pela maior percepção da pluralidade da história (1997, p.125). Com tal arguição, o autor sugere repensar o que vem sendo denominado de *pós-modernidade*.

A sociedade global e, ao mesmo tempo, plural, complexifica o diálogo Igreja/mundo. Na tentativa de preservar a identidade da religião católica, construída com base numa doutrina milenar, a Igreja, nos últimos tempos, parece reforçar os seus princípios doutrinários. Estes, em alguns casos, são entraves ao diálogo com a sociedade. A concepção de família, somente para exemplificar, expressa na linha editorial da Rede Vida, demonstra essas dificuldades.

Além disso, as atitudes da Igreja, para manter a sua identidade, não são mais consenso nem mesmo no interior da instituição, como mostram, por exemplo, as diferenças entre os carismáticos e o movimento da teologia da libertação, bem como os entraves para que se estabeleça uma diretriz única no campo da comunicação na Igreja Católica. O diálogo pressupõe abertura para lidar com o *outro* nas práticas cotidianas. Pressupõe perspectiva de troca, de ir e vir, de abrir-se para o outro. Fechar-se às diferenças para manter uma identidade inviabiliza o diálogo. Compreender e ouvir o outro é fundamental para que tal posição seja assumida como prática comunicativa.

Vivemos numa época em que precisamos perceber a importância do pluralismo das identidades culturais, tanto em termos mundiais, quanto no próprio Brasil, no processo que temos compreendido como globalização. Parece-nos de fundamental relevância que a Igreja Católica se dê conta disso e passe a, no que se refere à comunicação efetivada por seus veículos, abrir-se ao pluralismo. A comunicação televisiva precisa ser compreendida como um espaço para fomentar o diálogo entre as diferentes culturas, identidades, raças, grupos religiosos, ideologias e crenças.

3.2.2 O pluralismo na Igreja Católica brasileira

As diversas partes do mundo estão mais próximas. No Brasil, há uma aproximação das diferentes culturas, que estão frente a frente, que se deparam, que entram em choque. Mas, ao invés de ocorrer uma homogeneização, como pressupõem alguns teóricos, preferimos entender, com base no raciocínio de Featherstone, e também de outros

autores, que a globalização intensifica o pluralismo, fortalece as culturas e as identidades particulares, salienta as singularidades dos povos, das raças, das religiões e das nações. O mundo está cada vez mais complexo. Com isso, mais desafiadora se torna a relação da Igreja Católica com a sociedade globalizada católica e não-católica.

Cada vez mais essa instituição religiosa terá de conviver e dialogar, como ela mesma se dispõe, com o pluralismo. A situação é mundial, mas se reflete claramente no Brasil, país de grande extensão territorial e enorme variedade cultural, religiosa e étnica. Dados do Censo de 2000, divulgados em 2002, parecem confirmar tal afirmação. Eles mostram que o Brasil continua sendo um país de maioria católica, mas que a influência da Igreja Católica decresceu. Hoje, os católicos representam 73,8% da população, uma queda de aproximadamente 12% em relação a 1991.

Diante do fenômeno evangélico vivenciado nos últimos anos, é interessante observarmos que, segundo o Censo, a população evangélica cresceu 70,7% entre 1991 e 2000, passando de 9,05% da população do país para 15,4%. Em números absolutos, os evangélicos representam hoje o dobro do que eram há dez anos, com 26 milhões de seguidores. O terceiro maior grupo no país é o de pessoas sem religião, 7,28% da população, que teve um crescimento de 52%, passando de 6,9 milhões de pessoas para 12,3 milhões (IBGE – Censo 2000).

Uma pesquisa do Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais (CERIS), realizada em 1999, já antecipava o resultado do Censo. Além da redução do número de católicos no Brasil, a pesquisa “Tendências Atuais do Catolicismo”, encomendada pelo Instituto Nacional de Pastoral, órgão da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

(CNBB), ao CERIS, revela contradições e diversidades entre os católicos. Embora limitada pelo universo pesquisado – adultos pobres – mostra que há uma diferença grande entre os que se declaram católicos e os que realmente seguem a doutrina do Vaticano. Segundo dados da CERIS, dos 67% adultos brasileiros pobres, que moram nas grandes cidades, que afirmam ser católicos, apenas 35% fazem profissão de fé em Jesus Cristo, em Maria e nos ensinamentos da Igreja Católica, e podem ser considerados católicos apostólicos romanos.

Os outros 32%, apesar de se dizerem católicos, professam formas diferenciadas de religiosidade dentro do Catolicismo. De acordo com a pesquisa, entre esses estão os casos dos católicos que se identificam apenas com Jesus e seus ensinamentos, o que os aproxima dos evangélicos; os que acreditam apenas em Deus ou numa força superior, sem vinculação institucional com a Igreja; e os que acreditam num Catolicismo sincrético, com influência do espiritismo ou de religiões afro-brasileiras.

A pesquisa mostra tendência entre os católicos na busca por maior autonomia em relação à Igreja oficial. Os católicos entrevistados são a favor e têm, portanto, posição divergente da Igreja Católica em tópicos importantes da doutrina. Por exemplo, 73% são a favor de métodos contraceptivos no planejamento familiar; 44% defendem o sexo antes do casamento; 59% concordam com o divórcio; e 63% admitem a realização de um novo casamento. A todos estes pontos a posição oficial da Igreja Católica é contrária.

Os dados da pesquisa podem ser tomados como exemplo da diversidade com que a Igreja Católica está tendo de conviver nos últimos tempos. Os números mostram não apenas a emergência e o crescimento de outras religiões, mas também as divergências dos católicos para com a doutrina da Igreja. As pesquisas se referem apenas à religiosidade das

peças, mas são indícios das dificuldades enfrentadas pela instituição em dialogar com seu mundo exterior e, também, com seu interior, já que os próprios católicos divergem da doutrina oficial ou, ainda, mesclam a religião católica com outras crenças, de acordo com princípios e valores individuais.

A comunicação é fator primordial num contexto em que a Igreja Católica se esforça para manter e aumentar seu número de fiéis, bem como para levar adiante uma doutrina milenar. Para tanto, dialogar com a diversidade, e aceitar o pluralismo dentro e fora da Igreja, torna-se fundamental nas circunstâncias atuais. Inserida numa sociedade globalizada, na qual a manifestação das diferenças se intensifica, a comunicação televisiva católica pode ser uma estratégia para fomentar esse diálogo.

Entendemos, desse modo, a necessidade de a Rede Vida fazer uma programação para o público em geral, leigos, não-católicos e não-evangelizados. Supomos que o jornalismo pode ser um dos caminhos a se seguir para concretizar uma televisão católica que faça comunicação para a sociedade plural, e não apenas para o interior da Igreja, com ênfase no aspecto eclesial. Este é um dos aspectos que levantamos e discutimos nesta tese, a partir da análise da produção jornalística da emissora Rede Vida.

Nossa preocupação é também sustentada por uma questão já exposta e discutida pela CNBB. Conforme a CNBB, a Rede Vida precisa desenvolver uma política específica para a grade de programação, "que espelhe, de modo pluralista, as várias tendências legítimas presentes na comunidade eclesial e na sociedade" (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, n.59, 1997, item 101). A preocupação expressa no documento (1997) abrange a ampliação do "leque da grade de programação da Rede

Vida de Televisão e a dilatação de sua repercussão junto à grande audiência, procurando alcançar não somente os fiéis que já freqüentam os espaços eclesiais, mas também as populações, afastadas da Igreja".

É neste sentido que supomos que o jornalismo, na programação da Rede Vida, pode contribuir com o diálogo da Igreja com o mundo, compreendido em sua pluralidade no contexto da globalização. Uma ressalva faz-se necessária: a experiência da Rede Vida está imersa na política de comunicação da Igreja Católica no Brasil. Portanto, como esta carece de uma diretriz unívoca, como refere Gomes (2004), a Rede Vida fica condicionada a esta situação. Portanto, as análises dos programas da Rede Vida devem considerar esse contexto, já delineado nos dois primeiros capítulos.

Em função da análise proposta, partimos, a seguir, às considerações teóricas que fundamentam os estudos jornalísticos. Por focarmos a análise na produção, limitar-nos-emos à abordagem do *newsmaking* e, para complementá-lo, ao paradigma construcionista, com enfoque na teoria interacionista.

4 A PRODUÇÃO JORNALÍSTICA COMO CONSTRUÇÃO SOCIAL

As notícias são muito mais do que o que acontece (TRAQUINA, 2004, p. 207).

Compreendido o objeto e o problema de pesquisa, temos como enfoque de análise o processo de produção jornalística de três programas da Rede Vida: “JCTV”; “Este é o meu Brasil”; e “Tribuna Independente”. Para estudar a produção, nos fundamentamos na perspectiva do *newsmaking* e no *paradigma construcionista* da notícia.

A partir da categoria *noticiabilidade*, apresentamos outras categorias, a fim de realizar a análise da produção. Abordamos a *notícia* como construção social, resultado de um processo que envolve interações sociais, para compreendermos os produtos finais do jornalismo. Tentando fugir das definições descritivas e técnicas, e por estar próximo ao *newsmaking*, optamos por trabalhar com o *paradigma construcionista da notícia*. Temos, como subcategorias da notícia, as suas especificidades, quando produzidas para a televisão, porque entendemos que estas podem explicar os critérios de *noticiabilidade*, as interações sociais e as diferentes etapas do processo de produção.

Num primeiro momento, abordamos os gêneros jornalísticos *telejornal* e *entrevista*. Referimo-nos, para entender as peculiaridades da produção, a aspectos sobre a linguagem televisiva. Pontuamos a *edição* como etapa em que os jornalistas compõem o telejornal, a partir de diferentes formatos televisivos – *nota ao vivo*, *nota coberta*, *boletim* e *reportagem*. As técnicas da edição também se manifestam no gênero *entrevista*. Por fim, tratamos sobre as *pautas* e as *fontes*, como categorias vinculadas à produção jornalística. A categoria *fonte*, por sua vez, está diretamente relacionada à discussão proposta pelo paradigma construcionista, o qual coloca, como fundamental, para entendermos as notícias, a análise das relações entre o jornalista e suas fontes.

4.1 NEWSMAKING E NOTICIABILIDADE

A fundamentação teórica deste estudo parte da perspectiva do *newsmaking*. Os estudos das rotinas de produção apontam para a questão da *distorção inconsciente* na cobertura jornalística, idéia que surge com o conceito de *gatekeeper* (filtro), elaborado por Kurt Lewin, em 1947, durante suas análises sobre os processos de tomada de decisões dentro dos grupos. Mais tarde, Lewin constataria que o conceito era, também, apropriado para a análise do fluxo de comunicações dentro de um grupo, empregando o termo no sentido de um líder de opinião (KUNCZIK, 2001, p.234).

Nos anos 50, David Manning White aplica o conceito ao jornalismo e desenvolve a teoria do *gatekeeper*. Segundo essa teoria, o processo de produção da informação engloba uma série de escolhas, ou seja, o fluxo de notícias passa por diversos *gates*

(filtros), representados pelas decisões do jornalista, o *gatekeeper*. Os estudos elaborados por White concluem que o processo de produção da informação é subjetivo e arbitrário. As decisões que definem o que será ou não notícia, para White, são tomadas num plano individual. Assim, as notícias são um produto das pessoas e das suas intenções (TRAQUINA, 2002, p.69).

A teoria do *gatekeeper* reduz o processo de produção das notícias à ação individual do jornalista. A afirmativa é o ponto de partida para diversas críticas a essa teoria. Traquina entende que os estudos de White privilegiam apenas uma abordagem microsociológica, individual, ignorando por completo quaisquer fatores macrosociológicos, ou, mesmo, microsociológicos, como a organização jornalística. Além disso, ao limitar o trabalho jornalístico ao conceito de seleção, minimiza outras dimensões importantes do processo de produção das notícias (2002, p.70).

Consideradas as limitações da teoria do *gatekeeper*, o *newsmaking* avança ao compreender a produção jornalística num sentido mais amplo, para além da ação individual do jornalista. O *newsmaking*, segundo Wolf, articula-se entre a "cultura profissional dos jornalistas e a organização do trabalho e dos processos produtivos" (1995, p.169). Ou seja, a produção de informações de massa engloba, por um lado, a cultura profissional e, por outro, a organização do trabalho, as quais estabelecem um conjunto de valores ou critérios que definem o que será ou não notícia. Os critérios de *noticiabilidade* indicam se um fato está ou não apto a ser transformado em notícia, de acordo com a cultura profissional e a organização do trabalho dos jornalistas.

Na prática, a *noticiabilidade* se refere aos critérios que os jornalistas, inseridos numa cultura profissional e numa organização de trabalho, utilizam para escolher e / ou eliminar fatos durante todo o processo produtivo, da elaboração da pauta até a edição dos programas veiculados. Nesse processo de filtragem, Kunczik afirma que "cada decisão de publicar uma determinada matéria implica também a supressão de outra matéria ou matérias" (2001, p.237). O trabalho se estende para além da aceitação ou rejeição das notícias. Para o autor, as notícias aceitas são processadas e, portanto, modificadas.

Conforme explica Wolf, a *noticiabilidade* é composta por um conjunto de *valores/notícia* que constituem a resposta à seguinte pergunta: "quais os acontecimentos que são considerados suficientemente interessantes, significativos e relevantes para serem transformados em notícias?" (1995, p.175). É necessário esclarecer que tomamos a *noticiabilidade*, enquanto categoria, para entendermos a produção de qualquer produto jornalístico informativo, não nos limitando ao formato *notícia*. Buscaremos pensar a *noticiabilidade* na produção dos diversos formatos jornalísticos televisivos.

Devido à necessidade de rotinização do processo produtivo, os *valores/notícia* devem permitir que a seleção do material ocorra com rapidez, de modo automático, bem como se caracterize por um certo grau de flexibilidade e de comparação, além de que não seja suscetível a demasiados impedimentos. As rotinas produtivas evidenciam os *valores/notícia*. Nelas é que eles se manifestam, visivelmente, na prática jornalística. Mais adiante, voltaremos a essa questão.

Wolf (1995) faz duas observações com relação aos *valores/notícia*: primeiro, afirma que devem ser entendidos, na prática, de forma complementar; segundo, que são

critérios de relevância espalhados ao longo de todo o processo produtivo. Considerando-as, identificaremos os *valores/notícia* na produção jornalística da Rede Vida. Não nos limitaremos aos critérios descritos por Wolf. Procuraremos perceber quais são os *valores/notícia* na Rede Vida, analisando as peculiaridades da emissora e da sua produção jornalística.

De acordo com o *newsmaking*, os *valores/notícia* derivam de pressupostos implícitos ou de considerações relativas às características substantivas das notícias, à disponibilidade do material e aos critérios relativos ao produto informativo, ao público e à concorrência.

Os *critérios substantivos* englobam fatores relacionados à importância e ao interesse do fato em si. Um acontecimento pode ser importante pelo seu grau e nível hierárquico dos indivíduos envolvidos; pelo seu impacto sobre a nação e o interesse nacional, ou seja, pela sua significatividade; pela quantidade – de fato ou potencial – de pessoas envolvidas no acontecimento; ou ainda pela relevância e significatividade quanto às possíveis conseqüências e evolução futura da situação. Com relação ao interesse, pode ser notícia um fato baseado no aspecto do interesse humano, "do ponto de vista insólito, das pequenas curiosidades que atraem a atenção", que seja capaz de entreter (WOLF, 1995, p.183-184).

Os *valores/notícia* também dizem respeito à disponibilidade de materiais e às características específicas do produto informativo. Os critérios relativos ao produto são a *brevidade*; a notícia como resultado de uma *ideologia da informação*; a *atualidade*; a *qualidade*; e o *equilíbrio*. O primeiro se refere à concisão da notícia, à sua dimensão. Em

especial, para a televisão, segundo o *newsmaking*, quanto mais breve, mais fácil fica de adequá-la aos formatos dos noticiários.

Quanto ao segundo critério, Wolf afirma que as notícias podem ser selecionadas por um dito jornalístico bastante difundido: *bad news is good news*, ou seja, constitui notícia aquilo que altera a rotina, ou ainda, quanto mais negativo é um acontecimento, mais certo será que se transformará em notícia (1995, p.185). A *atualidade*, outro critério relativo ao produto, não requer muitas explicações: quanto mais atual, mais próximo ao momento da transmissão, mais provável que será noticiado.

À *qualidade*, Wolf apresenta cinco critérios, desenvolvidos por Gans, pesquisador do *newsmaking*: a *ação* (a notícia é tanto melhor quanto mais ilustrativa visualmente); o *ritmo*; o *caráter exaustivo* (quanto mais pontos de vista sobre um assunto, melhor); a *clareza de linguagem*; e os *parâmetros técnicos mínimos* (1995, p.187). O último critério, o *equilíbrio*, refere-se à composição equilibrada do noticiário no seu conjunto.

Os critérios relativos aos meios de comunicação são importantes para a investigação a que nos propomos, porque permitem pensar se a Rede Vida, veículo de comunicação católico, tem respeitado as características próprias do meio televisivo, ao produzir seus programas jornalísticos. De acordo com o *newsmaking*,

na informação televisiva, a avaliação da noticiabilidade de um acontecimento diz também respeito à possibilidade de ele fornecer bom material visual, ou seja, imagens que não só correspondam aos *standards* técnicos, mas que sejam também significativas, que ilustrem os aspectos salientes do acontecimento noticiado (WOLF, 1995, p.188).

Um bom material visual pode determinar a *noticiabilidade* de um acontecimento, assim como um outro critério, o da *frequência* – que se refere ao lapso de tempo necessário para que um acontecimento adquira forma e significado (WOLF, 1995). Quanto ao meio de comunicação, um último critério é o do *formato*. Este diz respeito aos limites espaço-temporais que caracterizam o produto informativo. É fundamental para o *valor/notícia* que as notícias sejam estruturadas narrativamente, com introdução, parte central, desenvolvimento e conclusão.

Os critérios relativos ao público referem-se ao papel da imagem que os jornalistas têm do público. Segundo o *newsmaking*, os jornalistas conhecem muito pouco de seu público e poucos desejam conhecê-lo. Contudo, as necessidades e as exigências dos destinatários estão implícitas nas rotinas produtivas. Gans (1979) distingue estes critérios em três categorias: as notícias que permitem uma identificação por parte do espectador; as notícias de serviço; e as *notícias ligeiras*⁵⁴. Também pode ser um critério relativo ao público, o aspecto da proteção, isto é, a não-publicação de acontecimentos que poderiam provocar traumas ou ansiedade no público.

Outros critérios de *noticiabilidade* se referem à concorrência. Wolf (1995) apresenta três tendências relacionadas a esses critérios: o empenho dos veículos de comunicação em conseguir detalhes (pormenores exclusivos), já que o concorrente poderá editar a mesma matéria; a geração de expectativas recíprocas, levando à seleção de uma informação porque se espera que os concorrentes também a selecionem; e a transformação das expectativas recíprocas em laço comum, o que contribui para a semelhança da cobertura jornalística e desencoraja mudanças.

⁵⁴ Também chamadas *fait divers* (BARTHES, Roland. **Crítica e verdade**. São Paulo: Perspectiva, 1970).

As observações feitas por Wolf a respeito do uso desses critérios, ao longo da produção das notícias, são relevantes e devem ser consideradas na análise dos programas da Rede Vida. Segundo o autor, nem todos os *valores/notícia* são importantes de igual modo. Nem todos são importantes para cada notícia. O fato reforça *o caráter negociado da noticiabilidade*; isto é, "os critérios relevantes são variáveis, embora de uma forma limitada, de acordo com determinados fatores" (1995, p.193).

A relação dos jornalistas com as fontes, com as agências, com a seleção das informações e com a edição e apresentação das notícias também indicam, segundo Wolf, "o caráter elástico, dinâmico, não rigidamente pré-fixado, por vezes calibrado internamente de forma diferente, do processo de noticiabilidade" (1995, p.224).

O *newsmaking*, perspectiva teórica assumida nesta tese, exige-nos que entendamos o produto que resulta desse processo de seleção, sustentado dinamicamente pelos valores/notícia, a partir de uma concepção apropriada. Buscaremos dar conta dessa questão, ao tomarmos a notícia a partir do paradigma construcionista, a fim de analisarmos a produção dos programas jornalísticos da Rede Vida. Entendemos que o paradigma construcionista abrange a *noticiabilidade*, situando-a teoricamente e permitindo-nos compreender os produtos jornalísticos como resultado de um processo de interação social.

4.2 A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA NOTÍCIA

Enfatizamos, desde o princípio, que a análise centrar-se-á no processo de produção. O *newsmaking* apresenta a *noticiabilidade* como categoria-chave para visualizarmos as escolhas que se estabelecem em tal processo. Para compreendermos a complexidade desse processo e dessas escolhas, assumimos aqui a concepção de notícia do paradigma construcionista, a qual nos dará suporte para a análise dos produtos jornalísticos da Rede Vida. As teorias que o compõem permitem-nos perceber o produto final do jornalismo como construção social, um processo amplo e complexo. Muitos conceitos de notícia tratam-na como uma técnica, ou orientam para como ela deva ser, ou seja, às suas características. Entretanto, nosso estudo requer uma compreensão mais abrangente.

Bahia define *notícia* como o modo pelo qual o jornalismo registra e leva os fatos ao conhecimento do público (1990, p.35). Na concepção deste autor, a notícia é a base do jornalismo, seu objeto e seu fim. Além disso, frisa que *a notícia* é uma informação, embora nem toda a informação seja *notícia*. Entendemos que o autor está se referindo à *notícia* como resultado da técnica de produção jornalística. Precisamos considerar, contudo, a complexidade desse processo.

Além disso, quando se refere à *notícia* como informação, mas salienta que nem toda a informação é *notícia*, Bahia deixa subentender que a informação precisa atender a um conjunto de critérios, estabelecidos pelo jornalismo, que vão dizer se ela pode ou não ser transformada em *notícia*. Concordamos com o autor em dizer que a *notícia* é uma informação, porém, já modificada no processo de produção jornalística. É uma informação

que passou pelo crivo dos critérios de *noticiabilidade*. É uma informação que representa um recorte da realidade, feito a partir dos *valores/notícia*.

Marcondes Filho, em sua definição de notícia, busca ressaltar este aspecto – a transformação da informação em notícia como mercadoria, evidenciando um ângulo crítico à notícia e ao seu papel na sociedade:

Notícia é a informação transformada em mercadoria com todos os seus aspectos estéticos, emocionais e sensacionais; para isso, a informação sofre um tratamento que a adapta às normas mercadológicas de generalização, padronização, simplificação e negação do subjetivismo. Além do mais, ela é um meio de manipulação ideológico de grupos de poder social e uma forma de poder político (1989, p.13).

Sem entrar nos detalhes desta definição, que por si só poderia gerar extensa discussão, o que nos interessa é a atenção que Marcondes Filho chama para a transformação da informação em *notícia*, enfatizando a diferença entre as categorias *informação* e *notícia*. No nosso entender, a primeira compreende, no contexto da produção jornalística, as circunstâncias, o material recebido de assessorias, coletado em entrevistas, ao presenciar os fatos, os acontecimentos, os discursos oficiais, os pronunciamentos, documentos, gravações, enfim, tudo o que possa constituir o conteúdo de uma notícia. Já esta é o que resulta da produção jornalística que, numa sociedade capitalista, é mercadoria.

Outro autor que apresenta uma conceituação para a *notícia* é Nilson Lage. Para ele, a *notícia* é o relato de um fato novo, começando pelo aspecto mais relevante. O que caracteriza a *notícia* é a novidade (1982, p.36). Contudo, acreditamos, nem tudo que é novidade será *notícia*. Numa sociedade que vive a chamada era da informação e da globalização, na qual a cada instante surgem informações novas, o homem se vê diante do

desafio de selecionar aquilo que lhe interessa. Assim, também, o jornalista tem a tarefa de selecionar os fatos novos que serão *notícia*. Mais uma vez, a definição de *notícia* passa pelos critérios de *noticiabilidade*.

Em consonância com o *newsmaking*, mas a fim de termos uma compreensão mais ampla da notícia, porque nosso objeto de estudo requer isso, optamos por estudá-la a partir do paradigma construcionista⁵⁵. Este, por sua vez, não elimina o *newsmaking*, mas complementa-o. Além do mais, permite-nos pensar a notícia não apenas como formato no jornalismo televisivo, mas como todo e qualquer produto que resulta da produção jornalística. Incluímos, aqui, os diferentes formatos que compõem os gêneros informativos.

O paradigma construcionista, segundo Traquina, engloba as teorias estruturalista e etnoconstrucionista ou interacionista⁵⁶, que se desenvolvem a partir dos anos 60 e 70. Este paradigma nos oferece uma concepção mais ampla de *notícia*, e nos interessa, de modo particular, porque vai ao encontro da perspectiva adotada pelo *newsmaking*. Ambas as teorias partilham o paradigma das notícias como construção social, rejeitando a teoria do espelho⁵⁷ e o empirismo ingênuo dos jornalistas.

As notícias não podem ser o “espelho” da realidade porque, como entende o paradigma construcionista, elas ajudam a construir a própria realidade. Robert Hackett (1993), ao criticar a posição de que as notícias transmitem uma tradução imparcial da realidade, apresenta dois argumentos. Primeiro, a linguagem não pode funcionar como

⁵⁵ Traquina (2002) também denomina de paradigma construtivista.

⁵⁶ Encontramos na obra de Traquina as duas denominações para a mesma teoria. Na obra **O estudo do jornalismo no século XX**, de 2002, denomina-a “etnoconstrucionista”. Já em **Teorias do jornalismo**, de 2004, a mesma teoria vem intitulada de “interacionista”.

⁵⁷ Segundo a teoria do espelho, as notícias são como são porque a realidade assim as determina. Nesse entendimento, o jornalista é um comunicador desinteressado (TRAQUINA, 2002, p. 65).

transmissão direta dos significados inerentes aos acontecimentos, ou seja, a linguagem neutra, isenta de valores, é impossível, pois a utilização da linguagem movimenta todo um contexto referencial. Segundo, porque o jornalismo estrutura a representação dos acontecimentos sociais e políticos.

As teorias do paradigma construcionista compreendem as notícias como o

resultado de processos complexos de interação social entre agentes sociais: os jornalistas e as fontes de informação; os jornalistas e a sociedade; os membros da comunidade profissional, dentro e fora da sua organização. Ambas as teorias são microssociológicas e macrossociológicas (TRAQUINA, 2002, p. 85-86).

Desse ponto de vista, as notícias só podem ser compreendidas se considerados esses processos de interação social, nos quais atuam os critérios de noticiabilidade, mencionados pelo *newsmaking*. A concepção de notícia como construção social tem relevância teórica por referir-se ao processo de produção jornalística no seu todo, inclusive considerando o contexto, não apenas o da organização de trabalho, mas também aquele que o circunda e nele interfere significativamente. Isso quer dizer que, ao produzir a notícia, o jornalista estabelece uma série de relações sociais, seja com as fontes, com a sociedade, ou com os membros da comunidade profissional.

O paradigma construcionista sublinha

a importância da cultura jornalística, nomeadamente a estrutura dos valores-notícia dos jornalistas, a ideologia dos membros da comunidade, e as rotinas e procedimentos que os profissionais utilizam para levar a cabo o seu trabalho. [...] Ambas reconhecem que os membros da comunidade jornalística exercem um grau de autonomia [...], são de fato participantes ativos na construção da realidade (TRAQUINA, 2002, p.86).

De fato, as teorias estruturalista e etnoconstrucionista compreendem que os processos de interação social, dos quais resultam as notícias, sofrem interferência dos critérios de noticiabilidade, estabelecidos numa rotina produtiva. Poderíamos afirmar que os valores/notícia norteiam esses processos de interação social, entre os agentes sociais – os jornalistas, as fontes, a sociedade e os membros da comunidade profissional. Precisamos destacar, contudo, que o jornalista, por interagir socialmente, atua na construção da notícia e da realidade.

Traquina assume, teoricamente, o paradigma construcionista. Na compreensão do autor (2004, p.28), as notícias são uma “construção” social, ou seja, “o resultado de inúmeras interações entre diversos agentes sociais que pretendem mobilizar as notícias como um recurso social em prol de suas estratégias de comunicação, e os profissionais do campo, que reivindicam o monopólio de um saber, precisamente o que é notícia”. Assim, entende que o trabalho jornalístico é condicionado, mas mantém “autonomia relativa”, o que concede poder à profissão e ao profissional jornalista. Partindo dessa perspectiva, podemos compreender o jornalista como participante ativo na construção da notícia e, conseqüentemente, da realidade.

Se entendermos as notícias como construções sociais, reconhecemos, conforme este paradigma, que as notícias são narrativas marcadas pela cultura jornalística e pela cultura da sociedade onde estão inseridas. As técnicas de construção dos produtos jornalísticos (diferentes gêneros e formatos) e a necessidade de escolher, excluir ou acentuar determinados aspectos dos acontecimentos, são exemplos de como, através das narrativas, a notícia “enquadra” o acontecimento e a realidade. A escolha narrativa é "orientada pela aparência que a ‘realidade’ assume para os jornalistas pelas convenções

que moldam a sua percepção e fornecem o repertório formal para a apresentação dos acontecimentos, pelas instituições e rotinas" (TRAQUINA, 2002, p.87). Na produção da notícia, essa ação refere-se aos *enquadramentos midiáticos*, os quais são usados repetidamente nas rotinas produtivas. O fator *tempo* interfere nesse processo: o jornalista utiliza-se dos *enquadramentos* a fim de transformar, com rapidez, um acontecimento em notícia.

As interações sociais dos jornalistas, como já mencionamos, ocorrem em três níveis: com as fontes; com a sociedade; e com os membros da comunidade jornalística. As teorias que integram o paradigma construcionista divergem, principalmente, quanto ao entendimento da interação jornalistas – fontes.

De acordo com a teoria estruturalista⁵⁸, as notícias são “determinadas” pela relação unidirecional entre as fontes oficiais e os jornalistas. Por isso, entende que o jornalismo reproduz a ideologia dominante⁵⁹, não intencionalmente, mas porque essa tendência inscreve-se nas estruturas e nos processos do ato de elaboração das notícias.

A produção social das notícias, na teoria estruturalista, engloba três aspectos. O primeiro é a organização burocrática da empresa jornalística; o segundo é a estrutura dos valores-notícia; e o terceiro é o momento da construção da própria notícia. Neste último, os acontecimentos são identificados e inseridos num contexto social. Hall et al. (1993) falam em trazer os acontecimento aos mapas de significados, colocando-os em “quadros de

⁵⁸ HALL, Stuart; CHRITCHER, Chas; JEFFERSON, Tony; CLARKE, John; ROBERTS, Brian. A produção social das notícias: O *mugging* nos media. In: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: Questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Veja, 1993. p.224-250.

⁵⁹ Hall et al. (1993) recorrem à afirmação básica de Marx, de que as idéias dominantes de qualquer época são as idéias da classe dominante, para pensar o papel ideológico do jornalismo, a partir da relação estrutural entre os jornalistas e as fontes oficiais e de poder.

referência”, para que esses acontecimentos façam sentido aos receptores. Esse processo de “enquadramento” contribui, conforme os autores, para o consenso social: “[...] o processo de significação – dando significados sociais aos acontecimentos – tanto assume como ajuda a construir a sociedade como um ‘consenso’” (1993, p.226).

Coopera com essa tendência a relação estrutural entre os “definidores primários” e os jornalistas⁶⁰. *Definidores primários* são as fontes institucionalizadas, oficiais. A relação definidores primários/jornalistas permite, segundo a teoria estruturalista, compreender por que a reprodução da ideologia dominante não é intencional. As notícias dependem, segundo Hall et al. (1993), dos assuntos fornecidos por fontes institucionais regulares e credíveis. E os jornalistas buscam essas fontes por duas razões: as pressões internas da produção jornalística; e por se orientarem pelos princípios da objetividade e da imparcialidade. Desse modo, essas fontes são definidores primários, porque estabelecem a interpretação primária dos acontecimentos. Hall et al. sintetizam seus argumentos:

Os *media*, então, não se limitam a “criar” as notícias; nem se limitam a transmitir a ideologia da “classe dirigente” num figurino conspiratório. Na verdade, sugerimos que, num sentido crítico, os *media* não são freqüentemente os *primary definers* dos acontecimentos noticiosos; mas a sua relação estruturada com o poder tem o efeito de os fazer representar não um papel crucial, mas secundário, ao reproduzir as definições daqueles que têm acesso privilegiado, como de direito, aos *media* como “fontes acreditadas”. Nesta perspectiva, no momento da produção jornalística, os *media* colocam-se numa posição de subordinação estruturada aos *primary definers* (1993, p.230 – grifos dos autores).

O ponto-chave da teoria estruturalista é a reprodução da ideologia dominante pela mídia, não de modo intencional, mas devido a uma relação estrutural entre as fontes e a

⁶⁰ Hall et. al. (1993) referem-se à relação entre definidores primários (*primary definers*) e as práticas dos *media*. Apropriando-nos da idéia, preferimos falar na relação entre definidores primários e jornalistas, o que, ao nosso ver, é mais pertinente neste trabalho.

mídia. O determinismo, principal crítica à teoria estruturalista, é amenizado pela teoria interacionista.

De modo geral, a teoria interacionista ou etnoconstrucionista, assim como a estruturalista, entende que a conexão entre as fontes e os jornalistas contribui para que as notícias reforcem a ideologia dominante, ao apoiarem as posições oficiais dos acontecimentos. Contudo, a teoria interacionista relativiza essa perspectiva, cuja concepção de notícia é

o resultado de um processo de produção, definido como a percepção, seleção e transformação de uma matéria-prima (principalmente os acontecimentos) num produto (as notícias). Os acontecimentos constituem um imenso universo de matéria-prima; a estratificação deste recurso consiste na seleção do que irá ser tratado, ou seja, na escolha do que se julga ser matéria-prima digna de adquirir a existência pública de notícia, numa palavra – ter noticiabilidade (*newsworthiness*) (TRAQUINA, 2002, p.94).

Esta concepção de notícia coloca em relevância a seleção dos acontecimentos, baseada em critérios que vão dizer o que será ou não notícia, estando, portanto, em sintonia com o *newsmaking*. Tais critérios, segundo a teoria etnoconstrucionista, estão submetidos ao fator *tempo*. Em decorrência, as empresas do campo jornalístico elaboram estratégias para enfrentar esse desafio, impondo determinada ordem no espaço e no tempo.

A ordem no espaço impõe-se quando as empresas estabelecem uma rede noticiosa⁶¹ para capturar os acontecimentos. Já a ordem no tempo é imposta pela empresa jornalística quando se dá mais atenção aos acontecimentos que se concentram durante as horas normais de trabalho; quando se planeja o futuro através do serviço de agenda ou

⁶¹ Refere-se à expressão *news net*, cunhado, teoricamente, por Gaye Tuchman (1993).

pauta (lista de acontecimentos previstos); e/ou quando se privilegia o fato e não as problemáticas (aprofundamento) (TRAQUINA, 2002, p.98).

Para Sousa⁶², a tirania do fator tempo afeta o processo global do *newsmaking*. No mesmo sentido em que as empresas jornalísticas impõem ordem no espaço e no tempo, em virtude do fator tempo e de outros fatores, como a organização empresarial, estabelecem-se suas rotinas. Segundo o autor, as rotinas são os padrões comportamentais constituídos para atender às necessidades das organizações noticiosas e dos jornalistas. As rotinas jornalísticas incorporam, por sua vez, os *valores/notícia* ou os critérios de *noticiabilidade* (2002, p.47-49).

As rotinas, conforme analisa Sousa (2002, p.50), são o elemento mais visível para mostrar que a maior parte do trabalho jornalístico “decorre de procedimentos rotineiros, convencionais e mais ou menos estandarizados de fabrico da informação de atualidade”. Posicionando-se criticamente às rotinas, o autor entende que as mesmas podem “distorcer ou simplificar arbitrariamente o mundo dos acontecimentos”, constranger os jornalistas, tornar o jornalismo uma atividade burocrática e levar à utilização rotineira de fontes oficiais. Por tais razões, as rotinas seriam um “poderoso inimigo da abertura democrática e polifônica dos órgãos jornalísticos ao público em geral” (SOUSA, 2002, p.51).

Sousa atribui às rotinas a semelhança com que os fatos são publicados nos diferentes órgãos de comunicação. “Intuitivamente, nas organizações noticiosas em que as

⁶² Jorge Pedro Sousa (2002), em **Teorias da notícia e do jornalismo**, assume uma visão construcionista das notícias. Para tanto, entende que as notícias sofrem influência das ações pessoal, social, ideológica, cultural, do meio físico e tecnológico, e histórica. Para Sousa, a *noticiabilidade* encontra explicação na confluência desses fatores.

rotinas são mais importantes, o produto será, à partida, menos diversificado, até porque a seleção operada pelos *gatekeepers* tenderá para a uniformidade” (2002, p.52).

Diferentemente da teoria estruturalista, a interacionista sublinha o grau de autonomia dos jornalistas, cujo papel é decisivo na construção da notícia. Harvey Molotch e Marilyn Lester (1993) desenvolvem essa argumentação teórica ao propor a distinção entre aqueles que promovem as notícias (*news promoters*); aqueles que trabalham a partir dos materiais fornecidos pelos promotores, transformando-os em acontecimentos públicos – os jornalistas (*news assemblers*); e ainda entre os *news consumers*, isto é, os consumidores das notícias. Dentre estes diferentes grupos (ou agências, como denominam os autores) existem “necessidades de notícia” que, nem sempre, são as mesmas. Para Molotch e Lester, o “ponto em que as organizações jornalísticas geram necessidades de acontecimentos entre os *news assemblers*, necessidades essas que diferem dos promotores de ocorrências, é o ponto em que os *media* têm um papel institucionalmente padronizado e independente na produção de notícias” (1993, p.40).

Além disso, apenas os jornalistas têm “acesso direto”⁶³ à produção jornalística, sendo capazes de gerar notícias a partir de suas investigações e de suas necessidades de notícia. Contudo, a tendência é o predomínio das notícias geradas a partir dos acontecimentos promovidos por indivíduos ou grupos situados na rede noticiosa. É o que Molotch e Lester (1993, p.44) categorizam por “acesso habitual”. A teoria interacionista admite, portanto, a possibilidade de outros agentes sociais mobilizarem a produção jornalística para os seus objetivos comunicacionais, ainda que reconhece o poder dos

⁶³ Molotch e Lester (1993) referem-se a três tipos de acesso ao campo jornalístico: o acesso habitual, quando um indivíduo ou grupo está tão inserido na rede noticiosa e, normalmente, suas necessidades de notícia coincidem com as atividades de produção jornalística; acesso disruptivo, quando são produzidos acontecimentos externos à rotina, com a intenção de serem noticiados; e acesso direto, reservado aos jornalistas, capazes de criar acontecimentos de acordo com suas necessidades de notícia.

jornalistas na definição do que é notícia e de como será construída (TRAQUINA, 2004, p.189).

A formação da rede noticiosa é fator relevante no processo de produção jornalística, estando relacionada à rotinização do trabalho. As rotinas produtivas levam à dependência das fontes oficiais. Portanto, tal como a teoria estruturalista, a interacionista entende que as notícias são aliadas das instituições legitimadas.

A diferença está na defesa, por parte da teoria interacionista, de que o papel dominante das fontes oficiais não ocorre de modo automático, mas emerge de uma “conquista”. A “conquista” desse espaço, segundo Traquina (2004), conta com quatro tipos de recursos: capital econômico; capital institucional ou grau de institucionalização; capital sociocultural ou credibilidade; estratégias de comunicação.

Para além da relação jornalistas-fontes, a teoria interacionista refere-se, ainda, à relação entre os próprios jornalistas. É através das interações entre os jornalistas que se formam a identidade e a cultura profissionais. Para a teoria interacionista, a compressão das mesmas é fundamental. Desse modo, a teoria evidencia dois poderes do jornalista: a autonomia de decidir o que é notícia; e o poder da última palavra sobre a construção do acontecimento como notícia (TRAQUINA, 2004, p.203). É importante, para a teoria interacionista, a defesa de que os jornalistas são participantes ativos na construção da realidade, e de que as notícias resultam de um processo de interação social.

Conforme as considerações apontadas até então, a teoria interacionista encara a produção das notícias como um “processo de negociação constante”, onde ocorre uma

espécie de jogo noticioso. Atuam nele, as fontes, os jornalistas e os consumidores das notícias. Estão em jogo diferentes interesses que vão definir o que será notícia. Na maioria das vezes, devido a vários fatores que interagem nesse processo, as notícias acabam por reproduzir as idéias dominantes.

Assumimos, nesta tese, o paradigma construcionista, mas tendemos à compreensão proposta pela teoria interacionista. Consideramos que a teoria interacionista dá conta, devido à sua maior abertura, de inúmeras relações que se estabelecem na construção da notícia, as quais buscaremos compreender na produção jornalística da Rede Vida.

A teoria interacionista permite-nos analisar a percepção, a seleção e a transformação de um acontecimento em notícia, a partir da prática jornalística. Dá-nos suporte para entender o processo de produção e a atuação dos critérios de noticiabilidade nas diferentes etapas que o compõem, bem como as interações sociais que se estabelecem no decorrer do processo.

A concepção interacionista de notícia leva-nos a perceber as relações estruturadas, porém deixa espaço para pensarmos as diferentes “necessidades de notícia” dos diferentes agentes sociais – fontes; jornalistas; ou consumidores. Em nenhum momento, a teoria interacionista nega que a notícia possa reproduzir a ideologia dominante. Pelo contrário, admite, mas não aceita o determinismo. Confere poder aos jornalistas e aos outros agentes sociais. Enxerga no processo um jogo de interesses, no qual a disputa é pelo espaço midiático. O resultado vai depender das interações sociais e da atuação dos critérios de noticiabilidade, estabelecidos nas rotinas produtivas, em função do espaço e do tempo.

Entendemos que a teoria interacionista, ao falar em “diferentes necessidades de notícia”, admite a intencionalidade na própria relação estrutural. E mais: admite a intencionalidade do jornalista, cuja atuação no processo tem “autonomia relativa”.

A *notícia*, como construção social, resultado de um processo de produção *interacionista*, é referência para analisarmos as matérias jornalísticas veiculadas pelo “JCTV”, telejornal da Rede Vida, bem como as reportagens veiculadas pelo “Este é o meu Brasil”, ou as entrevistas do “Tribuna Independente”. É certo que, para analisarmos os programas em questão, precisaremos ir além do conceito de notícia e adentrarmos nas especificidades jornalísticas de cada um. Contudo, a concepção de processo de produção, a noticiabilidade e a idéia de construção social permanecem relevantes.

Quando se trata de televisão, temos que considerar as especificidades do meio. De certa forma, abordaremos questões a respeito dos gêneros informativos na televisão, o telejornal e a entrevista, além de aspectos sobre a técnica de produção da notícia para a televisão. Eles são importantes para entendermos como a linguagem própria da televisão interfere no processo de produção jornalística.

4.3 OS GÊNEROS INFORMATIVOS

O jornalismo na televisão compõe, basicamente, a categoria de programas informativos, subdividida nos gêneros *debate*; *documentário*; *telejornal*; *entrevista* (SOUZA, 2004). Limitamo-nos aos dois últimos, por caracterizarem os programas

analisados nesta tese. Entendemos por *telejornal* o programa em que o apresentador⁶⁴ chama, em estúdio, ao vivo ou não, matérias produzidas anteriormente ou ao vivo. O gênero comporta formatos como: *nota*; *boletins*; *entrevistas*; *reportagens*; *editorial*; *comentário*. Já o gênero *entrevista*, de modo geral, é o programa que coloca entrevistador e entrevistado frente a frente. O foco é o entrevistado. Abordamos aqui aspectos relativos à produção desses gêneros na televisão.

4.3.1 A linguagem televisiva

A televisão cumpre papel fundamental na sociedade. As emissoras são responsáveis pelo entretenimento e o lazer de muitas pessoas, assim como para muitas outras elas são a principal fonte de informação e de conhecimento. A popularidade da televisão se deve a sua própria natureza – é um veículo de massa, de grande alcance e polissensorial⁶⁵. O telejornalismo, considerando a natureza do meio, desempenha um importante papel. Os produtores dos programas jornalísticos, em geral, têm o dever de fazer o uso apropriado da técnica para atender e atingir à heterogeneidade do público da televisão.

Para analisar a produção do telejornal “JCTV” e dos programas “Tribuna Independente” e “Este é o meu Brasil”, precisamos entender características da linguagem

⁶⁴ O apresentador pode ser ou não um jornalista. Quando jornalista, muitas vezes também é o editor do programa. Nem todo apresentador-editor é âncora. O âncora, no telejornalismo brasileiro, segundo Squirra (1993), é um formato não consolidado. No Brasil, o jornalista Boris Casoy e sua atuação no extinto TJ Brasil (SBT) é o exemplo mais próximo do padrão original (norte-americano) de âncora.

⁶⁵ O termo polissensorial é utilizado por Sousa e Aroso (2003) para se referir às características visuais e auditivas da televisão.

televisiva que interferem no processo de produção das notícias e de outros produtos jornalísticos, servindo como critérios de seleção, ou como valores/notícia, complementando aqueles já abordados por Wolf.

A televisão é um meio áudio-grafo-visual, mas sua força reside na imagem. A imagem é fundamental para a comunicação televisiva, pelo seu poder de convencimento, de expressão e de dramaticidade (SQUIRRA, 1990, p.51). Paternostro lembra que é com a imagem que a televisão compete com o rádio e o jornal, exerce fascínio e prende a atenção das pessoas (1999, p.61). Sousa e Aroso (2003) defendem o primado da imagem, pois ela é o elemento que traz mais-valia à televisão.

Entre os autores, há consenso: a televisão requer sintonia entre imagens e palavras. "É preciso respeitar a força da informação visual e descobrir como associá-la à palavra, porque a informação na TV funciona a partir da relação texto/imagem" (PATERNOSTRO, 1999, p.61). Para a autora, "só se faz televisão com imagem, mas a palavra tem lugar garantido. O nosso desafio é descobrir como e quando usar a palavra" (1999, p.72). Segundo Rezende, é com a transmissão direta de imagens e sons que a TV realiza a sua obra jornalística máxima, permitindo ao telespectador testemunhar um fato como se estivesse presente no local (2000, p.73).

A discussão se instala quando se trata de concordar ou não com a afirmativa de que, na televisão, a imagem é mais forte do que a palavra. Ou ainda, de que a imagem é que conduz a produção de sentido. Paternostro, utilizando-se de um provérbio chinês, lembra que uma "imagem vale mais do que mil palavras" (1999, p.61). Maciel (1995) é outro autor que defende a força da imagem. Para ele, a imagem permanece gravada no

cérebro do telespectador depois que a notícia já foi esquecida. Sousa e Aroso (2003) orientam para que a redação do texto para a televisão respeite as imagens. “O comentário vai respondendo às questões que as imagens vão suscitando”. Os autores têm, na imagem, a matéria-prima do jornalismo. Como complemento, ao texto estão reservadas as funções de explicitação de sentido e de complementaridade. O erro encontra-se quando há contradição entre imagem e texto, causa de ruído na comunicação.

O valor da imagem no telejornalismo é também mencionado na abordagem do *newsmaking*. A *noticiabilidade* de um acontecimento passa pela possibilidade de ele fornecer boas e significativas imagens, critério que se justifica porque o aspecto visual é o diferencial que a televisão tem diante de outros meios de comunicação, como o rádio e o jornal. Paternostro afirma que a preocupação com a imagem prevalece em todas as etapas da produção, e que uma reportagem de TV não pode ser concebida sem que impere a presença da imagem (1999, p.76).

Já do ponto de vista de Curado,

o jornalismo de televisão opera num limite que ameaça a missão de informar, fortalecendo um clichê cada vez mais difundido: o império da imagem. É ela, num entendimento corriqueiro, que valoriza a notícia. Conferir tal responsabilidade à imagem denota a pouca compreensão do papel do pictórico no jornalismo. A TV precisa da imagem, mas precisa mais da palavra. A imagem na TV não importa, do ponto de vista jornalístico, se não tiver o apoio do texto. É a palavra que traduz e dá dimensão ao vídeo (2002, p.173).

A autora entende que o jornalismo não deve se limitar ao exercício de registrar imagens. Para isso, precisa apresentar as ligações do momento com os fatores que o desencadearam e que lhe darão perspectiva. "Quando se negligencia essa regrinha básica, a reportagem se torna entretenimento" (2002, p.170). A importância que a imagem e o texto

têm como *valor/notícia*, para a produção jornalística da Rede Vida, será um dos pontos que nos propomos a investigar.

Assim como imagem e texto devem estar em sintonia, a relação das palavras entre si, na televisão, também precisa ocorrer com harmonia. Daí a importância de uma linguagem apropriada para um veículo essencialmente visual e auditivo. Manuais de telejornalismo são unânimes: o texto para a televisão deve ser claro, preciso, simples e direto. A concisão e a objetividade são fundamentais para manter a atenção do telespectador e para facilitar o entendimento das informações.

Paternostro (1999) explica que o texto é escrito para ser falado pelo locutor e ouvido e entendido pelo telespectador, de forma instantânea. As regras se justificam porque a televisão exige do telespectador compreensão imediata:

Dispõe-se de apenas uma chance para passar a mensagem para o receptor, de modo que ele a entenda sem dificuldades. Ao contrário do leitor de jornal, que pode reler uma matéria quantas vezes quiser, até traduzir inequivocamente o seu conteúdo, o telespectador não pode fazer com que o telejornal retroceda para rever e decodificar uma notícia mal-compreendida. Se a mensagem não for detectada e decifrada naquele momento, o esforço do comunicador será em vão (REZENDE, 2000, p.82-83).

Squirra recomenda que o texto busque atingir o indivíduo, apesar de ser ouvido pela coletividade. O apresentador ou o repórter estabelece uma relação de conversa com o telespectador. "Para o telejornalismo, precisamos redigir como falamos, com os recursos e as virtudes da linguagem coloquial. A força da expressão da televisão está na individualização da comunicação" (1990, p.54). A caracterização da TV como veículo massivo, para Maciel, não significa que a mensagem deva ser elaborada para atingir a massa. Pelo contrário, o jornalista precisa entender que cada telespectador é único e que só

se dirigindo a essa pessoa em particular é que vai se conseguir transmitir a notícia com exatidão e clareza (1995, p.19).

Assim como a capacidade de um acontecimento gerar um bom material visual pode ser um valor/notícia no telejornalismo, outros fatores também são decisivos, tais como a instantaneidade e o tempo:

A televisão é contemporânea ao fato. Pelas suas próprias características técnicas, ela proporciona possibilidades de mostrá-lo logo depois de ele ter acontecido, quase instantaneamente. Em vez de relatar o fato, ela o mostra em toda a sua dimensão. Ela pode, assim, atingir quantidade muito maior de sentidos humanos, já que se utiliza do movimento, da cor, do som e de toda a dramaticidade do acontecimento quase ao mesmo tempo em que ele se deu (SQUIRRA, 1990, p.51).

A possibilidade de exibir no telejornal um acontecimento ocorrido há pouco tempo, ou que esteja acontecendo no momento de sua transmissão, com o uso de chamadas ao vivo, pode ser um critério relevante na edição de um telejornal. Entretanto, Curado critica a importância exacerbada dada ao imediatismo. Para a autora, o imediatismo dá pouco espaço para a reflexão e fortalece as decisões mecanizadas, o que, segundo ela, é um grande defeito na prática do jornalismo (2002, p.172).

Além da instantaneidade, o tempo também tem alto valor no telejornalismo. O tempo de uma notícia pode ser determinado pela importância do fato, de acordo com o que foi definido pela edição, a partir dos valores/notícia que norteiam a produção. Ou, ainda, pela qualidade do material visual.

Entretanto, conforme elucida Rezende, "a maioria das notícias tem de caber no formato de 20 a 30 segundos que, não por coincidência, é o tempo que duram os

comerciais exibidos pelas emissoras" (2000, p.86). O tempo é curto e valioso, exigindo a capacidade de condensação. É preciso ser claro e conciso, aproveitando ao máximo as imagens e as palavras. Rezende explica que a televisão trabalha no ritmo acelerado da produção industrial. Por isso, o tempo que comanda toda a produção televisiva interfere também no jornalismo, que se vê obrigado a reduzir drasticamente o número de notícias, por meio de uma rigorosa seleção de matérias levadas ao ar nos programas informativos.

Por ser um veículo de comunicação dispersivo, a televisão precisa respeitar esses tempos, a fim de manter um ritmo capaz de conquistar a atenção do telespectador. Por isso, a TV convive com a quase impossibilidade de fazer análises profundas sobre qualquer assunto, tornando-se superficial (MACIEL, 1995, p.21). O aprofundamento, na televisão, aparece com frequência no gênero documentário e em formatos como a reportagem, quando o programa comporta matérias mais extensas. Porém, a técnica sempre respeita as características do meio. Aprofundar, no jornalismo televisivo, entra em contradição com as necessidades técnicas, constituindo-se ponto polêmico.

Diante disso, questões como: qual a importância que a Rede Vida dá ao tempo na produção jornalística? as matérias merecem mais tempo por terem um bom material visual ou pela importância informativa e de conteúdo? a instantaneidade é um critério relevante? são aspectos mencionados em análise posterior.

4.3.2 A edição – diferentes formatos no telejornal

Consideramos, até o momento, a categoria *notícia* e os mais variados aspectos ligados à produção jornalística: critérios de seleção da notícia; jornalismo para televisão; imagem; relação imagem/texto; texto para telejornal; instantaneidade e tempo. Abordamos essas questões, no contexto do processo de produção, que vai da pauta até a hora em que os programas jornalísticos entram no ar. Neste processo, uma etapa é fundamental quando se trata da definição do produto final, ou seja, aquele que vai ser veiculado pela emissora – a *edição*.

No *newsmaking*, esta etapa é chamada de *editing* ou *apresentação das notícias*. Vista como a última fase do processo produtivo, na edição trabalha-se para recontextualizar os acontecimentos dentro do formato do noticiário que, pela sua rigidez, "acaba por constituir o parâmetro ao qual são adaptados os conteúdos" (WOLF, 1995, p.219).

É na edição que os critérios de noticiabilidade atuam com maior força. O papel do editor é o de dar seqüência lógica à matéria produzida, adequar e equilibrar as informações na estrutura do telejornal, dosar imagem, texto, interação entre os dois e diferentes formatos. A edição é responsável pela estruturação do programa jornalístico, ou seja, pela distribuição das matérias ao longo do programa. As matérias são apresentadas em diversos formatos, os quais constituem o gênero telejornal. Segundo Squirra, as notícias apresentadas em um programa telejornalístico podem ser classificadas em três grupos (formatos): as *notas simples*, as *notas cobertas* e as *aberturas e encerramentos* para matérias editadas (1990, p.71).

As *notas simples* são matérias curtas, que informam com objetividade o fato ocorrido ou por acontecer, sem reportagem externa e sem o uso de imagens. Já as *notas cobertas* têm a inclusão da informação visual sobre o assunto focado. O grupo das *aberturas e encerramentos* de matérias editadas é composto pelos textos lidos pelos apresentadores, no estúdio, antes e/ou depois da veiculação das notícias, com o objetivo de introduzir o assunto ao telespectador.

A *abertura* é também chamada por Squirra de *título*, que equivale ao *lead* do jornalismo impresso. Segundo o autor, o título é elaborado pelo editor e tem por função atrair a atenção do telespectador para o assunto tratado e introduzi-lo ao novo tema que começa a ser apresentado (1990, p.97).

A classificação dos formatos jornalísticos para a televisão, proposta por Squirra, no nosso entender, deixa a desejar. Dos autores que trabalham com os formatos da notícia para a televisão, optamos por trabalhar com a classificação proposta por Maciel (1995). Na concepção do autor, os jornalistas que trabalham com televisão lidam com quatro formas de apresentação da notícia. A primeira delas é a *nota ao vivo*, constituída pela leitura de um texto escrito, pelo apresentador. A nota ao vivo é considerada a forma mais simples, mas isso não significa que, através dela, noticiem-se fatos menos importantes (1995, p.48). O autor explica que a nota ao vivo é utilizada para suprir a falta de imagens, para dar mais ritmo ao telejornal e, também, nos casos em que há imagens, mas não foi possível tê-las disponíveis até o momento da edição (1995, p.49).

A *nota coberta* é, segundo Maciel, a forma mais simples de apresentação da notícia com imagens. Nesse caso, a notícia é formada por duas partes: a *cabeça* e o *off*. A

cabeça é o texto que corresponde ao *lead*, lido pelo apresentador. Já o *off* é a narração feita pelo apresentador ou pelo repórter, concomitante à exibição das imagens (1995, p.52).

Outra forma de apresentar as notícias em telejornais é o *boletim*, classificado por Maciel como a mais completa (1995, p.56). O *boletim* constitui-se pela narração feita pelo repórter, que aparece em pé, no local do acontecimento. A câmera pode mostrar o que o repórter está narrando, bem como *abrir* em um entrevistado. Normalmente, o boletim é chamado do estúdio pelo apresentador.

Por fim, temos a *reportagem*, a forma mais complexa e mais ampla de apresentação de notícias na televisão. Conforme Maciel, a *reportagem* é constituída por cinco partes: a *cabeça*, o *off*, o *boletim* (ou *passagem*), a *sonora* e o *pé* (1995, p.60). A *cabeça* e o *pé* equivalem ao que Squirra (1990) chamou de abertura e encerramento. O *off* e o *boletim* também já foram explicados pelo autor. Com relação à *sonora*, Maciel (1995) caracteriza-a como a entrevista feita pelo repórter para completar a matéria.

O editor trabalha, fundamentalmente, com esses tipos de matérias, estruturando-as de acordo com padrões estabelecidos pela emissora de televisão, os quais vão, desde o horário em que o telejornal é transmitido, até o público-alvo que se pretende atingir. Um telejornal integra, basicamente, estes formatos. Há aqueles que priorizam um tipo de formato, como é o caso do programa “Este é o meu Brasil”, tipicamente composto por reportagens. Independente dos formatos, todas as matérias são pensadas como construção social.

A maioria dos telejornais organiza-se em blocos, nos quais são inseridas as notícias, seguindo, de acordo com o que explica Squirra, regras baseadas na tática mercadológica, que visam manter a audiência (1990, p.101). Assim, os telejornais costumam iniciar com as chamadas das notícias mais importantes do dia. Em seguida, vem o primeiro bloco, com matérias *leves e apetitosas*, como descreve Squirra. A intenção é atrair, interessar e cativar o telespectador. O segundo e o terceiro blocos têm a função de manter o telespectador na programação jornalística. E, por fim, o último bloco apresenta as principais notícias do dia, anunciadas no início do telejornal, pelas chamadas. Desse modo, acreditam os editores e diretores dos programas, o telespectador permanece em sintonia até o final do programa.

Até então, abordamos aspectos teóricos relativos à produção de notícias, entendendo-as em seus diferentes formatos na estrutura dos programas. Contudo, a produção jornalística de uma emissora de TV não se reduz ao telejornalismo. Outros tipos de programas caracterizam o jornalismo de televisão, entre eles os de entrevista. Se a produção de notícias para telejornal fica restrita a uma série de critérios que, de certo modo, impedem um aprofundamento que busque as causas e as conseqüências dos fatos – que interprete os acontecimentos – os programas jornalísticos de entrevista e debate surgem como alternativas para preencher as lacunas deixadas pelo telejornal. A Rede Vida, pela programação que apresenta, parece que vê esse gênero informativo com bons olhos.

4.3.3 A entrevista – gênero informativo

A *entrevista*, enquanto técnica instrumental utilizada pelos jornalistas para coletar as informações sobre os fatos, precisa ser diferenciada da entrevista como gênero jornalístico. O gênero entrevista manifesta-se, por exemplo, no programa da Rede Vida, “Tribuna Independente”.

O programa aborda os mais diversos temas, muitos deles relacionados a fatos atuais, e se constitui de entrevista com um especialista no assunto. Produzido em estúdio, o “Tribuna Independente” tem um entrevistador, um entrevistado, e um ou dois convidados, que também podem fazer perguntas. Os telespectadores participam, enviando perguntas por *e-mail*; cartas ou enquetes. Através da entrevista, o tema é explicado, interpretado e aprofundado.

Encontramos pouca teorização sobre os programas de entrevistas. Alguns autores tratam a questão ao falar sobre o *talk show* que, no nosso entender, não caracteriza o “Tribuna Independente”. Considerando uma análise superficial, a fim de apresentar nosso objeto de estudo, o programa tem um caráter essencialmente jornalístico, diferente do *talk show*, que visa, também, o entretenimento. O personagem central é o entrevistado, e não o entrevistador, como costuma acontecer no *talk show*⁶⁶, conforme explica Marcondes Filho:

A graça está no homem de televisão, no humor, nas proezas que faz do homem público, a personalidade, o *star*, no absoluto domínio da cena. O apresentador – ou seja, a própria televisão – é o espetáculo. É ela que é o motivo

⁶⁶ O *Talk Show* é um programa de entrevista, que mistura informação e diversão. Segundo Scott, o *talk show* tem vários formatos, horários e públicos, e pode ser dividido em quatro grandes tipos: *shows* de notícias e de informações; *shows* de variedades/comédias/entrevistas; relacionamento, auto-ajuda, psicologia e *shows* diários; e especialidades de *talk shows* para nichos especiais de audiências (SCOTT, Gini Graham. **Can we talk?** The power and influence of talk shows. News York: Insights Books, 1996).

ou o sentido da emissão. [...] O *talk show* nesse sentido é exatamente o oposto da entrevista: as falas do entrevistado funcionam como *deixas* para que o entrevistado apareça sobre elas e confirme sucessivamente o prestígio e a supremacia da televisão (1994, p.71).

Em observações primárias, não identificamos estas características no “Tribuna Independente”. Podemos defini-lo como um programa jornalístico, de entrevista. Segundo Edo (2003), a entrevista é produto de uma relação dialética entre entrevistador e entrevistado, que gera novas respostas e interrogações sobre o tema. O resultado será melhor, conforme Sousa e Aroso (2003), quanto mais polêmico e atual for o tema.

Os autores também se referem à entrevista como gênero jornalístico de diálogo. Outro autor, Souza (2004), descreve o gênero entrevista como o programa jornalístico que procura pessoas das diversas áreas para ficar frente a frente com o entrevistador. A entrevista é, segundo Melo (2003), um gênero da categoria do *jornalismo informativo*⁶⁷. Para Melo, “a entrevista é um relato que privilegia um ou mais protagonistas do acontecer, possibilitando-lhes um contato direto com a coletividade” (2003, p.66).

A entrevista, na perspectiva de Medina (1995), deveria ser assumida, no jornalismo, como o *diálogo possível*. Desse modo, a categoria *entrevista* vai ao encontro da preocupação que levantamos na tese, sobre o potencial do jornalismo para viabilizar um diálogo entre Igreja e mundo. Medina vê a entrevista jornalística como interatividade. Para se alcançar o patamar idealizado, a autora entende que a entrevista é "um meio cujo fim é o

⁶⁷ O autor entende que o jornalismo articula-se em função de dois núcleos de interesses: a informação e a opinião. Daí as categorizações *jornalismo informativo* e *jornalismo opinativo*. Os gêneros que correspondem à informação (*nota, notícia, reportagem, entrevista*) se estruturam a partir de um referencial exterior à instituição jornalística – a eclosão e a evolução dos acontecimentos e da relação que os jornalistas estabelecem em relação aos seus protagonistas. Já nos gêneros opinativos (*editorial, comentário, artigo, resenha, coluna, crônica, caricatura e carta*), a estrutura da mensagem está condicionada a variáveis controladas pela instituição jornalística, que assumem duas feições: a *autoria* e a *angulação* dada ao assunto. Ver: MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo**. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003. p.65.

inter-relacionamento humano". A situação ideal, para Medina, é aquela em que, numa entrevista, os partícipes do jogo "interagem, se modificam, se revelam, crescem no conhecimento do mundo e deles próprios" (1995, p.8).

Nessa perspectiva, Medina questiona a objetividade como pré-requisito da entrevista jornalística. Para a autora, a objetividade, numa entrevista, é aparente. Quando o entrevistador e o entrevistado se revestem dessa aparência, "ambos brincam de entrevista e os veículos de comunicação vendem o não-dito pelo dito" (1995, p.42). O diálogo, mencionado pela autora, nega a objetividade:

Ao lidar com o perfil humanizado, consciente ou inconscientemente se faz presente o imaginário, a subjetividade. Como enquadrar nos limites de um questionário fechado, numa cronologia rígida, de uma presentificação radical uma personagem que ultrapassa estes ditames? O Diálogo Possível, se acontecer, já contraria esta fórmula. O entrevistado passeia em atalhos, mergulha e aflora, finge e é, sonha e traduz seu sonho, avança e recua, perde-se no tempo e no espaço. O repórter, se for um bom curtidor de papos sem limites profissionais, embarca e se deleita (MEDINA, 1995, p.43).

É preciso frisar que a entrevista, no jornalismo, mesmo ocorrendo num diálogo aberto, fluído, acontece de acordo com critérios que caracterizam o jornalismo. Medina opta por apresentar como baliza para as entrevistas as determinações que regulam o processo jornalístico teorizadas por Otto Groth⁶⁸: *atualidade, periodicidade, universalidade e difusão*. As etapas de definição da pauta, até a distribuição do produto, estão condicionadas a esses critérios:

Por mais ambição de historiador que tenha o entrevistador, ele estará implicado em *tocar o presente* (atualidade); por mais psicólogo que queira ser diante de um interlocutor confessional, ele terá que se ater a traços significativos para muitas pessoas que, na *comunicação anônima*, se identifiquem com o entrevistado (universalidade); por mais profundo que queira ser no tempo e no

⁶⁸ Otto Groth elabora as quatro leis do jornalismo, na tentativa de definir uma Ciência do Jornalismo. Ver: MEDINA, Cremilda de Araújo. **Notícia**: Um produto à venda. São Paulo: Summus, 1988.

espaço, tal qual um artista ao pintar seu modelo, não poderá se desvincular do *timing* “24 horas ou menos” (periodicidade); por mais vanguardista que seja, seus ímpetos de ruptura artística não poderão competir com a legibilidade da comunicação coletiva (difusão). No âmbito destas determinações há, no entanto, espaço para a criação artística de um diálogo (MEDINA, 1995, p.19).

Partindo de uma classificação dos tipos de entrevistas elaborada por Edgar Morin⁶⁹, a autora estabelece duas tendências: a de espetacularização e a de compreensão – aprofundamento. Na primeira, inclui-se a *entrevista-rito* e a *entrevista anedótica*. Na segunda, que nos interessa de modo particular, encontram-se a *entrevista-diálogo*, na qual entrevistador e entrevistado colaboram no sentido de trazer à tona uma verdade sobre a pessoa do entrevistado ou sobre um problema; e as *neoconfissões*.

Essas tendências, no jornalismo, segundo Medina, desdobram-se em subgêneros. Os subgêneros da tendência compreensão-aprofundamento são: a *entrevista conceitual*, a *entrevista/enquete*, a *entrevista investigativa*, a *confrontação-polemização*, e o *perfil humanizado* (1995, p.16). A primeira está preocupada em buscar conceitos que a fonte detém. Já a seguinte caracteriza-se por ser uma entrevista fundamentada na pauta, com um questionário básico, aplicado a mais de uma fonte. As fontes são escolhidas de modo aleatório e depõem sobre o tema.

A *entrevista investigativa* é aquela que vai pesquisar onde a informação não está ao acesso do jornalista. Uma de suas técnicas é a entrevista em *off*. A *mesa-redonda*, o *debate*, o *painel* ou o *seminário*, sobre temas polêmicos, caracterizam o quarto subgênero. Por fim, o *perfil humanizado* tem por finalidade traçar um perfil humano do entrevistado,

⁶⁹ Conforme o artigo do autor, “Da entrevista no rádio e na televisão”, publicado em: MORIN, Edgar. **As duas globalizações** – Complexidade e comunicação uma pedagogia do presente. Porto Alegre: Sulina/EDIPUCRS, 2001. p.61-79.

para compreender, no outro, seus conceitos, valores, comportamentos e histórico de vida (MEDINA, 1995, p.18).

A classificação mostra os diferentes usos da entrevista no jornalismo, caracterizando, inclusive, vários programas. O “Tribuna Independente” se aproxima à entrevista-conceitual, da tendência compreensão-aprofundamento. Quanto ao número de participantes, uma classificação proposta por Sousa e Aroso (2003), faz-nos perceber o “Tribuna Independente” como um programa com vários entrevistadores / um entrevistado. O programa constitui um tipo de entrevista produzida em estúdio. O entrevistado costuma ser uma figura pública, e os entrevistadores, especialistas em vários campos. “Funciona quase como um tribunal em que o entrevistado é o réu” (2003, p.148).

Além do diálogo, empreendido através de perguntas e respostas, os programas podem ter uma introdução, retratando o perfil do entrevistado e o tema abordado. Durante o programa também podem ser passadas, em rodapé (caracteres), afirmações relevantes, o nome do entrevistado e o tema, bem como pequenas reportagens. Sousa e Aroso (2003) denominam tais recursos de *ilustração* da entrevista. A ilustração aponta para a existência de diferentes formatos no gênero entrevista. A abertura a perguntas feitas pelo público remete, ainda, às características dos gêneros interativos, no gênero entrevista.

Tanto em programas de entrevista, quanto no seu uso no telejornalismo como técnica de captação, o *diálogo possível* é desafiador. A presença das câmeras e de toda a parafernália técnica desafia o entrevistador a lidar com forças exibidoras ou inibidoras. Morin (2001) afirma que os entrevistados, dependendo da situação social, histórica, determinação psicológica, clima e caráter da entrevista, reagem por inibição, timidez,

atenção ou desatenção, racionalização (dando uma justificativa ao próprio ponto de vista), exibicionismo ou defesas pessoais. Essas reações podem aumentar diante da natureza técnica da televisão.

Entretanto, Morin identifica, na entrevista telecomunicada, a possibilidade da energia afetiva que ela provoca não se resumir ao diálogo entre entrevistado e entrevistador. Ela pode ser comunicada ao telespectador. Por outro lado, explica, a comunicação pode ser absorvida como espetáculo.

Neste momento, o conteúdo real da comunicação foi perdido e a energia afetiva é substituída pela satisfação de ter visto um espetáculo bonito e interessante. Ou, então, a comunicação é recusada, e o espectador dá as justificações desta recusa: "É falso". "É truque" (2001, p.76).

O *diálogo possível*, de que fala Medina, converge com o que Morin chama de *diálogo fecundo*. Para o autor, este diálogo acontece quando o estranho torna-se um outro *eu*, em que *eu* me torno um estrangeiro para mim mesmo, um processo múltiplo e contraditório que compõe a dialética da comunicação com o outro. A televisão, no entendimento de Morin, pode potencializar tal processo. "A imagem do vídeo e do cinema permite essa forma de dialética de uma maneira vertiginosa" (2001, p.78).

Castro, ao discorrer sobre a entrevista na televisão, também evidencia aspectos positivos do gênero:

La entrevista nunca pasará de moda. No existe forma comunicativa más eficiente para conocer algo de una persona, de un acontecimiento histórico o de un hecho, que el diálogo desembarazado entre dos personas. Nada pone más a prueba nuestra capacidad de entender y ser entendidos que la entrevista, incluso em el orden personal, en la forma del diálogo espontáneo y locuaz de la vida humana. [...] La buena entrevista cautiva, enaltece, nos evidencia el carácter íntimo de la comunicación humana (1994, p.23-24).

Além das especificidades técnicas, seja qual for o uso dado à entrevista, outros dois aspectos são relevantes no processo jornalístico: a *definição da pauta* e a *escolha das fontes*.

4.4 PAUTA E FONTES

Mencionamos, até então, os gêneros jornalísticos informativos *telejornal* e *entrevista* e os diferentes formatos que os compõem. No jornalismo, tais gêneros e formatos são os produtos finais. A informação concreta, pronta para ser veiculada e consumida como produto jornalístico. Os produtos são construídos num processo de interação social entre agentes sociais. Nas etapas do processo de produção, atuam os critérios de noticiabilidade. A primeira delas é a escolha das pautas e das fontes. A seguir, são captadas as informações, sendo a entrevista a principal técnica. Na seqüência, o jornalista seleciona as informações e elabora o produto, finalizado na edição.

A *pauta* é o ponto de partida do processo de edição. Toda a pauta passa, inevitavelmente, pelo crivo dos princípios que regulam o processo jornalístico, conforme teorizou Otto Groth – atualidade, periodicidade, universalidade e difusão (MEDINA, 1995, p.21). Podemos ir além e afirmar que, na definição da pauta, já estão em ação os critérios de *noticiabilidade*.

Lage (2001) define a pauta como o planejamento de uma edição ou parte da edição (editorias), com a listagem dos assuntos e indicações logísticas e técnicas: ângulo de

interesse, dimensão pretendida da matéria, recursos disponíveis para o trabalho, sugestões de fonte. Portanto, a escolha das fontes está associada à pauta.

O *newsmaking* refere-se a essa etapa do processo produtivo como

agenda de serviço, constituída pela lista diária dos acontecimentos que sobreviverão e cuja noticiabilidade é, em grande parte, dada como certa. Trata-se, obviamente, de acontecimentos previstos no tempo, fixados antecipadamente na agenda; por isso, na sua maioria, são fatos que se situam na esfera político-institucional-administrativa ou judiciária, e que permitem que os órgãos de informação organizem com uma certa antecedência o seu próprio trabalho (WOLF, 1995, p.212-213).

A notícia supõe fontes que as gerem. Elas têm origem e se projetam no âmbito dos veículos, através de canais como o acontecimento, o informante, o repórter, as agências noticiosas, as entidades públicas e privadas – governos, sindicatos, empresariado, associações, setores profissionais em geral, indivíduos.

Segundo Lage (2001), as fontes são *oficiais*, *oficiosas*, *independentes*, *testemunhais* e *experts*, as quais podem ser *primárias* e *secundárias*, dependendo do uso que o jornalista faz delas. As fontes primárias são aquelas em que o jornalista se baseia para colher o essencial de uma matéria. Fornecem fatos, versões, números, opiniões. As secundárias são consultadas para a preparação de uma pauta ou construção das premissas genéricas e não aparecem de modo explícito no produto final.

As fontes oficiais são mantidas pelo Estado, por instituições ligadas ao Estado ou por empresas e organizações. No meio jornalístico, são tidas como as mais confiáveis. Lage chama a atenção para o fato de que as fontes oficiais podem falsear a realidade para

preservar interesses estratégicos e políticas duvidosas, para beneficiar grupos dominantes, por corporativismo, militância, ou em função de lutas internas pelo poder.

As fontes oficiosas são reconhecidamente ligadas a uma entidade ou indivíduo, mas não estão autorizadas a falar em nome dela ou dele. No jornalismo, podem ser preciosas, porque evidenciam manobras escondidas pelas fontes oficiais. Já as fontes independentes são desvinculadas de uma relação de poder ou interesse específico. Entendemos que elas ilustram os fatos, humanizam as matérias e contribuem com a pluralização de vozes no jornalismo.

Quanto às testemunhais, Lage (2001) alerta para o envolvimento da emoção, que pode modificar a perspectiva. Segundo o autor, o testemunho mais confiável é o imediato. Tem-se como princípio ouvir pelo menos três testemunhos e selecionar o mínimo comum aos três relatos. Os *experts* são, geralmente, fontes secundárias que o jornalista procura em busca de versões ou interpretações de eventos.

Retomamos aqui o debate sobre a escolha das fontes, cuja problemática é central ao paradigma construcionista. Como veremos, o jornalismo tem, nos critérios de *produtividade, credibilidade, garantia e autoridade*, estabelecidos nas rotinas produtivas, a justificativa para priorizar as fontes oficiais. Tal preferência é criticada por Medina (1995). A autora reconhece que, na definição das pautas e escolha das vozes a serem ouvidas, ocorre um processo autoritário, no qual essa seleção preexiste a uma pesquisa de campo. O dirigismo autoritário, para Medina, gera "entrevistas-padrão com figuras sociais também padrão" (1995, p.26). A consequência, segundo ela, é a extrema centralização de fontes de informação em todos os temas que dizem respeito a qualquer cidadão.

Na busca pelo *diálogo possível*, Medina defende que "a seleção das fontes de informação terá de se enriquecer através da pluralidade de vozes e, ao mesmo tempo, da qualificação humanizadora dos entrevistados descobertos" (1995, p.37). A autora recomenda que o repórter busque a fonte que realmente tenha o que dizer, e que se esforce para satisfazer o que a audiência quer saber.

Segundo o *newsmaking*, um jornalista escolhe as fontes considerando a oportunidade antecipadamente revelada, a produtividade, a credibilidade, a garantia e a respeitabilidade (WOLF, 1995, p.200). Do ponto de vista dos procedimentos jornalísticos, as fontes institucionais prevalecem porque são as que melhor atendem a esses fatores.

A perspectiva do *newsmaking* entende que, quanto à produtividade, as fontes oficiais fornecem material suficiente para fazer a notícia, correspondendo melhor às necessidades organizativas das redações. O fator da credibilidade se relaciona com a observação anterior. Devido aos procedimentos produtivos, essas fontes acabam por assumir uma credibilidade adquirida com o tempo e com a rotinização do trabalho. Já a garantia tem a ver com a honestidade da fonte. O fator da respeitabilidade refere-se à capacidade persuasiva dessas fontes, que representam o ponto de vista oficial. Desse modo, teríamos a reprodução das idéias dominantes, através da sobrevalorização das fontes oficiais, numa relação estrutural, e não-intencional, como explica o paradigma construcionista.

O paradigma construcionista assinala ainda que, para o jornalista, qualquer pessoa pode ser fonte, desde que esteja envolvida, seja conhecedora ou testemunha de um acontecimento ou assunto. Além de empenhar-se em cultivar as fontes, os jornalistas

sabem que elas são *peessoas interessadas*. Por isso, seleciona-as a partir de critérios como *autoridade, produtividade e credibilidade* (TRAQUINA, 2002, p.104).

"O jornalista pode utilizar a fonte mais pelo que ela é do que pelo que ela sabe. A maioria das pessoas acredita na autoridade da posição" (TRAQUINA, 2002, p.106). É o que o paradigma construcionista convencionou chamar de *hierarquia da credibilidade*. O critério da *produtividade* justifica o por quê das fontes institucionais (oficiais) serem as preferidas dos jornalistas. Elas fornecem material suficiente, em qualidade e quantidade, para fazer a notícia, o que facilita o trabalho produtivo. Por fim, as fontes são avaliadas pela credibilidade que adquirem com o tempo. As informações que fornecem devem ser credíveis, a ponto de o jornalista poder confiar nelas o máximo possível.

Em síntese, a rotinização do trabalho jornalístico, considerada na perspectiva do *newsmaking* e no paradigma construcionista, contribui para que sejam privilegiadas as fontes oficiais. Tendo em vista as exigências dos procedimentos produtivos, a autoridade, a produtividade e a credibilidade da fonte são critérios fundamentais:

Avaliando a importância destes critérios e o fato de que o trabalho jornalístico é condicionado pelo fator tempo, então podemos compreender por que as fontes estáveis, regulares, institucionais acabam por ser preferidas pelos membros da comunidade jornalística (TRAQUINA, 2002, p.107).

A escolha das pautas e das fontes pode ser indicativo de que a Rede Vida está viabilizando o diálogo Igreja-mundo, no jornalismo. Que assuntos a Rede Vida opta por abordar em seus programas jornalísticos? Onde a Rede Vida busca as informações? Quem são as suas fontes? Como, por que e por quem são escolhidas? Responderemos a essas questões na análise da produção dos programas. As pautas podem mostrar se a Rede Vida

realmente propõe diálogo com a sociedade, ao abordar temas externos à Igreja, ou não-ecclesiais. O mesmo vale para as fontes. A Rede Vida pode estabelecer um diálogo verdadeiro ao abrir espaço para a pluralidade de vozes da sociedade. As premissas valem tanto para os diferentes formatos, em telejornais, quanto para os programas de entrevista.

5 A CONSTRUÇÃO JORNALÍSTICA NA REDE VIDA

O uso dos mass media, no entanto, não tem somente a finalidade de multiplicar o anúncio do Evangelho. [...] Não é suficiente, portanto, usá-los para difundir a mensagem cristã e o Magistério da Igreja, mas é necessário integrar a mensagem nesta “nova cultura”, criada pelas modernas comunicações (REDEMPTORIS MISSIO, 1990, n.37).

A direção da organização jornalística (ou os seus donos) pode influenciar o peso dos valores-notícia com a sua política editorial (TRAQUINA, 2005, p.94).

Subdividimos este capítulo em duas grandes partes. Na primeira, apresentamos uma proposta metodológica, que, no nosso entendimento, dá conta das necessidades do objeto e dos objetivos aqui traçados e, além disso, está em sintonia com as nossas bases teóricas. Portanto, a metodologia sustenta-se no *newsmaking* e no paradigma construcionista de notícia, e tem como métodos de análise a observação participante e a análise de conteúdo. A segunda parte engloba a própria análise do objeto, composto por três programas: “JCTV”; “Tribuna Independente”; e “Este é o meu Brasil”. O desenvolvimento da análise segue os passos delimitados nas considerações metodológicas.

5.1 PROPOSTA METODOLÓGICA PARA ANÁLISE DA PRODUÇÃO E DO CONTEÚDO JORNALÍSTICO

A análise da produção jornalística da Rede Vida de Televisão fundamentar-se-á no paradigma construcionista de notícia e na perspectiva do *newsmaking*. Em função disso, utilizaremos os métodos da *observação participante* e da *análise de conteúdo*. O paradigma construcionista orienta, teórica e metodologicamente, esta tese. Portanto, o caminho a ser percorrido na análise dos programas jornalísticos é balizado por ele e, também, pelo *newsmaking*. Entendemos que as teorias construcionistas, a estruturalista e a etnoconstrucionista ou interacionista, englobam o *newsmaking*: em alguns aspectos incorporam-no, noutros, complementam-no.

O paradigma construcionista toma a notícia como o resultado complexo de interação social entre jornalistas, fontes, sociedade e membros da comunidade profissional. Compreendemos, a partir da leitura das teorias construcionistas, que em tais processos atuam os critérios de noticiabilidade, desenvolvidos pelo *newsmaking*.

Quadro 2: Síntese dos critérios de noticiabilidade

TIPOS DE CRITÉRIOS	CRITÉRIOS
CRITÉRIOS SUBSTANTIVOS	1. importância (grau e nível hierárquico dos envolvidos; impacto; interesse nacional; quantidade de envolvidos; consequências); 2. interesse (interesse humano)
CRITÉRIOS DE DISPONIBILIDADE E RELATIVOS AO PRODUTO	1. brevidade; 2. ideologia da informação; 3. atualidade; 4. qualidade (ação; ritmo; exatidão; clareza de linguagem; parâmetros técnicos); 5. equilíbrio;
CRITÉRIOS RELATIVOS AOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO	1. qualidade do material visual; 2. frequência 3. formato
CRITÉRIOS RELATIVOS AO PÚBLICO	1. identificação por parte do espectador; 2. serviço 3. fait divers
CONCORRÊNCIA	1. destaque aos detalhes; 2. expectativa recíproca 3. laço comum (padronização dos produtos);

O paradigma construcionista leva-nos a pensar a produção dos programas jornalísticos como *processo*, no qual diferentes momentos intercalam-se e atuam. É possível termos em vista o processo de produção imerso num contexto amplo. As teorias construcionistas levam-nos a pensar a produção jornalística transpondo os limites da própria produção, pois situam-na num contexto socioeconômico, cultural e histórico. A notícia, entendida aqui não só como um formato jornalístico, mas como os produtos jornalísticos em geral, resulta de “interações sociais entre agentes sociais”. Considerado isso, podemos compreender que a produção jornalística não se limita aos jornalistas de uma dada empresa. Outros agentes sociais interferem, de forma ou outra, na produção, deixando suas marcas culturais, subjetivas, ideológicas.

A análise da produção, por sua vez, fica condicionada a tais questões. Precisamos pensar os produtos jornalísticos da Rede Vida como resultado de processos, nos quais diferentes agentes sociais influenciam, interagindo entre si e intervindo no produto final. Aspectos contextuais, internos ou externos à Rede Vida, devem ser considerados. É claro que os jornalistas, produtores diretos dos programas, têm relevância e muito definem. Atuam sobre eles, além de aspectos subjetivos, a cultura e a identidade profissionais. Suas escolhas, em alguns casos, sobressaem-se. Afinal de contas, são eles os profissionais responsáveis pelo produto jornalístico. Contudo, apesar da autonomia “relativa” e da presença ativa no processo, eles não agem sozinhos.

A partir do paradigma construcionista e do *newsmaking* propomos, como orientação metodológica, considerar, nas interações sociais, os seguintes aspectos:

a) jornalistas e fontes: a relação jornalistas – fontes ocorre a partir dos critérios de noticiabilidade, definidos com base na cultura e identidade profissionais; dos interesses das instituições envolvidas; da necessidade de notícias; das rotinas de produção; da rede de notícias; da linha editorial do veículo de comunicação; e dos aspectos subjetivos do próprio jornalista;

b) jornalistas e sociedade: as interações entre jornalistas e sociedade sustentam-se na cultura e identidade profissionais que, de modo geral, referem-se ao compromisso do jornalismo como serviço social, comprometido com a verdade e o bem comum; contraditoriamente, nas relações de interesse entre a empresa jornalística e outras instituições estatais e/ou privadas; e na relação com o público receptor. Conseqüentemente, o jornalista interage com diferentes culturas e identidades; com a pluralidade;

c) jornalista e comunidade profissional: as interações entre jornalistas compreendem o mercado profissional e as regras que nele prevalecem; a competição entre os profissionais; a identidade e a cultura profissionais; os interesses das empresas; as rotinas de produção, que englobam os critérios de noticiabilidade; e o jornalista como participante ativo na construção das notícias e da realidade.

Os critérios de noticiabilidade (ver Quadro 2) perpassam as diferentes interações. Daí a complementaridade entre o paradigma construcionista e o *newsmaking*. Esta perspectiva teórica nos dá subsídios para analisarmos os valores-notícia no processo de produção da Rede Vida e viabiliza, metodologicamente, a pesquisa.

O método que caracteriza as pesquisas sobre o *newsmaking* é a *observação participante*. A técnica permite ao pesquisador recolher os dados no próprio ambiente objeto de estudo, através da observação sistemática de tudo o que acontece, ou de entrevistas e conversas com as pessoas responsáveis pela produção. A *observação participante* é orientada por pressupostos teóricos precisos, definidos pelo investigador (WOLF, 1995, p.167).

Dessa forma, coletamos as informações e os dados fundamentais sobre as rotinas produtivas da Rede Vida através da observação do ambiente de produção, no período de uma semana, de 10 a 17 de julho de 2004. Acompanhamos as rotinas produtivas em todas as etapas do processo, dos programas “JCTV”, “Tribuna Independente” e “Este é o meu

Brasil”. No mesmo ambiente, realizamos entrevistas abertas⁷⁰ com editores e apresentadores, com o diretor de programação e com o proprietário da emissora.

Haguette (2000) situa a *observação participante* no grupo das metodologias qualitativas da Sociologia. Com o intuito de distinguir sua natureza, a autora apresenta as concepções da metodologia sob diferentes abordagens. A definição de Morris Schwartz e Charlotte Schwartz (1955), autores citados por Haguette (2000, p.71), é considerada a mais completa.

"A *observação participante* é um processo no qual a presença do observador numa situação social é mantida para fins de investigação científica". Em contato direto com os observados, o observador busca coletar dados. Mas, por estar no contexto observado, ele modifica e é modificado pelo contexto. Além disso, o papel do observador pode ser formal ou informal, encoberto ou revelado, assim como pode ser parte da estrutura social, ou manter relação periférica com ela. A *observação participante*, nessa perspectiva, ainda permite optar entre um tempo de observação curto ou longo (HAGUETTE, 2000, p.73).

A possibilidade de atuação ativa do observador no meio coloca o problema da interferência inevitável. Teremos que considerar esse aspecto ao analisarmos os dados coletados. Assumimos o papel de observadores formais, revelados, mas externos à estrutura da Rede Vida. Contudo, éramos um estranho na rotina de trabalho dos

⁷⁰ Tínhamos questões previamente pensadas que conduziram as entrevistas. As perguntas serviram de roteiro. Portanto, durante as entrevistas, permitimos que outros assuntos surgissem e fossem abordados sempre que pertinentes. O fato de estarmos fazendo as entrevistas durante a observação participante também propiciou que novas perguntas surgissem. O contato direto com o entrevistado, no ambiente de trabalho dos mesmos, depois de um período de convivência, permitiu que as entrevistas se tornassem um momento de diálogo, de conversa entre pesquisador e entrevistado.

observados. Acompanhamos, durante uma semana, a produção da Rede Vida. No início, notávamos que a nossa presença alterava a rotina. Além de observarmos, entrevistamos os jornalistas, os editores, os diretores e demais envolvidos na rotina produtiva. No final de cada dia, registrávamos os dados observados em diário de campo (Apêndice D). As entrevistas, quando gravadas, foram transcritas. As demais, registradas separadamente.

Tendo como instrumento de análise a *observação participante*, observamos nas rotinas de produção as interações sociais e a atuação dos critérios de noticiabilidade, a fim de conhecer como a emissora faz jornalismo. Desse modo, buscamos subsídios para responder às principais questões de pesquisa: qual a perspectiva de comunicação assumida pela Rede Vida ao fazer jornalismo? Quais são as características da produção desses programas que indicam tal comportamento?

Pretendemos descobrir quais são os *valores/notícia* ou *critérios de noticiabilidade* no “JCTV”, no “Tribuna Independente” e no “Este é o meu Brasil”; como eles se manifestam nas notícias, nas entrevistas e nas reportagens dos respectivos programas; e nas interações entre jornalistas e fontes, jornalistas e sociedade, e entre jornalistas. Durante a pesquisa no local, buscamos perceber como os critérios de noticiabilidade e as interações sociais atuam no processo de definição da edição, das pautas e das fontes (Quadro 3). Tivemos, como parâmetro, os critérios apontados pela perspectiva do *newsmaking* e as interações sociais propostas pelo paradigma construcionista. Contudo, outros *valores/notícia* e outras interações poderão nortear o trabalho jornalístico da Rede Vida, devido às características da emissora.

Quadro 3: Critérios de noticiabilidade e interações sociais

O QUE OBSERVAMOS	PROGRAMA	PRODUÇÃO
– Critério de Noticiabilidade – Interações Sociais	JCTV	Edição Pauta / enfoque Fontes
	Tribuna Independente	Edição Pauta Fontes
	Este é o Meu Brasil	Edição Pauta Fontes

Paralelo ao acompanhamento da produção da programação da Rede Vida, foram feitas as gravações do “JCTV”, do “Tribuna Independente” e do “Este é o meu Brasil”, veiculados durante a semana observada, a fim de realizar análise de conteúdo das mensagens jornalísticas. A intenção é relacionar os resultados da *observação participante*, realizada com base no paradigma construcionista e na perspectiva do *newsmaking*, com a *análise de conteúdo*, com o objetivo de compreender, no processo de produção, a perspectiva a partir da qual a Rede Vida faz jornalismo.

5.1.1 Análise de conteúdo

Acompanhamos a produção da Rede Vida durante uma semana, observando o processo de produção jornalística do “JCTV”, do “Tribuna Independente” e do “Este é o meu Brasil”. Contudo, nossos objetivos vão além. Nossa intenção é perceber na mensagem jornalística a perspectiva adotada pela Rede Vida, no jornalismo. Para tanto, precisamos

estudar a mensagem e suas significações. Nesse sentido, a *análise de conteúdo* vem ao encontro de nossos objetivos. De modo geral, a *análise de conteúdo* é

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 1977, p.42).

As técnicas e os procedimentos são definidos de acordo com as necessidades do objeto de estudo e os objetivos pretendidos pelo pesquisador. Depois de estabelecidos, a análise de conteúdo permitirá realçar o sentido que se encontra em segundo plano, a partir de deduções lógicas.

A *análise de conteúdo* é composta por diferentes fases que auxiliam o investigador a organizá-la. Ao explicitarmos cada uma delas, faremos observações quanto às nossas opções. Num primeiro momento, na fase de pré-análise, como denomina Bardin (1977, p.95), escolhemos o material a ser analisado; formulamos as questões de pesquisa e os objetivos, e elaboramos os indicadores que fundamentam a interpretação final. Na verdade, essa fase inclui as gravações dos programas da Rede Vida, as transcrições e a organização do material transcrito, que constitui o *corpus* da pesquisa.

A segunda fase constitui-se da exploração do material. Neste momento, faremos a codificação dos dados brutos das mensagens jornalísticas, através do *recorte*, da *enumeração* e da *agregação* (escolha das categorias). Teremos, então, uma descrição das características pertinentes ao conteúdo.

Bardin explica que o recorte é feito a partir de escolhas de *unidades de registro* e de *contexto*. O recorte pela *unidade de contexto* serve para situar a *unidade de registro* no todo em que se encontra no texto. "As *unidades de contexto* são as unidades de significação a codificar e correspondem ao segmento do conteúdo a considerar como unidade de base" (1977, p.104). A autora apresenta algumas *unidades de registro* usadas com frequência nas pesquisas. Destas, optamos por trabalhar com as unidades *tema* e *personagem*, e acrescentamos a elas a unidade *formato*. Com base na fundamentação teórica construída nesta tese, vemos como pertinente para a análise classificar o conteúdo dos programas em *formatos*, ou seja, as diferentes "formas" com que são veiculados, com que aparecem nos programas. Os formatos têm relevância porque orientam grande parte da edição das matérias e dos programas. É partir deles que a estrutura dos programas é elaborada.

As unidades de registro *tema* e *personagem* também se justificam. O *tema* é uma "unidade de significação complexa, ou ainda, uma afirmação acerca de um assunto"⁷¹. Assim, "fazer uma análise temática consiste em descobrir os *núcleos de sentido* que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido". Analisaremos os temas abordados pela Rede Vida, na programação jornalística.

O *personagem*, como unidade de registro, será utilizado no projeto, combinado às unidades de registro anterior. Pretendemos, desse modo, analisar o tema e quem esteve envolvido na abordagem do mesmo. Os personagens são os jornalistas, os apresentadores, os repórteres, os editores, os entrevistadores, os produtores e os diretores. Assim como o

⁷¹ Ver M. C. d'Unrug (1974), citado por Bardin (1977, p.105).

são as fontes ou entrevistados escolhidos para a coleta de informações ou para a realização dos programas, enquanto *sujeitos* da informação. Para a codificação pela unidade de registro *personagem*, o trabalho da observação participante será, evidentemente, complementar. Teremos como referência dois personagens: aquele que busca a informação (produtor); e aquele que fornece a informação (fontes).

A *enumeração*, segundo Bardin, é o modo de contagem (1977, p.108). Dos diversos tipos possíveis de serem utilizados na *análise de conteúdo*, optamos por trabalhar com a medida da *freqüência*. A importância de uma unidade de registro aumenta conforme aumenta a sua freqüência de aparição. No entanto, contar a freqüência não é suficiente para atingir os objetivos da pesquisa. Será apenas uma técnica que nos ajudará a organizar e a explorar os dados.

Ao lado da freqüência, precisaremos considerar o *tempo* que foi dedicado ao tema e contextualizá-lo no gênero jornalístico – telejornal ou entrevista. Teremos que levar em conta o *formato* jornalístico dado ao tema; o lugar que o tema ocupou na estrutura do programa; o enfoque; e a relação com a unidade de registro *personagem*. O modo de contagem *ordem* pode auxiliar na enumeração.

A codificação compreende ainda a escolha das categorias. A *categorização* é explicada por Bardin como a operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, primeiro por diferenciação, depois por reagrupamento, segundo as categorias. "Classificar elementos em categorias impõe a investigação do que cada um deles tem em comum com outros. O que vai permitir o seu agrupamento é a parte comum existente entre

eles" (1977, p.117). Portanto, na categorização, primeiro faremos o inventário – isolar os elementos – para depois classificá-los (BARDIN, 1977, p.118).

As categorias, que "são rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos sob um título genérico" (BARDIN, 1977, p.117), permitem trabalharmos com dados organizados, dando a conhecer índices invisíveis nos dados brutos. A *categorização* será fundamental para este projeto porque, do conjunto de técnicas da *análise de conteúdo*, escolhemos trabalhar com a *análise por categorias*. Segundo Bardin, é a técnica mais usada e converge com a *análise temática*, que também integra o projeto (1977, p.152).

A técnica consiste em classificar os diferentes elementos nas diversas gavetas segundo critérios susceptíveis de fazer surgir um sentido capaz de introduzir uma certa ordem na confusão inicial. É evidente que tudo depende, no momento da escolha dos critérios de classificação, daquilo que se procura ou que se espera encontrar (BARDIN, 1977, p.37).

Fundamentando-nos na teoria, teremos como categorias de análise a *edição*; a *pauta*; a *fonte*. As mesmas dão conta das unidades de registro *formato*, *tema* e *personagem*. Na *edição*, abordaremos os formatos jornalísticos presentes nos programas; as manchetes; o tempo das matérias; a estrutura dos programas; a ordem das matérias na estrutura; os quadros que compõem a estrutura dos programas; e a origem (espaço) das matérias. Os temas e o enfoque serão analisados na categoria *pauta*. Ao analisar os temas, estabeleceremos relações com os formatos; o tempo; as fontes; os produtores; e a estrutura dos programas. Na categoria *fonte*, analisaremos os tipos de fontes; o uso dado a elas; os critérios de escolha das fontes; a relação com o tema; e as relações jornalista / fonte.

A terceira fase da *análise de conteúdo* consiste no *tratamento dos resultados e interpretações*. Neste momento, "os resultados brutos são tratados de maneira a serem

significativos (falantes) e válidos", e o analista pode, então, propor *inferências* e *interpretações* a propósito dos objetivos previstos (BARDIN, 1977, p.101). As *inferências* (dedução lógica), na *análise de conteúdo*, fazem o intermédio entre a fase da descrição das características do texto e a etapa da interpretação (significação concedida a essas características).

As *intenções* da *análise de conteúdo* vão além da descrição do conteúdo das mensagens, complementando-se com "a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção, inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não)" (BARDIN, 1977, p.38). Assim, o fundamento da especificidade da *análise de conteúdo* reside na articulação entre a superfície dos textos, descrita e analisada, e os fatores que determinam estas características.

Bardin sugere a definição de um pólo de inferência (1977, p.133). Considerando a definição teórica da autora, que se apóia nos elementos clássicos da comunicação – emissor, mensagem, canal, e receptor –, teremos como pólo de análise a *mensagem* e suas significações. Sabemos que, ao estudar as significações, passaremos pelo código da mensagem, que também pode ser um indicador capaz de revelar realidades subjacentes.

Realizaremos as inferências e as interpretações ao categorizar o conteúdo. Desse modo, poderemos visualizar os resultados da análise por categorias e, em seguida, interpretá-los. Nesse momento, a observação participante será fundamental. Os dados da observação realizada entre os dias 10 e 17 de julho de 2004, junto à Rede Vida, quando acompanhamos a produção dos programas, auxiliar-nos-ão na compreensão dos resultados da análise de conteúdo. Será na análise por categorias, nas inferências/interpretações,

fundamentadas em dados do conteúdo e da produção dos programas, que poderemos perceber as interações sociais e os critérios de noticiabilidade (Quadro 4).

Quadro 4: Análise por categorias

PROGRAMA	CATEGORIAS	INFERÊNCIAS/INTERPRETAÇÕES
JCTV	Edição	Processo de produção + conteúdo = Interações Sociais e Critérios de Noticiabilidade
	Pautas	
	Fontes	
ESTE É O MEU BRASIL	Edição	
	Pautas	
	Fontes	
TRIBUNA INDEPENDENTE	Edição	
	Pautas	
	Fontes	

5.1.2 Abordagem qualitativa e quantitativa

Ao optarmos por trabalhar com a *análise de conteúdo*, precisamos esclarecer alguns aspectos quanto às abordagens *qualitativas* e *quantitativas*. Os procedimentos que pretendemos adotar na pesquisa evidenciam que utilizaremos a *análise quantitativa* para obter dados descritivos através de métodos estatísticos. Contudo, o objeto estudado não permite nos limitar a esses procedimentos. Utiliza-los-emos com o intuito de facilitar a organização dos conteúdos das mensagens emitidas pela Rede Vida, nos programas “JCTV”, “Tribuna Independente” e “Este é o meu Brasil”, no período de uma semana.

A *abordagem quantitativa*, conforme Bardin, funda-se na frequência de aparição de certos elementos da mensagem (1977, p.114). Como já explicitamos, nossos objetivos transcendem a contagem dos temas. Portanto, faz-se necessário adotarmos também uma leitura *qualitativa*. A *abordagem qualitativa*, na análise de conteúdo, é caracterizada pelo "fato de a inferência ser fundada na presença do índice (tema, palavra, personagem, etc), e não sobre a frequência da sua aparição, em cada comunicação individual" (BARDIN, 1977, p.115-116).

As investigações qualitativas trabalham com "o universo de significados, motivações, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, ou seja, aprofundam-se no mundo dos significados das ações e relações humanas", que não podem ser quantificadas (MINAYO; SANCHES, 1993, p.22). Nesse sentido, dão conta da natureza do objeto em questão.

Além do mais, trabalhamos com a *observação participante*, que coloca o investigador em contato direto com o objeto. O pesquisador se relaciona com o objeto. A abordagem qualitativa não tem como regra manter o distanciamento do objeto, mas, pelo contrário, permite o envolvimento, a aproximação do pesquisador com o objeto estudado. Na perspectiva qualitativa, "se busca que el investigador se involucre. [...] es un proceso em el cual el investigador se va adentrando, va descubriendo nuevos elementos, nuevas relaciones, los va explotando y entendiendo paulatinamente" (OROZCO, 2000, p.74-75).

Devemos lembrar que essa aproximação acontece entre um objeto histórico e o investigador, que tem a mesma natureza de seu objeto. Como explicam Minayo e Sanches, há uma identidade entre sujeito e objeto (1993, p.14). Portanto, o investigador é também

parte de sua observação. Daí a importante ressalva feita por Orozco: é fundamental que "... el involucramiento del investigador esté en un nivel tolerable, para que no contamine demasiado el objeto y no sea una interpretación exclusivamente subjetiva" (2000, p.75).

Optando por trabalhar com as duas abordagens – *qualitativa e quantitativa* – e analisando o objeto a partir da *observação participante* e da *análise de conteúdo*, estaremos nos apropriando de "uma razão aberta que saiba dialogar com o irracionalizável", como propõe Morin (2001, p.213). Ou, ainda, estaremos adotando uma perspectiva dialógica, que permite ao pesquisador produzir conhecimentos através das interpretações, apoiado na racionalidade científica, porém, extrapolando seus limites. Acreditamos que, com a *razão aberta* é viável, numa pesquisa, trabalhar com a subjetividade, tanto do objeto quanto do investigador, mantendo a racionalidade, sem atrofiar o pensamento, risco que corremos ao lidarmos com a lógica pura, própria da metodologia quantitativa.

5.2 A PRODUÇÃO E O CONTEÚDO JORNALÍSTICO NA REDE VIDA

O objeto central deste estudo é a Rede Vida de Televisão. Em função das exigências metodológicas, dos objetivos e de nossa formação como jornalista, delimitamos o tema à programação jornalística da Rede Vida. Entendemos que o jornalismo, por ter como matéria-prima a informação, tem condições de aproximar a Igreja da sociedade, colocando-a em diálogo com um mundo plural.

O jornalismo, na programação⁷² das emissoras, situa-se na categoria *informativo*⁷³. Porém, os programas televisivos comportam tamanha variação, por se constituírem em espaços de criação, que se torna arriscada a classificação fixa. Temos que admitir a possibilidade de o jornalismo invadir as categorias *entretenimento* e *educativo*. Na grade de programação das emissoras de televisão, a categoria *informativo* engloba diferentes gêneros e, estes, os mais variados formatos⁷⁴. A situação ocorre também na Rede Vida.

Analisaremos, nos programas jornalísticos, qual a perspectiva que a Rede Vida assume ao fazer jornalismo. Buscaremos analisar *se e como* o jornalismo dá indicativos de uma possível prática dialógica de comunicação. Tal princípio perpassa a história recente da Igreja Católica e sua relação com os meios de comunicação. Percebemo-lo como fundamental à comunicação no contexto atual.

A grade de programação da Rede Vida apresenta uma série de programas jornalísticos (ver Quadro 5: Programas jornalísticos da Rede Vida). Considerando diferentes gêneros e formatos televisivos, bem como a importância dos programas na

⁷² *Programação* é o conjunto de emissões transmitidas por uma rede de televisão. A programação, no Brasil, caracteriza-se pelo conceito de *horizontalidade* – estratégia das emissoras para estipular horário fixo para determinado gênero todos os dias da semana, com o objetivo de criar no telespectador o hábito de assistir o mesmo programa em determinado horário. O conjunto de programas de uma rede é distribuído, semanalmente, no que conhecemos como *grade horária* (SOUZA, 2004, p.54).

⁷³ Conforme Souza (2004), os programas de televisão podem ser classificados em três grandes categorias: informativo; entretenimento e educativo.

⁷⁴ O termo *formato* é utilizado, em televisão, para designar as características peculiares de um gênero televisivo. É bastante comum no jornalismo para televisão ou rádio.

emissora, analisaremos o “Jornal JCTV”⁷⁵ (gênero *telejornal*, englobando os formatos *notas, notícias, reportagens, boletins, entrevistas, comentários*), o “Tribuna Independente” (gênero *entrevista*) e o “Este é o meu Brasil” (gênero *telejornal*, porém com prioridade ao formato *reportagem*).

Uma consideração preliminar faz-se necessária: entenderemos os programas jornalísticos selecionados para análise contextualizados à grade da emissora. O programa passa a ser usado pela emissora; está a serviço dela. Por compor a grade, que caracteriza a emissora e seus objetivos maiores, o programa fica condicionado a ela. Esta leitura nos é proposta por Kilpp (2000). Com isso, queremos enfatizar a inserção dos programas num projeto maior – a programação da emissora Rede Vida. Os programas, segundo Souza (2004), organizam a programação de uma emissora de televisão, de modo que constroem a imagem da própria emissora.

Os mais significativos programas jornalísticos da Rede Vida revelam, na análise realizada, linha editorial marcadamente católica/eclesial. Entretanto, em alguns poucos momentos, mostram tentativas de abertura. São curtas passagens que se sobressaem, porque destoam da maioria das matérias jornalísticas. Os indícios de que a maior rede católica de televisão do Brasil tenta aproximar o mundo católico dos outros mundos são visíveis, tanto no conteúdo dos programas, quanto na produção dos mesmos. Em função disso, optamos por estruturar a análise a partir das categorias mencionadas na metodologia

⁷⁵ O nome “JCTV” não é uma sigla e, segundo informações obtidas na Rede Vida, não tem tradução ou significado específico. A apresentadora e editora do JCTV, Andréa Bonatelli, diz que a intenção da emissora é deixar aberto para que cada pessoa dê o significado que quiser, dentre eles “Jornal Católico”, “Jornal Cristão”, “Jornal Comunitário”, “Jesus Cristo na TV”. O diretor de programação, Ivan Cunha, por exemplo, prefere nomear o programa de “Jesus Cristo na TV”. Informações sobre o programa foram coletadas na observação participante, realizada na Rede Vida, em São José do Rio Preto, entre os dias 10 e 16 de julho de 2004.

– *edição, pauta, fonte* – estabelecendo, na análise de conteúdo, relações com os dados coletados na observação participante.

Num primeiro momento, fizemos um levantamento geral das matérias/entrevistas jornalísticas veiculadas pelos programas. Trabalhamos com as unidades de registro *tema - pauta, personagem – fontes e produtores; e formato - edição*. Observamos, nestas unidades, a *freqüência, o tempo e a ordem*.

Traçado este panorama geral, partimos para a categorização – análise por categorias. O conjunto de matérias foi, então, analisado a partir das categorias *edição, pauta e fonte*. Optamos por, já na categorização, construir inferências e interpretações dos resultados, com base nos dados da análise de conteúdo e da observação participante. O conteúdo e a produção dos programas revelam-nos aspectos sobre as interações sociais e sobre os critérios de noticiabilidade.

Os parâmetros metodológicos, os métodos e o viés quantitativo/qualitativo, adotados, exigem-nos o reconhecimento da necessária relativização das inferências e das interpretações. Assumimo-nos como sujeitos nas diferentes etapas que resultam nesta tese. Por isso, qualquer resultado deve ser encarado, mesmo tendo caráter científico, como uma das possíveis interpretações dos dados.

A análise, apresentada a seguir, sustentar-se-á no paradigma construcionista da notícia e na perspectiva do *newsmaking*, tendo como métodos a observação participante e a análise de conteúdo. Procederemos à análise de cada programa separadamente, guardando as convergências para as considerações finais.

Quadro 5: Programas jornalísticos da Rede Vida

PROGRAMAS	DESCRIÇÃO (CATEGORIA INFORMATIVO)	TRANSMISSÃO
Visão Nacional	Apresentador: David Torres Gênero: entrevista Entrevistas realizadas pela SINAFRESP, Sindicato dos Agentes Fiscais de Rendas do Estado de São Paulo. Programa pago.	Uma vez por semana
Vida é Saúde	Apresentador: Valdecir Carlos Tadei Gênero: entrevista Entrevistas com profissionais da área da saúde. Programa pago.	Uma vez por semana
Tribuna Independente	Gênero: Entrevista Participam o apresentador, o entrevistado e um ou dois convidados. O telespectador pode enviar cartas, <i>e-mails</i> ou <i>fax</i> . Temas diversos. Produção Rede Vida.	De terça a sexta-feira, às 22 horas
Terceiro Milênio	Gênero: Entrevista O Programa Terceiro Milênio é idealizado e produzido por Edições Loyola e Loyola Multimídia. Ilustrar a transição cultural que caracteriza a virada do milênio e analisar as várias facetas do panorama cultural contemporâneo, mostrando, numa perspectiva crítica, sua variedade e complexidade e seus aspectos polêmicos. Política, sociedade, religião, comportamento, educação, ética e saúde são alguns dos temas abordados nas entrevistas.	De segunda a sexta-feira, às 21h30
Prazer em Conhecê-lo	Apresentador: Brancatto Jr. Gênero: entrevista Neste programa, são entrevistadas as personalidades do atual cenário da sociedade brasileira. As perguntas buscam delinear um perfil do entrevistado. Produção Rede Vida São Paulo.	Uma vez por semana. O programa é reprisado uma outra vez durante a semana.
Momento político	Apresentadora: Irma Passoni Gênero: entrevista Neste programa, o cenário político é tratado com as principais fontes do país. A ex-deputada federal Irma Passoni faz entrevistas com lideranças partidárias e autoridades do governo. Produção Rede Vida São Paulo	Uma vez por semana
Melhores respostas do Tribuna Independente	Reprise de programas e trechos do programa Tribuna Independente.	Horários abertos

Quadro 5: Continuação

PROGRAMAS	DESCRIÇÃO (CATEGORIA INFORMATIVO)	TRANSMISSÃO
Frente a frente com Dom Antônio	Gênero: Entrevistas Apresentador: Dom Antonio Maria Mucciolo Temas diversos. Rede Vida São Paulo.	Uma vez por semana
Caminhos econômicos	Apresentador: Dr. Ives Gandra, Dr. Renato Ferrari Gênero: entrevista Programa que debate assuntos gerais do país e do mundo, detalhando aspectos jurídicos, econômicos e sociais que afetam o Brasil e o mundo. Entrevista com economistas, empresários e políticos, entre outros. Rede Vida São Paulo.	Uma vez por semana
Caminhos	Apresentador: Professor Messias Mercadante Gênero: entrevista Programa que aborda temas envolvendo economia, empresas e negócios no Brasil e no mundo. Entrevistas com empresários, professores universitários, secretários de Estado e dirigentes de empresas. Rede Vida São Paulo.	Duas vezes por semana
Linha Jurídica	Entrevista com profissionais da área. Programa pago. Gênero: entrevista	Uma vez por semana
JCTV	Gênero: telejornal Notícias da Igreja no Brasil e no mundo. Promoção e divulgação dos fatos da comunidade cristã. Produção Rede Vida.	De segunda a sexta-feira, três edições ao dia: 7h, 12h30, 18h30 (este último, ao vivo). Sábado, às 12h30.
Jornal da NBR	Gênero: telejornal Agência Nacional – Brasília. Cedido à Rede Vida.	Seis vezes por semana, com exceção de segunda-feira. Horários – 4h30. Nas terças-feiras e sábados também às 23h30.
Edição Nacional	Gênero: telejornal Produzido pela TVE RJ e reprisado pela Rede Vida.	De terça-feira a sábado, 5 horas.
Vida e Cidadania	Gênero: telejornal Programa elaborado e produzido pela UNIVAP TV.	Uma vez por semana.

Quadro 5: Continuação

PROGRAMAS	DESCRIÇÃO (CATEGORIA INFORMATIVO)	TRANSMISSÃO
Este é o meu Brasil	Apresentador: Luiz Carlos Fabrini Gênero: telejornal Retrata os aspectos culturais, folclóricos, educacionais e sociais de um povo, valorizando questões ecológicas, naturais, estilos de comportamento e encantos típicos de diferentes regiões do país, descobrindo assim, novos talentos da arte, da música e da pintura brasileira. Produção Rede Vida. Reportagens produzidas por colaboradores.	Sábado, às 23h e domingo, em horário aberto. O programa é transmitido outras duas vezes durante a semana, sendo uma delas em reprise.
Vida no Campo	Gênero: telejornal / entrevista Programa rural que busca suprir as necessidades da família rural com informações atualizadas em conhecimentos e experiências agrícolas, viabilizando a troca de experiências tecnológicas entre os produtores rurais das diversas regiões do Brasil, levando novos conceitos de tecnologias alcançadas ao meio rural. Produzido pela EMATER.	Uma vez por semana. O programa é reprisado outras duas vezes por semana.
Caminhos da comunidade	Apresentador: Sebastião Misiara Gênero: telejornal / entrevista Programa que apresenta os serviços para o desenvolvimento municipal, as idéias de defesa da cidadania e os trabalhos para o progresso comunitário. Produção Rede Vida São Paulo	Uma vez por semana
Brasil, é isso	Gênero: entrevista. Produzido Rede Vida Rio de Janeiro.	Três vezes por semana
Reportagem que não pára TV	Gênero: telejornal / entrevista Temas diversos. Produção Rede Vida.	
TV Cidadania OAB	Apresentadores: Liliane Mozca e Lalo Leal Filho Gênero: debate Programa da Ordem dos Advogados do Brasil, Seccional de São Paulo, voltado para a defesa dos direitos dos cidadãos. Todas as semanas, juristas e advogados brasileiros são convidados a debater temas atuais, sob a ótica do Direito e da consolidação da cidadania. Programa pago.	Uma vez por semana
Tribuna Judiciária	Apresentador: Yvone Barreiros Moreira Programa elaborado pela AOJESP – Associação dos Oficiais de Justiça do Estado de São Paulo. Programa pago ⁷⁶ . Gênero: debate	Duas vezes por semana

⁷⁶ A descrição dos programas do Quadro Programas Jornalísticos da Rede Vida é baseada nas informações divulgadas pelo *site* www.redevida.com.br, em consulta realizada no dia 13 de maio de 2004, e também em observações da programação transmitida pela emissora.

5.2.1 “JCTV” – traços gerais

O “JCTV” é o principal telejornal da emissora, com transmissão diária, de segunda-feira a sábado. Durante a semana, ou seja, de segunda a sexta-feira, o “JCTV” é veiculado em três edições diárias, às 7 horas, às 12 horas e 30 minutos e às 18 horas e 30 minutos. Às 7 horas, é apresentado por Luiz Carlos Fabrini, exibindo matérias extraídas de outros telejornais, como o “Edição Nacional” e o “Jornal da NBR”. Às 12h30, reedita matérias da edição das 18h30 do dia anterior, com roteiro alterado, e é apresentado pela jornalista Luciana Martins⁷⁷. A edição das 18h30 é editada e apresentada por Andréa Bonatelli, ao vivo. Aos sábados, o “JCTV” vai ao ar às 12h30, reproduzindo matérias transmitidas pela edição das 18h30 da sexta-feira, porém com novo roteiro. Todas as edições são assinadas pelo jornalista responsável, João Monteiro de Barros Filho, o presidente da Rede Vida.

Analisaremos o “JCTV” das 18h30, de segunda (12/07/2004) a sexta-feira (16/07/2004), totalizando cinco edições (Apêndice E). Os motivos da escolha são evidentes: é apresentado ao vivo e é neste horário que as matérias do telejornal são inéditas.

As edições veiculam, basicamente, notícias referentes a acontecimentos da Igreja Católica, de todo o Brasil. Contam com a inserção de matérias produzidas e editadas em diversos estados, enviadas por jornalistas desde os estúdios do Rio de Janeiro, de Brasília, de São Paulo e de Porto Alegre, bem como por colaboradores das dioceses de todo o

⁷⁷ No período em que realizamos a observação participante na Rede Vida, a jornalista Luciana Martins estava em férias e foi substituída pela jornalista Giovana Leonardi, funcionária do jornal O Diário de Barretos, do grupo Independente.

Brasil. A edição, na maioria dos casos, é feita em São José do Rio Preto, seguindo roteiro elaborado pela editora, ou revisado por ela. São dois blocos de, em média, 15 minutos cada, compostos por *notas, notas cobertas, boletins, reportagens e comentários*.

O “JCTV” está no ar desde 1º de abril de 1997, o dia de fundação do jornal O Diário de Barretos, do Grupo Independente. Segundo a descrição do *site* da emissora, o “JCTV” apresenta a "atualidade, o dinamismo e a valorização dos acontecimentos primordiais da Igreja Católica em todo o mundo e constitui-se num meio importantíssimo de promoção e divulgação dos fatos da comunidade cristã". A própria Rede Vida intitula-se porta-voz da Igreja Católica, construindo um discurso institucional, com tom persuasivo sobre sua relevância entre os católicos e na sociedade.

É o único telejornal produzido pela Rede Vida. Nessa categoria, a Rede Vida transmite, em horários diferenciados, inclusive durante a madrugada, outros dois telejornais, o “Edição Nacional”, produzido e editado pela TVE do Rio de Janeiro; e o “Jornal da NBR”, da Agência Nacional, produzido em Brasília. Ambos veiculam notícias de interesse geral e são cedidos à Rede Vida. A emissora não paga pelos programas. Recebe-os por sinal e grava-os, aproveitando, além das edições completas, suas matérias jornalísticas para produzir outros programas. Um terceiro telejornal, o “Vida e Cidadania”, é uma parceria da Rede Vida com a Universidade do Vale da Paraíba (UNIVAP). Em termos de produção de telejornal, o “JCTV” é o mais importante programa de Rede Vida. Em virtude de sua relevância na programação da emissora, julgamos pertinente analisá-lo. Optamos pelo horário das 18h30, porque entendemos ser o mais significativo na programação.

5.2.1.1 A edição jornalística

Consideramos *edição* o processo de recontextualização dos acontecimentos dentro dos diferentes formatos e, dos mesmos, na estrutura do programa. A edição estrutura o programa jornalístico, ou seja, distribuí as matérias no programa. As matérias são apresentadas em diversos formatos, os quais constituirão o “JCTV”. Observamos, na edição, as *manchetes*, os *formatos jornalísticos*, a *rede noticiosa* e as *rotinas produtivas*, além dos quadros que compõem o programa, dando conta de aspectos que traçam a sua estrutura.

– As manchetes

O programa estrutura-se em dois blocos. A abertura é marcada pela apresentação de três *manchetes*⁷⁸, normalmente reportagens do primeiro bloco. O primeiro bloco encerra com a manchete da matéria que abrirá o segundo bloco. As manchetes representam o que, na visão do editor, há de mais relevante no telejornal. A leitura das manchetes, pelo apresentador, em estúdio, ao vivo, é ilustrada por trechos das matérias mencionadas⁷⁹.

O “JCTV” mostra-se um telejornal católico já na escolha das manchetes.

⁷⁸ As manchetes de abertura do “JCTV” formam o que os produtores de telejornais convencionaram chamar de *escalada*.

⁷⁹ Recurso telejornalístico denominado, nos roteiros, de *sobe som*.

Quadro 6: Manchetes do telejornal “JCTV”

PROGRAMA	MANCHETES
12/07	<u>Escalada</u> Governo do Rio Grande do Sul investe em educação no trânsito Inaugurada mais uma casa de Anchieta no interior de São Paulo Arautos do Evangelho levaram imagem de Nossa Senhora de Fátima a El Salvador <u>Chamada para o segundo bloco:</u> No Rio Grande do Norte, as festas juninas são demonstrações da fé e da cultura do nordestino
13/07	<u>Escalada</u> Campanha arrecada brinquedos para crianças do Rio de Janeiro Exposição fotográfica conta a história da Igreja Católica em Sorocaba Comunidade de São João do Sabugi fez festa para o padroeiro <u>Chamada para o segundo bloco:</u> Juristas gaúchos contestam a decisão do supremo sobre aborto de fetos anencéfalos
14/07	<u>Escalada:</u> Comunidade do Rio Grande do Norte comemora colheita com festa Sacerdote de Volta Redonda completa 40 anos de vida plesbiterial No interior de São Paulo, jovens são evangelizados através da arte <u>Chamada para o segundo bloco:</u> Programa social da arquidiocese de Porto Alegre qualifica empregadas domésticas
15/07	<u>Escalada:</u> Presidente do Cade lança manual de Direito e economia da concorrência Paróquia de Uberaba celebra missa diferenciada para crianças Rio Grande do Sul quer revisão de valores cobrados dos estados pelo governo federal <u>Chamada para o segundo bloco:</u> Estado de São Paulo encerra campanha do agasalho superando as expectativas
16/07	<u>Escalada:</u> Arquidiocese do Rio de Janeiro tem novos ministros da consolação e da esperança Arquidiocese de Sorocaba ganha mais um seminário Horta comunitária faz parte da formação de seminaristas da diocese de Barra do Piraí, Volta Redonda <u>Chamada para o segundo bloco:</u> Arquidiocese de Poro Alegre lança cartilha política com orientação sobre as eleições

Em cinco edições, das 15 manchetes que compõem a *escalada*, nove referem matérias com pautas sobre temas essencialmente católicos, sendo que três delas citam a

estrutura da Igreja Católica como sujeito da ação noticiada, remetendo ao critério jornalístico de *importância*, ou seja, ao grau hierárquico dos atores do fato social:

- Paróquia de Uberaba celebra missa diferenciada para crianças
- Arquidiocese do Rio de Janeiro tem novos ministros da consolação e da esperança
- Arquidiocese de Sorocaba ganha mais um seminário

As demais manchetes caracterizam o “JCTV” como um telejornal católico quando revelam, na escolha das palavras, conteúdo católico. Expõem, já na abertura do programa, nomes de santos – “Nossa Senhora de Fátima” e “São João do Sabugi”; vocações – “sacerdote”, “vida plesbiterial”, “seminarista” e “ministro da consolação e da esperança”; ou, ainda, atividades eclesiais, como “missa” e “evangelizados”.

Treze manchetes remetiam a reportagens e, destas, sete tratavam sobre assuntos ligados à Igreja. Ou seja, o conteúdo católico é apresentado no formato mais importante do jornalismo televisivo. As outras duas manchetes chamavam para notas cobertas, ambas sobre temas católicos.

Além das manchetes que explicitam o conteúdo católico, o “JCTV” apresentou quatro manchetes que destacavam reportagens com alguma relação com a Igreja Católica, não evidente de imediato. Tal relação é revelada somente no decorrer da matéria. Em “Governador do Rio Grande do Sul investe em educação no trânsito”, a relação é apresentada no conteúdo do texto da reportagem e através do uso de fonte oficial da Igreja, o arcebispo de Porto Alegre. A manchete “Inaugurada mais uma casa de Anchieta no interior de São Paulo” destaca reportagem que apresenta, além de ligação com a Igreja, os interesses da própria Rede Vida, pois o projeto Casa de Anchieta é encabeçado pelo

proprietário da emissora. O critério de *atualidade* também contribuiu para que a matéria se tornasse manchete. “Campanha arrecada brinquedos para crianças do Rio de Janeiro” chama para uma reportagem que exhibe a ação de um grupo de jovens de uma paróquia. E “Comunidade do Rio Grande de Norte comemora colheita com festa” apresenta, na matéria, fonte oficial da Igreja, no caso, o padre, e imagens de missa.

Percebemos, já nas manchetes, o interesse por temas ligados a ações sociais da Igreja. Fatos que noticiam eventos da Igreja, mas que de alguma forma envolvem a sociedade são priorizados na edição do “JCTV”. A construção de manchetes que “escondem” a relação dos temas com a Igreja e revelam apenas o aspecto social pode ser um critério de edição que visa atrair a audiência católica e não-católica à emissora, porque, a princípio, o telejornal estaria apresentando temas de interesse geral. Agregado a esse critério está a escolha de duas manchetes que chamam para matérias externas à Igreja: “Presidente do Cade lança manual de direito e economia da concorrência” e “Rio Grande do Sul quer revisão dos valores cobrados dos estados pelo governo”. Entretanto, precisamos ressaltar que a primeira delas, conforme comentou a editora do programa, refere matéria indicada pelo presidente da Rede Vida. Inclusive, quando a reportagem chegou a São José do Rio Preto, o roteiro, pronto desde a tarde anterior, teve de ser alterado para atender à ordem superior. Segundo Andréa, o procedimento é comum. A reportagem, antes ausente do roteiro, virou manchete. O critério de seleção é evidente e se explica pelas interações sociais que atuam na construção da notícia: atender a interesses pessoais e empresariais. O editor, responsável pelo programa, cede e perde autonomia no processo de produção.

Outro indicativo de que a edição tende a “disfarçar” a tendência católica do telejornal está na escolha dos trechos das matérias destacados nas manchetes, através do recurso *sobe som*. Em seis delas, o trecho editado exhibe apenas imagens da matéria. Já nas demais, é editada a fala de uma das fontes. Destas, seis destacam fontes externas à Igreja. Apenas três trazem fontes oficiais da Igreja Católica. A intenção, aos que parece, é dissimular o tom eclesial do programa.

Além disso, o *equilíbrio* é outro critério de escolha das manchetes. Apenas a edição de sexta-feira tem as três manchetes sobre temas católicos. Nas demais, há equilíbrio entre temas católicos, com alguma relação com a Igreja, ou externos à Igreja. O *equilíbrio* manifesta-se também na escolha de manchetes que destacam matérias de diferentes lugares do Brasil. Em nenhuma edição, as manchetes destacam pautas do mesmo lugar do país. Predominam as manchetes sobre fatos do Rio de Janeiro (5) e de São Paulo (5). As outras referem fatos do Rio Grande do Sul (2); Rio Grande do Norte (2); e do exterior, El Salvador (1). É válido destacar que a diversidade de lugares é mencionada no próprio texto das manchetes. A intenção, a princípio, é explicitar, na abertura, que se trata de um telejornal nacional. Além do *equilíbrio*, segundo a editora, o critério da *qualidade* (técnica) das matérias define a escolha das manchetes.

Outro recurso de edição que envolve as manchetes é o encerramento do primeiro bloco com a chamada para a primeira matéria do segundo bloco. Das cinco manchetes, quatro abordam pautas que apresentam alguma relação com a Igreja Católica:

- No Rio Grande do Norte, as festas juninas são demonstrações da fé e da cultura do nordestino
- Juristas gaúchos contestam a decisão do Supremo sobre aborto de fetos anencéfalos

- Programa social da arquidiocese de Porto Alegre qualifica empregadas domésticas
- Arquidiocese de Poro Alegre lança cartilha política com orientação sobre as eleições

Em três delas, a relação com a Igreja Católica é explicitada pela referência de palavras como “fé”, ou pela “arquidiocese” como sujeito da ação. Em uma delas, o conteúdo católico não transparece, sendo mostrado no decorrer da matéria. É o caso da reportagem sobre “fetos anencéfalos”. Uma manchete refere pauta sobre fato externo à Igreja: “Estado de São Paulo encerra campanha do agasalho superando as expectativas”. Todas chamam para reportagens. Na escolha das manchetes, verificamos como mais relevantes os critérios do *formato* (prevalência de reportagens); da *importância*; da *qualidade técnica*; do *equilíbrio* (temas e cobertura); bem como a atuação das interações sociais dos jornalistas com as fontes, com a sociedade e com a empresa, nas escolhas tomadas no processo de edição.

– Formatos jornalísticos

Diferentes formatos compõem os dois blocos do “JCTV”, caracterizando a edição baseada no critério do *equilíbrio*. O formato predominante é a *reportagem*. As cinco edições apresentam, no total, 21 reportagens. O gênero é considerado o mais completo, no telejornalismo, e o que apresenta a maior possibilidade de aprofundamento das informações. A reportagem é dedicada, em grande parte, ao conteúdo católico. Todas as edições iniciam, após as manchetes, com uma *nota ao vivo* (foram apresentadas sete, nas cinco edições do “JCTV”), lida pela apresentadora em estúdio. Em seguida, três edições apresentaram *reportagem* e duas, *nota coberta*. Nas edições analisadas, o formato da *nota*

coberta é o segundo mais utilizado (11). Após, está o *boletim*. Foram produzidos oito *boletins*. O formato de *reportagem* é, em todas as edições, a primeira matéria do segundo bloco. Ao todo, as cinco edições do “JCTV” têm 47 matérias, incluindo os formatos de *nota ao vivo*; *nota coberta*; *boletim*; e *reportagem*.

Outro formato, distribuído ao longo das edições, são as notas enviadas por telefone⁸⁰, por colaboradores da Rede Vida. Um deles é fixo e está em quatro, das cinco edições: o correspondente de Roma. Nas cinco edições, foram apresentadas 47 notas deste tipo, todas sobre assuntos ligados à Igreja Católica. As notas aparecem na estrutura do telejornal cobertas pela imagem (fotografia) do correspondente, junto ao mapa que indica sua origem e de caracteres identificando-o. Com exceção da nota de Roma, as demais são veiculadas duas a duas. Todas têm, em média, 30 segundos. As edições têm entre 14 e sete notas.

O “JCTV” das 18h30 começa a ser produzido à tarde, a partir da 13 horas. As ligações dos correspondentes são recebidas e gravadas pela manhã. Em média, conforme a editora, 15 telefonemas são recebidos por dia, de diferentes lugares do país. À tarde, são selecionadas as ligações a serem aproveitadas no programa. A editora afirma que procura dar espaço para os diferentes lugares do país, atendendo a todos, ao longo da semana. Ligações com qualidade técnica ruim são eliminadas. Age-se, portanto, a partir dos critérios de *equilíbrio* e de *qualidade*. O número de ligações em cada edição é variável. E a ordem com que são veiculados obedece, normalmente, àquela de recebimento das ligações. Os correspondentes são voluntários e não existe um cronograma para organizar as ligações.

⁸⁰ Os livros sobre telejornalismo não apresentam uma denominação ao formato. Consultamos duas emissoras estaduais, a RBS e a UPFTV, e ambas denominam o formato de *audio-tape*. Na Rede Vida, o nome não foi referido pelos produtores durante a observação participante. Na rotina de produção da emissora, o formato era chamado de *nota por telefone*. Em função disso, optamos por classificá-la por essa denominação.

Cabe aos técnicos da edição selecionar 30 segundos de cada telefonema e passar para a editora o assunto para que ela escreva a *cabeça* (chamada para ser lida no estúdio). O único telefonema editado pela editora é o de Roma.

A editora nos informou que todos os correspondentes são autorizados pelos bispos e são responsáveis pelas informações que transmitem. Mais do que uma explicação sobre a rotina de produção, esta informação aponta para o compromisso firmado entre a Rede Vida e a Igreja Católica, através do INBRAC. Tal compromisso compõe as interações sociais que atuam no processo jornalístico e mostra, neste caso, que o editor tem suas atividades submetidas aos aspectos macrossociológicos – relações do produtor com a Igreja Católica.

Assim como na escolha das notas, o critério de *equilíbrio* (local de cobertura) atua na edição das demais matérias que irão compor o programa. Das 11 notas cobertas, cinco se referem a fatos do Rio de Janeiro; uma de El Salvador; três de São Paulo; e duas cobrem fatos de interesse nacional. Já os boletins, cinco abordam temas de São Paulo; um de Brasília; um do Rio de Janeiro; e um traz temas de interesses nacionais. Das 21 reportagens, seis abordam eventos de São Paulo; quatro do Rio Grande do Sul; três de cidades do Rio Grande do Norte; três do Rio de Janeiro; duas de Brasília; duas de interesse nacional; e uma de Belo Horizonte.

O formato *reportagem* é o mais importante no telejornal, e é definitivo para a escolha das manchetes. Em função do equilíbrio, objetivando a edição do programa, as

reportagens são distribuídas no *script*⁸¹ de modo que dividem espaço com outros formatos jornalísticos, compondo o gênero telejornal.

– Rede noticiosa e rotinas produtivas

O “JCTV” apresenta diversidade quanto à cobertura jornalística devido à *ordem no espaço* estabelecida pela Rede Vida para capturar os acontecimentos. Ainda precária em muitos aspectos, a *rede noticiosa* da Rede Vida comporta a produção de matérias em São José do Rio Preto; bem como pelos estúdios auxiliares da Rede Vida de São Paulo, Porto Alegre, Rio de Janeiro e Brasília; e pelos colaboradores espalhados por todo o Brasil. A princípio, todas as dioceses, paróquias e igrejas podem enviar material para ser transformado em notícia no “JCTV”. A editora do programa comentou, durante a observação participante, que nem todas as dioceses e paróquias sabem disso. Reconheceu que “falta um pouco de comunicação sobre isso”. Por enquanto, segundo ela, as paróquias e as dioceses que mais participam são as de São Paulo e da região nordeste.

A análise nos mostra que o “JCTV”, apesar de produzido em São José do Rio Preto, tem sua produção descentralizada. Com exceção das notas ao vivo, todas produzidas pela editora em São José do Rio Preto, a partir de *sites* ou *releases* enviados por assessorias de imprensa, as demais matérias dependem, basicamente, dos estúdios auxiliares e dos colaboradores. Os colaboradores enviaram imagens e dados para a produção de três notas cobertas; de cinco boletins; e de oito reportagens. O estúdio auxiliar do Rio de Janeiro colaborou com material para três notas cobertas, um boletim e duas reportagens. A Rede

⁸¹ O *script* é o material usado pelo apresentador durante a apresentação do programa, no qual consta a estrutura básica do programa.

Vida de Brasília enviou dois boletins e três reportagens. O jornalista responsável pelo estúdio auxiliar do Rio Grande do Sul colaborou com cinco reportagens. A Rede Vida de São Paulo produziu uma reportagem.

Em São José do Rio Preto, foram produzidas cinco notas cobertas e uma reportagem. Outra reportagem, de São José do Rio Preto, foi cedida à Rede Vida por assessoria de imprensa. A matéria foi entregue pronta à emissora, e cobre evento local. A Rede Vida, segundo a editora, não produziu a matéria porque a emissora não tem equipe disponível à noite. “Os câmeras estão todos na missa”, afirma⁸². Mais uma vez, os critérios jornalísticos cedem espaço aos interesses da emissora.

O “JCTV” tem no processo de produção a possibilidade de tornar-se um lugar na grade de programação da Rede Vida para a manifestação da pluralidade, contribuindo com a aproximação Igreja-mundo. Há, nele, uma concepção de descentralização: o “JCTV” está aberto para que colaboradores, dos mais variados lugares do Brasil, enviem matérias para veiculação. A idéia guarda em si o pluralismo e viabiliza que a emissora, localizada no interior de São Paulo, faça jornalismo *em rede* para todo o Brasil, com olhares diferentes sobre os acontecimentos nacionais. Entretanto, esbarra, entre outros entraves, na histórica trajetória da emissora, que prioriza o conteúdo eclesial. A participação dos colaboradores, bem como dos estúdios auxiliares sustenta-se, não no princípio do pluralismo, mas na relação Rede Vida e INBRAC, forma encontrada para concretizar a constituição da Rede e

⁸² Às 19h30, a Rede Vida transmite, ao vivo, a missa, desde o Santuário da Vida. A prioridade é sempre dada à produção deste programa.

que, hoje, garante a reprodução de valores cristãos⁸³ e da doutrina católica⁸⁴. Entretanto, não é por isso que a prática deixa de conter o potencial que viabilizaria o diálogo.

O telejornal é produzido, em grande parte, com matérias enviadas pelos colaboradores⁸⁵. São pessoas, leigas ou religiosas, vinculadas a dioceses, paróquias ou igrejas. Na prática, elas ajudam a manter a programação da Rede Vida e, em troca, podem divulgar fatos de interesse católico.

A descentralização concretiza-se, ainda, no trabalho realizado pelos estúdios auxiliares. Nas edições do período em análise, os estúdios auxiliares colaboraram com 17 matérias, sendo seis do Rio de Janeiro; cinco de Brasília; cinco de Porto Alegre; e uma de São Paulo. As matérias enviadas pelos estúdios auxiliares apresentam maior diversificação de temas e têm maior qualidade jornalística e técnica. A Rede Vida, em São José do Rio Preto, produziu 13 matérias. Destas, sete são notas ao vivo. Os colaboradores e estúdios atuam de seis modos distintos: envio de matérias prontas, já editadas; envio de imagens, textos (*off*) e roteiro para edição a ser executada em São José do Rio Preto; envio de imagens e textos, para a construção do roteiro a ser realizado pela equipe de São José do Rio Preto; envio de imagens, para que texto e roteiro sejam feitos em S. J. Rio Preto; através da gravação de notas por telefone; e por fim, através de boletins ao vivo.

⁸³ Referimos aqui o Cristianismo, religião fundada por Jesus Cristo. O Cristianismo, segundo Zilles (1998, p.92), “apresenta-se como religião universal, para todos os homens, de qualquer raça, nação; cultura. [...] Os Cristãos crêem num único Deus trino: Pai, Filho e Espírito Santo”. Têm como lei o amor a Deus e ao próximo.

⁸⁴ A doutrina da Igreja Católica, um dos grandes grupos do Cristianismo, está resumida no credo. Os católicos crêem que há “um só Deus: Pai, Filho e Espírito Santo, o Deus uno e trino, Criador, Redentor e Santificador” (ZILLES, 1998, p. 97).

⁸⁵ Referimos aqui as 16 matérias (notas coberta; boletim; reportagem) e as 47 notas gravadas por telefone.

Na semana em análise, o “JCTV” contou, na terça-feira, com a participação, ao vivo, de Brasília; e na quarta-feira, do Rio de Janeiro. As participações resumem-se à entrada do repórter, em *stand up*⁸⁶, em estúdio, noticiando alguns fatos e chamando para a exibição de uma reportagem produzida pelo estúdio correspondente. Após a reportagem, o repórter encerra, com mais algumas notícias, sua participação. A participação ao vivo de Brasília integrou o segundo bloco do programa. Já a do Rio de Janeiro foi a segunda matéria a ser exibida no primeiro bloco. O repórter do Rio de Janeiro (Luiz Antonio Monteiro, filho do presidente da Rede Vida) apresenta-se *ao vivo* e, em seguida, viaja a São José do Rio Preto. Devido à viagem, sua participação deve ser no início do programa.

A editora do programa não tem conhecimento prévio do tempo de duração do *ao vivo*, nem das pautas. Em função disso, em algumas edições, o *script* precisa ser adaptado durante a apresentação do programa. As notas gravadas por telefone são as primeiras a serem cortadas. Em seguida, se necessário, corta-se a participação do bispo de Joinville e/ou as notícias finais.

Além das matérias produzidas pela equipe da Rede Vida de São José do Rio Preto, o trabalho da editora do programa sintetiza-se em produzir o roteiro para a edição das matérias; adequar o roteiro das matérias, já prontas, ao tempo do programa; gravar *off* (texto) para notas e notas cobertas; e produzir o *script*.

Portanto, o “JCTV” depende, em grande parte, dos colaboradores de dioceses e de paróquias de todo Brasil, bem como dos profissionais que atuam nos estúdios auxiliares. Os colaboradores, personagens do “JCTV”, não têm vínculo profissional e oficial com a

⁸⁶ Presença do repórter, em pé, no estúdio.

Rede Vida, mas atuam graças a relação entre a Rede Vida e o INBRAC. Participam com liberdade de escolha das pautas e fontes. Já os estúdios estão vinculados a arquidioceses e dioceses, as quais os mantêm. Em troca, têm o direito de veicular notícias na Rede Vida. Os estúdios funcionam a partir de uma parceria entre o Grupo Independente, da família Monteiro, com o INBRAC, órgão mantenedor da emissora:

A Rede Vida, como outorga própria, só tem uma geradora que é Rio Preto. O resto são todas emissoras retransmissoras. Em todas capitais do Brasil, nós temos um canal. [...] Então, a beleza desse processo é o seguinte: para a TV Independente poder ter credibilidade junto à Igreja Católica, é que foi fundado o Instituto Brasileiro de Comunicação Cristã, o INBRAC. [...] Agora, é seguinte: nós fizemos um contrato, da minha família com o INBRAC. A outorga somos eu, Luiz Antonio e o Neto (filhos). A nós, o Ministério concedeu a outorga. O INBRAC é quem deu credibilidade para as Igrejas, porque onde é que a Igreja entrou nessa parceria com a Rede Vida? Nós chegamos, por exemplo, no Rio de Janeiro, com três canais. O cardeal do Rio de Janeiro, o Dom Eugênio, fez uma mobilização, compraram os equipamentos e instalaram. O mesmo ocorreu em São Paulo e Porto Alegre. Só que eles não doaram o equipamento para minha família. Porque eles poderiam dizer: pô, nós vamos ajudar a família do Monteiro a formar uma Rede? Lá na frente vem um filho ou um neto dele e diz: “agora acabou a brincadeira; vamos colocar filme de sacanagem; o negócio agora é audiência; é mulher pelada; vale tudo agora!!”. Não, nós temos um contrato com o INBRAC. O INBRAC norteia a programação da Rede Vida, que dá esse norte dos princípios éticos, morais, cívicos e cristãos. E de outro lado, cada diocese que foi instalando o equipamento, fica dona do equipamento. Nós somos donos da outorga e eles do equipamento. Esse é o tipo do casamento que tende a dar certo. Porque vamos supor o seguinte: vamos supor que amanhã a gente resolve fazer uma gracinha e cometesse uma molecagem nesse compromisso. Se as dioceses, por exemplo, pensarem “pô, o equipamento é nosso”, e todo mundo desligar, você tem uma rede de papel; você não tem uma rede no ar. Por isso, foi um acerto inteligente, lúcido⁸⁷.

A intenção da Rede Vida, manifestada pelo presidente, é a instalação de um estúdio auxiliar em cada estado brasileiro, com a proposta de ser uma emissora de *integração nacional*:

Quando ela consolidar esse projeto de ter 27 estúdios auxiliares, no futuro, nós vamos ter essas *revistas televisivas*, de cada estado, pegando tudo aquilo que chega. [...] o pessoal vai perceber que os jornais da Rede Vida vão ter notícia do Brasil todo, porque você vai pegar aquilo que é mais atual de cada cidade e vai começar a colocar no jornal da Rede Vida [...] Então, nós podemos, com esse modelo de televisão, com exclusividade, ser efetivamente a única

⁸⁷ BARROS FILHO, João Monteiro de. Entrevista concedida à autora em 16 de julho de 2004, Barretos.

emissora de integração nacional sem cortes. E com isso, o que nós vamos fazer? Tem muita gente que defende a regionalização da TV. Está certo, é preciso cuidar do problema. Só que a nossa proposta é muito melhor, porque nós vamos pegar os regionais e transformá-los em nacionais. Nós vamos pegar as notícias do Rio Grande do Sul, das capitais do Brasil, e todo o mundo vai ter um canal de comunicação nacional, difundindo aquela realidade que eles estão fazendo. São coisas que não vão ser pautadas por outros canais, mas quando entram no nosso canal, são coisas atualizadas também⁸⁸.

Para Soares, o INBRAC tem a função de representar a catolicidade do veículo perante a própria Igreja, e fornecer um amparo administrativo para o presidente, constituindo a maneira encontrada para legitimar a rede:

O Monteiro mereceria ter um busto em cada diocese do Brasil, porque ele conseguiu transformar uma concessão local numa rede. Ele fez uma engenharia que exigiu que cada diocese montasse sua torre, mantivesse sua torre com verba própria, facilitando a difusão do sinal, mas ao mesmo tempo não permitindo que essas mesmas repetidoras tivessem qualquer poder de gerência sobre a programação. Então, para que as dioceses admitissem isso, porque no fundo cada diocese estava contribuindo com a ampliação da rede, cada diocese precisou ser seduzida, no sentido de que ela receberia um valor inestimável, que era a difusão do evangelho. Todo esse discurso católico de evangelização era a moeda de troca. Então o bispo que não colocava uma torre se sentia culpado por não estar recebendo aquele sinal, sendo beneficiado e colaborando para que houvesse essa rede católica de televisão, uma vez que não havia outra hipótese da Igreja ter uma cadeia de televisão⁸⁹.

O desejo do presidente da Rede Vida concretiza-se, hoje, na *rede noticiosa* formada. Entretanto, além de ampliá-la, caberá à emissora superar dificuldades atuais, que provêm dessa estrutura de produção. A principal delas encontra-se, justamente, naquilo que o presidente Monteiro Neto chama de “beleza desse processo”, ou seja, no que visa a parceria entre o grupo Independente e o INBRAC: garantir a credibilidade da emissora junto à Igreja Católica. Presa a este compromisso, a Rede Vida fica condicionada às escolhas dos colaboradores, os quais priorizam os interesses católicos, porque têm vínculos

⁸⁸ Ibid.

⁸⁹ SOARES, Ismar de Oliveira. Entrevista concedida à autora em 27 de janeiro de 2005, Porto Alegre.

com dioceses, paróquias ou igrejas. Submete-se, por assim dizer, a estas escolhas e assume-as como suas, construindo sua linha editorial.

Aos colaboradores, falta formação profissional e estrutura física/técnica adequada, problemas reconhecidos pela editora do programa. Muitas matérias chegam à Rede Vida sem qualidade de imagens e textos, inviabilizando sua edição e a veiculação. Estes aspectos são visíveis nas edições do programa e também nas reclamações dos editores:

O cara fala, fala e não tem imagem sobre o que ele fala. Fica difícil casar as imagens. Não tem nex⁹⁰. Seu João (refere-se ao presidente da RV) diz que a Rede Vida é de todos os católicos. Se é assim, com tanta Igreja por aí, bem que umas poderiam comprar uma câmera melhor, pagar um curso pra ensinar a fazer as imagens melhor e mandar matéria boa. Já estou há dez anos aqui e é sempre a mesma coisa. Sempre os mesmos que mandam matéria. Todo ano a mesma coisa. Eu acho o jornalismo daqui ruim. Eu já tentei assistir e dormi. Você não dorme quando assiste?⁹¹

A produção, baseada nos colaboradores, acaba por prejudicar, além da qualidade técnica do telejornal, também a atualidade das notícias. As *fitas* com as imagens chegam à Rede Vida pelo correio. Alguns colaboradores e jornalistas dos estúdios auxiliares esperam acumular imagens para diferentes matérias, a fim de aproveitar melhor a postagem. No dia 12 de julho, primeiro dia da observação participante, a editora havia recebido uma fita com cinco matérias enviadas pelo jornalista do estúdio de Porto Alegre. Entretanto, a matéria que foi ao ar, neste dia, produzida em Porto Alegre, pertencia à fita enviada na semana anterior. O colaborador da diocese de Caicó, Rio Grande do Norte, também enviou uma fita com três matérias, aproveitadas ao longo da semana.

⁹⁰ O editor refere-se à matéria sobre *festas juninas no nordeste*, enviada pelo colaborador do Rio Grande do Norte. Na avaliação do editor, as imagens não têm qualidade técnica, porque foram feitas por um amador e em tecnologia VHS.

⁹¹ A declaração é de um dos editores técnicos da Rede Vida de São José do Rio Preto. O comentário foi coletado durante a observação participante. Preferimos não mencionar nomes dos funcionários da emissora, com exceção daqueles que nos concederam entrevista.

Os acontecimentos perdem a atualidade, fundamental à televisão. Não é à toa que, em muitas matérias de colaboradores, como as do Rio Grande do Norte, e de estúdios auxiliares, como as do Rio Grande do Sul, não identificamos datas. A orientação para não colocar data nos textos é dada pela própria editora do programa, com o objetivo de disfarçar a perda da atualidade. Recursos textuais como verbos no presente; expressões como “Estamos aqui”; “Direto de (local), para o JCTV”; “Acaba de ganhar”; “Acaba de lançar” também contribuem para que a idéia de atualidade seja recuperada.

Há um esforço, manifestado pela editora, para contornar os problemas. Sua cultura profissional orienta para a preservação do critério jornalístico de *atualidade*. Aliás, em outros momentos da produção, a editora tenta assegurar os critérios de noticiabilidade referidos pelo *newsmaking*. Entretanto, o processo de produção, submetido à rede noticiosa, sofre interferências externas, estabelecidas nas relações dos jornalistas com as fontes, sejam elas católicas ou não, com a sociedade e com os membros da comunidade profissional. Com isso, critérios como *atualidade*, *qualidade* e *importância* são, muitas vezes, submetidos a essas interferências, as quais integram as *rotinas produtivas* do “JCTV”. O programa, devido às suas peculiaridades, rompe com valores/notícia consolidados pela cultura profissional.

– Quadros do “JCTV”

O “JCTV” comporta, em sua estrutura, três quadros fixos. Um deles é o “Agenda JCTV”. Constitui-se de notas (entre quatro e cinco notas) lidas pela apresentadora, em estúdio, ao vivo. O quadro inclui o recurso de caracteres, destacando o texto lido pela

apresentadora. Sua produção é marcada pelos critérios da *atualidade* e do *equilíbrio*. Todas as notas divulgam eventos católicos atuais, de diferentes lugares do país. A produção é feita pela editora do programa, a partir de *sites* e material enviado pelas assessorias de imprensa.

Outro quadro fixo é a “Previsão do Tempo”, produzido pela equipe de jornalismo da Rede Vida, em São José do Rio Preto. As informações são fornecidas pela empresa WM7 Meteorologia. A gravação é feita à tarde. Na edição, são usados mapas e caracteres. Seguindo a tendência do telejornal, o quadro mostra aspectos climáticos de todas as regiões do país.

Por fim, encontramos dificuldade para classificar um quadro fixo do “JCTV”, no qual o bispo de Joinville, Dom Orlando Brandes, comenta temas católicos. O quadro é gravado⁹²; ocupa, em média, 1 minuto, e não tem lugar fixo no programa. A participação não satisfaz a editora Andréa Bonatelli: “Essa participação não tem validade jornalística”⁹³. Conforme comenta durante a observação participante, os bispos querem muito esse tipo de espaço e ligam, com frequência, para solicitá-lo. Em todas as edições, o bispo faz um comentário teológico. A edição é feita pelos responsáveis técnicos, sem intervenção da editora.

Em apenas uma edição, a do dia 16 de julho, a estrutura do quadro repete-se com a participação de outro bispo, o de Jundiaí. Os dois falam sobre “Maria”. O tema se justifica pela atualidade no quadro de comemorações da Igreja Católica: 16 de julho é dia

⁹² O bispo de Joinville, Dom Orlando Brandes, envia à Rede Vida, a cada mês, uma fita com várias gravações.

⁹³ BONATELLI, Andréa. Entrevista concedida à autora, durante a realização da observação participante, em 13 de julho de 2004, São José do Rio Preto (ver Apêndice F).

de Nossa Senhora do Carmo. O quadro é um momento à parte na estrutura do programa. No jornalismo, aproximar-se-ia ao formato comentário, do gênero opinativo. Mas, entendemos que o mesmo não pode ser classificado como comentário jornalístico, porque não tem vínculo com fatos atuais, de abrangência pública e importante. Está, do nosso ponto de vista, muito próximo à *pregação*.

O confronto entre critérios jornalísticos e os interesses de representantes católicos ocorre devido aos compromissos assumidos pela Rede Vida com a Igreja Católica, via o contrato com o INBRAC. Os bispos e padres instalam retransmissoras, investem em equipamentos, mantêm um correspondente e, em troca, exigem espaço na programação. Percebemos, nesse ponto, como é fundamental considerar, na análise da produção jornalística, as interações sociais dos jornalistas com as fontes, nestes casos, os bispos. Esses, por sua vez, são agentes sociais que mobilizaram a produção jornalística para os seus objetivos comunicacionais. A conquista de tal espaço dependeu, em grande parte, da estrutura de produção estabelecida pela Rede Vida.

As relações entre a emissora e a Igreja Católica atuam sobre os critérios jornalísticos, como fica evidente na inserção de quadros como o do bispo de Joinville no *script* do “JCTV”. Neles, o uso dos programas jornalísticos da Rede Vida como espaço para a difusão da doutrina católica é explícito. Contudo, não menos importantes, são as demais matérias jornalísticas que, por hora, disfarçam tal doutrina, mas, por outra, numa análise mais detalhada, revelam. É neste sentido que empreenderemos a análise das pautas e, nelas, dos temas abordados pelo “JCTV”.

5.2.1.2 As pautas – temas das notícias

A categoria *pauta* engloba, na análise, os temas das matérias veiculadas pelas cinco edições do “JCTV” e o enfoque dado a elas. A pauta, no jornalismo, é compreendida como o ponto de partida do processo de edição, no qual são listados os assuntos que poderão ser transformados em notícias. Diz-se que os temas foram pautados pelo jornalismo. Da pauta até a veiculação, muitos temas ficam para trás ou têm o enfoque modificado, conforme os critérios de noticiabilidade. Quais os temas que a Rede Vida pautou? E por que eles foram escolhidos para se transformarem em notícias? Qual o enfoque que receberam? A análise das matérias jornalísticas do “JCTV” revela três grupos temáticos, compostos por diversas pautas: o grupo sobre pautas religiosas/católicas; o grupo sobre temas sociais/católicos; e, por fim, o grupo composto por pautas sociais/não-católicas.

– Religiosa/católica

Há uma predominância evidente de temas relativos a fatos religiosos e ligados à Igreja Católica: 22 matérias abordam temas religiosos. Destas, sete são reportagens, o formato mais importante no telejornal. Apenas uma foi produzida em estúdio auxiliar. As outras seis provêm do trabalho dos colaboradores, assim como três notas cobertas e quatro boletins. Os estúdios auxiliares produziram outras três notas cobertas e um boletim pautando temas religiosos. As reportagens sobre religião pautam eventos vinculados a dioceses e paróquias, de diversos lugares do Brasil, como podemos observar no quadro a seguir:

Quadro 7: Reportagens sobre temas católicos/religiosos

DATA	FORMATO	TEMA	ENFOQUE	PRODUÇÃO
13/07	Reportagem	Festa de São João Batista	Atividades católicas, como missas, novenas e procissão	Colaborador RN
13/07	Reportagem	Exposição fotográfica	Trajetória da Igreja em Sorocaba	Colaborador Sorocaba – SP
14/07	Reportagem	40 anos de sacerdócio	Missa comemorativa e importância do sacerdócio	Estúdio – RJ
14/07	Reportagem	Evangelização de jovens	Atividades realizadas em Itaberá – SP	Colaborador SP
15/07	Reportagem	Missa para crianças	Diferenciais da missa	Colaborador BH – Uberaba
16/07	Reportagem	Inauguração de seminário	Detalhamento da obra e a relação com a formação Sacerdotal	Colaborador SP – Sorocaba
16/07	Reportagem	Horta comunitária em seminário	Importância da horta para a formação dos seminaristas	Colaborador RJ

As reportagens enfocam atividades católicas/religiosas. “Festa de São João Batista” tem imagens e textos que relatam os eventos que compuseram a festa. As imagens são reconhecidamente católicas: a entrada dos padres, acompanhado por coroinhas, na abertura da missa, conhecida entre os católicos como *procissão de entrada*; o altar; os santos; o povo em oração; o templo. Informam, de imediato, que aquela matéria trata sobre a religião. Mesmo nas imagens captadas fora do ambiente da Igreja, para mostrar a procissão, exibem-se símbolos católicos: o santo homenageado, a bandeira do santo, os padres e o povo, descrito, no *off*, como *fiéis*.

A matéria segue a seqüência de realização das atividades. Primeiro, a novena. Em seguida, a missa solene da festa e, por último, a procissão. A repórter, ao narrar os fatos, demonstra preocupação em referir, sempre, quem são os padres responsáveis:

A novena solene da festa é concelebrada pelo diácono Edivan Araújo, padre Élito Marcondes, o pároco de São João do Sabugi, padre Givanildo Ribeiro, e presidida pelo senhor bispo de Caicó, Dom Jaime Vieira Costa...”. “A missa solene da festa é presidida pelo padre Francisco de Assis Dante e concelebrada por outros padres e diáconos da diocese...”. O padre Givanildo Ribeiro preside a procissão de encerramento, ao lado de uma multidão de fiéis...

Falta dinamicidade ao texto. A mesma estrutura repete-se no relato de cada uma das atividades. Há uma excessiva preocupação com nomes e funções, acompanhada das imagens dos padres, que aponta para uma produção jornalística mais voltada à divulgação do trabalho realizado por padres, do que à informação. Os textos pouco complementam as imagens, apenas descrevem-nas. Além disso, a narração do texto não tem entonação, é lenta e carregada de sotaque nordestino. As imagens, em sistema VHS, têm baixa qualidade. É visível a produção amadora.

Produzida por colaboradores, não apresenta preocupação com critérios como *ritmo, clareza de linguagem, parâmetros técnicos e qualidade do material visual*. Jornalisticamente, é notícia porque tem *importância*, pois envolve um número significativo de pessoas, entre elas, representantes da Igreja Católica, tomados como autoridades.

A qualidade técnica da matéria sobre a inauguração do seminário em Sorocaba é perceptível quando comparada à anterior. Entretanto, mantém-se a característica de imagens e textos voltados à reprodução da doutrina católica. Como a matéria visa, além de noticiar a inauguração, apresentar o seminário, as imagens exibem, na construção,

símbolos católicos: o altar, a cruz, o pastor, o templo. O texto contextualiza-as ao local e à doutrina cristã:

Os seis prédios foram construídos ao redor da capela, que fica no centro do terreno, onde está Jesus Crucificado como o centro da vida. Um painel do Bom Pastor, pintado pelo artista sorocabano, Miguel Geraldo, ilustra a capela... (*off* da matéria “inauguração de seminário”).

O início da reportagem é marcado pela imagem do arcebispo Dom José Lambert que, posteriormente, é fonte. Entretanto, a importância do bispo é evidenciada na *cabeça* da matéria: “A arquidiocese de Sorocaba, no interior de São Paulo, tem novo seminário. Com capacidade para abrigar 64 seminaristas, o Seminário São Carlos Borromeu foi abençoado pelo arcebispo Dom José Lambert”. A bênção evidencia atitude de crença católica, bem como a relevância dada pelos católicos à figura do arcebispo e às suas ações.

O fato de a bênção e de o nome do arcebispo serem destacados na abertura concede-lhes relevância na notícia, constituindo uma escolha jornalística vinculada ao critério de *importância* dos envolvidos no fato, ou ainda, de *autoridade*. Mas, a escolha desses critérios é singular, ou seja, importância e autoridade, neste caso, estão relacionadas à hierarquia da Igreja Católica⁹⁴. O “JCTV” apropria-se dos critérios de noticiabilidade, mas utiliza-os de acordo com as suas particularidades de produção.

A importância do sacerdócio, no “JCTV”, volta a ser mencionada na matéria sobre os 40 anos de vida religiosa de um sacerdote. O texto, ilustrado por imagens do altar, da missa, dos fiéis, do homenageado e de seus familiares, explicita a valorização da vocação:

⁹⁴ Como sociedade visível, a Igreja Católica apresenta uma estrutura e uma organização múltipla e complexa. Há uma hierarquia no clero: papa, bispos, padres, diáconos e cúria romana, dioceses, nunciaturas e paróquias (ZILLES, 1998, p.98).

Toda a trajetória de Sano foi destacada na celebração, como exemplo para todos nós [...]. Na homilia, o bispo diocesano, Dom João Maria Messi, lembrou do valor do serviço sacerdotal e da sua força integradora da comunidade...

A matéria desenvolve-se em torno de informações que veiculam a relevância do sacerdote na Igreja, e para os católicos. Mais uma vez, o critério de *importância* dos envolvidos se faz presente na produção do “JCTV”.

Imagens de padres, nomes de padres, o trabalho realizado pelos padres: em diferentes momentos, esses elementos se fazem presentes no “JCTV”. Uma preocupação respaldada pelo vínculo da Rede Vida com a Igreja Católica. Além disso, destaca figura-chave na religião – o sacerdote. A Igreja Católica tem, na sua hierarquia oficial, o padre como figura principal. Valorizá-lo, no “JCTV”, é fundamental para que o compromisso assumido pela emissora, via INBRAC, se concretize, mas, também, para que se garanta a presença do conteúdo católico na programação televisiva.

O recurso das imagens, como vimos até então, é fundamental para que o “JCTV” represente a sua catolicidade. “É fácil andar com Jesus no peito”. Entre os presentes em um evento sobre evangelização de jovens, tema de outra reportagem, um deles vestia uma camiseta com tal frase. A camiseta tornou-se imagem de destaque em matéria do “JCTV”. O evento foi realizado fora do ambiente *igreja*, mas as imagens não deixam de evidenciar que se está falando da Igreja: jovens cantam de mãos dadas, encenam trechos bíblicos, usando vestimentas apropriadas, e lêem a Bíblia.

O texto do *off* mostra a importância da leitura bíblica:

Durante o dia é reservado também momentos para pregação da palavra (nas imagens, a bíblia) e palestras com temas que levam o jovem a refletir sobre sua vida e como levar uma vida cristã. Um dos temas abordados foi o aborto, tema importante para os jovens...

A leitura da bíblia, seguida de reflexão, é uma prática reconhecidamente católica.

Na reportagem, tal prática assume significativa importância por ser duplamente informada – no texto e nas imagens. Além disso, é corroborada pela fala de uma fonte, um padre:

Que Deus abençoe iniciativas como essa, em que todos os jovens, de todo o mundo, de todo o Brasil, possam ir sempre adequando meios, métodos para que o Evangelho seja sempre vivo, atual e gerador de vida, gerador de dignidade.

Os elementos religiosos permeiam o “JCTV”. Na Rede Vida, o programa tem se mostrado um noticiário sobre a Igreja Católica. As reportagens, até agora analisadas, confirmam essa característica. Outras, além de informarem sobre a Igreja, reiteram a relação entre a instituição e a Rede Vida. Em uma reportagem, por exemplo, o “JCTV” noticia uma exposição sobre a trajetória da Igreja de Sorocaba. A primeira imagem foca um painel com o recorte de um jornal, noticiando: *Rede Vida é inaugurada oficialmente em Sorocaba*. A informação emitida no início, através da imagem, é recuperada mais adiante, no texto: “Entre os painéis, a histórica data de 15 de agosto de 1995 quando, há nove anos, foi implantada, em Sorocaba, a retransmissora da Rede Vida de Televisão”. Concomitante, mais uma vez, é mostrada a imagem do painel. Para reforçar, uma fonte comenta sobre a importância da emissora no município. A Rede Vida torna-se parte da história da Igreja Católica de Sorocaba, condição assumida pelos organizadores da

exposição, incorporada e reproduzida pela emissora. A relação da Igreja Católica com a Rede Vida atribui ao fato social o critério de *importância*.

Vale destacar que, em todas as matérias sobre temas religiosos, as imagens reproduzem missas, orações, templos, santos e procissões, colocando em evidência símbolos católicos. Nomes de padres e bispos são citados com frequência, além de serem destacados trechos das homilias das missas e de orações, através do recurso *sobe som*. As reportagens têm entre um minuto e meio e três minutos. O papel das fontes, como veremos adiante, é fundamental para garantir, no conteúdo das matérias, a versão católica sobre os fatos, sejam eles religiosos ou não.

Eventos religiosos e católicos foram divulgados nos programas em quatro notas ao vivo, bem como no quadro “Agenda JCTV”, produzidos pela editora do programa. No quadro, eram veiculadas breves notas sobre eventos da Igreja Católica, de diferentes lugares do país. De 24 notas que compuseram a “Agenda”, 19 se referem a atividades religiosas. O critério da *atualidade* orienta a seleção dos fatos divulgados. Todas tratavam sobre atividades programadas para aquela semana ou para a semana seguinte à edição.

A religião permeia o “JCTV”, de modo mais intenso, através das notas gravadas por telefone, pelos colaboradores. Todas pautam temas católicos, em geral, eventos e programações religiosas de dioceses e paróquias. Novenas, missas, retiros, festas de padroeiros, romarias e cursos teológicos resumem os assuntos noticiados nessas colaborações:

Quadro 8: Notas gravadas por telefone

EDIÇÃO	TEMA	ESPAÇO
12/07/04	Santa Casa de Misericórdia	Macapá
	Festa da padroeira	São João Del Rei (MG)
	Albergue São João Batista	Curitiba
	Congresso regional católico	Jundiaí (SP)
	Notícias do Vaticano	Roma
	Celebração especial	Patos (PR)
	Evento de música católica	Nova Friburgo (RJ)
	Novo vigário	Sete Lagoas (MG)
	Encontro de CEBs	Diamantina (MG)
	Festa de São Vicente	Sorocaba
	Boscolândia	Crateús
	Semana Diocesana de Formação	Guarulhos
	Novo padre	Presidente Prudente
13/07/04	Festa padroeira	São João Del Rei (MG)
	Festa Nossa Senhora do Carmo	Curitiba
	Notícias do Vaticano	Roma
	Encontro Vocacional	Florianópolis
	Festa Nossa Senhora Carmo	Bom Jesus da Lapa (BH)
	Festa caminhoneiro	Apucarana (PR)
	Curso de Teologia Pastoral	Diamantina
14/07	Escola de Fé e Política	Jundiaí
	Visita Pastoral do Bispo	Curitiba
	Notícias do Vaticano	Roma
	Festa Nossa Senhora do Carmo	Sorocaba
	Missa solene	Caxias do Sul
	Dia da padroeira	Presidente Prudente
	Celebração de Ano Jubilar	Sete Lagoas
15/07/04	Romaria	Florianópolis
	Retiro	Bauru
	Ordenação	Assis (SP)
	Festa padroeira	Recife
	Notícias do Vaticano	Roma
	Retiro	Marília (SP)
	Festa da padroeira	Caicó
	Encontro de diáconos	Nova Friburgo
	16/07/04	Encontro Movimento Rosário Perpétuo
	Missa Nossa Senhora do Carmo	Florianópolis
	Missa padroeira	Uberlândia
	Encontro da pastoral da Saúde	Sorocaba
	Novena Nossa Senhora do Carmo	Diamantina
	Missa de 50 anos de Diocese	Sete Lagoas
	Missa e Crisma	Araçai (MG)
	Projeto sobre a água (Campanha da Fraternidade)	Passo Fundo (RS)
	Procissão de São Cristóvão	Presidente Prudente
Paróquia recebe imagem de Santa	Guarulhos	

As informações divulgadas variam entre relatos de atividades já realizadas ou atividades programadas:

Neste último sábado, Dom Gil Antonio Moreira esteve participando, na diocese de Franca, do 9º Congresso Regional Sul 1, com a palestra Família e Vocação. Participaram ainda o vigário geral, Monsenhor Joaquim Justino, e quatro casais da Pastoral da Família da diocese de Jundiá. Padre Paulo André, para o “JCTV” (nota veiculada na edição de 12/07).

Tendo em vista que o Conselho Nacional dos Leigos acaba de aprovar, para o início do próximo ano, a Escola de Fé e Política, o Conselho Regional de Curitiba já iniciou seus preparativos para assumir com muito entusiasmo essa tarefa em nossa diocese. Vicente Mickosz, para o “JCTV” (nota veiculada na edição de 14/07).

As duas notas consistem em breves relatos do que está sendo realizado nas dioceses. Têm pouca carga informativa, característica comum a essas notas no “JCTV”, porque apenas narram ações diocesanas, de modo a registrar mais o que está sendo realizado na igreja, do que a informar. Se partirmos desse princípio, as notas que divulgam atividades programadas teriam maior validade jornalística, pois atenderiam ao critério de *serviço*:

A Arquidiocese de Diamantina estará participando, de 10 a 14 deste mês, em Ipatinga, diocese de Itabira, Coronel Fabriciano, de um encontro de Comunidades Eclesiais de Base (CEBs), em preparação para o 11º intraeclesial que vai acontecer no ano que vem, a nível [sic] de Brasil. É um encontro de representantes das comunidades de nossas paróquias e que visam, particularmente, promover a justiça social e a caridade dentro do projeto de evangelização. Rogério Adriano, para o “JCTV” (nota divulgada na edição de 12/07).

No próximo dia 1º de agosto, todas as paróquias da arquidiocese de Florianópolis estarão se dirigindo em romaria à cidade de Nova Trento, onde se encontra o Santuário de Santa Paulina. Com o tema “Maria e Santa Paulina queremos ver Jesus”, a arquidiocese estará celebrando esta romaria em consonância com o Projeto Nacional de Evangelização, proposto pela CNBB, e em preparação ao 15º Congresso Eucarístico Nacional, que acontecerá em Florianópolis, de 18 a 21 de maio de 2006. Padre Celso Duarte, para o “JCTV” (nota divulgada na edição de 15/07).

Nos dois exemplos, os colaboradores informam sobre eventos programados, realizando um jornalismo de *serviço* e, inclusive, atual. Mas as notas não deixam de ser registro da agenda católica, colaborando para que o “JCTV” seja um informativo sobre a Igreja, e, portanto, privilegie o *fazer*, como concepção de comunicação. Da mesma maneira atuam as notas enviadas pelo colaborador de Roma, do Vaticano, com a peculiaridade de relatarem as atividades realizadas pelo Papa, no período, João Paulo II:

Foi publicada a mensagem do Papa João Paulo II ao padre Giorgio Nalin, superior geral dos rogacionistas do coração de Jesus, por ocasião do 10º capítulo geral. Na mensagem, o Santo Padre recorda São Aníbal, fundador da Congregação, canonizado este ano. Ricardo Dias Neto, do Vaticano, para o “JCTV” (nota divulgada na edição de 13/07).

As notas são curtas, mas, por estarem distribuídas entre as demais notícias, em todos os blocos do programa, contribuem para torná-lo um espaço de divulgação da agenda católica, no Brasil. Divulgam eventos oficiais da instituição, atendendo a interesses das dioceses, paróquias ou igrejas, com as quais a Rede Vida tem compromisso firmado. É importante registrar que os eventos noticiados são locais e interessam apenas aos católicos. Entretanto, são veiculados em rede nacional, em canal aberto. Entendemos que o objetivo não é divulgar as atividades à comunidade local, mas se fazer presente na emissora, de modo a ocupar o espaço que lhe é oferecido. Mas, além disso, a intenção é exibir o trabalho realizado nas igrejas, contribuindo para a construção da imagem de uma Igreja ativa e fortalecida.

De modo mais enfático e explícito, o tema *religião* aparece nas edições do “JCTV” no quadro “Bispo de Joinville”. Os comentários abordam os temas *atos negativos contra o corpo*; *atos positivos*; *atos negativos do espírito*; *atos positivos do espírito*; e *Maria*. O tom religioso e de *pregação* é evidente nas falas do bispo.

Além do uso da Rede Vida pelos bispos, o quadro evidencia a relevância da pregação como atividade propriamente católica. O mais importante, neste caso, é a palavra e o discurso como meios de persuasão. No ato de pregar, a Igreja Católica mostra que tem o domínio do conteúdo e, estrutura, na fala, argumentos para mostrar que a doutrina católica é a mais adequada para orientar a vida das pessoas. No quadro, o bispo insiste em temas doutrinários marcantes, como a ressurreição e a crença em Maria:

Corpo, espelho sempre da alma. Glorificai a Deus no vosso corpo e esse corpo vai ressuscitar... E fique com Deus (13/07/2004).

Maria nos leva a Jesus. Na escola de Maria, somos discípulos de Jesus e fique com Deus (16/07/2004).

As frases são afirmativas e incisivas, constituindo argumentos doutrinários que visam o convencimento:

Defendamos o corpo como reflexo do espírito e da alma, como moradia de Deus e ponte de comunicação, e fique com Deus (12/07/2004).

Flexibilidade é bom senso. Não é pervitivismo, nem libertinagem. Mas, é agir com reta razão, equilíbrio, e fique com Deus (15/07/2004).

O “JCTV” é, sem dúvida, um informativo televisivo sobre a Igreja Católica no Brasil. Devemos, todavia, reconhecer que a pluralidade está presente devido à multiplicidade proporcionada pelo trabalho dos colaboradores. Mas o plural limita-se à diversidade que compõe a própria Igreja. O “JCTV” contribui com o diálogo intra-ecclesial, mas enfatiza o *fazer*, concretizando práticas de *comunicação institucional*.

A linha editorial do “JCTV” é, a princípio, a católica, ainda que haja o desejo de mudança. O diretor de programação, Ivan Cunha⁹⁵, afirma que o telejornal tem como foco as notícias da Igreja. A editora Andréa Bonatelli (2005) confirma: a linha editorial é católica. Mas afirma que a direção orienta para a abertura do telejornal a outras pautas, inclusive não-católicas. Segundo ela, a mudança é difícil, porque os colaboradores estão *viciados* na produção de notícias sobre a Igreja. “Aos poucos, vamos orientando para que mostrem outras coisas, não notícias de dioceses”. As dificuldades estendem-se, ainda, aos aspectos financeiros e de estrutura. O diretor de programação pensa que existem muitas ações sociais da Igreja que poderiam ser noticiadas e não o são, devido aos custos. “Faltam recursos e gente”, afirma. Ressalva que a Rede Vida investiu bastante e cresceu muito, nesses nove anos de existência. O crescimento, contudo, está condicionado ao seu vínculo com a estrutura da Igreja Católica, situação que impõe limites à produção jornalística e à abertura.

– Social/católico

O trabalho realizado por jornalistas em estúdios auxiliares mostra-se preocupado com temas católicos, mas não necessariamente eclesiais. Uma das alternativas encontradas para tentar escapar do conteúdo exclusivamente religioso, ao que nos parece, é a produção de matérias que vinculam a religião a outras editorias, como cultura, política e educação. Ou, ainda, de matérias que enfocam o aspecto sócio-educativo de ações da Igreja Católica. Nas cinco edições, o “JCTV” apresentou 14 matérias relacionando a religião a outros temas: 11 reportagens; dois boletins; e uma nota coberta. Os estúdios auxiliares da Rede

⁹⁵ CUNHA, Ivan. Entrevista concedida à autora, durante a realização da observação participante, em São José do Rio Preto, em 10 de julho de 2004.

Vida foram os responsáveis por oito das reportagens, e um boletim. Os colaboradores, por duas reportagens e um boletim. A Rede Vida, em São José do Rio Preto, produziu uma reportagem e uma nota coberta, além de cinco notas ao vivo.

Quadro 9: Reportagens sobre religião e outras editorias

DATA	FORMATO	TEMA	ENFOQUE	PRODUÇÃO
12/07	Reportagem	Educação no trânsito	Ações do governo gaúcho e relação com a CNBB	Estúdio RS
12/07	Reportagem	Festas juninas	Relação entre cultura nordestina e religião	Colaborador RN
12/07	Reportagem	Casa de Anchieta	Entrega de casa em Jaborandi (SP)	Rede Vida de Rio Preto
13/07	Reportagem	Aborto de fetos anencéfalos	Encontro de juristas católicos. Posição da Igreja sobre o assunto	Estúdio RS
13/07	Reportagem	Arrecadação de brinquedos	Campanha promovida por um grupo de jovens	Estúdio RJ
13/07	Reportagem	Alfabetização de adultos	Ações em Brasília	Estúdio Brasília
14/07	Reportagem	Formação de profissionais domésticas	Curso promovido pelo Secretariado de Ação Social da Arquidiocese de Porto Alegre	Estúdio RS
14/07	Reportagem	Seminário Educar Trabalhando	União entre religião, sociedade civil e Ongs	Estúdio Brasília
14/07	Reportagem	Festa da colheita	Atividades católicas da festa	Colaborador RN
15/07	Reportagem	Campanha do Agasalho	Ações do governo paulista	Estúdio SP
16/07	Reportagem	Cartilha sobre eleições	Lançamento pela Arquidiocese de Porto Alegre	Estúdio RS

Seis reportagens, produzidas nos estúdios auxiliares, pautam acontecimentos externos à Igreja Católica, mas de seu interesse. A produção das matérias evidencia a relação com a instituição, bem como com os interesses da própria emissora.

A primeira enfoca ações do governo do Rio Grande do Sul, mas destaca, no texto e na escolha das fontes, a relação com a Igreja. Já na cabeça, a apresentadora expõe o envolvimento católico: “O governo do Rio Grande do Sul está propondo uma ação articulada entre toda a sociedade para que haja mais educação no trânsito. A idéia foi aceita por várias instituições de ensino e conta com o apoio até da Igreja Católica no estado”. O repórter informa que o Detran sugeriu à CNBB a promoção de Campanha da Fraternidade sobre o tema: “O Detran do Rio Grande do Sul está propondo, inclusive, que a CNBB promova uma Campanha da Fraternidade sobre o trânsito. A iniciativa já tem o apoio do arcebispo de Porto Alegre”. A informação é seguida por depoimento de fonte oficial da Igreja, o arcebispo de Porto Alegre, que manifesta apoio à idéia.

A importância, como critério substantivo de noticiabilidade, orienta a construção da notícia. A mesma é, jornalisticamente importante, devido ao grau hierárquico dos envolvidos e ao interesse nacional e social. A matéria, assim como todas as produzidas pelos jornalistas dos estúdios auxiliares, tem *ritmo, clareza de linguagem, qualidade técnica e do material visual*.

Dentre outras informações, o repórter opta por destacar a ligação entre esferas da sociedade e a Igreja Católica. O mesmo ocorre em “Seminário Educar Trabalhando”, reportagem que enfoca a união entre religião, sociedade civil e organizações não-governamentais. Em depoimento, um participante afirma:

A coisa mais importante num evento como esse é conscientizar o fato que o trabalho e a religião não são coisas diversas ou que não tenham um ponto em comum. Trabalho e religião são intercomplementares. A religião dá o tom que o trabalho deve ter.

A mesma matéria comporta, como fonte, um padre:

Este evento é de uma importância muito grande, porque a gente quer transformar a realidade. E isso é possível com a educação, com pontos de referência claros. Então, neste sentido, é importante que organizações não-governamentais, entidades e associações católicas se juntem para que a proposta educativa possa ser completa e concreta. Então, esse evento é a possibilidade de dar uma resposta à violência sem nenhum critério, mas através da educação e da formação. Tem toda a identidade com a perspectiva de doutrina social da Igreja. Que possa dar grandes frutos. Com certeza já está dando frutos importantíssimos de encontro entre pessoas de várias tendências.

O participante representa a sociedade. O padre, a Igreja Católica. A reportagem aponta para a possível aproximação entre sociedade e Igreja. O conteúdo da fala das fontes, sobre o mesmo assunto, tem significativas convergências, apontando para o uso de uma fonte externa à Igreja como legitimadora do discurso da própria Igreja. O “JCTV” veicula, nas suas notícias, a informação de que a doutrina católica transcende os limites da *igreja*, e pode ser útil para orientar as ações do homem na sociedade.

As reportagens evidenciam que a Igreja quer mostrar sua importância na sociedade, como representante legítima da religião predominante no país. Mais do que isso, que pode interferir, também, em questões não-religiosas, ocupando espaço junto aos centros de poder e à sociedade civil. Por outro lado, mostra o trabalho realizado por autoridades religiosas, como representantes dos católicos na sociedade. Sem dúvida, a presença do arcebispo no evento sobre “Educação no trânsito”, e de padres no “Seminário Educar Trabalhando”, foi determinante para que fossem transformados em notícia.

Além disso, as reportagens têm relação com preocupações cristãs, como a defesa da vida e das boas ações. Um cartaz é mostrado nas imagens da reportagem “Educação no trânsito” e exibe a frase “Mais um ano em defesa da vida”. No texto, o repórter afirma:

Na semana passada, a direção do Detran do Rio Grande do Sul apresentou para a sociedade o Projeti. Trata-se de uma iniciativa que tem o objetivo de orientar e qualificar as atividades de conscientização por um trânsito mais humano e seguro, reduzindo, com isso, as trágicas estatísticas de acidentalidade.

A estratégia de mostrar as atividades da Igreja Católica não-religiosas, ou seja, as ações da instituição na sociedade, repete-se nas notícias sobre a “Formação de profissionais domésticas”; o “Aborto de fetos anencéfalos”; a “Cartilha sobre as eleições”, a “Campanha do Agasalho”; a “Arrecadação de brinquedos”; a “Alfabetização de adultos”; o “Seminário Educar Trabalhando”; as “Festas Juninas”; a “Festa da Colheita”; e a “Casa de Anchieta”.

Em “Formação de profissionais domésticas” e “Cartilha sobre eleições”, são noticiadas atividades da Arquidiocese de Porto Alegre, tomada como sujeito da ação social. As informações não são sobre religião, mas mostram ações em que a Igreja Católica interfere em questões sociais. A reportagem “Cartilha sobre as eleições” retrata a apresentação do material, pelo arcebispo de Porto Alegre, em reunião da Associação dos Dirigentes Cristãos de Empresa. Trata sobre o conteúdo da cartilha, baseando-se no texto do documento e nas declarações da única fonte – o arcebispo, indicando o uso do critério de *importância*. O texto divide-se em *off*, relatando em construção textual indireta a fala do bispo ou o conteúdo da cartilha, e em três inserções da fala do arcebispo. O *off* evidencia que a reportagem aborda o olhar da Igreja sobre fatos sociais e ressalta valores cristãos

como, “o caráter inviolável da vida” e “a estabilidade da família fundada sobre o matrimônio indissolúvel”, além, obviamente, de registrar as atividades desenvolvidas pelo arcebispo:

Entre as regras para administrar bem, o arcebispo diz que a concepção cristã de política implica no reconhecimento da centralidade da pessoa acima das estruturas, o caráter inviolável da vida, a estabilidade da família fundada sobre o matrimônio indissolúvel, o pluralismo social, a liberdade da educação, e a atenção privilegiada às faixas mais baixas da população.

Já “Aborto de fetos anencéfalos” pauta um tema polêmico, no período, em discussão na sociedade, por isso, jornalisticamente, de *interesse público, atual e importante*. A reportagem trata sobre uma atividade católica: o encontro de juristas católicos. A posição explícita é a condenação do aborto.

Na matéria, de três minutos e 12 segundos, uma das fontes, um padre, chama a decisão judicial de “atentado à vida humana”. “... Manifestamos nosso repúdio e nossa insatisfação contra esse direito que é o direito à vida (*sic*)”. No final de seu depoimento, compara os “abortistas” aos “nazistas”. A notícia serve para que a Rede Vida divulgue a opinião da Igreja a respeito do tema. O uso de fontes externas à instituição disfarça a intenção, mas não deixa de contribuir com a *comunicação institucional*. O “JCTV” revela-se, nas reportagens analisadas até então, estar a serviço da Igreja Católica.

“Campanha do Agasalho” e “Arrecadação de brinquedos” mostram a preferência, no “JCTV”, pela veiculação de matérias sobre ações sociais. As duas reportagens enfocam campanhas de solidariedade. A primeira é promovida pelo Fundo Social de Solidariedade, e narra o evento que marcou o encerramento da campanha, em São Paulo. A outra, por um grupo de jovens católicos. Prevaecem as imagens do material doado e dos beneficiados,

mas, na segunda, o templo, símbolo católico, serve de ambiente para coletar o depoimento de fonte oficial, um padre:

Essa entrega de brinquedos, hoje, quer ser o testemunho concreto de ajuda da paróquia, de solidariedade da paróquia às crianças carentes para que possam sentir a nossa presença, o nosso testemunho cristão.

Observamos, na fala, palavras que remetem à doutrina católica, como *testemunho*, *solidariedade* e *cristão*. O conteúdo católico do discurso confirma-se ao ser proferido em espaço católico – a *igreja*. As imagens, coletadas no interior da igreja, a figura e a fala do padre servem para lembrar ao telespectador que se trata de uma ação social, mas católica. A reportagem não foge à regra: divulgar as atividades da Igreja na sociedade.

A *solidariedade*, a *caridade* e o *testemunho*, como práticas católicas, permeiam o “JCTV”, também, na reportagem sobre “Casa de Anchieta”, a única produzida pela Rede Vida de São José do Rio Preto. Pauta a entrega de casa popular à família carente de Jaborandi, interior de São Paulo, evento ocorrido no final de semana anterior à edição (segunda-feira). Portanto, a sua produção atende ao critério da *atualidade*. Mas, mais importante do que isso, o evento foi transformado em notícia porque trata sobre um projeto encabeçado pelo presidente da emissora. As interações sociais entre o jornalista e a própria empresa interferem na produção. O presidente usa a Rede Vida para divulgar os seus interesses, os quais, por sua vez, convergem com interesses da própria Igreja. Os critérios de noticiabilidade ficam condicionados a tais interações sociais.

Com três minutos e cinco segundos, a reportagem exhibe imagens da entrega da casa à família beneficiada. O projeto, como revela a reportagem, tem vínculos

explicitamente católicos. A entrega foi marcada por orações, missas, bênçãos e presença de padres. Primeiro, a missa:

A família de Tatiane e Vagner, que tem quatro filhos, foi a contemplada. E antes de receber a chave do imóvel, recebeu as bênçãos da comunidade através da celebração de uma missa.

Depois, a bênção:

Com as chaves em mãos, a família inaugurou o imóvel, recebendo, ainda, a bênção do padre Santana em todos os cômodos da casa.

A simbologia católica, mesmo em uma notícia aparentemente externa à instituição, se faz presente nas imagens exibidas pelo telejornal. O conteúdo católico é reforçado nos textos. No *off*, por exemplo, a repórter não apenas informa, mas argumenta a favor:

Mais do que beneficiar uma família carente, o projeto da Casa Anchieta demonstrou o espírito de fé, solidariedade e amor da comunidade de Jaborandi.

A relação institucional é mostrada, também, na escolha das fontes. O presidente da Rede Vida, João Monteiro de Barros Filho, é ouvido pela reportagem: “João Monteiro de Barros Filho destacou a participação de Jaborandi na composição do projeto”. O texto do *off* introduz a fala, mas não condiz com o conteúdo da mesma, com tom essencialmente religioso e, ao mesmo tempo, persuasivo em relação à importância do projeto:

Hoje, em Jaborandi, nós estamos testemunhando mais um milagre do padre Anchieta. Alguns acham que é apenas uma ação social. Não é. É realmente um milagre da normalidade. É o exercício da caridade. Imagine se todos municípios brasileiros resolvessem construir uma casa de Anchieta? Nós teríamos mais de cinco mil famílias beneficiadas.

Fé, solidariedade, amor, testemunho, milagre e caridade são palavras que revelam a relação do projeto com a Igreja Católica. De modo particular, a expressão *milagre* sobressai-se porque resume o objetivo maior do projeto: a canonização do padre Anchieta. A canonização, na Igreja Católica, depende da prova da existência de milagres. Os critérios que tornaram o evento notícia, além da *atualidade*, estão relacionados aos interesses da emissora e da Igreja. A notícia foi construída a partir das interações entre jornalistas, fontes, empresa e sociedade.

O envolvimento da Igreja Católica em festejos populares também é pauta no “JCTV”. Duas reportagens, ambas produzidas pelo colaborador da Rede Vida no Rio Grande do Norte, mostram a conexão entre a religião católica e esses eventos. Em “Festas Juninas”, texto e imagens enfocam aspectos culturais, como concurso de quadrilha, música, dança e entrega de prêmios. A participação da Igreja é mostrada através do uso das fontes. O bispo fala como representante oficial da Igreja:

... Grande e profundo simbolismo da fogueira de São João que, contemplada de perto ou de longe, deve ser para todos nós um lembrete para que nós possamos consumir a cada dia pela penitência, pela convicção, pela conversão, os nossos pecados, as nossas falhas, os nossos defeitos.

O depoimento é essencialmente católico. Recupera, na manifestação popular das festas juninas, o conteúdo religioso, ao construir um discurso sobre a relação entre o *fogo*, *pecado*, *penitência* e *conversão*. Como padre, expõe o lado cristão do evento, fundamental à reportagem, porque foi produzida pelo colaborador da Igreja Católica do Rio Grande do Norte, para ser exibida na Rede Vida.

Os aspectos religiosos em festejos populares, também do nordeste, são destacados em “Festa da Colheita”. A reportagem inicia exibindo imagens de uma missa e reproduzindo o som ambiente: “Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo...”. A função do padre é valorizada no *off*: “O pároco de Cruzeta, padre Amauri José da Silva, celebra a missa de encerramento da festa, na praça da matriz Nossa Senhora dos Remédios...”. Os participantes são tratados como *fiéis*: “Os fiéis se confraternizam, desejando a paz em clima de unidade da Igreja”. A matéria reproduz o som ambiente, destacando um dos momentos da missa e a participação do povo, que canta: “A paz esteja sempre com você...”. A reportagem transformou a missa numa das atividades mais importantes do evento, ocupando boa parte dos seus dois minutos e 57 segundos.

Na seqüência, a reportagem mostra o desfile da festa, deixando claro que o evento não tem, apenas, caráter religioso, mas sim popular, envolvendo outras esferas da sociedade, como a prefeitura, os produtores rurais e outras instituições municipais. Mas, definitivamente, a intenção era expor a presença da Igreja. O padre, uma das fontes, destaca a relação da festa com a religião:

São 44 anos de festa do povo de Cruzeta. Festa que manifesta a fé viva de uma comunidade que, a cada ano, agradece a Deus pelos dons que Deus lhes concede. Os dons são o fruto da terra, do trabalho do homem que, pela bênção da chuva, a cada ano, faz prosperar a vida e dignidade dessa comunidade.

A matéria encerra com as imagens da bênção dada pelo padre ao povo e com o mesmo símbolo com que inicia: o sinal da cruz. As reportagens “Festa junina” e “Festa da colheita”, produzidas por colaboradores, têm problemas de qualidade técnica e visual. Mesmo assim, são veiculadas pelo “JCTV”, que prioriza o conteúdo aos critérios relativos ao produto e aos meios de comunicação, a televisão.

De modo geral, as reportagens analisadas tratam sobre fatos relativos a paróquias, dioceses ou arquidioceses. Contudo, envolvem temas de interesse público, por estarem vinculados a ações socioeducativas ou populares. A editoria de religião interage nas matérias com outras editorias, como política; cultura; educação. As reportagens evidenciam que a própria Igreja Católica, em ações concretas, tem a possibilidade de dialogar com a sociedade. Tais notícias resultam dessas práticas e foram construídas a partir de critérios como *importância* e *serviço*, bem como evidenciam interações entre jornalista e sociedade. Entretanto, o modo como foram construídas confirma que o “JCTV” é um espaço na programação da Rede Vida de veiculação das atividades e da doutrina católicas.

– Sociais/não-católicas

Os indícios, ainda mais concretos, de que a abertura pode ser concretizada no “JCTV”, são matérias que tratam de temas exteriores à Igreja, sem nenhuma relação explícita com atividades eclesiais. Nas cinco edições analisadas, há duas notas cobertas e três notas ao vivo, além de três reportagens: “Dívida dos Estados com a União”; “Lançamento de livro sobre direito da concorrência”; “Festival de teatro”:

Quadro 10: Reportagens sem vínculo religioso

DATA	FORMATO	TEMA	ENFOQUE	PRODUÇÃO
15/07	Reportagem	Dívida dos Estados com a União	Ações do governo gaúcho	Estúdio RS
15/07	Reportagem	Livro sobre direito da concorrência	Lançamento e conteúdo do livro	Estúdio Brasília
16/07	Reportagem	Festival de teatro	Abertura do evento em São José do Rio Preto	Assessoria de Imprensa

As reportagens interessam ao público católico e ao não-católico. Não reproduzem atividades promovidas pela Igreja Católica, não mostram o envolvimento da Igreja em atividades de outras esferas da sociedade, nem apresentam conteúdo doutrinário católico. Entretanto, são apenas três, que ocupam, respectivamente, 2 minutos e 39 segundos, 2 minutos e 20 segundos e 3 minutos e 20 segundos. Dissolvidas em meio às outras matérias, tais reportagens indicam a possibilidade de abertura, mas estão longe de a tornarem concreta ou de tirar do “JCTV” a sua principal característica – a catolicidade.

5.2.1.3 Fontes – os personagens principais do “JCTV”

As fontes, no paradigma construcionista da notícia, têm relevância na definição da construção da notícia. São, em muitos casos, os personagens principais do telejornal, porque influenciam significativamente na produção das notícias e no conteúdo das mesmas. Mas a produção é realizada por jornalistas, também personagens importantes. Jornalista e fontes têm necessidades de notícias. Nem sempre tais necessidades coincidem.

Estabelece-se, na relação entre jornalista e fontes, um jogo de conquista. Por vezes, as fontes vencem. Em outras, os jornalistas. Quais as fontes priorizadas pela Rede Vida? Que indícios o processo de produção e as notícias veiculadas pelo “JCTV” dão sobre a relação entre jornalistas e fontes?

Algumas considerações iniciais são necessárias. Evidenciamos, ao analisar a edição do “JCTV”, a descentralização da produção. Em virtude disso, a observação sobre as relações entre jornalistas e fontes, na produção, tornou-se difícil. Portanto, teremos como referência, para a análise das fontes, o produto final, ou seja, as notícias. Mas, nem todo produto, após editado, revela as fontes usadas na sua produção. Notas, notas cobertas e boletins são formatos em que, em alguns casos, não conseguimos identificar a origem das informações.

Nenhuma das notas ao vivo ou das notas cobertas produzidas pela editora, por exemplo, explicita as fontes. Mas, como foram produzidas em São José do Rio Preto, pudemos observar que as mesmas foram construídas a partir de informações divulgadas em *sites* e *releases* enviados pelas assessorias de imprensa. A consulta a *sites* católicos, como da CNBB, da Arquidiocese de Belo Horizonte e o *catoliconet*, é frequente e faz parte da rotina produtiva do “JCTV”. Os *sites* e os *releases* se tornam fontes secundárias, mas oficiais. Ou seja, aquelas usadas na produção, mas não explicitadas no produto final, e que reproduzem a versão oficial das instituições que representam.

Segundo a editora, muitos *sites* estão desatualizados. A editora revela que recebe pouco material das assessorias de imprensa de dioceses e paróquias e, quando recebe, muitos não têm a qualidade necessária para que as informações sejam aproveitadas. As

dificuldades encontradas pela editora, na produção do “JCTV”, evidenciam os problemas no setor de comunicação da Igreja Católica. Além disso, mostram, na prática, que a produção das notícias depende, em grande parte, das relações jornalistas/fontes.

As fontes usadas em cinco boletins produzidos pelo colaborador de São Paulo, bem como em boletim ao vivo, produzido pelo jornalista do estúdio do Rio de Janeiro, também não estão explícitas. O conteúdo das notícias, religioso, enfocando atividades católicas, permite-nos subentender que as fontes são dioceses, paróquias e outros setores da Igreja Católica. Portanto, são oficiais e secundárias. A análise das demais matérias jornalísticas da Rede Vida aponta para o predomínio das fontes oficiais/católicas. Os critérios de *autoridade, hierarquia, credibilidade e produtividade* norteiam a escolha das fontes.

– A voz oficial da Igreja

O olhar atento às fontes utilizadas na construção das principais matérias do “JCTV”, nas edições em análise, revela o predomínio das fontes oficiais, seja para uso primário ou secundário. Tanto as notícias produzidas pelos jornalistas dos estúdios auxiliares, quanto pelos colaboradores, dão prioridade às fontes oficiais. De 38 fontes das matérias dos estúdios da Rede Vida, 26 são oficiais (23 primárias; três secundárias), sendo 15 delas representantes da Igreja Católica. Das 27 fontes das notícias enviadas por colaboradores, 19 são oficiais (16 primárias; três secundárias), das quais 15 são pessoas ou órgãos da Igreja. As fontes oficiais da Igreja Católica são, em geral, padres; bispos,

arcebispos; seminaristas; representantes de arquidioceses; de pastorais, e de outros setores da instituição.

Em grande parte, as fontes oficiais da Igreja são as responsáveis pela presença do conteúdo religioso/católico nas notícias, bem como pela relação entre temas externos à instituição com os interesses da mesma. Tal afirmação pode ser feita a partir da análise de trechos das falas de fontes ou de textos, retirados de diferentes matérias.

Na nota coberta sobre a “Páscoa dos militares” (12/07), subentende-se, a partir do *off*, que a fonte oficial é o bispo. O conteúdo de sua fala é referido na forma indireta, destacando valores cristãos – a defesa da vida, o bem comum e a dignidade:

A missa foi presidida pelo cardeal Dom Euzébio e concelebrada pelos capelões da Marinha, Aeronáutica, Polícia Militar e do Corpo de Bombeiros. Na homilia, Dom Euzébio afirmou que o uso das forças armadas deve ser para defender a vida e o bem comum da nação. E as pessoas que têm esse dever devem fazê-lo com dignidade e princípio.

Na seqüência, o recurso de *sobe som* é usado, na edição, para reproduzir um trecho da homilia, reafirmando, na construção da notícia, o bispo como fonte oficial. O *sobe som* ressalta o conteúdo católico:

Caminhai firmes, decididos e, se quiserem, até cadenciadamente. Pela cadência da virtude, pela cadência da lealdade, da honestidade que lhe são apregoadas em qualquer missão de seus superiores ou instrutores.

O discurso oficial católico é duplamente representado na reportagem sobre “Festas Juninas”, a qual comporta como fonte um bispo e um pároco. O conteúdo doutrinário aparece na fala do bispo, já mencionada na análise das pautas. Em tom menos

eclesial, a fala do pároco representa a avaliação oficial da Igreja a respeito do evento, pontuando a relação dos católicos com a sociedade:

Para todos nós, motivo de alegria e orgulho. Vivemos juntos esse momento religioso e também cultural do nordeste brasileiro que faz tanto bem a nós, nordestinos, que aqui vivemos e trabalhamos e precisamos desse momento para, num momento de fraternidade, amizade, reviver nossos laços de cultura e de conagração entre os povos e, sobretudo, de nosso estado.

O olhar oficial da Igreja sobre os fatos noticiados permanece na matéria sobre “Missa para crianças”:

A criança é a base da Igreja. Sem ela, a Igreja vai morrendo (fonte: coordenadora da catequese).

... Trazendo as crianças para a Igreja, criança que é pura e simples, as crianças nos ensinam muito. E também assim elas estarão trazendo os pais para dentro da Igreja (fonte: padre).

Na primeira fala, a coordenadora representa, oficialmente, a catequese na paróquia. Na outra, o padre é a fonte oficial da Igreja Católica. Em ambas, o discurso visa convencer sobre a importância, para a Igreja, do evento noticiado. A reportagem, no uso das fontes, reproduz a opinião de pessoas, legitimada pelo cargo que ocupam, sobre o tema tratado. Conforme temos observado, as opiniões manifestadas pelas fontes, sejam católicas ou não-católicas, convergem com a doutrina católica.

Isso ocorre, por exemplo, na reportagem sobre “Aborto de fetos anencéfalos”. A voz oficial da Igreja é representada, na matéria, pelo depoimento de um padre participante do evento: “... Manifestamos nosso repúdio e nossa insatisfação contra esse direito que é o direito à vida [sic]”. Entretanto, as demais fontes – um jurista e um professor de Direito

Constitucional – reforçam a posição da Igreja Católica, contrária ao aborto. O jurista, por exemplo, afirma:

Nesse caso aqui se abre espaço para a autorização de destruição da vida sob uma justificativa que não me satisfaz, porque a justificativa dada é a falta de perspectiva de ter uma vida longa. Então, se dá uma sentença de morte imediata a esse ser humano ainda feto só porque, em tese, por um diagnóstico médico, essa vida não teria viabilidade para o futuro.

A mesma situação repete-se em “Educação no trânsito”. O diretor do Departamento de Trânsito do estado argumenta:

Através da orientação e da educação, nós podemos, através da boa direção no trânsito, poupar vidas, não perder vidas e, acima de tudo, dentro de um caráter educativo, fazer com que as pessoas possam dirigir com mais serenidade, com mais tranquilidade, respeitando os limites da lei e do bom senso.

O conteúdo essencial, que permite Igreja e órgãos públicos compartilharem a mesma visão sobre o tema, é *o direito à vida*, como observamos na fala do arcebispo:

Nós temos que tornar o trânsito mais saudável. Que seja motivo de passeio, de lazer, e não seja uma chacina e, muito menos, uma guerra. Então, que nós possamos também educar para o trânsito, para o amor ao próximo.

A convergência do conteúdo da fala de fontes não-católicas com os trechos de depoimentos oficiais católicos é observada, também, na matéria sobre “Inauguração de seminário”. O reitor e o administrador do seminário, padres, garantem a catolicidade das informações:

O nosso seminário tem por concepção arquitetônica a capela no centro de todos os prédios, e o altar é o ponto central da construção. Esta é a minha mensagem, a mensagem desta edificação. Que o Cristo seja o ponto central de toda a nossa vida. Que a nossa vida, toda ela convirja, seja ela voltada para o Senhor Jesus.

O engenheiro, fonte especialista, não-católica, confirma o conteúdo da fonte anterior, fazendo, inclusive, referência a ela:

Eu fico contente, por ser um trabalho simples, mas que traz uma certa comodidade aos futuros padres, os seminaristas. E o material usado é de fácil manutenção. E a concepção arquitetônica é toda voltada para o centro, né, como o padre falou, o Cristo é o centro da Igreja.

As falas das fontes dão às matérias o tom eclesial. Fica evidente o conteúdo católico. Em diferentes momentos, o “JCTV” reproduz, através das fontes, valores e princípios humanos, sociais, educativos; religiosos; a doutrina social da Igreja; a concepção de família; a adoração a Santos; as vocações; os simbolismos religiosos. Estes aspectos mostram que as fontes têm significativa influência na construção das notícias, contribuindo para que o “JCTV” reproduza interesses católicos.

É importante salientar que a *oficialidade* reproduzida pelo “JCTV” é a da Igreja Católica. A maioria das fontes oficiais é católica: de 45 fontes oficiais, 30 representam a instituição. Diferente da teoria estruturalista, entendemos que a reprodução do discurso oficial católico não é apenas estrutural, mas é, também, interacionista. Obviamente, as relações estruturais no processo de produção explicam o predomínio das fontes oficiais, porque elas atendem aos critérios jornalísticos de escolha das fontes, como *autoridade*, *produtividade* e *credibilidade*. Mas temos que convir que as características da emissora interferem na seleção das fontes. As fontes, no “JCTV”, são escolhidas de modo a dar espaço para que representantes da Igreja forneçam informações e manifestem as suas leituras sobre os fatos sociais noticiados.

Sacerdotes e religiosos são fontes no “JCTV” porque a Rede Vida tem compromissos, assumidos através do contrato com o INBRAC, com a Igreja Católica. Antes de serem fontes, padres, bispos e arcebispos são, também, responsáveis pela existência da emissora, ao instalarem retransmissoras, estruturarem estúdios e manterem colaboradores. Nada mais certo do que usufruírem um espaço que ajudam a gerir. Portanto, as relações estruturais existem, mas são simplórias em demasia para explicar a escolha das fontes no “JCTV”. Precisamos considerar o jogo de interesses que se estabelece entre os diferentes personagens que atuam no processo de produção jornalística, inserido no contexto Rede Vida/Igreja Católica.

O “JCTV” revela, na prática, a preferência pelas fontes oficiais. Mas se trata de um tipo específico de fonte oficial: aquela que reproduz o pensamento católico. O principal critério de escolha das fontes, no “JCTV”, é esse. Tal critério é próprio do telejornal e é entendido ao observarmos as características da emissora.

Representantes da Igreja de diversas partes do país interferem na produção e visam usar o “JCTV” para a reprodução de seus interesses. A afirmativa é possível a partir da análise das fontes, e se confirma nos comentários da editora do programa. De acordo com ela, é *complicado* fazer jornalismo com padres e bispos: “Eles querem dizer o que deve ou não ser divulgado, às vezes não deixam divulgar, querem que fale bem das coisas que não estão bem, e o jornalista não tem a versão do outro lado”⁹⁶. Ficam evidentes, no processo de produção, as interações sociais entre jornalistas e fontes, e o jogo que se estabelece entre eles, fundamentais à construção da notícia.

⁹⁶ BONATELLI, Andréa. Entrevista concedida à autora, durante a realização da observação participante, em 13 de julho de 2004, São José do Rio Preto.

O comentário da editora revela que a escolha das fontes vai muito além das rotinas produtivas. As fontes atendem aos critérios de *produtividade*, *credibilidade*, *garantia* e *autoridade*, mas, principalmente, a aspectos como a relação entre a Rede Vida e a Igreja Católica, que fogem das preocupações meramente jornalísticas. A concepção de notícia como construção social ajuda-nos a entender esse processo. No jogo noticioso, de relação entre jornalista e fontes, essas fontes conquistaram espaço no telejornal e, por serem maioria, contribuem para que as notícias reproduzam interesses oficiais da Igreja Católica. A conquista desse espaço se deve, em grande parte, ao capital institucional ou grau de institucionalização, bem como ao capital sociocultural ou credibilidade destas fontes, mas, primeiramente, ao contrato entre a Rede Vida e o INBRAC.

A preferência por fontes da Igreja Católica é maior entre os colaboradores: 19 fontes representam a instituição; oito fontes são externas à Igreja, mas com vínculos católicos (fiéis, devotos). As matérias produzidas pelos jornalistas dos estúdios auxiliares têm mais fontes externas à Igreja (23) do que internas (15). Apesar de que, das externas, 10 têm vínculos católicos (presidente da Rede Vida; coordenadores do projeto Casa de Anchieta; coordenadora e monitora do curso de formação de profissionais domésticas; jurista e professor de Direito; irmã do padre, por exemplo). Desse modo, a escolha das fontes é orientada pela linha editorial do jornal e pelo contexto da emissora, a princípio, externo ao processo de produção.

– Oficial não-católica para legitimar o católico

Seguindo a tendência de abertura, identificada nas análises anteriores, as fontes, no “JCTV”, também dão indicativos de que os produtores do telejornal desejam torná-lo um espaço de veiculação de matérias externas à Igreja, as quais podem contribuir para que a Rede Vida seja um espaço de comunicação que viabilize o diálogo entre os católicos e a sociedade não-católica. Hoje, a diversidade de fontes relacionadas à Igreja já revela que o “JCTV” coloca em diálogo a pluralidade existente dentro da própria Igreja.

As fontes externas à Igreja são usadas em matérias que pautam temas religiosos, mas relacionados a outras editorias. Nesses casos, elas dividem seu espaço com fontes da Igreja, o que não significa que haja a convivência de opiniões diversas e até mesmo contrárias à instituição, como já observamos em “Aborto de fetos anencéfalos” e “Inauguração de seminário”. Na maioria das vezes, elas reforçam posições católicas.

Na nota coberta “Arautos do Evangelho” (12/07), a fonte oficial, secundária, é o grupo católico responsável pela cerimônia – Arautos do Evangelho. A fonte, primária/oficial, mas não-católica, é o presidente da Assembléia Legislativa de El Salvador, como podemos identificar no *off*, cujo conteúdo é o relato de suas ações:

O presidente da Assembléia, Ciro Cruz, em nome de todos os parlamentares, coroou a imagem de Nossa Senhora, conferindo-lhe o título oficial de deputada, passando ela a ser a legisladora de número 75 da nação salvadorenha.

Representa-se, oficialmente, na nota coberta, a Assembléia Legislativa, mas o conteúdo é católico:

A mãe do Divino Redentor deixou em cada um de nós sementes que devemos cultivar. Nossa Senhora foi coroada como rainha na mesma sala em que os deputados debatem e votam as leis da pátria.

A reportagem sobre “Exposição fotográfica” tem como fonte um ex-prefeito. Mais do que conteúdo católico, a fala do ex-prefeito explicita a relação entre a Rede Vida e a Igreja Católica, enfatizada na matéria, conforme já mencionamos:

Eu, como telespectador, quero testemunhar, como um telespectador muito assíduo da Rede Vida, quanta bênção representa para o povo de Deus a Rede Vida de Televisão.

O prefeito, voz oficial na reportagem sobre “Festa da Colheita”, reforça o tom religioso dado ao evento:

Nós temos que agradecer a Deus por esse ano tão bonito. Tudo o que a gente comemorou nessa festa a gente agradece a Deus.

O mesmo ocorre na reportagem “Casa de Anchieta”. A coordenadora do projeto é fonte oficial, mas não da Igreja. Entretanto, sua fala coincide com o conteúdo que permeia toda a matéria, reforçando a importância do projeto:

Vêm acontecendo coisas e mais coisas, só coisas boas, que valeu muito a pena. E cada vez que acontecia algo de milagre, que para mim é muito importante, mais eu trabalhava, mais eu saía, mais eu pedia. E eu tô feliz.

As fontes oficiais, não-católicas, apenas confirmam o que imagens e *off* já haviam informado. No “JCTV”, estão a serviço da Igreja Católica. Legitimam a catolicidade do veículo.

– Outras fontes – vozes plurais

Matérias sobre temas externos à Igreja Católica, tais como “Lançamento de livro sobre direito da concorrência”; “Dívida dos Estados com a União”; e “Festival de teatro”, têm apenas fontes externas à instituição. O *olhar* oficial da Igreja Católica sobre esses fatos não é apresentado explicitamente. O diálogo entre fontes católicas e não-católicas, nas matérias, não se concretiza. Isso não tira o mérito da veiculação desses temas. A abertura a eles, em si, é positiva à perspectiva dialógica da comunicação. O fato de serem noticiados em um telejornal da Rede Vida é indício de que a emissora está abrindo sua programação a outros interesses, não apenas religiosos. Sugere, ao mesmo tempo, certa atenção da emissora a determinados temas, os quais traduzem, indiretamente, a posição da própria Igreja.

O pluralismo de vozes, no “JCTV”, é outro indicativo de que a Rede Vida pode ser um espaço de comunicação que suscite o diálogo. Observamos, nas edições do telejornal, o uso de outros tipos de fontes, como as oficiais, as independentes, testemunhais, e as especialistas (*experts*). As notícias produzidas pelos estúdios mostram o uso de três fontes oficiais; cinco fontes independentes; duas testemunhas; e duas especialistas. Já as produzidas pelos colaboradores têm uma fonte oficial; seis independentes; e uma especialista. No total, são 11 fontes independentes, ou seja, aquelas escolhidas aleatoriamente para opinar ou comentar um tema. A escolha dessas fontes é importante, porque coloca a versão oficial dos fatos em diálogo com vozes diversas, porém nunca contraditórias, além de, como afirma Medina (1995), humanizarem o jornalismo. Elas estão presentes, por exemplo, na reportagem “Alfabetização de adultos”. Quatro alunos, integrantes do projeto apresentado na matéria, contam suas experiências. Eles

ilustram o projeto, uma ação oficial, tornando-o concreto. As falas consistem, basicamente, em breves relatos opinativos ou testemunhais:

Eu tô gostando muito da escola, eu amo meus professores. Tudo muito bom pra mim, meus amigos, minha escola. Eu entrei aqui e não sabia de nada. E hoje eu tô sabendo o Abc, tudo, viu. Eu amo muito minha escola (depoimento de aluno).

Eu já aprendi muita coisa que eu não sabia. Eu já aprendi, assim, os pontos que eu não sabia, né. Não sabia a vogal, não sabia a letra maiúscula. Já tô aprendendo e, assim, quando a gente vai fazer uma letra, primeiro eu não sabia completar a frase toda, né, e agora tem frase que eu já completo, já faço direitinho (depoimento de aluno).

O mesmo ocorre nas reportagens “Exposição fotográfica”; e “Missa para crianças”:

É difícil acontecer, assim, um trabalho tão longo, tão bonito, tão lindo que nem esse daqui é hoje. É para mim uma grande honra, inclusive, junto de nossos fiéis (depoimento de um visitante, na reportagem sobre “Exposição fotográfica”).

Eu acho muito importante, porque a gente está ensinando, hoje, como deve ser no futuro, para que elas possam estar sempre no caminho de Deus (depoimento de um pai, em “Missa para crianças”).

Eu acho que ele é um irmão exemplar. Nós gostamos muito dele, queremos muito bem a ele, porque, inclusive, nos momentos difíceis, ele nos ajudou muito a família e graças a ele nós pudemos superar as dificuldades (depoimento de uma irmã, em “40 anos de sacerdócio”).

As opiniões manifestadas pelas fontes independentes caracterizam-se pelo discurso coloquial, sem a preocupação com o domínio de informações sobre o assunto. Elas expõem uma visão pessoal dos fatos. Os depoimentos de fontes envolvidas, mas não oficialmente, auxiliam na construção das notícias. Elas opinam, confirmando as informações dos fatos católicos e/ou não-católicos. Em função disso, são agregadas ao conteúdo das notícias de modo a legitimar as informações oficiais. Nas matérias sobre a Igreja Católica, como vemos nos exemplos anteriores, elas contribuem com a construção de um discurso favorável à instituição.

Tanto a escolha de fontes externas à Igreja, como de fontes independentes, aponta para o *poder relativo* dos jornalistas na produção das notícias. A presença de tais fontes indica que os jornalistas atenderam aos interesses oficiais, mas agiram de modo a dar espaço a outras vozes, mesmo que estas não apresentem versões diferentes dos fatos.

Quadro 11: Fontes – Matérias de estúdios

DATA	FORMATO	TEMA	FONTES	TIPOS DE FONTES	RELAÇÃO COM A IGREJA	TOTAL
12/07	Reportagem	Educação no trânsito	Secretário de Justiça do Rio Grande do Sul	Oficial / primária	Externa	3
			Presidente do Departamento de Trânsito (Detran)	Oficial / primária	Externa	
			Arcebispo de Porto Alegre.	Oficial / primária	Interna	
12/07	Reportagem	Casa de Anchieta	Beneficiada	Testemunha / primária	Externa	4
			Coordenador do projeto	Oficial / primária	Externa	
			Presidente da Rede Vida	Oficial / primária	Externa	
			Coordenador do projeto em Jaborandi	Oficial / primária	Externa	
13/07	Reportagem	Arrecadação de brinquedos	Padre da paróquia	Oficial / primária	Interna	1
13/07	Reportagem	Aborto de fetos anencéfalos	Jurista	Especialista / primária	Externa	3
			Professor de Direito Constitucional	Especialista / primária	Externa	
			Padre	Oficial / primária	Interna	
13/07	Reportagem	Alfabetização de Adultos	4 alunos que participam do projeto	Independentes / primárias	Externas	6
			Estagiário	Oficiosa / primária	Externa	
			Professor	Oficial / primária	Externa	
14/07	Nota coberta	Visita de arcebispo à Rede Vida	Arcebispo	Oficial / secundária	Interna	1
14/07	Boletim	Festa de Nossa Senhora do Carmo	Pároco	Oficial / primária	Interna	1

Quadro 11: Continuação

DATA	FORMATO	TEMA	FONTES	TIPOS DE FONTES	RELAÇÃO COM A IGREJA	TOTAL
14/07	Reportagem	Seminário Educar Trabalhando	Padre	Oficial / primária	Interna	2
			Participante	Independente	Externa	
14/07	Reportagem	Formação de domésticas	Coordenadora do programa	Oficial / primária	Externa	3
			Monitora	Oficiosa / primária	Externa	
			Arquidiocese de Porto Alegre	Oficial / secundária	Interna	
14/07	Reportagem	40 anos de sacerdócio	Padre	Oficial / primária	Interna	3
			Bispo	Oficial / primária	Interna	
			Irmã do padre	Testemunha / primária	Externa	
15/07	Nota coberta	Encontro da Sociedade Brasileira de Canonistas	Bispo auxiliar do Rio de Janeiro	Oficial / secundária	Interna	1
15/07	Reportagem	Livro sobre direito da concorrência	autor	Oficial / primária	Externa	1
15/07	Reportagem	Dívida dos Estados com a União	Governador	Oficial / primária	Externa	2
			Ex-secretário da Fazenda do Estado	Oficiosa / primária	Externa	
15/07	Reportagem	Campanha do Agasalho	Primeira dama de São Paulo	Oficial / primária	Externa	1
16/07	Reportagem	Cartilha sobre política	Arcebispo de Porto Alegre	Oficial / primária	Interna	1
16/07	Reportagem	Festival de Teatro	Presidente do festival e secretaria de Cultura de Rio Preto Secretaria de Cultura de São Paulo Diretor do Sesc de Rio Preto Presidente da Funart Coordenador geral do Festival	5 fontes oficiais / primárias	Externas	5

Quadro 12: Fontes – Matérias de colaboradores

DATA	FORMATO	TEMA	FONTES	TIPOS DE FONTES	RELAÇÃO COMA IGREJA	TOTAL	
12/07	Nota coberta	Arautos do Evangelho	Os Arautos do Evangelho	Oficial / secundária	Interna	2	
			Presidente da Assembléia	Oficial / primária	Externa		
12/07	Nota coberta	Páscoa dos militares	Arcebispo do Rio de Janeiro	Oficial / primária	Interna	1	
12/07	Reportagem	Festas juninas	Presidente da Câmara de Vereadores	Oficial / primária	Externa	2	
			Pároco	Oficial / primária	Interna		
13/07	Reportagem	Exposição fotográfica	Padre	Oficial / primária	Interna	3	
			Ex-prefeito	Oficial / primária	Externa		
			Visitante	Independente / primária	Externa		
13/07	Reportagem	Festa de São João Batista	Bispo	Oficial / primária	Interna	4	
			Pároco	Oficial / primária	Interna		
			Administrador paroquial	Oficial / primária	Interna		
			Devoto	Independente / primária	Externa		
14/07	Reportagem	Festa da colheita	Prefeito de Cruzeta	Oficial / primária	Externa	2	
			Pároco	Oficial / primária	Interna		
14/07	Reportagem	Evangelização de jovens	Organizador do evento Padre	Oficiais / primárias	Internas	2	
15/07	Reportagem	Missa para crianças	Coordenadora de catequese	Oficial / primária	Interna	3	
			Pároco	Oficial / primária	Interna		
			Pai de criança	Independente / primária	Externa		
16/07	Nota coberta	Novos ministros	Arquidiocese do Rio de Janeiro Padre	Oficiais / secundárias	Internas	2	
16/07	Reportagem	Inauguração de seminário	Engenheiro	Especialista / primária	Externa	4	
			Reitor do seminário	Oficial / primária	Interna		
			Administrador do seminário	Oficial / primária	Interna		4
			Seminarista	Independente / primária	Interna		
16/07	Reportagem	Horta em seminário	Seminaristas	Independentes / primárias	Internas	2	

5.2.1.4 Observações finais

A análise do conteúdo e do processo de produção das edições do “JCTV” revela-nos o predomínio, mesmo em notícias aparentemente desvinculadas da Igreja Católica, de um valor/notícia singular à emissora. Estão aptos a serem transformados em notícia os acontecimentos sociais que, de alguma forma, mostram o trabalho realizado pela Igreja Católica, no Brasil. Para serem noticiados, os fatos devem apresentar, se não atividades religiosas, fatos sociais em que a Igreja esteja envolvida ou, ainda, que retratem valores relativos à doutrina católica. Acontecimentos que envolvem autoridades da Igreja Católica também têm lugar garantido no “JCTV”. O critério jornalístico é o de *importância*. Porém, os fatos sociais são avaliados a partir do que, para a Igreja Católica, é importante. A escolha deste critério justifica, de certo modo, a sigla que dá nome ao programa. A tradução *Jornal Católico*, pelo que observamos na análise, seria apropriada para denominá-lo. Em função disso, não podemos pensar os valores/notícia do “JCTV” apenas a partir do que estabelece o *newsmaking*.

As pesquisas do *newsmaking* não abordam, na síntese dos critérios de noticiabilidade, um termo específico para denominar o que identificamos como principal valor/notícia na produção do “JCTV” – as interações entre a Rede Vida e a Igreja Católica. Contudo, o paradigma construcionista, em particular as teorias interacionistas, permitem-nos compreender as notícias como resultado de interações sociais. As interações sociais são primordiais para uma análise abrangente do processo de produção, viabilizando que enxerguemos, no “JCTV”, a prevalência de critérios de noticiabilidade que se explicam a partir de interferências macrosociológicas. O que ocorre é que os valores/notícia estabelecidos na cultura profissional e na organização do trabalho são

repensados a partir das intenções editoriais da emissora. Daí porque as interações sociais são necessárias para analisarmos a noticiabilidade do “JCTV”. Os valores/notícia, no telejornal, são adaptados às necessidades da emissora.

O olhar jornalístico sobre os fatos sociais interage com as preocupações que movem a relação da Rede Vida com os católicos. Os valores/notícia sustentam-se nessa interação. Na prática jornalística, tais interações são observáveis na estrutura de produção a que está condicionado o “JCTV”, ou seja, no trabalho realizado pelos colaboradores da Rede Vida, sejam eles vinculados ou não a estúdios auxiliares. O “JCTV” estabelece a sua *rede noticiosa* e as suas rotinas produtivas a partir do compromisso assumido junto à Igreja Católica. As notícias exibidas pelo “JCTV” dependem, em grande parte, do contrato entre o grupo Independente e o INBRAC. Os critérios de noticiabilidade são adaptados a esse pré-requisito.

Em algumas situações, a cultura profissional dos jornalistas destoa dos interesses da empresa Rede Vida e da Igreja Católica. Nestes casos, estabelece-se um jogo, no qual prevalece a vitória do que, para a emissora ou para a Igreja, é o mais importante a ser noticiado. Notamos que quando há atuação de jornalistas no processo, como nas matérias produzidas nos estúdios da Rede Vida, há maior qualidade jornalística e técnica. Mantém-se o compromisso com a Igreja, mas critérios como *interesse, importância, qualidade, equilíbrio* e *qualidade do material visual* são preservados. A *atualidade* é o critério mais prejudicado nessa estrutura de produção. Ainda que, para não perdê-la, os jornalistas optem por pautas que permanecem atuais por mais tempo, como eleições, alfabetização de adultos, aborto e trânsito.

As notícias produzidas pelos colaboradores, sem formação profissional adequada e sem estrutura técnica, contribuem para que o “JCTV” seja precário em certos aspectos, como a qualidade de imagem e de som; pautas antigas, textos com problemas de construção frasal e, muitos, com baixa carga informativa. Os colaboradores, na sua maioria, registram missas, comemorações e atividades religiosas, além de festejos populares, dos quais a Igreja participa. Em função da carência de equipamentos e da falta de preparação, as matérias relatam fatos da Igreja Católica, muitas com enfoque local, deixando a desejar em termos de informações *novas, atuais, importantes* e de abrangência quanto ao *interesse público*.

É comum, no “JCTV”, a veiculação de notícias com conteúdo católico, mas não necessariamente religioso. A escolha das pautas e das fontes, bem como a edição, narram o dia-a-dia da Igreja Católica. Além de atividades religiosas, as notícias abrangem temas que, de alguma forma, têm relação com valores humanos e sociais defendidos pela doutrina católica. São temas com os quais a Igreja se identifica, bem como entende que pode e/ou deve interferir.

Nessas pautas, a Rede Vida expressa o olhar católico sobre os fatos. A versão dos fatos é corroborada por fontes não-católicas, que, na maioria das vezes, reproduzem aquilo que fontes católicas já mencionaram. A voz oficial prevalece, em particular, a católica, com a presença de sacerdotes, como fontes principais das matérias jornalísticas. As fontes oficiais da Igreja ocupam um espaço que é seu por direito, garantido pelo INBRAC.

Desse modo, o jornalismo reproduz a versão oficial e católica dos fatos sociais. O predomínio das fontes oficiais não é resultado de uma relação apenas estrutural, mas ocorre

devido às interações sociais entre produtores jornalísticos e tais fontes. No jogo noticioso, elas conquistaram seu espaço no “JCTV”. Garantiram, inclusive, o direito de ter seus nomes destacados nas notícias, além de transformarem, com frequência, suas atividades em notícia.

Um outro ponto para o qual convergem as notícias do “JCTV” é o predomínio dos aspectos positivos. O critério jornalístico “fato ruim é notícia boa”, comum no jornalismo, não é valorizado na emissora. O telejornal pauta o “lado bom” dos fatos sociais, fazendo jus ao *slogan* “Rede Vida – o canal da boa notícia” e às orientações do presidente da emissora.

Os critérios de noticiabilidade predominantes no “JCTV” são a *importância*, o *formato*, o *equilíbrio* e o *serviço*. Neles, interferem aspectos micro e macrosociológicos, entre eles, as relações da Rede Vida com a Igreja Católica. Foram estas relações que permitiram à emissora formar sua *rede noticiosa*, e que a definiram. A Rede Vida organizou seu espaço de cobertura a partir da criação do INBRAC. A vantagem, sem dúvida, é a produção descentralizada, potencial para que a pluralidade possa se manifestar nas edições do telejornal. Entretanto, até agora, o plural limita-se à própria Igreja. Os responsáveis pela *rede noticiosa* vêm na Rede Vida um meio para registrar e divulgar apenas aquilo que interessa à instituição a que estão vinculados.

A descentralização da produção, segundo o presidente da emissora, visa interligar o Brasil em rede nacional. Norte e sul do país poderão, através da Rede Vida, se conhecer. Os vários *brasis* estariam na Rede Vida. Entretanto, a produção do “JCTV”, programa em que a idéia da *integração nacional* começa a ser praticada, tem-se mostrado disposta a

interligar o país, mas, apenas, através do trabalho realizado pela Igreja, o que é muito limitador diante da diversidade brasileira.

Tal limitação interfere no crescimento e na sustentabilidade da emissora, que usa o seu mais importante telejornal para difundir a doutrina católica, com imagens, textos e declarações de fontes, muitas vezes, mais persuasivos do que informativos. É preciso expandir o olhar para os fatos que, realmente, interessam ao público, inclusive, ao não-católico. A televisão, por ser um meio audiovisual, dificilmente será, somente, aceita como meio de conversão ou, para os já convertidos, de oração e fé. A produção do “JCTV” carece de um olhar mais aberto e plural, bem como comprometido com a sociedade, com o jornalismo televisivo e com os aspectos técnicos do meio.

5.2.2 “Tribuna Independente” – traços gerais

A programação jornalística da Rede Vida engloba uma série de programas de entrevistas. É intrigante a notável atenção que a emissora dá a esse gênero televisivo. Uma leitura atenta à grade de programação revela o quanto esse tipo de programa interessa à Rede Vida. O fazer jornalístico da Rede Vida envolve a produção de formatos diversos, mas se destacam os programas de entrevista. Dos 22 programas jornalísticos, 11 são produzidos nesse gênero. Por isso, optamos por analisar um deles, o mais representativo na programação. Buscando entender a preferência por esse tipo de programa, descobrimos que a resposta imediata está no aspecto financeiro. Ivan Cunha, diretor de programação afirma que o custo de produção desses programas é baixo. “Tudo depende do entrevistado.

Se ele é um cara bom, está feito o programa”, comenta. Segundo o produtor do “Tribuna Independente”, Luiz Antonio Monteiro, “programa de entrevista é o mais barato e é bom pelo conteúdo”.

Observamos que, de tempos em tempos, o quadro de programas da Rede Vida sofre alterações, assim como os horários em que são transmitidos os programas. A emissora também trabalha com a idéia de horário aberto⁹⁷, flexibilizando a grade de programação. Contudo, alguns programas mantêm estabilidade, entre eles o “JCTV”, o “Tribuna Independente” e o “Este é o meu Brasil”, o que evidencia sua importância. O “Tribuna Independente”, entre os diversos programas de entrevistas, é um dos que tem maior frequência de transmissão. Enquanto os outros são apresentados entre uma e até três vezes durante a semana, o “Tribuna Independente” vai ao ar quase que diariamente. Sem considerar os horários de reprise, é transmitido nas terças, quartas, quintas e sextas-feiras, às 22 horas, ao vivo. O programa está na grade de programação desde 20 de junho de 1995, primeiro ano de funcionamento da emissora. As melhores entrevistas, do ponto de vista dos produtores, são repetidas num outro programa, denominado “Melhores respostas do Tribuna Independente”.

O “Tribuna Independente” é classificado pela emissora na categoria *informativo*, gênero entrevista. Como é de natureza dos programas televisivos, o gênero comporta diferentes formatos, com inserção de boletins, notas e reportagens. No caso do “Tribuna Independente”, percebemos a interferência de outro gênero, classificado por Souza (2004) na categoria entretenimento, de *interativo*. Além do entrevistador e do entrevistado

⁹⁷ Horário aberto representa, para a emissora, a possibilidade de distribuir os programas na grade de programação conforme a necessidade. Há horários, na grade da Rede Vida, que não têm um programa fixo, possibilitando a flexibilização.

(selecionado conforme com o assunto do dia), participam outras duas pessoas, convidadas, de acordo com o tema do programa, que podem fazer perguntas ao entrevistado. Este, por sua vez, ainda responde a comentários e perguntas feitos pelos telespectadores, por telefone, *e-mail*, ou, ainda, por uma espécie de *enquete* realizada nas ruas, por um repórter. O tema da entrevista é divulgado pelo *site* da emissora e nos intervalos comerciais, com antecedência à transmissão.

No início, o programa era produzido e apresentado ao vivo, em São José do Rio Preto. Hoje, a produção e a apresentação são descentralizadas: nas terças-feiras, em Brasília; e nas quartas-feiras, no Rio de Janeiro. O programa, então, é produzido e apresentado por Luiz Antonio Monteiro. Nas quintas-feiras, em São Paulo, com apresentação e produção de João Monteiro Neto; e nas sextas-feiras, em São José do Rio Preto, apresentado por Luiz Carlos Fabrini e produzido, no período de observação participante, pela Associação Cultura e Atualidades (ACEA)⁹⁸. A produção é descentralizada, mas a geração é feita pela emissora, em São José do Rio Preto. O programa tem duração de uma hora e 25 minutos, incluindo os intervalos, e é dividido em quatro blocos, com duração média de 20 minutos.

Como nas demais análises, consideraremos as categorias *edição*, *pauta* e *fonte*. A análise envolverá aspectos da observação participante e da análise de conteúdo.

⁹⁸ A ACEA é uma parceira da Rede Vida, cuja relação iniciou em 2002. É a Associação que escolhe o tema, o entrevistado e a banca. Inclusive é a ela quem paga os custos com viagens dos participantes. Até o período de realização deste texto, a parceria continuava. Em maio de 2005, a ACEA comemorava 50 programas transmitidos pela Rede Vida. Antes disso, o “Tribuna” de sexta-feira era produzido pela Rede Vida, em São José do Rio Preto.

5.2.2.1 A edição jornalística

Os estúdios auxiliares da Rede Vida estruturam a produção do programa “Tribuna Independente”. A produção jornalística é, mais uma vez, descentralizada. A descentralização viabiliza uma maior diversificação de temas e entrevistados. Estando em diferentes lugares, quem se desloca é a Rede Vida, e não mais os entrevistados, que antes tinham que viajar a São José do Rio Preto. Reduzem-se os custos de produção, uma preocupação central. Além disso, atende-se à meta mencionada pelo presidente da emissora, como também pelo produtor do “Tribuna Independente”, Luiz Antonio Monteiro, de *integração nacional*. Mais do que isso, garante a catolicidade do veículo, ao transmitir, no conteúdo das entrevistas, valores cristãos e a doutrina católica.

O programa tem características singulares em cada edição. A produção, por ser descentralizada, é feita, a cada dia, por pessoas e em lugares diferentes. No período em análise, nas terças e quartas-feiras, a produção e a apresentação foram realizadas por Luiz Antonio Monteiro, filho do presidente da emissora. Na quinta-feira, por seu irmão, João Monteiro Neto. Na sexta-feira, a produção foi da ACEA, com apresentação de Andréia Bonatelli, a editora e apresentadora do “JCTV”, em substituição a Luiz Carlos Fabrini, ausente porque cobria, no mesmo período, um jogo de futebol, no interior paulista. O programa é o mesmo, mas o estilo dado a ele está condicionado às particularidades do editor/apresentador. Nas diferentes edições, estão impressas as marcas de cada editor/apresentador, mas o perfil editorial é o mesmo – educativo/esclarecedor. Na edição, analisaremos os formatos, a participação do telespectador e a estrutura da entrevista.

– *Paz e bem* – a entrevista e outros formatos

Os “Tribuna Independente” de terça e quarta-feira, produzidos em Brasília e no Rio de Janeiro, respectivamente, têm uma estrutura diferenciada dos demais. Apresentam uma série de elementos, agregados à entrevista em si, que os tornam mais dinâmicos. A estrutura do programa foi pensada pelo produtor Luiz Antonio Monteiro, e, a nosso ver, é construída de modo a atender às especificidades do meio televisivo, em particular, uma maior interação entre imagem e palavra. As edições sob sua responsabilidade têm, inclusive, suas marcas pessoais, como a saudação franciscana “Paz e Bem”: “Aos amigos da Rede Vida de Televisão, a saudação fraterna Paz e Bem”. O apresentador inicia com a expressão e repete-a várias vezes ao longo do programa, assim como usa, em diferentes momentos, o *slogan* da emissora: “Rede Vida – o canal da família brasileira”.

Entre uma pergunta e outra, costuma mandar abraços para amigos e telespectadores:

“Tribuna Independente” na Rede Vida, ao vivo, de Brasília. As cidades e a democracia. O tema de hoje do “Tribuna Independente” para todo o país, com a presença do presidente da Confederação Nacional dos Municípios, o prefeito Roberto Ziulkoski, de Mariana Pimentel, do Rio Grande do Sul. Saudações aos amigos do Rio Grande do Sul (edição de terça-feira).

Saudações aos amigos de todo o Brasil que acompanham o “Tribuna Independente”, ao vivo (edição de quarta-feira).

Luiz Antonio Monteiro dá ao programa um tom popular, herdado de sua passagem pelo rádio. O “Tribuna Independente” era veiculado em rádio AM, do grupo Independente, de propriedade de João Monteiro de Barros Filho, em Barretos: “A ‘Tribuna

Independente’ era um programa que nós tínhamos no rádio: *Tribuna Independente – plenário do povo*”⁹⁹. No rádio, era um programa de entrevistas, com uma hora de duração.

Além disso, as edições de terças e quartas-feiras apresentam, como diferenciais: a enquete; o uso de informações curtas, em caracteres, exibidas abaixo do vídeo; frases reflexivas, música e imagens de Brasília ou do Rio de Janeiro, formando uma composição agregada à abertura e ao encerramento dos blocos; o *momento de reflexão*; e o boletim, com perguntas ao entrevistado. Todos esses elementos são produzidos por Luiz Antonio Monteiro, com auxílio da equipe dos estúdios, ausentes das edições de quintas e sextas-feiras.

As aberturas de terça e quarta-feira divulgam a linha editorial do programa, bem como princípios da emissora. Na terça-feira, junto ao texto, imagens da sede da Confederação Nacional dos Municípios e de Brasília, enfocando a descentralização da emissora.

A Confederação Nacional dos Municípios tem sede em Brasília para articular o relacionamento com os poderes constituídos, mas sua missão é a defesa das cidades. A Rede Vida de Televisão está presente em Brasília com o objetivo de debater com todo o país os temas de fortalecimento da cidadania, da democracia, do desenvolvimento nacional dentro de critérios éticos e políticos. Os municípios e a democracia estão na pauta de hoje. A presença do presidente da Confederação Nacional dos Municípios, o prefeito Paulo Roberto Ziulkoski. Começa agora, ao vivo, para todo o Brasil, na Rede Vida de Televisão, a “Tribuna Independente”, o plenário do povo, com apresentação de Luiz Antonio Monteiro (trecho do texto de abertura do programa de terça-feira).

Na quarta-feira, as imagens lembram o casamento celebrado na Igreja. Em consonância com o texto, são gerados caracteres com dados sobre o número de casamentos e de divórcios no Brasil. Texto, imagens e caracteres apresentam o tema, os objetivos do

⁹⁹ Conforme João Monteiro de Barros Filho, em entrevista concedida à autora, em 16 de julho de 2004.

programa, os enfoques, e informam, desde o início, que se trata de uma entrevista sobre o casamento católico:

O casamento é coisa séria que envolve vultuosos valores morais e materiais, tanto pessoais quanto familiares e sociais. O casamento é celebrado perante o padre com testemunhas e bênção. A preparação para o casamento não pode ficar apenas por conta da natureza. A “Tribuna Independente”, gerada ao vivo do Rio de Janeiro, a *Cidade Maravilhosa*, coloca como tema de hoje “Casamento, união e vida”. Inspirada na beleza natural carioca, a Rede Vida quer prestar um serviço de esclarecimento, formação para jovens, noivos, casados e até mesmo para sacerdotes e pastorais para o entendimento sobre regras, código canônico e tribunais eclesiásticos. O cônego Abílio Soares Vasconcelos é o convidado de hoje. Começa agora, ao vivo, para todo o Brasil, a “Tribuna Independente”, com apresentação de Luiz Antonio Monteiro (trecho do texto de abertura do programa de quarta-feira).

O recurso das enquetes, exibidas em *videotape* (VT), foi a saída encontrada pelo produtor para substituir as perguntas feitas por telefone ou por *fax*. A central, para o recebimento das ligações, está em São José do Rio Preto. Por isso, dificulta que a participação dos telespectadores chegue com rapidez aos estúdios auxiliares. A demora levou Luiz Antonio Monteiro a inserir no programa a enquete. A estrutura dos estúdios auxiliares viabiliza tal trabalho.

O programa de entrevista abriga, portanto, outros formatos jornalísticos, como a enquete, introduzida por uma nota coberta, produzida pelo repórter. Há uma mudança de cenário – do estúdio para as ruas. O programa sai da monotonia das imagens e das vozes do entrevistador, entrevistado e convidados, sentados, e passa a exibir o movimento do povo, nas ruas. Além de estar nas imagens, o movimento dá-se nas falas das pessoas, editadas, obviamente. Além do repórter, quatro pessoas falam num curto espaço de tempo, dinamizando o programa, como podemos observar na transcrição:

Apresentador (A): Vamos ver o que povo está falando agora...

Nota coberta – repórter (R) – Invoca de Deus o nome. Com respeito. E nunca em vão. Lembra-se que Deus é bom. Pai de toda a Criação. Qual é o número ideal de filhos que um casal deve ter?

Resposta povo (RP) – Na atual situação, dois filhos está muito bom.

R – Por quê?

RP – A situação financeira está tão complicada para todo mundo. Acho que é uma coisa global. Então, eu acho que tem que dar qualidade. Ter filho é muito fácil. Agora, dar uma boa educação, uma boa qualidade de vida tem custo. Dois filhos está de bom tamanho.

RP – Dois. Porque a atual situação não permite mais que isso não. Eu acho que, para um casal, é mais do que suficiente.

RP – É nulo um casamento sendo com um ateu?

Resposta entrevistado (RE) – O casamento é uma instituição natural. Os dois ateus, que nem acreditam em Deus, não são obrigados à forma canônica. Ela é uma obrigação só para nós, católicos, que temos o Código de Direito Canônico como nossa lei. Se dois índios resolvem casar com suas leis, Deus pode estar abençoando. É para a vida inteira.

A – Mas, e se o ateu se separou da mulher e resolve casar com uma católica? E aí?

RE – Para que o católico case com esse, é preciso, primeiro, que passe pelo Tribunal Eclesiástico para verificar se esse casamento entre os dois ateus não era um casamento indissolúvel. Não era abençoado por Deus (programa de quarta-feira).

A variação de formatos num mesmo programa atende a critérios de *qualidade*, relativos ao meio televisivo, bem como de *equilíbrio*. A enquete, ao mudar o cenário, por exemplo, ajuda a dar *ritmo* ao programa, outro critério jornalístico. A interferência do entrevistador é fundamental para que o programa flua com naturalidade. Ele é responsável pelo elo entre o conteúdo da enquete e a seqüência do programa. A fala inicial “Vamos ver o que povo está falando agora” introduz o telespectador no roteiro do “Tribuna”, ajudando-o a acompanhar melhor a sua estrutura. A pergunta “Mas, e se o ateu se separou da mulher e resolve casar com uma católica? E aí?” é espontânea, e é tecida pelo entrevistador dando continuidade à dúvida levantada pelo povo, na enquete.

Entretanto, a fluência do programa, dada pelo esforço do apresentador, não é constante. O texto que introduz a enquete – “Invoca de Deus o nome. Com respeito. E

nunca em vão. Lembre-se que Deus é bom. Pai de toda a Criação” – não tem relação imediata com a pergunta – “Qual é o número ideal de filhos que um casal deve ter?”. Assim como não o tem a pergunta feita pelo telespectador ao entrevistado: “É nulo um casamento sendo com um ateu?”. O conteúdo inicial é essencialmente religioso e lembra, no programa, que se trata de uma emissora com vínculos católicos. A pergunta feita pelo repórter encerra o assunto, e abre para um tema de interesse público, necessário devido ao contexto de participação popular. Remete a um ponto polêmico entre os católicos – o controle da natalidade no casamento. As respostas da enquete não são comentadas, imediatamente, porque a mesma encerra, mudando de assunto, novamente.

Entretanto, *o número ideal de filhos* volta à pauta, em seguida, na pergunta feita pelo entrevistador: “Parece que o povo está dizendo o seguinte: um é pouco. Dois é bom. Três é demais. Mas, o que diz a Igreja com relação ao controle da natalidade?”. A resposta do entrevistado não aprofunda a polêmica existente em torno do assunto, desviando o enfoque do controle da natalidade para a educação dos filhos:

Entrevistado – O Código diz que uma das finalidades do casamento era a procriação e a educação dos filhos. Não se fala só em filhos. Fala-se em educar os filhos. Então, os pais têm a obrigação de identificar quantos filhos têm possibilidade de educar. Não é de gerar. É de educar. Eles devem se limitar as suas possibilidades financeiras. Quanto ao planejamento, é outro problema. Mas, o número de filhos é problema dos pais. Quantos eles podem educar.

O entrevistador não parece fazer questão de insistir no assunto e dá-se por satisfeito, passando para outro assunto – “O senhor está realizando, aqui no Rio de Janeiro, o 19º Encontro de Canonistas. O que vocês estão debatendo? Qual é a temática principal?”. Como editor/apresentador, ao mesmo tempo em que interliga os diferentes momentos do programa, é responsável pela edição cuidadosa, a tal ponto que evita a discussão em torno

de temas “perigosos”, sem deixar de expô-los, como a questão do controle da natalidade, assim como encontra espaços para a manifestação do discurso puramente religioso. A edição, como está aqui estruturada, mostra pontos em que foram priorizados os interesses da emissora à fluência lógica dos assuntos mencionados no decorrer do programa.

A edição das enquetes é fundamental. Certamente, em função do risco que significa para a emissora abrir para a participação do povo, é que a enquete não é ao vivo. O material passa por edição, evitando situações em que aspectos doutrinários católicos poderiam ser postos em questão ou discutidos. Nas enquetes, a edição é anterior ao programa.

Mesmo submetidas à edição, as enquetes são espaços de participação do receptor nos programas. Ainda que muito precariamente, viabilizam a interação. Essa característica do “Tribuna Independente” aponta para a abertura da comunicação, mesmo que, nesses casos, esteja condicionada aos temas escolhidos pelos produtores e à edição. Revela, ainda, a presença, no programa, de outro gênero televisivo, o *interativo*¹⁰⁰. Se tomarmos a entrevista como *diálogo possível*, o programa aproxima-se, em termos, do gênero *interativo*: em ambos há a relação de troca, com o outro. O programa de entrevista torna-se um espaço potencial para o diálogo.

A edição de terças e quartas-feiras leva em conta, de modo mais explícito, os critérios jornalísticos relativos à *qualidade* do produto. O uso de informações curtas, exibidas em caracteres, abaixo do vídeo, das aberturas e encerramentos dos blocos; e do quadro *momento de reflexão*, assim como a enquete, dão *equilíbrio* e *ritmo* ao “Tribuna

¹⁰⁰ Conforme a classificação de gêneros televisivos, proposta por José Carlos Arochi de Souza (2004).

Independente”. Agregam à entrevista, sustentada, essencialmente, na palavra, a dinamicidade necessária à televisão, ligando imagem e palavra de modo coerente ao meio.

No programa de terça-feira, foram exibidas 12 frases informativas: três no primeiro bloco; três no segundo; uma no terceiro; e cinco no quarto. Quarta-feira, o “Tribuna Independente” veiculou dez frases, sendo três no primeiro bloco; três no segundo; duas no terceiro; e duas no quarto.. Não há padrão quanto à quantidade de frases nem quanto aos temas. A edição das frases é feita pelo produtor/apresentador, responsável, também, pelas frases que compõem o encerramento dos blocos e pelo *momento de reflexão*.

Quadro 13: Frases geradas em caracteres

PROGRAMAS	FRASES
– Municípios e democracia – terça-feira	<p>PRIMEIRO BLOCO:</p> <ul style="list-style-type: none"> – Dom Paulo Conto, bispo de Criciúma, completa 36 anos de ordenação sacerdotal – Dom Gentil Delazari, bispo de Sinop – MT, comemora 36 anos de ordenação sacerdotal – O presidente da Rede Vida, Monteiro Neto, foi recebido em Alagoas pelo padre Odilon e seu irmão João Amador dos Santos <p>SEGUNDO BLOCO:</p> <ul style="list-style-type: none"> – Neste dia 14 de julho, Dom Jacinto Bergmann, novo bispo de Tubarão – SC, completa dois anos de ordenação episcopal – A agricultura familiar é responsável por 40% da produção agropecuária brasileira e 70% dos empregos do campo, segundo a CNM – Primeiro Encontro Nacional de Agricultura Familiar acontece até sexta-feira, no Parque da Cidade, em Brasília

Quadro 13: Continuação

PROGRAMAS	FRASES
	<p>TERCEIRO BLOCO:</p> <ul style="list-style-type: none"> – O PPA teve como relator o senador petista Siba Machado, do Acre <hr/> <p>QUARTO BLOCO:</p> <ul style="list-style-type: none"> – Dom José Carlos Melo completou dia 3 de julho dois anos como arcebispo de Maceió. A nomeação para o episcopado aconteceu dia 10 de julho, portanto, há 10 anos – O padre Odilon, pároco da catedral de Palmeira dos Índios, em Alagoas, esteve reunido com os diretores do INBRAC – Em São José Sebastião, Alagoas, o padre Murilo é o atual correspondente do “JCTV” da Rede Vida e responsável pela Pastoral da Comunicação diocesana – A Arquidiocese de Maceió tem contado com os padres Pedro e Celso para os contatos com a Rede Vida – o canal da família – Dia 30 de julho, Dom Valério Breda completa 7 anos de sua nomeação como bispo de Penedo, Alagoas
Casamento, união e vida – quarta-feira	<p>PRIMEIRO BLOCO:</p> <ul style="list-style-type: none"> – O ministro das Cidades promove no RJ o Seminário Regional de Divulgação do Programa Brasileiro de Acessibilidade Urbana – Brasil acessível – Cardeal Dom Eusébio Scheid preside, neste sábado, dia 13, a missa de ordenação sacerdotal do diácono Fernando Barbosa – A missa de ordenação sacerdotal do diácono Fernando Barbosa está marcada para sábado, às 9 horas, na paróquia São Mateus, Osvaldo Cruz <hr/> <p>SEGUNDO BLOCO:</p> <ul style="list-style-type: none"> – A ordenação do Monsenhor Paulo Francisco Machado está marcada para o dia 25 de julho, às 15h, em Juiz de Fora – MG – O cardeal Dom Ensébio Scheid confirmou presença dia 25 de julho em Juiz de Fora para ordenação episcopal de Dom Paulo Francisco Machado – Marcada para dia 31, sábado, às 19h, a missa de consagração da Igreja de São Marcos, Barra da Tijuca, no Rio de Janeiro

Quadro 13: Continuação

PROGRAMAS	FRASES
	<p>TERCEIRO BLOCO:</p> <ul style="list-style-type: none"> – Dom José Alberto Moura, bispo mineiro de Uberlândia, comemora hoje 14 anos de ordenação episcopal – Neste dia 14 de julho, Dom Jacinto Bergmann, novo bispo de Tubarão – SC, completa dois anos de ordenação sacerdotal <hr/> <p>QUARTO BLOCO:</p> <ul style="list-style-type: none"> – Monsenhor Paulo Francisco Machado, novo bispo auxiliar de Juiz de Fora, tem ordenação episcopal marcada para o dia 25 de julho – Dia 30 de julho, Dom Valério Breas completa 7 anos de nomeação como bispo de Penedo, em Alagoas

As frases de fechamento dos blocos, exibidas em caracteres, junto a imagens de Brasília ou do Rio de Janeiro, e de uma trilha sonora *back ground (bg)*¹⁰¹, dão um tom reflexivo. Em alguns casos são, até mesmo, provocativas. Mas, não há, no programa, espaço para comentários ou discussão das mesmas. Elas, expostas no final dos blocos, seguidas pelos comerciais, apenas incitam a reflexão, que não se concretiza, explicitamente.

¹⁰¹ Trilha sonora que aparece como um *pano de fundo* das imagens.

Quadro 14: Transcrição das frases dos encerramentos de blocos

PROGRAMA	TRANSCRIÇÃO DAS FRASES
Municípios e democracia	<p><u>Primeiro bloco:</u> Com alguns deputados, só conversando na sauna, e pelado (Sérgio Motta, ex-ministro das Comunicações)</p> <p><u>Segundo bloco:</u> Candidato é como animal no cio. Deve falar pouco e agir muito (Roberto Campos, ex-ministro da Fazenda)</p> <p><u>Terceiro bloco:</u> No Brasil, a dívida externa é que governa. Quer dizer, é o rabo que abana o cachorro (Pedro Malan, ex-ministro da Fazenda)</p>
Casamento, união e vida	<p><u>Primeiro bloco:</u> Os namorados nada sabem do casamento e os casados esquecem o namoro (Carlos Drummond de Andrade, em “O Averso das Coisas”)</p> <p><u>Segundo bloco:</u> Está provado, porém, que a violência só gera mais violência (Gilberto Dimenstein, em “O Cidadão de Papel”)</p> <p><u>Terceiro bloco:</u> Os corpos se entendem, mas as almas não (Manuel Bandeira, em “Arte de Amar”)</p>
O papel da mulher no mundo de hoje	<p><u>Encerramento do quarto bloco:</u> Grande e internacional é a mulher do 8 de março. Poética e carinhosamente ovacionada a do segundo domingo de maio. Duro mesmo é brilharem as duas em uma só estrela no miúdo dia-a-dia (Sueli Caramelo Uriano, entrevistada)</p>

O *momento de reflexão* (presente na edição de terça-feira), um *video tape* composto por imagens e frases sobre o tema da entrevista, as quais são, posteriormente, comentadas em estúdio, pelos participantes, é exibido durante os blocos do programa. Nem por isso, o entrevistado teceu comentários que refletissem as frases.

No segundo bloco, do programa de terça-feira, o *momento de reflexão* exibe a frase: “Cidades com ambientes formados por comunidades. Uma cidade não muda os ventos do norte. Uma cidade ajusta os seus moinhos. Uma cidade não abandona seus sonhos. Rede Vida – o canal da família”. O apresentador tenta dar seqüência: “Prefeito, independente do vento, um bom prefeito tem que saber velejar?” Mas, o entrevistado não demonstra interesse e se limita a dizer: “Tem que saber”. Emenda, em seguida, outro

assunto, o mesmo referido, anteriormente, na enquete – “como escolher bem um candidato a prefeito?”.

As respostas dadas pelo povo, na enquete, tocam num ponto nevrálgico da política brasileira – a corrupção e a índole dos políticos:

Eu não tenho opinião, porque nenhum deles, pra mim, é digno de confiança. Eu votei e quebrei minha cara. Então, eu não voto mais em ninguém.

Primeiro, pegar a ficha corrida dele. O histórico da vida social dele. Ver se ele tem algum delito grave. Se tiver, ele não deveria nem ser candidato. Alguém que tem problema com a justiça, queixa, crime, qualquer problema com a justiça, na polícia, esse já não deveria ser candidato. É um horror desse país, a Justiça Eleitoral permitir que bandido seja inscrito para qualquer cargo eletivo.

Responder aos comentários do povo, naquele momento, era mais importante para um político – o prefeito, do que traduzir para a prática administrativa das prefeituras a metáfora proposta pelo momento de reflexão. Tanto o é que o entrevistado ignora o conteúdo do *momento de reflexão*, e retorna à enquete. As respostas da enquete aguçam, no entrevistado, a necessidade de defesa.

O segundo *momento de reflexão*, apresentado no terceiro bloco, introduz no programa conceitos que remetem ao perfil da emissora: “Todas as cidades têm suas adversidades. As boas cidades entendem a solidariedade. Felicidade é morar numa cidade feliz. Felicidade é morar numa terra de paz. Felicidade é cultivar a fraternidade. Rede Vida – o canal da família”. Expressões como *solidariedade*, *paz* e *fraternidade* referem valores cristãos. Vão ao encontro, inclusive, do espírito proposto pelo entrevistador – Paz e Bem. Servem, no contexto em que são veiculados, como uma pausa à discussão sobre a política brasileira, desencadeada no programa. Quebram, inclusive, a seqüência dos assuntos. Anteriormente, o entrevistado falava em distribuição de impostos entre União, Estado e

Município. Em seguida, o *momento de reflexão* é deixado de lado, e segue-se falando sobre a redução do número de cadeiras nos Legislativos Municipais.

Este quadro não é exibido nos demais programas. Na quarta-feira, há a inserção de um *boletim*, no qual o repórter faz uma pergunta ao entrevistado: “Com a instauração da lei do divórcio aqui no Brasil, no final dos anos 70, essa lei foi benéfica ou não?”. O entrevistado responde, expondo, nas entrelinhas, uma crítica ao divórcio:

Eu julgo que muita gente poderia manter os seus casamentos e, devido ao divórcio, qualquer problemzinho leva à separação. Então, embora a gente aproveite o divórcio para resolver problemas de pensão para a mulher e os filhos, não significa que todo divórcio corresponda a uma nulidade dos casamentos no Tribunal Eclesiástico. Mas, toda nulidade de casamento do Tribunal Eclesiástico corresponde a um divórcio. E a gente, ao declarar a nulidade, fica tranquilo quanto ao problema de pensão, porque já foi solucionado.

Instaura-se um momento de polêmica – o divórcio, atitude civil não aceita pela Igreja Católica. Mas a mesma não é alimentada pelo entrevistador que, na seqüência, muda de assunto: “Se um pai obriga a filha a casar, por uma razão qualquer, com determinado rapaz, isso tornaria o casamento nulo?”. Como condutor da entrevista, o apresentador consegue amenizar ocasiões que poderiam dar ao programa um caráter mais polêmico, redirecionando-o ao perfil projetado pelos seus idealizadores: o “Tribuna Independente” é um programa de formação e orientação educativa e para a cidadania. Não é lugar de polêmica. Ao colocar um ponto final no assunto, o apresentador reforça sua filosofia de trabalho – Paz e Bem.

O tom dado às entrevistas, conforme observamos, é informativo e esclarecedor. Paz e bem é mais que uma expressão: é o *espírito* assumido na edição. Há poucos momentos de polêmica ou discussão, que, quando emergem, são contornados pelo

apresentador. A característica permanece nas quatro edições. O programa é um produto construído a partir de interações entre jornalistas e fontes, e entre jornalistas e os princípios que orientam a emissora. Luiz Antonio Monteiro diz que, ao apresentá-lo, age de modo a fazer com que o entrevistado se sinta bem. “Nunca recebi nenhuma orientação para levantar polêmica ou para obrigar o entrevistado a falar o que ele não quer, para ter mais audiência”, afirma.

As orientações, fundamentais à edição do programa, são dadas, de acordo com Luiz Antonio Monteiro, pelo seu pai, o presidente da emissora. A linha editorial do programa se confirma na fala de Barros Filho, o presidente:

A Rede Vida quer ser de informação e de formação. De formação você somente consegue fazê-la abrindo espaço para que as pessoas responsáveis possam ajudar a formar uma nova cultura nacional. É muito importante você ter essa linha da informação com formação; porque muita gente tem a linha da informação com sensacionalismo; informação com vale-tudo. E nós não, nós temos informação com formação. [...] Em vez de convidá-la para chegar aqui e falar sobre o aborto, você expõe teu negócio, e leva o pessoal para quebrar o pau. Aquele negócio que o pessoal quer no sensacionalismo. A Tribuna não tem essa linha. Ela tem um coordenador, que abre espaço para a pessoa falar sobre um tema¹⁰².

Se não há a intenção de polemizar, há o desejo de manter a audiência. Os momentos, nos programas de Brasília e do Rio de Janeiro, em que notamos estratégia para manter a audiência, são os inícios e finais dos blocos. O início dos blocos é marcado pela reapresentação do tema em discussão, do entrevistado, dos convidados e do local de produção do programa. No final dos blocos, a estratégia adotada é lançar uma pergunta que, em geral, desperta a curiosidade, respondida apenas no bloco seguinte:

Presidente, eu gostaria de entender como resolver, porque muitos municípios brasileiros não têm hospitais, e muitos que têm, as santas casas estão

¹⁰² BARROS FILHO, João Monteiro de. Entrevista concedida à autora em 16 de julho de 2004, Barretos.

em crise, à beira da falência. Como se resolve isso? Depois do intervalo. Nós já voltamos (edição de terça-feira).

Agora, presidente, para fazer uma provocação, o fato de Lula não ter sido prefeito, vereador, e ter ido direto para a presidência, está comprometendo o esquema gerencial do país? Depois do intervalo, no Tribuna Independente, ao vivo, na Rede Vida – o canal da família (edição de terça-feira).

O apresentador do programa das terças e quartas-feiras admite a estratégia, também usada nas demais edições. Em entrevista, afirma que procura, nas viradas de bloco, deixar algo em suspense para que o telespectador permaneça. Mas, segundo ele, a intenção é manter a qualidade do programa, não a audiência e os anunciantes. É necessário considerar, entretanto, que a preocupação em fazer um programa de qualidade não elimina, necessariamente, o desígnio da audiência.

Tanto esta estratégia, quanto o uso de outros formatos televisivos, como a enquete e o boletim, ou ainda, a exibição das frases geradas em caracteres, visam garantir a construção de um programa, jornalisticamente, de *qualidade*. Para além do conteúdo, as edições de terças e quartas-feiras preocupam-se com a forma. Em comum com as outras edições, têm a entrevista, como essência, e o conteúdo voltado à informação e ao esclarecimento.

– O telespectador pergunta

Diferentemente dos programas apresentados por Luiz Antonio Monteiro, as edições dos “Tribuna Independente” de quintas e sextas-feiras comportam, apenas, além da entrevista em estúdio, ao vivo, a participação dos telespectadores com perguntas e comentários enviados por telefone ou *fax*. As perguntas são recebidas pelas telefonistas,

anotadas e entregues ao apresentador. Monteiro Neto, produtor do “Tribuna” de São Paulo, prefere a demora no recebimento das participações a substituí-las por enquetes¹⁰³. Segundo o presidente da emissora, “o Neto achou que do jeito como o Luiz Antonio (refere-se às enquetes) está fazendo, nós estamos dificultando um pouco o Brasil todo de formular perguntas”. O comentário demonstra, mais uma vez, que a edição do “Tribuna Independente” está condicionada, em grande parte, às decisões subjetivas dos editores. Há, como já mencionamos nas análises do “JCTV”, *autonomia relativa* de quem produz (jornalistas).

No caso das perguntas enviadas por telefone ou *fax*, que chegam ao programa durante a sua exibição, a edição é concomitante. Cabe ao apresentador selecionar aquelas que julgar conveniente serem lidas e referidas. Nenhuma pergunta enviada por telespectador, lida pelo apresentador, contradiz o entrevistado, polemiza ou remete a assunto frágil na doutrina católica¹⁰⁴.

As perguntas dos telespectadores variam entre esclarecimentos, dúvidas baseadas em casos particulares, opiniões pessoais e elogios ao entrevistado e ao programa. Na quinta-feira, por exemplo, o tema “Defender o consumidor é uma questão de cidadania”, enfocando a questão dos planos de saúde, propiciou que os receptores expusessem seus casos e solicitassem esclarecimentos:

Apresentador – A Maria José Luizi, de Campinas, está dizendo que é usuária de um plano de saúde, recebeu um boleto com 30% de reajuste e a observação: “aplicado em conformidade com a liminar do STF, Adin, 1971/8”. Gostaria de saber se isso está correto?

¹⁰³ A central de atendimento recebe perguntas e comentários por telefone ou *fax*. Após, envia-a, por *fax*, para o estúdio da emissora, em São Paulo. Só depois é que as perguntas ou comentários são repassados ao apresentador, em estúdio.

¹⁰⁴ A escolha das perguntas deve ser entendida como um processo de edição, voltado para a linha editorial do programa, não podendo ser confundido com atos de censura.

A resposta à telespectadora segue a linha editorial do programa – informativo/esclarecedor:

Entrevistado – Praticamente, todas as cartas que a gente viu até agora de reajustes – acho até que todas – fazem menção a essa decisão do Supremo. O que diz essa decisão: “as garantias da Lei 9656 não se aplicam a contratos anteriores à mesma”. Ou seja, até dezembro de 1998. Uma dessas garantias qual era? Os reajustes estavam sujeitos à autorização prévia da Agência Nacional de Saúde. Em não estando mais, vale o que está no contrato. Mais uma vez: enquanto não for ilegal! A discussão é essa: está em, praticamente, todos os contratos, uma cláusula de reajuste com índices, verdadeiramente, inatingíveis pelo consumidor...

O programa de quinta-feira, devido à temática abordada e ao modo como foi conduzido, mantém, do início ao fim, o tom informativo/esclarecedor, expondo aspectos legais ao telespectador, tratado, em muitos momentos, como consumidor. Há, inclusive, situações em que as perguntas dos telespectadores são respondidas pelos convidados, a partir da solicitação do entrevistado, com o objetivo de garantir o esclarecimento:

Apresentador – Tem mais uma pergunta, aqui, de uma telespectadora de Santos. “O plano de saúde da Unimed, no ano passado, teve um reajuste de 50%. Tenho 61 anos, sou aposentada pela Petrobrás, e é descontado 130 reais do meu pagamento. Gostaria de saber se vou ser atingida por esse aumento atual?”

Entrevistado – Nesse caso, nós temos mais uma peculiaridade do setor. Nós estamos falando de planos coletivos. Eu vou aproveitar a pergunta para encaminhar e trazer colaboradores da mesa. E, na volta, a gente discute por que os coletivos são um problema tão importante para nós. Eles têm regras próprias, diferentes das do plano individual. Crescem vertiginosamente. Cada vez mais, só há planos coletivos. Dentre outras, essa autorização de reajuste não tem a mesma regra que os individuais.

Convidada – Essa questão dos planos coletivos merece uma análise porque se tem um regramento diferente. Há uma vulnerabilidade muito maior para o consumidor. Por quê? O reajuste para os planos coletivos obedece a critérios de sinistralidade... Hoje, o consumidor pensa que, com o plano coletivo, está mais seguro. Será que está mesmo, André?

A presença de convidados especializados no assunto contribui com a qualidade do programa e, neste caso, reforça a sua utilidade ao telespectador. Situações deste gênero apontam para a importância que têm, num programa de entrevista, as pessoas que o

integram. Entrevistado e convidados interagem de modo a garantir um bom conteúdo ao programa, contribuindo para que o “Tribuna Independente” tenha importância na grade de programação, e seja um ponto forte no jornalismo da Rede Vida.

Além de exporem dúvidas e solicitarem esclarecimentos, os telespectadores enviam perguntas com opiniões pessoais sobre o tema em pauta, como ocorreu na edição daquela sexta-feira:

Apresentador – Por falar em mídia, em recato, tem uma pergunta do Rômulo, de Ipanema, em Minas Gerais, que se questiona se as mulheres, hoje, não estão sendo desmoralizadas pelas revistas pornográficas. “As mulheres deveriam se preservar mais”? Qual a sua opinião?

Entrevistada – Não é nem questão de opinião. Vou dar uma explicação sobre uma questão da natureza. Nós temos um sentimento que se chama pudor. Na questão da mulher, como seu corpo exerce um apelo mais forte, a falta de pudor fica mais gritante. O Rômulo fala em desmoralização. Para que serve o pudor? Para que as pessoas se mostrem na sua integridade. Ele leva as pessoas a se recatarem. A não exporem, principalmente, aquelas partes que sugerem um apelo sexual.

Na sua participação, o telespectador expõe seus valores e princípios morais. A “explicação” dada pela entrevistada legitima a preocupação apresentada pelo receptor, reforçando os valores por ele explicitados. Há sintonia entre a opinião do receptor e o entendimento sobre o papel da mulher na sociedade, apresentado pelo “Tribuna Independente”. Por um lado, isso mostra a importância da seleção das perguntas lidas no programa. Por outro, revela um telespectador que se identifica com o conteúdo ali exposto. A reciprocidade entre emissor e receptor pode ser percebida em outros momentos. Mais adiante, no programa, quando o enfoque é a conciliação entre o trabalho e a família, outras telespectadoras insistem no tema. Numa primeira pergunta, duas mulheres dizem: “Toda a nossa família gostaria que você fizesse um comentário sobre a valorização do trabalho feminino em detrimento da relação familiar”. Em seguida, uma terceira receptora pergunta:

Será que na sua busca tão ávida por espaço, a mulher não perdeu seu espaço interior e até mesmo o espaço do lar? Ela diz aqui: “eu mesma, às vezes, me sinto um pouco presa. Tenho vontade de ficar mais tempo em casa, ser mais ‘Amélia’. E não posso”. Ainda complementa que não correu atrás desse espaço. Somos, de certa forma, conduzidas a essa situação.

Nas perguntas, as telespectadoras expressam suas preocupações pessoais, as quais o programa está pautando. Outro tipo de participação caracteriza-se pelos elogios ao programa. A apresentadora aproveita a contribuição para encerrá-lo, respaldando a importância do conteúdo veiculado:

Apresentadora – Professora Sueli, infelizmente o nosso tempo está esgotado, mas, eu queria encerrar deixando um parabéns para a senhora. E para a Rede Vida, por ter convidado a senhora para falar, com tanta propriedade, sobre o papel da mulher na sociedade. “Parabenizo a professora Sueli pela sua maneira bonita de dizer e ser, defendendo, sem dúvida, a sociedade que Jesus sonhava quando esteve conosco pelas ruas da Galiléia”. Maria Cristina Castilho de Andrade, de Jundiá.

– Estrutura – muitos perguntam, um só responde

Todas as edições guardam a mesma estrutura básica: perguntas e respostas. As perguntas são feitas pelo apresentador, pelos convidados, pelas pessoas que participam da enquete e pelos telespectadores. O apresentador, além de fazer algumas perguntas, organiza o programa. É ele quem dá a seqüência. Apresenta o tema, o entrevistado, os convidados, convida-os a falarem, comenta e chama as enquetes ou lê as perguntas dos telespectadores. O início dos blocos é marcado pela retomada do tema e pela reapresentação dos presentes no programa: a estratégia situa o telespectador.

O primeiro bloco dos programas de terças e quartas-feiras inicia com a apresentação do tema, do entrevistado e dos convidados, e segue com a primeira pergunta

feita pelo apresentador. Já nas quintas e sextas-feiras, antes das perguntas, os entrevistados têm espaço para fazer considerações iniciais, nas quais tecem elogios à emissora e ao programa, apresentam rapidamente o tema e justificam-no:

Entrevistado – É um prazer muito grande, uma satisfação muito grande conseguir um espaço para falar, principalmente, sobre planos de saúde. Seguramente, o assunto mais palpitante dentro do campo de Defesa do Consumidor. Tendo em vista a imensidão de pessoas sujeitas a esse reajuste e a essa angústia, nesse momento complicado que vive esse segmento hoje. Nós estamos falando de saúde, seguramente, o maior dos bens que o consumidor tem para preservar. E cada oportunidade dessas para nós, é motivo de grande satisfação (quinta-feira).

Entrevistado – Em primeiro lugar, eu queria agradecer, sinceramente, por essa oportunidade, que a Rede Vida proporciona, de nósirmos falar aqui de um tema relacionado à família, que é um assunto de nossa preocupação. O alcance da Rede Vida deixa até um pouco desconcertada quem não tem experiência de televisão... (sexta-feira).

No último bloco, os entrevistados fazem as considerações finais, de modo a concluir o tema e pontuar os principais tópicos discutidos durante o programa. Neste espaço, os entrevistados parecem traçar a “moral da história” sobre o tema em pauta:

Entrevistado – Agradecendo mais uma oportunidade de estar conversando com você, consumidor; e, muito mais do que isso, cidadão. Consumidor é só um pedacinho do que você é. A Defesa do Consumidor é técnica, usa códigos, leis. Mas, antes de mais nada, para quem trabalha com ela, é apaixonante. A gente trabalha com ser humano (quinta-feira).

Entrevistado – Eu, realmente, nem pensei em como poderia concluir porque não sabia por que rumo a conversa iria. Penso que faço um reforço no sentido de que a mulher se imponha como mulher. Não pretenda jamais o feminismo, ser, no fundo, o machismo. Ou uma perda dessas propriedades significativas da mulher, que vêm sempre colaborar para uma sociedade mais humana. A mulher tem que humanizar. Ela é chamada a humanizar a sociedade (sexta-feira).

Ao longo dos programas, o apresentador dá as coordenadas gerais, orientado à participação dos convidados. Mas é ele quem mais pergunta. Terça-feira, o apresentador fez 11 perguntas e dois comentários, enquanto que cada convidado fez seis perguntas. Na quarta-feira, perguntou 25 vezes e fez um comentário. Cada convidado interferiu sete

vezes. Monteiro Neto, no programa de quinta-feira, fez 17 perguntas e oito comentários. Um dos convidados contribuiu com perguntas seis vezes, e outro, cinco. Já Andréa Bonatelli, na sexta-feira, interveio quatro vezes. Cada convidada fez quatro perguntas. Este último programa foi construído, em grande parte, a partir das perguntas dos telespectadores, num total de seis.

Em alguns momentos dos programas, devido ao envolvimento intenso do apresentador, ele parece conversar com o entrevistado:

Apresentador (A) – E aquela história de que a empresa oferecia 0800 e, agora, oferece 0300. Ou seja: da sua reclamação ser um ponto de faturamento da empresa? Algum dia, a sociedade vai se ver livre dessa situação?

Entrevistado (E) – O 0800 foi um avanço claro de mercado.

A – E 0300 um contra-avanço.

E – Na mesma proporção. E, agora, não é só 0300. Estão criando o prefixo 0400. Que é tarifado também. Eu adquiri um produto ou contratei um serviço. Tive problemas. Eu tenho que pagar para ter contato com a empresa. O Código não tem nenhum artigo impresso que diga que o fornecedor não pode cobrar chamada telefônica. Agora, em havendo problema, deve haver um canal de atendimento que eu não precise pagar.

A – O senhor considera que o PROCON, ou a própria sociedade tem conseguido avanços em favor do consumidor e da própria estabilidade da atividade econômica, que é uma dificuldade de grande vulto no país? Você tem notícia boa?

E – Acho que sim.

A – Opa! Maravilha! (quinta-feira)

Ou ainda, é possível identificarmos certa interação entre os participantes do programa, gerada a partir de uma pergunta elaborada pelo apresentador, como notamos no trecho a seguir:

A – Nós tivemos, em 2002, 71 processos. Em 2003, dobrou. Há tendência nesse aumento, ou os tribunais já estão em queda total?

E – A tendência é, sem dúvida, o tribunal receber muitos e muitos processos. Porque o pessoal vai verificar – no meu livro “Por que casou? Casou por quê?” – e vai ver: “meu caso é semelhante a este”. Nesse livro, quase todos os

casos foram anulados. Um ou outro que não, porque o advogado não soube trabalhar. E veja uma coisa: não aparece, nos números, o problema da impotência. Já foi muito comum, aqui, no Rio de Janeiro, declaração de nulidade por impotência. Ou do homem. Ou da mulher. O Doutor Sérgio (refere-se a um dos convidados) tem uma história bonita, que aconteceu na Itália em 2004.

Convidado – É verdade. Por incrível que pareça, os machistas italianos são recordistas de processos de anulação por impotência masculina. São 204. Na Europa toda são 244. No Brasil, três ou quatro (quarta-feira).

Os diálogos, ao nosso entender, dão vivacidade às entrevistas. São, na verdade, sua essência e seu objetivo principal. O fato de o entrevistado conhecer o tema da entrevista facilita que esses momentos ocorram, concretizando-se como espaços de troca de informações entre os participantes. Quando os convidados têm domínio sobre o assunto do programa também contribuem para que a entrevista flua com naturalidade. Esses aspectos são fundamentais à qualidade do programa, cuja essência está mais no conteúdo do que na forma.

Nos casos das edições de terças, quartas e quintas-feiras, o diálogo é facilitado, porque os apresentadores são também os editores/produtores. São eles os responsáveis pela escolha dos temas, dos entrevistados e dos convidados. Eles produzem os textos de abertura, escolhem as frases de destaque, orientam para o enfoque das entrevistas. Enquanto apresentam, atuam também como editores. São funções, no jornalismo do “Tribuna Independente”, que se entrelaçam.

O diálogo se torna mais difícil de acontecer na edição de sexta-feira. No período em análise, a produção esteve sob a responsabilidade da ACEA. O apresentador não interfere na produção. Situa-se no tema pouco antes do programa, num encontro com os participantes, para ter condições de conduzi-lo. A diferença em relação às outras edições é notável. Há, no programa, menos envolvimento entre apresentador e convidados. A

autonomia diminui visivelmente, assim como o poder de interferência. Na sexta-feira, a apresentadora Andréia Bonatelli interveio, apenas, 12 vezes, sendo seis delas para ler as perguntas dos telespectadores. Sua participação efetiva na entrevista resumiu-se a três perguntas e a um comentário.

A produção do “Tribuna Independente” está atrelada à ACEA. O programa é construído a partir de critérios das relações entre a emissora e a sociedade, entre eles, a convergência de valores entre a Rede Vida e a Associação; além de aspectos financeiros. O espaço foi vendido à ACEA. Por isso, a entidade tem autonomia para escolher os temas, os entrevistados, os convidados e, inclusive, para delimitar o enfoque e as perguntas.

Uma reunião entre os participantes, pouco antes do início do programa, esclarece e reforça as coordenadas. Acompanhamos a reunião preparatória ao “Tribuna Independente”, realizada no início da noite (19h30), pouco antes do mesmo ser veiculado, em São José do Rio Preto, na sexta-feira. Observamos que os participantes vão ao programa com um roteiro, já com as perguntas formuladas. Possíveis respostas são previstas. A entrevistada do dia solicitou que não fossem feitas perguntas polêmicas, relativas ao homossexualismo, por exemplo. O momento também é aproveitado para conferir dados, nomes e informações para geração de caracteres.

A entrevista é planejada. Há um acordo entre entrevistado, convidados e apresentador. Nas demais edições, produzidas pela Rede Vida, o produtor/apresentador tem autonomia, parcial, mas importante, na concretização do programa. No contexto em que produzem, seguem os princípios da emissora. Na sexta-feira, o apresentador é figurativo. A autonomia é toda do produtor, a ACEA, desvinculada da Rede Vida.

Entrevistados e convidados fazem o programa de acordo com aquilo que interessa à Associação. Mas o programa continua inserido na grade de programação da emissora. Portanto, está a seu serviço. As interações sociais, a partir das quais o programa é construído, são evidentes na relação entre Rede Vida e ACEA.

Pelo fato de o programa ser ao vivo, há uma chance de alteração da rotina prevista pelos participantes: as intervenções dos telespectadores. Contudo, não apenas no programa de sexta-feira, como também nos demais, perguntas e comentários são filtrados pelo apresentador. O limite à interatividade está na própria edição. O diálogo acontece conforme os produtores/apresentadores desejam.

A condição de *ao vivo*, entretanto, é positiva e defendida pelos produtores. “É ao vivo para não ter clima de montagem, para que as respostas não sejam editadas e para que haja lealdade com aquilo que os entrevistados falam”. Ao vivo, o programa tem possibilidade de ser um espaço de diálogo. Os entraves estão nas rotinas produtivas, necessárias à organização do trabalho, e estabelecidas, em muitos pontos, a partir da linha editorial do programa e dos interesses dos produtores, bem como das fontes.

O “Tribuna Independente” tem vinheta própria, que exhibe o nome do programa, o local de produção e o *slogan* “O plenário do povo”. Após a vinheta, as edições têm a abertura, um VT, com imagens e texto que apresentam o entrevistado, o tema e, nos casos de Brasília e do Rio de Janeiro, a cidade onde o programa será apresentado. No final do quarto bloco, cabe ao entrevistado concluir o tema. Na sexta-feira, além da conclusão, é exibida, em caracteres, a *frase do dia* – um trecho da fala da entrevistada durante o programa. Todas as edições contam com o uso de caracteres para identificar os

participantes e o tema, além de divulgar telefones, endereços eletrônicos e páginas na Internet referidas na entrevista ou relacionadas ao tema. A ACEA divulga, em caracteres, seu lema: “ACEA: consolida valores éticos para a dignidade da pessoa e da família”.

No processo de produção do “Tribuna Independente”, os editores/apresentadores, assim como as fontes, assumem, definitivamente, o espírito de Paz e Bem. A expressão, mesmo que usada em apenas dois dos quatro programas analisados, sintetiza o seu perfil. Critérios jornalísticos como *atualidade*, *importância* e *qualidade* influenciam na sua edição. Mas, mais do que isso, os produtores do “Tribuna Independente” consideram a relevância dos temas para a vida das pessoas, tendo em vista a educação, o esclarecimento e a informação.

5.2.2.2 As pautas – temas das entrevistas

As quatro edições do “Tribuna Independente” tratam de temas, a princípio, absolutamente diferentes: “municípios e democracia” – terça-feira; “casamento, união e vida” – quarta-feira, “defender o consumidor é uma questão de cidadania” – quinta-feira; “o papel da mulher no mundo de hoje” – sexta-feira. Optamos, na análise, por agrupar os temas por semelhanças.

Observamos, no conteúdo dos programas, convergências entre os assuntos abordados nas entrevistas de terça e quinta-feira, formando um primeiro grupo de análise, no qual o enfoque são as questões sobre política, consumo e cidadania. O segundo grupo

engloba as entrevistas de quarta e sexta-feira – ambas tratam de assuntos relativos à família e a valores cristãos. Estes são os principais temas apresentados pelo “Tribuna Independente”. Sobre os temas, as entrevistas tanto informam, como orientam sobre valores morais, éticos, religiosos, e sobre comportamentos do homem em sociedade. Nos quatro programas, manifesta-se, em momentos distintos, o conteúdo cristão e/ou católico.

– Política, consumo e cidadania

Os critérios que orientam a escolha dos temas tratados nas edições dos programas estão, assim como ocorre nas outras etapas do processo de produção, relacionados à descentralização da emissora. Na terça-feira, foi abordado o tema “municípios e democracia”, enfocando aspectos relativos às administrações municipais, explicados pelo presidente da Confederação Nacional dos Municípios (CNM). O tema tem relação direta com o local de produção. Brasília envolve aspectos políticos, além de sediar a entidade presidida pelo entrevistado. O produtor Luiz Antonio Monteiro, em entrevista, afirma: “Em Brasília, damos prioridade à política, a questões administrativas, do Poder Legislativo, e ligadas a instituições políticas. Não temos vínculo partidário e procuramos não entrevistar sempre pessoas dos mesmos partidos”.

Monteiro Neto, na quinta-feira, aborda o direito do consumidor, mas deixa claro, desde o início do programa, conduzindo-o para isso, que o enfoque será um tema bastante atual na época: o reajuste dos planos de saúde. As perguntas viabilizam o enfoque. O programa trata de um assunto de interesse público, nacional, explicado por fontes que se encontram no centro do país – São Paulo. A escolha dos temas leva em conta, basicamente,

dois critérios, a *atualidade* e a *importância*, devido a 2004 ter sido um ano eleitoral, à repercussão que o reajuste dos planos de saúde teve e ao número de pessoas envolvidas.

Política, consumo e cidadania são os temas que norteiam essas duas edições. Entretanto, em torno deles, emergem outros incontáveis subtemas, como é possível verificar no quadro a seguir. A variedade de subtemas é, jornalisticamente, válida, por atender aos critérios de *equilíbrio* e de *qualidade*, dando *ritmo* à entrevista.

Quadro 15: Temas das edições de terça e quinta-feira

PROGRAMA E TEMA DA ENTREVISTA	ENFOQUE	SUBTEMA (abordados nas perguntas e nas respostas)	SUBTEMA (abordados nas enquetes e nas perguntas)
Terça-feira – Brasília: Municípios e democracia	Administrações municipais sob a ótica da Confederação Nacional dos Municípios (CNM)	<ul style="list-style-type: none"> – reforma tributária e municípios – críticas à reforma tributária – relação entre reforma tributária e problemas enfrentados pelos municípios – crise econômica nas administrações – responsabilidades dos municípios <i>versus</i> cobranças dos cidadãos – cumprimento das leis – saúde pública nos municípios – tributos <i>versus</i> saúde pública – critérios para ser um bom prefeito – o presidente Lula e o aspecto gerencial do país – transferências voluntárias – previdências municipais – número de cadeiras no Legislativo – salário mínimo e finanças municipais – CNM e orientações aos prefeitos em final de mandato – número de municípios no país – dívidas municipais – Lei de Responsabilidade Fiscal – consórcios entre municípios – o papel do político – compromissos da CNM 	<ul style="list-style-type: none"> – violência no país – corrupção – critérios para escolha de candidato – cargos políticos e vantagens – impostos e municípios

Quadro 15: Continuação

PROGRAMA E TEMA DA ENTREVISTA	ENFOQUE	SUBTEMA (abordados nas perguntas e nas respostas)	SUBTEMA (abordados nas enquetes e nas perguntas)
Quinta-feira, São Paulo: Defesa do Consumidor é uma questão de cidadania	Reajuste dos planos de saúde e direitos do consumidor	<ul style="list-style-type: none"> – causas da atual situação dos planos de saúde – código do consumidor – necessidade dos planos de saúde – contratos dos planos de saúde – benefícios dos novos planos ao consumidor – falhas nas adaptações dos planos de saúde – preços dos planos de saúde – cadastro de empresas reclamadas (PROCON) – demora para atendimento no PROCON – mudança de 0800 para 0300 – aspectos positivos das mudanças 	<ul style="list-style-type: none"> – análise de caso particular – dúvida sobre reajustes – análise de caso particular – planos coletivos

Temas e subtemas convergem num ponto em comum – a ênfase no que julgam atitudes corretas para a vida em sociedade. O “Tribuna Independente” desenvolve, em torno dos subtemas abordados, uma espécie de deontologia¹⁰⁵, tentando mostrar aquilo que é justo, correto, legal. Identificamos alguns momentos para os quais foi direcionada maior atenção. Na terça-feira, um desses momentos desencadeia-se a partir de uma pergunta feita por um participante da enquete: “Meu nome é Pedro, e queria saber o que fazer com os prefeitos corruptos do país?”. O entrevistado defende a aplicação da legislação, atitude coerente com a sua atual função:

Olha, prefeito corrupto, se provada a corrupção, tem que ser cadeia, né. Só que é aquilo que eu falava anteriormente: a lei tem que ser pra todos...

¹⁰⁵ Não pretendemos, de modo algum, afirmar que o “Tribuna Independente” esteja voltado à deontologia, a ciência dos deveres. Usamos a expressão, apenas, para tentar traduzir qual o ângulo dado aos fatos sociais, no programa.

Mais adiante, outra vez a partir do conteúdo da enquete, o tema retorna ao programa. O povo responde à pergunta “Na opinião do senhor (a), como escolher bem um candidato a prefeito?”. Na enquete, os participantes criticam os políticos e se referem à corrupção. O prefeito entrevistado expõe como, do seu ponto de vista, o eleitor deve escolher seus candidatos. Critica o eleitor, de modo a fazê-lo refletir sobre seu papel de cidadão. Por fim, explicita valores que, segundo ele, devem conduzir as ações dos políticos – a “honestidade” e a “capacidade gerencial”, assumindo-se como um deles:

O que eu diria é o seguinte: um dos erros que eu vejo é que ainda se vota de uma maneira equivocada. Ora, se eu vou votar para o legislativo, é um tipo de perfil, conduta que esse político vai ter. Ele é legislador! Outra coisa é quando se está elegendo um prefeito, um governador ou um presidente da República. Esse vai trabalhar com o executivo. Ele vai executar. E o que a gente nota no Brasil: o cidadão não está aferindo corretamente o que ele quer. Quais são os critérios? Ou ele é um grande radialista, ou ele é um bom advogado, ou ele é, até, um grande jogador, ou, às vezes, é filho de um grande industrial, ou é alguém que pretende ser prefeito, mas não tem aquele perfil de um bom gestor. Eu acho o primeiro critério, além da honestidade, é a sua capacidade gerencial....

Na quinta-feira, o “Tribuna Independente” transcorre em torno de dois pontos altos: a defesa do direito do consumidor e a aplicação das leis. Sobre ambos, o entrevistado elabora um discurso amparado em valores construídos a partir do lugar de onde fala. No programa, ele representa o cargo que exerce – diretor de atendimento e orientação ao consumidor do PROCON de São Paulo. Em função disso, se expressa de modo a defender o consumidor, a partir da legislação:

Defender o consumidor, numa sociedade como a nossa, ainda em formação de mercado, defender o consumidor seguramente é um dos fatos mais fundamentais e mais básicos de qualquer trabalho sério e bem feito em defesa da cidadania.

O que se questiona nesse momento, com base no Código, é uma questão que vale, na verdade, para toda a Defesa de Consumidor – não só para área da saúde – a de se fazer valer os contratos. Sem dúvida nenhuma, essa decisão do Supremo sustenta isso. Para esses contratos anteriores, vale aquilo que estiver no contrato. Esse é o argumento das empresas para fazer valer esse reajuste nesse momento. Só que eu preciso completar essa frase: vale aquilo que

estiver no contrato, “enquanto for legal”. Não pode valer no contrato aquilo que for ilegal. Leia-se, que fere o Código de Defesa do Consumidor.

Os reajustes estavam sujeitos à autorização prévia da Agência Nacional de Saúde. Em não estando mais, vale o que está no contrato. Mais uma vez: enquanto não for ilegal! A discussão é essa: está em, praticamente, todos os contratos, uma cláusula de reajuste com índices, verdadeiramente, inatingíveis pelo consumidor. Por exemplo, variação de custo médico hospitalar. Como ela se compõe? Não há um mínimo de clareza para o consumidor. Tem um artigo do Código que, se tivesse que resumir em um só, era ele – o 46 – diz assim: “os contratos das relações de consumo não obrigam o consumidor”. Não obrigam!

O discurso de defesa dos direitos do consumidor, construído pelo entrevistado, é reforçado pelo apresentador do programa, que se manifesta sobre o tema, não só nas perguntas, mas em comentários opinativos:

Eu pergunto a você o seguinte: como contribuinte de impostos, eu também não sou um consumidor dos serviços públicos? Nós não estamos dando para o Brasil uma declaração de que o setor público, na área da saúde, mostra, cada vez mais, que está falido? Se a gente não está respeitando os meus direitos de consumidor do serviço público, que é obrigado a ser fornecido para mim e para toda a sociedade? Isso não demonstra também que o Brasil - que foi induzido a tanta privatização – não está tendo competência, sequer, para gerir e tomar conta? O Poder Público não está dando uma demonstração de incompetência em gerir, para gerar paz para o consumidor?

Depois do programa de hoje, eu fico pensando o seguinte: como nós precisamos valorizar a atividade pública. E exercer, efetivamente, a nossa cidadania. O senhor lembrou, agora a pouco, a falta de acesso à área da saúde. É uma obrigação e um dever do Estado. Como é, também, gerir, orientar e prover; regulamentando a atividade privada. Nós estamos numa situação muito delicada, pois, sequer se gere com competência; sequer, se oferece, com competência, aquilo que é uma obrigação – a saúde – à população. Precisamos mudar essa situação. E isso só ocorre quando há uma consciência sobre o papel de ser cidadão.

O apresentador recupera e reforça o conteúdo da fala do entrevistado. Acrescenta seu ponto de vista sobre o tema, tecendo críticas ao *poder público*, ao *serviço público* e à *política de privatização*. Este último trecho constitui o encerramento do programa, no qual o apresentador assume-se como consumidor, ao falar em primeira pessoa – *nós*, e explicita a defesa empreendida ao longo de toda a entrevista – a garantia dos direitos do consumidor, equiparada à *paz*, um valor humano e cristão. Nesse momento, ele é

apresentador e consumidor, aproximando-se e propondo uma identificação com o telespectador.

Ao defender o consumidor, tanto entrevistado quanto apresentador posicionam-se do lado do *mais fraco*. O consumidor é visto como aquele que sofre, o injustiçado, vítima das administradoras dos planos de saúde. O mesmo ocorre no programa de terça-feira, quando o entrevistado defende o município, concebido, entre as instâncias de poder, como o mais prejudicado. O assunto emerge de uma pergunta feita por um dos convidados:

Presidente, o senhor mesmo falou que a reforma tributária não atende aos anseios dos municípios. Com relação à reforma tributária, seria preciso fazer um pacto federativo, rever o pacto federativo?

Na resposta, o entrevistado elabora críticas à distribuição de impostos, apresentando os municípios como os prejudicados e, ao mesmo tempo, empreendendo a defesa do cidadão, aquele que paga imposto e não é retribuído:

Olha, Humberto, a tua pergunta é muito oportuna e remete a uma questão essencial, porque o cidadão está cansado de pagar impostos. A redefinição do pacto é essencial para nós, municípios. Porque o cidadão nasce e vive no município. Só que o que ninguém diz, e eu tenho dito sistematicamente, e isso é uma verdade e também tem que ser dito, é que a legislação é feita aqui onde nós estamos agora, em Brasília. Longe do cidadão. É por isso que a União, hoje, de cada 100 reais que você paga de impostos, daqueles que eu falei, dos 540 bilhões, 6% fica na mão do presidente Lula; 25% fica nas mãos do governador e só 14% com os prefeitos. Agora eu pergunto: se a prefeitura hoje parar como parou a União, como é que fica o lixo? Como é que fica a iluminação pública? Como é que fica o transporte escolar? Como é que fica a merenda? Como é que fica a creche? Como é que ficam as estradas? Então, essa é a dura verdade que nós estamos vivendo hoje. E o cidadão confunde isso aí. Nós teríamos que separar para saber o que está se pagando e o que cada um está fazendo...

O entrevistado toca em pontos cruciais – a *iluminação*, o *transporte público*, a *merenda*, a *creche*, as *estradas* – àquele a quem ele chama de cidadão, e quem, de certa

forma, defende. Ao referir serviços essenciais ao cidadão, justifica a importância do município, o eixo de sua argumentação, traçado ao longo do programa e delineado como o *lado mais fraco*. Em comum, os dois programas posicionam-se a favor do cidadão – vítima da corrupção, da má distribuição dos impostos, dos reajustes dos planos de saúde, do desrespeito à legislação, dentre outros.

O conteúdo das entrevistas, nas quais interagem apresentador, entrevistado, convidados e telespectador, acaba por traçar a identidade do “Tribuna Independente”. O programa é, nestes casos, um grande defensor dos injustiçados, seja o cidadão eleitor ou consumidor, ou, ainda, o município. Veiculado na Rede Vida, serve, também, à emissora, que passa a ser vista como preocupada com tais problemas sociais, aspecto positivo para a construção de sua imagem junto à sociedade, ao governo, aos anunciantes e à audiência.

Com um conteúdo voltado à orientação sobre as condutas e atitudes tomadas como ética e moralmente corretas na sociedade, bem como à defesa dos direitos e deveres do cidadão, o “Tribuna Independente” assume um perfil de programa educativo/esclarecedor. Atua, no processo de produção, o critério de *serviço*. As respostas são dadas de maneira a informar e a esclarecer o cidadão sobre os assuntos de domínio dos entrevistados – a administração dos municípios ou os direitos do consumidor, em especial, sobre os planos de saúde.

Numa enquete, por exemplo, um participante faz uma referência equivocada: “É um horror desse país a Justiça Eleitoral desse país permitir que bandido seja inscrito para qualquer cargo eletivo”. O entrevistado, ao comentar as respostas da enquete, na terça-feira, tenta esclarecer o assunto:

O segundo cidadão que abordou, ele, talvez por falta de informação, e é compreensível, precisa saber que o candidato tem um edital baixado no Cartório Eleitoral para impugnação dos candidatos. E o cidadão deveria ir ao Fórum e saber quem são esses candidatos e impugnar aqueles que tenham cometido algum delito. Agora, para que ele se inscreva, um dos documentos exigidos é que ele junte a folha corrida judicial. Se ele não tiver a folha corrida judicial, ele não é inscrito e, dependendo do crime que ele cometeu, é, ainda, processado...

O entrevistado contribui com a qualidade do programa ao responder de modo esclarecedor. Quando fala com propriedade sobre o tema, garante um bom conteúdo à entrevista, e ajuda a manter a linha editorial do “Tribuna Independente”, voltada para a informação e a educação. O tom das perguntas é primordial para que o programa mantenha o perfil traçado pelos produtores. De modo geral, as perguntas, no programa, exigem respostas mais informativas do que opinativas, como podemos perceber na situação abaixo:

Convidado – O que são as propostas de adaptação e migração de contratos? E de que forma fica o consumidor? Ele teve uma proposta, não a entendeu; e, agora, está discutindo um reajuste anual. Onde está a garantia real de atendimento?

Entrevistado – As propostas de adaptação e migração de contrato são o outro lado da moeda desse mesmo processo. A partir da decisão do Supremo, no ano passado, os contratos anteriores à lei 9656 estão desprotegidos. É algo questionável do ponto de vista da Defesa do Consumidor, tendo em vista a proteção dada por ele. Como trabalhar essa falta de proteção específica para esses contratos? Propondo mecanismos interessantes, para os consumidores saírem desses contratos antigos e passarem para novos contratos, já adaptados à legislação atual do setor: a Lei 9656 e as portarias subsequentes da ANS.

Perguntas que requerem respostas informativas evitam que o entrevistado manifeste o seu julgamento sobre os fatos sociais. Na opinião, nos modos distintos de se entender os fatos, poderia situar-se a polêmica. Como essa não é a intenção do “Tribuna Independente”, as perguntas e respostas que constituem a entrevista sustentam a sua linha editorial. A escolha dos próprios temas dos programas converge para esse posicionamento editorial.

Para falar sobre esses assuntos, em muitos momentos, os entrevistados abordaram aspectos técnicos, como as *transferências voluntárias*, as *previdências municipais*, os *consórcios municipais*, a *distribuição de impostos* e a *legislação sobre os planos de saúde*. Entretanto, em nenhum momento da entrevista sobressai-se a linguagem técnica. Os participantes do programa priorizaram a linguagem coloquial, mais apropriada à televisão e ao programa de entrevistas. Inclusive, manifestaram essa preocupação. Diante de situações que exigiam respostas mais especializadas, alertavam para as dificuldades, como faz o prefeito, terça-feira, após uma pergunta, e o advogado, entrevistado de quinta-feira, no decorrer de uma de suas respostas:

Apresentador – Até onde pesa um aumento de salário mínimo nas finanças municipais?

Entrevistado – Vou tentar explicar, porque é um problema complexo. Está aqui o doutor Ilvo (se refere a um dos convidados) que pode me ajudar... (terça-feira).

Entrevistado – A gente é advogado tentando não falar juridiquês (quinta-feira).

Houve, inclusive, por parte dos entrevistados, um visível esforço em tornar claro o assunto. Termos específicos, quando citados, eram seguidos de explicações, como aparece no trecho a seguir, com relação ao termo *sinistralidade*:

O reajuste para os planos coletivos obedece a critérios de sinistralidade. Ou seja, o quanto o grupo de usuários daquele plano se utiliza dele na verdade, isso é o que se discute sobre os reajustes individuais hoje (quinta-feira).

Em outros momentos, usavam o recurso das comparações, apropriando-se de exemplos da vida cotidiana. Sobre a reformulação do pacto federativo, quando perguntado sobre as melhorias do serviço público, caso os municípios recebessem um maior percentual dos impostos, o entrevistado de terça-feira apela à comparação:

É como injeção na veia. Injeção na veia? Porque o efeito é imediato ao momento em que entrar o dinheiro no município. E eu repito aqui: no mínimo, 25% deve ir para a educação...

Já o entrevistado de quinta-feira, ao abordar a qualidade das empresas operadoras de planos de saúde, exemplifica, tornando a explicação concreta:

A natureza dos problemas é muito parecida em todas as operadoras. A negativa de cobertura, por exemplo, é um caso clássico. Você faz uma cirurgia cardíaca, mas, o plano não cobre prótese. Quer dizer: “você pode trocar o pneu, mas, o macaco você devolve”.

O recurso da comparação e dos exemplos é positivo, pois se trata de um programa televisivo e de entrevista. A simplicidade e a clareza da linguagem são fundamentais às características do meio audiovisual, bem como à entrevista, que ganha um tom de conversa entre os participantes do programa. A linguagem usada pelos participantes do programa atende ao critério de *qualidade*, bem como de *interesse*. Além disso, a linguagem assumida no programa está voltada para a linha editorial. O modo como os entrevistados elaboram as respostas, fugindo da especialização e da linguagem técnica, ajuda o programa a concretizar a função a que se propõe: informar/esclarecer.

Os temas dos programas de terça e quinta-feira são propícios para que tal linha editorial seja seguida. Os dois programas informam sobre a cidadania como um valor humano e social. Os subtemas dos programas, por mais variados que sejam, remetem à cidadania, um conceito mutável, sobre o qual, teoricamente, não há unicidade¹⁰⁶.

¹⁰⁶ Conforme VIEIRA, Liszt. **Os argonautas da cidadania**: A sociedade civil e a globalização. Rio de Janeiro: Record, 2001.

Manzini-Covre (1999) trabalha com a perspectiva da cidadania relacionada ao sonho que o homem sempre terá de alcançar uma sociedade melhor, mais democrática, justa, livre e igualitária. A autora considera indispensável a educação para a cidadania, para que as pessoas tomem consciência de seus direitos e passem a lutar por eles. Em sintonia com esta concepção, o conteúdo do “Tribuna Independente” relaciona cidadania àquilo que é justo e correto.

Os entrevistados, em harmonia com a perspectiva do programa, empenham-se para reforçá-la. Nas suas respostas, conforme observamos em diferentes trechos referidos até então, insistem no que é certo: político corrupto *deve* ir para a cadeia; a lei *deve* ser para todos; o eleitor *deve* saber votar; os contratos *devem* ser claros para o consumidor; os contratos *devem* ser legais. Situam-se na instância do *dever ser*, daquilo que é correto.

Além disso, a cidadania, como referida em dados momentos, passaria pelo acesso à informação. Os programas de televisão estariam, de certa forma, comprometidos com isso. Os produtores, ao projetarem nele um espaço de informação/esclarecimento, acreditam estar agindo como cidadãos e contribuindo com a cidadania:

... Rede Vida, o canal da família, quer prestar exatamente essa missão, para ajudar o Brasil a refletir sobre os temas mais importantes para construir a verdadeira cidadania, com base na democracia (apresentador, no programa de terça-feira).

Nós precisamos valorizar a atividade pública. E exercer, efetivamente, a nossa cidadania [...] Precisamos mudar essa situação. E isso só ocorre quando há uma consciência sobre o papel de ser cidadão [...] Espero que, no programa de hoje, a Rede Vida possa ter contribuído com essa consciência do cidadão (apresentador, no programa de quinta-feira).

Os termos *cidadania* e *cidadão* voltam-se, no “Tribuna Independente”, à ação e à luta dos sujeitos pelos seus direitos na sociedade, pressupostos, segundo Manzini-Covre

(1999), para a cidadania. Os programas de terça e quinta-feira têm a peculiaridade de tratar sobre temas que dizem respeito ao que é público, às relações do homem enquanto ser social.

O conteúdo dos programas, focado nas questões da cidadania, aponta para uma construção jornalística na qual atuam critérios de noticiabilidade, como os de *importância*, *atualidade*, *qualidade* e *equilíbrio*. De modo particular, o “Tribuna Independente”, devido ao conteúdo exposto, aprofunda os temas pautados, atendendo ao critério de *formato*: o programa televisivo de entrevista comporta o aprofundamento.

– Família e valores cristãos

A *família*, como valor cristão, aproxima os programas de quarta e sexta-feira. Apesar de pautarem temas distintos – “Casamento, união e vida” e “O papel da mulher no mundo de hoje” (ver quadro), têm em comum a referência a valores cristãos, entre eles a *família*. Ambos referem-se à *família*, mas sob ângulos e modos distintos. O primeiro enfoca a família a partir das questões do casamento, e é informativo/esclarecedor, como o “Tribuna Independente” vem se apresentando até então. O segundo abre espaço, na entrevista, mais à opinião do que à informação, para falar sobre a mulher, num contexto que envolve a família.

Quadro 16: Temas e subtemas – “Tribuna Independente”

PROGRAMA E TEMA DA ENTREVISTA	ENFOQUE	SUBTEMA Perguntas e respostas	SUBTEMAS Enquetes
Rio de Janeiro: Casamento, união e vida – quarta-feira,	Trabalho realizado pelo Tribunal Eclesiástico, em casos de anulação de casamento	<ul style="list-style-type: none"> – função do Tribunal Eclesiástico – casamento e código canônico – casos para dissolução do casamento – agressão à mulher e anulação – o processo de anulação no Tribunal Eclesiástico – Eucaristia e casamento – espiritismo e casamento – ausência de comunhão no casamento – anulação de ordenação sacerdotal – custo do processo de anulação de casamento – filhos e anulação de casamento – código civil e código canônico – impedimentos para o casamento – controle de natalidade no casamento – encontro de canonistas e Tribunais Eclesiásticos no RJ – aumento do número de processos nos Tribunais – abandonos de processos – construção da Igreja de São Tomé – padres e celebrações de casamentos em diferentes Igrejas – consentimento livre das partes – gravidez antes do casamento – educação religiosa dos filhos em caso de casamento entre pessoas de diferentes religiões – crisma e casamento – formação de juízes do Direito Canônico – livro escrito pelo entrevistado sobre casamento e anulação 	<ul style="list-style-type: none"> – defeito dos homens no casamento – anulação de casamento e pensão – virtude da mulher no casamento – casamento entre pessoas de diferentes religiões – número ideal de filhos – ateus e casamento

Quadro 16: Continuação

PROGRAMA E TEMA DA ENTREVISTA	ENFOQUE	SUBTEMA Perguntas e respostas	SUBTEMAS Enquetes
Sexta-feira, São José do Rio Preto – O papel da mulher no mundo de hoje		<ul style="list-style-type: none"> – imposição do modo feminino de ser na sociedade – papel da mulher em diferentes épocas – maternidade – conflito entre sexos – filhos e trabalho – filhos e sucesso na profissão – homem e avanços femininos – perversão da mulher – aborto – fetos anencéfalos – papel da mulher no mundo de hoje – livro da entrevistada sobre o tema 	<ul style="list-style-type: none"> – mulheres e pornografia – mulher e tristeza – valorização do trabalho feminino fora do lar – machismo na criação de filhos homens – dia das mães

O “Tribuna Independente” de quarta-feira pauta um tema em discussão no Rio de Janeiro, no Encontro da Sociedade Brasileira de Canonistas e dos Servidores dos Tribunais Eclesiásticos do Brasil. O evento foi pautado pelo “JCTV” de 15 de julho, um dia após a entrevista, em nota coberta. A relação entre o tema e o local de produção/apresentação do programa é um critério visível e, quando acrescido ao fato de o mesmo assunto estar presente em dois programas, revela a *rede noticiosa* construída pela emissora, com o objetivo de colocar *ordem no espaço* da produção. A estrutura dos estúdios auxiliares é essencial, assim como as relações entre a emissora e a Igreja Católica. A *atualidade* e a *importância* do tema são critérios na produção do “Tribuna Independente”.

No programa de quarta-feira, o entrevistado explica o tema, como podemos perceber nas situações abaixo:

Apresentador – O casamento na Igreja Católica deve obedecer ao Código Canônico? Por quê?

Entrevistado – Existe a obrigação de os católicos obedecerem à forma canônica. Até o Concílio de Trento, não existia essa obrigação. E a Igreja também não estava sabendo quem era casado e quem não era. Então, o Concílio de Trento instituiu a obrigatoriedade da fórmula canônica. E, assim, dentro daquela fórmula que todo mundo conhece, cada um deve manifestar o seu consentimento: "eu quero me casar de acordo com a Lei de Deus". Atualmente, nós temos do Cânone 1108, determina que "de outra forma", para os católicos, "o casamento será inválido".

O tom explicativo mantém-se durante toda a edição. O programa informa e esclarece em profundidade sobre questões relacionadas ao direito canônico, enfocando aspectos ligados ao casamento, na Igreja Católica. O papel do apresentador, mais uma vez, é fundamental. É ele quem conduz o programa de modo a fazê-lo informativo/esclarecedor. As perguntas elaboradas pelo apresentador voltam-se para esse fim editorial, conforme notamos nos seguintes trechos da entrevista:

Apresentador – Agora, eu quero um esclarecimento direto e objetivo: é caro esse processo de anulação de casamento?

Entrevistado – Normalmente, sai por volta de 1500 reais. Agora, se conseguir um advogado, ainda vai mais o dinheiro do advogado. Mas, as pessoas que não têm recursos podem pedir a diminuição das custas. Ou, até, zerá-las completamente. Se tiver condições, paga esse valor. Mas o Tribunal tem custos elevados. A média, para cobri-las, é de que, pelo menos, metade das pessoas paguem esse valor, para poder cobrir as custas. Contudo, se metade dos processos não puderem pagar esse valor; a diocese injeta recursos para que a justiça seja feita.

Apresentador – Quando não tem nas dioceses Tribunais Eclesiásticos? O que se tem que fazer?

Entrevistado – A diocese, quando não tem, está aliada a uma diocese vizinha, que analisa seus casos. Às vezes, ela tem uma Câmara para atender as pessoas lá. Mas manda o processo para o Tribunal. É o caso de Niterói (quarta-feira).

Em muitas situações, para reforçar a linha editorial do programa, refere casos práticos, como casamento entre ateu e católica; filhos fora do casamento; gravidez, solicitando explicações concretas, baseadas no direito canônico, tema central da entrevista e de domínio do entrevistado. As perguntas são feitas de forma simples, quase num tom de

conversa, e exigem que o entrevistado explique e informe, conforme os conhecimentos que possui:

Apresentador – Mas, e se o ateu se separou da mulher e resolve casar com uma católica? E aí?

Entrevistado - Para que o católico case com esse, é preciso, primeiro, que passe pelo Tribunal Eclesiástico para verificar se esse casamento entre os dois ateus não era um casamento indissolúvel. Não era abençoado por Deus.

Apresentador – No caso de uma amizade colorida durante anos. Tem até filhos. Depois, cada um casa com outra pessoa. Isso chega ao Tribunal?

Entrevistado – Não. Isso não chega ao Tribunal.

Apresentador – Pode casar, então?

Entrevistado – É considerado solteiro. Não tem vínculo com ninguém. Se tivesse algum vínculo civil, precisaria da licença do Bispo. Mas, como não existe, não é para o Tribunal.

Apresentador – Casou grávida. Isso dá nulidade ou não?

Entrevistado – A gravidez não dá nulidade. Mas, muita gente casa, muitas vezes, de modo imaturo por conta da gravidez. Muitas vezes, é uma pressão social. A nulidade não é pela gravidez. É pela pressão social ou por imaturidade (quarta-feira).

Observamos, nas edições de terça, quarta e quinta-feira, uma certa unicidade no que se refere à linha editorial do programa. Produzidos pela Rede Vida, as edições apresentam certas peculiaridades, como vimos na análise da edição, mas, de modo geral, tendem a veicular entrevistas que informam e esclarecem sobre temas com algum vínculo com a atualidade. São poucas as situações, nas entrevistas, em que os participantes emitem opiniões ou juízo de valor sobre os fatos sociais. Os entrevistados tendem a informar e a explicar o tema, a partir do conhecimento que possuem, devido à sua formação e ao cargo ou função que exercem na sociedade.

Desviando-se um pouco da linha editorial observada nos demais, o “Tribuna Independente” de sexta-feira destoa em alguns aspectos. Um deles é a interatividade do apresentador na entrevista, como já abordamos. Outro, a que nos referiremos, é o perfil

opinativo/persuasivo. A entrevistada argumenta para defender seus pontos de vista sobre o “papel da mulher no mundo de hoje”, tema da entrevista. O programa tem uma carga de informação significativamente menor que os até então analisados.

O tema colabora para que isso ocorra. No jornalismo, a entrevista trata sobre um assunto chamado de *matéria fria* ou *de gaveta*¹⁰⁷. Diferentemente dos outros programas, em que a pauta estava ligada a um fato social de repercussão, na sexta-feira, a entrevistada reflete sobre o papel da mulher e os desdobramentos do feminismo, tema de suas pesquisas. A entrevistada é pedagoga, mestre em Literatura e presidente do Conselho da Ong Família Viva.

O tema “o papel da mulher no mundo de hoje” é amplo e não tem vínculo com nenhum acontecimento atual, como os demais, mas, sim, com os interesses da Associação Cultura e Atualidade. A escolha do tema está atrelada à parceria da emissora com a entidade. A construção do programa depende, portanto, de *interações sociais* entre instituição e sociedade. Há uma convergência de interesses entre elas, evidenciada, por exemplo, pelo tratamento dado ao tema *família*.

Já no início do programa, a entrevistada pontua o seu entendimento sobre a mulher:

Então, nesse sentido, eu quero estimular as mulheres a que pensem no que esperam, como mulheres e a se movimentar nessa direção. Não deixar que os outros lhe digam como ela deve ser! Mas, ela impor o seu modo feminino e as suas condições femininas à sociedade.

¹⁰⁷ *Matéria fria* ou *de gaveta* é um jargão jornalístico usado para referir temas que podem ficar guardados, ou ser colocados em pauta em diferentes momentos, já que, num dado espaço de tempo, não perdem a atualidade. Não se referem a fatos sociais com maior repercussão na sociedade. São assuntos de menor importância, que interessam à sociedade.

A última frase – *impor o seu modo feminino e as suas condições femininas à sociedade* – sintetiza o direcionamento dado à entrevista. As respostas da entrevistada tratam de subtemas diversos, como maternidade, relação homem e mulher, mulher no mercado de trabalho e filhos, os quais insistem nessa idéia. Os subtemas dão sustentação a esse argumento central:

Então, a mulher tem que impor que o mundo aceite o seu trabalho dentro de casa e, ao mesmo tempo, lhe dê oportunidade de exercer uma profissão fora dela. Aqui no Brasil, nós temos que trabalhar, junto à Comissão de Equidade Social e da Família, no sentido de que haja leis que valorizem o papel da mulher dentro de casa e possibilitem que ela possa trabalhar menos fora dela.

E, em se tratando das mulheres, é importante que essas metas estejam sempre vinculadas ao modo feminino de ser: doar, ser companheiras.

No mesmo sentido, a entrevistada, para defender a idéia que norteia o programa, apresenta argumentos em torno de críticas ao feminismo e ao aborto, como percebemos no trecho abaixo:

O início desse feminismo moderno pretendeu uma masculinização da mulher. A mulher passou a imitar o homem. Até nos vícios: fumar, beber. Uma derrocada! O aborto é, também, um aspecto masculinizante da mulher. Quando rejeita a maternidade, ela rejeita seu ser - pessoa mulher.

Entre os recursos usados para argumentação, está a citação de especialistas. No primeiro caso, refere-se ao papel da mulher na sociedade. Em seguida, apela ao especialista para apoiar seus argumentos sobre mulher e pudor:

E isso, com confiança, porque – vou citar uma autoridade no assunto – Victor Franco, um psicanalista austríaco dizia que “por mais que o ser humano seja violentado, pisoteado na sua essência, nos seus valores, ele sempre conserva, no fundo, uma inquietação na busca do verdadeiro significado da sua vida”.

Diz o Vitor Garcia Orta, educador espanhol, que “o umbral da sexualidade se eleva”. Ou seja, aquele beijo que perturbava nossos avós no cinema; de fato, hoje, não nos diz nada.

Além disso, a entrevistada constrói seus argumentos a partir de pequenas histórias, contadas com base em fatos do seu cotidiano e de suas relações pessoais. Reflete sobre eles para pensar o papel da mulher na sociedade. Primeiro, refere-se à maternidade. Depois, à conciliação do trabalho com os filhos:

Minha filha de três anos entrou comigo no elevador. Era muito pequenininha e se esticou toda para apertar o primeiro andar. Contemplou a botoeira meio desanimada. Mas, com aquela cara de aspiração, disse: “eu ainda vou crescer e alcançar esse número lá do alto”. Aí, eu brinquei com ela. Disse: “minha filha, quando você crescer, vai fazer coisas muito mais interessantes do que andar de elevador”. Ela ficou me olhando. E eu disse: “Aliás, o que você pretende ser quando crescer?” Fui muito pouco original na minha pergunta. Ela ficou me olhando, muito contrariada, e disse: “Mas é claro que eu vou ser mãe!”. Eu fiquei muito lisonjeada com a resposta e pensando: nunca criei minha filha com uma preocupação especial de que ela tivesse que ter essa aspiração. Aliás, fiquei até envergonhada, porque, na hora, honestamente, não me ocorreu que ela tivesse esse papel, não exclusivo, evidentemente. Mas, o papel da mulher. Ela chamou esse papel para si espontaneamente.

Uma amiga me disse: “A minha empregada está esperando um bebê, e eu já combinei com ela que traga a criança para o trabalho”. Conclusão: os filhos da minha amiga acompanharam toda a gravidez, pois a criança ia ser quase uma irmã. Aí, nós tivemos uma pequena mudança cultural. A minha filha chegou para a minha empregada e disse: “Bem que você podia arranjar outro filho. Daí, a gente ajudava a criar”. A filha de outra amiga, a mesma coisa. Então, está se criando um comportamento que é muito produtivo [sic].

As suas considerações finais retomam a opinião apresentada no início do programa. A entrevistada conclui a sua participação reforçando aquilo que quis defender ao longo de uma hora e meia de entrevista:

Eu creio que, se a mulher voltasse a lançar o seu olhar feminino sobre as dores da humanidade; e, se a cada olhar, correspondesse um gesto – de uma mulher que se descobre mãe, que se inclina para os outros, nós teríamos muito mais paz, muito mais tranqüilidade. Nós teríamos um mundo à medida do coração das mulheres, sem dúvida.

Diferente dos programas de terça e quinta-feira, os de quarta e sexta-feira tratam de temas que dizem respeito à vida privada das pessoas: ao seu relacionamento com a família, os pais, os filhos; às relações homem e mulher; ao casamento; à maternidade. Os

subtemas situam-se em torno de um valor em comum – a *família*, deixando transparecer uma concepção cristã. Tal entendimento é apresentado pela própria emissora, quando se denomina o *canal da família*. O *slogan* usado pela Rede Vida traduz-se na linha editorial dos programas jornalísticos. O “Tribuna Independente” serve aos interesses da emissora, e é produzido de modo a refleti-los.

O casamento, para a Igreja Católica, é a “íntima comunhão de vida e de amor conjugal que o Criador fundou e dotou com suas Leis. Essa união íntima, doação recíproca de duas pessoas, e o bem dos filhos exigem a perfeita fidelidade dos cônjuges e sua indissolúvel unidade” (GAUDIUM ET SPES, 1972, item 48). Tal concepção é reproduzida pelos programas, seja quando o entrevistado explica o código canônico, ou quando a entrevistada se refere à mulher que precisa conciliar o cuidado da casa e dos filhos com o trabalho.

Obviamente, as questões relativas ao casamento e à família ficam mais evidentes no programa de quarta-feira. O casamento que segue *os motivos de Deus* é indissolúvel, como prevê a doutrina católica. Casados, homem e mulher *já não são dois, mas uma só carne*. A referência ao evangelho de Mateus, 19, versículo seis, embasa a resposta do entrevistado à questão abaixo, reproduzindo a doutrina da Igreja:

Apresentador – Cônego Abílio, se, num casal, o homem, sistematicamente espanca a mulher, por razões diversas, e ela se omite, esse seria um motivo suficiente para tornar esse casamento nulo?

Entrevistado – Eu sempre digo que, quando, o homem encontra “a carne da sua carne”, “o osso do seu osso”, eles não se separam nunca. Podem brigar. Um pode apanhar. O outro pode bater. Não há jeito. Agora, quando eles não escolheram bem. Não namoraram o suficiente. Não se conheceram o suficiente. E se casaram por motivos – materiais ou outros –; mas, não aqueles que Deus, na verdade, quer, acontece isso. E essa pessoa é incapaz de assumir os deveres matrimoniais. Então, normalmente, existe um mal, de fundo psíquico, que os peritos nos ajudam a descobrir. E ela se torna inábil a dar continuidade a esse casamento.

Na mesma entrevista, outro ponto central da doutrina católica sobre o matrimônio é esclarecido: os filhos. A doutrina afirma que o matrimônio e o amor conjugal, por sua própria índole, estão obrigados a ter filhos e a educá-los. Ao esclarecer as leis canônicas, o entrevistado reproduz a doutrina:

Convidado – Por muito tempo, a gente acreditou que o casamento entre católicos, por exemplo, tivesse como finalidade principal a procriação dos filhos. No novo Código Canônico isso continua existindo? E mais: duas pessoas resolvem se casar e não ter filhos. Depois, eles resolvem se separar, por um motivo qualquer. Essa condição prévia de não ter filhos seria suficiente para declarar esse casamento nulo?

Entrevistado – Se eles já tinham essa condição prévia, eles estão simulando o casamento, porque não podem excluir os filhos. São proibidos de excluir os filhos. Se casarem e excluïrem, o casamento é nulo, por exclusão da prole. Quanto ao Código, a atividade primária do casamento era a procriação. Agora, não se fala nisso. Claro que quem casa é para dar oportunidade à família. Mas, o importante é formar essa vida em conjunto. Há pessoas, inclusive, que casam numa idade em que nem podem mais ter filhos.

Estas duas situações exemplificam como o programa, ao informar, veicula o conteúdo católico. As referências ao código canônico remetem a aspectos doutrinários da Igreja. O programa de sexta-feira não aborda a doutrina de maneira explícita, como ocorre na entrevista de quarta-feira. Mas a entrevistada, quando fala sobre as dificuldades enfrentadas pela mulher, manifesta uma concepção de família, sustentada no catolicismo. A maternidade e o nascimento dos filhos estão vinculados à família – pai e mãe – como observamos no seguinte trecho da entrevista, no qual a entrevistada critica a chamada *produção independente*:

... Há que se considerar que filho precisa do elemento pai. A Marieta Macciochio, uma feminista italiana, de muita influência na Europa, diz o seguinte: “os homens estão virando sêmen congelado”. No momento em que se diminuiu o valor da maternidade, também se diminuiu o valor da paternidade. É muito grave nós pensarmos que as mulheres recorram a algo chamado produção independente. Como se filho fosse um brinquedo que a gente consegue numa clínica de fertilização. Não se deve pensar em dar um filho para uma família. É sempre uma família que se dá a um filho. É nesse raciocínio que se deve pautar toda a concepção.

Quando se refere à mulher no mercado de trabalho, mais uma vez evidenciamos a mulher inserida no contexto da família – marido e filhos, tal como concebe a Igreja Católica. A relação entre o casal e os filhos é apresentada como prioridade, em torno da qual a inserção da mulher no mercado de trabalho deve ser pensada:

Aliás, o homem está aprendendo a paternidade através de todo esse questionamento da maternidade feminina. O homem, hoje, é muito mais pai do que há 20 anos. Melhor dizendo, ele expressa melhor a sua paternidade. Ele sempre foi muito responsável, compromissado com a família, porém, nesse momento, ele é mais carinhoso, capaz de trocar a roupa de um filho, dar um banho no bebê. Portanto, o problema da conciliação é possível e tem que estar na pauta das empresas. Elas têm que descobrir que não podem ficar sem a mulher. Mas, que tem que ser mulher mesmo. Não aquela mulher que imita o modo de ser masculino. E, como executiva, cai no mesmo erro que os executivos sempre caíram, que é o de não dar atenção à casa e, conseqüentemente, destruir a sua família. A mulher não pode cair nesse mesmo erro.

Com relação à família, um outro subtema é referido na entrevista de sexta-feira: o aborto. O assunto, na época em pauta, devido à discussão em torno de uma decisão judicial sobre aborto de fetos anencéfalos, torna o programa, do ponto de vista jornalístico, *atual e importante*. É necessário assinalar que o assunto já havia sido pautado, durante a semana, pelo “JCTV”. Mas, além disso, reforça o posicionamento católico a respeito. Segundo a doutrina católica, o aborto é *crime nefando*. “A vida deve ser protegida com o máximo de cuidado desde a concepção” (GAUDIUM ET SPES, 1972, item 362). A entrevistada reporta-se aos conceitos católicos. E, mais do que isso, relembra o compromisso da emissora com a posição contrária ao aborto – a Rede Vida, pelo seu próprio nome, não pode ser contra a *vida*. Portanto, a Rede Vida assume a posição católica:

Eu sou contra o aborto e aprendi que a vida começa no encontro do óvulo com o espermatozóide, nas aulas de Biologia. Não foi na aula de Religião. Na questão específica do aborto do anencéfalo, está se pretendendo dizer que criança sem cérebro é inviável. Gente, deixa a vida correr seu curso! [...]Uma vez catalisada essa nova vida, é o curso da vida, que só acaba com a morte. Qualquer interferência no sentido de interromper é uma violência contra a vida. A Confederação dos Trabalhadores da Saúde pressionou o Ministro a promulgar

essa liminar (do aborto do anencéfalo). A Igreja se manifestou isso é típico de um Estado Democrático de Direito. Aliás, a sociedade tem que se manifestar. Rede Vida, por favor! Viva a vida. Vamos tomar um partido, declarado, contra essas manifestações que não são, de modo algum, feminismo. É machismo. É algo que desfeminiza a mulher. Tira da mulher a sua dignidade.

Apesar de os temas reproduzirem concepções católicas, podemos afirmar que os programas são de *interesse público*, um critério jornalístico relevante. Os subtemas, enfocados nas entrevistas, justificam nossa percepção. Em diferentes momentos, mostram que os programas extrapolam os limites da Igreja Católica. O público, nas enquetes de quarta-feira, por exemplo, pergunta sobre a relação entre anulação de casamento e pensão; e sobre o casamento entre pessoas de religiões diferentes. As respostas esclarecem as dúvidas, prestando um *serviço* à sociedade:

Participante da enquete – empresário – Se o casamento for nulo, ainda assim, é necessário pagar pensão?

Entrevistado – Na verdade, o Código de Direito Canônico remete para o Direito Civil. Hoje, o divórcio é nosso associado nos tribunais porque nós nunca declaramos um casamento nulo, sem que, primeiro, nos apresentem o divórcio civil. Porque se o casamento é nulo, nós temos o problema da pensão da mulher dos filhos. Então, nas leis do divórcio, isso já está resolvido.

Participante da enquete – advogada – Duas pessoas de religiões diferentes podem casar na mesma religião?

Entrevistado – Elas devem casar na mesma Igreja Por exemplo: um católico com um judeu. O casamento pode ser feito na religião judaica, com uma dispensa da forma canônica. Ou, até mesmo, só no civil, com a dispensa da forma canônica. Se o judeu não é batizado validamente, tem-se que pedir dispensa de disparidade de cultos, depois, dispensa da forma canônica, pois o casamento vai ser feito só no civil ou na igreja judaica.

Este último assunto gera, no programa, uma explicação sobre as aproximações entre o direito civil e o direito canônico, colocando as leis da Igreja em diálogo com as leis externas à instituição, o que é positivo para o diálogo. Outros exemplos encontram-se em subtemas como ateus e casamento católico; agressão à mulher e anulação; espiritismo e casamento; filhos e anulação de casamento; controle de natalidade no casamento; gravidez

antes do casamento; educação religiosa dos filhos em caso de casamento entre pessoas de diferentes religiões; e lei do divórcio. Entretanto, o enfoque central é a visão da Igreja sobre o casamento.

Já na sexta-feira, o tema, em si, é *importante*, não apenas para a Igreja, mas para a sociedade, porque se trata de uma característica social, cultural e econômica, que se desenvolve historicamente nas estruturas sociais – a inserção da mulher no mercado de trabalho, bem como se refere a um movimento social marcante – o feminismo. É, portanto, de *interesse público*. Contudo, nas entrelinhas, o programa veicula o olhar católico sobre esses aspectos sociais.

Além disso, as entrevistas colocam em pauta assuntos atuais que se opõem a aspectos da doutrina católica. Na sexta-feira, isso fica evidente quando a entrevistada fala sobre o aborto. Outra dessas situações ocorre quarta-feira, quando, num boletim, um repórter pauta o divórcio:

Repórter – A Lei do Divórcio foi benéfica ou não para a sociedade?

Entrevistado – Eu julgo que muita gente poderia manter os seus casamentos e, devido ao divórcio, qualquer problemzinho leva à separação. Então, embora a gente aproveite o divórcio para resolver problemas de pensão para a mulher e os filhos, não significa que todo divórcio corresponda a uma nulidade dos casamentos no Tribunal Eclesiástico. Mas, toda nulidade de casamento do Tribunal Eclesiástico corresponde a um divórcio. E a gente, ao declarar a nulidade, fica tranquilo quanto ao problema de pensão porque já foi solucionado.

Outros temas que geram controvérsias, quando pensados a partir da perspectiva católica, aparecem nas entrevistas na forma de crítica. Casamentos realizados sem espírito religioso estariam usando a Igreja não para consolidar uma união nas leis de Deus, como manda a doutrina católica, mas para promover um evento social. O casamento estaria

perdendo sua essência religiosa, o que, para o entrevistado de quarta-feira, é ponto a ser criticado:

Eu já pensei em fazer, aqui no Rio de Janeiro, uma Candelária só para fazer casamento de quem quer a “coisa enfeitada”. Muitas vezes, as pessoas casam porque a igreja é bonita. Mas não existe um mínimo de espírito religioso naquilo. Precisa-se de uma igreja só para teatro.

O espetáculo social, questionado no trecho anterior, volta à pauta na entrevista de sexta-feira. Porém, sob outra ótica. Agora, a entrevistada critica a exposição da mulher na publicidade. O pudor e o recato são, para a entrevistada, valores em decadência, mas que devem ser preservados na sociedade. Fazem parte, sob seu ponto de vista, da essência feminina. Uma visão muito próxima à defendida pela Igreja Católica:

E nesse ritmo já se vê onde vamos chegar. O despudor que nós temos hoje é porque houve uma insensibilização. E isso é uma pena! Porque se perdem recursos até da convivência do casal ou da apresentação da mulher. O que seria de relevo na mulher vai se perdendo porque sempre chamam a atenção determinadas formas, partes do corpo. A mulher, às vezes, não tem nem essa noção de que ela desperta o sexo oposto de uma forma diferente do homem. Mas, enfim, o problema é que as mulheres precisam reagir e não se deixarem usar. Quanto mais nós caminhamos nessa direção, pior fica, porque já não se tem o que mostrar. Chegamos a um ponto de total deturpação da imagem da mulher na propaganda.

Apesar de abordar temas controversos, como o divórcio, o casamento-teatro e a nudez feminina na publicidade, as entrevistas não abrem espaço para a discussão em torno deles. Pautam-nos, mas não se abrem para que outros entendimentos sejam apresentados. O “Tribuna Independente” apresenta-se como um lugar de reprodução de valores cristãos e da doutrina católica, com o objetivo de fortalecê-los. As respostas informativas são dadas de modo a se compreender os valores cristãos e católicos como corretos.

O espaço de diálogo existe. Mas, mais uma vez, a produção coloca o limite, porque as respostas a tais questionamentos não ultrapassam a fronteira cristã/católica. Na verdade, o “Tribuna Independente” segue a linha editorial da emissora. Por um lado, porque é um espaço onde a “Igreja Católica” explica sua doutrina. Por outro, porque analisa os fatos sociais sob a perspectiva cristã/católica. Em ambas situações, o programa nutre o interesse da emissora pela família, reproduzindo uma concepção fechada e distante do que hoje é a família brasileira. As *diferentes famílias* e os problemas concretos vivenciados pelas mesmas estão afastados da programação jornalística da Rede Vida.

Para entendermos tais limitações, é necessário considerarmos, na construção do programa jornalístico, as *interações sociais* entre agentes sociais. Nas entrevistas, os agentes sociais evidentes são o apresentador, o entrevistado e, numa outra instância, de modo menos imediato, os telespectadores. O apresentador, como produtor do programa, interage expondo-se, no programa, como sujeito, e como representante da Rede Vida. Os entrevistados representam as funções ou cargos sociais que ocupam. Interagem, no programa, diferentes interesses, visões de mundo, valores e princípios sociais.

Entretanto, quando inseridos à programação da Rede Vida, passam a servir à emissora. Prevalece, como vimos até então, um olhar tendenciosamente cristão/católico sobre os fatos sociais. Colaboram para isso as interações da própria emissora com a Igreja Católica. A Rede Vida, devido ao acordo com o INBRAC, tem o compromisso de preservar os valores cristãos, num primeiro momento, e, numa segunda instância, de modo mais específico, a doutrina católica.

A linha editorial do programa se confirma nas quatro edições. Nas três primeiras, caracteriza-se como um programa de entrevistas de informação e explicação sobre temas que obedecem à *atualidade* e à *importância*. Em função dessa característica, é possível afirmarmos que o “Tribuna Independente” é, jornalisticamente, de *serviço*. O programa de terça-feira, sobre *municípios e democracia*, presta serviço à sociedade ao divulgar o trabalho da Confederação Nacional dos Municípios. Já o de quarta-feira, explica aspectos práticos sobre o processo de anulação de casamento no Tribunal Eclesiástico, ao tratar, por exemplo, sobre etapas do processo; os custos; e ao divulgar as dioceses que têm Tribunais. O tema em si torna este critério ainda mais visível no programa sobre *direitos do consumidor*. O entrevistado explica aspectos legais. Os telespectadores enviam dúvidas sobre casos particulares relativos a planos de saúde, respondidas pelo entrevistado. Além disso, o programa exhibe, em caracteres, em todos os blocos, endereços para contato com o PROCON.

A edição de sexta-feira preserva a linha editorial comprometida com valores cristãos e com a doutrina católica. Diferente dos demais, na entrevista, estabelece-se um espaço mais voltado à análise sobre o *papel da mulher na sociedade*, no qual a entrevistada expõe, de modo mais contundente, a sua opinião. A opinião, nos outros programas, é menos evidente, e está nas entrelinhas da informação.

Nas quatro edições analisadas, há diversificação quanto aos temas e seus enfoques. Essa característica demonstra a opção pelo critério do *equilíbrio* – tanto de temas e enfoques, como de local de produção. Apesar de diversos e de terem alguma relação com o local de produção, os temas têm alcance nacional. A preocupação com o *equilíbrio* é expressa pelo produtor/apresentador, Luiz Antonio Monteiro. Segundo ele, em Brasília,

existe o cuidado para não convidar pessoas do mesmo partido com frequência. Além disso, prioriza um programa ao mês para abordar algum tema relativo à religião. Coincidentemente, um deles foi exibido na semana em que analisamos.

A religião, entretanto, como vimos, faz-se presente, inclusive, nos temas em que parece estar distante. O “Tribuna Independente”, além disso, reserva espaços específicos para o conteúdo religioso.

– A agenda católica no “Tribuna Independente”

A presença dos temas religiosos, nas edições analisadas, foi marcante nas frases veiculadas, em caracteres, nas edições de terça e quarta-feira. De 22 notas, 18 noticiam informações ligadas à Igreja Católica. As notas referem-se, em geral, a aniversários de ordenação sacerdotal e episcopal e a missas comemorativas em diferentes dioceses do Brasil. Geradas em caracteres, concomitantemente à entrevista, agregam ao “Tribuna Independente” a agenda da Igreja Católica.

Das notas, sete enfocam atividades que envolvem a Rede Vida e a Igreja Católica de Alagoas, estado visitado pelo presidente da emissora naquela semana. O “Tribuna Independente” informa, através dos caracteres, sobre reuniões entre padres, bispos e a direção do INBRAC; sobre os correspondentes do “JCTV” em Alagoas e sobre os responsáveis pela Pastoral de Comunicação naquele estado. Muitas dessas notas foram ou seriam noticiadas no “JCTV” das 18h30, demonstrando a formação de *rede noticiosa*. Através do recurso das frases, a Rede Vida mantém seu compromisso com a Igreja

Católica, mesmo ao tratar, nas entrevistas, de temas externos à instituição. Além disso, pelo conteúdo das frases, divulga suas relações com padres e bispos, essencial ao compromisso firmado pela emissora com o INBRAC.

5.2.2.3 As fontes das entrevistas

As fontes, no “Tribuna Independente”, são, essencialmente, oficiais. O que se explica pelo gênero do programa – a entrevista, que depende, para seu sucesso, em grande parte, do conteúdo, bem como pela sua proposta editorial – informativa/esclarecedora. Consideramos como fontes – personagens principais do programa – os entrevistados das quatro edições. Eles são escolhidos pelo critério de *hierarquia*, considerando a função que ocupam na sociedade e a sua formação. Os entrevistados acumulam conhecimento sobre o assunto, e dominam-no, garantindo, a princípio, uma boa entrevista. Portanto, jornalisticamente, têm *credibilidade* e tornam o programa credível.

Quadro 17: Fontes “Tribuna Independente”

PROGRAMA	ENTREVISTADO / FUNÇÃO – FORMAÇÃO	CONVIDADOS / FUNÇÃO – FORMAÇÃO
Municípios e democracia – terça-feira	Paulo Roberto Ziulkoski, presidente da Confederação Nacional dos Municípios e prefeito de Mariana Pimentel (RS)	– Ilvo Delbus, economista – Humberto Azevedo, jornalista
Casamento, união e vida – quarta-feira	Abílio Soares Vasconcelos, juiz do Tribunal Eclesiástico e pároco da Igreja Santa Teresinha	– Dari Markoski, economista e aluno do curso de Direito canônico em matrimônio – Sérgio Pereira da Silva, professor universitário e presidente da Associação Cultural da Arquidiocese do RJ
Defender o consumidor é uma questão de cidadania – quinta-feira	André Luiz Lopes dos Santos, diretor de atendimento do PROCON de SP	– Renata Molina, supervisora da área de saúde do PROCON – Maria da Glória Gavião de Almeida, promotora de Justiça de SP.
O papel da mulher no mundo de hoje – sexta-feira	Sueli Caramelo Uriano, professora universitária, pedagoga e escritora	– Deise Aparecida Anneas, professora – Maria Amélia Abibi Costa, médica

Além do mais, garantem a realização do “Tribuna Independente”, atendendo ao critério da *produtividade*. A essência desse gênero televisivo é o conteúdo da entrevista. Quando bem conduzida, a qualidade aumenta. Mas o programa depende muito do entrevistado. Por isso, a *produtividade* da fonte é essencial.

No “Tribuna Independente”, a *produtividade* é pensada também para escolha dos convidados. Tomamo-los como fontes – personagens coadjuvantes. Eles não são o foco do programa, mas ajudam a direcioná-lo e conduzi-lo, através das perguntas e dos comentários. Cada entrevista conta com dois convidados, que compõem o que os produtores do programa chamam de *banca*.

A participação dos convidados é coordenada pelo apresentador - personagem, que indica a eles o momento de fazerem perguntas. Os integrantes da banca interferem, geralmente, o mesmo número de vezes. terça-feira, cada convidado faz seis perguntas. Quarta e quinta-feira, os convidados, além de perguntarem, interferem com breves comentários. No primeiro, cada convidado elabora oito perguntas e um deles comenta uma das respostas, a pedido do entrevistado:

Apresentador – Nós tivemos, em 2002, 71 processos. Em 2003, dobrou. Há tendência nesse aumento, ou os tribunais já estão em queda total?

Entrevistado – A tendência é, sem dúvida, o tribunal receber muitos e muitos processos. Porque o pessoal vai verificar – no meu livro “Por que casou? Casou por quê?” – e vai ver: “meu caso é semelhante a este”. Nesse livro, quase todos os casos foram anulados. Um ou outro que não, porque o advogado não soube trabalhar. E veja uma coisa: não aparece, nos números, o problema da impotência. Já foi muito comum, aqui, no Rio de Janeiro, declaração de nulidade por impotência. Ou do homem. Ou da mulher. O Doutor Sérgio tem uma história bonita, que aconteceu na Itália, em 2004.

Convidado – É verdade. Por incrível que pareça, os machistas italianos são recordistas de processos de anulação por impotência masculina. São 204. Na Europa toda, são 244. No Brasil, três ou quatro.

Como na situação anterior, o comentário do convidado apenas complementa a resposta dada pelo entrevistado. Não há interferências dos convidados que instalem, no programa, momentos de divergências de opiniões ou que polemizem o assunto. Na quinta-feira, quando os convidados também tecem comentários, a característica não se altera. Os convidados, como fontes, alinham-se à proposta editorial do programa, contribuindo para que ele seja informativo/esclarecedor:

Apresentador – Tem algum plano que trata o consumidor diferente da grande maioria? Tem algum plano diferenciado no mercado? Não precisa citar o nome.

Entrevistado – A natureza dos problemas é muito parecida em todas as operadoras. A negativa de cobertura, por exemplo, é um caso clássico. Você faz uma cirurgia cardíaca, mas o plano não cobre a prótese. Quer dizer: “você pode trocar o pneu, mas o macaco você devolve”. Evidentemente, tem empresas com políticas diferenciadas de atendimento ao consumidor. Isso em qualquer segmento. Não só na saúde. Agora, é muito difícil dizer que há alguém que se

destaca muito acima da média. Dentro da área de saúde, aparece um pouco de tudo.

Convidada – Eu acho importante colocar que o objetivo do PROCON é verificar qual é a postura da empresa. Por isso, a gente tem a divulgação do Cadastro (de Empresas Reclamáveis). É preciso observar não só se a empresa tem reclamação ou não. Mas, qual o nível de atendimento que ela dá às reclamações. Dificilmente, eu vou lhe dizer que determinada operadora de plano de saúde não tem reclamação. É bem semelhante. Mas, na flexibilização de discussão, existem diferenças, sim.

Situações como estas não ocorrem na terça e na sexta-feira. Nestas edições, cada componente da *banca* faz quatro perguntas. Os convidados do “Tribuna Independente” não podem ser tomados como fontes oficiais, porque não estão no programa para representar suas funções. O foco está no entrevistado. Os outros integrantes do programa dinamizam-no, tornando-o mais adequado aos critérios jornalísticos televisivos.

Mas, como percebemos, os convidados são selecionados para compor o programa porque têm alguma relação com o tema. Não o dominam em sua totalidade, mas o conhecimento que possuem, devido à função que ocupam e à formação que têm, permite que colaborem na construção do programa, como é perceptível nos comentários feitos pelos convidados, nos trechos citados acima. Conhecer o assunto também é fundamental para que possam acompanhar o programa e elaborar as perguntas, quando solicitados. No exemplo abaixo, o convidado organiza sua pergunta a partir de seus conhecimentos prévios, bem como de suas relações com o entrevistado:

Convidado – A gente tem visto, nas aulas [refere-se às aulas ministradas pelo entrevistado, das quais participa], que existem alguns impedimentos ao casamento. E eles podem ser promovidos ou dispensados. Quais os impedimentos mais comuns?

Entrevistado – Quem tem um vínculo civil – mesmo não tendo sido casado na Igreja – ele está proibido de casar sem a autorização do bispo. A Igreja respeita esse vínculo civil. Se ele foi casado na Igreja, então só mediante processo do Tribunal Eclesiástico que declare esse casamento nulo. Mas, se foi casado só no civil ou tem uma família natural, precisa de uma licença do Bispo.

A função e a formação dos convidados são referidas nos programas. Tais referências indicam a preocupação dos produtores com a *credibilidade* e a *qualidade* do programa. O produtor, Luiz Antonio Monteiro, afirma que tem como critério principal para escolher as fontes, a ética. Resume, na *ética*¹⁰⁸, critérios jornalísticos como *autoridade*, *produtividade* e *credibilidade*.

A Rede Vida apropria-se das fontes – entrevistado e convidados – para construir o “Tribuna Independente”, e fazer dele um programa jornalístico voltado para as suas *necessidades de notícia*. Os entrevistados, ao explicitarem os assuntos pautados nas entrevistas, contribuem para que o programa seja informativo/esclarecedor, como pretendem os seus produtores. Os integrantes da *banca* são convidados a elaborar perguntas que dêem sustentação a essa linha editorial. Conforme percebemos na análise das pautas, perguntas e respostas estão voltadas a concepções muito próximas a valores e princípios cristãos, e, em casos específicos, à doutrina católica. Entrevistados e convidados colaboram com as preocupações editoriais da emissora.

Por outro lado, representam, nos programas, suas funções sociais. Estão ali porque garantiram esse espaço, pela formação e/ou cargo que exercem. Nas *interações sociais* entre jornalistas e fontes, conforme a teoria interacionista, conquistaram esse lugar na sociedade e no jornalismo. E, assim como servem às *necessidades de notícia* do programa, usam-no para se autopromoverem e divulgarem o trabalho que realizam. Este aspecto é notável nas quatro edições analisadas. O próprio apresentador do programa dá espaço para que o entrevistado atenda, também, às suas *necessidades de promoção*.

¹⁰⁸ Dada a complexidade do conceito, faz-se necessário explicitar que tomamos a ética como ciência filosófico-normativa, bem como teórica e prática, que estuda os aspectos individuais e sociais das pessoas, com base na moralidade dos atos humanos, sob o prisma da razão humana, tendo como fim a honestidade e o bem (BARROSO, Porfírio. *Ética de los médios de comunicación*. Madrid: Paulinas, 1990).

Na terça-feira e na quarta-feira, o apresentador solicita aos entrevistados que discorram sobre a entidade ou instituição por eles representadas. Quando o fazem, situam o lugar a partir de onde falam, o que é importante para entendermos o conteúdo na entrevista num dado contexto:

Entrevistado – Olha, o compromisso é o direito institucional em defesa dos municípios na questão federada. Nós estamos aqui em Brasília, a nossa sede é aqui, como já foi mostrado pela Rede Vida [refere-se à abertura do programa], nós estamos junto do Congresso, ao governo federal, mostrando a realidade do município, procurando melhorar essa relação, ou seja, acompanhar a elaboração das leis para que o município não seja tão penalizado. E junto aos municípios, nessa outra área, procurando orientar melhor, dar mais eficiência, mais transparência, mais economicidade no processo de gestão dos prefeitos [terça-feira].

Apresentador – Cônego Abílio, para que serve um Tribunal Eclesiástico?

Entrevistado – Para fazer justiça àquelas pessoas que, de modo especial, tiveram a pouca sorte de não acertar no seu casamento. O que nós chamamos um “casamento falido”. Pessoas que, ou por falta de preparação ou por outros motivos que a gente até desconhece, hoje, estão, exatamente, tentando contrair um segundo casamento. E, para tanto, precisam declarar nulo o primeiro. Aí, as portas do Tribunal se abrem, para recebê-las e para resolver esse problema que é vital para elas [quarta-feira].

Já na quinta-feira, o entrevistado aproveita uma de suas respostas para falar sobre o órgão que representa no programa.

Essa semana, aqui em São Paulo, por exemplo, nós conseguimos, com muita alegria, reunir, dentro do PROCON, Fundação PROCON, Ministério Público e entidades civis de defesa do consumidor. E fazer com que a mídia percebesse o tamanho dessa questão. Nós trouxemos o assunto da defesa do consumidor, de novo, ao lugar em que a gente entende que ele merece estar. O Código trabalha a defesa do consumidor, em todo o país, como um sistema: Sistema Nacional de Defesa do Consumidor. Pelo Brasil inteiro, nós temos, espalhados, PROCON's, Ministérios Públicos, entidades civis defendendo o consumidor. Sob a coordenação do Ministério da Justiça e do Departamento de Proteção e Defesa do Consumidor (DPDC), Há os PROCON's estaduais e municipais. Isso representa um amadurecimento fantástico para nós.

Entretanto, esse não foi o único momento em que o entrevistado refere-se, de modo a mostrar a importância do trabalho realizado pelo PROCON. Ao longo da

entrevista, deixa transparecer essa preocupação e insere, nas suas respostas, frases que enaltecem as atividades relacionadas à defesa do consumidor:

Nós temos que, permanentemente, buscar soluções para interesses nem sempre harmônicos.

Nós orientamos incontáveis vezes: reflita exaustivamente se você pode ou não arcar com essa nova despesa.

O PROCON está tentando conversar com essas empresas para saber o que está acontecendo.

Agradecendo mais uma oportunidade de estar conversando com você, consumidor; e, muito mais do que isso, cidadão. Consumidor é só um pedacinho do que você é. A Defesa do Consumidor é técnica, usa códigos, leis. Mas, antes de mais nada, para quem trabalha com ela, é apaixonante. A gente trabalha com o ser humano (quinta-feira).

Os entrevistados aproveitam o programa para tornar público, pela difusão proporcionada pela televisão, suas atividades. O modo como as expõem é mais do que informativo: visa difundir uma imagem positiva e divulgar a importância das entidades ou órgãos que representam. Assim como constroem imagens positivas, usam o programa para tecer comentários críticos, mas construtivos. No trecho a seguir, o entrevistado reflete sobre a importância do órgão que representa na Igreja e para a sociedade:

A Igreja já abriu as portas do céu. Mas, eu julgo que ela precisa também, escancarar as portas da Justiça. Porque o problema é complicado. Só existem tribunais nas sedes de algumas dioceses. Depois, o Tribunal só está aberto no horário comercial. É difícil o acesso (quarta-feira).

Estes discursos são bons para si, mas também para o programa, porque legitimam a escolha do entrevistado, bem como do tema. No mesmo sentido, justificando a importância da entrevistada, há espaço na entrevista de sexta-feira:

Apresentadora – Todo esse trabalho, em relação à mulher, à família, está publicado?

Entrevistada – Tenho um livrinho, de 95, e algumas coisas na *Internet*, no Portal da Família. Sou colunista do Portal. Lá, é possível encontrar meus textos, minha opinião. Algumas crônicas também, leves, mas que sempre têm referência a algum valor.

Para além das questões sobre a *oficialidade* das fontes, as *interações sociais* entre jornalistas e fontes, e as *necessidades de notícia*, observamos que o “Tribuna Independente” comporta uma diversidade de fontes e, conseqüentemente, de funções e formações. O prefeito dialoga com o economista e o jornalista. O cônego, com o economista e o aluno de seu curso, tanto quanto com o professor universitário. Já o diretor de atendimento do PROCON, com a supervisora da área de saúde do PROCON e com a promotora de justiça. Por fim, a professora *conversa* com outra professora e com a médica. A diversidade contribui com a *produtividade* do programa. O critério da *qualidade* norteia as escolhas no processo de produção. Há, também, a preocupação com o *equilíbrio*, buscado na seleção de fontes variadas.

Sobre o diálogo, é necessário fazermos uma ressalva: o contexto do programa de televisão impõe alguns limites que, muitas vezes, inibem os participantes. Precisamos considerar os aspectos técnicos e de produção, tais como o tempo dos blocos e do programa, a presença das câmeras, a situação criada em estúdio e o respeito ao enfoque dado ao tema. O ambiente inibe que as pessoas ajam e falem com a naturalidade comum a uma *conversa*. A maioria das fontes não tem experiência em televisão. Devido a isso é, inclusive, orientada antes do programa para esses aspectos.

Reuniões anteriores ao programa fazem parte da *rotina produtiva* do “Tribuna Independente”. Nelas, os produtores conversam com as fontes. Há, inclusive, orientações para quais perguntas devem ser feitas. Luiz Carlos Fabrini, apresentador do programa nas

sextas-feiras, afirma que os encontros e orientações são necessários para que não ocorram situações inesperadas e o entrevistado não se sinta constrangido, ao não saber responder algo, por exemplo. Outra preocupação dos produtores é com a manutenção do programa no enfoque dado ao assunto.

Os limites não tiram a importância que tem, no programa, a diversidade das fontes, garantida, em grande parte, pela estrutura dos estúdios auxiliares. Por isso, os recursos físicos e pessoais da emissora são fundamentais para a produção do “Tribuna Independente”. Tais recursos são garantidos pela parceria com o INBRAC. O jornalismo, na Rede Vida, tem-se mostrado dependente dessa estrutura de produção. Por isso, está comprometido com a catolicidade nos seus programas.

O processo de edição, as pautas e as fontes dão vários indicativos de que há, no “Tribuna Independente”, potencial para viabilizar o diálogo e que, em certos momentos dos programas, há abertura. Mas, apesar disso, prevalece o olhar hierárquico da Igreja sobre temas sociais e atuais. Nas edições de terças e sextas-feiras, em particular, o programa é, visivelmente, lugar de veiculação de princípios cristãos e católicos. Não é por isso que deixaremos de reconhecer que o programa é um espaço, na grade de programação da Rede Vida, singular em termos de abertura, por constituir-se num programa informativo e esclarecedor. A Rede Vida veicula temas diversos, com fontes diversas, a partir de diferentes lugares do país. Com isso, dá passos significativos para que o jornalismo, na emissora, contribua com o diálogo entre a Igreja e a sociedade. Falta abrigar, num mesmo programa, a diversidade de opiniões, inclusive, aquelas divergentes às dos católicos. Para isso, não seria preciso transformar o “Tribuna Independente” num programa de debate.

Bastaria valorizar a estrutura do programa, que comporta entrevistado, convidados e opiniões, bem como dúvidas dos telespectadores.

5.2.2.4 Observações finais

A produção jornalística do “Tribuna Independente” mostra-se submetida à *rede noticiosa* formada pela emissora para colocar *ordem no espaço*, a partir do contrato firmado com o INBRAC. Por depender da estrutura viabilizada pelas arquidioceses, dioceses e paróquias, o programa revela-se comprometido com os interesses da Igreja Católica, e acaba por dar sustentação ao compromisso da Rede Vida com essa instituição. A descentralização da produção, viável devido à existência dos estúdios auxiliares, condiciona, em grande parte, a escolha das pautas e das fontes. O processo de produção descentralizado fica atrelado ao compromisso com a Igreja. Por outro lado, oportuniza uma maior diversificação de entrevistados e, conseqüentemente, de temas.

A produção jornalística do “Tribuna Independente” atende a critérios como *atualidade e importância*, principalmente no que se refere aos temas tratados nas edições. Além disso, as escolhas jornalísticas levam em conta a *qualidade*, preocupando-se com as características do meio televisivo – áudio e visuais. A edição do programa comporta, além da participação do entrevistado e do apresentador, convidados, os quais colaboram com perguntas e comentários, dando maior dinamicidade e *ritmo* à entrevista.

O critério de *qualidade* orienta a edição do “Tribuna Independente”, de modo particular, nas terças e quartas-feiras, quando há a inserção, no gênero entrevista, de outros formatos jornalísticos, como a enquete, o boletim e as notas cobertas. Há, na opção por esses recursos televisivos, uma preocupação com o equilíbrio entre texto e imagem, fundamental à televisão. A enquete e, no caso das edições de quinta e sexta-feira, as perguntas enviadas pelos telespectadores, além de atenderem à qualidade, abrem espaços de interação. Convém considerá-los, mas assinalar suas limitações. Tanto as enquetes quanto as perguntas são editadas pelos editores/apresentadores.

Apesar da presença desses formatos, no programa predomina a palavra, em detrimento da imagem. Por isso, a importância de o entrevistado, bem como o apresentador e os convidados, dominarem o tema da entrevista, explorando-o ao máximo e atendendo a outro critério de *qualidade* – a *exaustão*. O “Tribuna Independente”, sem dúvida, prioriza o conteúdo, por mais que, no processo de produção, haja indícios de preocupação com a forma.

Tais indícios estão na edição do programa, na maneira como ele está estruturado e como ele é conduzido. O editor/apresentador, funções que se entrelaçam, é um personagem com papel decisivo. Ele edita e coordena o programa, direcionando-o aos interesses editoriais, em dois sentidos: elabora as perguntas, de modo que as respostas sejam informativas e esclarecedoras, amenizando ou desviando pontos que poderiam gerar discussão ou polêmica; e valoriza conteúdos, em sintonia com os valores cristãos e/ou com a doutrina católica. Devido às funções que cumpre, jornalisticamente, tem *autonomia relativa*, porque interfere, mas depende de *interações sociais* com as fontes, com os

dirigentes da emissora, com o INBRAC e com os outros profissionais envolvidos na produção.

A condição de *ao vivo* impõe maior responsabilidade ao editor/apresentador. O programa *ao vivo* dá à entrevista maior naturalidade, instalando-se um clima de *conversa*, limitado, mais uma vez, às características técnicas da produção. Entretanto, o diálogo é moderado pela condução do apresentador, que privilegia seus interesses editoriais. Instaure-se, no “Tribuna Independente”, a filosofia franciscana – Paz e Bem. A expressão, usada por um dos apresentadores, traduz a linha editorial do programa.

As pautas são diferentes em todas as edições. Centram-se num tema amplo, a partir do qual emergem uma série de subtemas, os quais dão *equilíbrio* e *ritmo* ao programa. Há aprofundamento do tema, caracterizando-se como uma entrevista *conceitual*, inserida à tendência da *compreensão-aprofundamento*, conforme classifica Medina (1995). As entrevistas transcorrem numa linguagem simples e coloquial, composta por muitos exemplos, explicações e referências a fatos do cotidiano dos participantes. Há *clareza de linguagem*, um critério jornalístico de *qualidade*.

Os temas, nas análises, foram agrupados em dois grandes grupos. Na terça e na quinta-feira, o programa pautou assuntos que dizem respeito à vida pública das pessoas – a política, o consumo e a cidadania, os quais foram apresentados, na entrevista, sob a ótica do *dever ser*. Os participantes enfocaram o que é *certo* e teceram crítica ao que julgavam comportamentos ou atitudes erradas. Críticas e orientações sobre o *dever ser* estavam implícitas nas informações veiculadas.

As entrevistas desenvolveram-se em torno da questão dos direitos e deveres, analisados a partir de uma concepção de cidadania que os prevê como fundamentais à sociedade. Além disso, o “Tribuna Independente” empreendeu, através das entrevistas, a defesa daqueles que, segundo os participantes, são injustiçados ou prejudicados nas relações sociais. Há uma relação direta entre as orientações editoriais do programa e o tratamento dado aos temas.

Outro grande bloco, conforme desenvolvemos na análise, compreende temas relativos à vida privada. Referem-se ao casamento e às relações da mulher na sociedade, através dos quais o “Tribuna Independente” reproduz a concepção de *família* expressa pela doutrina católica. A percepção de *família*, apresentada nos programas de quarta e sexta-feira, é a mesma assumida pela Rede Vida, ao se dizer o *canal da família*. O entendimento desta instituição social, como vem sendo veiculado pela emissora, distancia-se, no entanto, da realidade da família brasileira hoje. Dessa forma, o “Tribuna Independente”, ao informar e esclarecer, transmite o conteúdo cristão e/ou católico, mas não chega a refletir concretamente toda a realidade imediata.

Não é por isso, contudo, que o programa deixa de ter *interesse público*. A escolha das pautas e das fontes, o tratamento dado aos temas e os próprios elementos da edição, tornam o “Tribuna Independente” um espaço, na programação jornalística da Rede Vida, de *serviço* ao público, católico e não-católico. Por isso, o programa potencializa a aproximação das concepções cristãs e católicas com a sociedade em geral.

Contudo, não há abertura para olhares discordantes. Temas sociais sobre os quais a Igreja Católica tem um posicionamento muitas vezes questionado, como é o caso do

aborto e do divórcio, são pautados pelo programa, mas não há discussão em torno deles, a partir de opiniões plurais e divergentes. O “Tribuna Independente” tem a função de reproduzir o olhar da Igreja Católica sobre os fatos sociais. Não se propõe a refletir sobre tal olhar. Esse não é seu objetivo editorial, o que prejudica uma perspectiva de comunicação dialógica.

A escolha das fontes constrói um programa que abriga, essencialmente, a voz oficial. As fontes oficiais garantem a *produtividade*, necessária ao programa, que depende, basicamente, do conteúdo da entrevista. São elas, também, que atribuem ao programa *credibilidade*. As fontes do “Tribuna Independente” são escolhidas devido ao cargo ou função que ocupam, bem como devido à sua formação. Cargo e formação indicam aos produtores que elas têm conhecimento sobre o assunto, o que é necessário para garantir uma boa entrevista. Os produtores do programa usam as fontes para atender às suas *necessidades de notícia*. Mas, como observamos, as fontes também aproveitam-no para satisfazer as *necessidades de notícia* que lhe são próprias. Se autopromovem e valorizam o trabalho que realizam, utilizando-se de um espaço, no jornalismo, que conquistaram.

5.2.3 “Este é o meu Brasil” – traços gerais

Diferenciando-se do “JCTV” e do “Tribuna Independente”, “Este é o meu Brasil” é um telejornal, porém dedicado à transmissão de um formato específico, a reportagem. É veiculado aos sábados, das 23 horas à meia-noite; reprisado aos domingos, às 15 horas; e em outras duas vezes durante a semana, em horários abertos. A edição analisada neste

trabalho é a do dia 17 de julho de 2004 (Apêndice G). Há cerca de oito anos sendo exibidos pela Rede Vida, o “Este é o meu Brasil” retrata os aspectos culturais, folclóricos, educacionais e sociais do povo brasileiro. Num único programa, são apresentadas diferentes reportagens e, poucas vezes, algumas entrevistas. Todas são reproduções de matérias produzidas e apresentadas em outros programas, de produtoras ou emissoras parceiras da Rede Vida, como a EMATER¹⁰⁹, a NBR¹¹⁰ e a TVE Brasil, de modo particular, as reportagens produzidas pela TVE do Rio de Janeiro.

O programa é apresentado pelo jornalista Luiz Carlos Fabrini, responsável pelo roteiro de edição e pela escolha das matérias a serem exibidas. São três blocos, de 15 minutos cada. Considerados os intervalos, totaliza uma hora. Segundo Fabrini¹¹¹, o objetivo do programa é mostrar o “lado bom do Brasil”. O jornalista da Rede Vida, Elton Bozzeto¹¹², classifica este programa como um dos mais relevantes na programação jornalística da Rede Vida. Para ele, o “Este é o meu Brasil” oportuniza que as peculiaridades do país sejam mostradas pela televisão, de maneira aprofundada.

¹⁰⁹ O “Este é o meu Brasil” apropria-se de reportagens produzidas pela Empresa Paranaense de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER/PR) e pela Associação Riograndense de Empreendimentos de Assistência Técnica e Extensão Rural (EMATER/RS). A EMATER/PR produz o programa “Vida no Campo”, com o objetivo de levar informações ao campo, bem como de contribuir com o desenvolvimento da família rural (ver <http://www.EMATER.pr.gov.br/televisao/index.html>. Acesso em: 20 mar. 2005). O programa é exibido pela Rede Vida, aos domingos, às 7h30. Já a EMATER/RS produz o “Rio Grande Rural” e o “Momento Rural” (<http://www.emater.tche.br/site/inicial/ptbr/php/>). Nenhum deles é reproduzido pela Rede Vida. Mas as suas reportagens, como as do “Vida no Campo”, são reutilizadas na edição do “Este é o meu Brasil”.

¹¹⁰ A NBR é um canal de televisão por assinatura da Radiobrás. Segundo consulta a http://www.radiobras.gov.br/nbr/capanbr_2004.htm, em 26 de julho de 2005, o principal objetivo da emissora é informar sobre ações econômicas, políticas e sociais do Poder Executivo, além de difundir programas de teor educativo-cultural e serviços de utilidade pública. A programação da NBR é, prioritariamente, jornalística, e inclui transmissões de eventos e pronunciamentos oficiais, campanhas institucionais e documentários.

¹¹¹ Entrevista concedida à autora, em 10 de junho de 2004, em São José do Rio Preto, na Rede Vida (ver Apêndice H).

¹¹² Entrevista realizada com o jornalista da Rede Vida Porto Alegre, Elton Bozzeto, em 13 de maio de 2004, às 13h30, na sede da Rede Vida Porto Alegre.

5.2.3.1 A edição jornalística

A edição do “Este é o meu Brasil” refere-se a questões relativas à construção do *script* do programa, a partir da escolha, pelo editor/apresentador, Luiz Carlos Fabrini, de reportagens produzidas e veiculadas em outras emissoras ou programas. Como todas as reportagens exibidas estão prontas, o trabalho sintetiza-se na inserção das mesmas na estrutura do programa. O editor/apresentador seleciona, e os técnicos de edição são encarregados de localizar, nas inúmeras fitas, as matérias a serem reproduzidas, recolocando-as no “Este é o meu Brasil”. O apresentador grava, em estúdio, as *cabeças* das reportagens. Consideraremos, neste processo, as *rotinas produtivas*, o *formato* e a *rede de notícias*.

– Rotinas produtivas

A edição ocorre ao longo da semana. Entre segunda e terça-feira, o editor assiste às fitas com as reportagens; seleciona aquelas que serão aproveitadas no “Este é o meu Brasil”; escreve as *cabeças* – introdução à matéria lida em estúdio (Anexo C). A *cabeça* da matéria é um pequeno texto, composto, na maioria das vezes, por frases na ordem direta, afirmativas e curtas, como requer a linguagem televisiva. Sintetiza o assunto tratado, bem como convida o telespectador a assistir a reportagem, com o recurso do pronome de tratamento – *você* – e dos verbos no imperativo:

A mistura do ritmo jamaicano com o forró brasileiro foi encontrada no Maranhão. A mistura musical gerou o “refô”. Você vai conhecê-lo agora. Preste atenção.

Materiais recicláveis servem de matéria-prima para os pacientes de hospitais da rede pública. Eles desenvolvem um trabalho artesanal. Veja algumas peças produzidas pelos pacientes.

O editor também elabora o *script*, roteiro usado na edição e apresentação do programa. Os técnicos de edição, ao longo da semana, inserem as reportagens na estrutura do programa. O “Este é o meu Brasil” é gravado e consiste, basicamente, de apresentação, em estúdio, seguida de exibição de VTs. A gravação das *cabeças* é realizada na terça-feira. Os técnicos de edição concluem o programa entre quarta e quinta-feira. Na sexta-feira, ele está pronto para ir ao ar.

A Rede Vida não interfere na produção das reportagens. Mas, quando inseridas no “Este é o meu Brasil”, passam a servir à emissora. Apesar de não produzir as matérias, há, na edição do programa, a interferência da Rede Vida. Não é qualquer reportagem que pode ser exibida: “O jornalista tem que estar sintonizado com a ética, com o espírito da Rede Vida”, explica o editor. O editor é quem, na rotina produtiva, seleciona as reportagens. O trabalho do editor não pode ser entendido como uma ação individual, mas estabelecido num processo em que ele interage com outros elementos, tais como as suas relações com a Rede Vida, o proprietário da emissora, os membros do INBRAC e os jornalistas responsáveis pelas reportagens.

A escolha das reportagens está submetida ao *espírito da emissora*. A expressão é usada por Luiz Carlos Fabrini para referir que o jornalismo produzido na Rede Vida tem características próprias de uma emissora com perfil cristão/católico, construído numa relação sustentada na estrutura viabilizada pelo INBRAC. Os valores e princípios que orientam a linha editorial do “JCTV” e do “Tribuna Independente” são os mesmos no “Este é o meu Brasil”, respeitando, é claro, as peculiaridades deste.

Devido às linhas que definem o perfil da emissora, o “Este é o meu Brasil” aborda temas que retratam aspectos positivos, relativos à *cultura* brasileira (7 reportagens); à *saúde* (5); ao *social* (2); ao *turismo* (2); à *economia* (2); à *educação* (1) e ao *esporte* (1). Entretanto, devido ao enfoque dado às reportagens e ao aprofundamento dos assuntos, muitas englobam mais de uma editoria. Por isso, outras, como *tecnologia e meio ambiente*, também aparecem. “Indústria e exportação”, por exemplo, trata sobre aspectos econômicos relativos ao setor de desenvolvimento de *softwares*, mesclando *economia e tecnologia*. Outro caso é a matéria sobre “Acidentes na infância”, que trata sobre *saúde*, mas devido ao tom preventivo e ao enfoque, é também relativa à *educação*. *Meio Ambiente* é uma editoria que aparece junto a outras três – *turismo, economia e saúde*. A diversidade de editoriais atende a critérios jornalísticos como *equilíbrio* de edição e *ritmo* do programa.

Quadro 18: Temas e enfoques das reportagens

BLOCO	TEMA ¹¹³	ENFOQUE	EDITORIA	COBERTURA	PRODUÇÃO
1	Turismo rural	Propriedades rurais no Rio Grande do Sul	Turismo	RS	EMATER RS
	Alimentação e saúde	Pesquisa sobre uso da berinjela no combate ao colesterol	Saúde	MG	Rede Minas
	Música brasileira	Lançamento da série de livros “Decantando o Brasil” e relações entre música e história brasileira	Cultura	RJ / nacional	NBR e TVE Rio de Janeiro
	Música nordestina	História de vida da rainha do pífano	Cultura	Paraíba / RJ	NBR com imagens da TVE do RJ
	Música e dança	Curso de dança de Refô, novo ritmo musical	Cultura	Maranhão	NBR com imagens da TVE do RJ
	Capacitação de idosos	Curso de capacitação de idosos e ação do Ministério do Desenvolvimento Social	Social	MG	TV Horizonte (Minas Gerais)

¹¹³ Utilizaremos as descrições dos temas abaixo para referir as reportagens ao longo das análises.

Quadro 18: Continuação

BLOCO	TEMA	ENFOQUE	EDITORIA	COBERTURA	PRODUÇÃO
2	Alimentação e saúde	Cultivo e propriedades medicinais da amora	Saúde	PR	EMATER Rio Azul PR
	Energia Elétrica	Lançamento, em Curitiba, do programa federal “Luz para todos”	Social	PR / nacional	NBR com imagens da TVE do PR
	Indústria e exportação	Produção e exportação de <i>softwares</i>	Economia / tecnologia	Nacional	NBR
	Doutores da Alegria	Lançamento de livros sobre o trabalho voluntário do grupo Doutores da Alegria	Cultura / saúde	RJ	NBR com imagens da TVE do RJ
	Turismo ecológico	Potenciais e características do Parque Nacional de Nova Iguaçu	Turismo / Meio Ambiente	RJ	NBR com imagens da TVE do RJ
	Bombeiros	Corrida promovida para comemorar aniversário da corporação de Brasília	Esporte	Brasília	NBR – Brasília
	Capoeira	Ações do governo para transformar a capoeira em patrimônio imaterial da humanidade	Cultura / Esporte	Nacional	NBR
3	Piscicultura	Nova tecnologia, o tanque-rede, como alternativa para os pescadores do Rio Paraíba	Economia / Meio Ambiente	SP	Univap – São José dos Campos
	Saúde – Osteoporose	Cuidados necessários para evitar a osteoporose	Saúde	Nacional	NBR com imagens da TVE do RJ
	Arte brasileira	Entrega de documento com reivindicações pelos artistas ao presidente Lula	Cultura	Nacional	NBR
	Artesanato e saúde	Trabalhos produzidos com material reciclado por pacientes de hospitais públicos	Cultura/ Meio Ambiente	MG	TV Horizonte
	Formação profissional	Projeto Usina da Cidadania e cursos profissionalizantes	Educação	RJ	NBR e TVE do RJ
	Acidentes na infância	Prevenção: estudo de médico sobre o tema e sugestão de incluir disciplina na escola	Saúde / Educação	Nacional	NBR com imagens da Rede Minas
	Terapia para idosos com Alzheimer	Uso de cães adestrados como terapia usada no Hospital Universitário de Brasília	Saúde	Brasília	Rede Vida, estúdio de Brasília

Na construção do programa, como jornalista e editor, Luiz Carlos Fabrini tem *autonomia relativa*. É ele quem decide o quê de uma reportagem é mais importante para compor a *cabeça*. Fabrini decide também qual será o enfoque dado à matéria na sua *abertura*. O apresentador assiste e, depois, seleciona o que é mais relevante. A escolha, aparentemente individual, depende, muito, das interações sociais dele com a emissora, bem como de sua cultura profissional.

Ainda é ele o responsável por pensar a ordem das reportagens na estrutura do programa. “A matéria mais interessante é a primeira”, diz. A *mais interessante* é aquela que ele, editor, avaliou como importante num conjunto de 20 reportagens. Atuam nesta escolha critérios jornalísticos, a partir de sua cultura profissional. Dentre eles, observando as matérias do programa, sobressaem-se a *importância*, o *interesse nacional*, a *qualidade do produto* e do *material visual*, o *formato* e a *ideologia da informação*, porém, no sentido inverso àquele mencionado pelo *newsmaking* – no “Este é o meu Brasil”, fatos bons são boas notícias. Quanto à qualidade, é preciso ressaltar que as reportagens apresentam *ritmo* e *clareza de linguagem*. Nos casos em que há aprofundamento, podemos dizer que atua o critério de *exaustão*.

Na edição analisada, as matérias que abrem os dois primeiros blocos tratam de temas convergentes: atividades rurais, o que é referido já na *cabeça*:

Iniciamos o programa de hoje no Rio Grande do Sul, onde as propriedades rurais estão oferecendo espaço livre para os turistas que procuram qualidade de vida no campo. Você vai conhecer uma dessas propriedades rurais, que fica em Quinze de Novembro. Lá tem boa paisagem e boa comida. Quer ver?

Você sabia que a amora tem propriedades medicinais? Ela é calmante, adstringente, ajuda contra doenças das cordas vocais e bronquite. A amora é também um bom alimento. Veja como é importante o cultivo da amora.

Ambas foram produzidas pela EMATER (Rio Grande do Sul e Paraná) e são as maiores reportagens do programa: a primeira com cinco minutos e 25 segundos, e a segunda com quatro minutos e oito segundos. O terceiro bloco abre com uma reportagem sobre piscicultura e meio ambiente, de dois minutos e 50 segundos:

Cabeça – A criação de peixes em tanques-rede é uma alternativa para os pescadores da região de São José dos Campos. O Rio Paraíba dá peixes. Mas, em quantidades insuficientes para os muitos pescadores. O jeito é usar a alternativa.

Em comum, as reportagens de abertura dos blocos têm o conteúdo voltado a alternativas de renda, ligadas ao meio rural. As demais reportagens têm entre um e dois minutos e estão distribuídas nos blocos, de modo a alcançar *equilíbrio* de temas. “Sempre coloco coisas diferentes num mesmo bloco”. A afirmação do apresentador Luiz Carlos Fabrini se confirma na edição. O primeiro bloco abrange reportagens sobre as editorias de *turismo, saúde, cultura e social*. O segundo, sobre *saúde, social, economia/tecnologia, turismo, esporte e cultura*. Por fim, o terceiro, sobre *economia/meio ambiente, cultura, educação e saúde*. Na edição, os assuntos não seguem uma relação de aproximação por editorias, nem local de cobertura. A regra é a diversidade, estratégia jornalística que dá *equilíbrio e ritmo* ao programa.

– **Formato**

Todas as matérias exibidas são reportagens. O formato tem, basicamente, a mesma estrutura em todas, alterando-se em função do tempo. As reportagens iniciam com a *cabeça* ou *abertura*, ou seja, o lide ou título; seguem com textos e imagens (*off*),

alternado-os com *sonoras*. Algumas têm *boletim* ou *passagem*, marcados pela presença do repórter. Nenhuma possui *pé* ou *encerramento*. Os recursos *sobe som*, reproduzindo sons ambiente, bem como musicais, enriquecem a qualidade das reportagens. Eles atendem a critérios relativos ao produto e ao meio de comunicação, explorando, junto com o visual – as imagens, o auditivo. A música, de modo especial, assim como sons ambientes de natureza, como de cachoeiras, vento, pássaros, aguçam a sensibilidade do receptor. Outros dão veracidade aos acontecimentos, como aplausos, conversas, pronunciamentos e barulhos que indicam movimentos de pessoas. Estes recursos aparecem, por exemplo, em “Capacitação de idosos”, “Energia elétrica” e “Doutores da Alegria”.

O formato *reportagem* é, no telejornalismo, o que mais permite o aprofundamento. Para tanto, as matérias são marcadas pela diversidade de fontes e por informações que transcendem o factual, alcançando, por exemplo, causas, conseqüências e aspectos contextuais, como ocorre em “Turismo rural”, reportagem de abertura do programa. Com cinco minutos e 25 segundos, um tempo extenso para televisão, tem sete inserções de *sonoras*, além de cinco trechos em *off*, cobertos por imagens. A matéria dá conta de diversos ângulos do tema: apresenta as propriedades e os seus atrativos; refere as potencialidades do turismo rural; reporta a organização familiar no meio rural; aponta para a importância econômica do turismo; aborda a relação do turismo com o comércio de produtos agrícolas.

No mesmo sentido, está a reportagem sobre “Osteoporose”, que conta com três *sonoras* e quatro *offs*. Nela, se esclarece o que é a doença; apresentam-se dados estatísticos sobre a mesma; orienta-se sobre a prevenção, a partir de depoimentos de pessoas; além de se trazer um especialista para fundamentar as explicações técnicas.

O uso de depoimentos e de breves histórias de vida, contados por fontes, é comum. Dão um perfil humanizado às reportagens. Além disso, na edição, atendem a critérios de *ação* e *ritmo*. Na matéria sobre “Música e dança”, essa característica é evidente, como podemos perceber no trecho abaixo, no qual, além dos dois *offs* do repórter, outras três pessoas falam, variedade que dá uma boa dinamicidade à edição:

Repórter – Os moradores do Morro do Papagaio dizem que a iniciativa é uma boa opção contra a criminalidade.

Fonte / policial – Ocupa muito a cabeça dos jovens que estão aí em cima. Das meninas. Eles começam a ter uma coisa para se distrair. E, com isso, desviam de outros caminhos.

Fonte / dançarino e músico – Hoje, eu passo um pequeno conhecimento para essas pessoas, essas crianças, esses adultos que estão chegando; que muitas vezes têm vontade de aprender a dança de salão e não têm essa oportunidade. Eu tive uma aluna que tinha 60 anos e falava: “meu sonho era ser bailarina”.

Repórter – Juliene também sonha em ser bailarina. O contato com o palco ela já tem. Além das aulas, o grupo se apresenta.

Fonte / estudante – A gente não tem muita oportunidade. Quando aparece, a gente tem que agarrar de uma vez só.

O processo de produção do “Este é o meu Brasil” explica a opção por reportagens não-factuais. A falta de atualidade é compensada pela construção de textos sem referência a datas, com verbos no presente, bem como pelo aprofundamento. Esta última característica torna o “Este é o meu Brasil” um programa informativo, mas também esclarecedor e educativo. Matérias como “Arte brasileira” (um minuto e 15 segundos); “Energia elétrica” (um minuto e 13 segundos) e “Bombeiros” (um minuto e 15 segundos) detêm-se a um dado fato social, recente, apenas registrando a sua ocorrência, por isso são mais curtas. Já outras, centram-se num assunto, explicando-o, conforme notamos em “Produção rural” (quatro minutos e oito segundos), “Turismo ecológico” (dois minutos e 32 segundos), “Acidentes na infância” (dois minutos e 54 segundos), “Terapia para idosos” (três minutos e 16 segundos). O aprofundamento dos temas torna as reportagens mais

longas. Reportagens breves e informativas, mescladas a outras mais extensas e explicativas, dão *equilíbrio* e *ritmo* ao programa.

– Rede noticiosa

As reportagens usadas no “Este é o meu Brasil” são cedidas à Rede Vida, a partir de parcerias, em alguns casos resultado de negociações comerciais. A EMATER/PR, uma das colaboradoras, empresta as reportagens e, em troca, tem espaço na grade de programação da Rede Vida, para a exibição do programa “Vida no Campo”. Na edição analisada, a EMATER contribuiu com duas matérias que abrem os dois primeiros blocos, portanto, com as reportagens mais importantes. O fato de serem produzidas pela EMATER explica, obviamente, a convergência dos temas: a produção rural.

Em função do tema, as reportagens são ricas em imagens e sons ambientes, que reproduzem a vida no campo. Elas valorizam o trabalho dos agricultores, a produção agrícola em família e as vantagens dos produtos/serviços retratados. Além de serem produzidas pela EMATER, têm, entre as fontes, representantes do próprio órgão. O que ratifica a reprodução, no “Este é o meu Brasil”, dos interesses da EMATER. Na parceria estabelecida pela Rede Vida para garantir a produção do programa a baixo custo, a EMATER está a serviço da emissora e vice-versa. São trocas de favores necessárias para que o jornalismo da Rede Vida seja viabilizado.

A NBR e a TVE do Rio de Janeiro são as parceiras da Rede Vida que mais colaboram na edição do “Este é o meu Brasil”. A NBR, junto com a TVE do RJ, produziu

sete reportagens; além de uma com imagens cedidas pela TVE do Paraná, e outra com imagens da Rede Minas. A edição veiculou outras quatro matérias produzidas apenas pela NBR. A TV Horizonte, de Minas Gerais, colaborou com duas reportagens; a TV Univap, com uma; a Rede Minas, com uma; e o estúdio auxiliar da Rede Vida de Brasília, com uma. No total, a edição de sábado, de 17 de julho de 2004, contou com 20 VTs.

A edição do “Este é o meu Brasil” depende dessas parcerias. Elas passam a integrar a *rede noticiosa* da emissora, ao lado das produções próprias, como é o caso da última matéria exibida no programa. As parcerias, por sua vez, garantem ao programa a diversidade de temas, de fontes e uma cobertura nacional. A Rede Vida precisa de programas que interessem a diferentes partes do Brasil, porque, tecnicamente, e em termos de cobertura, é uma rede nacional. Como não tem estrutura própria, nem recursos para viabilizar uma programação nacional, resolve a questão com estratégias como essa, usada no “Este é o meu Brasil”. Através das parcerias, consegue produzir um programa com cobertura nacional. São exibidas quatro reportagens sobre fatos ou temas relativos ao Rio de Janeiro; três a Minas Gerais; duas a Brasília; duas ao Paraná; uma a São Paulo; uma ao Rio Grande do Sul; uma a Paraíba, uma ao Maranhão.

É importante observar, entretanto, que, apesar de as reportagens retratarem um fato local, elas, muitas vezes, tratam de um tema de abrangência nacional. “Turismo ecológico”, por exemplo, divulga o Parque Nova Iguaçu, localizado no Rio de Janeiro. A matéria divulga um ambiente local (RJ) para todo o Brasil, num contexto em que o turismo é um dos setores que mais cresce no país. A mesma lógica explica a matéria “Turismo rural”. “Energia elétrica” é outro desses casos. A reportagem cobre o lançamento do

programa “Luz para todos”, do governo federal, evento realizado no Paraná. Mas o programa estende-se a todo o Brasil, tornando o tema de interesse nacional.

Fatos ligados às atividades do governo federal estão, não somente nas matérias que enfocam um estado, mas em outras duas reportagens – “Capoeira” e “Arte brasileira”, as quais não referem nenhum Estado ou região do país. Subentende-se, nas reportagens, que são fatos ocorridos em Brasília. Ambas tratam sobre a cultura brasileira. No mesmo sentido, situamos as reportagens “Indústria e exportação”, “Osteoporose” e “Acidentes da infância”. Cada uma das três dá um tratamento ao tema de tal forma que não há direcionamento para nenhuma região específica. São construídas a partir dos critérios jornalísticos de *importância e interesse nacional*.

Notamos, na edição do “Este é o meu Brasil”, a preocupação em abranger temas que interessem a um número significativo de pessoas. O critério de *importância*, relacionado à cultura profissional, mas também aos interesses da emissora, interfere na produção. A abrangência nacional do programa atende ao objetivo manifestado pelo presidente Monteiro Neto e reforçado pelo apresentador do programa: a Rede Vida quer ser uma emissora de integração nacional. Por enquanto, esta proposta, no jornalismo, depende de uma *rede noticiosa* formada a partir de parcerias, trocas de favores e venda de espaços na programação.

As parcerias e a abrangência nacional viabilizam que a Rede Vida veicule, semanalmente, um programa com reportagens de interesse público, que transcende os limites da Igreja Católica. Obviamente que os interesses cristãos e católicos estão presentes e norteiam a produção. Quando o editor refere-se ao *espírito da emissora*, situa a produção

do “Este é o meu Brasil” nos aspectos que compõem a Rede Vida, dentre eles, uma estrutura vinculada à Igreja Católica. Porém, tais interesses, nesse programa, não são explícitos e parecem ficar em segundo plano.

Como já afirmamos, quando inseridas na grade de programação, as reportagens passam a servir à emissora. O conteúdo reproduz valores convergentes àqueles primados pela Rede Vida. Mas temos que considerar que, antes da veiculação, o processo de produção ocorreu fora da Rede Vida. Portanto, a *rede noticiosa* viabiliza, também, a manifestação do *outro*, representado nas parcerias firmadas. Numa programação essencialmente religiosa/católica, o “Este é o meu Brasil” constitui uma brecha para o não-religioso, porém cristão/católico, como veremos na análise das pautas.

5.2.3.2 Pauta

A escolha das pautas das reportagens é externa à Rede Vida. Depende das parcerias com a EMATER, a TVE, a NBR, a Rede Minas, entre outras. Entretanto, como evidenciamos na análise da edição, a Rede Vida pauta o programa. Não escolhe as pautas das reportagens, mas as reportagens que servirão ao programa.

As reportagens resultam de um processo que nos é desconhecido, assim como o é pela Rede Vida. Porém, é incorporado pela emissora, ao reproduzi-las. Os temas das reportagens selecionadas atendem a critérios de *importância*, de *interesse nacional* e de *qualidade*. São critérios que embasam as escolhas do editor, sustentados na sua cultura

profissional e na organização do trabalho, aspectos que englobam a linha editorial do programa e os interesses da Rede Vida.

Os valores-notícia no programa “Este é o meu Brasil” que estudamos sugerem priorizar a editoria de *cultura* (7), seguida das editorias de *saúde* (5), *social* (2), *turismo* (2), *economia* (2), *esporte* (1) e *educação* (1). Muitas reportagens, como já mencionamos, abrangem mais de uma editoria, o que torna pouco conveniente analisarmos as pautas/temas a partir desta classificação, vista como um tanto rígida. A análise das reportagens aponta para temas que abordam, de modo geral, as qualidades do Brasil, bem como indicam alternativas ao desenvolvimento do país. Neste mesmo sentido, há também as reportagens que valorizam a cultura e o povo brasileiros, através das histórias de vidas. Outras matérias, ainda, enfocam as *boas* ações do brasileiro, personagem constante no programa.

– O lado bom do Brasil

“Este é o meu Brasil” apropria-se de reportagens de outros programas ou emissoras para contar histórias sobre um Brasil bonito, capaz de se autodesenvolver e que dá certo. No programa, é possível ver, apenas, as qualidades do país. Os problemas sociais, econômicos e políticos são deixados de lado, para dar lugar às coisas boas. A princípio, todas as reportagens do programa seguem esta regra, ao retratarem experiências, pesquisas, histórias de vida, atividades comunitárias e/ou voluntárias e projetos sociais.

Há aquelas que enfocam ações locais para, ao mesmo tempo, valorizarem aquilo que é feito do Brasil, pela população brasileira, no sentido de contribuir com o desenvolvimento do país. Nessa tendência, estão as reportagens “Turismo rural”, “Produção rural”, “Indústria e exportação”, “Turismo ecológico” e “Piscicultura”. Tomamos como exemplo três delas. A *cabeça* da matéria “Produção rural” enfoca a relação do produto – amora – com a saúde:

Você sabia que a amora tem propriedades medicinais? Ela é calmante, adstringente, ajuda contra doenças das cordas vocais e bronquite. A amora é também um bom alimento. Veja como é importante o cultivo da amora.

Este é apenas um dos aspectos abordados, o qual preenche apenas o primeiro *off* e a primeira *sonora*. A reportagem, de quatro minutos e oito segundos, ocupa-se, na seqüência, de aspectos relativos à produção da amora. Mostra a experiência dos produtores rurais, atribuindo a ela importância para a economia e a sustentabilidade brasileiras:

Repórter – Com apoio, a pequena propriedade, que faz parte de um programa de incentivo à agroindústria, pode adequar as instalações. A intenção é ampliar ainda mais espaços. Também adquiriram câmaras de refrigeração para a conservação das frutas, que são consideradas altamente perecíveis. Com os investimentos físicos, agora fica mais fácil pensar na transformação do produto. O que os técnicos chamam de *agregação de valor*.

Para além destas questões, vêm à tona, num segundo, mas importante, plano da reportagem, a valorização do trabalho no campo e em família, mostrada nas imagens e no texto:

Repórter – As frutas se transformam em deliciosas geléias, licores e sucos feitos integralmente, com a casca e a semente. O produtor confessa que, sem o apoio da família, seria impossível dar conta de tanta mão de obra. Cada um tem uma função específica: desde a colheita até o preparo. Até esses rótulos são preparados por eles. E, na busca de um diferencial, surgiu a framora. Uma mistura de framboesa com morango e amora.

Referir a família é retomar, no contexto de outros temas, um valor cristão/católico importante. Não que isto tenha sido intenção da EMATER, produtora da matéria, mas, certamente, foi um fator relevante que influenciou na escolha da reportagem para compor o “Este é o meu Brasil”.

O tema é referido, ainda, na reportagem sobre “Turismo rural”, também produzida pela EMATER, ao retratar a experiência de famílias gaúchas que transformaram suas propriedades em locais de lazer. Em ambas, as imagens do trabalho no campo, de ambientes rurais, unidas a recursos musicais e a sons ambientes, transmitem sensações como harmonia e tranquilidade que, apesar de abstratas, têm uma carga informativa muito grande.

O trabalho em família remete a outro sentido reproduzido pelo “Este é o meu Brasil” – o comunitário. A família, na concepção católica, incorpora, na verdade, o sentido de vida em comunidade, quando entende o homem como ser social, que estabelece, no casamento, a primeira forma de comunhão entre pessoas. Além disso, centraliza na família, estruturada a partir do matrimônio, a base para a socialização: “Esta índole comunitária, por obra de Jesus Cristo, é aperfeiçoada e consumada. [...] Santificou as relações humanas, sobretudo as familiares, das quais derivam as relações sociais” (GAUDIUM ET SPES, 1972, item 298).

A comunidade é, na doutrina católica, tema recorrente. Na Constituição **Gaudium et Spes**, é tratado com ênfase. No item 295, a Igreja afirma que o homem se fortalece “quando compreende as inevitáveis necessidades da vida social, assume as exigências multiformes da solidariedade humana e se responsabiliza pelo serviço à comunidade

humana”. A reportagem “Piscicultura” torna o valor evidente, enfocando-o como uma alternativa para o desenvolvimento do país, a partir de pequenas ações comunitárias. A busca por alternativas para suprir necessidades locais é o enfoque da abertura. Em seguida, a reportagem abre espaço para que o valor da vida em comunidade seja mencionado:

Cabeça – A criação de peixes em tanques-rede é uma alternativa para os pescadores da região de São José dos Campos. O Rio Paraíba dá peixes. Mas, em quantidades insuficientes para os muitos pescadores. O jeito é usar a alternativa.

Fonte / bióloga da Univap – Nós estamos colocando outras propostas de projetos a serem introduzidos aqui. Na parte de educação, orientar o tratamento do esgoto, horta comunitária. Várias atividades que podem estar trazendo um significado importante para essa comunidade. Valorizando e levantando a auto-estima. Colocando ela como uma comunidade importante dentro da cidade de São José do Rio Preto.

O brasileiro é tomado como ator social das ações retratadas na matéria “Piscicultura”. Na reportagem “Indústria e Exportação”, a valorização do trabalho brasileiro é ainda mais explícita. Já na *abertura*, o apresentador situa o tema e o enfoque:

Pequenas e médias empresas que apostam na criatividade e competência dos profissionais ajudam o Brasil a conquistar novos mercados no exterior. Um bom exemplo é o setor de tecnologia.

A matéria segue este tom, tanto no texto dos *offs*, como na reprodução das *sonoras* com as fontes. Um Brasil que produz para si e para os outros se torna referência no setor da informática. O exemplo contribui para a construção de uma imagem positiva do Brasil:

Repórter – Criados para tocar as máquinas inteligentes e também para facilitar a vida de milhares de pessoas, o *software* tem assumido um papel importante na economia. Com a Agência de Promoção de Exportações, a estratégia do governo é incentivar, cada vez mais, a exportação desse tipo de produto, com alto valor agregado.

Fonte / empresário – O Brasil está sendo reconhecido por pesquisas internacionais, que mostram que a nossa indústria tem um grande diferencial de qualidade e flexibilidade na área de aplicativos. Nós temos, hoje, domínio desse segmento; sobretudo, na área de automação bancária, onde nós nos fazemos escola para o mundo. Nós somos uma referência, inclusive internacional. Só que é chegada a hora de nós vendermos isso para o mundo. De nós mostrarmos que o Brasil não apenas desenvolve isso para a sua própria demanda, como tem muito a contribuir para o crescimento de outras nações, outras empresas privadas, mundo afora.

A fonte fala em primeira pessoa do plural, referindo a indústria da informática como “nossa”. O modo como se expressa remete a um sentido de pertencimento, muito próximo aos valores de *família*, de *comunidade* e de *trabalho coletivo*, referidos nas matérias anteriores. Mais do que isso: aponta para a valorização daquilo que as pessoas fazem. O que está relacionado à vida em comunidade, como valor cristão/católico. Este, da maneira como é entendido pela Igreja, requer a aceitação do *outro*, remetendo a valores como *respeito ao diferente* e *solidariedade*, ao quais estão, intimamente, ligados ao princípio do *diálogo*.

As histórias de vida permeiam todo o programa, seja inseridas em reportagens, como depoimentos ou exemplos que ilustram os temas, como veremos na análise das fontes, seja através de reportagens sobre histórias de pessoas. Deste último caso, um exemplo é a reportagem “Música nordestina”. O enfoque é a história de Zabé da Loca, uma personagem social peculiar e importante para a cultura brasileira. O recurso do texto descritivo repete e reforça as informações das imagens – ambos descrevem a figura central. Contribui para a construção de uma reportagem que trata, de modo particular, de uma personagem brasileira:

Repórter – Lenço no cabelo, o cigarro de palha, a pele curtida, a fé no coração. Oitenta anos da mais genuína tradição nordestina. Isabel da Silva é o nome de batismo. Zabé da Loca, um patrimônio cultural. Mas, o que trouxe Zabé do agreste nordestino aos pés do Cristo Redentor? É uma longa história. Viúva, analfabeta, virou uma lenda na Paraíba. Durante 25 anos, sem ter onde morar,

Zabé criou os três filhos numa gruta, em Monteiro, no agreste da Paraíba. Daí veio o apelido.

A reportagem “Música nordestina” transforma a fonte na própria história da notícia. As histórias das pessoas, personagens sociais que representam o cotidiano, são usadas, também, para abordar um outro valor – o *voluntariado*. Hoje, temos uma sobrevalorização do trabalho voluntário, com a proliferação de Organizações Não-Governamentais, consequência de um Estado enfraquecido, incapaz de dar conta de serviços básicos, e de administrações públicas que priorizam o econômico.

Além de atual, o voluntariado é um valor assumido pela Igreja Católica: “É obrigação de todo o povo de Deus, arrastado pela palavra e pelo exemplo dos Bispos, aliviar na medida de suas forças a miséria dos tempos atuais” (GAUDIUM ET SPES, 1972, item 506). Está relacionado, por sua vez, a um valor ainda mais importante na doutrina católica – a *caridade* – “o primeiro e mais necessário dom”, pelo qual “amamos a Deus acima de tudo e ao próximo por causa d’Ele” (LUMEN GENTIUM, 1964, item 110).

A caridade é, segundo a Igreja Católica, necessária às relações com o outro, no convívio em comunidade, bem como é condição para o diálogo. É um valor presente nas reportagens do “Este é o meu Brasil”, que mostram os bons exemplos de alternativas de renda, da produção brasileira, de histórias de vida e, também, de ações sociais, conforme retratam as reportagens “Doutores da alegria” e “Formação profissional”.

A atividade do grupo “Doutores da Alegria” é pautada a partir de um fato recente – o lançamento de dois livros sobre o grupo. O acontecimento é usado como gancho para que o trabalho voluntário seja mostrado. O enfoque da abertura é o próprio grupo:

Cabeça – Uma nova atividade está substituindo a profissão do antigo palhaço. Os novos mestres em besteirologia são os “Doutores da Alegria”. Eles levam riso para os hospitais e transformam o ambiente em esperança de vida. Todos trabalham com patrocínio de laboratórios e governos. Mas, têm sonhos.

A referência ao lançamento dos livros, fato social que gera a matéria, aparece no primeiro *off* e na primeira *sonora*. O restante da reportagem – mais um *off* e outras duas *sonoras* – contam o que fazem os “Doutores da Alegria”. As imagens apresentam os voluntários, no local de lançamento dos livros – uma livraria. Textos e imagens, auxiliados por recursos sonoros – risos, aplausos, apresentações musicais – dão à matéria um tom alegre, apropriado ao tema da matéria, e ajudam a informar sobre o trabalho realizado pelos “Doutores da Alegria”.

Diferente da reportagem anterior, que para ser produzida precisou de um *gancho* jornalístico – o lançamento dos livros, “Formação profissional” é o relato do trabalho voluntário em si. Conta a história do projeto da Usina da Cidadania, a partir dos depoimentos dos alunos dos cursos profissionalizantes, narrando quais são e como acontecem as atividades:

Repórter – O Antônio Teles é porteiro. Quando começou o curso, há dez meses, nunca tinha trabalhado com madeira. Aos poucos, ele aprendeu o ofício. E já faz móveis para fora.

Fonte / aluno / porteiro – Os meus planos, daqui para a frente, já que eu me formei em marcenaria, estão sendo levantar um capital para comprar algumas ferramentas e montar uma marcenaria para mim. Trabalhar por conta própria.

Há, no programa, a valorização das experiências pessoais e sociais do brasileiro. As reportagens, de uma forma ou outra, retratam tais experiências. O “Este é o meu Brasil” apropria-se das reportagens para mostrar, através do próprio Brasil, as qualidades do país. O lado bom do Brasil tem, conforme as reportagens, uma estreita relação com valores

cristãos/católicos. Os avanços sociais para que este *lado bom* cresça dependem, de modo especial, da garantia dos direitos dos cidadãos.

– Os direitos do brasileiro

O “Este é o meu Brasil” empreende, não necessariamente de forma explícita, a defesa dos direitos essenciais do homem. Há, nele, o indicativo de que os investimentos sociais são importantes para o desenvolvimento do país, um valor assumido pela emissora ao priorizar reportagens sobre este tema ou relativos a ele. Nessa perspectiva, as reportagens tendem a retratar projetos sociais – “Capacitação de idosos”, “Energia elétrica” e “Artesanato e saúde”. Os aspectos sociais do Brasil são um tema recorrente no programa. Traduzem, de certa forma, a visão cristã/católica de sociedade, a qual prima pelo social, apoiada em valores como *igualdade, justiça e caridade*.

A *Vida Econômica e Social* constitui o terceiro capítulo da Constituição **Gaudium et Spes**. A Igreja desaprova as ações pessoais e sociais “impregnadas de um certo espírito de lucro”, cujo resultado é a desigualdade social (item 413). O desenvolvimento econômico, para a Igreja Católica, tem como finalidade “o serviço do homem e do homem completo, atendida a hierarquia de sua vida intelectual, moral, espiritual e religiosa; de todo o homem, dizemos, de qualquer comunidade humana, sem distinção de raça ou região do mundo” (item 417).

Neste sentido, o “Este é o meu Brasil” comporta notícias que demonstrem ações sociais, sejam privadas, comunitárias, voluntárias ou públicas. O programa pauta duas

reportagens sobre ações do governo federal. “Capacitação do idosos” valoriza o social ao noticiar a assinatura de um convênio entre governo e uma universidade:

Repórter – O convênio prevê o repasse mensal de meio milhão de reais do governo federal para a criação de projetos sociais voltados para a terceira idade. A PUC entra com a capacitação dos idosos e coordena o Centro de Convivência.

O sistema de parcerias, que objetiva atender às necessidades básicas da população, é referido, novamente, na reportagem “Energia elétrica”. Mais uma vez, o *social* é pauta no programa:

Repórter – O programa do governo federal “Luz para Todos” foi apresentado por coordenadores do Ministério de Minas e Energia, aqui no Paraná, em uma parceria com o governo do Estado e com a Coprel.

Seguindo esta tendência, de mostrar ações que atendam às necessidades do homem, estão as matérias relacionadas tanto à saúde, quanto à cultura. A saúde preventiva é tema em três reportagens: “Alimentação e saúde”; “Osteoporose” e “Acidentes na infância”. Aparece, ainda, na reportagem “Terapia para idosos”, onde o sentido curativo, porém voltado para recursos inovadores e alternativos, serve como exemplo de experiência que visa ajudar o outro. Entretanto, a saúde permeia outras temáticas, quando ocorre nas reportagens “Produção rural”, “Doutores da Alegria” e “Artesanato e saúde”. É, portanto, uma preocupação constante do programa.

O tema *saúde* está em todos os blocos. O primeiro comporta uma matéria sobre o assunto. O segundo, outra. Já o terceiro tem três matérias que envolvem o tema. É característica dessas reportagens apontarem atitudes alternativas e naturais, tanto para a prevenção, como para a cura. “Alimentação e saúde”, por exemplo, aborda o consumo da

berinjela no combate ao colesterol. Explicativa, a matéria esclarece crenças populares, sustentada em fontes especialistas, mas aponta para a importância de uma alimentação saudável:

Fonte / nutricionista – Por si só, ela não vai fazer a pessoa emagrecer. Mas, como ela é um alimento de baixa caloria e que oferece saciedade, ajuda no processo de emagrecimento. Ela tem licopeno, que é uma substância que ajuda na prevenção de doenças como o câncer, por exemplo. Ela não é um alimento milagroso! Não é ela que vai evitar o câncer totalmente. Mas, ela pode ajudar a manter o corpo saudável e prevenir esse tipo de doenças.

As matérias sobre saúde preventiva tendem ao tom educativo¹¹⁴. Não é à toa que em “Acidentes da infância” o programa apresenta uma relação entre saúde e educação. A reportagem noticia o estudo de um médico que sugere a inclusão, nos currículos escolares, da disciplina de Prevenção de Acidentes:

Cabeça – Um médico mineiro sugere às autoridades educacionais a inclusão de uma disciplina de Prevenção de Acidentes nas escolas. Ele trabalha num pronto-socorro. E atende grande número de crianças vítimas de queimadura por acidentes.

Fonte / cirurgião-plástico – Não só a criança aprenderia. Mas, ela chegaria em casa e colocaria essas informações para a família. E mudaria uma cultura arraigada, que nós precisamos banir do nosso cotidiano.

A cultura, por sua vez, remete a valores católicos já referidos, como o de comunidade, que impõe o convívio com o outro, assim como o de bem comum e a solidariedade. O “Este é o meu Brasil” tende a valorizar a diversidade da cultura brasileira. Engloba reportagens sobre a música popular brasileira, e, ainda neste campo, sobre os ritmos populares de regiões do país, como em “Música nordestina” e “Música e dança”:

¹¹⁴ O tom educativo do programa situa-se entre duas concepções de educação (referidas no capítulo 2) relacionadas às perspectivas a partir das quais a Igreja Católica entende a comunicação: o saber e o fazer. No saber, a educação enfatiza a transmissão de conteúdos, enquanto que, no fazer, temos a educação “manipuladora”, que visa determinados efeitos.

Repórter – O ritmo é o *reggae*, mas a dança é *juntinho*. A inovação é bem conhecida em São Luiz do Maranhão e tem nome: é o *refô*. Uma fusão do som jamaicano com o forró. Depois de visitar o estado nordestino, o músico e professor Negãozão resolveu divulgar a dança. E, ao mesmo tempo, fazer um trabalho social. Para isso, começou uma oficina com meninos do Aglomerado Santa Lúcia. Por causa da violência não pode continuar. Mas, não desistiu. E, hoje, dá aula para grupos de várias classes e idades. Aqui, não há distinção. E quem não pode pagar dança a mesma batida de quem paga pelas aulas. O casal Yeda e José Paulo não falta a uma aula sequer (trecho da reportagem “Música e dança”).

A música e a dança, como expressões artístico-culturais, assumem, nesta reportagem, espírito de comunidade e de serviço ao bem comum, tal como ocorre em “Doutores da Alegria” e “Artesanato e saúde”. Esta última, sobre artesanato com material reciclado, descreve, nos textos, o trabalho realizado, exibido, concomitante à narração, pelas imagens:

Repórter – São cerca de 100 peças, espalhadas pelas salas e corredores do prédio, entre roupas, ornamentos, máscaras e brinquedos. Na entrada, dois vestidos de noiva chamam a atenção. Eles são feitos de papel crepom, cordão e plástico. Logo depois, Iemanjá recebe os visitantes. As peças foram produzidas por pacientes psiquiátricos e crianças internadas na rede Cemig. Depois de participar de oficinas de arte, eles colocaram as idéias em prática.

Fonte / organizadora – Para o paciente, além da própria ressocialização, há a consciência, hoje, meio urgente, do que seria estar vivendo num planeta à beira do caos. E que se precisa fazer alguma coisa.

A *sonora* da fonte explicita uma questão recorrente nas matérias sobre cultura: o “Este é o meu Brasil” prioriza a apresentação de fatos sociais relativos à cultura, assim como a outras editorias, que apresentem valores como solidariedade e caridade e, antes de tudo, preservação da vida. A música, a arte e o teatro atuam a serviço do *amor ao próximo*. Para além disso, a cultura remete à valorização da identidade brasileira – “Capoeira” e “Arte brasileira”. É, por isso, mais um tema que auxilia na construção de boas imagens do Brasil. Junto a outras editorias, divulga o país para o próprio país, porque a Rede Vida tem

alcance nacional e deseja concretizar e ser reconhecida como tal, utilizando o jornalismo para atingir esse objetivo:

Nós vamos pegar as notícias do RS, das capitais do Brasil, e todo o mundo vai ter um canal de comunicação nacional, difundindo aquela realidade que eles estão fazendo. São coisas que não vão ser pautadas por outros canais, mas quando entram no nosso canal são coisas atualizadas também. Por exemplo, uma coisa que o Brasil tem que fazer hoje é a cultura do turismo. Peça para o Ivan (gerente de programação) te mostrar as matérias que nós temos ali sobre turismo. É uma campanha da Rede Vida. O Brasil é dividido em regiões, então, em cada momento do nosso comercial a gente mostra para que o brasileiro visite seu país. Nós temos ali como uma espécie de comercial, uma campanha. E a Rede Vida pode fazer esse jornalismo, porque tecnicamente a Rede Vida tem condições para fazê-lo¹¹⁵.

Esta proposta é assumida pela Rede Vida em diferentes editoriais, mas, de modo especial, em cultura e turismo. A emissora tem, inclusive, uma campanha, exibida nos comerciais, divulgando as regiões brasileiras. Além disso, a cultura e o turismo, enquanto tema de reportagens jornalísticas, tornam-se um instrumento para viabilizar seu projeto de integração nacional, objetivo manifestado pelos seus dirigentes.

Mesmo com propostas editoriais diferentes, o “JCTV”, o “Tribuna Independente” e o “Este é o meu Brasil” nutrem, em comum, algumas características. Uma delas é este espírito de integração nacional. Outra é a defesa dos direitos e deveres dos brasileiros, posicionando-se, na maioria das vezes, ao lado dos mais necessitados e injustiçados. Os temas das reportagens aqui analisadas tendem a abordar direitos essenciais à vida, como o trabalho, a saúde, a moradia, a educação, o lazer e a cultura.

O jornalismo, na Rede Vida, relaciona-se, ao priorizar estes temas, com a proposta de comunicação referida, na América Latina, em especial, nas Conferências de Puebla e

¹¹⁵ MONTEIRO NETO, Luiz Antonio. Entrevista à autora em entrevista, durante a observação participante, em 13 de julho de 2004.

Medellín, e, como identifica Melo (2005, p.44), pelo “novo jornalismo católico” (anos 80), comprometido com os pobres e com os marginalizados políticos e sociais. É uma proposta que se pretende dialógica, meta não alcançada na comunicação televisiva, devido à verticalidade do processo de produção. Entretanto, o espaço dedicado a tais temas deve ter sua validade reconhecida, por constituir uma estratégia para que esses assuntos estejam em discussão na sociedade. O jornalismo da Rede Vida contribui para isso, mas, ao mesmo tempo, reproduz, através desses temas, os valores cristãos/católicos.

A garantia dos direitos que possibilitem uma “vida verdadeiramente humana” faz parte da própria doutrina católica, segundo consta na Constituição **Gaudium et Spes**, item 279. A Igreja Católica promove e preza pelo *bem comum*, portanto, indispensável a todos. Àqueles a quem os direitos básicos são negados, a Igreja presta solidariedade. Ações que se coloquem do lado dessas pessoas acabam por ser privilegiadas nos programas jornalísticos da Rede Vida, com perfil católico. No “Este é o meu Brasil”, por exemplo, são referidas ações favoráveis ao trabalhador, aos idosos e aos doentes.

O programa “mostra o lado bom do Brasil”, ao dar preferência às reportagens “de caráter ecológico, educacional, saúde e turismo rural”. Os temas são citados pelo apresentador em conversa durante observação participante, e comprovados na análise da edição de 17 de julho de 2004. Uma das peculiaridades do programa é a atenção a valores presentes na doutrina católica, mas não necessariamente religiosos/eclesiais.

5.2.3.3 Fontes

A reportagem, como formato predominante no “Este é o meu Brasil”, permite maior número de fontes. As 20 matérias do programa somam 59 fontes. Diferente do que ocorre no “JCTV”, as fontes do “Este é o meu Brasil” são, em sua maioria, independentes. As 26 fontes independentes/primárias justificam-se pelas características das matérias do programa: são informativas, mas explicam e esclarecem os fatos sociais, através de depoimentos de pessoas sobre o tema ou do uso dessas fontes como recurso para ilustrar as informações, tornando-as concretas. São pequenas histórias de vida narradas a fim de ampliar a reportagem e de dar conta do aprofundamento.

As fontes independentes são usadas, no “Este é o meu Brasil”, em consonância com os valores expressos pela notícia em si. Em caso de reportagens sobre o trabalho em comunidade, os membros comunitários, atores sociais que concretizam o fato, tornam-se fontes importantes para legitimar as informações, e, em consequência, testemunharem os valores implícitos. É o que ocorre em “Piscicultura”. São fontes, além de um especialista, os sujeitos do fato pautado:

Fonte / filha de pescador – Eu acho que é uma saída, porque, além de criar o peixe, ainda solta no Paraíba, para ele poder aumentar. No ano passado, eles soltaram bastante. É vantagem.

Fonte / esposa de pescador – Nunca é demais as crianças aprenderem o que deve e o que não deve, o que pode e o que não pode na pesca. Tem que preservar.

Fonte / crianças – Pega a varinha. Coloca o anzol. Depois, encaixa a minhoca. Aí, coloca no anzol e joga no rio.

Em outras, quando há atitudes voltadas para o bem comum, os sujeitos dessas ações são fontes importantes. Eles contribuem com a legitimação de valores como a

solidariedade e a caridade, referidos nas reportagens, de acordo com o que acontece em “Capacitação de idosos”:

Repórter – Dona Maria de Lurdes será uma das primeiras alunas. Ela é presidente do Grupo Esperança e Vida, que reúne 70 moradores do bairro Dom Cabral.

Fonte / participante – A responsabilidade é grande demais. Mas, é muito gostoso. Vale a pena a gente fazer esse trabalho.

Seguem a mesma tendência “Doutores da Alegria” e “Formação profissional”. As fontes são os atores sociais envolvidos. São personagens ativos na construção da realidade. Mas não são quaisquer personagens. São pessoas que dão bons exemplos ao Brasil. Em “Osteoporose”, as fontes oficiais sequer aparecem na matéria, apesar de existirem (são duas fontes oficiais secundárias que fornecem dados estatísticos sobre a doença). As *sonoras* são realizadas apenas com fontes independentes, responsáveis por exemplificar atitudes que previnem a doença:

Repórter – A osteoporose é uma doença que enfraquece os ossos, aumentando o risco de acidentes e fraturas. Boa parte dos casos é genético. Passa dos pais para os filhos. Mas a doença também pode atacar quem nunca teve um caso na família. Qual tipo de exercício a senhora faz?

Fonte / aposentada – Hidroginástica. E caminho, aqui, no Maracanã, três vezes por semana. E, em casa, procuro me exercitar.

Repórter – ... Anelise tem cinco anos. E já cuida da osteoporose. Um avô e uma tia da menina já tiveram a doença. Na escola, ela pratica capoeira e outras atividades físicas, com outras crianças.

Fonte / mãe de Anelise – Eu dou muito iogurte para ela, muito leite, vitamina e, para fixar o cálcio no organismo da pessoa, tem que pegar sol.

O mesmo ocorre em “Acidentes na infância”. A reportagem tem como recurso o exemplo de uma mãe que relata os cuidados para evitar acidentes domésticos com as filhas. Boa parte da matéria transcorre no interior da casa dessa fonte. Os exemplos, como temos referido, ajudam a dar sustentação às informações, a princípio abstratas. Trazem as

notícias para a vida das pessoas. Além disso, na construção da reportagem televisiva, estas fontes se tornam um recurso importante para a captação de imagens.

Através das fontes independentes, o “Este é o meu Brasil” valoriza o ser humano, como sujeito ativo. Mostrar as boas ações humanas contribui com a proposta assumida pela Rede Vida no programa. O Brasil se vê retratado na figura humana do próprio brasileiro. Além disso, as fontes independentes fazem do programa um espaço para o pluralismo, já manifestado na diversidade de temas e na rede noticiosa. O pluralismo de vozes é, no jornalismo, ainda pouco explorado, mas desejado e primado pela cultura profissional. É relevante para que o jornalismo escape à determinação das fontes oficiais, como, em função das rotinas produtivas, costuma ocorrer. Na Igreja Católica, ao lado do diálogo, é uma condição para valores como respeito e solidariedade.

Neste mesmo sentido estão outros tipos de fontes, as quais contribuem para que o jornalismo produzido atenda ao *equilíbrio*. São as oficiais/primárias (uma) e as testemunhais/primárias (uma). As fontes *independentes* e *testemunhais* têm espaço no “Este é o meu Brasil”, porque as reportagens que o compõem comportam histórias de vida. No caso da reportagem “Música nordestina”, a fonte (testemunha) é a própria notícia. O fato em si é a visita da personagem principal ao Cristo Redentor, no Rio de Janeiro. Mas a reportagem, como um todo, conta a história uma personagem brasileira, importante para a cultura nacional.

Outro tipo de fonte são as especialistas/primárias (cinco). As fontes especialistas são relevantes na produção de reportagens, porque conduzem ao aprofundamento da informação, fornecendo dados sobre áreas específicas. As matérias da editoria de *saúde*

contam, normalmente, com esse tipo de fonte, tal como ocorre em “Alimentação e saúde”; “Produção rural”, “Osteoporose”; “Acidentes na infância”; e “Terapia para idosos”. Os especialistas têm o domínio de informações técnicas de determinada área. Cabe ao jornalismo mediar o conhecimento especializado para atingir o maior número de pessoas possível. O jornalista cumpre seu papel ao usar uma linguagem simples, ao lado de breves falas de especialistas, alternadas com exemplos de pessoas *comuns* (fontes independentes e testemunhas), características das reportagens exibidas pelo “Este é o meu Brasil”.

É preciso referir, entretanto, que, assim como ocorre com as fontes oficiais, os especialistas usam o jornalismo para difundir suas *necessidades de notícias*. Nas reportagens produzidas pela EMATER, isso fica evidente – a EMATER é produtora, mas também é fonte. Os técnicos da EMATER representam os interesses do órgão, reproduzidos pelo programa. O repórter os traduz e abre espaço para a *sonora*:

Repórter – ... Com os investimentos físicos, agora fica mais fácil pensar na transformação do produto. O que os técnicos chamam de *agregação de valor*.

Fonte – EMATER de Rio Azul/PR – É a agregação de renda em relação ao que ele veio ter de retorno, com a venda diversificada desse produto. Se ele fosse comercializar somente o produto *in natura*, o mercado seria muito limitado. Então, em forma de geléia, poupa, sucos e outras bebidas, a capacidade de renda dele vai ser muito maior.

A pesquisadora da Universidade de Minas Gerais é fonte na matéria “Alimentação e saúde”. O “Este é o meu Brasil” usa a fonte para esclarecer aspectos sobre o consumo da berinjela, mas a fonte usa o programa para relatar e divulgar seu trabalho. O jornalismo é, para ela, uma forma de obter reconhecimento público:

Fonte / pesquisadora da UFMG – Dependendo da forma como ela é acondicionada, ela pode apresentar altos teores que são prejudiciais à espécie humana. Quando em excesso, podem levar a intoxicação e a algumas disfunções

hepáticas. Ainda na questão da administração – ela foi mantida fora da geladeira – nós queríamos reproduzir como as pessoas consomem. Muitas vezes, elas preparam o suco, deixam fora da geladeira e consomem, sem se preocupar com possíveis deteriorações que podem estar ocorrendo no alimento.

O uso de fontes especialistas, bem como a pluralidade de vozes nas reportagens do “Este é o meu Brasil”, demonstram a preocupação com o critério de *credibilidade*. As reportagens parecem buscar convencer sobre a veracidade dos fatos, assumindo tal meta como uma preocupação da cultura profissional. Fontes independentes, oficiais, oficiosas, testemunhais e especialistas são exploradas, na construção das notícias, visando, de um modo ou outro, mostrar a credibilidade das informações. Ao mesmo tempo, há, no processo de escolha das fontes, a atuação do critério *equilíbrio*: os diversos tipos de fontes dividem espaço nas reportagens.

Nesta direção, justifica-se o uso das fontes oficiais que, apesar de presentes em menor número, ajudam a dar *equilíbrio*, bem como atendem a critérios jornalísticos como o de *importância* – grau e nível hierárquico dos envolvidos. Das 59 fontes usadas para a construção das 20 reportagens, 23 são oficiais/primárias, e duas, oficiais/secundárias. O uso das fontes oficiais aponta para a preocupação com os critérios de *produtividade* e de *hierarquia / autoridade*. É importante observarmos que, em três matérias, foram usadas apenas fontes oficiais: “Arte brasileira”; “Capacitação de idosos” e “Indústria e exportação”. Mas nelas também o critério de *equilíbrio* permanece. Percebemos que a produção das matérias visa dar conta de todos os envolvidos no tema. A regra jornalística que manda “ouvir todos os lados” é atendida.

“Capacitação de idosos” noticia uma parceria entre Ministério do Desenvolvimento Social e a PUC de Minas Gerais. As fontes são o Ministro do

Desenvolvimento Social, o Reitor da PUC e a Presidente de um grupo de idosos. São todas oficiais, porque representam, na matéria, a pasta, instituição ou entidade por que são responsáveis. Na reportagem, atendem a critérios de *importância*, *produtividade* e *credibilidade*, servindo ao jornalismo da emissora.

Por outro lado, as fontes oficiais garantem a reprodução de interesses relativos às instituições, órgão e entidades que representam. Aproveitam, portanto, o jornalismo para difundir as informações que lhe são convenientes. Como já mencionamos, o jornalismo satisfaz suas *necessidades de notícia*. Nesses casos, as mesmas dos jornalistas.

Como é possível perceber, o “Este é o meu Brasil” não traz, em nenhuma reportagem, fontes relacionadas à religião ou à Igreja Católica. Em meio a muitos programas religiosos, o “Este é o meu Brasil” se sobressai na grade de programação jornalística da emissora por não ter um conteúdo religioso/católico, nem se sustentar na voz oficial da Igreja. Mantém, entretanto, a catolicidade, compromisso assumido pela Rede Vida junto ao INBRAC, ao veicular reportagens permeadas por valores cristãos e da doutrina da Igreja, reproduzidos na escolha dos temas, dos enfoques, nos textos, nas imagens, nos recursos sonoros e nas fontes.

Quadro 19: Fontes nas reportagens do “Este é o Meu Brasil”

TEMA	FONTE	TIPO DE FONTE
Turismo rural	Agricultor	Independente / primária
	EMATER	Oficial / primária
	Proprietário rural	Independente / primária
	Associado Tenda Rural	Independente / primária
	Associada Tenda Rural	Independente / primária
Alimentação e saúde	Professora	Independente / primária
	Pesquisadora	Oficial / primária
	Nutricionista	Especialista / primária
Música brasileira	Compositor	Independente / primária
	Compositor	Independente / primária
	Organizador	Oficial / primária
Música nordestina	Artista nordestina	Testemunha / primária
	Músico	Independente / primária
Música e dança	Engenheiro agrônomo (aluno)	Independente / primária
	Policial (aluno)	Independente / primária
	Estudante (aluna)	Independente / primária
	Dançarino e músico (professor)	Oficial / primária
Capacitação de idosos	Reitor da PUC Minas	Oficial / primária
	Ministro Desenvolvimento Social	Oficial / primária
	Presidente do grupo de idosos (a matéria contempla todos os envolvidos)	Oficial / primária
Alimentação e saúde	EMATER	Oficial / primária
	Produtor Rural	Independente / primária
Energia Elétrica	Beneficiário	Independente / primária
	Presidente da Itaipu	Oficial / primária
Indústria e exportação	Empresário	Oficial / primária
	Empresário	Oficial / primária
	Presidente da Apex	Oficial / primária
Voluntariado	Autora de livro	Oficial / primária
	Ator	Independente / primária
Turismo ecológico	Diretor do parque	Oficial / primária
	Representante do Departamento de Recursos Naturais do RJ	Oficial / primária
	Geóloga	Especialista / primária
Bombeiros	Ministro do Esporte	Oficial / primária
	Coronel do Corpo de Bombeiros	Oficial / primária
	Coordenador da corrida	Oficial / primária

Quadro 19: Continuação

TEMA	FONTE	TIPO DE FONTE
Capoeira	Secretário de Esporte	Oficial / primária
	Capoeirista	Independente / primária
	Mestre de capoeira	Independente / primária
Piscicultura	Bióloga	Especialista / primária
	Filha	Independente / primária
	Esposa	Independente / primária
	Crianças	Independente / primária
	Senhor (não identificado)	Independente/ primária
Saúde – Osteoporose	Aposentada	Independente / primária
	Mãe	Independente / primária
	Sociedade Brasileira de Endocrinologia; Congresso Internacional de Osteoporose	Oficiais / secundárias
Arte brasileira	Ator	Oficial / primária
	Diretor da TV PUC de SP	Oficial / primária
	Presidente Lula	Oficial / primária
Artesanato e saúde	Organizadora	Oficial / primária
Formação profissional	Aluno	Independente / primária
	Aluna	Independente
	Coordenadora	Oficial / primária
Acidentes na infância	Criança	Independente / primária
	Professora	Independente / primária
	Cirurgião plástico	Especialista / primário
Terapia para idosos com Alzheimer	Médico	Especialista / primário
	Fonte não identificada	

5.2.3.4 Observações finais

O processo de produção jornalística comporta, de acordo com as referências teóricas do *newsmaking*, a cultura profissional e a organização do trabalho. No entanto, a produção do “Este é o meu Brasil” não pode ser entendida somente a partir desses aspectos. O programa coloca em relação os critérios de *noticiabilidade*, próprios do

jornalismo, e os objetivos editoriais singulares à Rede Vida, os quais estão vinculados à doutrina social da Igreja Católica. Entre os critérios mais evidentes, situamos a *importância*, o *interesse nacional*, a *qualidade* técnica e das imagens, o *equilíbrio* e o *ritmo*. O jornalista, editor/apresentador do programa, atua a partir desses valores/notícias, desde que respeitem os princípios cristãos/católicos. É neste sentido que assume sua *autonomia relativa*, ao afirmar que trabalha de acordo com a ética e o espírito da emissora.

Poderíamos situar essas questões nas interações sociais, a partir das quais as notícias são constituídas. Contudo, é necessário ressaltar que são interações complexas, que englobam a estrutura da emissora, sua história, aspectos econômicos e compromissos com quem, indiretamente, ajuda a mantê-la – a Igreja. Neste contexto, temos como condição à produção, a atuação de um jornalista que assume a linha editorial do programa, numa relação, coerente a sua ética, de compromisso e fidelidade à Rede Vida.

É este personagem, da produção/edição, que executa, semanalmente, um programa com inúmeras peculiaridades. A edição tem um processo diferenciado, porque, na verdade, não produz a matéria-prima do programa – a reportagem. A função do jornalista é fazer escolhas de algo que, por si só, já é uma reconstrução da realidade. Através das narrativas, a notícia “enquadra” o acontecimento e a realidade, reconstruindo-os. O “Este é o meu Brasil” toma a notícia e recontextualizá-a no corpo do programa.

Ao jornalista cabe apenas reinserir as matérias jornalísticas num novo produto e dar-lhes um enfoque (redação das *aberturas*). O “Este é o meu Brasil” é um novo aproveitamento daquilo que já foi notícia. Reportagens transmitidas por outros programas

ou emissoras passam a servir à sua proposta editorial. A edição do “Este é o meu Brasil”, ao mesmo tempo em que confessa a precariedade da rede noticiosa da Rede Vida, revela a aptidão gerencial dos seus administradores, capaz de garantir a produção de reportagens, de um programa de uma hora, com custos mínimos.

O que se torna ainda mais relevante quando se trata do formato *reportagem*. A produção de reportagens exige disponibilidade de repórteres qualificados e de tecnologia apropriada, elementos dos quais a Rede Vida carece. Mesmo sem condições próprias, a emissora tem um programa de reportagens, sustentado em parcerias. O programa agrega qualidade ao jornalismo da emissora. As reportagens têm qualidade jornalística e permitem o aprofundamento. É um programa não meramente informativo. Devido ao formato priorizado, esclarece, explica e educa.

Para isso, conta com uma pluralidade de fontes, as quais fornecem informações, ilustram e testemunham os fatos sociais, além de, em muitos casos, garantirem a captação de boas imagens. As fontes atendem às necessidades de notícia do programa, assim como se apropriam do programa para atender às suas, num processo de interações sociais próprio do jornalismo.

A pluralidade estende-se aos temas/pautas das reportagens, às editoriais e à cobertura. A rede noticiosa do programa, baseada nas parcerias, garante a cobertura nacional. São pautados fatos locais, de diferentes regiões do país, sobre temas que mostram as qualidades do Brasil, em diferentes setores da sociedade. Há, na escolha das pautas, a atuação do critério de *importância*. Interferem, concomitante aos critérios jornalísticos, os interesses da emissora, entre eles, a meta de efetivar, através da programação, uma rede

nacional, bem como tê-la reconhecida, pela sociedade, pelo público e pelos anunciantes. Na verdade, esta é a intenção implícita na expressão *integração nacional*, manifestada pelo presidente da Rede Vida.

Devido ao contexto de produção e à linha editorial, o “Este é o meu Brasil” opta pelo não-factual. Não significa, entretanto, que as reportagens não atendam ao critério de *atualidade*. As pautas, em si, são temas atuais, em repercussão na sociedade ou de interesse público; por isso, atuais. Outras matérias referem fatos sociais, mas os colocam em segundo plano, em função do tratamento jornalístico que recebem. O acontecimento, recente, é usado para pautar o assunto, mas não é, necessariamente, a essência da notícia. O formato *reportagem*, por permitir o aprofundamento, é decisivo para que isso ocorra. O programa alterna reportagens que apresentam um fato recente, com outras que apenas tratam de um tema atual. Assim como há alternância de reportagens mais longas com outras mais curtas. As escolhas de edição estão baseadas nos critérios de *equilíbrio* e de *ritmo*.

O programa apresenta, como opção editorial, mostrar o *lado bom do Brasil*, além de posicionar-se em defesa dos direitos sociais, como ocorre nos outros programas jornalísticos analisados. Tais características constituem a linha editorial do jornalismo produzido pela Rede Vida. O objetivo não é apenas informar sobre o que acontece no Brasil, mas informar sobre aquilo que é positivo para o país ou que pode melhorá-lo, como ocorre nas reportagens sobre os direitos sociais e naquelas que apresentam alternativas para o desenvolvimento econômico, social e/ou comunitário. Há, nessa escolha editorial, a idealização de uma sociedade justa, fraterna e harmoniosa, visão sustentada em valores da doutrina católica e almejada pela própria Igreja e pela Rede Vida.

O projeto de sociedade, traçado e defendido pela Igreja Católica, manifesta-se, no “Este é o meu Brasil”, na escolha de reportagens que expressem, mesmo que implicitamente, valores de vida cristãos/católicos, tais como os relativos à *família*, à *vida em comunidade*, ao *respeito*, à *solidariedade* e à *caridade*. No mesmo sentido, está a valorização de fontes apresentadas como exemplos de “brasileiros”. As pequenas histórias, contadas no programa, colocam o homem nacional e comum e suas ações em destaque. A *vida* é, portanto, outro valor difundido nas reportagens. Os valores acima referidos estão subentendidos no programa. Assim como está a intenção da Rede Vida em se consolidar como rede de televisão nacional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comunicação é um processo multidirecional, como o diálogo. Na perspectiva da ação-comunicativa, comunicar-se é estabelecer relações interpessoais, por meio da linguagem e da ação. Sem dúvida, um processo que transcorre no sentido horizontal, em que os sujeitos envolvidos encontram-se em situações de similitude. A Igreja Católica defende, oficialmente, as formas dialógicas de comunicação, tanto para o uso dos meios de comunicação, no seu interior, quanto externamente. Além disso, pensa a evangelização, sua missão primeira, a partir do diálogo. A abordagem dialógica da comunicação permeia os documentos sobre a doutrina católica, em particular a partir do **Inter Mirifica**, do Concílio Vaticano II.

Entretanto, quando detentora de espaços nos meios de comunicação, como ocorre com a Rede Vida, a Igreja age alheia ao discurso defensor do diálogo. Assume, na maioria das vezes, uma posição verticalizada, fruto de sua estrutura hierárquica, que reproduz o que fazem, em geral, os produtores midiáticos no Brasil, os quais são alvos constantes de críticas tecidas pela própria Igreja. Boa parte das mensagens difundidas pela Rede Vida, em particular, em programas jornalísticos, reproduz a voz oficial da Igreja e a doutrina

católica. A Igreja apresenta-se como detentora do conteúdo e, na televisão, difunde-o, com a pretensão de massificá-lo.

A crítica à verticalização da comunicação na e pela Igreja não é novidade. Durante a realização do VIII Congresso da União católica Latino-Americana de Prensa (UCLAP), em 1984, em Lima, por exemplo, os participantes já constatavam que “os processos de comunicação eclesial afiguram-se em geral como verticalistas e autoritários” (GOMES, 2005, p.57).

Temos apontamentos, na análise desenvolvida nesta tese, que indicam a continuidade dessa visão instrumentalista do uso dos meios de comunicação, porém, com indícios concretos de que existe o desejo de mudança e de que a mesma se concretiza em determinadas situações da produção e do conteúdo jornalístico da Rede Vida, objeto deste estudo. Tais marcas são, sem dúvida, importantes. Entretanto, a produção jornalística analisada revela que a Igreja Católica tem garantido, na Rede Vida, espaço para a difusão de suas mensagens, através da criação do INBRAC. Evidenciamos uma prática jornalística preocupada com a emissão de conteúdos católicos. A comunicação apresenta-se como o uso de instrumentos técnicos com vistas à conversão/persuasão do telespectador.

Oficial e juridicamente, o INBRAC não tem qualquer ligação com a CNBB ou outro órgão da Igreja Católica brasileira. Há, contudo, na sistemática de estruturação da emissora, viabilizada pelo INBRAC, a relação necessária para que a voz oficial da Igreja embrenhe-se na programação da Rede Vida. Essa sistemática está muito presente no processo de produção jornalística e, portanto, manifesta-se, com intensidade, no conteúdo das mensagens veiculadas.

Analisamos o processo produtivo e o conteúdo de três programas jornalísticos: o telejornal “JCTV”, o “Tribuna Independente” e o “Este é o meu Brasil”, no período de 10 a 17 de julho de 2004. Observamos, na edição, nas pautas (temas) e nas fontes (personagens), a atuação dos critérios de noticiabilidade (*newsmaking*) e as interações sociais, tomadas a partir da teoria interacionista da notícia. Como é visível na análise, o limite entre edição, pautas e fontes é muito tênue. São etapas interligadas, num processo difícil de ser estratificado. Reconhecemos, na separação proposta como estratégia metodológica, a não divisão do processo.

Numa pesquisa quantitativa/qualitativa, entendemos que os programas jornalísticos servem à emissora e à Igreja, eis que, tanto a emissora, como empresa jornalística, quanto a Igreja, como elemento macrossocial, interferem na produção. As interações sociais entre jornalista (produtores dos programas), emissora e Igreja atuam sobre os critérios de noticiabilidade, redefinindo-os. Tais interações ocorrem a partir do momento em que a programação da Rede Vida é mantida pelo INBRAC, órgão *apenas apoiado* pela CNBB e pelo Episcopado Brasileiro. Há, na verdade, o que podemos denominar de adequação dos critérios jornalísticos às necessidades e à estrutura da emissora, como rede que depende, indiretamente, para concretizar-se, da Igreja Católica.

O critério de *importância*, presente em quase todas as notícias e entrevistas, limita-se aquilo que, quanto ao conteúdo, é relevante para que a doutrina católica seja difundida. Predominam, pautas religiosas/católicas, como nomeamos na análise do “JCTV”, ou, ainda, temas a partir dos quais a Rede Vida fortalece o entendimento que a Igreja Católica tem sobre os mesmos.

O “JCTV”, principal telejornal da emissora, sobressai-se como espaço ocupado, essencialmente, pela Igreja Católica, representada, na sua concretude, pela CNBB, pelas arquidioceses, dioceses e paróquias, bem como por outros organismos que compõem a instituição. O programa dedica a maior parte de seus 30 minutos aos fatos que integram a agenda católica de diferentes lugares do país. Explicita, na verdade, a instrumentalização do jornalismo na emissora. O fato, em si, reconhecido, inclusive, pelos produtores jornalísticos, é digno de preocupações quanto à perspectiva de comunicação que orienta as práticas católicas. Por isso, e pela própria cultura profissional, é que a Rede Vida apresenta, dissolvidas entre as notícias religiosas/católicas, outras pautas.

A emissora difunde temas relativos à cidadania como valor humano, social e cristão. Enfoca, por consequência, questões sobre os direitos e os deveres dos cidadãos, enfatizando aquilo que, do seu ponto de vista, é correto e justo. Posiciona-se, na maioria das vezes, do lado dos mais fracos (na sociedade). Além de traçarem o perfil editorial da emissora, essas pautas contribuem com a construção da imagem da Rede Vida, como emissora comprometida com o social, estratégia que visa legitimá-la junto ao governo federal, à sociedade e à própria Igreja, comprometida com os “pobres”, ou, ainda, com aqueles que “não têm voz”, características da comunicação e do jornalismo católico, pensadas na década de 80 e inspiradas, principalmente, na Conferência de Puebla.

O jornalismo, na Rede Vida, prima, também, pelas pautas que efetivam um de seus *slogans*: “o canal da boa notícia”. Na escolha dos temas, aqueles que mostram um *Brasil bom* têm prioridade, junto da valorização das histórias de vida dos brasileiros, como sujeitos das ações noticiadas ou como fonte das matérias. Os temas retratam, na Rede Vida, ações sociais de diferentes regiões do país, que contribuem para a construção de uma

imagem positiva do Brasil e visam efetivar um dos objetivos manifestados pelos dirigentes da emissora: a integração nacional. É uma meta audaciosa, assim como o são aqueles que desejam alcançá-la através da consolidação de uma rede de televisão católica. Têm méritos, pela grandeza da idéia, mas esbarram em dificuldades concretas, evidenciadas nesta tese, que precisam ser superadas. A superação depende, em grande parte, de se repensar a perspectiva de comunicação assumida na prática de emissora.

Quanto às pautas com essas características, é preciso afirmar, ainda, que elas se referem à vida pública dos sujeitos. Outras pautas, por sua vez, permeiam assuntos da vida privada, como as questões relativas à família. A Rede Vida intitula-se “o canal da família brasileira” e esforça-se para que a tradicional concepção católica de família seja difundida. A cidadania, a família e os demais temas que emergem destes têm interesse público e relevância social, o que os torna boas pautas jornalísticas. Estão presentes com frequência no jornalismo, mas na Rede Vida ganham um tratamento diferenciado, voltado à difusão da doutrina católica. Há, portanto, uma adequação dos critérios de noticiabilidade.

O critério de *importância* está, também, relacionado ao grau hierárquico dos atores sociais envolvidos. Nos programas jornalísticos da Rede Vida, a Igreja, na figura de arcebispos, bispos, padres, religiosos, representantes da CNBB e de outros órgãos oficiais da instituição, torna-se sujeito das ações noticiadas. Há a valorização da imagem do sacerdote, o que reforça a hierarquia da instituição. A Igreja, quando não é sujeito, faz-se presente como fonte das notícias. Predominam, em particular no “JCTV”, fontes oficiais católicas. A escolha das fontes oficiais ocorre porque atendem a critérios como *credibilidade* e *produtividade*, não num sentido estrutural, mas, sim, interacionista.

A Igreja, como sujeito ou como fonte, é presença constante no jornalismo da emissora, porque ocupa um espaço que lhe é garantido pelo INBRAC. A interação entre quem produz e este instituto, responsável, juridicamente, pela grade de programação da Rede Vida, orienta a escolha das fontes, as quais, por sua vez, garantem o conteúdo católico até mesmo quando os assuntos não dizem respeito, própria e diretamente, à Igreja.

Contudo, as fontes oficiais católicas compartilham o espaço jornalístico com outras fontes, as quais legitimam o conteúdo proferido por aquelas que representam a oficialidade da Igreja. Fontes oficiosas, independentes, testemunhas e especialistas, católicas ou não, atuam nos programas da Rede Vida, mas, como mostra a análise de conteúdo, elas reforçam, mesmo sem a intenção das mesmas, a catolicidade do veículo.

Com isso, afirmamos que os critérios de noticiabilidade, formados pela cultura profissional e pela organização do trabalho, como desenvolve o *newsmaking*, dependem, na Rede Vida, das interações sociais estabelecidas na estrutura que a mantém. Assim como ocorre com o critério de *importância*, outros valores são utilizados na construção das notícias, a partir das peculiaridades da emissora.

Há, na produção jornalística da Rede Vida, a interferência do *equilíbrio*. Como critério de noticiabilidade, a emissora apresenta, nas edições de uma semana, uma multiplicidade de temas (pautas), bem como, nestes temas, de fontes e de lugares geográficos de cobertura. Sobre o *equilíbrio*, reconhecemos que ele agrega à programação ritmo e dinamicidade, relevantes para a qualidade técnica televisiva. Ainda mais quando aliado a outros recursos de edição, como a mistura de formatos, nas entrevistas do “Tribuna Independente”. Mas, quanto ao conteúdo dos temas, apesar de diversos, há o

predomínio da doutrina católica. Ou seja, há pluralidade, mas ela se limita ao interior da própria Igreja. Quando os temas transpõem os limites da instituição, a Rede Vida apresenta a leitura dos fatos sociais, exclusivamente, à luz dos ensinamentos cristãos/católicos, delineando os traços de um jornalismo católico.

A pluralidade é viabilizada pela *rede noticiosa*. O INBRAC interliga a emissora geradora de São José do Rio Preto e as retransmissoras, outorgadas à TV Independente, as quais pertencem às dioceses, que as instalam, são proprietárias dos equipamentos e as mantêm. A *rede noticiosa* descentraliza a produção jornalística. Há, no seu princípio, a horizontalidade da produção. Entretanto, ela encontra, para se concretizar, entraves, criados pelo próprio modo como está estabelecida a rede. Mesmo descentralizada, a produção emerge do clero, num sentido vertical. O INBRAC viabiliza a rede noticiosa, limita a produção jornalística à Igreja e instrumentaliza a sua comunicação. Não é à toa que um outro critério determinante é o de *serviço*.

Por outro lado, o *equilíbrio*, quanto ao lugar de cobertura dos temas, tem significativa importância para que a emissora cumpra um projeto por ela traçado: ser uma rede nacional. Temos que convir que hoje ela é, concretamente, uma rede de televisão com alcance nacional, graças às retransmissoras instaladas pela Igreja, fato que, para o setor de comunicação no Brasil, dominado por grandes grupos de mídia, é de suma importância. O equilíbrio, como valor/notícia, solidifica, no jornalismo, o objetivo de integração nacional, proposto pelos dirigentes da Rede Vida, desde a criação do INBRAC.

Insistimos em pensar a produção jornalística atrelada às interações sociais que compõem a emissora. Convém mencionar que os jornalistas envolvidos no processo

produtivo têm autonomia relativa, bem como protagonizam situações de conflito entre a cultura profissional e a linha editorial da emissora. A cultura profissional do jornalista prima, por exemplo, pela *atualidade* e pela *qualidade*. Estes dois critérios são, muitas vezes, na Rede Vida, colocados em segundo plano, devido a outros, como os de *importância* e de *serviço*, de acordo com a leitura que a Rede Vida faz dos mesmos.

A autonomia dos jornalistas está na escolha das pautas e das fontes, na elaboração do *script*, na construção das manchetes, das cabeças, na condução das entrevistas. Na edição, o jornalista também exerce seu poder, mas relativo. Nela, o editor mostra que suas ações estão submetidas ao, como muito bem define o apresentador do “Este é meu Brasil”, *espírito da emissora*. A edição, que ocorre em diferentes momentos do processo, a partir das escolhas jornalísticas sustentadas nas interações sociais, concretiza a linha editorial dos programas jornalísticos.

No “JCTV”, a Igreja é notícia. O enfoque das notícias é informativo. O programa é, na programação da Rede Vida, uma extensão da agenda de acontecimentos da Igreja, com breves momentos de exceção, os quais destoam no programa, mas diluem-se em meio a tantas informações católicas. Não é por isso que perdem importância, já que devem ser vistos como indícios de abertura.

A Igreja é notícia também no “Tribuna Independente”. Entretanto, nele, o conteúdo católico está dissimulado na proposta editorial de ser um programa informativo/esclarecedor, como também ocorre no “Este é o meu Brasil”, ainda que, neste, com uma singularidade: mostrar o “lado bom do Brasil”. As entrevistas, no “Tribuna”, e as reportagens, no “Este é o meu Brasil”, são apresentadas para que, a partir de temas

externos à Igreja e, muitas vezes, não-eclesiais, o entendimento católico sobre os mesmos seja reproduzido. Em alguns casos, são referidos temas em torno dos quais a Igreja tem posição polêmica na sociedade (aborto, uso de métodos contraceptivos, divórcio, apenas para exemplificar). Mas a linha editorial dos programas não permite que a polêmica venha a público. Os programas limitam-se a apresentar a leitura que a Igreja Católica faz dos mesmos.

O fato de comporem a programação, ou seja, passarem pelos portões das escolhas jornalísticas, precisa ser encarado como positivo para a comunicação católica. Pautá-los significa que a Igreja não está alheia a questões pertinentes da atualidade e que deseja inserir-se na discussão social, como representante de uma doutrina. Abordá-los, no meio televisivo, é válido, mas teria maior significado jornalístico se, além de expor a leitura católica, a Rede Vida abrisse espaço para que a sociedade dialogue em torno de temas, tendo a Igreja como um dos interlocutores sociais.

A pluralidade de temas e de fontes, a descentralização da produção, as parcerias com outras emissoras e a própria presença de profissionais jornalistas, na produção, são elementos que potencializam o diálogo, mas que carecem, na Rede Vida, de um repensar sobre o sentido e a função social do jornalismo e, acima de tudo, da comunicação católica. Ousamos afirmar que a mudança requer a reforma do pensamento, nos passos do que propõe Morin (2004). Não há como alterar a prática, sem mudar, primeiro, o modo de pensá-las.

É necessário dizer, ainda, que o jornalismo é, certamente, o espaço no qual a mídia melhor pode fornecer elementos para fomentar o diálogo. Na Rede Vida, o

jornalismo poderia contribuir para as práticas comunicativas fundamentadas na perspectiva do *pensar*, ou seja, dialógica, ao abrir-se à pluralidade de fatos sociais e de possíveis leituras dos mesmos. Dentre elas, a leitura católica sobre os fatos, a qual dialogaria com outras interpretações. A questão situa-se no conteúdo das notícias e no tratamento dado a elas.

Explicitamos, assim, uma possível análise, pretendidamente científica, mas, ao mesmo tempo, permeada pelos nossos desejos e utopias. Estamos certos, por isso, que a tese aqui apresentada deve ser relativizada e, por que não, posta em discussão, até mesmo para que adquira validade acadêmica. Além disso, deve ser tomada como um estudo aberto e incompleto, ponto de partida para outras pesquisas, suscitadas a partir das questões aqui apresentadas.

REFERÊNCIAS

ALMANAQUE ABRIL. **Brasil 2002**. São Paulo: Abril, 2002.

ARONCHI DE SOUZA, José Carlos. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica: As técnicas do jornalismo**. São Paulo: Ática, 1990.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARROS FILHO, João Monteiro de. **O que é INBRAC**. São Paulo: INBRAC/Rede Vida, 2003.

BARROSO, Porfírio. **Ética de los médios de comunicación**. Madrid: Paulinas, 1990.

BARTHES, Roland. **Crítica e verdade**. São Paulo: Perspectiva, 1970.

BETTENCOURT, Estevão Tavares. **Crenças, religiões, igrejas e seitas: quem são?** Santo André: O Mensageiro de Santo Antônio, 1995.

CAPARELLI, Sérgio. **Televisão e capitalismo no Brasil**. Porto Alegre: L&PM, 1982.

CARTA ENCÍCLICA ECCLESIAM SUAM. **Paulo VI**. Roma, ago. 1964.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede** – A era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 2002a. v.1.

_____. **O poder da identidade** – A era da informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e Terra, 2002b. v.2.

_____. Tecnologia de la información y capitalismo global. In: GIDDENS, Anthony; HUTTON, Will (Eds.). **En el límite: La vida en el capitalismo global**. S.l.: Kriterion Tusquets, 2001.

CASTRO, Vicente Gonzalez. **La entrevista para televisión**. s.l.: s.ed., 1994.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO, 1. Rio de Janeiro, 1955. In: DARIVA, Noemi (Org.). **Comunicação Social na Igreja** – Documentos fundamentais. São Paulo: Paulinas, 2003.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO, 2. Medellín, 1968. In: DARIVA, Noemi (Org.). **Comunicação Social na Igreja** – Documentos fundamentais. São Paulo: Paulinas, 2003.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO, 3. Puebla, México, 1979. In: DARIVA, Noemi (Org.). **Comunicação Social na Igreja** – Documentos fundamentais. São Paulo: Paulinas, 2003.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO, 4. Santo Domingo, 1992. In: DARIVA, Noemi (Org.). **Comunicação Social na Igreja** – documentos fundamentais. São Paulo: Paulinas, 2003.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Igreja e Comunicação, rumo ao novo milênio**. São Paulo: Paulus, 1997. [Documentos da CNBB, n.56].

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Igreja e Comunicação, rumo ao novo milênio**. São Paulo: Paulus, 1997. [Documentos da CNBB, n. 59].

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Igreja e Comunicação, rumo ao novo milênio**. São Paulo: Paulus, 1997. [Estudos da CNBB, n.75].

CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA LUMEN GENTIUM SOBRE A IGREJA. Concílio Vaticano II, 1964. In: COMPÊNDIO DO VATICANO II. Petrópolis: Vozes, 1972.

CONSTITUIÇÃO PASTORAL GAUDIUM ET SPES. Concílio Vaticano II. In: COMPÊNDIO DO VATICANO II. Petrópolis: Vozes, 1972.

CURADO, Olga. **A notícia na TV: O dia-a-dia de quem faz telejornalismo.** São Paulo: Alegro, 2002.

DALE, Romeu. **Igreja e comunicação social.** São Paulo: Paulinas, 1973.

DALVIT, Augusto (Mons). **Aliança: História de amor.** Porto Alegre: Edições Aliança, 2000.

DARIVA, Noemi (Org.). **Comunicação social na Igreja – Documentos fundamentais.** São Paulo: Paulinas, 2003.

DECRETO CHRISTUS DOMINUS. Concílio Vaticano II. In: COMPÊNDIO DO VATICANO II. Petrópolis: Vozes, 1972.

DECRETO INTER MIRIFICA. Concílio Vaticano II. In: COMPÊNDIO DO VATICANO II. Petrópolis: Vozes, 1972.

DELLA CAVA, Ralph; MONTERO, Paula. **E o verbo se fez imagem – Igreja Católica e os meios de comunicação no Brasil, 1962-1989.** Petrópolis: Vozes, 1991.

DIAS, Arlindo Pereira. **Domingão do cristão: Estratégias de comunicação da Igreja Católica.** São Paulo: Salesiana, 2001.

DÍEZ, Felicísimo Matínez. **Teologia da comunicação.** São Paulo: Paulinas, 1997.

DIVINO AFFLANTE SPIRITU. **Carta encíclica sobre o modo mais oportuno de promover o estudo da Sagrada Escritura,** 30 de setembro 1943, Pio VII.

EDITORIAL. **Perspectiva Teológica,** Belo Horizonte, n.34, 2002.

EDO, Concha. **Periodismo informativo e interpretativo – El impacto de Internet en la noticia, las fuentes e los géneros.** Sevilla: Comunicación Social, 2003. [Colección Periodística, 4].

EISENSTEIN, Elizabeth. **A revolução da cultura impressa: Os primórdios da Europa moderna.** São Paulo: Ática, 1998.

FAMÍLIA CRISTÃ, São Paulo, n.2, fev. 1989.

FAMILIARIS CONSORTIO. **Exortação apostólica da família crista no mundo de hoje**, 22 de novembro 1981, João Paulo II.

FEATHERSTONE, Mike. **O desmanche da cultura** – Globalização, Pós-Modernismo e Identidade. São Paulo: Studio Nobel/Sesc, 1997.

FESTA, Regina. **Comunicação popular e alternativa no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 1986.

GANS, H. **Deciding what's news**. New York: Pantheon Books, 1979.

GIOVANNINI, Giovani. **Evolução na comunicação**: Do sílex ao silício. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1987.

GOMES, Pedro Gilberto. Contribuições do cristianismo para as idéias comunicacionais da América Latina. In: HOHLFELDT, Antonio; GOBBI, Maria Cristina (Orgs.). **Teoria da Comunicação**: Antologia de pesquisadores brasileiros. Porto Alegre: Sulina, 2004. p.237-254.

_____. Decifra-me ou te devoro... sobre a evangelização e a mídia do ponto de vista da comunicação. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, n.34, 2002.

_____. Direito à participação na produção da comunicação dentro da Igreja. In: MELO, José Marques de. **Comunicação eclesial**: Utopia e realidade. São Paulo: Paulinas, 2005. p.57.

GUERRA, Lemuel. As influências da lógica mercadológica sobre as recentes transformações na Igreja Católica. **Revista de Estudos da Religião**, ISSN 1677-1222, 2003.

HABERMAS, Jürgen. **Teoria de la acción comunicativa y estudios previos**. Madrid: Cátedra, 1987.

HACKETT, Robert. Declínio de um paradigma? A parcialidade e a objectividade nos estudos dos *media* noticiosos. In: TRAQUINAS, Nelson. **Jornalismo**: Questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Veja, 1993. p.101-132.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias qualitativas na sociologia**. Petrópolis: Vozes: 2000.

HALL, Stuart; CHRITCHER, Chas; JEFFERSON, Tony; CLARKE, John; ROBERTS, Brian. A produção social das notícias: O *mugging* nos media. In: TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo: Questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Veja, 1993. p.224-250.

HIDALGO, Antonio López. **Géneros periodísticos complementarios** – Una aproximación crítica a los formatos del periodismo visual. Sevilla: Comunicación Social, 2002.

IANNI, Octavio. **A era do globalismo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

INSTRUÇÃO PASTORAL COMMUNIO ET PROGRESSIO. **Encíclica sobre os meios de comunicação social**. São Paulo: Paulinas, 1971.

JARVIE, I. C. **Concepts and society**. Londres: s.l., 1972.

KILPP, Suzana. **Apontamentos para uma história da televisão no Rio Grande do Sul**. São Leopoldo: Unisinos, 2000.

KUNCZIK, Michael. **Conceitos de jornalismo** – Norte e Sul. São Paulo. EDUSP, 1997.

LAGE, Nilson. **A reportagem: Teoria e técnica de entrevistas e pesquisa jornalística**. São Paulo: Record, 2001.

_____. **Ideologia e técnica da notícia**. Petrópolis: Vozes, 1982.

LÖWY, Michael. **A guerra dos deuses: Religião e política na América Latina**. Trad. de Vera Lúcia Mello Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 2000

MACIEL, Pedro. **Jornalismo de televisão**. Porto Alegre: Sagra Luzzato, 1995.

MANZINI-COVRE, Maria de Lourdes. **O que é cidadania**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia** – Jornalismo como produto social da segunda natureza. São Paulo: Ática, 1989.

_____. **Televisão**. São Paulo: Scipione, 1994.

MARTHE, Marcelo; VALLADARES, Ricardo. Os católicos contra-atacam. **Veja**, São Paulo, n.40, p.96-103, out. 2003.

MARTINS, Kátia; VALADARES, Mariana. Show de Deus. **Painel – Ciência e Cultura**, Piracicaba, n.42, p.14-15, dez. 2003.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista, o diálogo possível**. São Paulo: Ática, 1995.

____. **Notícia**: Um produto à venda. São Paulo: Summus, 1988.

MEIO E MENSAGEM, São Paulo, maio 2000.

MELO, José Marques de. **Jornalismo opinativo**. Campos do Jordão: Mantiqueira, 2003.

____. **Comunicação eclesial**: Utopia e realidade. São Paulo: Paulinas, 2005.

MINAYO, Maria Cecília. **Pesquisa social**: Teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 1994.

____; SANCHES, Odécio. Quantitativo-qualitativo: Oposição ou Complementaridade? **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, n.9, p.239-262, jul./set. 1993.

MOLOTCH, Harvey; LESTER, Marilyn. As notícias como procedimento intencional: Acerca do uso estratégico de acontecimentos de rotina, acidentes e escândalos. In: TRAQUINAS, Nelson. **Jornalismo**: Questões, teorias e “estórias”. Lisboa: Veja, 1993. p.34-51.

MONTERO, Paula. Os meios de comunicação a serviço da Igreja. In: DELLA CAVA, Ralph; MONTERO, Paula (Orgs.). **E o verbo se fez imagem – Igreja Católica e os meios de comunicação no Brasil, 1962-1989**. Petrópolis: Vozes, 1991. p.201-256.

____. A comunicação nos documentos da Igreja. In: DELLA CAVA, Ralph; MONTERO, Paula (Orgs.). **E o verbo se fez imagem – Igreja Católica e os meios de comunicação no Brasil, 1962-1989**. Petrópolis: Vozes, 1991. p.131-158.

MOREIRA, César. Rádio no Brasil. In: HARTMANN, Jorge; MUELLER, Nélon (Org.). **A comunicação pelo microfone**. Petrópolis: Vozes, 1998.

MORIN, Edgar. Da entrevista no rádio e na televisão. In: _____. **As duas globalizações – Complexidade e comunicação: uma pedagogia do presente**. Porto Alegre: Sulina/EDIPUCRS, 2001. p.61-79.

_____. **A cabeça bem feita**: Repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Brasil: alternativa popular: comunicação e movimentos sociais. In: GRINBERG, Máximo Simpson (Org.). **A comunicação alternativa na América Latina**. Petrópolis: Vozes, 1987.

NA ONDA DO SENHOR – Padre Zeca conquista juventude dourada da zona sul carioca e vira o Marcelo Rossi do Rio. **Veja**, São Paulo, 11 set. 1998.

NEOTTI, Clarêncio. **Comunicação e Igreja no Brasil**. São Paulo: Paulus, 1994.

OLIVEN, Ruben George. **A parte e o todo** – A diversidade cultural no Brasil-Nação. Petrópolis: Vozes, 1992.

OROZCO, Guillermo. **La investigación en comunicación desde la perspectiva cualitativa**. México: Instituto Mexicano para el Desarrollo Comunitario, 2000.

PADRE MARCELO. **Veja**, São Paulo, 28 nov. 1998.

PALÁCIO, Carlos. Do templo tradicional ao púlpito eletrônico – considerações teológicas sobre evangelização e mídia. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte, n.34, p.301-318, 2002.

PARISOT, Dominique. La Iglesia como espetáculo: la ultima tentación católica. **Études**, Paris, jul./ago. 1989.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV** – Manual de telejornalismo. Rio de Janeiro: Campus, 1999.

PESSINATTI, Nivaldo Luiz. **Políticas de comunicação da Igreja Católica no Brasil**. Petrópolis/São Paulo: Vozes/Unisal, 1998.

PUNTEL, Joana. **A igreja e a democratização da comunicação**. São Paulo: Paulinas, 1994.

REDEMPTORIS CUSTOS. **Exortação apostólica sobre a figura e a missão de São José na vida de Cristo e da Igreja**, 15 de agosto de 1989, João Paulo II.

REDEMPTORIS MISSIO. **Carta encíclica do Papa João Paulo II sobre as validades permanentes do mandato missionário da Igreja**, 7 de dezembro de 1990.

REZENDE, Guilherme Jorge de. **Telejornalismo no Brasil – Um perfil editorial**. São Paulo: Summus, 2000.

RIBEIRO, Antonio. O grito do Islã na Europa. **Veja**, São Paulo, p.50-53, 14 jan. 2004.

RÜDIGER, Francisco. **Introdução à teoria da comunicação – Problemas, correntes e autores**. São Paulo: Edicon, 2003.

SCOTT, Gini Graham. **Can we talk?** The power and influence of talk shows. New York: Insights Books, 1996.

SILVA, Michele Boff. **Comunicação – Versão Semanal e revista Família Cristã: uma abordagem hermenêutica**. Porto Alegre: PUCRS, 2002. Dissertação [Mestrado], Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 2002.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Do Santo Ofício à Libertação: O discurso e a prática do Vaticano e da Igreja Católica no Brasil sobre a comunicação social**. São Paulo: Paulinas, 1988.

SOUSA, Jorge Pedro. **Teorias da notícia e do jornalismo**. Chapecó: Argos, 2002.

____; AROSO, Inês. **Técnicas jornalísticas nos meios eletrônicos** (princípios de radiojornalismo, telejornalismo e jornalismo on-line). Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2003.

SOUZA, José Carlos Arochi de. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.

SQUIRRA, Sebastião. **Aprender telejornalismo – Produção e técnica**. São Paulo: Brasiliense, 1990.

____. **Boris Casoy: o âncora no telejornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1993.

THOMPSON, John. **O escândalo político: Poder e visibilidade na era da mídia**. Petrópolis: Vozes, 2002.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo: Unisinos, 2002.

_____. **Teorias do jornalismo, porque as notícias são como são**. Florianópolis: Insular, 2004. v.I.

_____. **Teorias do jornalismo**. A tribo jornalística – Uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular, 2005.

TUCHMAN, Gaye. A objectividade como ritual estratégico: Uma análise das noções de objectividade dos jornalistas. In: TRAQUINAS, Nelson. **Jornalismo: Questões, teorias e “estórias”**. Lisboa: Veja, 1993. p.64-90.

VIEIRA, Liszt. **Os argonautas da cidadania: A sociedade civil e a globalização**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Presença, 1995.

ZILLES, Urbano. **Religiões: Crenças e credences**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

Sites:

http://columbianovo.virtual-net.com.br/hotsites/irmaosdefe_new// Acessado em: 25 fev. 2004.

<http://www.ceris.org.br/noticias>. Acessado em: 20 maio 2004.

<http://www.emater.pr.gov.br/televisao/index.html>. Acesso em: 20 mar. 2005.

<http://www.ibge.net/censo>. Acessado em: 20 maio 2004.

<http://www.odiariodebarretos.com.br/www1/anchieta/>. Acessado em: 17 maio 2005.

http://www.radiobras.gov.br/nbr/capanbr_2004.htm. Acessado em: 26 jul. 2005.

http://www.redevida.com.br/historia_editorial. Acessado em: 13 maio 2004.

http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_19811122_familiaris-consortio_po.html. Acessado em: 15 jul. 2005.

http://www.vatican.va/holy_father/john_paul_ii/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_15081989_redemptoris-custos_po.html. Acessado em: 15 jul. 2005.

http://www.vatican.va/roman_curia/institutions_connected/lev/documents/portoghese.html. Acessado em: 15 jul. 2005.

Entrevistas

BARROS FILHO, João Monteiro de. Entrevista concedida à autora em 16 de julho de 2004, Barretos.

BONATELLI, Andréa. Entrevista concedida à autora em 13 de julho de 2004, São José do Rio Preto.

BOZZETO, Elton. Entrevista realizada em 13 de maio de 2004, às 13h30, na sede da Rede Vida Porto Alegre.

CUNHA, Ivan. Entrevista concedida à autora em 10 de julho de 2004, em São José do Rio Preto.

FABRINI, Luiz Carlos. Entrevista concedida à autora, em 10 de junho de 2004, em São José do Rio Preto, na Rede Vida.

MONTEIRO NETO, Luiz Antonio. Entrevista à autora em entrevista, durante a observação participante, em 13 de julho de 2004.

SOARES, Ismar de Oliveira. Entrevista concedida à autora em 27 de janeiro de 2005, Porto Alegre.

APÉNDICES

APÊNDICE A

Entrevista com Ismar de Oliveira Soares

Nome: Ismar de Oliveira Soares

Data: 27 de janeiro de 2005

Local: Porto Alegre

Michele – O INBRAC foi a melhor opção para viabilizar a Rede Vida?

Ismar – A minha teoria é a seguinte: o Monteiro mereceria ter um busto em cada diocese do Brasil, porque ele conseguiu transformar uma concessão local numa rede. Ele fez uma engenharia que exigiu que cada diocese montasse sua torre, mantivesse sua torre com verba própria, facilitando a difusão do sinal, mas ao mesmo tempo não permitindo que essas mesmas repetidoras tivessem qualquer poder de gerência sobre a programação. Então, para que as dioceses admitissem isso, porque no fundo cada diocese estava contribuindo com a ampliação da rede, cada diocese precisou ser seduzida, no sentido de que ela receberia um valor inestimável, que era a difusão do evangelho. Todo esse discurso católico de evangelização era a moeda de troca. Então, o bispo que não colocava uma torre se sentia culpado por não estar recebendo aquele sinal, sendo beneficiado e colaborando para que houvesse essa rede católica de televisão, uma vez que não havia outra hipótese de a Igreja ter uma cadeia de televisão. No caso, quando eu falo que Monteiro deveria ter um busto, é porque ele deu condições para que a Igreja Católica dispusesse de um canal de televisão. Essa mesma Igreja poderia ter entrado no negócio, dizendo “eu aceito, porém as

condições são essas”. Mas a Igreja, na verdade, confia na assistência de dois bispos da rede: Dom Luciano Mendes de Almeida e Dom Mucciolo, que são membros do INBRAC. Então, o INBRAC, na verdade, é a família Monteiro, esses dois bispos e mais algumas pessoas convidadas. E tem como grande função representar a catolicidade do veículo perante à própria Igreja e fornecer um amparo administrativo para o Monteiro. Como é um grupo fechado, liderado especialmente pelo Monteiro e pelo Mucciolo, não há oportunidade de ingresso de nenhum outro membro da hierarquia ou de outras pessoas. Isso garante para o Monteiro a continuação de seu comando, portanto, deixa a família Monteiro tranqüila de que não haverá ingerências, e deixa a CNBB tranqüila porque existe um órgão tomando conta do canal. Foi a forma encontrada para legitimar a criação da rede. Agora, não sei se você conhece os documentos da CNBB de 1997 sobre comunicação, eu queria situar para você a história desse documento. A CNBB convocou a sua assembléia geral em 1996, tendo como umas das intenções decidir sobre a oficialidade da Rede Vida, tornaria a Rede Vida representante oficial da CNBB e oficial da Igreja. Para aquela assembléia, foram convocados três assessores técnicos: a Ir. Natália (Paulinas), Pr. Gilberto Gomes, e eu. Os bispos receberam um texto preparatório sobre comunicação e pastoral. Eles foram divididos em grupo para discutirem aspectos específicos do esquema que nós montamos. A partir dessas discussões, eles escreviam as suas contribuições. Durante o período da noite, nós, assessores, mais os quatro últimos presidentes do setor da comunicação da CNBB, nos reuníamos para examinar o material produzido pelos bispos. Nós sistematizávamos e devolvíamos para a assembléia. A assembléia lia e fazia modificações, até sair o documento final. Nosso trabalho foi de criar um texto motivador, depois os bispo analisavam suas realidades, elaboravam normas e motivações para a Igreja, e, à noite, nós sistematizávamos. Foi um processo de quinze dias. Dois tópicos chamam a atenção nesse trabalho. O primeiro tópico chama a atenção para o primeiro artigo. No

primeiro artigo nós, assessores, tomamos como referência uma fala de Carlos Messer, um frei carmelita, que pregou no retiro dos bispos, porque os bispos fazem um retiro de reflexão antes de começar a assembléia. O instrutor desse retiro foi o frei Carlos Messer. O frei Carlos Messer havia dito que a grande novidade de Jesus Cristo não foi, na verdade, o que ele disse, mas foi o “como” ele disse. O que ele disse, em parte era tradução do próprio judaísmo, parte eram informações importantes, novas que ele estava trazendo. Porém, a forma como ele disse era a grande novidade. Porque sendo Jesus Cristo a encarnação de Deus, ele dialogava, ele contava histórias, ele pedia que as pessoas interpretassem as histórias, e quando elas não conseguiam, ele dava dicas, sempre fazia perguntas e tal. Ele convivia com os discípulos e com o povo, ele comia o que o povo comia. Então, Carlos Messer dizia que a grande novidade de Jesus Cristo era a maneira como ele se comunicava. Nós tomamos esse mote do Carlos Messer e introduzimos o documento exatamente assim: o mais importante acontecimento relacionado a Jesus Cristo não foi exatamente o que ele disse, mas o como ele disse. Quando essa introdução ao documento chegou na mão dos bispos houve uma reação contrária muito forte. Ainda que eles tivessem aplaudido o Carlos Messer, tivessem homenageado ele, quando isso foi colocado na boca dos bispos, porque eles iriam assinar o documento, eles não aceitaram e reafirmaram que a novidade de Jesus Cristo era a sua doutrina e não a maneira como ele falou; o conteúdo e não a forma comunicativa. Bom, nesse aspecto já ficou evidente qual é a teologia dos bispos a respeito da comunicação. Teologia é a leitura que se faz da mensagem evangélica. Uma leitura que se faz sobre a revelação. No caso, eles tinham a leitura de que o cristianismo era uma doutrina, e não uma forma de vida e de comunicação. Era uma doutrina e essa doutrina geraria uma forma de vida. Já Messer havia dito que a grande novidade era a forma como Jesus se comunicava, e desta forma nós tínhamos uma doutrina. Uma é a comunicação como consequência da doutrina; outra é a doutrina como consequência da comunicação.

Os bispos, então, não aceitaram a hipótese de que a essência da mensagem cristã é a comunicação. Deus que se encarna, é uma comunicação; e Deus que fala e como ele fala. Para a Igreja hierárquica, é essencial que se garanta que eles detenham a informação sobre o conteúdo. Isso faz parte da antropologia da Igreja Católica. A garantia da Igreja Católica faz parte da antropologia cultural.

Michele – Mas o documento refere-se a Jesus como comunicação...

Ismar – Isso aparece posterior, mas se reafirma logo de início que a novidade é a doutrina. Depois se fala em Jesus comunicador. Porém, o sentido forte da expressão de Carlos Messer não foi aceito. Eu estou comentando por ter vivido essa experiência. Por ter vivido, eu notei que ali estava um ponto nevrálgico em relação à Igreja e à comunicação. A Igreja se diz a fonte da comunicação, e não o processo da comunicação. Ela é a fonte. Ela diz o que é certo e o que é errado.

Michele – E isso reflete até hoje, por exemplo, quando se observa a programação de uma emissora como a Rede Vida, onde predomina o conteúdo, a doutrina, a pregação, a leitura da bíblia, e não a forma de fazer comunicação...

Ismar – Isso. Então você matou a charada. Quer dizer, é importante quando se fala numa emissora religiosa ver que ela é exatamente espelho da doutrina assumida pela instituição. Isso é necessário ser dito e ser compreendido para se entender porque determinados modos de comunicação acabam sendo definidos. O segundo ponto que eu queria chamar a atenção sobre essa reunião é: a grande intenção manifestada por alguns bispos era oficializar a Rede Vida como rede oficial da Igreja Católica. Porém, começou

haver discussões na assembléia em que alguns bispos passaram a questionar essa hipótese. Houve várias manifestações de bispos importantes, começou haver questionamentos sobre esse monopólio de bilheteria e sobre a não possibilidade de interferência da CNBB na programação. E, no caso, primeiramente, o documento não foi exclusivamente sobre a Rede Vida, como alguns gostariam. Ele foi amplo e para a televisão católica foram não mais que três itens. Foi como se a CNBB dissesse: “Olha, a Rede Vida não é uma rede oficial nossa. Nós apoiamos, desde que ela tenha um conselho de programação pluralista”. Isso não só para a Rede Vida, mas para todas as emissoras que viessem a ser criadas. O documento cria o princípio de que todas as emissoras católicas deveriam ter um conselho de programação representativo. E, no fim, acabam sendo aprovados três artigos: um artigo que diz que serão bem-vindas todas as iniciativas de criação de televisão católica, portanto não aprovou a Rede Vida como única representante, mas incentivou que outras aparecessem; segundo, que todas as emissoras tivessem um conselho de programação pluralista... (terceiro não lembra). Com isso a Igreja Católica abriu um espaço para a criação de novas iniciativas. E isso acontecerá: um dos aliados da Rede Vida, a Associação do Senhor Jesus, vai criar a TV Século 21; o movimento Canção Nova vai criar a TV Canção Nova; além da televisão de Belo Horizonte; Pato Branco, uma afiliada da TV Manchete; e agora acaba de aparecer uma televisão lá em Belém do Pará, a TV Nazaré. Dentro dessa linha de televisão católica acabam surgindo várias, porém, tirando a de Minas Gerais, as outras seguem o mesmo padrão, voltada para o conteúdo católico, para a ortodoxia católica, com a pregação explícita do dogma, da moral católica. Agora, o importante é que deste documento apenas o item de incentivar novas iniciativas aconteceu; o item de cada televisão ter um conselho não aconteceu.

Michele – O INBRAC não representa?

Ismar – Não, o INBRAC não foi reconhecido como esse conselho. Pode ter acontecido da Rede Vida ter criado um conselho, porém, se o criou, não é um conselho amplo e representativo das várias tendências. Isso era o salvaguarda que a CNBB estava pedindo para apoiar a Rede Vida, e ela não criou. E a própria CNBB não cobrou e desconsiderou o que ela mesma havia aprovado.

Michele – A CNBB exerce influência sobre a programação da Rede Vida?

Ismar – Olha, a CNBB em si não tem uma opinião formada. Existem opiniões de bispos, que aplaudem ou não gostam. E existe uma convivência. Convive-se sem muito entusiasmo. A Igreja não parece entusiasmada com as televisões que tem. Diferente do que acontece com as universidades católicas, as redes de escolas católicas, as congregações. Existe uma convivência que tem sido pacífica. As críticas são fortes, porém não atingem as televisões. Elas também não dão muita importância às críticas. E todos seguem seu caminho.

Michele – Nós, até agora, falamos na Rede Vida como uma emissora católica. Mas, a família Monteiro insiste em dizer que não é uma emissora católica, mas sim o canal da família brasileira. A Rede Vida pode considerar-se o canal da família brasileira?

Ismar – Naturalmente, qualquer veículo tem o seu marketing. A Rede Vida tem o seu marketing. Marketing é a forma de se apresentar diante da população, seja essa forma coerente ou não com a realidade. O marketing não é construído a partir de uma verdade, mas a partir de uma intencionalidade – se quer que as pessoas pensem que. A Rede Vida

quer que as pessoas pensem que ela é o canal da família. Porém, o que as pessoas pensam é que é o canal da Igreja, porque é muito explícita a presença dos sinais católicos. O marketing ainda não conseguiu êxito. Dizer que é da família brasileira entra numa questão antropológica. O que a família brasileira? Se você for analisar do ponto de vista sociológico ou antropológico, é uma família que tem vários perfis, não é uma família só, são muitas famílias; hoje em dia é uma família cada vez menor, observa-se que a família está em crise; que ela é valorizada em muitos aspectos, mas também criticada em outros. Então, dizer que a Rede Vida é TV da família brasileira leva à questão: de qual família brasileira? Ela é muito mais da Igreja do que família, porque se fosse falar em família ela teria que admitir as contradições da família e trabalhar com essas contradições. É o que faz a Rede Globo, é o que fazem as televisões comerciais. Elas trabalham com a família tal qual como ela é. Ela faz novela retratando essa família. E, ainda que as televisões comerciais, nas suas novelas, nas suas programações, tenham as suas intencionalidades, distorcendo o retrato da família, elas dialogam com essa família, porque elas obtêm audiência dessa família. Quando dá 40, 50 pontos de audiência, é porque essa televisão tem alguma coisa a ver com o cotidiano das famílias. No caso, a Rede Vida não representaria o cotidiano de uma família, nem mesmo católica, porque o catolicismo brasileiro é um catolicismo contraditório; é um catolicismo muito particularizado pelas pessoas. O próprio Dom Luciano Mendes de Almeida, por volta de 1994, quando ele reúne um grupo para discutir a programação da Rede Vida, o Instituto Pio XI foi convidado para essa reunião, queria respeitar o público brasileiro, e do público brasileiro não mais do que 4% era católico praticante. Então, se eles fizessem televisão para os praticantes, eles estariam agredindo aos outros 96% do público brasileiro. O Dom Luciano dizia, antes da inauguração da televisão, que quando ela fosse inaugurada, que queria uma televisão aberta, que não tivesse o carimbo católico, para poder dialogar com a sociedade. Existia

uma expectativa, antes da inauguração, de uma grade de programação mais aberta e não tão apologética, que fizesse apologia do catolicismo. Depois, certamente, Dom Luciano vai, talvez, mudar de opinião.

Ismar – Então, a sua pergunta era mesmo...

Michele – Sobre essa questão da família...

Ismar – É um *slogan*, se trata de marketing, portanto se trata de uma proposta feita para que as pessoas acabem acreditando que seja. A resposta é a população que dá. A resposta chama-se audiência. E, no caso da audiência, pelo que se sabe, a televisão Rede Vida tem a preferência de um público já católico e já freqüentador de movimentos. Esse é o perfil do telespectador da Rede Vida. Por outro lado, quando o Monteiro diz que a Rede Vida é o canal da família ele fala isso no sentido católico, no sentido missionário católico: “Eu quero falar, eu quero pregar para a família”. Além do marketing, existe o cunho missionário da televisão. Porém, há uma distância muito grande entre a proposta da Rede Vida e a família brasileira, que é uma família muito complexa e não é exatamente católica no sentido que a Igreja Católica gostaria.

Michele – De modo geral, como o senhor vê a programação da Rede Vida?

Ismar – Antes disso, eu diria um fato que também é importante: quando a televisão foi inaugurada, no dia primeiro de maio de 1994, era dia do trabalho. E, nesse dia, quem estava no comando da televisão era Ricardo de Carvalho. Ele foi uma pessoa muito importante na Rede Vida. O Ricardo de Carvalho tinha uma produtora, tinha sido repórter da Globo jovem, e ele tinha uma produtora que trabalhava em campanha políticas.

Ele trabalhou com vários partidos e inclusive fez a campanha da Erondina, em São Paulo. Estava, na época, trabalhando para o Sebrae. Havia sido assinado um acordo entre o Sebrae e a Rede Vida, no sentido de que o Sebrae garantiria uma parte da programação através do telejornalismo e doaria para a Rede Vida um montante de dinheiro para que ela fizesse seus próprios programas. O comandante da programação seria Ricardo Carvalho, que era, no momento, o produtor do Sebrae. Esse acordo chegou a ser assinado, depois foi anulado. Ricardo Carvalho entra na Rede Vida num momento interessante, porque durante todo o ano de 1993 havia se discutido uma programação para a Rede Vida com a contribuição do Setor de Comunicação Social da CNBB. Eu estava representando um eixo desse setor. Quem era presidente desse setor era Dom Ivo Lorscheiter. Eu, representando esse setor, estava dialogando com o Monteiro sobre a elaboração da grade de programação. A informação que o Monteiro passava é de que haveria verbas da televisão que seriam repassadas para as produtoras, que fariam seus programas. Enquanto coordenador desses contatos com as produtoras, não me cabia aqui saber de onde é que viria o dinheiro. Possivelmente, viria de um acordo como esse com o Sebrae, havia várias negociações, que gerariam verbas para cobrir os gastos da produção. E existia um perfil de programação, espelhado na TV Cultura de São Paulo. Quando eu conversava com setores da Igreja ou da sociedade a respeito dos programas, o exemplo que eu dava era da TV Cultura, uma televisão eticamente aceitável, criativa e com forte gancho cultural. O Monteiro chegou a ir a Brasília, várias vezes, levando a programação na mão. Então, várias vezes, o Monteiro chegou a ter em mãos essa programação. Quando se aproxima a data de inauguração, o Monteiro rompeu conosco esse acordo de cavalheiros e entregou o comando para o Ricardo Carvalho. O Ricardo Carvalho entrou com o argumento de que televisão é lugar de assembléia, televisão é lugar de um comandante, televisão precisa de um capitão. E “eu” sou esse capitão porque “eu” tenho experiência de conduzir uma produtora. No dia da

inauguração houve uma mesa redonda sobre o futuro da Rede Vida e eu havia sido convidado para participar desse debate, que seria coordenado por um apresentador já com experiência em televisão educativa. Quando eu cheguei, o Ricardo Carvalho suspendeu esse apresentador para ele mesmo comandar o debate. Na verdade, havia um confronto entre duas propostas: uma proposta de maior participação da sociedade; e o Ricardo Carvalho, para colocar a televisão no ar, obteve apoio imediato de dois grupos católicos, que foram as Paulinas e os Padres da Igreja São Judas: os padres da São Judas dando respaldo para liturgia; e as Paulinas dando respaldo para os programas religiosos. Então, com o apoio desses dois grupos, o Ricardo Carvalho deu início à programação da Rede Vida e ficou nela vários meses. Não sei quantos, quase um ano. Mas ele fica comandando o processo até que a perspectiva do acordo com o Sebrae não acontece mais. Durante esse tempo, algumas pessoas vão colaborar com o Monteiro, entre elas o padre Augusto, que tinha um programa noticioso voltado para a Igreja, produzido nos estúdios do Sagrado Coração do Santuário dos São Judas de São Paulo. Esse padre Augusto fica quatro ou cinco anos a serviço da televisão. Mas nunca teve nenhuma incidência, ele fazia o seu programa e pronto. O único programa da grade que eu havia construído que foi para o ar durante nove anos chamou-se Convocação Geral...

Michele – Então a sua grade não foi aceita e foi incorporada a proposta do Ricardo Carvalho...

Ismar – Por vários motivos. O primeiro motivo é que a Rede Vida, a CNBB, os bispos ficaram temerosos de contar com a presença de um número muito grande de produtoras sobre as quais eles não teriam controle. Isso ficou evidente. Eles preferiam um comandante único, na parte lógica, que era o Monteiro, e um comandante único, na parte

operacional, que era o Ricardo Carvalho. Então, eles estão trocando a idéia do pluralismo pela ortodoxia...

Michele – Foi montada uma nova grade sob o comando do Ricardo Carvalho?

Ismar – É, foi montada. Agora, o Ricardo Carvalho, por exemplo, é ele que vai dar a instrução de como é que tem ser a missa católica na Rede Vida. Ele chegou dizendo que as missas eram missas televisionadas... E a Rede Vida iria fazer uma missa para televisão. Ele é que ensinou os padres como é que tinham que celebrar. Criam-se as normas de uma missa feita numa pequena capela em São José do Rio Preto, onde vão aparecer o coral, a posição dos padres, a posição dos coroinhas. A nossa proposta era de uma missa itinerante, feita pelo Brasil afora, a partir da cultura local. Então, “como é que os índios celebram uma missa?... Quando houvesse uma missa dos xavantes...”. Haveria todos domingos uma missa festiva que traduzisse a cultura brasileira. A alegação foi de que isso não era missa de televisão, mas era missa para televisão. Havia uma discussão sobre essa história e decidiu-se fazer uma missa dentro de um laboratório, que era uma capela, que é a missa que continua... Mas esse não foi o aporte dos padres para a Rede Vida, foi o que o Monteiro disse que deveria ser. “Como é que deveria ser?” E os padres aceitaram, era a forma deles estarem na televisão.

Michele – Hoje essa missa é muito concorrida...

Ismar – O Ricardo Carvalho tinha uma teoria. Ele dizia que o Brasil católico era um target de 80 milhões de consumidores, de fiéis. E que esses 80 milhões precisavam ver na televisão os símbolos católicos. Então, os padres tinham que fazer aquilo que eles

faziam na igreja, porque aí o povo os reconheceria. Ele foi o grande incentivador de trazer o signo católico para dentro da tela da televisão. Portanto, ele acabou dando as normas...

Michele – Pelo que se vê, ele traçou o perfil que nós temos hoje na Rede Vida...

Ismar – Pois é... Vamos para o décimo ano. São dez anos e seguiu esse roteiro. Agora, com relação ao único programa da minha grade que foi ao ar, ele tem uma história particular. Na verdade, o que eu fiz foi convocar mais ou menos 20 escolas católicas e disse: “Olha, a Rede Vida vai chegar e já tem um programa previsto para as escolas, porém vamos fazer isso de acordo com a proposta educomunicativa, para fazer uma relação entre educação e comunicação como uma prática de trabalho”. A intenção era que fosse um programa elaborado por professores e alunos. Haveria uma assessoria que eu daria, além de uma produtora que traria sua experiência. Nós temos, aí, de um lado, a escola, de outro lado, a minha coordenação, e, de outro lado, a minha produtora. Das 20 escolas convidadas, apenas três aceitaram o desafio: Sagrado Coração, salesiano, colégio São Luiz, colégio arquidiocesano. Os três se uniriam com recursos, equipe de pessoas... A expectativa era que os programas fossem discutidos por um colegiado de professores e alunos e quem fosse participar estudaria o tema, antes, portanto, haveria uma interação maior. O colégio São Luiz deu como contrapartida a construção do estúdio. O colégio arquidiocesano colocou uma equipe de gente trabalhando e os salesianos deram dinheiro. O primeiro obstáculo foi que as produtoras não podiam assumir se não pegassem uma empreitada para fazer “x” programas num período curto de tempo. Com isso, caía por terra a hipótese de quem fosse participar se preparasse. E aos poucos começaram a ser questionadas algumas questões que eu colocava, que era a participação de alunos e professores na decisão das pautas. O colégio dizia que o professor que fizesse isso,

futuramente, poderia cobrar do colégio horas extras, caso fosse despedido. A produtora dizia que precisava ter o comando do processo e que não podia ficar a mercê de assembléia de professores e alunos. E as questões começaram a se avolumar de forma tal que eu resolvi sair do processo, porque já não era mais o projeto que eu queria. Se transformou numa proposta como de qualquer programa de debate. E, foi quando, na verdade, eu havia sido convidado pelo Monteiro para finalizar a grade de programação, então, eu usei isso como argumento para sair: “Olha, como eu vou estar cuidando da parte de programação, eu não vou ficar nesse programa”. E me retirei. E finalmente o Monteiro entregou o comando para o Ricardo Carvalho. O que vai acontecer com esse programa? Primeiramente, chama-se programa “Braus”. Futuramente, os colégios São Luiz e Sagrado Coração de Jesus decidem sair do projeto, porque ficou difícil a convivência, a participação não era igualitária. Ficaram apenas os Maristas. Os Maristas criam uma estrutura e mantêm o programa durante nove anos... E os Maristas adquiriram muita experiência em produção, tanto que depois de quatro anos eles dispensaram a produtora. A última estrela do programa hoje é a estrela das Casas Bahia... Foi o coordenador do “Convocação Geral”.

Michele – O programa mudou de nome?

Ismar – Sim, ele mudou de nome duas vezes. Ele foi “Braus”, “Convocação Geral” e “Intimação”. Passaram de convocar para intimar... Bom, os Maristas tinham um objetivo que foi revelado, de aprender fazer televisão. E os maristas publicaram, no término do programa, um CD Rom e uma revista onde eles reconhecem a minha participação... O que aconteceu com os maristas é que eles decidiram não mais fazer o programa e não mais fazer programa no colégio arquidiocesano... Centraram tudo na PUC

Paraná. É uma história que eu estou te contando porque você disse que pouca coisa mudou na Rede Vida ao longo dos anos...e não mudou.

Michele – Você não vê nenhuma tendência de abertura?

Ismar – Eu tenho ouvido pessoas que dizem que a Rede Vida mudou. Ela tem alugado espaços para a OAB, programas de pós, alguns programas educativos... A presença de outras organizações que alugam espaço para fazer programa tem mostrado isso. [...].

Michele – A programação é um obstáculo para a Rede Vida se manter financeiramente?

Ismar – Desde o início, a família Monteiro lutou por ajudas financeiras. Conseguiram algumas ajudas internacionais, de organizações católicas no exterior... O grupo Mídia adiantou que os medias das agências de publicidade não apoiariam uma televisão católica. Então, na cabeça da mídia, ela é católica. Nesse caso, eu diria que sim, que a programação é um obstáculo. O Monteiro havia dito, certa vez, que na televisão dele nunca se pediria dinheiro ao povo. Ele dizia que pediria dinheiro ao rico, através de uma publicidade ética. Tanto assim que houve um estremecimento entre a Associação do Senhor Jesus, que tinha programa lá, o Domingão do Cristão, porque a Associação pedia dinheiro tranqüilamente; pedia dinheiro para a Associação, e não para a Rede Vida. Usava a Rede Vida para pedir dinheiro para a Associação, o que criou um mal estar. No entanto, o que aconteceu: o Monteiro não conseguiu o dinheiro dos ricos. Ficou a situação: “o que fazer?”. Ele não mudou a programação. Então, foi buscar dinheiro de ajuda internacional.

E as congregações religiosas começaram a colocar programas na Rede Vida. Mas não só colocassem programas lá, mas pagassem pelos programas. Então, ele dava uma tabela de preços: uma hora de programação custa “x”. As congregações tentaram e depois se retiraram, porque, no fundo, acaba ficando muito caro para elas. Algumas congregações dizem que elas conseguem retorno. No caso das Paulinas, elas trabalham direto com comunicação. Mas eu diria que antes da programação, é a filosofia da emissora. É uma filosofia que não está convivendo com a cotidianidade de uma televisão comercial.

Michele – Você acha que é viável uma televisão comercial católica?

Ismar – É viável, porque se nós tomarmos a televisão Cultura, ela é uma televisão com seus obstáculos. No entanto, é uma televisão que tem uma audiência suficiente para obter verbas no mercado. Ela não obtém porque a legislação inibe a TV Cultura de ir para o mercado. Então, se a Rede Vida tivesse uma programação culturalmente aberta, dialogasse com a cultura, trouxesse a cultura brasileira, e trabalhasse com religião através de uma perspectiva multiconfessional, aberta, certamente, ela poderia manter-se fiel ao seu ideário e ao mesmo tempo conseguir audiência. Porque não adianta nada ela querer se fechar numa pregação explícita, igual a que se faz no púlpito, sem ter audiência para falar. Ela fica repetindo o mesmo discurso para quem já sabe. Eu diria o seguinte: falta coragem e segurança para a Igreja Católica avançar nesse sentido. A Igreja Católica não tem, fora o ambiente universitário, um lugar onde ela conseguiu esse diálogo, devido à autonomia que as universidades têm com relação à própria hierarquia. Porque você vê que as universidades católicas são aceitas. Por que esse sucesso que a Igreja Católica obteve na educação não poderia ser obtido na televisão? Ele é repetido no rádio. O rádio católico é aceito. A Rádio América, em São Paulo, briga entre o segundo e o terceiro lugar de

audiência na cidade. Então, no rádio, a Igreja Católica conseguiu diálogo. A televisão não, mas isso porque a própria hierarquia não permitiria. Eu queria chegar a essa conclusão: não foi exatamente o Monteiro que fechou a televisão nessa perspectiva, mas foram os bispos católicos, temerosos de perder o controle sobre a produção e veiculação de imagens. Quando eu digo que não há entusiasmo pela Rede Vida, também não há nenhum esforço para mudá-la, porque ela dá garantia que as coisas vão acontecer de acordo com a ortodoxia e o conteúdo.

Michele – Em vários momentos da sua fala o senhor fala sobre o diálogo. Em minha tese tenho trabalhado com essa perspectiva. O que o senhor pensa sobre a possibilidade de fazer televisão dialógica?

Ismar – Olha, se você perguntar para o Monteiro se ele faz televisão dialógica, ele responderá que sim. Porque o conceito de diálogo é um conceito que cada um interpreta. Quando a gente fala em diálogo sob a perspectiva antropológica significa você fazer programações que permitam que o contraditório, as contradições apareçam. Então, se nós estamos discutindo um tema que é polêmico para a Igreja Católica, mas a sociedade pensa de forma diferente, nós poderíamos abrir espaço para que todos se pronunciassem. Claro que a Igreja Católica vai ter a sua opinião e vai dizer qual é, mas deixaria que as pessoas falassem.

Michele – Ela não precisa mudar a sua opinião só pelo fato de ouvir a outra...

Ismar – Não, não muda... Porém, o telespectador vai confiar naquela televisão porque sabe que ela é aberta. Ela deixa que as pessoas falem. Ela tem a sua posição,

explícita a sua posição, mas permite. Eu assisti nos Estados Unidos programas com padres com grande audiência. Justamente por isso, porque convidavam pessoas que pensavam de modo oposto e colocavam roda de discussão. E o padre era uma voz no meio de outra. Isso é possível quando há segurança de quem é comunicador. Ele é tão seguro de si, do que pensa, da sua capacidade de convencimento, que ele convive com o contraditório. Veja a situação da juventude hoje: ela vê na Igreja uma instituição que impõe seus dogmas e sua moral, então ela decidiu se afastar. Claro que temos os jovens que participam dos movimentos, mas esses jovens já estão dentro da Igreja. Não precisa ter uma televisão para eles. Eu estou falando de milhões de jovens que estão aí na sociedade aberta que poderiam, quem sabe, estar dialogando com a Igreja, e não estão porque em princípio perceberam que ela está fechada para esse diálogo. Eu diria que a Igreja precisa amadurecer muito do ponto de vista da perspectiva humana, antropológica, sociológica. E ter muita segurança do que fala para permitir esse diálogo, essa abertura. Isso em termos de conteúdo. Agora, existem também as questões de forma, que são as experiências de linguagem usadas pelas televisões, pelas publicidades e que exigiriam uma adoção por parte da Igreja. Por exemplo, fazer novela... Você teria que reproduzir situações reais da vida. E a Igreja se sentiria constrangida em fazer isso. Então, ela já não faz novela para evitar constrangimento. E eu vou dizer para você um fato: quando eu estava com o Monteiro discutindo a programação da Rede Vida veio ao Brasil o diretor geral do canal quatro de Portugal. Era uma televisão católica de Portugal. E esse cidadão veio ao Brasil porque ele queria encontrar televisões que produzissem materiais iguais aos da Globo, porque ele achava que a única maneira da Rede Católica de televisão de Portugal sobreviver era ter material de qualidade igual aos da Globo. E ele ficou decepcionado, porque sentiu que as outras emissoras não concorriam com a Globo. A Globo estava sozinha, reinando naquilo que era apetitoso para o povo. Ele dizia para o Monteiro que era preciso competir em

igualdade de condições. Bom, passados uns dois ou três anos eu estava viajando para a Europa, passei em Portugal e tinha comigo o broche que ganhei dele, escrito quatro. E os comissários logo identificaram que era o canal 4 e vieram me perguntar se eu conhecia o canal 4. Eu disse: “Sim, é um canal católico...”. E eles: “Era”. Porque esse canal estava no mercado e colocou ações na bolsa. Daqui a pouco eles perceberam que havia uma multidão de indivíduos comprando ações. E descobriram que era em nome do bispo Macedo. O Bispo Macedo já estava em Portugal e estava comprando ações da TV católica; ele imaginava comprar a TV Católica. Aí eles encerraram a venda de ações para evitar que o inimigo católico adquirisse a televisão. Mas de qualquer forma a televisão entrou numa dívida muito grande e teve que ser vendida. Um outro grupo comprou 51% da televisão. A Igreja Católica, na verdade, ficou com 15%. Esse outro grupo tornou o canal 4 comercial aberto, com tudo o que as televisões comerciais fazem: filmes pornográficos, filmes violentos, total liberdade de expressão. O povo não entendeu nada. E o Monteiro aqui comentava isso: “Nós aqui nunca queremos passar por uma situação igual à de Portugal”. Então, talvez esse fervor do Monteiro em ser fiel à ortodoxia, não permite que ele mude, e não permite que a Igreja Católica admita mudanças na Rede Vida.

Michele – Que papel cumpre o jornalismo na TV católica?

Ismar – Os programas jornalísticos representam o que há de mais criativo na Rede Vida, o que há de mais dialogante com a sociedade. Agora, eles carregam o viés eclesial. O tom eclesial da cobertura é que caracteriza esse jornalismo, que quer trazer a base da Igreja Católica para a televisão. Na verdade, o que eu imaginava era que a Rede Vida aproveitasse o fato de ter base em todas as dioceses do Brasil para criar uma nova estrutura de produção jornalística. Ou seja, ela deveria chamar vários especialistas e

através de um planejamento transportar para a televisão a riqueza cultural do país. Isso se chama um plano de comunicação, que tem que ser feito com muita discussão, envolvendo especialistas em comunicação, cultura, ouvindo os próprios bispos. Esse seria o papel desse conselho de programação, dialogando com profissionais, com os próprios bispos. A dúvida é da real possibilidade da Rede Vida fazer isso, porque ela não tem uma tradição dessa discussão. O dia que isso vier a sair vai ser por ordem dos bispos, e não por uma mobilização...que permita, por exemplo, a liberdade de criação e de expressão que venha do Brasil. Porque se essa proposta vier acompanhada de uma censura, isso já cria uma desconfiança geral e as pessoas não participam. Mas eu sigo acreditando que o Monteiro merece um busto em cada diocese. Mas a Igreja Católica ainda não tem uma televisão.

Michele – E o Brasil precisa de uma TV católica?

Ismar – Boa pergunta! Eu acho que não o Brasil precisa de uma TV católica, a Igreja precisa de uma televisão. A própria Igreja necessitaria de uma televisão que facilitasse o seu diálogo com o país. Seria uma forma dela dialogar com o país. E descobrir, quem sabe, novas missões; novas formas de se aproximar da sociedade num momento em que, reconhecidamente, ela está perdendo, numericamente, os seus fiéis. Agora, a motivação de reconquista de fiéis é uma motivação meio sem sentido, porque as pessoas vão se elas querem; e se elas se tornaram católicas é porque isso corresponde ao encontro que elas tiveram. Agora, essa Igreja só vai ser encontrada se ela estiver próxima do cotidiano das pessoas. Então, para a Igreja seria um belo exercício se ela topasse um projeto de uma televisão cultural, dialogante. Com isso, ela aprenderia muito a dialogar. Ela sairia do espaço do seu seminário para entrar no espaço da cultura. E isso exige muita aprendizagem, muito empreendimento, muita segurança.

Michele – E a Igreja não está preparada para isso?

Ismar – Ela não está preparada, tanto assim que ela não quer uma televisão que se abra. Ela prefere manter-se dentro do seu espaço.

APÊNDICE B

Entrevista com João Monteiro de Barros Filho

Nome: João Monteiro de Barros Filho

Data: 16 de julho de 2004

Local: Barretos/SP

Cargo: Presidente da Rede Vida

Michele – O senhor é o presidente da Rede Vida?

Monteiro – Rede Vida é o nome fantasia. O que existe é a TV Independente, que é emissora, geradora e outorgada pelo Ministério das Comunicações, do governo Sarney.

Michele – É uma TV aberta?

Monteiro – Quando nós disputamos a outorga da TV, ela poderia ser afiliada de uma das redes existentes. E seria apenas uma emissora regional. Nós propusemos à Igreja Católica, através do Dom Antonio Maria Mucciolo, que conheci como bispo da diocese de Barretos, que depois estava como arcebispo de Botucatu. Eu sabia como ele trabalhava e ele sabia como eu trabalhava também, e eu propus para ele: “Olha, se o senhor quiser, nós podemos fazer uma rede de televisão católica, através dessa geradora de São José do Rio Preto. Porém, eu tenho condições, com a minha família, de implantar a Televisão Independente em São José do Rio Preto. Eu não tenho dinheiro para fazer uma rede

nacional de televisão, mas sei como fazê-la”. Nós procuramos Dom Luciano de Almeida, que era presidente da CNBB, e expusemos para ele o projeto. E o Dom Luciano falou: “A CNBB não pode assumir uma rede dessas porque são duzentos e poucos bispos e isso complica. Encontrem o caminho, que nós apoiamos”. O caminho foi a fundação do Instituto Brasileiro de Comunicação Cristã, o INBRAC, uma entidade civil sem finalidade lucrativa, que passou a dar credibilidade junto às dioceses do Brasil, da possibilidade do surgimento dessa rede. Para que essa televisão de São José do Rio Preto se transformasse na cabeça de uma rede nacional de televisão, nós precisávamos de duas coisas fundamentais: primeiro de “transponder” de um satélite da EMBRATEL que pudesse cobrir todo o Brasil e também de um espaço naquele satélite para propagar o nosso sinal.

Michele – Isto continua assim ainda hoje?

Monteiro – Continua, porque é a única maneira. Inclusive, hoje, a Embratel está dentro da Rede Vida. Já sai do nosso transmissor, já entra no equipamento da Embratel e já sobe para o satélite. Por isso, o Brasil todo pega o sinal daquela emissora de São José do Rio Preto. E pega como? As emissoras, para propagar o sinal da Rede Vida, a propagação do sinal de televisão, têm toda uma técnica. Pode ser por antena parabólica, quem tem antena parabólica em todo o Brasil pega a Rede Vida. Nós começamos a fazer projetos junto ao Ministério das Comunicações, pleiteando emissoras e transmissoras em todas as capitais do Brasil e nas maiores cidades, onde estão as sedes e dioceses. Hoje, temos também em cidades menores.

Michele – Quantas são hoje?

Monteiro – É, entre os canais nossos e aqueles de prefeitura que fomos autorizando, passam de 1,5 mil, eu não saberia precisar isto hoje. Mas é um volume expressivo. A outra parte fundamental é que o sistema de propagação de sinais, inclui as televisões pagas também. Você tem as emissoras da Globo, que são através de assinaturas, da Net. Nós autorizamos colocar o sinal da Rede Vida em todo o sistema de televisão a cabo da Globo. Nós temos a DirecTV, a TcSat e a Sky, outros sistemas que pegam os sinais que chegam na sua casa. Então, a Rede Vida, em nove anos, foi cuidando para fazer a propagação do seu sinal no Brasil.

Michele – É uma emissora nacional?

Monteiro – É a única emissora de televisão do Brasil que é realmente uma emissora de integração nacional. É uma emissora que não tem cortes. Porque as outras emissoras têm afiliadas. Nós não tomamos de ninguém, respeitando o quadro existente. E como também era uma emissora em implantação, com limitações iniciais, nós fizemos o seguinte: embora seja uma emissora comercial, a propaganda, quando sair na Rede Vida, ela sai como mensagem nacional, o Brasil todo assiste aquilo, não têm os cortes. E a meta nossa futura é trabalhar em todos os estados brasileiros com empresas que tenham produtos nacionais e não podem fazer porque o preço é muito elevado. Na Rede Vida eles vão pagar o preço que é possível, que está dentro da realidade comercial de cada empresa, e vão poder começar fazer a propagação de seus produtos nacionais. De outro lado, uma outra meta da Rede Vida, é termos em cada capital do Brasil um estúdio auxiliar, como nós temos lá em Porto Alegre. Muito bem, o que nós fazemos: estúdios têm que divulgar as coisas da capital e do interior, é um estúdio estadual, e, no futuro, a meta é nós termos, em cada estado do país, que são 27, revistas televisivas, não vamos falar jornal, uma revista

televisiva, diária, de segunda a sextas-feiras, de 25 minutos. Uma base de 20 vezes por mês. Você vai ter uma revista diária do Rio Grande do Sul, de Santa Catarina, do Paraná... Quem quiser tomar alguma informação do que está acontecendo no Brasil tem um canal exclusivo fazendo isso. Nós vamos tentar pegar nessa revista os acontecimentos que há nos estados. Não na base do puxa-saquismo, mas na base de levantar o que acontece no interior, na capital, política, social, cultural. Você vai viver a realidade de cada estado, pautando notícias positivas, deixando do lado a desgraça do dia-a-dia. Como opção, nós vamos buscar as coisas sérias. Serviço público, sistema de água, esgoto, enfim, o que é normal. Porque eu sou jornalista, sou fundador do Jornal Diário de Barretos. Comecei em 1955, comprando os espaços das rádios, essas emissoras que foram a minha escola trabalhando. Eu fiz jornalismo na prática, e eu nunca precisei viver a desgraça do dia-a-dia aqui do meu mundinho que era Barretos, buscando as notícias, acompanhando o desenvolvimento da cidade. Não tinha futebol, nós fizemos voltar o futebol aqui para podermos transmitir, então, em cima do positivo... Diariamente, há 2 mil notícias, mil notícias positivas, mil notícias negativas. Em busca do sensacionalismo, a turma pauta apenas o negativo. E nós queremos ter uma cultura de fazer jornalismo em cima das notícias positivas, buscar emoção. Você buscar, por exemplo, um professor que conseguiu o extraordinário, um aluno que é primeiro da classe, um grande acontecimento cultural social. Nós podemos, também, despertar a atenção do telespectador em cima da notícia positiva. Não é omissão, é uma opção. Deixa a desgraça do dia-a-dia para quem quiser fazê-lo. Nós vamos tentar, com competência profissional, com jornalismo, dando emoção. Tudo depende da competência profissional. E essa é a opção que a Rede Vida tem para fazer uma grade de programação.

Michele – Se eu tentar resumir em algumas palavras, quais são os princípios que definem a programação da Rede Vida?

Monteiro – A Rede se define por cinco itens. Foi uma boa pergunta que você formulou, porque essa é uma resposta que você precisa colocar na sua tese. Isso é fundamental para você. Você vai pegar a Constituição Brasileira, nos artigos 221, 222. A Rede Vida, todas as emissoras de rádio e de televisão, quando são outorgadas, quando o Ministério das Comunicações autoriza, devem respeitar o artigo 221. Segundo ele, as emissoras de rádio e TV devem se orientar por princípios éticos, respeitando a família e o povo brasileiro. Isso aí é de Constituição. Quer dizer, isso tudo que tem exagero, essas agressões à família, a Constituição proíbe. Só que muitos setores no Brasil desrespeitam a Constituição. A Rede Vida respeita. Então, a Rede Vida se norteia por princípios éticos, morais, sociais, cívicos e cristãos. Ela tem tanto respeito pela família que não fala: “Rede Vida – o canal católico”. Não, ela diz: “Rede Vida – princípios cristãos”. Ela não faz nenhum ufanismo religioso. Como uma emissora cristã, ela tem toda essa preocupação: ética, moral, social, cívica, cristã. Por exemplo, questão ética. Você não pode falar que tem uma linha ética só na programação, quando, na parte administrativa, a sua conduta é incoerente. Isso significa: a Rede Vida precisa de muito dinheiro para crescer, mas ela não tem nenhuma dívida. Ela não faz dívida. Ela não deve nada para ninguém. Ela não tem papagaio no banco. É uma emissora responsável. Só compra aquilo que pode pagar. Se não pode pagar, então ela não faz aventura empresarial. Outra coisa na questão ética. Se você fala que é uma emissora da família, o canal da família e respeita a família, eu não posso chegar na sua casa e dizer: “Beba, fuma, vamos fumar”, porque isso é um bom mercado publicitário. Então, não por questão religiosa, mas por questão ética, a Rede Vida não aceita propaganda de cigarro, de bebida alcoólica e de coisas indevidas. Coisas indevidas

são até aqueles comerciais meio marotos, que têm aquela molecada dando uma esfregada, aquela coisa que se percebe que tem um pouquinho de sacanagem. A Rede Vida não aceita esse tipo de comercial. Ela respeita profundamente, ela faz uma autocrítica, uma autocensura de como ele pode chegar na casa de cada brasileiro. Respeitando a criança, o jovem e o idoso também. A questão moral é: ela não é moralista, ela não é a dona da verdade, a salvadora da pátria, mas ela respeita os valores morais. A questão cívica: todos nós precisamos cuidar da cidadania, faz parte até de civismo, faz parte daquilo que cada brasileiro deve fazer. Para nós conseguirmos fazer uma pátria da paz, prosperidade e justiça social, o civismo tem que ser uma coisa séria em todos os pontos do Brasil. Então, nos estabelecemos esses valores: ético, moral, cívico e social. Questão social: a Rede Vida está com o projeto do Padre Anchieta. O que é o projeto do Padre Anchieta? Nós estamos motivando municípios brasileiros para que construam uma casa popular e escolham entre os mais pobres da comunidade uma família, e dêem essa casa, com assinatura passada, para essa família. Nessa parte social, a Rede Vida tem muita responsabilidade.

Michele – Nas próprias matérias jornalísticas da Rede Vida aparece isso...?

Monteiro – A Rede Vida tem a parte social como responsabilidade também de comunicação. Agora, o fundamental é o seguinte: isso seria uma exigência natural de todas as emissoras da rádio e televisão, respeitar a Constituição. A Rede Vida o faz. Por isso que ela pode falar: “Somos uma emissora ética, moral, cívica, social e cristã”. Porque principalmente ela se esforça para ter essa coerência: entre o que ela diz ser e o que ela procura ser. Agora tem, tem muitas falhas, temos limitações? Temos. É uma emissora que tem apenas nove anos, disputando com outras que têm cinquenta. Emissoras aí que tem um poderio econômico e essa coisa toda, e nós estamos fazendo uma caminhada paulatina,

com o pé no chão, mas com uma visão extraordinária. Nós já temos hoje, em São Paulo, a geradora em Rio Preto, com uma instalação digna, não é suntuosa, não é um festival de gente dando trombada, de equipamentos, é tudo limitado, mas é uma casa que trabalha bonitinho. Segundo, nós temos um estúdio em Brasília que, fisicamente, é o melhor estúdio de televisão de Brasília. Não está equipado, funcionando ainda como vai sê-lo, mas a base já está lá. No Rio de Janeiro, nós temos um estúdio no prédio da Associação Comercial do RJ. Eles deram espaço para nós e, inclusive, o Luiz Antonio faz, nas terças-feiras, a Tribuna ao vivo de Brasília e, às quartas-feiras, ele faz do Rio de Janeiro. Temos lá em Porto Alegre, que é também um esforço. O Rio Grande do Sul já está muito dentro da programação jornalística da Rede Vida, porque já estão começando a chegar matérias. E dessa maneira, no futuro, nós vamos ter essas “revistas televisivas”, de cada estado, pegando tudo aquilo que chega. Nós vamos ter nos nossos jornais notícias do Brasil todo, porque você vai pegar aquilo que é mais atual de cada cidade e vai começar a colocar no jornal da Rede Vida.

Michele – Pelo que eu estou entendendo da sua fala, o jornalismo tem uma função primordial...

Monteiro – Primordial, a Rede Vida quer ser a emissora da informação e da formação. Emissora brasileira da informação da boa notícia e da formação. É a meta dela, é o objetivo que ela espera alcançar paulatinamente.

Michele – Tem o jornalismo como um gênero principal da emissora?

Monteiro – Principal, ele vai ser. A Rede Vida tem, por exemplo, o futebol. Ela não tem dinheiro para comprar futebol, mas aquilo que é possível, e agora inicialmente no estado de São Paulo, aqueles campeonatos do interior, que as grandes emissoras não se interessam em comprar, a Federação tem liberado para a Rede Vida. Ela não paga para transmitir, mas também não cobra. Então, ela está fazendo, aos domingos, às 10 horas da manhã, um momento de futebol; é um produto que também nós estamos oferecendo. A Copa da França, por exemplo, a Globo tinha o contrato para fazê-lo, mas ela não queria fazer todos os jogos, então, ela repassou para a Rede Vida e nós o fizemos. Nós temos condições técnicas, temos equipe, uma pequena equipe, mas com competência profissional também para fazer. E, no futuro, quando nós tivermos todos esses estúdios, possivelmente nós estaremos fazendo também de outros estados. Também o futebol, que é um produto que interessa para o homem, no país do futebol, devagarzinho a gente procura fazer. Outra coisa, a Rede Vida tem um programa, “Coisas de Criança”, que, no meu modo de entender, é um bom produto televisivo para crianças, que na minha opinião, é um programa que não perde para nenhum outro dos outros canais de televisão, no respeito que tem para as crianças. Tem um programa para a juventude, que é o “Ponto de Encontro Cultural”, feito pela PUC do Paraná, uma outra parceira da Rede Vida. Já fizemos o Cine Vídeo e, no momento, ainda não está da maneira que deverá sê-lo. Mas, pegando aqueles clássicos do cinema, aqueles filmes que realmente são uma proposta cultural, temos uma proposta de comunicação cinematográfica. Não queremos filme de violência e nem de sacanagem. Nós queremos filmes que realmente busquem os grandes clássicos internacionais que há por aí. Na Rede Vida, à medida que conseguirmos levantar, dentro dos custos que possamos pagar, o Cine Vídeo voltará a ser uma opção de lazer para os telespectadores da Rede Vida. O que aconteceu foi o seguinte: nós começamos o Cine Vídeo colocando filmes que ninguém estava preocupado em usá-los. Aí, quando eles começaram a perceber que eles

estavam dando IBOPE na Rede Vida, aí começaram a disputar também. O pessoal começou cobrar, inflacionaram, ultrapassou o nosso limite e nós ficamos num período sem apresentá-los, mas logo a gente voltará a fazê-lo.

Michele – Eu trabalho com a perspectiva dialógica, proposta pelo Concílio Vaticano II, e me proponho a pensar como a Rede Vida contribui com isso...

Monteiro – Quando a Rede Vida diz que é cristã, ela já prova que é ecumênica e que respeita as outras religiões. No início, pensavam que a Rede Vida fosse um canal de combate, de atacar as outras religiões. Se eu quiser pegar o microfone e pôr fogo no Brasil em cima de religião, eu sei que poderei fazê-lo. Hoje, na imprensa, há um movimento de mulheres em Brasília que estão reivindicando, por exemplo, autorização para o aborto; a Igreja, a CNBB, está concedendo, o direito à vida, pedindo para que o Supremo mantenha esse direito à vida. Há um outro movimento ali, para que realmente o aborto seja autorizado. Muito bem, a Rede Vida, o que ela está fazendo? Ela não está usando a força que tem para começar a bagunçar o coreto. Nós não estamos chegando lá nesses assuntos polêmicos. Porque, nós sabemos que.. você começar a fofocar... que a gente sabe que com a força da comunicação, da imprensa e do rádio, se quisermos bagunçar o coreto, nós poderemos fazê-lo. A Rede Vida não veio para isso. Ela veio para mostrar que, paulatinamente, a Igreja Católica tem competência para fazer televisão. A meta da Rede Vida é, nos institutos de pesquisa, disputar os primeiros lugares. Hoje, sabemos que, como quarta rede de televisão do Brasil, rede implantada, ela vai buscar também seu espaço em grande audiência. Primeiro, fazer com que o sinal chegue; e depois valorizar a grade de programação. Porque, infelizmente, essa disputa é chão-chão, à base de fazer apelações (há uma quantidade de programas que são indignos de estar numa televisão de um país

inteligente, próprio, que quer crescer, tem muito lixo na televisão). Mas, nós sabemos também que com qualidade podemos fazer uma boa comunicação e chegar lá em primeiro lugar. Hoje, nós temos dois objetivos na Rede Vida: dar um salto de qualidade técnica; a Rede Vida quer ser tecnicamente uma das melhores, das duas / três melhores do Brasil; e um salto de qualidade de programação também; não o faz porque ela não pode correr o risco de um grande endividamento. Temos proposta de financiamento, mas nós não queremos financiamento; nós queremos recursos próprios; nós vivemos do mercado publicitário; nós queremos ter recursos, e todo o recurso que nós temos, vamos lançando no aprimoramento. Nesse caso, que o Congresso está permitindo que as emissoras vendam até 30% de suas cotas, a Rede Vida não vende nenhuma, para que ela não seja distorcida na sua finalidade. Ela não vende. As cotas delas são inegociáveis, porque ela tem um contrato entre a TV Independente de São José do Rio Preto e o Instituto Brasileiro de Comunicação Cristã, o INBRAC, uma entidade civil sem finalidade educativa, mas que norteia a grade de programação da Rede Vida. Nós não podemos correr nenhum risco da nossa programação ser distorcida. Mesmo na minha sucessão. Uma hora eu vou morrer, e esse contrato é que garante essa linha de programação. A Rede Vida, quando surgiu, a Igreja não tinha sistema de comunicação. Ela não tinha nenhuma rede de televisão nacional como a Rede Vida. A Rede Vida é pioneira. Ela mostrou para o Brasil que era possível fazer essa emissora cristã. Ela realmente o fez. Hoje tem muita gente, outras redes surgindo, e surgindo assim, até de uma maneira indevida, antes de se concluir o projeto da Rede Vida. Mas como a gente não pode chorar o leite derramado e nem proibir que outras iniciativas sejam tomadas, o que nós temos que fazer? Nós temos que estar unidos, competentes e fortes para que realmente a gente possa crescer pela nossa competência. E essa é nossa meta: é fazer com que a Rede Vida, nos próximos nove anos, tenha um salto de qualidade técnica; ela quer ser uma das melhores redes de televisão do Brasil em

qualidade técnica; e também, paulatinamente, em programação. Por isso, é que nós temos esse sistema, de dar cobertura... Vai ser a única emissora de integração nacional do Brasil, não vai ter outra, porque as outras têm os cortes nacionais, nós não temos isso. Nós podemos, com esse modelo de televisão, com exclusividade, ser efetivamente a única emissora de integração nacional, sem cortes. E, com isso, o que nós vamos fazer? Tem muita gente que defende a regionalização da TV. Está certo, é preciso cuidar do problema. Só que a nossa proposta é muito melhor, porque nós vamos pegar os regionais e transformá-los em nacionais. Nós vamos pegar as notícias do Rio Grande do Sul, das capitais do Brasil, e todo o mundo vai ter um canal de comunicação nacional, difundindo aquela realidade que eles estão fazendo. São coisas que não vão ser pautadas por outros canais, mas, quando entram no nosso canal, serão atualizadas também. Por exemplo, uma coisa que o Brasil tem que fazer hoje é a cultura do turismo. Peça para o Ivan (gerente de programação) te mostrar as matérias que nós temos ali sobre turismo. É uma campanha da Rede Vida. O Brasil é dividido em regiões, então, em cada momento do nosso comercial, mostramos, para que o brasileiro visite seu país. Nós temos ali como uma espécie de comercial, uma campanha. E eu me permito fazer isso, porque, antes da Rede Vida, eu fiz volta ao mundo, eu conheço Europa... EUA, a Rússia, Oriente Médio... eu sei do que eu estou falando. E a Rede Vida pode fazer esse jornalismo, porque tecnicamente a Rede Vida tem condições para fazê-lo.

Michele – E o Tribuna Independente, como entra nisso tudo?

Monteiro – Hoje, o Tribuna Independente, respondendo a sua pergunta, a qualidade das entrevistas, em Brasília, no Rio e em São Paulo, deu um salto. Depois, também, nós temos ainda o JCTV, um jornalismo que mistura ação das dioceses

brasileiras, com matérias também pautadas... Nós temos também uma parceira com a Radiobrás, que faz a comunicação oficial do governo. De televisão aberta, a única que deu espaço para eles foi a Rede Vida. Nós pegamos o telejornal da TV Cultura de Brasília, que seria da Agência Nacional, e soltamos na madrugada, a partir das quatro horas da manhã. Pegamos o jornalismo que é feito pela NBR, depois nós pegamos também pela Cultura do Rio de Janeiro e rerepresentamos na Rede Vida. E, com esse material, que funciona como uma espécie de agência de divulgação, alimentamos também os jornais da Rede Vida. É o que o Fabrini faz às sete da manhã. Depois, nós temos o das 12h30 e temos às 18h30. São três momentos que a Rede Vida tem o JCTV. É um processo de comunicação, em cima desses fundamentos. Hoje, muita gente diz: “nossa, tão fazendo isso no Rio, no Paraná, no nordeste e tal...”. Nós estamos divulgando os grandes acontecimentos da própria Igreja Católica.

Michele – Entre alguns funcionários com que conversei há a idéia de fazer um jornal católico, religioso ou cristão, e outro geral...

Monteiro – Mas no futuro vai acontecer isso. No futuro vai ser possível. Tudo isso vai ser possível na hora que nós tivermos competência profissional para fazê-lo. No momento, sabemos que temos limitações técnicas e financeiras. No início, praticamente, era só um jornal de Igreja. E naquilo que não conseguíamos colocar imagem colocávamos pelo telefone.

Michele – A Andréa me contou que ao longo desses nove anos de Rede Vida, ela tem tentado fortalecer essa idéia que o JCTV não é só notícia da diocese, mas que também pode ser a notícia do que está acontecendo em volta da diocese...

Monteiro – Faz parte desse projeto de crescimento. Você quer ver uma coisa que não existia na televisão, por exemplo: missa na televisão. Normalmente, a Globo gravava missa e, no domingo, num determinado horário, exibia. Era um programa de missa. Na Rede Vida, todas as missas são ao vivo. Missa ao vivo significa o seguinte: com essa necessidade da Igreja, que tem uma carência de clero, e tem muita gente que não participa de missa porque realmente não tem como fazê-lo, hoje, a missa da Rede Vida chega em toda a zona rural, em todas as distâncias... O pároco não pode ir, então pega um grupo e põe um telão, ou uma televisão pequena, e assiste a missa respeitosamente. A missa ao vivo. No mesmo momento em que acontece em Aparecida, está acontecendo aqui na minha sala. E acontece na minha casa, acontece na casa de todo o mundo, acontece nos hospitais. A Rede Vida ajuda sanar esse problema da comunicação. Na hora da sagração, é um negócio tão sério, que na minha casa, quando eu estou na missa, na Rede Vida, normalmente eu assisto a missa pela manhã na minha paróquia, mas quando eu estou à tarde, na Rede Vida, que é a hora da sagração, eu me ajoelho, não para a televisão, mas para o local onde realmente está acontecendo a missa. Aí é o milagre da comunicação. E esse milagre se repete pela manhã em Aparecida e à noite no Santuário da Vida. Nós construímos, nós fizemos um santuário, uma capela, para que a nossa missa bonita, participada, pudesse ser também transmitida ao vivo. E na hora que os padres perceberem que a Rede Vida não tira o cristão da paróquia, mas fortalece, o que vai acontecer? Vai ter uma rede de ministro da Eucaristia, que, naquele grupo, o pessoal que assistiu a uma missa pela televisão, na hora da comunhão, alguém dá a comunhão, é o ministro da Eucaristia: missa completa. O cidadão teve o texto evangélico, ouviu a pregação, viu toda a celebração e comungou. Isso tudo foi possível. Agora, outra coisa: ninguém punha terço em televisão, porque achava repetitivo, chato. É um dos programas de maior audiência. Esse não é ao vivo, esse não é um sacramento, esse é uma prática. Eu, lá em São Paulo, levanto cedo e

rezo o terço com o grupo da Rede Vida. E é aquilo que eu falei: renovem, convidem pessoas, façam, para todo dia não ficar aquele negócio mecânico, sempre o mesmo grupo... Não, cada dia é um terço. E muita gente está querendo ir lá gravar, que é também um processo de evangelização.

Michele – Eu vejo como é interessante que as pessoas vêm de diversas partes para participar da missa...

Monteiro – E isso não é um processo de evangelização? Não é a Igreja mostrando que, se ela for inteligente, e souber usar os veículos de comunicação, para propagar a fé, olha quanto bem estamos fazendo para a Igreja Católica. Sobre o papa, nós temos um correspondente hoje do Vaticano e, brevemente, a Rede Vida vai ter lá também um estúdio auxiliar, lá em Roma. Inclusive, nós temos uma jornalista que quer ir para a Roma fazer esse serviço. Todos os grandes eventos do Papa, nós compramos o sinal do Vaticano, temos o sinal aqui e apresentamos para a família brasileira, ao vivo.

Michele – Vocês têm algum levantamento da audiência da Rede Vida?

Monteiro – Não, a audiência nós marcávamos pelo IBOPE, em São Paulo. Lá em São Paulo, sobre o nosso IBOPE, era o seguinte: lá as emissoras estão em VHS, nós estávamos no canal 40, agora somos o 34. Então, em São Paulo, enfrentávamos aquela turma fazendo televisão sensacionalista, do crime, da baderna e tal... Então, nosso IBOPE, em São Paulo era inexpressivo. Mas nós estávamos no IBOPE. Aí é que começou a nos prejudicar comercialmente. O pessoal vê o nosso IBOPE e diz: “Mas puxa, não tem nada de audiência”. Aí você diz: “Mas esqueça São Paulo. Esse preço que você está pagando é

Brasil todo. Multiplica isso para o Brasil todo que você vai ver que a sua propaganda é barata”. Mas as agências começaram a criar um preconceito contra a Rede Vida. Em seguida nós cortamos o IBOPE.

Michele – E vocês não utilizam isso como argumento para vender?

Monteiro – Não usamos. Nós usamos, realmente, a presença nacional. Que nós somos a quarta rede implantada, isso nós usamos. E ninguém pode contestar, porque realmente nós o somos. É Globo, SBT, Record e Rede Vida. As outras redes não têm a mesma presença que a Rede Vida tem no Brasil. Agora, um cliente, que quer fazer teste, com uma verba que ele gastaria regionalmente, ele vai comprar nacionalmente. Todo mundo que tem produto nacional deveria, imediatamente, anunciar na Rede Vida. E nós esperamos chegar lá.

Michele – Quando o senhor estava falando no Tribuna, falou sobre os programas de entrevista. A Rede Vida tem vários programas de entrevista. Tem um porquê disso?

Monteiro – Tem. Pelo seguinte: nós somos uma emissora de prestação de serviço. Isso também é bom você colocar no seu trabalho: a Rede Vida é a única emissora do Brasil que tem um programa que é uma aula sobre a Constituição Brasileira. Veja só a importância que a Rede Vida dá para as coisas sérias. O professor Ives Martins, exclusivo na Rede Vida, um dos maiores conhecedores da Constituição, dá uma aula toda a semana sobre a Constituição. É um programa cívico que muitas famílias deveriam parar e acompanhar o programa; que as escolas deveriam incentivar os alunos; é um produto de altíssimo nível. Nós temos uma série de programação (se refere aos programas

“Caminhos”), às 13h: segunda-feira é um programa de esporte, terça, de formação, cada dia é um programa diferente, sempre voltado para temas de orientação da população: um sobre economia, um sobre política, outro sobre cidadania, um sobre polícia. A polícia tem um programa na Rede Vida. Normalmente, sobre a polícia, os outros canais só pegam o lado negativo. E nós demos para a polícia fazer um programa para mostrar também o trabalho que ela realiza. Tudo isso é feito em cima daquilo que eu te falei: a Rede Vida quer ser de informação e de formação. De formação você somente consegue fazê-lo abrindo espaço para que as pessoas responsáveis possam ajudar a formar uma nova cultura nacional. É muito importante você ter essa linha da informação com formação; porque muita gente tem a linha da informação com sensacionalismo; informação com vale-tudo. E nós não, nós temos informação com formação.

Michele – O Tribuna Independente segue este caminho?

Monteiro – O “Tribuna Independente” era um programa que nós tínhamos no rádio: “Tribuna Independente – plenário do povo”. Nós convidávamos as lideranças da cidade, nós tínhamos um programa de uma hora, mas, justamente, com esse diferencial. Em vez de convidá-la para chegar aqui e falar sobre o aborto, você expõe teu negócio e leva o pessoal para quebrar o pau. Aquele negócio que o pessoal quer no sensacionalismo. A Tribuna não tem essa linha. Ela tem um coordenador, que abre espaço para a pessoa falar sobre um tema. Até o Luiz Antonio (nome) deu uma mudada agora, mas abrimos espaço para o Brasil todo formular perguntas pelo telefone e por fax... O Neto (nome) achou que do jeito como o Luiz Antonio está fazendo nós estamos dificultando um pouco o Brasil todo de formular perguntas. Mas o Fabrini ... continuou fazendo aqui em Rio Preto e o Neto o faz lá em São Paulo também. Nós temos uma banca que recebe os telefonemas do

peçoal que está ouvindo. É uma maneira de ser um programa interativo e de você abrir espaço para que diferentes pontos do Brasil, para aquelas pessoas que gostam e querem, às vezes, desfazer alguma dúvida.

Michele – O Tribuna me parece mais esclarecedor que opinativo....

Monteiro – É... E outro programa da Rede Vida é aos domingos, às 23h, “Prazer em conhecê-lo”. Esse programa também está atravessando um período de boa audiência. É feito por uma equipe da velha guarda da televisão brasileira, sob a coordenação do Brancatto, que também foi Globo... É um peçoal que já tem uma história na televisão brasileira e é aquele peçoal que é jogado para escanteio. Eu abri um espaço para eles fazerem um programa de entrevista, onde eles formulam perguntas para o cidadão externar o ponto de vista. Tanto é que tem duas perguntas finais que até são meio sem educação: “Quantas vezes você mentiu nesse programa?”; “Alguma pergunta que nós deixamos de formular?”; “O programa te ofendeu?”. E, normalmente, quase todo mundo diz que não mente. Mas é também um programa agradável de ser assistido.

Michele – Para finalizar, eu gostaria que o senhor me falasse um pouco sobre como funciona essa relação da emissora, que é privada, com a CNBB, através do INBRAC?

Monteiro – Você vai encontrar depois em um livro. Mas deixa eu te explicar. Muita gente pensa que a Rede Vida é um canal da CNBB; outros pensam que ela é tocada com o dinheiro do Vaticano, da Igreja e tal. Não tem nada disso. A CNBB, legalmente, não tem nenhuma influência na Rede Vida.

Michele – Na grade de programação também?

Monteiro – Ela não interfere. Nem o Vaticano, nem ninguém. A Rede Vida é uma televisão comercial, uma televisão que cumpre a legislação brasileira, tanto é que ela, por exemplo, é a emissora que mais tem outorga no Ministério das Comunicações. Mais que a Globo, que todas as outras. Porque as outras têm através dos afiliados. A Globo, somando os afiliados, é a maior rede do Brasil. Mas a Rede Vida, como outorga própria, só tem uma geradora, que é Rio Preto. O resto são todas emissoras-retransmissoras. Em todas as capitais do Brasil nós temos um canal. Nós temos o canal 20 em Porto Alegre, o 34 em São Paulo. Em cada capital nós temos um canal, certo?! Em algumas cidades, aqui em Barretos é o canal 6, lá em Rio Preto é o canal 11, mas a grande maioria é UHF. A beleza desse processo é o seguinte: para a TV Independente ter credibilidade junto à Igreja Católica, foi fundado o Instituto Brasileiro de Comunicação Cristã, o INBRAC. Você vai ver a história dele nesse livro aí (refere-se ao livro **O que é o INBRAC**, de sua autoria). Agora é o seguinte: nós fizemos um contrato, da minha família com o INBRAC. A outorga somos eu, Luiz Antonio e o Neto (filhos). A nós o Ministério concedeu a outorga. O INBRAC é quem deu credibilidade para as Igrejas, porque onde é que a Igreja entrou nessa parceria com a Rede Vida? Nós chegamos, por exemplo, no Rio de Janeiro, com três canais. O cardeal do Rio de Janeiro, Dom Eugênio, fez uma mobilização, comprou os equipamentos e instalou. O mesmo ocorreu em São Paulo e em Porto Alegre. Só que eles não doaram o equipamento para minha família. Porque eles poderiam dizer: “Nós vamos ajudar a família do Monteiro a formar uma Rede?”. Lá na frente vem um filho ou um neto dele e diz: “Agora acabou a brincadeira; vamos colocar filme de sacanagem; o negócio agora é audiência; é mulher pelada; vale tudo agora!!”. Não, nós temos um contrato com o INBRAC. O INBRAC norteia a programação da Rede Vida, que dá esse norte dos

princípios éticos, morais, cívicos e cristãos. E, de outro lado, cada diocese que foi instalando o equipamento, fica dona do equipamento. Nós somos donos da outorga e eles do equipamento. Esse é o tipo do casamento que tende a dar certo. Porque vamos supor o seguinte: vamos supor que amanhã nós resolvêssemos fazer uma gracinha e cometêssemos uma molecagem nesse compromisso. Se as dioceses, por exemplo, pensarem “o equipamento é nosso”, e todo mundo desligar, você tem uma rede de papel; você não tem uma rede no ar. Por isso, foi um acerto inteligente, lúcido. De outro lado, nós, leigos, eu sou e você o é, nós também somos Igreja. Então, como Igreja, querendo servir a nossa Igreja, querendo servir a Deus e querendo respeitar a família, esse tipo de televisão é aquela que nasce dentro dos nossos ideais. Foi uma coisa inteligente, criativa. E nós brasileiros somos criativos. Nós somamos de uma forma que nós não podemos ser espertos, como eles também não podem ser espertos. Todos nós temos que nos compor. Agora, quando eu falo para você num salto de qualidade, nós estamos tentando encontrar uma empresa que tenha condições de assumir todo esse parque técnico da Rede Vida. Precisa ter muito dinheiro. Se não tiver, nós não fazemos a parceria. Aí ela assume toda a parte técnica. E nós ficamos com toda a parte legal e de programação. O que acontece? Quando eu falo para você que a meta da Rede Vida é nós termos a melhor rede da televisão do Brasil, nós estamos levantando esse objetivo. E aí sim termos uma qualidade de programação, uma responsabilidade nossa e do INBRAC.

APÊNDICE C

Entrevista com Luiz Antonio Monteiro de Barros

Nome: Luiz Antonio Monteiro de Barros

Data: 13 de julho de 2004

Local: São José do Rio Preto/SP

Cargo: apresentador e conselheiro do INBRAC

Formação: Engenheiro, Ciências Contábeis, radialista

Tempo de trabalho na Rede Vida: desde 20/06/1995

Atividades: apresentador do Tribuna Independente ao vivo de Brasília e do Rio de Janeiro.

Michele – Quais são os princípios que definem a programação da Rede Vida?

Luiz Antonio – Qualidade dos programas e ética. Não é uma emissora dogmática católica. Nunca falamos no ar que a Rede Vida é católica. Sempre falamos que é a TV da família brasileira.

Michele – Quais as características que um programa deve ter para entrar na grade da emissora?

Luiz Antonio – Não sei. Só posso falar do meu programa.

Michele – Qual a relevância do jornalismo na programação da Rede Vida?

Luiz Antonio – Quanto ao jornalismo, a Rede Vida tem trabalhado muito nisso. Acredito que o jornalismo ajuda a fazer da Rede Vida uma TV para a família. Também, através do jornalismo, a Rede Vida deixa de ter uma programação essencialmente religiosa. As mudanças da Rede Vida poderiam se dar com o fortalecimento do jornalismo. Mas isso dependeria de um projeto mais arrojado, que implica custos. E isso dificulta porque a Rede Vida tem um perfil “franciscano” (refere-se a São Francisco de Assis).

Michele – Qual a relevância do programa no quadro da Rede Vida?

Luiz Antonio – O Tributa Independente preenche bem esse espaço que o jornalismo pretende ser na Rede Vida, porque abrange todos os segmentos, mostra que a programação não é somente religiosa, mas também de formação, de orientação, de fortalecimento da cidadania, pedagógica, educativa.

Michele – Desde quando o programa está no ar?

Luiz Antonio – Desde 20 de junho de 1995.

Michele – Passou por mudanças (histórico)?

Luiz Antonio – No início não era descentralizado. Quando passou para Brasília, para o Rio de Janeiro, tentou-se manter a interatividade via telefonemas, mas não deu certo por causa da falta de estrutura nos estúdios locais. As ligações eram feitas para Rio Preto e enviadas a Brasília e ao Rio de Janeiro, mas só chegavam no final do programa. Não deu certo.

Michele – Como são definidas as pautas?

Luiz Antonio – Eu escolho os temas, seguindo a orientação do Seu João (presidente da emissora). Ele dá as diretrizes. A Luciana Brandão (secretária e publicitária) faz os contatos. Em Brasília, damos prioridade à política, a questões administrativas, do poder legislativo, ligadas a instituições políticas. Não temos vínculo partidário e procuramos não deixar sempre os mesmos partidos. No Rio de Janeiro, priorizamos assuntos ligados à cultura brasileira, à variedade cultural. Nesta semana, por exemplo, entrevistaremos um padre membro do Tribunal Eclesiástico do Rio de Janeiro. Ele vai falar sobre a nulidade do casamento. É um padre, mas isso não significa que falará só sobre religião. Vai abordar um assunto que se refere à família.

Michele – Número de blocos.

Luiz Antonio – Quatro, totalizando uma hora e 25 minutos de programa, incluindo os intervalos. São três intervalos.

Michele – Tempo total e tempo por blocos?

Luiz Antonio – Cada bloco dura, em média, 20 minutos.

Michele – Quais são os formatos jornalísticos contemplados e priorizados?

Luiz Antonio – Entrevista e enquete.

Michele – Por que descentralizar a produção?

Luiz Antonio – Porque contribui com a integração nacional, uma das propostas da Rede Vida – ser nacional. Os estúdios auxiliares contribuem para isso. Não temos corte de programação. Os programas são feitos nos estúdios auxiliares, mas são gerados em Rio Preto para todo o Brasil. A programação jornalística contribui bastante com a idéia de integração nacional, por isso é descentralizada.

Michele – Por que fazer ao vivo?

Luiz Antonio – Para não ter clima de montagem, para não editar as respostas e ter lealdade com aquilo que os entrevistados falam. E também por praticidade, porque fazer ao vivo dura o tempo previsto, e não mais.

Michele – Público-alvo do programa?

Luiz Antonio – Geral. Varia bastante por causa da diversidade de assuntos que são tratados.

Michele – Audiência média?

Luiz Antonio – Não sabe.

Michele – Número de pessoas que atuam na produção – cargo, formação e onde atuam?

Luiz Antonio – Em Brasília e no Rio de Janeiro: uma pessoa responsável pelos contatos; uma jornalista que atua como repórter nas enquetes; três câmeras; um

responsável pelo áudio, outro pelo corte; o diretor geral do estúdio local; o apresentador. No Rio de Janeiro, o estúdio da Rede Vida ocupa instalações junto à Associação Comercial, por isso também contam com a ajuda das secretárias de lá.

Michele – Patrocinadores?

Luiz Antonio – Não tem.

Michele – Outros comentários?

Luiz Antonio –

- **Interatividade:** Brasília e Rio de Janeiro não têm infra-estrutura para fazer a interatividade com os telespectadores pelo telefone. Por isso, trabalha com o que chama de “interatividade indireta”. Consiste na gravação de enquetes (não é ao vivo), na rua. Luiz Antonio elabora as questões das enquetes, relacionadas ao tema do programa, e o repórter as executa. Encerra com uma pessoa, na rua, fazendo uma pergunta ao entrevistado. A repórter sugere algumas questões, mas a pessoa pode perguntar o que quiser. Abre para o estúdio e o entrevistado responde ao público.

- **Convidados:** Além do entrevistado e do apresentador, participam do Tribuna Independente de Brasília e do Rio de Janeiro o que Luiz Antonio chama de “banca”, formada por duas pessoas que fazem perguntas ao entrevistado, durante o programa. Essas pessoas também são convidadas e escolhidas por ele. Elas podem perguntar o que quiserem. Afirma que a banca de Brasília, normalmente, é mais participativa porque é composta por pessoas ligadas ao tema. O apresentador também faz perguntas. Elabora

algumas antes do programa, mas procura dar seqüência à discussão. Diz que procura, nas viradas de bloco, deixar algo em suspense para que o telespectador permaneça. Ela faz uma pergunta e chama o intervalo. Diz que nunca pensou em fazer isso em função da audiência e de anunciantes, mas em fazer um programa de qualidade. Afirma que faz de tudo para que o convidado se sinta bem, mantendo uma postura ética. Segundo ele, nunca recebeu orientação para levantar polêmica, ou para obrigar o entrevistado a falar o que não quer, para ter mais audiência.

• **Edição:** Os intervalos, no Tribuna do Rio de Janeiro e de Brasília, se diferem dos demais na passagem dos blocos para os intervalos. Luiz Antonio afirma que termina com uma frase reflexiva, em caracteres. Todas as frases usadas no programa são pelo apresentador. Ele também é o responsável pelos textos dos *offs* que abrem as enquetes, assim como pelo texto da abertura do programa. Tudo é produzido nos estúdios locais. Sobre o uso de frases informativas sobre assuntos diversos, ao longo do programa, em caracteres, Luiz Antonio diz que a idéia é: “assista e você ficará por dentro do que está acontecendo”. Afirma que não tem estudos para fazer essas coisas, vai pela sua sensibilidade.

O “Tribuna” do Rio de Janeiro é ao vivo, na tarde de quarta, das 15h às 16h30. A reprise ocorre à noite. Na quinta à tarde reprise o de Brasília. A mudança de horário, no Rio de Janeiro, se dá, segundo Luiz Antonio, por causa de “logística” (segurança).

APÊNDICE D

Diários de Campo

Observação participante na Rede Vida de Televisão, em São José do Rio Preto/SP

A) 09 DE JULHO DE 2004

Cheguei a São José do Rio Preto às 11h. Logo em seguida contatei com o responsável pela programação da Rede Vida, Ivan Cunha, com quem já havia conversado por telefone algumas vezes. No início da tarde nos encontramos na Rede Vida. Receptivo, Cunha apresentou-me aos funcionários da emissora e mostrou-me todas as instalações da sede da emissora em São José do Rio Preto. Nesse primeiro contato, conheci os responsáveis pelos programas que devo analisar, inclusive vi-os trabalhando na produção dos programas. Todos se colocaram a minha disposição. Aproveitei a tarde para conversar, bastante informalmente, com o Ivan Cunha. Obtive dados relevantes e pude sentir um pouco o “clima” de trabalho da emissora.

Aos poucos os assuntos iam surgindo. Às vezes, por minha interferência, outras por iniciativa do próprio Cunha. Relato a seguir as informações fornecidas por Ivan Cunha:

Contou-me histórias suas, de contatos que alguns telespectadores mantêm com a emissora. Disse que alguns, especialmente pessoas idosas, ligam quase que diariamente, ou para reclamar ou para elogiar. Mudanças de horários de programas são alvo de reclamações. Segundo ele, essa é uma peculiaridade dos receptores da Rede Vida, que,

parece, criam um vínculo forte com a emissora. Cunha recorda que algumas senhoras telefonam e contam que ligam a Rede Vida de manhã e assistem o dia todo. Para ele, isso não é bom, porque as pessoas se limitam a um ponto de vista. São telespectadores “fervorosos”, segundo ele.

Pergunto se o telespectador da Rede Vida é formado, na maioria, por idosos. Ivan confirma (homens e mulheres com mais de 40 anos – essa foi a definição do público atingido pela Rede Vida, dada por Cunha. Ma isso não significa que seja esse o público-alvo), mas observa que eles não fazem programas apenas para idosos. Pretendem melhorar a programação, pois sabem que tem muitas falhas. Em outros momentos repete essa intenção, mas afirma que para isso faltam recursos financeiros. Lembra, sempre, que o custo para fazer TV é muito alto. Porém, faz questão de ressaltar que a Rede Vida não tem dívidas. Quem a administra, financeiramente, segundo Cunha, é a família Monteiro, dona da TV Independente, de São Paulo. Ele explica: a TV Independente é de João Monteiro de Barros Filhos, que cedeu a infra-estrutura para a Rede Vida; a TV Independente é local e gera a programação da Rede Vida em nível nacional. O centro administrativo da Rede Vida é em São Paulo. “As decisões são bastante centralizadas”, afirma Cunha. Quem dá a palavra final é o João Monteiro de Barros Filho, o “Seu João”. Em São José do Rio Preto executam-se as decisões finais. Em São Paulo, Monteiro Filho, e seu filho, Monteiro Neto, mantêm relações com o INBRAC. Junto com este conselho, definem a programação, as metas da Rede Vida. Aí ocorrem as relações da administração da Rede Vida com a Igreja Católica, pois membros da Igreja integram o conselho do INBRAC. Oficialmente, o INBRAC é quem dirige a Rede Vida. O INBRAC é presidido, atualmente, por Dom Antonio Maria Mucciolo.

A Rede Vida, conforme Cunha, não tem, atualmente, dados de audiência. Há cerca de seis meses, o contrato com a empresa que fazia este trabalho foi interrompido. Na época em que mediam a audiência, em São Paulo, o índice era de 3 a 4 pontos. Os programas com maior audiência, naquela época, eram o Tribuna Independente, as missas do Santuário Bizantino, com o padre Marcelo Rossi (sábado, 15h), e a missa das 19h15.

Questiono quais os argumentos usados para vender espaço publicitário, na falta de índices de audiência. Cunha explica que a publicidade da Rede Vida é atípica e está voltada para clientes interessados em vender produtos religiosos. Para essas empresas, a Rede Vida traz resultados, como conta Cunha. Contudo, observa que a emissora procura veicular outros programas, a fim de atrair mais anunciantes. Os principais anunciantes da emissora, hoje, são a Univap, Sagrado Coração, Bradesco, Banco do Brasil, Sadia, Vasp, CEF, Nossa Caixa, Rondon, UCS, Mitsubishi, além das empresas religiosas. A área comercial, segundo Cunha, também é administrada pelo João Monteiro de Barros Filho, em São Paulo. A impressão que tenho é que Cunha critica um pouco essa centralização administrativa. Quem manda na empresa é o “Seu João”, o que, para Cunha, cria algumas dificuldades para que essa “diversificação” da programação seja executada. Cunha afirma que o “Seu João” faz TV para ele, segundo alguns princípios básicos: orientação católica, nada contra a Igreja, nada de nudismo, nada de álcool, nada de cigarro, nem rock. “Tudo muito sério”, diz ele. Cunha conta que, por exemplo, ao veicular o Telecurso, uma certa vez, a aula mostrava uma mulher fazendo auto-exame da mama. Outra aula, falava do sol como astro. Ambas foram motivos para receber ligações de bispos, “indignados” com a cena de “nudez” e com a interpretação do sol como “astro” (um possível “Deus”). Coisas como estas, segundo ele, dificultam em muito as atividades da emissora. De acordo com

Cunha, todos funcionários que atuam na produção dos programas estão orientados para tomar cuidado com “coisas” desse tipo”, principalmente ao editar imagens.

Segundo Ivan Cunha, a cobertura nacional da Rede Vida, hoje, é de 1,7 mil municípios. O número de retransmissoras é este; porém, observa que alguns municípios instalam o sinal por conta próprio, o que está fora do controle da Rede Vida.

Em São José do Rio Preto trabalham 63 pessoas, todas contratadas, dentre elas, 3 jornalistas, 6 editores de VT, 4 câmeras, 2 assistentes, 1 locutor, 5 técnicos, 2 supervisores, operadores em geral. Desses funcionários, a Rede Vida não tem informações sobre a vida religiosa, mas presume, conforme Cunha, que sejam católicos. Cunha afirma que não há uma preocupação em contratar pessoas devido ao vínculo com a Igreja Católica. Além das instalações de Rio Preto, a Rede Vida tem estúdios de produção em Brasília, com 5 funcionários, sendo 2 jornalistas; no Rio de Janeiro, também com esse número de funcionários; em São Paulo, onde atuam 12 funcionários, sendo 2 jornalistas; e em Porto Alegre. Além desses estúdios, a Rede Vida recebe matéria de diversas sucursais, distribuídas por todo o Brasil. O estúdio de São Paulo é, segundo Cunha, o que mais produz programas: a série “Caminhos”, o Tribuna Independente, futebol, A Palavra do Pastor, Com muito amor, Prazer em Conhecê-lo, Momento Político, entre outros.

A Rede Vida também trabalha com algumas parcerias. Destas, destaca-se a parceria com a Paulinas. A Rede Vida veicula diversos programas produzidos pelas Paulinas, que, em troca, ganham espaço publicitário. O mesmo ocorre com a Puc de Curitiba (Ponto de Encontro Cultural, Família no Divã), e com a Univap (Vida e Cidadania, Educação – um tesouro a descobrir).

Além disso, muitos programas são pagos: “Encontro com Cristo”, “Rodobens”, “Tribuna Judiciária”, “Pé na Estrada”, “OAB”, “Universo Unimed”, “Motivação e Sucesso”, “CIEE”, “TV Shopping Brasil”, “Combate” (produção independente, jornalismo de serviço). Esses programas, diz Cunha, ajudam muito “financeiramente”.

Além dessas informações, aproveitei a conversa para confirmar horários de programas e os horários em que são produzidos. O “JCTV” de sábado, das 12h30, por exemplo, na tarde de sexta já estava praticamente pronto. O mesmo acontece com “Este é o meu Brasil”, de sábado, às 23h. Por isso, durante a próxima semana acompanharei a produção dos programas do dia 17 (sábado). Amanhã acompanho a transmissão desses programas.

Entre uma conversa e outras, chegou na Rede Vida o apresentador do “Este é o meu Brasil”, Luiz Carlos Fabrini. Prontamente, ele se colocou à minha disposição. Perguntei quais os programas que estavam sob sua responsabilidade. Fabrini disse que faz um pouco de tudo, como todos na Rede Vida. Contou que, por ocasião da inauguração do Santuário da Vida, um padre comentou que o local, para ser santuário, precisava de um milagre. Fabrini conta que respondeu ao padre: “O milagre já existe. É fazer a Rede Vida funcionar”, referindo-se às dificuldades enfrentadas pelos profissionais que atuam na produção da emissora. A observação de que “cada um faz de tudo um pouco” também foi feita pela jornalista Andréa, do JCTV.

B) 10 de julho de 2004

Dois programas deveriam ser acompanhados hoje: primeiro, o “JCTV”, das 12h30; depois, o “Este é o meu Brasil”, das 23h. Ontem, no primeiro contato com a Rede Vida, descobri que esses dois programas já estavam prontos para ser veiculados. Tive acesso ao roteiro desses dois programas. A produção de ambos foi realizada durante a semana.

Hoje pela manhã fui à emissora e acompanhei a rotina de alguns funcionários da área técnica. Tinha apenas a intenção de observar o trabalho deles, mas a minha presença mudava a rotina. Eles se sentiam na obrigação de me dar atenção. Por isso, procurei manter uma conversa informal com eles, o que foi proveitoso. Por um tempo, acompanhei o trabalho do coordenador de programação, Sérgio Luiz Dias. Ele explicou-me como coloca os programas no ar, as vinhetas, os comerciais, as marcas d’água. Mostrou-me detalhes técnicos de sua atividade.

Em seguida, chegou um dos editores. Logo que iniciou suas atividades (estava editando o “JCTV” de segunda, às 7h). Tentei acompanhá-lo. Conversamos, informalmente, mas ele não editou o “JCTV”, apenas mostro-me o que faria: preencher um áudio com imagens. Falou sobre sua atividade. Revelou-me como são editadas as matérias do JCTV. Segundo ele, as matérias produzidas em outros estúdios vêm prontas, editadas. Passam pela jornalista, que as assiste e, se necessário, orienta para a edição. “A jornalista assiste e diz o que ela quer que corte, o que acha desnecessário”, afirma. A edição dessas matérias acontece em função do tempo do telejornal (edição final do telejornal).

Já as matérias feitas por colaboradores vêm em fitas com o *off* gravado e as imagens. A edição é toda feita ali, na Rede Vida de Rio Preto, sob a orientação dos jornalistas. O editor conta que muitas dessas matérias são feitas voluntariamente, com equipamentos próprios dos colaboradores; alguns usam VHS, o que prejudica a qualidade da imagem e do áudio. Mostra-me uma matéria feita em VHS (arquiocese de Sorocaba, de 10/07) e demonstra-se incomodado com o fato de ter de editar algo com qualidade ruim. Compara a matéria em VHS com outra em “Beta”, para mostrar a diferença. “Não dá vontade de editar”, diz. Segundo ele, quando é esse tipo de matéria, a jornalista nem vem conferir a edição final. Já quando é uma matéria melhor (como a da revolução constitucionalista, feita pela Andréa – jornalista de Rio Preto – no dia 9/07, em Rio Preto), a jornalista confere. Ele acha que deveriam ter mais matérias boas, porque quando o material é ruim, o trabalho do editor é dificultado. A impressão que tenho é que ele está criticando o trabalho das jornalistas. Ele chega a dizer que o editor acaba trabalhando muito e os jornalistas, pouco. Ainda diz que as jornalistas têm que ir atrás das matérias, e não ficar esperando que venham até elas. O editor também acha que as matérias são muito reutilizadas, o que chama de “matéria chupada”, fato que também não é bom para o trabalho do editor.

Quando os colaboradores mandam um *off*, por telefone, o editor usa uma imagem parada (foto da pessoa) e edita apenas o áudio.

As matérias do “JCTV”, segundo ele, têm em média 2 minutos. A jornalista envia os roteiros para edição com as marcações do *off*, mas nem sempre escolhe as imagens que serão utilizadas. Quando a matéria é mais importante, a jornalista mostra aos editores as imagens que quer utilizar.

O “JCTV” de sábado, 10 de julho de 2004, das 12h30, teve uma duração de 18 minutos e 47 segundos. Além de aberturas e fechamentos (ver roteiro), a edição teve sete matérias informativas, com *off* e imagens, além de três notas. Destas, apenas duas (não produzidas pela Rede Vida) não estiveram na edição das 18h30 do dia anterior. As demais eram reprises. As duas matérias “novas” não se referiam à Igreja Católica. Das que foram reprisadas, quatro são notícias ligada à Igreja e uma sobre um evento de Rio Preto (revolução constitucionalista). Esta foi a matéria mais longa da edição. As três notas eram sobre a Igreja.

Aproveitei a manhã para conhecer os estúdios da emissora. Quem me acompanhou foi o Ivan Cunha, com o qual conversei mais um pouco. Perguntei sobre o nome do telejornal “JCTV”, para saber o que significa. Diferente da informação que obtive com um jornalista da Rede Vida de Porto Alegre, Ivan disse que a sigla significa “Jesus Cristo na TV”. Disse que a religião é o foco desse telejornal, por isso as matérias são sobre a Igreja. Diz que acha interessante fazer matérias sobre outros assuntos, mas não nesse telejornal. Seria necessário um outro programa para isso. “Cada coisa no seu lugar”, explica. “Se eu digo que vou apresentar um jornal que se chama Jesus Cristo na TV, o telespectador vai querer ver notícias sobre Jesus, e não outras”. Mais uma vez afirma: “O seu João faz TV para ele, para a visão dele”. E comenta: “Eu não acho que as coisas têm que ser assim, Tv tem que fazer para o público, não é o teu gosto que vale”.

Questiono se três edições diárias para notícias da Igreja não é demais, o que leva à reprise de matérias. Ele diz que não é por falta de notícias que as matérias são repetidas. “Até teria matérias, tem o lado social da Igreja, por exemplo, que não entra na cobertura e poderia gerar muitas notícias”, observa. Essas notícias não entram, primeiro, devido à

filosofia da Rede Vida e, segundo, devido aos custos. “Faltam recursos e gente”, afirma. Mas ressalva que a Rede Vida investe bastante e cresceu muito nesses nove anos de existência.

O Seu João, segundo Cunha, recebeu a concessão para a TV do governo Sarney. Cunha conta que na época, seu João, um “católico fervoroso”, junto com Dom Antonio Mucciolo, de quem é muito amigo, tiveram a idéia de abrir a Rede Vida. Segundo Cunha, a intenção era transmitir missas, e não ganhar dinheiro. Hoje, a Rede Vida tem concorrência, mas Cunha pensa que não chega a ser um problema, porque a TV Século XXI é educativa e por isso não pode ter comerciais; já a TV Canção Nova não veicula comerciais e vive de doações (carismáticos); e a TV Horizontes, vinculada à PUC de Belo Horizonte, é mais comercial, mas ainda não tem alcance nacional, como tem a Rede Vida.

Num terceiro momento, quando o jornalista Luiz Carlos Fabrini, responsável pelo programa “Este é o meu Brasil”, chegou à emissora, aproveitei para observar seu trabalho. O “Este é o meu Brasil” de hoje já está pronto. O do próximo sábado, 17, está todo encaminhado. Todas as matérias também já estão prontas e selecionadas. Fabrini também já redigiu as cabeças, aberturas. Na terça, às 18h, serão gravadas. A edição final do programa do dia 17 será feita na quarta e na quinta-feira. Fabrini diz que tem de fazer tudo muito antes porque dá trabalho e é sozinho para fazer tudo. Para o próximo programa (17/07), por exemplo, Fabrini teve que assistir a 10 fitas com matérias enviadas por diversos colaboradores, selecionar as matérias, planejar a edição de algumas e elaborar o roteiro do programa. Todas as matérias do “Este é o meu Brasil” são produzidas por colaboradores. Fabrini apenas as seleciona. Fabrini diz que as matérias não são feitas para a Rede Vida, são apenas cedidas. Colaboram, freqüentemente, a EMATER do Rio Grande

do Sul e do Paraná, a NBR, de Brasília, a Puc de Belo Horizonte, a TV Horizonte e a TVE do Rio de Janeiro. As matérias da EMATER também são veiculadas pelo programa “Vida no Campo”, da EMATER. Os contatos para que essas matérias sejam cedidas à Rede Vida são feitos pelo representante da Rede Vida nos Estados. Essas pessoas não são funcionárias da emissora, trabalham para isso porque são “agentes comerciais”, têm interesses financeiros. Toda a semana Fabrini recebe diversas matérias. Para o “Este é o meu Brasil”, dá preferência às de caráter ecológico, educacional, saúde e turismo rural. “O programa mostra o lado bom do Brasil”, afirma. Matérias que falam sobre bebida, drogas, são eliminadas. Só entram quando são educacionais. Conta que, certa vez, recebeu da EMATER uma matéria que mostrava a produção da cachaça. Por orientação da emissora, Fabrini, que particularmente achou a matéria muito boa e se dependesse dele veicularia, não pode utilizá-la. “O jornalista tem que estar sintonizado com a ética, com o espírito da Rede Vida”, explica.

Do mesmo modo que se submete ao “espírito da emissora”, Fabrini tem autonomia para dizer qual matéria é a mais importante e por isso vai abrir o programa. “A matéria mais interessante é a primeira”, diz. Pergunto a ele o que é mais importante. Ele diz que é aquilo que ele acha mais importante, que ele acha que vai prender a atenção do telespectador. Fabrini afirma que com o tempo ele vai aprendendo o que é mais interessante para abrir o programa. Do mesmo modo, é Fabrini quem decide pelo que vai chamar a matéria. “Pelo mais importante, pelo que mais agrada de modo geral”, afirma. Ele assiste as matérias enviadas pelos colaboradores e, a partir do que acha ser o mais relevante, escreve as “cabeças”.

Na edição de 10 de julho foram veiculadas 16 matérias, divididas em três blocos de aproximadamente 15 minutos. A matéria que abriu o programa, sobre a colonização portuguesa no Rio Grande do Sul, produzida pela EMATER, durou 11 minutos e 24 segundos. Esse tempo não é o padrão das matérias do programa. “A matéria é muito boa, por isso deixei esse tempo”, diz Fabrini. Outras duas matérias completam o bloco, uma da PUC de Belo Horizonte e outra da Rede Minas. O segundo bloco teve cinco matérias, produzidas pela TVE do Rio de Janeiro (2), pela NBR (2), pela EMBRAPA do Paraná (1). Já o terceiro bloco teve oito matérias, produzidas pela NBR (5), pela TVE do Rio de Janeiro (2) e TV Horizonte (1).

As matérias não são editadas no programa por assuntos, ou por editorias. Fabrini afirma que as distribuí no programa de modo a conseguir um “equilíbrio”, sempre colocando “coisas diferentes” num mesmo bloco, ordenando-os pela relevância. O tempo das matérias também contribui para a edição final.

Fabrini comenta que o programa tem boa audiência. A Rede Vida não tem medição de audiência, mas Fabrini diz que, nos contatos pessoais muitas pessoas comentam o programa. Assim como comentam o Tribuna Independente. Mas não falam sobre o JCTV das 7h (apresentado por ele diariamente).

C) 12 de julho de 2004

Durante a manhã as jornalistas responsáveis pelo JCTV não trabalham. O Jornal das 18h30 começa a ser produzido à tarde, a partir da 13h. Pela manhã, foram recebidas as

ligações dos correspondentes, que gravam notas para o jornal das 18h30. Cerca de 12 telefonemas, de diferentes lugares do país chegaram à Rede Vida. A editora do JCTV seleciona, à tarde, os que serão aproveitados no programa. Na seleção, procura dar espaço para os diferentes lugares do país, atendendo a todos ao longo da semana. Os correspondentes são voluntários e não existe um cronograma para organizar as ligações. Cabe aos editores (técnicos) selecionar 30 segundos de cada telefonema e passar para a editora o assunto para que ela escreva a cabeça (chamada para ser lida no estúdio). O único telefonema editado pela jornalista Andréa Bonatelli é o de Roma, porque ela o considera o mais importante. Nas quartas-feiras, o correspondente de Roma manda uma nota coberta. Andréa diz que todos correspondentes são autorizados pelos bispos e são responsáveis pelas informações que transmitem.

A jornalista Andréa Bonatelli é a editora e apresentadora do JCTV das 18h30, mas também atua como repórter.

O roteiro do JCTV já estava pronto desde sexta-feira, mas a edição das matérias e do programa foi realizada hoje (segunda-feira). A editora, logo no início da tarde, revisou o roteiro, conferiu se precisava mudar matérias e encaminhou para os técnicos da edição. Andréa conta que às vezes precisa mudar o roteiro porque entram matérias novas que precisam ser divulgadas no dia, por causa da atualidade.

O JCTV é composto, basicamente, por matérias enviadas por correspondentes (voluntários) da Rede Vida em diversos estados. Algumas chegam à Rede Vida editadas, prontas, mas a editora as assiste e, se necessário, em função do tempo, as reedita. Algumas vêm com *off*, imagens gravadas e um roteiro elaborado pelo correspondente. Às vezes

esses roteiros são usados na íntegra, em outras, são reescritos. André diz que assiste a todas as matérias que vêm de fora, mas quando são feitas por repórteres de Rio Preto não as assiste, mas ajuda, quando preciso, na elaboração do roteiro para a edição.

Acompanhei a edição da matéria sobre festas juninas. As imagens, o *off* e o roteiro foram enviados pelo correspondente. O editor diz que é mais fácil trabalhar quando tem o roteiro, mas comenta que essa matéria está “difícil de montar porque as imagens não têm qualidade, não foram feitas por um profissional”. “O cara fala, fala... e não tem imagem sobre o que ele fala...fica difícil casar as imagens... não tem nexos... é difícil”, reclama. Segundo ele, as matérias para edição vêm com roteiro, mas a escolha das imagens que vão cobrir o *off* fica por conta do técnico.

Um outro editor diz que o jornalismo da Rede Vida depende muito do que os outros mandam. Ele diz que é difícil editar as coisas que vêm de todo o Brasil, porque em muitas faltam qualidade e profissionalismo. O editor comenta: “Seu João (refere-se ao presidente da RV) diz que a RV é de todos os católicos. Se é assim, com tanta Igreja por aí, bem que umas poderiam comprar uma câmara melhor, pagar um curso pra ensinar a fazer as imagens melhor e mandar matéria boa. Já estou há dez anos aqui e é sempre a mesma coisa. Sempre os mesmo que mandam matéria... Todo ano a mesma coisa... Eu acho o jornalismo daqui ruim. Eu já tentei assistir e dormi. Você não dorme quando assiste?”. Digo que prefiro não dar minha opinião.

Durante a edição, ele reclama várias vezes da matéria e diz à editora que estava ruim fazê-la. Um dos problemas enfrentados é que, ao cobrir o *off* com imagens, ele não sabia identificar, nas imagens, as pessoas (fontes). Mais adiante fala: “às vezes eu tenho

vontade de sair por aí fazendo matéria, porque eu sei que a Andréa coloca, porque falta matéria”.

Enquanto ele edita a matéria das festas juninas, a repórter Giovana (substituta) elabora o roteiro para edição da matéria sobre a Casa de Anchieta, feita por ela, em uma cidade próxima, no final de semana. A editora Andréa já está envolvida na produção da edição do dia seguinte. Vejo Andréa consultar *sites*. Ela afirma que busca, principalmente nos sites na CNBB, no *catoliconet* e da arquidiocese de Belo Horizonte, notícia para o JCTV. Mas reclama que muitos sites de arquidioceses não funcionam bem, estão desatualizados. “Agora, aos poucos, com as Pastorais de Comunicação, está começando melhorar”, afirma. Andréa diz que recebe muito pouco material de assessorias de imprensa de dioceses e, muitas vezes, o que vem, não é material bom, faltam informações nos próprios releases. Andréa também utiliza matérias enviadas por assessorias de imprensa em geral (recebe material de todo o país).

Segundo a jornalista, a linha editorial do jornal é católica, dá prioridade para notícias da Igreja. “Ainda é assim porque começou assim e é difícil mudar, mas a gente tem a orientação da direção da RV para abrir o jornal a outras notícias também, por causa do interesse comercial”, afirma. Andréa diz que é difícil fazer isso porque as pessoas que colaboram com a Rede Vida estão “viciadas” em fazer como é. Existe, conforme ela, uma discussão para que se faça dois jornais, um da Igreja, outro geral, mas diz que tudo é muito remoto. “Aos poucos”, diz, “vamos orientando as dioceses para que mostrem outras coisas, não notícias das dioceses”. Nos outros estúdios da RV também se está começando a pensar assim. A editora do JCTV não solicita pautas específicas aos correspondentes. Diz que não

pode fazer isso porque eles não têm nenhum compromisso com a Rede Vida. Já aos correspondentes vinculados aos estúdios da emissora, ela solicita matérias específicas.

Os tipos de matérias enviadas pelas dioceses variam bastante. E as que mais mandam são as de São Paulo e da região nordeste. Segundo Andréa, nem todas as dioceses e paróquias do Brasil sabem que podem mandar matérias para o JCTV. Afirma que falta um pouco de comunicação sobre isso. E, em alguns casos, falta profissionalismo e as pessoas mandam coisas ruins que não dá para aproveitar. Muitas se limitam às notícias da diocese, mas aos poucos começam a perceber que podem ir além da Igreja. Conta o caso de um seminário em Recife, do qual participou e ensinou a equipe da Pastoral de Comunicação a fazer as matérias, que gerou bons resultados. Do nordeste vem muitas matérias boas, já com roteiro bem profissional. Rio Grande do Sul (Porto Alegre) também manda muitas matérias. Hoje (segunda-feira), por exemplo, o correspondente de Porto Alegre mandou uma fita com sete matérias. Andréa afirma que vai aproveitar uma por dia, ao longo da semana. A matéria de Porto Alegre, que vai ao ar hoje, é da fita enviada na semana passada. Por trabalhar dessa forma, Andréa diz que orienta os correspondentes para que não usem datas no *off*. Faz isso para que possa aproveitar tudo o que mandam, sem perder a atualidade (aparentemente).

Andréa conta que fazer jornalismo com padres e bispos é muito complicado, porque eles querem dizer o que deve ou não ser divulgado, às vezes não deixam divulgar, querem que fale bem das coisas que não estão bem, e o jornalista não tem a versão do outro lado.

Em algumas edições das 18h30 entram boletins ao vivo, conforme as pautas disponíveis. Atualmente, isso não tem sido feito porque a jornalista Luciana está em férias, sendo substituída pela Giovana, que tem pouca experiência em TV. Mas na terça tem boletim ao vivo de Brasília e na quarta do Rio de Janeiro. Os boletins ao vivo são feitos, muitas vezes, quando pessoas de renome, ou autoridades importantes estão em Rio Preto participando de eventos. “Rio Preto é pólo de saúde. Muitos congressos internacionais acontecem aqui. Por isso muitas pessoas importantes vêm pra cá, aí a gente aproveita pra fazer matéria”, afirma.

O JCTV das 18h30 é considerado, pela jornalista, o mais importante. Segundo ela, o das 12h30 é quase reprise do das 18h30; as matérias são reaproveitadas, porém seguindo um novo roteiro elaborado pela jornalista Giovana, que também o apresenta. Já o JCTV das 7h é produzido e apresentado pelo jornalista Luiz Carlos Fabrini. Nesta edição são apresentadas matérias copiadas de outros telejornais, como o da NBR.

D) 13 de julho de 2004

Durante a manhã aproveitei para fazer alguns contatos, a fim de organizar a pesquisa sobre o Tribuna Independente. Hoje, o programa é ao vivo de Brasília, apresentado pelo Luiz Antonio Monteiro de Barros, filho do presidente da Rede Vida. Luiz Antonio reside em Barretos, mas viaja toda a semana a Brasília para apresentar o programa. Conversei com ele por telefone durante quase uma hora. Acessível, Luiz Antonio esclareceu-me aspectos da produção do programa, relatados em entrevista.

Amanhã (quarta-feira), ele viaja ao Rio de Janeiro, de onde faz ao vivo o Tribuna Independente, à tarde. À noite passa na sede da Rede Vida em Rio Preto.

Também falei com o jornalista Luiz Carlos Fabrini, que estava assistindo algumas fitas para selecionar matérias. À tarde, tive acesso ao roteiro de edição do “Este é o meu Brasil”, de sábado (17/07). Fabrini o concluiu hoje e passou aos editores técnicos, junto com as fitas que contêm as matérias do programa (cerca de 10 fitas). Hoje, à tarde, às 18h, gravou as cabeças do programa. “Depois é só passar tudo para os editores que eles terminam”, diz Fabrini, ao se referir à edição final do “Este é o meu Brasil”. Noto, no roteiro, que algumas matérias inseridas na edição são nacionais e já foram noticiadas na mídia em geral. Mesmo assim Fabrini diz que busca contemplar matérias atuais. Assim como na edição anterior, a primeira matéria do programa é a com maior tempo. Fabrini diz que isso é proposital e acontece porque assim pode contemplar as matérias que têm qualidade técnica, que são bem produzidas e tratam de temas importantes. A EMATER, normalmente, tem contribuído muito com isso. As matérias que vem da EMATER são boas, segundo Fabrini. Mais uma vez o programa abrange matérias de diferentes partes do Brasil. O editor Fabrini diz que essa estratégia contribui para a proposta da Rede Vida, de ser uma emissora de integração nacional.

À tarde acompanhei a produção do JCTV. No início da tarde, o roteiro para a edição das 18h30 já estava pronto, nas mãos dos editores (técnicos). A jornalista estava editando o JCTV das 18h30 de amanhã (14/07). A agenda e a previsão do tempo são feitos no dia do programa. Dentre as matérias, na edição de hoje consta uma enviada pela diocese de Caicó, Rio Grande do Norte, como ontem. Segundo Andréa, a equipe de lá enviou uma

fita com três matérias: uma foi aproveitada ontem, outra hoje, e a última entra amanhã (14/07). Todas serão editadas em Rio Preto, sob a orientação da editora Andréa.

Hoje, o JCTV das 18h30 terá a participação ao vivo de Brasília. Andréa conta que o jornalista de lá (Luiz Antonio Monteiro Neto) não a comunica sobre o que vai falar e muitas vezes acontece de ele noticiar informações já contempladas na edição. Outro problema enfrentado por Andréa é que o jornalista de Brasília nem sempre controla o tempo. “Normalmente fala três minutos, mas às vezes fala dez”.

Sobre a participação do bispo de Joinville, no programa, Andréa diz que ele manda uma fita por mês, com várias gravações. Quem seleciona a que será utilizada no dia são os editores técnicos. Na estrutura do jornal, não tem lugar fixo. Para ela, essa participação não tem validade jornalística. Segundo Andréa, os bispos querem muito esse tipo de espaço e, seguidamente, ligam para pedir. Conta que no início, quando começaram quadros desse tipo, era bom, porque era um padre jornalista que fazia comentários sobre um assunto noticiado pelo jornal.

Aproveitei um tempo em que a jornalista Andréa estava menos ocupada para entrevistá-la (ver entrevista).

Durante à tarde, a jornalista Giovana estava produzindo uma matéria para um programa chamado “Histórias do interior”, que não está na grade. Ela utiliza o material da matéria sobre Casa de Anchieta, do JCTV de ontem, feita por ela no final de semana. A idéia do programa, que só entra na programação para “tapar buraco”, como diz a jornalista Andréa, é fazer uma matéria sobre cada cidade que recebe a casa de Anchieta. O programa

tem 20 minutos e consiste numa reportagem ampliada sobre os municípios, dividida em dois blocos de 10 minutos. O mesmo ocorre com o programa “Reportagem que não para TV”, também de 20 minutos, em dois blocos, como reportagem. Este programa só é feito quando a direção solicita e não é reprisado. Também não tem horário fixo na grade.

Ainda sobre o JCTV, ao acompanhar as gravações do Fabrini, observei que a edição das 7h tem uma linha editorial diferente: não trata de notícias da Igreja. São assuntos de interesse nacional e geral, mas as matérias não são produzidas pela Rede Vida, são reaproveitadas de outros telejornais, como os da TVE-RJ e da NBR, com os quais a Rede Vida tem parceria. Segundo Fabrini, a edição das 7h é “praticamente um outro jornal”.

Logo em seguida, começou o JCTV ao vivo. Acompanhei a transmissão, junto aos técnicos. Acabando o programa, inicia a missa ao vivo. Participei da missa. É impressionante ver como as pessoas se preparam e se empenham para preparar e participar da missa ao vivo pela Rede Vida. Cada dia o Santuário da Vida recebe um grupo de pessoas. Tudo é pré-agendado e os grupos vêm das mais diversas partes do país, junto com os padres das respectivas paróquias. Uma equipe técnica orienta os participantes quanto ao comportamento, aos movimentos durante a missa. Tudo é feito com muita atenção. A missa é feita para a TV, sem dúvida. O local é próprio para isso: iluminação, áudio, arquitetura. O grupo que estava na missa também gravou o programa “O Terço”, logo após a missa. Não é ao vivo, mas as pessoas também são orientadas a fazer tudo para a TV, mas manter “clima de oração”, como diz o produtor do programa. “O Terço” vai ao ar diariamente às 18h. O que foi gravado ontem passará por uma edição e daqui uns 15 dias pode ser exibido.

À noite, acompanhei a geração, ao vivo, do “Tribuna Independente”, de Brasília. O programa é produzido em Brasília, mas é gerado em Rio Preto.

E) 14 de julho de 2004

No início da tarde, os editores técnicos já estavam trabalhando com as matérias do JCTV das 18h30, a partir do roteiro de edição elaborado pela Andréa, no dia anterior. Como nos outros dias, acompanhei o trabalho dos editores. Também acompanhei a jornalista Andréa na produção do programa JCTV de amanhã. Ela estava assistindo às fitas com as matérias selecionadas para a edição. A primeira matéria editada é sobre um congresso de tema católico realizado no Rio de Janeiro. Andréa encontra dificuldades em identificar as pessoas, porque tem apenas imagens. “A repórter de lá está em férias, então o cinegrafista foi lá e filmou e mandou as imagens”, explica. Percebo que ela não assiste a toda a fita, mas apenas alguns trechos, dos quais seleciona as partes que irão para a matéria final. Faz as marcações dos tempos na fita para, posteriormente, passar os editores.

Em seguida, trabalha em uma matéria sobre a Campanha do Agasalho do Rio de Janeiro. A matéria foi feita por um repórter da Rede Vida, do estúdio do Rio de Janeiro. Andréa primeiro ouve o *off* e marca os trechos para edição. As imagens para cobrir o *off* não são selecionadas por ela, mas pelos editores. Esse trabalho será feito amanhã. Ao editar essa matéria, Andréa segue o roteiro enviado pelo repórter. Olhando esse roteiro, vejo que ele apenas indica a ordem, ou estrutura, da reportagem. O roteiro detalhado, da edição, inclusive cortando trechos das falas dos boletins e das sonoras, é feito pela Andréa.

O trabalho da editora, aqui, é finalizar as matérias, que muitas vezes, vêm prontas. Ela faz a seleção de algo que já foi selecionado pelo repórter. Tudo isso, em função da adequação do tempo na edição final do telejornal.

Outra matéria editada pela jornalista foi enviada pela arquidiocese de Uberaba. Esta arquidiocese, segundo Andréa, costuma mandar material uma vez por mês. A jornalista tem acertado com a arquidiocese que as matérias deles entram todas as quintas-feiras. Uberaba manda as fitas com as imagens e os offs, o roteiro com a ordem das matérias nas fitas e um roteiro com a estrutura das matérias para edição, além de elaborar um cronograma para a exibição das matérias. Andréa afirma que o trabalho nesta arquidiocese está bem organizado. Quem produz o material de lá é um jornalista leigo, integrante da arquidiocese. Nesta quinta-feira, o JCTV vai exibir uma reportagem sobre missa para crianças. Ela afirma que essas parcerias são resultados de um trabalho que vem sendo desenvolvido ao longo dos anos de existência da Rede Vida. No início, segundo ela, era bem mais difícil.

Andréa também edita material enviado pelo correspondente de Porto Alegre. A matéria veio pronta, já editada, mas muito extensa, com 3 minutos e 47 segundos. Isso é muito tempo para esse telejornal, segundo Andréa. O tempo médio das matérias com VT, no JCTV, é de 2 minutos e meio. Por isso, a matéria do correspondente de Porto Alegre passa por uma nova edição. As matérias feitas pela Rede Vida Porto Alegre são enviadas prontas, já editadas.

Sobre a edição do JCTV das 18h30, de hoje, noto que, depois das chamadas e de uma nota simples, a apresentadora chama para um ao vivo do Rio de Janeiro, com o

jornalista Luiz Antonio. Segundo ela, ele tem que entrar primeiro em função do seu horário (logo em seguida viaja para Rio Preto).

Enquanto Andréa faz a edição de amanhã, Giovana, a outra jornalista, trabalha na edição das 12h30, de amanhã. Ela reaproveita as matérias de hoje (18h30) e insere algumas, copiadas do Jornal da NBR e do Edição Nacional. Do jornal das 18h30, Giovana não usa os boletins dos correspondentes, apenas as matérias com VT. Inclusive, algumas, aproveita a edição original, sem os cortes feitos para a edição das 18h30. As cabeças são gravadas às 18h, assim que chegam os câmeras, que só estão na emissora a partir desse horário.

Também aproveitei a tarde para assistir ao Tribuna Independente ao vivo do Rio de Janeiro. Enquanto acompanhava o programa, a jornalista Giovana comentou que ficou apavorada com as coisas que a Andréa falou sobre o JCTV (referia-se ao fato de Andréa ter dito a mim, em entrevista, que o programa não tem relevância na grade da emissora). Ela opina e diz que acha que teria que mudar, ser mais dinâmico, mais atual. Acha que é sempre a mesma coisa, que há muita repetição das matérias, que o repórter deveria ir mais à rua, atrás de matéria.

Enquanto eu assistia a transmissão do Tribuna Independente do Rio de Janeiro, também conversei com o jornalista Fabrini. Ele me falou que viajará para transmitir um jogo de futebol, na sexta-feira. Em função disso, não poderá apresentar o Tribuna de sexta-feira. Em seu lugar ficará a jornalista Andréa. Também me convidou para participar do programa como banca. Ao comentar o convite, revelou-me que a produção do programa costuma orientar a banca sobre quais as perguntas fazer, para evitar que as pessoas façam

perguntas que o entrevistado não saiba responder e para não desviar o programa do assunto proposto.

No final da tarde, tirei algumas dúvidas com o diretor de programação, Ivan Cunha, sobre a definição da grade de programas. Quando ele começou a trabalhar na emissora, a grade já estava montada, mas passou por algumas modificações. Um dos critérios para montar a grade foi pensar na rotina do telespectador religioso. O esqueleto base consistiu em colocar a transmissão do terço em quatro horários: meia noite, 6h, 12h e 18h. Após o terço, a missa. Seguindo esse esqueleto, os demais horários foram preenchidos, seguindo estratégias de outras emissoras, bem como o conhecimento e a experiência de quem ajudou montar a grade. As modificações são feitas em função de problemas operacionais. Quanto aos programas pagos, a Rede Vida apresenta aos clientes os espaços ociosos e o cliente escolhe dentro dessas possibilidades. No contrato, há uma cláusula estabelecendo que o horário pode sofrer alterações em função de alguma programação especial. A Rede Vida trabalha com uma grade fixa, e uma grade diária, elaborada semanalmente.

Sobre os programas de entrevista, Ivan afirma que a Rede Vida tem tantos espaços reservados ao formato, porque o custo de produção é baixo. “Tudo depende do entrevistado. Se ele é um cara bom, está feito o programa”, comenta. Ivan diz que dessa forma, a Rede Vida compensa uma coisa pela outra: como tem uma grade extensa e não tem recursos para investir em programação, compensa com um conteúdo bom. E as entrevistas oferecem esse conteúdo bom.

Luiz Antonio Monteiro Neto esteve na Rede Vida à noite. Conversei rapidamente com ele. Segundo o jornalista, os programas de entrevistas são os programas jornalísticos mais baratos. O custo, para ele, é a principal explicação do grande número de programas do gênero na emissora. “Para fazer um telejornal o custo é bem maior. Tem que colocar gente na rua. O programa de entrevista é o mais barato e é bom pelo conteúdo”.

O jornalista faz algumas críticas à programação da emissora. Pensa, por exemplo, que a emissora deveria colocar, no final da tarde, o terço, seguido da missa, e depois o JCTV. Questiono se não é o mesmo público que assiste aos três programas. Ele fica na dúvida e volta a comentar que a programação precisa mudar, mas diz que faltam recursos.

F) 15 de julho de 2004

Quando cheguei à Rede Vida, no início da tarde, os editores técnicos já estavam trabalhando na edição das 18h30 do JCTV. O roteiro feito ontem pela editora Andréa foi modificado em função de uma solicitação do presidente da Rede Vida. Ele orientou a repórter do Rio de Janeiro para que fizesse uma matéria sobre um livro sobre Direito Econômico, lançado há pouco, cujo autor é seu amigo. A repórter do Rio de Janeiro ligou avisando que a matéria tinha que entrar hoje. Para isso, Andréa teve de modificar o roteiro, excluindo uma matéria enviada pela diocese de Sorocaba, que vai entrar amanhã. Andréa conta que é normal isso acontecer. A repórter do Rio de Janeiro costuma ligar para avisar, mas o de São Paulo manda observações no roteiro, dizendo “indicação do Seu João, tem que entrar hoje”.

Andréa, também, logo no início da tarde, revisa o roteiro para incluir os correspondentes por telefone. Segundo ela, a edição tem espaço para 12 correspondentes. Às vezes, mais de 20 ligam, outras, apenas seis. O número de participação é variável. A editora adequa o roteiro às ligações recebidas. Também avalia a qualidade técnica das ligações. Se estiverem ruins, não as utiliza. Os correspondentes têm até às 13h para ligar. A ordem em que os correspondentes entrarão no telejornal é definida pelos editores, mas normalmente, conforme Andréa, é pela ordem do recebimento das ligações.

Em caso de “estourar” o tempo (por causa do ao vivo) do telejornal, primeiro as participações dos correspondentes são cortadas; depois a participação do bispo de Joinville; e, por fim, as notícias finais. Segundo a jornalista, nas segundas e sextas-feiras costumam ter mais matérias.

A editora está trabalhando na edição de amanhã (16/07). Ela edita quatro matérias, que serão VTs amanhã. Outro VT será enviado amanhã, pela assessoria do evento (Festival de Teatro de Rio Preto), que acontecerá hoje à noite. O material virá pronto, já editado. O evento é local, mas não terá cobertura própria da Rede Vida. Andréa diz que não tem equipe para isso, ainda mais quando o evento é à noite. “Os câmeras estão todos na missa”, afirma. “A gente só sai à noite quando Seu João manda”, diz.

Durante à tarde, Andréa recebe ligação de um “voluntário” que mandou material para uma matéria sobre evento que está acontecendo no Rio de Janeiro. Ele quer saber quando vai sair e também se a Rede Vida vai fazer matéria do encerramento, que é amanhã. Andréa informa que vai sair hoje (ele mandou o texto para o *off* lido por Andréa) e que se ele mandar material sobre o encerramento ela usará segunda-feira.

Sobre a edição das matérias, Andréa afirma que uma imagem não deve durar mais do que uma frase do *off*, mas que, quando na frase há referência a várias coisas, tem que ser uma imagem para cada coisa. Essa é a regra básica, segundo ela. Quando o repórter sai para fazer a matéria, junto com o cinegrafista, ele é orientado para captar imagens que estão no *off*.

Perguntei à editora qual é o significado do nome JCTV. Ela disse que não tem um significado específico. Quem colocou esse nome foi o Luiz Antonio, e ele mesmo disse que a idéia era não ter uma tradução. A idéia é deixar aberto para que cada pessoa dê o significado que quiser. Pode ser Jornal Católico, Jornal Cristão, Jornal Comunitário, Jesus Cristo... Cada um chama como quiser. Andréa diz que gosta disso e que quando inventaram o nome “JCTV”, ficou combinado que tudo o que seria telejornalismo na Rede Vida seria chamado de JCTV, mesmo que não fosse o programa em si (plantões, por exemplo).

À tarde, também acompanhei a edição de um programa “Reportagem que não pára TV”, feita pelo jornalista da Rede Vida do RJ e editada em Rio Preto. O programa não tem horário fixo, mas consiste de 20 minutos, dois blocos de 10. Este se tratava de uma entrevista com uma religiosa, da Congregação Santa Marcelina, falando sobre o Hospital Santa Marcelina, de São Paulo.

No final da tarde, antes de assistir ao “JCTV” ao vivo, conversei com o produtor das missas. Ele foi o responsável pela produção do “Tribuna Independente” de Rio Preto, por alguns anos. Segundo ele, quando era aqui, era melhor. Junto com o Luiz Antonio, também produtor, selecionava temas de interesse público, a partir dos currículos que as

peessoas deixavam na Rede Vida. As pessoas da banca não conheciam o convidado, desse modo, a discussão que se estabelecia no programa era melhor, mais interessante. Hoje, segundo ele, mais especificamente depois de que a Associação Cultura comprou o programa, essa entidade faz o programa para se divulgar, voltado para seus interesses. Diz que já está com muitos currículos esperando para retomar o programa. Comenta ainda que em outra época a audiência era bem melhor.

À noite, enquanto eu assistia ao “Tribuna Independente” de São Paulo, também acompanhei as telefonistas receberem as ligações dos telespectadores. Uma delas diz que o programa já foi melhor quando era em Rio Preto. Ela acha que depois que descentalizou, a qualidade decaiu. Na sua visão, a produção se empenha em trazer pessoas importantes e temas mais relevantes. Diz que a participação por telefone era bem maior nessa época, que era muito mais movimentado. Ela também conta que muitos telespectadores ligam para desabafar, contar seus problemas. Outros ligam para reclamar do apresentador e dizem que ele dá muito pouco espaço para as perguntas e faz o programa para ele, pois fala demais.

G) 16 de julho de 2004

Dediquei o dia para ir a Barretos, entrevistar o presidente da Rede Vida. Isso foi possível porque acompanhei a produção do JCTV de sexta na tarde anterior. O “Este é o meu Brasil” foi produzido ao longo da semana. E o Tribuna seria ao vivo, à noite.

Fui cedo a Barretos. Encontrei o presidente da Rede Vida, João Monteiro de Barros Filho, na sede das suas empresas de comunicação (rádios AM e FM e jornal). Fui

recebida por ele. Mas, em seguida, uma funcionária mostrou-me as instalações da empresa. Após, realizei a entrevista (ver transcrição).

Fui convidada a almoçar com a família do Monteiro. Durante o almoço, em sua casa, conheci esposa, netos, sobrinhos, empregados. À tarde, acompanhei a esposa de Monteiro em alguns compromissos sociais, enquanto aguardava a hora de retornar. O dia foi produtivo. Conheci um pouco da rotina da família proprietária da Rede Vida. No final da tarde estava de volta na emissora. Concedi entrevista para uma matéria do JCTV, solicitada pelo Monteiro à jornalista Andréa.

À noite, acompanhei a produção do Tribuna Independente, ao vivo de São José do Rio Preto. Participei das reuniões preparatórias. Pude ver que os participantes vão ao programa com um roteiro, já com as perguntas mais ou menos estabelecidas, bem como as respostas. A entrevistada também solicitou que não fossem feitas perguntas polêmicas, relativas a homossexualismo, por exemplo. O momento também é aproveitado para conferir dados, nomes, informações para caracteres. O funcionário encarregado pela produção do programa orienta sobre como funciona o programa – tempo, intervalos. Diz às participantes que nos intervalos serão feitas avaliações sobre o andamento do programa.

Nesse breve encontro antes do programa entrar no ar, os convidados também elogiaram a Rede Vida. Afirmaram que o tempo do programa equivale a uma hora de aula. O Tribuna de 16 de julho foi apresentado pela jornalista Andréa, que substituiu Fabrini, o apresentador oficial, que naquele dia viajou para cobrir uma partida de futebol. O programa de sexta é produzido pela ACEA. Durante o programa, divulgou-se que a ACEA

“consolida valores éticos para a dignidade das pessoas e da família”. O tema do Tribuna, neste dia, foi “O papel da mulher no mundo de hoje”. Durante a semana recebi o convite do Fabrini para participar do Tribuna, mas não aceitei por não ser apropriado à pesquisa.

APÊNDICE E

Matérias do telejornal “JCTV” – de 12 a 16 de julho de 2004

“JCTV” 12/07/2004 – 18h30

Bloco	Matérias	Editoria	Tempo	Formato	Fontes	Estrutura	Produção	Edição	Cobertura
1	Campanha preservação patrimônio histórico	Cultura		Nota		Nota simples apresentadora	Rede Vida	Áudio estúdio	SP
	Educação no trânsito (matéria enviada na semana passada pelo correspondente)	Trânsito	2'40"	Reportagem	Secretário de Justiça do RS; diretor do Detran; arcebispo Porto Alegre	Cabeça + passagem + off + sonora secretário justiça + off + sonora diretor detran + passagem + sonora arcebispo	Correspondente da Rede Vida em Poá.	Correspondente Rede Vida Porto Alegre	RS
	Santa Casa de Misericórdia / Festa do Padroeiro	Religião	57"	Nota simples correspondente por telefone		Off por telefone e imagem com foto		Rede Vida	Macapá – MG e São João Del Rei – AP
	Entrega Casa de Anchieta, em Jaborandi	Religião	3'05"	Reportagem	Beneficiada; coordenador do projeto; presidente da Rede Vida; coordenador projeto em Jaborandi.	Cabeça + off + áudio local Tatiana + off + boletim + off + sonora coord. Projeto + off + sonora pres. RV + off + sonora coord. Projeto + off + sonora beneficiada	Rede Vida	Rede Vida	SP São José do Rio Preto
	Albergue S. João Batista; Congresso Regional	Religião		Nota simples correspondentes (2) por fone		Cabeça + Off por telefone e imagem com foto	Rede Vida	Rede Vida	Curitiba e Jundiá (SP)
	Imagem Nossa Senhora na assembléia legislativa de El Salvador	Religião	2'03"	Nota coberta	Arautos do Evangelho e presidente da assembléia	Cabeça + Off com imagens do evento e áudio local	Rede Vida	Rede Vida	El Salvador América Central

“JCTV” 12/07/2004 – 18h30 – Continuação

Bloco	Matérias	Editoria	Tempo	Formato	Fontes	Estrutura	Produção	Edição	Cobertura
	Notícias Vaticano	Religião	1'22''	Nota simples correspondente por telefone		Cabeça + Off por telefone e imagem com foto	Rede Vida	Rede Vida	Roma
	Agenda JCTV	Religião		Nota simples, com caracteres		Cabeça + Nota simples estúdio pelo apresentador + caracteres	Rede Vida	Rede Vida	Nacional
	Celebração especial E Música católica	Religião	1'04''	Nota simples		Cabeça + Off por telefone e imagem com foto	Rede Vida	Rede Vida	Patos PB e Nova Friburgo RJ
2	Festas juninas nordeste	Cultura	3'22	Reportagem	Presidente câmara municipal; pároco;	Cabeça + Off + sonora presidente da Câmara + off + sonora pároco	Correspondente off e imagens	Rede Vida	RN
	Novo Vigário/ Encontro de CEBS	Religião	1'02''	2 Notas simples correspondente por fone		Cabeça + Off por telefone e imagem com foto	Rede Vida	Rede Vida	Sete Lagoas MG e Diamantina MG
	Quadro Bispo de Joinville	Religião	1'07''	Comentário	Bispo	Cabeça + pregação	Bispo de Joinville	Bispo	Nacional
	Previsão do tempo	Clima		Nota coberta	WM7 Metereologia	Off + mapas e caracteres	Rede Vida	Rede Vida	Nacional

“JCTV” 12/07/2004 – 18h30 – Continuação

Bloco	Matérias	Editoria	Tempo	Formato	Fontes	Estrutura	Produção	Edição	Cobertura
	Festa de São Vicente / Boscolândia	Religião	55”	Notas simples	Correspondentes	Cabeça + Off por telefone e imagem com foto	Rede Vida	Rede Vida	Sorocaba e Crateús (CE)
	Páscoa dos militares	Religião	1’	Nota coberta	Assessoria de imprensa da arquidiocese do RJ	Cabeça + Off + sobe som padre + off local (sobe som)	Arquidiocese RJ e Rede Vida	Rede Vida	RJ
	Semana Diocesana de Formação / Nova padre na paróquia de Santo Anastácio	Religião	59”	Nota simples correspondente por fone	Correspondentes	Cabeça + Off por telefone e imagem com foto	Rede Vida	Rede Vida	SP Guarulhos e Presidente Prudente
	Semana teologia (faz parte das últimas notícias)	Religião		Nota coberta	Padres	Cabeça + Off com imagens	Rede Vida, com imagens enviadas do RJ	Rede Vida	Niterói – RJ
	Arquidiocese SP (faz parte das últimas notícias)	Religião		Boletim	Padre	Cabeça + Boletim	Arquidiocese de SP e Rede Vida	Rede Vida	SP

“JCTV” – 13/07/2004 – 18h30

Bloco	Matérias	Editoria	Tempo	Formato	Fontes	Estrutura	Produção	Edição	Cobertura
1	Cartazes campanha fraternidade 2005 – Solidariedade e Paz	Religião		Nota ao vivo	CNBB	Nota simples apresentador estúdio	Rede Vida	Rede Vida	Nacional
	Campanha arrecadação brinquedos	Religião/social	1'45''	Reportagem	Padre	Cabeça + off + sonora padre + off + passagem + off + pé (caracteres)	Imagens e textos. Narração off de Andréa.	Rede Vida	RJ
	Festa padroeira Festa N. S. Carmo	Religião	1'	Nota		Nota gravada por telefone	Rede Vida	Rede Vida	Curitiba São João Del Rei (MG)
	Exposição de fotos sobre paróquia de Sorocaba	Religião	1'47''	Reportagem	Padre; ex-prefeito de Sorocaba; visitante	Cabeça + off + sonora padre + off + sonora ex-prefeito + sonora visitante + boletim.	Imagens, offs e edição Universidade de Sorocaba. Rede Vida coloca caracteres e corta para adequar ao tempo.	Universidade de Sorocaba e Rede Vida	SP
	Festa padroeiro São João Batista	Religião	3'06''	Reportagem	Bispo; pároco, devoto; administrador paroquial	Cabeça + off + sonora bispo + off + sonora pároco + off + sonora devoto + off + sonora administrador.	Imagens e off feitos pelo correspondente de RN. Mandam pré-roteiro para edição.	Rede Vida	RN

“JCTV” – 13/07/2004 – 18h30 – Continuação

Bloco	Matérias	Editoria	Tempo	Formato	Fontes	Estrutura	Produção	Edição	Cobertura
	Notícias de Roma	Religião		Nota		Nota correspondente por fone	Rede Vida e Correspondente	Rede Vida	Roma
	Agenda católica	Religião		Nota	Não tem	Nota simples lida pelo apresentador	Rede Vida	Rede Vida	Nacional
2	Aborta fetos anencéfalos	Religião/ Ciência/ justiça	3'12"	Reportagem	Jurista, professor de Direito Constitucional; padre advogado.	Cabeça + passagem + sonora jurista + off + sonora professor + off + passagem + sonora padre (com entrevista)	Rede Vida Porto Alegre	Rede Vida Rio Preto e Porto Alegre	Nacional
	Notícias de Brasília	Geral	5'06"	Reportagem e boletim	Aluno; professor; dois alunos; estagiário de pedagogia.	Entra boletim (stand up) ao vivo de Brasília, chama para matéria editada (off + passagem + off + sonora aluno + off + sonora professor + off + sonora aluna + sonora aluna + off + sonora professor + off + sonora aluna + sonora estagiário – matéria sobre alfabetização adultos). Volta boletim com repórter ao vivo.	Rede Vida Brasília.	Rede Vida Brasília	Brasília

“JCTV” – 13/07/2004 – 18h30 – Continuação

Bloco	Matérias	Editoria	Tempo	Formato	Fontes	Estrutura	Produção	Edição	Cobertura
	Encontro Vocacional Festa Nossa Senhora do Carmo	Religião		Nota		Nota simples, por fone.	Rede Vida e correspondente.	Rede Vida	Florianópolis e Bom Jesus da Lapa – BA
	Previsão do tempo								Nacional
	Bispo de Joinvile	Religião							
	Festa do Caminhoneiro Curso de teologia pastoral	Religião		Nota		Nota simples, por fone	Rede Vida e correspondente	Rede Vida	Apucarana _ PR e Diamantina MG
	Festa Carreteiro em Aparecida	Religião	20”	Nota coberta		Cabeça + off coberto	Rede Vida	Rede Vida	SP
	Arquidiocese de SP	Geral	1’	Boletim		Cabeça + boletim padre	Rede Vida e arquidiocese de SP	Rede Vida	SP

“JCTV” – 14/07/2004 – 18h30

Bloco	Matérias	Editoria	Tempo	Formato	Fontes	Estrutura	Produção	Edição	Cobertura
1	Simpósio sobre Cícero Batista	Religião		Nota simples		Nota simples – estúdio apresentadora, logo após as manchetes	Rede Vida	Rede Vida	Nacional
	Notícias do RJ ao vivo	Religião/social	7’30”	Nota coberta; reportagem; boletim	Padre; Igreja; participante;	Entrada com nota coberta; boletim (<i>stand up</i>) ao vivo do Luiz Antonio, que chama matéria do RJ (off + sonora participante; + off + sonora padre + off – 3”30). Volta ao vivo com repórter, que dá várias notícias, todas sobre a Igreja (2’45”).	Ao vivo RJ, Rede Vida + matéria produzida pela repórter RJ	Rede Vida RJ	RJ
	Escola de Fé e Política Visita pastoral do bispo	Religião	51”	Notas		Nota simples por fone – dois correspondentes	Rede Vida	Rede Vida	Jundiaí e Curitiba
	Festa da Colheita	Religião/cultura	2’57”	Reportagem	Prefeito de Cruzeta; pároco de Cruzeta	Cabeça + off + sonora prefeito + off + sonora pároco.	Imagens e off da diocese de RN	Rede Vida	RN

“JCTV” – 14/07/2004 – 18h30 – Continuação

Bloco	Matérias	Editoria	Tempo	Formato	Fontes	Estrutura	Produção	Edição	Cobertura
	Art jovem – festival	Religião/cultura	1’39”	Reportagem	Organizador evento; padre; integrante grupo teatro.	Cabeça + off + sonora coordenador + off + sonora padre + off + sonora integrante.	Diocese de Itapeva – imagens + off + pré-roteiro	Rede Vida	SP
	Notícias de Roma	Religião	1’01”	Notas	Não tem	Nota simples lida pelo apresentador, com uso de caracteres + chamada para nota do correspondente de Roma por fone.	Rede Vida e Correspondente de Roma.	Rede Vida	Roma
	Agenda	Religião		Nota simples		Nota simples lida pelo apresentador no estúdio com uso de caracteres	Rede Vida	Rede Vida	Nacional
2	Programa de qualificação profissional	Religião / social	2’25”	Reportagem	Coordenadora do programa; monitora.	Cabeça + passagem + sonora coordenadora programa + off + sonora monitora + off + sonora monitora + off + sonora coord. + off	Imagens, off e edição correspondente Rede Vida – estúdio Porto Alegre.	Rede Vida	RS
	Festa N. S. Carmo Missa Solene	Religião	1’04”	Nota simples		Cabeça + notas simples por fone	Rede Vida	Rede Vida	Sorocaba e Caxias do Sul
	Pregação padre	Religião	1’	Boletim		Cabeça + Padre fala sobre religião	Rede Vida	Rede Vida	SC

“JCTV” – 14/07/2004 – 18h30 – Continuação

Bloco	Matérias	Editoria	Tempo	Formato	Fontes	Estrutura	Produção	Edição	Cobertura
	Festa em louvor Nossa Senhora do Carmo	Religião	1'40	Boletim	Pároco (frei)	Cabeça + boletim (stand up) + sonora com pároco + boletim (stand up) (caracteres)	Brasília	Brasília	Brasília
	Previsão do Tempo	Clima		Nota		Off e uso de caracteres e mapas	Rede Vida	Rede Vida	Nacional
	40 anos sacerdócio padre	Religião	1'55"	Reportagem	Padre; bispo; irmã do padre	Cabeça + off + sonora padre + sonora bispo + off + sonora irmã do padre	Imagens e off – Volta Redonda	Rede Vida	RJ
	Assembléia de catequese	Religião		Nota		Nota simples estúdio apresentadora	Rede Vida	Rede Vida	SP
	Dia da Padroeira Celebração de Ano Jubilar	Religião	56"	Notas simples		Cabeça + nota simples por fone	Correspondentes	Rede Vida	Presidente Prudente e Sete Lagoas
	Conferência Nacional de Política para mulheres	Social	1'07"	Nota coberta	Ministro Casa Civil	Cabeça + nota coberta	Rede Vida	Rede Vida	Brasília
	Notícias arquidiocese SP	Religião		Boletim		Cabeça + boletim	Arquidiocese SP	Rede Vida	SP

“JCTV” – 15/07/2004 – 18h30

Bloco	Matérias	Editoria	Tempo	Formato	Fontes	Estrutura	Produção	Edição	Cobertura
1	Criado comitê 9840 na arquidiocese de BH	Religião/social		Nota	Arquidiocese de BH	Nota simples apresentador estúdio	Rede Vida	Rede Vida	Nacional
	Missa para crianças em Uberaba, BH	Religião	1'42"	Reportagem	Pai de criança; coordenadora de catequese; pároco	Cabeça + off + sonora pai + off + sonora coordenador catequese + sonora pároco	Roteiro Uberaba. Edição final Rede Vida	Rede Vida	BH
	Nota Florianópolis – Romaria	Religião	27"	Nota		Nota correspondente fone	Rede Vida	Rede Vida	Florianópolis
	Nota Bauru – Retiro	Religião	27"	Nota		Nota telefone	Rede Vida	Rede Vida	SP
	Lançamento livro	Economia / Direito	2'20"	Reportagem	Autor do livro	Cabeça + off + sonora autor + off + sonora autor + off	Brasília	Rede Vida	Nacional
	Ordenação Festa padroeira	Religião	27"	Nota		Nota telefone	Rede Vida	Rede Vida	Assis – SP Recife
	Dívida Estado com União	Economia / Política	2'39"	Reportagem	Governador do RS e ex-secretário da fazenda do RS	Cabeça + off + sonora governador + off + sonora governador + off + sonora ex-secretario fazenda	Produzida pela Rede Vida Porto Alegre.	Reeditada devido ao tempo – Rede Vida	Nacional / RS

“JCTV” – 15/07/2004 – 18h30 – Continuação

Bloco	Matérias	Editoria	Tempo	Formato	Fontes	Estrutura	Produção	Edição	Cobertura
	Notícias de Roma	Religião	54”	Nota		Nota correspondente de Roma por telefone	Rede Vida	Rede Vida	Internacional
	Agenda JCTV	Religião		Nota simples		Nota simples lida pela apresentadora no estúdio, com caracteres	Rede Vida	Rede Vida	Nacional
2	Campanha do Agasalho em SP	Social	1’57”	Reportagem	Primeira dama estado SP	Cabeça + off + passagem + sonora primeira dama + off + sonora primeira dama	Rede Vida SP	Rede Vida	SP
	Nota Marília – retiro	Religião	30”	Nota simples		Nota correspondente por telefone	Rede Vida	Rede Vida	SP
	Nota Diamantina – missa	Religião	30”	Nota		Nota correspondente por telefone	Rede Vida correspondente	Rede Vida	Diamantina
	Pregação bispo Joinvile	Religião	1’03”	Nota		Cabeça + Padre fala sobre religião	Diocese Joinvile	Rede Vida	Nacional
	Previsão do tempo	Geral		Nota coberta (uso de recursos gráficos)	WM7 Meteorologia	Off e uso de caracteres e mapas	Rede Vida	Rede Vida	Nacional

“JCTV” – 15/07/2004 – 18h30 – Continuação

Bloco	Matérias	Editoria	Tempo	Formato	Fontes	Estrutura	Produção	Edição	Cobertura
	Evento canonistas no RJ	Religião	59”	Nota coberta	Bispo auxiliar do RJ	Cabeça + off + sonora bispo RJ do local (sobe som) + off	Material enviado por colaborador RJ	Rede Vida	RJ
	Festival de Teatro em S. J. Rio Preto	Cultural		Nota ao vivo		Nota lida pela apresentadora no estúdio ao vivo	Rede Vida	Rede Vida	SP
	Correspondentes dioceses (2)	Religião	51’	Nota		Nota correspondente por fone	Rede Vida	Rede Vida	Caicó e Nova Friburgo
	Divulgação site católico	Religião		Nota		Nota apresentador estúdio	Rede Vida	Rede Vida	RJ
	Notícias da Igreja	Religião	1’23”	Boletim	Monsenhor arquidiocese SP	Cabeça + boletim	Arquidiocese SP	Rede Vida	Nacional

“JCTV” – 16/07/2004 – 18h30

Bloco	Matérias	Editoria	Tempo	Formato	Fontes	Estrutura	Produção	Edição	Cobertura
1	Festival de música Juiz de Fora	Religião		Nota simples		Nota simples – estúdio apresentadora, logo após as manchetes	Rede Vida	Rede Vida	Nacional
	Investidura de ministros na arquidiocese do RJ	Religião	55”	Nota coberta	Padre	Cabeça + off coberto com som ambiente	Arquidiocese do RJ	Rede Vida	RJ
	Encontro movimento Rosário Perpétuo Missa N. S. Carmo	Religião	54”	Notas		Nota simples por fone – dois correspondentes	Rede Vida	Rede Vida	Curitiba Florianópolis
	Inauguração seminário na arquidiocese de Sorocaba	Religião	2’10”	Reportagem	Engenheiro; padre reitor seminário; seminarista; padre administrador do seminário	Cabeça + off + engenheiro + off + padre reitor seminário + seminarista + padre administrador seminário	Arquidiocese de Sorocaba	Rede Vida	SP

“JCTV” – 16/07/2004 – 18h30 – Continuação

Bloco	Matérias	Editoria	Tempo	Formato	Fontes	Estrutura	Produção	Edição	Cobertura
	Missa padroeira Encontro Pastoral da Saúde	Religião		Notas		Notas correspondentes telefone		Rede Vida	Uberlândia Sorocaba
	Horta comunitária em seminário	Religião	1'25"	Reportagem	Seminaristas	Cabeça + boletim (stand up) + seminarista + seminarista + boletim (stand up) fechamento	Volta Redonda/RJ – correspondente	Rede Vida	RJ
	Bispo Joinvile	Religião	1'08"	Boletim		Cabeça + padre fala sobre religião	Padre Joinvile	Rede Vida	Nacional
	Agenda	Religião / social		Nota		Nota em estúdio pela apresentadora com caracteres	Rede Vida	Rede Vida	Nacional
2	Lançamento cartilha sobre política pelo arcebispo de Porto Alegre	Religião/ política	2'16"	Reportagem	Arcebispo de Porto Alegre	Cabeça + off + passagem + sonora arcebispo + off + sonora arcebispo + off + sonora arcebispo	Rede Vida Porto Alegre	Rede Vida	RS
	Novena N. S. Carmo – Missa 50 anos de Diocese	Religião	1'	Nota simples		Cabeça + notas simples por fone	Rede Vida	Rede Vida	Diamantina Sete Lagoas

“JCTV” – 16/07/2004 – 18h30 – Continuação

Bloco	Matérias	Editoria	Tempo	Formato	Fontes	Estrutura	Produção	Edição	Cobertura
	Festa Novena Nossa Senhora do Carmo	Religião	50”			Cabeça + Padre fala sobre novena	Diocese Jundiá – SP	Rede Vida	SP
	Previsão do tempo	Geral		Nota coberta	WM7 Metereologia	Nota coberta – uso de caracteres e mapas	Rede Vida	Rede Vida	Nacional
	Missa e Crisma Projeto sobre Água	Religião	1’03”	Notas		Notas correspondentes por telefone	Rede Vida	Rede Vida	Araçai (MG) Passo Fundo (RS)
	Festival internacional de teatro em São José do Rio Preto	Cultural	3’20”	Reportagem	Presidente festival e secretaria cultura de Rio Preto; secretaria cultura de SP; diretor do Sesc de Rio Preto; presidente da Funart; coordenador geral do festival	Cabeça + off + sonora presidente festival + sonora Sec. cultura de SP + sonora diretor do Sesc + sonora presidente Funart + boletim + sonora coordenador geral do festival + off + pé (fechamento no estúdio)	Assessoria de imprensa do Festival (cedida à Rede Vida)	Rede Vida	Nacional
	Procissão de São Cristóvão Paróquia recebe imagem Santa	Religião	59’	Notas		Notas correspondentes por telefone	Rede Vida	Rede Vida	Presidente Prudente Guarulhos
	Pastoral da Juventude	Religião	20”	Nota coberta	Pastoral da Juventude de Curitiba	Nota coberta	Rede Vida/Imagens Pastoral Juventude	Rede Vida	PR

“JCTV” – 16/07/2004 – 18h30 – Continuação

Bloco	Matérias	Editoria	Tempo	Formato	Fontes	Estrutura	Produção	Edição	Cobertura
	Notícias arquidiocese SP	Religião	56”	Boletim (stand up)		Cabeça + boletim	Arquidiocese SP	Rede Vida	SP
	Doação de Sangue	Geral		Nota coberta		Nota lida em estúdio pela apresentadora sobre imagens (caracteres)	Rede Vida	Rede Vida	São Paulo

APÊNDICE F

Entrevista com Andréa Bonatelli

Nome: Andréa Bonatelli

Data: 13 de julho de 2004

Local: São José do Rio Preto/SP

Cargo: Jornalista / Editora JCTV

Formação: Jornalismo

Tempo de trabalho na Rede Vida: 9 anos

Atividades: apresentadora, repórter e editora do “JCTV”

Michele – Quais são os princípios que definem a programação da Rede Vida?

Andréa – Os princípios cristãos, não só os da Igreja católica. Porque a Igreja caminha para o ecumenismo e nós caminhamos juntos.

Michele – Quais as características que um programa deve ter para entrar na grade da emissora?

Andréa – Deve ser um programa para a família.

Michele – Qual a relevância do jornalismo na programação da Rede Vida?

Andréa – Não é o mais importante. O mais importante são as missas.

Michele – Qual a relevância do programa no quadro da Rede Vida?

Andréa – Posso dizer nenhuma? Tem pouca relevância.

Michele – Qual é a linha editorial do programa?

Andréa – Mostrar o trabalho da Igreja no Brasil.

Michele – Desde quando o programa está no ar?

Andréa – Desde 1º de abril de 1997. Este é o dia de fundação do jornal O Diário de Barretos, da Organização Monteiro de Barros.

Michele – Passou por mudanças (histórico)?

Andréa – Sim, mas a base é a mesma. No início eram dois apresentadores e o cenário era outro. Hoje temos uma maior participação das dioceses e um público mais amplo.

Michele – Como são definidas as pautas?

Andréa – Não tem reunião de pauta. Quem as define são a editora e os repórteres dos estúdios auxiliares.

Michele – Quem escolhe e quais são os critérios para escolher as fontes?

Andréa – De modo geral são os correspondentes. Às vezes a direção da Rede Vida orienta para que se faça matéria com algumas pessoas (algum religioso ligado à TV) que esteja na cidade.

Michele – Quais são os critérios utilizados para editar as matérias? E o programa?

Andréa – Trabalho com uma média de 5 a 6 VTS, por causa do tempo e porque tenho que ter três manchetes. Defino as manchetes pela qualidade das matérias. Às vezes não tem nenhuma. A entrada ao vivo é considerada VT. Procuo equilibrar a edição pela qualidade das matérias (exemplo, não colocar todas as matérias em VHS juntas). Procuo abrir com uma matéria da Igreja (mas não é regra). Na passagem de bloco, normalmente uso uma matéria que não é da Igreja. No final, coloco as mais “litghs”. Não sei por que.

Michele – Número de blocos do programa?

Andréa – Dois.

Michele – Tempo total e tempo por blocos?

Andréa – O programa tem meia hora, dois blocos de 15 minutos.

Michele – Quais são os formatos jornalísticos contemplados e priorizados?

Andréa – Reportagem, nota, boletim, nota coberta e comentário.

Michele – Tempo médio das matérias?

Andréa – Dois minutos e 30 segundos.

Michele – Como é trabalhar com a produção descentralizada?

Andréa – É bom por causa da diversidade de temas, mas é difícil por causa da qualidade técnica. Já melhorou, porque aos poucos vou orientando o pessoal sobre como fazer as matérias. Quando é bom, eu uso o material. Mas às vezes é ruim e eu tenho que usar, mas uso contrariada.

Michele – Como é fazer jornalismo numa emissora católica?

Andréa – É diferente. Temos que dar um tratamento “light” para os fatos, para não impactar, para “tranquilizar”. Nada para impressionar. Esse é um momento de lazer e informação para as pessoas.

Michele – Por que fazer ao vivo?

Andréa – Porque valoriza o programa. Tudo que é inédito em termos de notícia sai na edição das 18h30.

Michele – Público-alvo do programa?

Andréa – Terceira idade.

Michele – Audiência média?

Andréa – Não sabe.

Michele – Número de pessoas que atuam na produção – cargo, formação e onde atuam?

Andréa – Dois jornalistas; três editores; um gerador de caracteres; um câmera; outros técnicos.

Michele – Patrocinadores?

Andréa – Não tem.

APÊNDICE G

Matérias do programa “Este é o Meu Brasil” – 17/07/2004

Matérias do programa “Este é o Meu Brasil” – 17/07/2004

Blocos	Matérias	Editoria	Tempo	Formato	Fontes	Estrutura	Produção/ edição	Cobertura
1 – 18’07”	Turismo em propriedades rurais no RS		5’25”	Reportagem	Agricultor EMATER Proprietário rural Associado Tenda Rural Associada Tenda Rural	Cabeça + agricultor (com entrevista + representante EMATER + off coberto + proprietário rural (abre para imagens da propriedade, cobertas pela fala dele) + off + proprietário rural (o mesmo) + off + associado tenda rural + associada tenda rural + EMATER (mesma) + off	EMATER RS	RS
	Uso da berinjela para baixar colesterol – enfoque em pesquisa da UFMG		2’05	Reportagem	Professora (independente) Pesquisadora (oficial) Nutricionista (especialista)	Off + professora + off + pesquisadora da UFMG + off + nutricionista	Rede Minas	Nacional – MG
	Lançamento de série de livros “Decantando a República” – enfoque relação da música com história brasileira	Sem data	2’36	Reportagem	Compositor Compositor Organizador (oficial)	Off com áudio sobe som (imagens históricas e música) + Chico Buarque, compositor + off imagens históricas e música + MV Bill, compositor de rap (sobe som) + passagem + off (livro) + organizador do livro	TVE RJ – NBR	RJ

Matérias do programa “Este é o Meu Brasil” – 17/07/2004 – Continuação

Blocos	Matérias	Editoria	Tempo	Formato	Fontes	Estrutura	Produção/ edição	Cobertura
	Rainha do pífano faz apresentação no RJ (ênfase: história de vida; música nordestina)		1'13"	Reportagem	Artista nordestina Músico (ambos independentes)	Off coberto + nordestina (artista) + off + músico	NBR com imagens da TVE RJ	RJ
	Música Refô, enfoque curso para pessoas de diferentes classes sociais; importância do curso		2'00	Reportagem	Independentes: Engenheiro agrônomo (aluno) Policial (aluno) Estudante (aluna) Oficial: Dançarino e músico (professor)	Off com áudio + engenheiro agrônomo (aluno do curso de dança) + off com áudio + policial + dançarino e músico (professor do curso) + estudante (aluna do curso) + imagens com áudio (dança)	TV Horizonte	RJ
	Projeto para idosos, enfoque: curso de capacitação de idosos (ação do Ministério do Desenvolvimento Social)	Sem datas, verbos no presente, lançamento do projeto, enfoque nas atividades futuras	1'50"		Oficiais: Reitor da PUC Minas Ministro do Desenvolvimento Social Presidente grupo de idosos (matéria contempla todos os envolvidos)	Off + reitor da PUC Minas + ministro do desenvolvimento social + off + coordenadora do curso + off + presidente grupo de idosos + off com áudio (música)	TV Horizonte	MG

Matérias do programa “Este é o Meu Brasil” – 17/07/2004 – Continuação

Blocos	Matérias	Editoria	Tempo	Formato	Fontes	Estrutura	Produção/ edição	Cobertura
2	Propriedades medicinais da amora		4'08		EMATER Produtor Rural	Off com áudio + EMATER + off + produtor rural + off áudio + EMATER (mesmo) com entrevista + off + produtor rural (mesmo) + imagens com música	EMATER Rio Azul PR	PR
	Lançamento (em Curitiba) do programa federal Luz para todos, enfoque nas atividades no Paraná		1'13		Beneficiado Presidente da Itaipu	Off com áudio local + passagem + off + beneficiado + off + presidente da Itaipu	NBR com imagens TVE PR	PR
	Indústria brasileira de software e exportações		2'39"		Empresário Empresário Presidente da Apex	Cabeça + empresário + off + empresário + passagem + empresário (mesmo) + presidente da Apex	NBR	Brasília
	Doutores da alegria		1'46"		Autora de livro Ator	Cabeça + off com áudio local + autora de livro sobre o tema + off com áudio local + ator + off com áudio local	NBR com imagens da TVE do RJ	RJ
	Turismo no Parque Nacional de Nova Iguaçu		2'32"		Diretor do parque Representante do Departamento de Rec.Naturais do RJ Geóloga	Cabeça + off + diretor do parque + Off + representante do Departamento de Recursos Naturais do RJ + off + geóloga	NBR com imagens TVE RJ	RJ

Matérias do programa “Este é o Meu Brasil” – 17/07/2004 – Continuação

Blocos	Matérias	Editoria	Tempo	Formato	Fontes	Estrutura	Produção/ edição	Cobertura
	Aniversário da corporação de Bombeiros de Brasília	Sem data, verbo no passado	1'15			Off + passagem + ministro do Esporte + off + coronel corpo de bombeiros + coordenador da corrida	NBR	Brasília
	Capoeira (ênfase é dossiê enviado a Unesco para transformar a capoeira em patrimônio imaterial da humanidade)	Em data, verbos no presente	2'12"		Secretário de Esporte Capoeirista Mestre de capoeira	Off com áudio local + secretário de Esporte do DF + off com áudio + capoeirista + off com áudio + mestre de capoeira + áudio local com imagens	NBR	Brasília
	Criação de peixes (alternativas para os pescadores do Rio Paraíba, nova tecnologia – tanques-rede)	A reportagem foi editada, por isso alguns elementos importantes estão ausentes.	2'50		Bióloga Filha Esposa Crianças Senhor (não identificado)	Cabeça + Bióloga Univap + filha do Sr. Alziro + off + áudio de fonte não identificada + bióloga + esposa Sr Alziro + Off + crianças + um senhor não identificado	Univap – São José dos Campos	SP

Matérias do programa “Este é o Meu Brasil” – 17/07/2004 – Continuação

Blocos	Matérias	Editoria	Tempo	Formato	Fontes	Estrutura	Produção/ edição	Cobertura
	Osteoporose		2'14		Aposentada Mãe Secundária Sociedade Brasileira de Endocrinologia; Congresso Internacional de Osteoporose (essas duas são usadas para referir dados sobre a doença)	Off + aposentada + off com quadro com caracteres mostrando dados numéricos + médico + off + passagem + off + mãe	NBR com imagens TVE RJ	RJ
	Arte brasileira (ênfase: entrega de documento pelos artistas ao presidente e conteúdo do documento / reivindica- ções)	Sem datas	1'50"		Ator Diretor da TV PUC de SP Presidente Lula Secundária:	Cabeça + off + ator + passagem + diretor da TV PUC + off com áudio local + presidente Lula	NBR	Brasília

Matérias do programa “Este é o Meu Brasil” – 17/07/2004 – Continuação

Blocos	Matérias	Editoria	Tempo	Formato	Fontes	Estrutura	Produção/ edição	Cobertura
	Artesanato com material reciclado – enfoque: trabalho produzido por pacientes de hospitais da rede pública		1’26”		Organizadora	Cabeça + off + organizadora + off com música	TV Horizonte	MG
	Projeto Usina da Cidadania (cursos profissionalizantes no RJ)	Sem datas, no presente	1’06		Aluno Aluna Coordenadora	Cabeça + off + porteiro formado no curso + off + aluna + off com áudio local + coordenadora social da Usina da Cidadania	NBR com TVE do RJ	RJ
	Acidentes nas escolas (estudo de médico do setor de queimados do HPS) Enfoque: cuidados; prevenção com disciplina na escola	Sem datas, presente (Aqui no Pronto Socorro de BH...), verbos no presente	2’54			Cabeça + off + criança + off + professora (mãe) + passagem + off + cirurgião plástico + off + mãe	NBR com imagens da Rede Minas	Brasília

Matérias do programa “Este é o Meu Brasil” – 17/07/2004 – Continuação

Blocos	Matérias	Editoria	Tempo	Formato	Fontes	Estrutura	Produção/ edição	Cobertura
	Uso de cães em terapia de idosos com Alzheimer – Hospital Universitário de Brasília	“A reportagem é de Fabiana Marques, especialmente para a Rede Vida...” “... aqui no HUB de Brasília...”				Cabeça + off + médico (sem caracteres) + off + fonte não identificada + off + médico com entrevista + passagem	Rede Vida Brasília	Brasília

APÊNDICE H

Entrevista com Luiz Carlos Fabrini

Nome: Luiz Carlos Fabrini

Data: 10 de julho de 2004

Local: São José do Rio Preto/SP

Cargo: Jornalista

Formação: Direito (atuou 25 anos como advogado)

Tempo de trabalho na Rede Vida: 4 anos

Atividades: produtor e apresentador do “Este é o meu Brasil”, apresentador do “JCTV” das 7h, apresentador do “Tribuna Independente” da sexta-feira, narrador esportivo.

Michele – Qual a relevância do programa no quadro da Rede Vida?

Luiz Carlos – É importante, mas não o mais importante. O mais importante é o “JCTV” das 18h30, porque é ao vivo.

Michele – Linha editorial?

Luiz Carlos – Mostrar o lado bom do Brasil.

Michele – Desde quando o programa está no ar?

Luiz Carlos – Há 8 anos.

Michele – Passou por mudanças (histórico)?

Luiz Carlos – Sim, no início era meia hora. Mas a linha editorial e o enfoque do programa eram os mesmos.

Michele – Como são definidas as pautas?

Luiz Carlos – Quem define as pautas são os colaboradores que produzem as matérias. Quem seleciona as matérias veiculadas sou eu.

Michele – Quem escolhe e quais são os critérios para escolher as fontes?

Luiz Carlos – São os produtores das matérias. A Rede Vida não orienta nada.

Michele – Quais são os critérios utilizados para editar as matérias? E o programa?

Luiz Carlos – As matérias mais importantes, que mais agradam, que vão prender o telespectador. Outros critérios são o equilíbrio do programa, distribuindo os assuntos de forma variada; e o tempo.

Michele – Número de blocos?

Luiz Carlos – Três.

Michele – Tempo total e tempo por blocos?

Luiz Carlos – Cerca de 15 minutos por bloco. O programa tem 1 hora.

Michele – Quais são os formatos jornalísticos contemplados e priorizados?

Luiz Carlos – Reportagem.

Michele – Por que descentralizar a produção?

Luiz Carlos – Por necessidade.

Michele – Público-alvo do programa?

Luiz Carlos – Geral.

Michele – Audiência média?

Luiz Carlos – Não sabe.

Michele – Número de pessoas que atuam na produção – cargo, formação e onde atuam?

Luiz Carlos – Um jornalista; três editores; um gerador de caracteres.

Michele – Patrocinadores?

Luiz Carlos – Não tem.

ANEXOS

ANEXO A

Modelo da grade de programação da Rede Vida, em julho de 2004

	SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SABADO	DOMINGO
05:00	PENALTI LUTAL	EDICAO NACIONAL	EDICAO NACIONAL	EDICAO NACIONAL	EDICAO NACIONAL	EDICAO NACIONAL	TELECURSO LEGENDADO
05:45	ORAÇÃO DO SANTUARIO	ORAÇÃO DO SANTUARIO	ORAÇÃO DO SANTUARIO	ORAÇÃO DO SANTUARIO	ORAÇÃO DO SANTUARIO	ORAÇÃO DO SANTUARIO	05:45
06:00	TERÇO BRZANTINO	TERÇO BRZANTINO	TERÇO BRZANTINO	TERÇO BRZANTINO	TERÇO BRZANTINO	TERÇO BRZANTINO	05:55
06:30	PAO NOSSO	PAO NOSSO	PAO NOSSO	PAO NOSSO	PAO NOSSO	PAO NOSSO	06:00
06:45	ORAÇÃO DO SANTUARIO	ORAÇÃO DO SANTUARIO	ORAÇÃO DO SANTUARIO	ORAÇÃO DO SANTUARIO	ORAÇÃO DO SANTUARIO	ORAÇÃO DO SANTUARIO	06:25
06:30	AL-GRAI ESPERANÇA	ENCANTO COM CRISTO PALAVRA DO PASTOR	ENCANTO COM CRISTO PALAVRA DO PASTOR	ENCANTO COM CRISTO PALAVRA DO PASTOR	ENCANTO COM CRISTO COM MUITO AMOR	ENCANTO COM CRISTO COM MUITO AMOR	06:30
07:00	ICTV	ICTV	ICTV	ICTV	ICTV	ICTV	06:45
07:15	ICTV	ICTV	ICTV	ICTV	ICTV	ICTV	06:55
07:25	BRASIL E ISSO	BRASIL E ISSO	BRASIL E ISSO	BRASIL E ISSO	BRASIL E ISSO	BRASIL E ISSO	07:00
07:30	BRASIL E ISSO	BRASIL E ISSO	BRASIL E ISSO	BRASIL E ISSO	BRASIL E ISSO	BRASIL E ISSO	07:05
07:45	AMOR EXIGENTE	REIAXE E VIVA FELIZ	A KEBELA PA O MUNDO	KIRIGAMA	PAGINAS DE BIBLIA	MISSA DE APARECIDA	07:15
08:00	O SANTO DO DIA	O SANTO DO DIA	O SANTO DO DIA	O SANTO DO DIA	O SANTO DO DIA	O SANTO DO DIA	07:30
08:30	MOMENTO DE FÉ	MOMENTO DE FÉ	MOMENTO DE FÉ	MOMENTO DE FÉ	MOMENTO DE FÉ	MOMENTO DE FÉ	07:45
08:45	MISSA DE APARECIDA	MISSA DE APARECIDA	MISSA DE APARECIDA	MISSA DE APARECIDA	MISSA DE APARECIDA	MISSA DE APARECIDA	08:00
09:00	ALGRIA ESPERANÇA	PAVAVRA DE PASTOR	PAVAVRA DE PASTOR	ALGRIA ESPERANÇA	MISSA DE APARECIDA	MISSA DE APARECIDA	08:15
10:00	TELECURSO 2000	TELECURSO 2000	TELECURSO 2000	TELECURSO 2000	TELECURSO 2000	TELECURSO 2000	08:30
10:15	COISAS DE CRIANÇAS	COISAS DE CRIANÇAS	COISAS DE CRIANÇAS	COISAS DE CRIANÇAS	COISAS DE CRIANÇAS	VIDA E SAUDE	08:45
11:00	MOTIVACAO E UCESSO	VIDA NO CAMPO	VIDA NO CAMPO	VIDA NO CAMPO	VIDA NO CAMPO	FAMENDO ESPERANÇA	09:00
11:45	TERÇO BRZANTINO	TERÇO BRZANTINO	TERÇO BRZANTINO	TERÇO BRZANTINO	TERÇO BRZANTINO	BATE PAO	09:15
12:00	TERÇO / PAO NOSSO	TERÇO / PAO NOSSO	TERÇO / PAO NOSSO	TERÇO / PAO NOSSO	TERÇO / PAO NOSSO	TERÇO / PAO NOSSO	10:00
12:30	ICTV	ICTV	ICTV	ICTV	ICTV	ICTV	10:15
12:55	CAMINHOS / VIVO SP	CAMINHOS / VIVO SP	CAMINHOS / VIVO SP	CAMINHOS / VIVO SP	CAMINHOS / VIVO SP	IRU JORGE DA PAZ	10:30
13:00	CAMINHOS / VIVO SP	CAMINHOS / VIVO SP	CAMINHOS / VIVO SP	CAMINHOS / VIVO SP	CAMINHOS / VIVO SP	COISAS DE CRIANÇAS	10:45
13:45	COISAS DE CRIANÇAS	COISAS DE CRIANÇAS	COISAS DE CRIANÇAS	COISAS DE CRIANÇAS	COISAS DE CRIANÇAS	COISAS DE CRIANÇAS	11:00
14:00	TRIB INDEPENDENTE	TRIB INDEPENDENTE	TRIB INDEPENDENTE	TRIB INDEPENDENTE	TRIB INDEPENDENTE	MISSA SANI BRZANTINO	11:30
15:00	MOMENTO POLITICO	DEBATE MALTAR	TRIB INDEPENDENTE	PRAVA E INCORRECTO	TRATE O MEU BRASIL	MISSA SANI BRZANTINO	11:45
16:00	VIVER E CONVIVER	VIVER E CONVIVER	VIVER E CONVIVER	VIVER E CONVIVER	VIVER E CONVIVER	VIVER E CONVIVER	12:00
16:45	ENC COM CONGRISTO	ENC COM CONGRISTO	ENC COM CONGRISTO	ENC COM CONGRISTO	ENC COM CONGRISTO	ENC COM CONGRISTO	12:30
17:00	O SANTO DO DIA	O SANTO DO DIA	O SANTO DO DIA	O SANTO DO DIA	O SANTO DO DIA	O SANTO DO DIA	12:45
17:45	TERÇO BRZANTINO	TERÇO BRZANTINO	TERÇO BRZANTINO	TERÇO BRZANTINO	TERÇO BRZANTINO	TERÇO BRZANTINO	13:00
18:00	PAO NOSSO	PAO NOSSO	PAO NOSSO	PAO NOSSO	PAO NOSSO	PAO NOSSO	13:15
18:30	ICTV	ICTV	ICTV	ICTV	ICTV	ICTV	13:30
19:00	MOMENTOS REFLEXAO	MOMENTOS REFLEXAO	MOMENTOS REFLEXAO	MOMENTOS REFLEXAO	MOMENTOS REFLEXAO	MOMENTOS REFLEXAO	13:45
19:10	A MISSA	A MISSA	A MISSA	A MISSA	A MISSA	A MISSA	14:00
19:20	CAMINHOS / REPRES	CAMINHOS / REPRES	CAMINHOS / REPRES	CAMINHOS / REPRES	CAMINHOS / REPRES	CAMINHOS / REPRES	14:15
20:00	JUDICARIAL Q N P TV	JUDICARIAL Q N P TV	JUDICARIAL Q N P TV	JUDICARIAL Q N P TV	JUDICARIAL Q N P TV	JUDICARIAL Q N P TV	14:30
21:00	MILENIO	MILENIO	MILENIO	MILENIO	MILENIO	MILENIO	14:45
22:00	TRIB INDEPENDENTE	TRIB INDEPENDENTE	TRIB INDEPENDENTE	TRIB INDEPENDENTE	TRIB INDEPENDENTE	TRIB INDEPENDENTE	15:00
23:00	BRASIL E ISSO	BRASIL E ISSO	BRASIL E ISSO	BRASIL E ISSO	BRASIL E ISSO	BRASIL E ISSO	15:15
23:30	PORTAL S ALTERNATIVA	PORTAL S ALTERNATIVA	ASSOCIACAO CULTURAL	COMBATE	BRASIL E ISSO	ESTRE O MEU BRASIL	15:30
24:00	TV SHOPPING BRASIL	TV SHOPPING BRASIL	TV SHOPPING BRASIL	TV SHOPPING BRASIL	TV SHOPPING BRASIL	TV SHOPPING BRASIL	15:45

AJRDICA 7/45 RQNP IV

05/07/2004

ANEXO B

Grade de programação da Rede Vida, de 10 a 17 de julho de 2004



SÁBADO 10 / JULHO / 2004

00.00 – TV SHOPPING BRASIL
03 00 – O TERÇO / GOZOSOS
03 20 – O PÃO NOSSO
03 30 – KERIGMA - REPRISE
04 00 – JORNAL DA NBR – REPRISE
04.45 – EDIÇÃO NACIONAL – REPRISE
05:15 – VIDA NO CAMPO - REPRISE
05.45 – ORAÇÃO DO SANTUÁRIO
05 55 – TERÇO BIZANTINO
06.00 – O TERÇO / GOZOSOS
06 20 – O PÃO NOSSO
06 30 – TELECURSO - REPRISE
07.25 – O SANTO DO DIA
07:30 – PÁGINAS DIFÍCIES DA BÍBLIA -REPRISE
08.00 – MISSA DE APARECIDA (AO VIVO)
09 00 – BOM DIA ROMÉIRO
09 10 – COISAS DE CRIANÇA
10:00 – REPORTAGEM QUE NÃO PARA TV
10 30 – VIDA É SAÚDE
11:00 – FAZENDO ESPERANÇA
11 30 – BATE PAPO
11:55 – TERÇO BIZANTINO
12 00 – O TERÇO / GOZOSOS
12.20 – O PÃO NOSSO
12 30 – JCTV
13 00 – FREI JORGE DA PAZ COM A PALAVRA DO SENHOR
13 30 – COISAS DE CRIANÇA - REPRISE
14.30 – A HORA E A VEZ DA PEQUENA EMPRESA
15.00 – MISSA DO SANTUÁRIO BIZANTINO (AO VIVO)
17 00 – VIDA & CIDADANIA / UNIVAP
17 30 – FAMÍLIA NO DIVÃ
17 55 – TERÇO BIZANTINO
18 00 – O TERÇO / GOZOSOS
18 20 – O PÃO NOSSO
18 30 – JCTV - BRASÍLIA
19.00 – UNIVERSO EM CANÇÃO
20 00 – ESPECIAL
21 00 – ESPECIAL
22 30 – JORNAL DA NBR
23 00 – ESTE É O MEU BRASIL
23 55 – TERÇO BIZANTINO



DOMINGO 11 / JULHO / 2004

00 00 – TV SHOPPING BRASIL
03:00 – O TERÇO / GLORIOSO T 001
03 20 – O PÃO NOSSO
03.30 – CAMINHOS MESSIAS - REPRISE
04 30 – JORNAL DA NBR - REPRISE
05 00 – TELECURSO 2000
06.15 – ORAÇÃO DO SANTUÁRIO
06.20 – TERÇO BIZANTINO
06 30 – O TERÇO / GLORIOSO
06:50 – O PÃO NOSSO
07.00 – MENSAGEM DO CARDEAL
07.15 – DIÁLOGO DE FÉ
07 45 – A VOZ DO PASTOR
08 00 – VIDA NO CAMPO
08.30 – KERIGMA
09:00 – MISSA (AO VIVO)
10:00 – ESPECIAL
11 55 – TERÇO BIZANTINO
12.00 – O TERÇO / GLORIOSO
12 20 – O PÃO NOSSO
12.30 – A PALAVRA DE DEUS
12 45 – ANGELUS
13 00 – CARROS & CIA
13 30 – PÉ NA ESTRADA
14 00 – FRENTE A FRENTE - REPRISE
15 00 – ESTE É O MEU BRASIL
16.00 – DEDO DE PROSA (AO VIVO)
17:00 – ENCONTRO COM CRISTO
17 30 – REPORTAGEM QUE NÃO PARA TV
17:55 – TERÇO BIZANTINO
18 00 – MISSA DE APARECIDA (AO VIVO)
19.00 – MOTIVAÇÃO E SUCESSO – LUIZ ALMEIDA MARINS FILHO
19:30 – UNIVERSO UNIMED
20 00 – CIEE EDUCAÇÃO E TRABALHO
20 30 – CONHEÇA A CONSTITUIÇÃO
21:00 – PIANÍSSIMO - PEDRINHO MATTAR
22 00 – MOMENTO POLÍTICO – IRMA PASSONI
23.00 – PRAZER EM CONHECÊ-LO
23.55 – TERÇO BIZANTINO



SEGUNDA 12 / JULHO / 2004

00 00 – TV SHOPPING BRASIL
 03 00 – O TERÇO / GOZOSOS
 03 20 – O PÃO NOSSO
 03.30 – MOMENTO DE FÉ
 04.00 – UNIVERSO EM CANÇÃO - REPRISE
 05 00 – PONTO DE ENCONTRO CULTURAL
 05.45 – ORAÇÃO DA MANHÃ
 05 55 – TERÇO BIZANTINO
 06 00 – O TERÇO / GOZOSOS
 06:20 – O PÃO NOSSO
 06 30 – ENCONTRO COM CRISTO
 06 45 – ALEGRIA E ESPERANÇA
 07.00 – JCTV
 07 30 – BRASIL, É ISSO - BRASÍLIA
 08 00 – AMOR EXIGENTE
 08 25 – O SANTO DO DIA
 08 30 – MOMENTO DE FÉ - REPRISE
 09 00 – MISSA DE APARECIDA (AO VIVO)
 10 00 – ALEGRIA E ESPERANÇA
 10:15 – TELECURSO 2000
 11.00 – COISAS DE CRIANÇA
 11 30 – MOTIVAÇÃO E SUCESSO - REPRISE
 11 55 – TERÇO BIZANTINO
 12 00 – O TERÇO / GOZOSOS
 12 20 – O PÃO NOSSO
 12 30 – JCTV
 13:00 – CAMINHOS DO ESPORTE (AO VIVO)
 14.00 – COISAS DE CRIANÇA - REPRISE
 14 30 – TRIBUNA INDEPENDENTE – SJRP - REPRISE
 15:30 – MOMENTO POLÍTICO – IRMA PASSONI - REPRISE
 16 30 – VIVER E CONVIVER
 17:30 – ENCONTRO COM CRISTO
 17 45 – O SANTO DO DIA
 17 55 – TERÇO BIZANTINO
 18.00 – O TERÇO / GOZOSOS
 18 20 – O PÃO NOSSO
 18 30 – JCTV (AO VIVO)
 19:10 – MOMENTOS DE REFLEXÃO
 19 20 – A MISSA (AO VIVO)
 20:00 – CAMINHOS DO ESPORTE- REPRISE
 21 00 – REPORTAGEM QUE NÃO PARA TV
 21 30 – TERCEIRO MILÊNIO
 22 00 – ESTAÇÃO FUTEBOL (AO VIVO)
 23 30 – BRASIL, É ISSO – RIO DE JANEIRO
 23 55 – TERÇO BIZANTINO



TERÇA 13 / JULHO / 2004

00.00 – TV SHOPPING BRASIL
 03.00 – O TERÇO / DOLOROSOS
 03.20 – O PÃO NOSSO
 03.30 – MOMENTO DE FÉ
 04.00 – JORNAL DA NBR – REPRISE
 05.00 – EDIÇÃO NACIONAL – REPRISE
 05.45 – ORAÇÃO DO SANTUÁRIO
 05.55 – TERÇO BIZANTINO
 06.00 – O TERÇO / DOLOROSOS
 06.20 – O PÃO NOSSO
 06.30 – ENCONTRO COM CRISTO
 06.45 – PALAVRA DE PASTOR
 07.00 – JCTV
 07.30 – BRASIL, É ISSO – RIO DE JANEIRO
 08.00 – RELAXE E VIVA FELIZ
 08.25 – O SANTO DO DIA
 08.30 – MOMENTO DE FÉ - REPRISE
 09.00 – MISSA DE APARECIDA (AO VIVO)
 10.00 – PALAVRA DE PASTOR
 10.15 – TELECURSO 2000
 11.00 – COISAS DE CRIANÇA
 11.30 – VIDA NO CAMPO - REPRISE
 11.55 – TERÇO BIZANTINO
 12.00 – CONSÓRCIO RODOBENS (AO VIVO)
 12.05 – O TERÇO / DOLOROSOS
 12.20 – O PÃO NOSSO
 12.30 – JCTV
 13.00 – CAMINHOS ECONÔMICOS
 14.00 – COISAS DE CRIANÇA
 14.30 – ESTE É O MEU BRASIL- REPRISE
 15.30 – PIANÍSSIMO – PEDRINHO MATTAR - REPRISE
 16.30 – VIVER E CONVIVER
 17.30 – ENCONTRO COM CRISTO
 17.45 – O SANTO DO DIA
 17.55 – TERÇO BIZANTINO
 18.00 – O TERÇO / DOLOROSOS
 18.20 – O PÃO NOSSO
 18.30 – JCTV (AO VIVO)
 19.10 – MOMENTOS DE REFLEXÃO
 19.20 – A MISSA (AO VIVO)
 20.00 – CONSÓRCIO RODOBENS
 20.05 – COTIDIANO & VOCÊ
 20.30 – CONSÓRCIO O SEU PODER DE COMPRA
 21.00 – PONTO DE ENCONTRO CULTURAL
 21.30 – TERCEIRO MILÊNIO
 22.00 – TRIBUNA INDEPENDENTE (AO VIVO) DF
 23.30 – PORTAL DA SAÚDE ALTERNATIVA
 23.55 – TERÇO BIZANTINO



QUARTA 14 / JULHO / 2004

00:00 - TV SHOPPING BRASIL
 03:00 - O TERÇO
 03:20 - O PÃO NOSSO
 03:30 - MOMENTO DE FÉ
 04:00 - JORNAL DA NBR - REPRISE
 05:00 - EDIÇÃO NACIONAL - REPRISE
 05:45 - ORAÇÃO DO SANTUÁRIO
 05:55 - TERÇO BIZANTINO
 06:00 - O TERÇO
 06:20 - O PÃO NOSSO
 06:30 - ENCONTRO COM CRISTO
 06:45 - PALAVRA DO BISPO
 07:00 - JCTV
 07:30 - BRASIL, É ISSO - BRASÍLIA
 08:00 - A IGREJA PELO MUNDO
 08:25 - O SANTO DO DIA
 08:30 - MOMENTO DE FÉ - REPRISE
 09:00 - MISSA DE APARECIDA (AO VIVO)
 10:00 - PALAVRA DO BISPO
 10:15 - TELECURSO 2000
 11:00 - COISAS DE CRIANÇA
 11:30 - ESTE É O MEU BRASIL
 11:55 - TERÇO BIZANTINO
 12:00 - O TERÇO
 12:20 - O PÃO NOSSO
 12:30 - JCTV
 13:00 - CAMINHOS
 14:00 - COISAS DE CRIANÇA - REPRISE
 14:30 - PONTO DE ENCONTRO CULTURAL - REPRISE
 15:00 - TRIBUNA INDEPENDENTE (AO VIVO) RJ
 16:30 - VIVER E CONVIVER
 17:30 - ENCONTRO COM CRISTO
 17:45 - O SANTO DO DIA
 17:55 - TERÇO BIZANTINO
 18:00 - O TERÇO
 18:20 - O PÃO NOSSO
 18:30 - JCTV (AO VIVO)
 19:10 - MOMENTOS DE REFLEXÃO
 19:20 - A MISSA (AO VIVO)
 20:00 - EDUCAÇÃO UM TESOURO A DESCOBRIR
 21:00 - TV CIDADANIA - JAB-SP
 21:30 - TERCEIRO MILÊNIO
 22:00 - TRIBUNA INDEPENDENTE - RJ
 23:30 - ASSOCIAÇÃO CULTURAL
 23:55 - TERÇO BIZANTINO



REDEVIDA

QUINTA 15 / JULHO / 2004

00:00 – TV SHOPPING BRASIL
 03 00 – O TERÇO / LUMINOSOS
 03.20 – O PÃO NOSSO
 03.30 – MOMENTO DE FÉ
 04 00 – JORNAL DA NBR – REPRISE
 05 00 – EDIÇÃO NACIONAL – REPRISE
 05:45 – ORAÇÃO DO SANTUÁRIO
 05.55 – TERÇO BIZANTINO
 06 00 – O TERÇO / LUMINOSOS
 06 20 – O PÃO NOSSO
 06:30 – ENCONTRO COM CRISTO
 06 45 – ALEGRIA E ESPERANÇA
 07 00 – JCTV
 07:30 – BRASIL, É ISSO - BRASÍLIA
 08.00 – KERIGMA ANUNCIANDO A BOA NOVA
 08.25 – O SANTO DO DIA
 08 30 – MOMENTO DE FÉ - REPRISE
 09 00 – MISSA DE APARECIDA (AO VIVO)
 10.00 – ALEGRIA E ESPERANÇA
 10 15 – TELECURSO 2000
 11.00 – COISAS DE CRIANÇA
 11.30 – PONTO DE ENCONTRO CULTURAL
 11 55 – TERÇO BIZANTINO
 12.00 – O TERÇO / LUMINOSOS
 12:20 – O PÃO NOSSO
 12.30 – JCTV
 13:00 – CAMINHOS
 14:00 – COISAS DE CRIANÇA - REPRISE
 14:30 – TRIBUNA INDEPENDENTE – DF - REPRISE
 15 30 – PRAZER EM CONHECÊ-LO - REPRISE
 16 30 – VIVER E CONVIVER
 17.30 – ENCONTRO COM CRISTO
 17.45 – O SANTO DO DIA
 17:55 – TERÇO BIZANTINO
 18 00 – O TERÇO / LUMINOSOS
 18:20 – O PÃO NOSSO
 18 30 – JCTV (AO VIVO)
 19 10 – MOMENTOS DE REFLEXÃO
 19 20 – A MISSA (AO VIVO)
 20 00 – A HORA E A VEZ DA PEQUENA EMPRESA
 20 30 – REPORTAGEM QUE NÃO PARA TV
 21 00 – VISÃO NACIONAL
 21:30 – TERCEIRO MILÊNIO
 22 00 – TRIBUNA INDEPENDENTE (AO VIVO) SP
 23 30 – COMBATE – A TRINCHEIRA DO CONTRIBUINTE (AO VIVO) SP
 23 55 – TERÇO BIZANTINO



SEXTA 16 / JULHO / 2004

00:00 – TV SHOPPING BRASIL
 03:00 – O TERÇO / DOLOROSOS
 03.20 – O PÃO NOSSO
 03:30 – MOMENTO DE FÉ
 04:00 – JORNAL DA NBR – REPRISÉ
 05.00 – EDIÇÃO NACIONAL – REPRISÉ
 05:45 – ORAÇÃO DO SANTUÁRIO
 05:55 – TERÇO BIZANTINO
 06:00 – O TERÇO / DOLOROSOS
 06:20 – O PÃO NOSSO
 06:30 – ENCONTRO COM CRISTO
 06.45 – COM MUITO AMOR
 07:00 – JCTV
 07:30 – BRASIL, É ISSO - BRASÍLIA
 08:00 – PÁGINAS DIFÍCEIS DA BÍBLIA
 08:25 – O SANTO DO DIA
 08:30 – MOMENTO DE FÉ - REPRISÉ
 09:00 – MISSA DE APARECIDA (AO VIVO)
 10.00 – COM MUITO AMOR
 10:15 – TELECURSO 2000
 11:00 – COISAS DE CRIANÇA
 11:30 – ESTE É O MEU BRASIL
 11:55 – TERÇO BIZANTINO
 12:00 – CONSÓRCIO RODOBENS (AO VIVO)
 12:05 – O TERÇO / DOLOROSOS
 12:20 – O PÃO NOSSO
 12:30 – JCTV
 13:00 – CAMINHOS DA COMUNIDADE
 14:00 – COISAS DE CRIANÇA - REPRISÉ
 14:30 – TRIBUNA INDEPENDENTE – SP - REPRISÉ
 15:30 – UNIVERSO EM CANÇÃO - REPRISÉ
 16.30 – VIVER E CONVIVER
 17:30 – ENCONTRO COM CRISTO
 17:45 – O SANTO DO DIA
 17:55 – TERÇO BIZANTINO
 18:00 – O TERÇO / DOLOROSOS
 18:20 – O PÃO NOSSO
 18:30 – JCTV (AO VIVO)
 19:10 – MOMENTOS DE REFLEXÃO
 19:20 – A MISSA (AO VIVO)
 20:00 – CONSÓRCIO RODOBENS
 20:05 – FRENTE A FRENTE – DOM ANTONIO
 21:00 – LINHA JURÍDICA
 21:30 – TERCEIRO MILÊNIO
 22:00 – TRIBUNA INDEPENDENTE (AO VIVO) SJRP
 23:30 – BRASIL, É ISSO – RIO DE JANEIRO
 23:55 – TERÇO BIZANTINO



REDEVIDA

SÁBADO 17 / JULHO / 2004

00 00 - TV SHOPPING BRASIL
 03 00 - O TERÇO / GOZOSOS
 03 20 - O PÃO NOSSO
 03 30 - KERIGMA - REPRISÉ
 04 00 - JORNAL DA NBR - REPRISÉ
 04 45- EDIÇÃO NACIONAL - REPRISÉ
 05 15 - VIDA NO CAMPO - REPRISÉ
 05.45 - ORAÇÃO DO SANTUÁRIO
 05 55 - TERÇO BIZANTINO
 06 00 - O TERÇO / GOZOSOS
 06 20 - O PÃO NOSSO
 06.30 - TELECURSO - REPRISÉ
 07 25 - O SANTO DO DIA
 07 30 - PÁGINAS DIFÍCIES DA BÍBLIA -REPRISÉ
 08 00 - MISSA DE APARECIDA (AO VIVO)
 09.00 - BOM DIA ROMÉIRO
 09 10 - COISAS DE CRIANÇA
 10.30 - ESPECIAL
 10 30 - VIDA É SAÚDE
 11 00 - FAZENDO ESPERANÇA
 11 30 - BATE PAPO
 11 55 - TERÇO BIZANTINO
 12 00 - O TERÇO / GOZOSOS
 12 20 - O PÃO NOSSO
 12 30 - JCTV
 13.00 - FREI JORGE DA PAZ COM A PALAVRA DO SENHOR
 13 30 - COISAS DE CRIANÇA - REPRISÉ
 14 30 - A HORA E A VEZ DA PEQUENA EMPRESA
 15 00 - CAMPEONATO PAULISTA B2 GUARUJÁ X TABOÃO DA SERRA (AO VIVO)

17:00 - VIDA & CIDADANIA / UNIVAP
 17 30 - FAMÍLIA NO DIVÃ
 17:55 - TERÇO BIZANTINO
 18 00 - O TERÇO / GOZOSOS
 18:20 - O PÃO NOSSO
 18.30 - JCTV - BRASÍLIA
 19 00 - UNIVERSO EM CANÇÃO
 20 00 - ESPECIAL
 21 00 - ESPECIAL
 22 30 - JORNAL DA NBR
 23.00 - ESTE É O MEU BRASIL
 23 55 - TERÇO BIZANTINO

Script do programa “Este é o meu Brasil”, de 17 de julho de 2004

ESTE É O MEU BRASIL – DIA 17-07-2004

LOCUTOR

ALÔ AMIGOS DA REDE VIDA.

VAMOS JUNTOS CONHECER MAIS UM POUCO DESTE NOSSO PAÍS

MARAVILHOSO PELA SUA NATUREZA, PELO SEU TRABALHO E PELA SUA GENTE

ESTE É O MEU BRASIL, NA REDE VIDA, A TEVE DA BOA NOTICIA,
O CANAL DA FAMÍLIA

LOCUTOR

Iniciamos o programa de hoje no Rio Grande do Sul, onde as propriedades rurais estão oferecendo espaço livre para os turistas que procuram qualidade de vida no campo. Você vai conhecer uma dessas propriedades rurais que fica em 15 de Novembro. Lá tem boa paisagem e boa comida. Quer ver?

MATÉRIA FITA 107 BETA - 24-06-04

00.21.22.03 Em 15 de Novembro .. bg 00 26 47 14 5'25"

LOCUTOR

Pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais mostra que não existe base científica na crença de que a berinjela faz baixar o colesterol. Estaria havendo um conflito entre a ciência e a prática?

MATÉRIA FITA G 3263

00 40 59 01 Maria Carvalho. doença 00.43 04.21 2'05"

LOCUTOR

A música popular brasileira e a política sempre andaram de mãos dadas. Intelectuais brasileiros lançaram o livro Decantando a República.

MATÉRIA FITA G 3263

00 54 10.07 bg bg 00 56 46 09 2'36"

LOCUTOR

A rainha do pífano tem 80 anos. Zabé da Loca é uma das mais importantes figuras da cultura popular do sertão nordestino. Ela foi ao Rio de Janeiro para fazer uma única apresentação.

MATÉRIA FITA G 3263

00 57.04.17 Lenço no cabelo .. . Paraíba 00:58.17.12 1'13"

LOCUTOR

A fusão do ritmo jamaicano com o forró brasileiro foi encontrada no Maranhão. A mistura musical gerou o REFÔ. Você vai conhecê-lo agora. Preste atenção.

MATÉRIA FITA P 630 - TV HORIZONTE - 05-07-04

00 21.11.26 O ritmo é o .. bg 00 23.11 29 2'00"

LOCUTOR

O Ministério do Desenvolvimento Social firma convênio em Minas Gerais para capacitar grupos de trabalho dedicados aos idosos. O projeto deve beneficiar mais de duas mil e quinhentas pessoas da terceira idade.

MATÉRIA FITA P 630 - TV HORIZONTE -

00 19 05.21 O convênio... .. bg 00:20 55.24 1'50"

LOCUTOR

O Este É o Meu Brasil pede licença para fazer um pequeno intervalo. Voltamos em instantes

... .. BREAK 1

LOCUTOR

Estamos de volta. Você sabia que a amora tem propriedades medicinais? Ela é calmante, adstringente, ajuda contra doenças das cordas vocais e bronquite. A amora é também um bom alimento. Veja como é importante o cultivo da amora.

MATÉRIA FITA P EMATER TV 38 - VIDA NO CAMPO - 27-06-04

06:45.30.09 bg ... bg 06 49.38.20 4'08"

LOCUTOR

O governo federal vai levar energia elétrica para todos os brasileiros que ainda vivem sem luz. No Paraná foi lançado o programa LUZ PARA TODOS.

MATÉRIA FITA G 3263

00 24 31 17 O programa . . . do Brasil 00:25 44 05 1'13"

LOCUTOR

Pequenas e médias empresas que apostam na criatividade e competência dos profissionais ajudam o Brasil a conquistar novos mercados no exterior. Um bom exemplo é o setor de tecnologia.

MATÉRIA FITA G 3263

00:29.44.17 Criados para . . . americano 00:32.23 05 2'39"

LOCUTOR

Uma nova atividade está substituindo a profissão do antigo palhaço. Os novos mestres em bestereologia são os doutores da alegria. Eles levam o riso para os hospitais e transformam o ambiente em esperança de vida. Todos trabalham com patrocínio de laboratórios e governo. Faz bem sorrir.

MATÉRIA FITA G 3263

00:35 18.06 Sorrir faz bem..... .. vai bem (canto) 00:37.04.25 1'46"

LOCUTOR

O Parque Municipal de Nova Iguaçu tem muito verde, resíduos vulcânicos, cachoeiras, piscinas naturais e várias atrações. A área saudável ainda é pouco conhecida. Vamos conhecê-la?

MATÉRIA FITA G 3164

00 33.33 11 O Parque fica..... .. existiu aqui 00:36.05 15 2'32"

LOCUTOR

O Corpo de Bombeiros do Distrito Federal realizou uma prova de fogo em Brasília. A corrida serviu para comemorar o aniversário da Corporação.

MATÉRIA FITA G 3164

00:52.36.07 Uma prova de sucesso 00 53.51.03 1'15"

LOCUTOR

O Brasil deseja transformar a capoeira em patrimônio imaterial da humanidade. Será enviado à Unesco um dossiê para ser analisado Salve a capoeira!

MATÉRIA FITA G 3164

00:57.22.14 O instrumento ... bg 00:59 34 15 2'12"

LOCUTOR

O Este É o Meu Brasil faz um rápido intervalo Voltaremos daqui a pouco. Até já

***** BREAK 2 *****

LOCUTOR

Estamos de volta. A criação de peixes em tanques-redes é uma alternativa para os pescadores da região de São José dos Campos. O Rio Paraíba dá peixe, mas em quantidades insuficientes para os muitos pescadores O jeito é usar a alternativa.

MATÉRIA FITA P 30 - UNIVAP - 03-06-04

00:22.09.26 O Rio Paraíba..... bg 00:25.00.26 2'50"

LOCUTOR

Alimentos ricos em cálcio, exercícios físicos e banhos de sol são algumas das recomendações médicas para evitar a osteoporose A prevenção deve ser iniciada desde a infância

MATÉRIA FITA G 3184

00 34 44 10 A osteoporose ... pegar sol 00:36 58 03 2'14"

LOCUTOR

Representantes da área cultural brasileira foram ao Palácio do Planalto entregar documento que reúne reivindicações que possam valorizar e preservar a arte brasileira

MATÉRIA FITA G 3184

00:03 00.17 O ator Tony.... não faltam 00:04 50.02 1'50"

LOCUTOR

Materiais recicláveis servem de matéria-prima para os pacientes de hospitais da rede pública desenvolverem trabalho artesanal Veja algumas peças produzidas pelos pacientes

MATÉRIA FITA P 609 - TV HORIZONTE - 06-07-04

00:18.55.14 São cerca de bg 00 20 21.06 1'26"

LOCUTOR

A Refinaria de Manguinhos e os moradores da vizinhança, zona norte do Rio de Janeiro, trabalham unidos no projeto Usina da Cidadania Cursos profissionalizantes abrem as portas do mercado de trabalho para dezenas de pessoas.

MATÉRIA FITA G 3184

00:52.48 27 Antonio Peres é... o curso 00 53.54 27 1'06"

LOCUTOR

Um médico mineiro sugere às autoridades educacionais a inclusão de uma disciplina de prevenção de acidentes nas escolas. Ele trabalha num pronto-socorro e atende grande número de crianças vítimas de queimaduras por acidentes.

MATÉRIA FITA G 2910

00.50 45.19 As filhas da passa nada 00 53 39 07 2'54"

LOCUTOR

Cães adestrados auxiliam no tratamento terapêutico de idosos. Pode parecer brincadeira, mas não é. O Hospital Universitário de Brasília utiliza cães para estimular a lembrança dos pacientes idosos que sofrem do mal de Alzheimer. A reportagem é de Fabiana Marques especialmente para a Rede Vida.

MATÉRIA FITA P 1329 - BRASÍLIA MATÉRIA HOSP. UNIV

00:00 34 02 Barnei e Ventos . da memória 00 03.50 15 3'16"

LOCUTOR

BEM, CHEGAMOS AO FINAL DO ESTE É O MEU BRASIL DE HOJE. OBRIGADO PELA AGRADÁVEL COMPANHIA. UM ABRAÇO PARA TODOS VOCÊS QUE FAZEM DA REDE VIDA A TVÊ DA BOA NOTÍCIA, O CANAL DA FAMÍLIA. ATÉ A PRÓXIMA, SEMPRE COM FÉ E ESPERANÇA NA BONDADÉ INFINITA DE DEUS PAI

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

MICHELE BOFF DA SILVA LIMEIRA

**COMUNICAÇÃO E DIÁLOGO NA REDE VIDA:
UM OLHAR INTERACIONISTA SOBRE O JORNALISMO**

Volume I

**Porto Alegre
2006**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

MICHELE BOFF DA SILVA LIMEIRA

**COMUNICAÇÃO E DIÁLOGO NA REDE VIDA:
UM OLHAR INTERACIONISTA SOBRE O JORNALISMO**

Volume II

**Porto Alegre
2006**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

MICHELE BOFF DA SILVA LIMEIRA

**COMUNICAÇÃO E DIÁLOGO NA REDE VIDA:
UM OLHAR INTERACIONISTA SOBRE O JORNALISMO**

Volume I

Porto Alegre

2006

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO SOCIAL**

MICHELE BOFF DA SILVA LIMEIRA

**COMUNICAÇÃO E DIÁLOGO NA REDE VIDA:
UM OLHAR INTERACIONISTA SOBRE O JORNALISMO**

Volume II

Porto Alegre

2006